

# Nicholas Nickleby

## Charles Dickens

### Capítulo I

#### APRESENTAÇÃO DOS HERÓIS

Num sítio retirado do condado de Devonshire, viveu em tempos um respeitável cavalheiro chamado Mr. Godfrey Nickleby, a quem - já um pouco tarde - se meteu na cabeça a idéia do casamento e não sendo muito novo, nem rico bastante para aspirar à mão duma senhora com fortuna, teve de se contentar com uma dama que se encontrava nas mesmas condições. Assim, não podendo jogar às cartas a dinheiro, não tinham outro recurso se não uma partidinha para distração. Terminada a lua de mel, Mr. Góufrey Nickleby e a sua parceira olharam pensativamente para o mundo, esperando a melhoria dos seus meios com uma certa expectativa. Nessa época, o rendimento de Mr. Nickleby flutuava entre sessenta e oitenta libras por ano.

Há muita gente no mundo e mesmo em Londres - onde vivia Mr. Nickleby nesses tempos - mas é extraordinário como é difícil descobrir-se a cara dum amigo entre essa multidão. Foi o que aconteceu a Mr. Nickleby: olhava, olhava até lhe doerem tanto os olhos como o coração, sem aparecer um amigo e, quando cansado de procurar, voltou os olhos para casa, pouco viu que o confortasse da fugitiva visão:

Por fim, após cinco anos, quando Mrs. Nickleby presenteou o marido com um par de filhos e o embaraçado consorte se via na necessidade de tentar uma pequena especulação comercial para prover as necessidades dos seus, caiu-lhe em casa uma carta tarjada de luto, informando-o que o tio, Mr. Ralph Nickleby morrera, deixando-lhe os seus bens no valor de cinco mil libras esterlinas. Este tio fizera primeiro testamento a favor da Royal Humane Society, mas exasperado por esta instituição ter tido a infelicidade de salvar a vida dum parente pobre, por quem pagava três xelins e seis dinheiros de internamento semanal, revogou as suas disposições num codicílio, deixando tudo a Mr. Godfrey Nickleby com uma menção especial da sua indignação, não só contra a sociedade por ter salvo a vida do parente pobre, mas também contra o parente pobre, por ter consentido que lhe salvassem a vida.

Com uma parte destes bens, Mr. Godfrey Nickleby comprou uma pequena herdade perto de Dawlish, no Devonshire, para onde se retirou com a mulher e os filhos, vivendo do melhor juro que o restante dinheiro lhe proporcionava e da pequena produção da terra. E tão bem os dois prosperaram que, pela sua morte, ocorrida uns quinze anos após este período e cinco depois do falecimento da mulher deixou ao filho mais velho, Ralph, três mil libras em dinheiro, e ao mais novo, Nicholas, mil libras e a herdade, se realmente herdade se podia chamar a um terreno com o tamanho de Russell Square, medido desde as portas das casas.

Estes dois irmãos cresceram juntos numa escola em Exeter e acostumados a ir a casa uma vez por semana, ouviam muita vez dos lábios da mãe, longos relatos dos sofrimentos do pai nos dias de pobreza, e a importância do falecido tio para a contribuição da época de bem-estar, relatos que produziam uma impressão muito diferente nos dois irmãos: o mais novo, que era tímido e tinha disposição para o isolamento, tirava daí conclusões para

evitar o grande mundo e consagrar-se à calma rotina da vida campestre; Ralph, o mais velho, deduziu da repetida história estas duas grandes moralidades: que a riqueza é a única fonte verdadeira da felicidade e do poder e, portanto, era justo e legal adquiri-la por toda a forma e feitiço, excepto por meios criminosos. E - pensava para consigo que se nada viera de bom do dinheiro do tio, durante a sua vida- o caso agora era diferente e chegara à conclusão de que nada havia como o dinheiro.

Não se limitando à teoria, nem permitindo que as suas faculdades criassem ferrugem, ainda bastante jovem, este prometedor rapaz começou a especular na escola, numa escala

limitada obtendo um bom juro com um pequeno capital de penas de pedra e berlindes, estendendo gradualmente as suas operações até conseguir emprestar moedas de cobre aos seus companheiros, em que especulou com considerável sucesso. Nem sequer perturbava os clientes com números abstractos ou referências a cálculos rápidos; a sua simples regra de juro encontrava-se compreendida numa frase dourada: dois dinheiros por cada meio dinheiro, o que simplificava imensamente as contas e que, como preceito familiar, era mais facilmente retido na memória do que qualquer conhecida regra de aritmética, embora não seja muito de recomendar aos capitalistas, quer grandes quer pequenos, que a estão a adoptar, hoje em dia, com grande sucesso.

Desta maneira o jovem Ralph Nickleby não tinha o trabalho de calcular os dias de empréstimo do dinheiro, pois para ele só havia um dia de reembolso, o sábado, quer o empréstimo tivesse sido feito à sexta-feira, ou à segunda, pois, dizia ele, quanto ao primeiro caso, a pessoa devia estar bastante necessitada, porque de outro modo não teria pedido emprestado, sabendo que teria de pagar capital e juros no dia seguinte. Por quanto acabamos de dizer já se pode fazer uma ideia do carácter de Master Ralph Nickleby.

Por morte do pai, Ralph Nickleby, que estava empregado numa casa comercial em Londres, lançou-se apaixonadamente à velha ambição de arranjar dinheiro e de tal maneira se absorveu nela que, por muitos anos, se esqueceu do irmão, e se às vezes se lembrava dele como um antigo companheiro de brincadeira, por outro lado pensava que, se as suas relações fossem mais estreitas talvez tivesse de lhe emprestar dinheiro e então, encolhia os ombros. Era melhor deixar estar as coisas como estavam.

Quanto a Nicholas Nickleby, depois de viver solteiro durante algum tempo, sentiu-se aborrecido da sua solidão e casou com a filha dum vizinho que lhe trouxe um dote de mil libras: Esta senhora deu-lhe dois filhos, um rapaz e uma rapariga, obrigando Mr. Nickleby a procurar os meios de reparar as reduções do capital, provenientes do aumento da família e as despesas da sua educação.

-Especula como ele - aconselhou Mrs. Nickleby.

- Especular, minha querida? - estranhou Mr. Nickleby.

- Sim - insistiu ela.

- Porque, minha querida, se perdêssemos - respondeu Mr. Nickleby, que era ao mesmo tempo vagaroso e tardo nas respostas - se perdêssemos não teríamos com que viver, minha querida.

-Tolice! - sentenciou Mrs. Nickleby.

- Não me parece, minha querida - retorquiu Mrs. Nickleby.

-Temos o Nicholas que está quase um homem e é tempo de começar a fazer alguma coisa por si próprio e a Kate, pobre rapariga, sem um péni! Pensa no teu irmão! Seria o que é hoje se não tivesse especulado?

- verdade - replicou Mr. Nickleby - Muito bem, querida. Sim, especularei!

A especulação é um jogo como a roleta; os ganhos e as perdas podem ser grandes. A roda da fortuna foi desfavorável a Mr. Nickleby. Prevaleceu a mania, rebentou a

bomba, quatro corretores de fundos arranjaram vilas em Florença e quatrocentos anónimos ficaram arruinados, entre os quais Mr. Nickleby.

-Até a casa em que vivo - suspirou o pobre homem - me pode ser retirada amanhã. Nem uma peça dos meus móveis antigos deixará de ser vendida a estranhos!

Esta última reflexão feriu-o tanto que teve de se meter na cama, aparentemente resolvido, em todo o caso, a conservar a casa.

- Coisas destas acontecem todos os dias - observou o advogado.

- ânino, sir! - aconselhou o boticário.

- Não se deve deixar abater! - sentenciou a ama.

-Além disso é pecado rebelarmo-nos contra o destino - murmurou o pároco.

-E nenhum homem com família deve fazê-lo! - acrescentaram os vizinhos.

Mr. Nickleby abanou a cabeça e, convidando-os a sair do quarto, caiu exausto, depois de abraçar a mulher e os filhos. Pareceu-lhes que a razão dele variava, evocando

e comentando a generosidade e a bondade do irmão, e os alegres tempos em que, juntos, iam para a escola. Esta lembrança dum passado longínquo, levou-o a recomendar-se solenemente Àquele que nunca desampara as viúvas e os órfãos. Sorriu amoravelmente, voltou a cara e resolveu dormir.

## CAPÍTULO II

Mr. Ralph Nickleby: o seu princípio, os seus empreendimentos e uma companhia por acções de grande importância nacional.

Mr. Ralph Nickleby não era o que,estritamente,se podia chamar um negociante, um banqueiro, um procurador, um comissionista, nem um bancário. Não era, certamente, um comerciante e tornava-se impossível atribuir-lhe qualquer profissão conhecida. No entanto,como vivia numa casa espaçosa

de Golden Square, tendo, além da chapa de bronze na porta da rua uma outra mais pequena sobre a entrada de serviço

da esquerda, dizendo, Escritório, era evidente que Mr. Ralph Nickleby fazia,ou pretendia fazer negócios de qualquer género

e, de facto, durante o dia,entre as nove e meia e as cinco, um homem pálido, estava sentado num banco tosco numa

espécie de despensa ao fim do corredor,sempre com uma pena atrás da orelha quando atendia a campainha.

Muitos dos primeiros e segundos andares das casas de

Golden Square eram alugados com mobília a cavalheiros solteiros,que tomavam as refeições fora.

Viviam ali muitos estrangeiros e músicos e, nas noites de verão,quando

as janelas estavam abertas, ouvia-se o som de vozes,música e aspirava-se o aroma de bom

tabaco,embalsamando o ar. Cigarros,charutos e cachimbos alemães, flautas,violinos

e violoncelos, dividiam entre si a supremacia. Era a região do canto e do fumo.

Este lugar não parecia ser muito bem adaptado para transacções comerciais,mas Mr. Ralph Nickleby vivia ali há muitos

anos e não se queixava. Não conhecia ninguém,nem ninguém

o conhecia; no entanto,gozava a reputação de ser imensamente

rico. Os negociantes tinham-no por uma espécie de homem de leis e os vizinhos julgavam-no um agente comercial,porémnem uns,nem outros sabiam ao certo.

Uma manhã Mr. Ralph Nickleby estava sentado no escritório,pronto para sair. Vestia um sobretudo curto verde-garrafa por cima dum casaco azul, colete branco e calças

cinzentascalçando botas de militar. Ostentava uma grande corrente de ouro formada por grossas argolas,que prendia um relógio também de ouro,com duas chaves,uma pertencendo

ao relógio e outra a algum cadeado de segredo. Mr. Nickleby fechou um livro de contabilidade que estava em cima da secretária e recostou-se na cadeira com um ar

abstracto, contemplando, pela empoeirada janela, algumas casas de Londres e melancólicos terrenos por detrás delas. Fixou os olhos num torcido abeto plantado por algum inquilino anterior num balde que fora verde. Não havia nada de muito convidativo no objecto, mas Mr. Nickleby contemplava-o com uma atenção maior do que conscientemente, se dignaria prestar ao mais raro e exótico vaso.

Por fim, com um gesto, chamou o empregado que estava no aposento contíguo.

Em obediência ao seu chamamento o homem deixou o banco e apresentou-se a Mr. Nickleby. Era um homem alto, de meia idade, de olhos esbugalhados, um deles fixo, nariz rubicundo rosto cadavérico, vestindo um fato muito coçado, muito curto e com uns botões tão pequenos que era uma maravilha as casas não os rejeitarem.

-Já é meio dia e meia hora, Noggs? - perguntou Mr. Nickleby, numa voz incisiva e áspera.

- Não é mais do que meio dia e vinte e cinco pelo relógio da taberna ia acrescentar Noggs, mas arrependendo-se, substituiu - pelo sol.

-O meu relógio parou - lamentou-se Mr. Nickleby - e não sei o motivo.

-Não lhe deu corda - lembrou Noggs.

-Dei, sim - replicou Mr. Nickleby.

-Então é a corda partida - tornou a sugerir Noggs.

- Não pode ser. - observou Mr. Nickleby.

-Deve ser - teimou Noggs.

-Bem, talvez seja - concordou Mr. Nickleby, metendo o relógio na algibeira.

Noggs soltou uma espécie de grunhido, como era costume no fim de todas as discussões com o patrão, para demonstrar que ele, Noggs, triunfara. E como raramente falava a alguém, a não ser que alguém lhe falasse, caiu num silêncio carrancudo, esfregando as mãos e fazendo estalar os nós dos dedos.

-Vou esta manhã à London Tavern, - anunciou Mr. Nickleby.

-Reunião pública? - inquiriu Noggs.

Mr. Nickleby assentiu.

-Espero uma carta do procurador, referente à hipoteca do Ruddle. Se vier, deve chegar pela distribuição das duas. Deixarei a cidade, mais ou menos nessa altura e vou a pé para Charing Cross, pelo passeio da esquerda. Se houver cartas vá ter comigo e leve-mas. Noggs disse que sim com a cabeça e, nessa ocasião, tocou a campainha do escritório. O patrão levantou a vista dos papeis e o empregado continuou calmamente na sua posição de estátua.

- A campainha - observou Noggs, como se fosse uma explicação - Está em casa?

- Estou!

- Para alguém em especial?

- Sim.

-Para o cobrador de impostos?

- Não! Deixe tocar outra vez!

Noggs emitiu o seu costumado grunhido, como se quisesse dizer. Já calculava! e, repetindo-se o toque, foi abrir e introduziu um homem pálido, chamado Mr. Bonney, extraordinariamente apressado que, com o cabelo em desalinho e um gravata branca muito estreita, mal atada em volta do pescoço, parecia ter-se levantado em sobressalto durante a noite e não se ter vestido.

-Meu querido Nickleby - disse o homem, tirando um chapéu branco tão cheio de papeis que mal lhe podia entrar na cabeça - Não há um momento a perder. Tenho um cab à porta. Sir Matthew Pupker vai presidir e estão a chegar três membros do Parlamento. Vi dois fora de casa e o terceiro, que estive no Crockford toda a noite, foi a casa vestir uma camisa lavada e beber uma ou duas garrafas de soda, e estará connosco a tempo de dirigir a reunião. Está um pouco excitado por causa da noite passada, mas não importa, fala sempre melhor depois dessas reuniões.

- Isso parece muito prometededor - retorquiu Mr. Nickleby, cujas maneiras calculadas estavam em

forte oposição com a vivacidade do outro homem.

-Muito prometedora! - ecoou Mr. Bonrsey - É a melhor ideia que jamais se ouviu. ccUnited Metropolitan Improved Hot Muffin and Crumpet Baking and Punctual Delivery Companyii. ICompanhias Reunidas Metropolitanas de Pastelaria e Entrega Rápida). Capital, cinco milhões em quinhentas mil acções de dez libras cada. Só o nome da sociedade basta para as acções subirem dentro de dez dias.

- E quando estiverem acima do valor nominal. - comentou Mr. Ràph Nickleby, sorrindo.

-Quando estiverem, sabe tão bem o que fazer com elas como qualquer ser vivente e como recuar, calmamente, na ocasião oportuna - disse Mr. Bonney, dando uma palmada familiar no ombro do capitalista - E a propósito, que homem tão singular é o seu empregado!

-Sim, um pobre diabo! - replicou Ralph, calçando as luvas - Embora Newman Noggs já tivesse tido cavalos e cães de caça.

- Ah! Sim?! - comentou o outro, negligentemente.

-Sim - prosseguiu Ralph - e não foi há muitos anos. Porém, gastou o dinheiro prodigamente, investiu-o de qualquer maneira, emprestou-o a juros e, em resumo deu-se primeiro ao ridículo e depois começou a pedir. Principiou a beber, teve um ataque de paralisia e então, veio aqui pedir uma libra emprestada, por que nos outros tempos eu tinha. tinha.

- Tido negócios com ele - concluiu Mr. Bonney com um olhar significativo.

-Justamente - replicou Ralph - Não lhe emprestei, como deve calcular.

- Oh, decerto não.

- Mas como precisava dum empregado para abrir a porta e outros trabalhos, tomei-o por caridade e, desde então, tem permanecido ao meu serviço. Creio que é um pouco desequilibrado,

- continuou Mr. Nickleby, solicitando um olhar caritativo - mas é bastante útil, pobre criatura... bastante útil.

O homem de bom coração esqueceu-se de acrescentar que Newman Noggs, estando completamente desamparado, servia por bastante menos do que o salário vulgar dum rapaz de treze anos e, igualmente omitiu mencionar que, a sua excêntrica taciturnidade o tornava uma pessoa especialmente valiosa num lugar onde se faziam muitos negócios, que era bom não serem conhecidos fora dali. O visitante estava ansioso por se ir embora, e talvez por entrarem apressadamente no cabriolé, Mr. Nickleby se esquecesse de mencionar circunstâncias tão insignificantes.

Em Bishopsgate Street havia uma grande algazarra quando desceram do carro, por meia dúzia de homens estarem a colocar através da rua um anúncio gigantesco, indicando que, à uma hora precisa, se efectuaria uma reunião pública para pedir ao parlamento o patrocínio para a United Metropolitan Improved Hot Muffin and Crumpet Baking and Punctual Delivery Company, capital cinco milhões, em quinhentas mil acções de dez libras cada, importâncias estas devidamente impressas em gordos algarismos de considerável tamanho. Mr. Bonney abriu caminho com os cotovelos, subiu a escada, recebendo no trajecto muitas inclinações de espinha dos criados divididos pelos patamares para indicarem o caminho. Seguido por Mr. Nickleby entrou num conjunto de aposentos, por detrás da grande sala do público, no segundo dos quais estava uma mesa e à sua volta, vários cavalheiros com aspecto de homens de negócios.

- Ouçam! - gritou um deles com duplo queixo quando Mr. Bonney se apresentou. - Sentem-se, meus senhores, sentem-se!

Os recémchegados foram recebidos com aplausos e Mr. Bonney deu-se pressa em alcançar o topo da mesa, tirar o chapéu, passar os dedos pelo cabelo e dar uma pancada na mesa com um pequeno martelo; pelo que vários cavalheiros exclamaram Escutem!, inclinándose uns para os outros como a dizerem que a conduta era animosa.

Justamente neste momento um criado, numa agitação febril, entrou no salão como um vendaval, abrindo a porta com violência e gritou:

-Sár Matthew Pupker!

A comissão levantou-se e bateu palmas de alegria e enquanto as palmas ressoavam, entrou Sir Matthew Pupker, ladeado por dois membros do Parlamento, um irlandês e o outro escocês, muito sorridentes e cumprimentadores, e de aparência tão agradável que parecia impossível alguém ter coragem de votar contra eles. Sir Matthew, especialmente, que tinha uma pequena cabeça redonda com uma cabeleira cor de linho, fez tantos cumprimentos que a cabeleira ameaçava saltar a todo o instante. Os cavalheiros rodearam-no e começaram a falar sobre as perspectivas do governo a respeito da oportunidade e das vantagens da United Metropolitan Improved Hot Muffin and Crumpet Baking and Punctual Delivery Company.

Entretanto, o público, na grande sala olhava para o estrado vazio e para as senhoras, na galeria de música, começando, ao mesmo tempo, a bater com os pés no chão e a gritar, para exprimir o seu desagrado. Estas exortações vocais procediam dos que se encontravam mais perto do estrado e mais longe da pulcícia. Por fim, apareceu Sir Matthew e dois dos outros autênticos membros do Parlamento entre gritos ensurdecedores, à vista do que concordaram, silenciosamente entre si nunca ter presenciado uma tão boa perspectiva durante toda a sua carreira.

Depois da assembleia ter deixado de gritar, Sir Matthew Pupker falou do valor, da importância e da vantagem duma instituição tal como a United Metropolitan Improved Hot Muffin and Crumpet Baking and Punctual Delivery Company.

Mr. Bonney apresentou-se a influenciar o público e, tendo passado a mão direita pelo cabelo, disse que iria explicar as razões da decisão tomada: Esta reunião via com alarme e apreensão o estado actual do comércio de Confeitaria na metrópole e seus arredores; os distribuidores dos bolos não mereciam a confiança do público; e todo o sistema era prejudicial para a saúde e para a moral do povo e destruidor dos interesses duma grande comunidade mercantil e comercial.

O honrado cidadão fez um discurso que arrancou lágrimas às senhoras e despertou vivas emoções em todos os presentes. Visitara casas de pobres, em vários distritos de Londres, onde não encontrara vestígios de bolos; encontrara, sim, entre os vendedores de bolos, bêbados e debochados; vira os mesmos vícios entre as classes mais pobres, que deviam ser os consumidores de bolos, atribuindo este facto ao desconhecimento do valor nutritivo dum produto que os levava a ingerir licores intoxicantes.

Comprometia-se a provar perante uma comissão da Câmara dos Comuns, existir uma combinação para conservar caros, os preços dos bolos e dar um monopólio aos vendilhões; e provaria também que estes homens se correspondiam entre si por palavras secretas e sinais, como Snooks, Walker, Ferguson, Murphy, tem razão?, e muitos outros.

Era este triste estado de coisas que a companhia se propunha corrigir: primeiro, proibindo com pesadas multas todo o comércio privado de bolos de qualquer espécie; segundo, fornecendo ao público em geral e aos pobres, nas suas próprias casas, bolos de primeira qualidade a preços reduzidos. Foi com este objectivo que o patriótico presidente da administração, Sir Matthew Pupker, apresentara um projecto no Parlamento; era este projecto que eles deviam apoiar e os seus defensores prestariam um grande serviço e dariam brilho e esplendor à Inglaterra, sob o nome de United Metropolitan Improved Hot Muffin and Crumpet Baking and Punctual Delivery Company, cujo capital seria de cinco milhões, dividido em quinhentas mil acções, de dez libras cada.

Mr. Ralph Nickleby apoiou a resolução e um outro cavalheiro foi levado em triunfo por ter proposto uma emenda no título da sociedade. Apenas um homem na multidão gritou Não, mas foi expulso da sala.

A segunda proposta era abolir todos os vendedores de bolos (ou sonhos), todos os comerciantes de bolos de qualquer género, de ambos os sexos, rapazes ou homens, tocando ou não campainhas, e foi apresentada por um cavalheiro de aspecto semi-clerical. Podia

ouvir-se cair no chão um alfinete, uma pena, enquanto ele descrevia as crueldades infligidas pelos patrões aos rapazes vendedores dos bolos, os quais, entregando os bolos nos seus envoltórios quentes e tapados com toalhas brancas, não tinham nada disto, andando à chuva, ao frio, à neve; ao sol, horas e horas, sem comer e sem aquecimento.

O efeito deste discurso foi levar os homens a berrar e as senhoras a servirem-se dos lenços para secar os olhos. A excitação era tremenda e Mr. Nickleby sussurrou ao amigo que as acções subiriam dali em diante vinte e cinco por cento.

A proposta foi aprovada por entre estrondosas aclamações, levantando todos os homens ambas as mãos, no seu entusiasmo, não tendo levantado ambos os pés por não poderem.

Feito isto, foi lida, por fim, a minuta da petição, sugerindo que o projecto fosse transformado em lei para honra e glória dos mais honrados e gloriosos deputados da Inglaterra, reunidos no Parlamento.

Depois, o cavalheiro que falou toda a noite no Crockford, veio dizer o que pensava fazer da petição quando fosse apresentada e como exprobaria o Parlamento se o projecto fosse rejeitado e informar também que sentia que os seus honrados amigos não tivessem incluído uma cláusula tornando obrigatória a compra dos bolos a toda a classe da comunidade.

E quando a petição foi lida e estava a ser discutida, adiantou-se o deputado irlandês, para reclamar que a lei sobre os bolos fosse extensiva ao seu país natal e esperava ver o dia em que os bolos fossem acolhidos nas suas humildes choupanas e as campanhas a anunciá-los, ressoassem nos seus ricos vales verdes. A seguir, veio o deputado escocês com várias alusões aos lucros prováveis, aumentando o bom humor despertado pela poesia do orador antecedente. Tendo todos estes discursos metido nas cabeças dos ouvintes, não existir investimento tão prometedor e ao mesmo tempo tão valioso como o da United Metropolitan Improved Hot Muffin and Crumpet Baking and Punctual Delivery Companyii, a petição a favor do projecto foi aprovada e a assembleia encerrada com aclamações. Mr. Nickleby e os outros directores foram almoçar para o escritório, como faziam todos os dias à uma e meia, e para se remunerarem da maçada que tinham tido (visto a companhia estar ainda na infância) apenas receberam três guinéus cada um.

### Capítulo III

Mr. Ralph Nickleby recebe tristes notícias do irmão, mas suporta nobremente e ficamos informados do seu amor por Nicholas, agora aqui apresentado e como amavelmente, se

propôs fazer imediatamente a sua fortuna

Tendo prestado zelosa cooperação em despachar o almoço com a prontidão e energia, importantes qualidades que os homens de negócios supõem possuir, Mr Ralph Nickleby despediu-se cordialmente dos seus companheiros na especulação e desceu as escadas. Quando passou pela catedral de S. Paul meteu-se no vão duma escada para acertar o relógio e, com a chave na mão e os olhos no mos trador, estava a ponto de satisfazer o seu intento quando um homem parou em frente dele. Era Newman Noggs.

- Nr! - exclamou Mr. Nickleby, olhando para

ele enquanto continuava o seu trabalho. - Veio a carta a respeito da fábrica? Deve ter vindo.

- Engano - respondeu Newman.

-O quê! E ninguém veio para tratar desse assunto? - inquiriu Mr. Nickleby, parando. Noggs abanou a cabeça.

- Então, que chegou? - perguntou Mr. Nickleby.

- O que eu trago - disse Newman.

- Mas o quê? - quis saber o patrão, mostrando um ar severo.

- Isto - informou Newman tirando vagarosamente da algibeira uma carta lacrada. - Carimbo do

correio, Strand, lacre preto, tarja de luto, caligrafia de mulher, C.

N. no canto.

- Lacre preto? - estranhou Mr Nickleby, olhando para a carta. - Também conheço esta caligrafia.

Newman, não me surpreenderia se o meu irmão tivesse morrido.

- Acredito - respondeu Newman sossegadamente.

- E por quê, Sir? - perguntou Mr. Nickleby.

- Porque o senhor nunca se surpreende, eis tudo - redarguiu Newman.

Mr. Nickleby tirou a carta ao ajudante a quem deitou um olhar frio. Abriu-a, leu-a, pô-la na algibeira e tendo acertado o relógio até aos segundos, começou a dar-lhe corda.

- É a que esperava, Newman - disse Mr. Nickleby ainda ocupado com o relógio. - Ele morreu. Meu Deus! Bem, foi uma coisa repentina. Não me tinha passado pela cabeça, realmente.

Com estas tocantes expressões de pesar, Mr. Nickleby tornou a meter o relógio na algibeira e, ajustando muito bem as luvas, voltou-se para o caminho que desejava seguir e encaminhou-se vagarosamente para oeste com as mãos atrás das costas.

- Há filhos vivos? - perguntou Newman.

- Aí é que está o mal - replicou Mr. Nickleby, como se estivesse a pensar neles, naquele momento. - Estão ambos vivos!

- Ambos? - repetiu Newman Noggs em voz alta.

- E a viúva também - acrescentou Mr. Nickleby. - E os três estão em Londres. Todos os três aqui, Newman!

Newman ia um pouco atrás do patrão, com a cara curiosamente contorcida por um espasmo; mas ninguém poderia dizer se era da paralisia, de pesar, ou um riso interior.

A expressão do rosto dum homem é, em geral, uma forma de conhecer os seus pensamentos, mas com Noggs, era um pro blema que não se podia resolver pela crença na ingenuidade.

- Vá para casa! - ordenou Mr. Nickleby, depois dele ter dado uns poucos de passos, olhando-o como se fosse um cão.

Mal as palavras foram proferidas, Newman atravessou a rua, confundiu-se com a multidão e desapareceu num instante.

- Razoável, certamente! - murmurou Mr. Nickleby para consigo, enquanto ia andando. - Muito razoável! O meu irmão nunca fez nada por mim e também nunca o esperei, porém, mal fechou os olhos fiquei imediatamente a ser o amparo duma mulher ainda de meia idade e dum rapaz e duma rapariga na idade de crescerem. O que são eles para mim? Eu nunca os vi!.

Com estas e muitas outras reflexões do mesmo género, Mr. Nickleby dirigiu-se para o Strand a fim de procurar o número da casa indicada na carta, dando com a porta

duma casa particular, a meio caminho descendente daquela populosa rua. Vivia ali um pintor miniaturista que tinha expostos por cima da porta da rua alguns exemplares dos seus trabalhos. Mr. Nickleby deu uma vista de olhos por estas frivolidades e bateu uma pancada repemicada que teve de repetir três vezes antes de lhe responder uma criadita com a cara incrivelmente suja.

- Mrs. Nickleby está em casa, menina? - perguntou Ralph em tom severo.

- O seu nome não é Nickleby - respondeu a rapariga. O senhor quer dizer La Creevy.

Mr. Nickleby olhou muito indignado para a criada por ser corrigido desta maneira e inquiriu com mais aspereza o que queria ela dizer; a rapariga ia explicar-se quando uma voz de mulher, vinda duma escada de caracol no fim do corredor, indagou por quem perguntavam.

- Por Mrs. Nickleby - informou Ralph.

- no segundo andar, Hannah - explicou a mesma voz. Que estúpida rapariga!

- Os do segundo andar estão em casa?

- Saiu alguém mesmo agora, mas creio que foi das águas-furtadas - respondeu a rapariga.



- Era melhor que tivesses visto - aconselhou a mulher invisível. - Mostra ao senhor onde está a campainha e diz-lhe que não deve bater duas repenicadas para o segundo andar.

Só permito uma pancada quando a campainha não funciona e, nesse caso, devem ser umas pancadas simples!

Com licença - disse Ralph, entrando sem mais conversa.

- qual é o nome?

- Creevy. la Creevy - informou a voz enquanto uma cabeleira anarela dançava por cima do corrimão.

-Quero falar-lhe por um momento ma'am, com sua licença - disse Ralph.

A voz replicou que o cavalheiro podia subir, mas ele já subira antes dela falar e, entretanto no primeiro andar foi recebido pela dona da cabeça amarela, que tinha um roupão a condizer com a cor da cabeça. Miss la Creevy era uma afectada jovem de cinquenta anos; o apartamento de Miss la Creevy tinha uma cercadura dourada a toda à volta e estava bastante sujo.

- Hum! - exclamou miss La Creevy, tossindo delicadamente por trás dos mitenes de seda preta.

Presumo que deseje uma miniatura. Para isso é preciso uma expressão fortemente marcada, sir. Já teve alguma antes?

- Vejo que se engana quanto às minhas intenções, ma'am - replicou Mr. Nickleby, com a sua habitual grosseria. - Não tenho dinheiro para desperdiçar em miniaturas, ma'am, e não tenho ninguém, graças a Deus, a quem as dar. Como a vi na escada, queria fazer-lhe uma

pergunta sobre alguns moradores daqui.

Miss La Creevy tossiu mais uma vez, tosse destinada a ocultar o seu desapontamento, e exclamou:

- Ah! Com franqueza!

- Pelo que disse à sua criada, creio que o andar de cima lhe pertence, ma'am - disse Mr. Nickleby.

- Sim, pertencia - respondeu miss La Creevy.

- A parte de cima da casa pertencia-lhe, e como até agora não tinha necessidade dos aposentos do segundo andar, resolveu alugá-los.

- Na verdade, estavam agora alugados por uma senhora da província com os seus dois filhos.

- Uma viúva, ma'am? - Perguntou Rálf.

- Sim, ela é viúva - respondeu a senhora.

- Uma viúva pobre ma'am - informou Ralph assentando muito a palavra para lhe dar maior ênfase.

- Receio, realmente, que seja pobre - replicou Miss Lacreedy.

- Sei com certeza que o é - - retorquiu Ralph. - O que faz uma viúva pobre numa casa como esta, ma'am?

- Tem muita razão - concordou miss Lacreedy, bastante lisonjeada com o cumprimento feito ao seu apartamento.

-Conheço intimamente as possibilidades dela - continuou Ralph. - De facto, sou um parente, ma'am, e devo recomendar-lhe que não a conserve aqui.

-Calculava que se houvesse alguma dificuldade nas obrigações pecuniárias - interpôs Miss La Creevy com outra tossezinha - que a família da senhora poderia.

- Não, não poderá, ma'am - interrompeu Ralph apressadamente. - Não pense nisso.

-Se bem compreendo o caso tem uma aparência diferente - disse Miss La Creevy.

- Exactamente, ma'am - respondeu Ralph - e tome as suas disposições nesse sentido. Sou da família, ma'am. pelo menos creio que sou o único parente que eles têm e julgo-me na obrigação de lhe dizer que não posso sustentá-los nas suas extravagâncias. Por quanto tempo alugaram o apartamento?

- Apenas de semana a semana - informou Miss La Creevy.

- Mrs. Nickleby pagou adiantadamente a primeira semana.

-Então o melhor que tem a fazer é pôlos na rua no fim do prazo - avisou Ralph. - Não têm outro remédio senão voltar para a província, ma'am: aqui, são um obstáculo para todos.

- Certamente, se Mrs. Nickleby ficasse com o apartamento sem meios para o pagar procedia muito mal - criticou Miss La Creevy, esfregando as mãos.

- Decerto, ma'am - aprovou Ralph.

- E, naturalmente - continuou Miss La Creevy - eu, que sou presentemente. hum!. uma mulher desprotegida, não posso dar-me ao luxo de perder o dinheiro dos apartamentos.

- Evidentemente que não, ma'am - replicou Ralph.

- Mas, ao mesmo tempo - acrescentou Miss La Creevy que hesitava entre a bondade e o seu interesse - nada tenho a dizer contra a senhora, que é extremamente delicada e afável, embora, pobrezinha. Parece muito deprimida, os jo vens, também não podem ser mais simpáticos e bem comportados.

- Muito bem, ma'am - disse Ralph, voltando-se para a porta, pois estes elogios sobre gente pobre, irritavam-no. Cumpri o meu dever e talvez mais do que devia; com certeza ninguém me agradece por ter dito o que disse.

- Oh! Estou-lhe muito grata, sir - agradeceu Miss La Creevy com umas maneiras graciosas. - Quer fazer-me o favor de ver alguns exemplares dos meus retratos?

- A senhora é muito amável, ma'am - replicou Mr. Nickleby, saindo apressadamente - mas tenho uma visita a fazer lá acima e o meu tempo é precioso. Realmente não posso!

- Quando passar por aqui em qualquer outra ocasião, terei muito prazer - disse Miss La Creevy. - Talvez queira ter a gentileza de levar um cartão com as condições?

Obrigado ebom dia!

- Bom dia ma'am - despediu-se Ralph, fechando a porta atrás de si para evitar mais conversas. - Agora vamos à minha cunhada!

Trepando um outro lanço perpendicular, composto com grande ingenuidade mecânica só de voltas, Mr. Ralph Nickleby

parou no patamar para tomar fôlego, quando foi ultrapassado pela criadita, que a polidez de Miss La Creevy despachara para o anunciar e que, aparentemente, estivera a fazer variadas tentativas para limpar a cara a um avental muito mais sujo.

- Qual é o seu nome? - Perguntou a rapariga.

- Nickleby - respondeu Ralph.

- Mrs. Nickleby - chamou ela, abrindo a porta com vio lência. - Est é Mr. Nickleby!

Quando Mr. Ralph Nickleby entrou, levantou-se uma senhora de luto pesado, parecendo incapaz de avançar ao seu encontro, pelo que se encostou ao braço duma rapariga

de cerca de dezassete anos franzina, mas muito bonita, que se encontrava a seu lado. Um jovem, com a aparência de mais um ou dois anos, deu uns passos em frente e cumprimentou Ralph, seu tio.

- Oh! - resmungou Ralph com um franzir de testa. Suponho que és o Nicholas.

- É esse o meu nome! - respondeu o jovem.

- Encarregue-se do meu chapéu - ordenou Ralph, inperiosamente. - Bem, ma'am, como está? A senhora deve vencer a tristeza, ma'am. Eu faço sempre isso.

- A minha perda não foi vulgar! - lamentou-se Mrs. Nickleby, levando o lenço aos olhos.

ma'am - retorquiu Ralph friamente, desapertando o sobretudo - Não foi uma perda desastrosa. Todos os dias morrem maridos e mulheres!

- E os irmãos, os filhos e as filhas também, sir! - disse Nicholas.

- Sim, sir, retorquiu o tio, sentando-se numa cadeira. - Na sua carta não mencionou de que se queixava o meu irmão ma'am.

- Os médicos não puderam atribuir a morte a uma determinada doença - informou Mrs. Nickleby, derramando lágrimas. - Temos muitas razões para temer que ele tivesse sucumbido de mágoa.

- Ora! - exclamou Ralph. - Não há tal coisa! Compreendo que um homem morra com um braço quebrado, mas com mágoa!. idiotice! Isso é o estribilho de hoje. Se um homem não pode pagar os seus débitos, morre de mágoa e a viúva é uma mártir.

-Julgo haver pessoas que não têm coração para sentir mágoa! -observou Nicholas pausadamente.

- Por amor de Deus, que idade tem este rapaz - inquiriu Ralph, rodando a cadeira e observando desdenhosamente o sobrinho, da cabeça aos pés.

- Nicholas está quase a fazer dezanove - respondeu a viúva. - Dezanove, hem! - exclamou Ralph. - E o que pensa

fazer para ganhar o pão nosso de cada dia?

-Não viver à custa da minha mãe! - replicou Nicholas, com o coração aos saltos, enquanto falava.

-Teria pouco com que viver à custa dela, se quisesse retorquiu o tio, olhando-o com desprezo.

- De qualquer maneira não recorrerei a si - informou Nicholas, rubro de raiva.

-Nicholas, meu querido, tem cuidado com a língua!admoestou Mrs. Nickleby.

- Querido Nicholas, por favor! - pediu a irmã.

- Cale a boca, sir - exclamou Ralph. - Palavra, que lindos princípios, Mrs. Nickleby!. Lindos princípios!

Mrs. Nickleby não deu outra resposta senão fazer um gesto a Nicholas para se calar. Tio e sobrinho olharam um para o outro durante alguns segundos sem falar. A cara

do homem estava carrancuda, dura de feições e odienta; a do jovem era franca, formosa e ingénua.

Os olhos do homem eram agudos, com fulgores de avareza e de velhacaria;

os do jovem eram transparentes, iluminados pela inteligência e pelo espírito, sua figura era um tanto débil, mas varonil e bem formada, e além de toda a graça da

juventude e da beleza, emanava do seu olhar a ternura da seu jovem coração, fazendo com que o

homem se sentisse inferior. Isto vexou Ralph até ao fundo da alma e

fez com que odiasse Nicholas desde aquele momento.

A mútua inspecção acabou por Ralph retirar os olhos com mostra de grande desdém, chamando garoto a Nicholas.

- Bem, ma'am - disse ele, impaciente. - Os credores têm administrado, disse-me a senhora, mas não lhe deixaram nada?

- Nada - respondeu Mrs. Nickleby.

-E a senhora gastou o pouco dinheiro que tinha em vir para Londres ver o que eu podia fazer por si?

- continuou Ralph.

- Esperava - gaguejou Mrs. Nickleby - que o senhor tivesse oportunidade de fazer alguma coisa pelos filhos do seu irmão. Foi o seu último desejo eu apelar para si, a favor deles.

- Não sei como isso é - murmurou Ralph, passeando dum lado para o outro no aposento - mas sempre que um homem morre sem deixar bens, parece pensar que tem o direito de dispor dos bens dos outros. Para que está preparada a sua filha, ma'am?

- Kate recebeu uma educação esmerada - murmurou Mrs. Nickleby. - Dize au teu tio, minha querida, como estás adiantada em francês e nas outras disciplinas.

A pobre rapariga ia a dizer qualquer coisa quando o tio lhe cortou a palavra sem nenhuma cerimónia.

-Devemos tentar arranjar-lhe uma aprendizagem prática em qualquer colégio interno - disse Ralph. - Não foi educada com demasiada delicadeza para isso, pois não?

- Na verdade não, tio - respondeu a rapariga lacrimosa

- Tentarei fazer qualquer coisa que me dê o sustento e um tecto.

-Bem, bem - replicou Ralph, um pouco abrandado quer pela beleza da sobrinha, quer pela sua mágoa - Deve tentálo e se a vida for dura demais, talvez a costura ou

o bordado sejam mais leves. Já alguma vez fez alguma coisa, sir?

- acrescentou, voltando-se para o sobrinho.

-Não - respondeu Nicholas, grosseiramente.

-Não, já esperava que não! - observou Ralph. - Eis a maneira como o meu irmão educava os filhos,

ma'am!

-Nicholas ainda não tinha completado a educação que o pobre pai lhe podia dar - retorquiu Mrs. Nickleby - e estava a pensar em.

-Em fazer alguma coisa dele um dia - disse Ralph. A velha história; pensando sempre e nada fazendo. Se o meu irmão fosse um homem de actividade e prudência, tê-la-ia deixado rica, ma'am; e se tivesse atirado com o filho para a vida, como o meu pai me atirou quando era mais novo do que esse rapaz, há ano e meio, ele estaria agora em situação de a ajudar, em vez de ser um fardo para si, aumentando a sua mágoa. O meu irmão foi um homem inconsiderado e sem pensar, Mrs. Nickleby, e ninguém - posso assegurar - tem melhores razões para o sentir do que a senhora! Este apelo fez a viúva chorar, pensando que teria sido mais venturosa com as suas mil libras, e reflectir como seria então uma importância reconfortante. Com muitos suspiros lamentou ter sido uma escrava do pobre Nicholas, quando tivera muitas ocasiões de fazer um casamento melhor, e concluiu lastimando que o amado morto nunca tivesse querido seguir o seu conselho, excepto numa ocasião, que foi precisamente aquela em que se arruinara.

Mr. Ralph Nickleby ouviu tudo com um meio sorriso e quando a viúva acabou, retomou sossegadamente o assunto onde o deixara.

-Está disposto a trabalhar, sir? - perguntou ele, franzindo as sobrancelhas para o sobrinho.

-Decerto! - respondeu Nicholas, altivamente.

-Então veja isto aqui, sir - disse o tio - Isto despertou-me a atenção esta manhã e pode agradecer ao céu essa sorte.

Com este exórdio Mr. Ralph Nickleby tirou um jornal da algibeira e depois de o desdobrar e de olhar um pouco para os anúncios, leu o seguinte:

EDUCAÇÃO - Na Academia de Mr. WacWord Squeers Dotheboys Hall, na deliciosa vila de Dotheboys, perto de Greta Bridge, no Yorkshire. A juventude tem pensão completa, fato, livros, dinheiro para pequenas despesas e tudo que é necessário, instrução em todas as línguas vivas e mortas, em matemática, ortografia, geometria, astronomia, trigonometria, uso dos globos, álgebra, jogo do pau, redacção, aritmética, todos os outros ramos da literatura clássica. Preço, vinte guinéus por ano. Não há extraordinários, nam há férias, é um regime incomparável. Mr. Squeers está na cidade e atende todos os dias desde a uma hora até às quatro, em Saraceen's Head, Snow Hill. N. B. - Precisa-se dum assistente competente. Salário anual, £5. Terá preferência um Licenciado em Letras.

-Pronto! -disse Ralph, voltando a dobrar o jornal, - Se ele conseguir este lugar tem a fortuna assegurada.

-Mas ele não é Licenciado em Letras - observou Mrs. Nickleby.

- Isso, creio que se pode vencer.

-Mas o ordenado é tão pequeno e o sítio tão longe, tio!balbuciu Kate.

-Silêncio, silêncio, minha querida! - interpôs Mrs. Nickleby - O teu tio deve saber melhor do que tu.

-Já disse - repetiu Ralph asperamente - se ele apanhar este lugar, a sua fortuna está feita. Se não gosta disto, deixêmo-lo arranjar lugar por suas mãos. Sem amigos, recomendação ou conhecimentos de qualquer espécie de negócio, deixêmo-lo encontrar um emprego decente em Londres, que o calce e lhe dê mil libras. Se fosse comigo, pelo menos aceitava-o - disse Ralph, detendo-se.

-Pobre rapaz - lamentou a irmã. - Oh, tio, temos que nos separar tão depressa?

- Não enfades o teu tio com perguntas quando ele só pensa no nosso bem, meu amor! - advertiu Mrs. Nickleby. - Nicholas, meu querido, desejava que disseses alguma coisa.

-sim! - concordou Nicholas, que estivera até aqui calado e absorvido nos seus pensamentos. - Se for suficientemente feliz em ser nomeado para esse lugar, o que vai suceder áquelas que deixo?

- A sua mãe e a sua irmã, sir - replicou Ralph - serão mantidas nesse caso - e não em qualquer outro - por mim e colocadas numa esfera de vida na qual possam ser independentes. Esse será o meu cuidado imediato: comprometo-me a que uma semana depois da sua partida não continuarão como estão.

- Então - disse Nicholas, levantando-se alegremente e apertando com força as mãos do tio - estou pronto a fazer o que quiser. Vamos já tentar a nossa boa sorte com Mr. Squeers; ele não pode fazer mais do que recusar-me!

- Não fará isso - avisou Ralph. - Ficaré contente em aceitá-lo com a minha recomendação. Torne-se útil e ele o fará sócio da instituição sem demora. Deus me perdoe só de pensar. mas se ele morresse, a sua fortuna estava feita imediatamente.

- Com certeza! Vejo tudo isso! - replicou o pobre Nicholas deleitado com um milhar de ideias visionárias que o seu bom humor e inexperiência se conjugavam para lhe apresentar. - Ou supunhamos que algum jovem fidalgo, que estivesse a ser educado no Hall, simpaticava comigo e convencia o pai a nomear-me seu perceptor e viajar com ele, quando saísse de

lá, e quando regressássemos do Continente me arranjava qualquer belo emprego. Que diz, tio?

- Ah! Com certeza! - chasqueou Ralph.

- E, quem sabe, se quando ele viesse ver-me, depois de eu estar arrumado como devia, decerto se enamorava de Kate que estaria a tomar conta da minha casa, e. e. casava com ela? Hein tio? Quem sabe?

- Quem sabe, na verdade! - tornou Ralph.

- Como seríamos felizes! - exclamou Nicholas, com entusiasmo. - A dor da partida não é nada ao pé da alegria de nos encontrarmos outra vez. Kate será uma linda mulher e terei muito orgulho em lhes ouvir dizer essa verdade; e a mãe tão feliz por estar mais uma vez comigo, longe de todos estes tristes tempos e. - O quadro era lindo demais para uma pessoa o contemplar impassível e Nicholas, inteiramente absorvido por ele, sorriu francamente e desatou a chorar.

Esta família simples, nascida e criada fora do que se chama o mundo, juntou as lágrimas com a ideia da primeira separação, o que fez dizer a Mr Ralph Nickleby que se eles perdiam tempo, algum candidato mais afortunado poderia ocupar o lugar e desfazer-lhes os castelos no ar. Isto teve o efeito de parar as manifestações de tristeza, levando Nicholas a copiar com cuidado a morada de Mr. Squeers. O rapaz convenceu-se de ter feito uma grande injustiça ao seu parente, antipatizando com ele à primeira vista e Mrs. Nickleby teve dificuldade em informar a filha de que o tio era uma pessoa mais amável do que parecia, notando Miss Nickleby, obedientemente, que bem podia ser assim.

Para dizer a verdade, a opinião da boa senhora não fora influenciada pelo apelo do cunhado à sua boa compreensão e o cumprimento aos seus elevados méritos e, embora tivesse amado ternamente o marido e fosse louca pelos filhos, ele dedilhara com muita felicidade uma daquelas cordas sensíveis do coração humano. Ralph estava ao par das piores fraquezas do coração, embora soubesse das suas superiores qualidades e que ela começava já a considerar-se a vítima e sofredora da imprudência do seu defunto marido.

#### CAPITULO IV

Nicholas e o tio para agarrarem a fortuna sem perda de tempo procuraram Mr. Wackjord Squeers, o mestre-escola de Yorksháre

Snow Hill é uma desolada região, exposta ao vento, aberta a todos os temporais e ferozes invernias, um lugar frio, triste, solitário de dia e em que as pessoas honestas mal pensam à noite. um lugar ermo a que os viajantes dão animação e onde se reúnem os ladrões da mais baixa escala. Era de Snow Hill que partiam as diligências para

oeste e leste do

país e perto do local da sua paragem encontrava-se a estalagem conhecida por Sarseen's Head Inn.

Junto do pátio desta estalagem, à esquerda, havia o escritório das diligências, à direita a igreja de St. Sepulchre, e em frente uma grande porta envidraçada, encimada por uma tabuleta dizendo, café. Olhando para o exterior dessa porta envidraçada estava Mr. Squeers, com as mãos nas algibeiras.

A aparência de Mr. Squeers não era a dum homem preocupado. Tinha só um olho, cinzento esverdeado, que no feitio, lembrava a bandeira dum porta de rua. A parte da cara sem barba era triste e estava arremedando-lhe uma expressão sinistra, especialmente quando se sorria, em cujas ocasiões essa expressão chegava a ser quase asquerosa.

O cabelo era liso e lustroso, excepto nas extremidades, onde arrebitava sobre uma testa baixa e protuberante, condizendo bem com a voz áspera e os modos grosseiros.

Tinha cerca de cinquenta e dois, ou cinquenta e três anos e era um pouco mais baixo do que a altura média. Usava um lenço de pescoço, branco, de compridas pontas e um fato preto completo, com as mangas compridas demais e as calças muito curtas. Parecia embaraçado dentro dele, como se estivesse num perpétuo estado de espanto por se encontrar tão respeitável.

Mr. Squeers encontrava-se num compartimento junto dum dos fogões de sala do café, guarnecido com uma daquelas mesas que geralmente se vêem nos cafés, e duas outras de formas e dimensões extraordinárias, feitas de propósito para encaixar nos ângulos do compartimento. Num canto do banco estava uma mala de pinho muito pequena, atada com um bocado de corda, e em cima da mala empoleirava-se uma miniatura de rapaz - dando relevo às pernas vestidas com calças de algodão, terminadas por umas botas - com os ombros erguidos até às orelhas e as mãos plantadas nos joelhos, relanceando, timidamente, de vez em quando, para o mestre-escola, com evidente medo e apreensão.

- Três e meia - resmungou Mr. Squeers, voltando as costas à porta e olhando, enfadado, para o relógio do café. - Hoje não vem cá ninguém!

Muito vexado com esta reflexão, Mr. Squeers olhou para o rapaz a ver se ele estava a fazer alguma coisa que servisse de pretexto para lhe bater. Como parecia que não, contentou-se em lhe dar um puxão de orelhas, recomendando-lhe que não tornasse a repetir aquilo.

- Na época estival - tornou a resmungar Mr. Squeers, recomeçando os seus lamentos - trouxe dez rapazes: dez vezes vinte são duzentas libras. Regresso às oito da manhã de amanhã e tenho apenas três - três vezes nada é nada - três vezes dois seis, sessenta libras. O que é feito dos rapazes? O que é que os pais têm na ideia? O que significa isto tudo?

Aqui, o rapazinho que estava em cima da mala, deu um violento espirro.

- Olá, sir! - grunhiu o mestre-escola, voltando-se. - O que é isso sir?

- Nada, sir - respondeu o rapazinho.

- Nada, sir: - exclamou Mr. Squeers.

- Desculpe-me, sir, espirrei - replicou o rapaz, tremendo tanto que a mala estremeia debaixo dele.

- Oh!, espirrou? - retorquiu Mr. Squeers. - Então porque é que disse nada, sir?

A falta de melhor resposta para a pergunta, o rapazinho escarafunchou os olhos com os nós dos dedos e começou a chorar. Então, Mr. Squeers atirou-o da mala abaixo com uma bofetada e fê-lo cair no chão com outra bofetada do outro lado.

- Espera até eu te levar para o Yorkshire, meu fidalguinho - disse Mr. Squeers - e então dar-te-ei o resto. Não pára com esse barulho, sir?

- Si. si. sim - suspirou o rapazinho, esfregando fortemente a cara com o lenço de algodão estampado.

- Então, cale-se imediatamente, sir - ordenou Mr. Squeers.

- Ouviu?

A este aviso, acompanhado dum gesto ameaçador e proferido com um aspecto selvagem, o rapazinho esfregou a cara com mais força para conter as lágrimas e, alternadamente fungando e sustendo a respiração, não desabafou mais as suas emoções.

- Mr. Squeers - chamou o criado, aparecendo nesta ocasião - está um cavalheiro a perguntar por si no bar.

- Mande entrar o cavalheiro, Richard - respondeu Mr. Squeers numa voz maviosa. - Meta o lenço na algibeira, seu patife ou mato-o quando o cavalheiro se for embora.

Mál o mestre-escola acabara de proferir estas palavras num feroz murmúrio quando o estranho entrou. Simulando não o ver, Mr. Squeers fingiu estar a consertar uma pena, dando um conselho benevolente ao seu jovem pupilo.

- Meu querido filho - disse Mr. Squeers - toda a gente tem as suas provas. Esta tua prova precoce faz com que o teu coraçãozinho estale e os teus olhos inchem de choro. Mas o que é isso? Nada; menos do que nada. Deixas os teus amigos, mas encontras em mim um pai e uma mãe em Mrs. Squeers. Na deliciosa vila de Dotheboys, perto de Greta Bridge, no Yorkshire, a tia mocidade é alimentada, vestida, instruída, lavada, fornecida de dinheiro para pequenas despesas, provida de tudo quanto é necessário.

- O cavalheiro é Mr. Squeers, creio eu - disse o estranho, calando o mestre-escola na repetição do anúncio.

- O mesmo, sir - respondeu Mr. Squeers, fingindo uma extrema surpresa.

- Foi o cavalheiro quem anunciou no Times?

- No Morning Post, Chronicle, Herald e no Advertiser, referente à Academia chamada Dotheboys fiall, na deliciosa vila de Dotheboys, perto de Greta Bridge, no Yorkshire

- acrescentou Mr. Squeers. - Vem para negócios, sir? Vejo pelos meus jovens amigos. Como vão, meus meninos? E como passa, sir? - Com esta saudação Mr. Squeers deu umas palmadinhas

na cabeça dos dois rapazinhos, fraquitos e de olhos encovados, que a visita trouxera consigo e estava à espera de mais comunicações.

- Trabalho em óleos e tintas. O meu nome é Snawley, sir - informou o estranho.

Squeers inclinou a cabeça como quem diz, é um nome notavelmente bonito também. O estranho continuou:

- Tenho estado a pensar, Mr. Squeers, em colocar os meus dois rapazes na sua escola.

- Não podia fazer melhor, sir - replicou Mr. Squeersmas não creio que o devesse dizer.

- Bem! - disse o outro. - Vinte libras por ano, creio que é, Mr. Squeers?

- Guinéus - retorquiu o mestre-escola com um sorriso persuasivo.

- Libras pelos dois, penso eu, Mr. Squeers - disse Mr. Snawley solenemente.

- Não me parece que isso se possa fazer, sir - respondeu Squeers, como se nunca tivesse considerado antes a proposta.

- Deixa-me ver! Quatro vezes cinco são vinte, dobre isso e deduz a. bem, uma libra a mais ou a menos não faz diferença entre nós. Deve recomendar-me aos seus conhecimentos, sir, e compense-me dessa forma.

- Não são grandes comedores - informou Mr. Snawley.

- Oh, isso não tem importância nenhuma - replicou Squeers. - No meu estabelecimento não tomamos em consideração o apetite dos rapazes.

Isto era estritamente verdade; não tinham consideração nenhuma.

- Toda a saudável sumptuosidade, sir, que o Yorkshire pode oferecer - continuou Squeers - toda a beleza moral que Mrs. Squeers possa instilar; toda. em resumo, todo o conforto dum lar que um rapaz possa desejar, terão eles, Mr. Snawley.

- Desejava que se atendessem particularmente à moral deles - opinou Mr. Snawley.

- Estou satisfeito com o que me diz, sir - retorquiu o mestre- escola, levantando-se. - Para moral vieram para o preciso estabelecimento de ensino, sir.

- O senhor próprio é um homem de moral - disse Mr. Snawley.

- Creio bem que sou, sir - replicou Squeers.

- Tenho a satisfação de saber que é, sir - afirmou Mr. Snawley. - Perguntei a uma das suas referências e ele disse-me que o senhor é piedoso.

- Bem sir, julgo-me um pouco assim - respondeu Squeers.

- Também creio que o sou - retorquiu o outro. - Posso dizer-lhe umas palavras em particular?

- Com todo o prazer! - retorquiu Squeers, com um sorriso. - Meus queridos, ficam a falar com o vosso novo companheiro de brinquedos por um minuto ou dois! Aquele é um dos meus rapazes, sir. O seu nome é Belling. um rapaz terrível, sir.

- de verdade? - perguntou Mr. Snawley, olhando para o pobre garotito como se fosse um objecto de extraordinária curiosidade.

-Vai amanhã comigo para baixo, sir-informou Squeers. Onde ele está sentado é a sua bagagem. Ca rapaz é obrigado a levar dois fatos completos, seis pares de peúgas, dois barretes de dormir, dois lenços, dois pares de sapatos, dois chapéus e uma navalha de barba.

- Uma navalha de barba! - exclamou Mr. Snawley quando iam para o compartimento vizinho. - Para quê?

- Para se barbearem - respondeu Squeers, num tom baixo e comedido.

Estas três palavras não diziam muito, mas houve qualquer coisa na maneira em como foram ditas que atraiu a atenção porque o mestreescola e o seu companheiro olharam fixamente um para o outro durante uns segundos e depois trocaram um sorriso compreensivo. Snawley era um homem nédio, de nariz chato vestido de cores sombrias de polainas pretas e nos seus modos, uma expressão de muita mortificação e santidade, por isso o seu sorriso, sem qualquer razão clara, era muito de notar.

-Então até que idade conserva os rapazes na escola - perguntou por fim.

-Até que os seus amigos deixem de fazer os pagamentos trimestrais ao meu agente na Escola, ou até à altura de fugirem - respondeu Squeers. - Entendâmo-nos mutuamente; vejo que o podemos fazer sem perigo. Quem são estes rapazes. filhos naturais?

- Não - retorquiu Snawley, encontrando a vista perscrutadora do único olho do mestre-escola. - Não são.

- Pensei que fossem - disse Squeers friamente. - Temos uma grande quantidade deles; aquele rapaz é um.

- O do compartimento ao lado? - inquiriu Snawley. Squeers baixou a cabeça afirmativamente e o seu compa nheiro deitou outra vista de olhos para o rapazinho sentado na mala e, voltando-se novamente, parecia desapontado por lhe parecer igual aos outros; afirmou que, dificilmente, o teria acreditado.

- Mas é! - exclamou Squeers. - E acerca dos seus rapazes; queria falar comigo?

- Queria - replicou Snawley. - O facto é que eu não sou pai deles, Mr. Squeers. Sou apenas padrasto.

- Oh! Ah! Sim? - perguntou o mestre-escola. - Isso explica o caso imediatamente. Estava a achar extraordinário para que diabo os ia mandar para o Yorkshire. Ah!

Agora compreendo.

- Bem vê, casei com a mãe - continuou Snawley - e é muito dispendioso ter rapazes em casa, e como ela tem alguma coisa de seu receio. as mulheres são tão loucas,

Mr. Squeers. Creio que seja levada a gastar muito dinheiro com eles, o que seria uma ruína.

- Estou a ver - replicou Squeers, atirando-se para trás na cadeira e gesticulando.

- Por isso - continuou Snawley - resolvi metê-los numa escola bastante distante, onde não haja férias, nem aquelas idas a casa duas vezes por ano, que tanto transtornam as cabeças das crianças, podendo até fazê-las perder um pouco da disciplina. compreende?

-Que os pagamentos sejam regulares e não se pergunta mais nada! - disse Squeers, com um gesto de cabeça.

- isso, exactamente! - replicou o outro. - Que a moral seja estritamente atendida.

- Estritamente - garantiu Squeers.

-Suponho que não é permitida muita correspondência com a família. - disse o padrasto, hesitante.

- Nenhuma, excepto uma circular pelo Natal, a dizer que nunca se sentiram tão felizes e terem esperança de não ser mandados embora - declarou Squeers.



- É uma ideia admirável - afirmou o padraço, esfregando as mãos.
- Então, como nos compreendemos um ao outro - disse Squeers - há-de permitir-me que lhe pergunte se me considera um exemplo de alta virtude e um homem de boa conduta na vida particular; e se, como uma pessoa cujo negócio consiste em tomar conta da juventude, coloca a maior confiança na minha impecável integridade, liberdade, princípios religiosos e capacidade.
- Certamente que sim - respondeu o padraço, com um sorriso.
- Tem alguma objecção a fazer se eu der o seu nome como referência?
- Absolutamente nenhuma!
- É gentileza sua - afirmou Squeers, agarrando numa pena. - Isto é fazer negócio e é do que eu gosto.

Tendo anotado a morada de Mr. Snawley, o mestre escola teve a seguir a missão mais agradável de passar o recibo do pagamento adiantado, referente ao primeiro trimestre.

Mal o completara, quando outra vez se fez ouvir uma pessoa a perguntar por Mr. Squeers.

- Estou aqui! - respondeu o mestre-escola. - De que se trata?
- Apenas uma questão de negócios, sir - informou Ralph Nickleby apresentando-se, seguido de perto por Nicholas. Veio um anúncio seu nos jornais desta manhã?
- Exactamente, sir. Por aqui, se faz favor! - convidou Squeers, que entrando, voltara ao compartimento ao pé do fogão. - Não se quer sentar?
- Parece-me que aceito - respondeu Ralph, juntando o gesto à palavra e colocando o chapéu na mesa defronte de si Este é o meu sobrinho, Mr. Nicholas Nickleby.
- Como passa, sir? - cumprimentou Squeers.

Nicholas inclinou-se, disse que passava muito bem e pareceu muitíssimo admirado com a aparência exterior do proprietário de Dotheboys Hall.

- Já não se lembra de mim? - inquiriu Ralph, olhando fixamente para o mestrescola.

- O senhor pagou-me uma pequena quantia em cada uma das minhas visitas semanais à cidade, há alguns anos atrás creio eu, sir - respondeu Squeers.
- Paguei - confirmou Ralph - Pelos pais dum rapaz chamado Dorker, que infelizmente...
- Infelizmente morreu em Dotheboys Hall - disse Ralph concluindo a frase.
- Lembro-me muito bem, sir - retorquiu Squeers. - Ah!

Mrs. Squeers tinha um fraco por esse rapaz como se fosse seu!

A atenção, sir, que ela dedicou ao garoto na sua doença! Todas as noites e todas as manhãs lhe oferecia torradas e chá quente quando ele não podia engolir - uma vela no seu quarto na noite em que morreu - um prazer rememorar o dever que alguém cumpriu para com ele.

Ralph sorriu como se não tivesse outra intenção senão sorrir e olhou em volta para os estranhos presentes.

- São apenas alguns dos meus pupilos - informou Wackford Squeers, apontando para o rapazinho em cima da mala

e para os outros dois que tinham estado a olhar um para o outro, sem proferir palavra e movendo se nas mais extraordinárias contorsões, como é costume dos rapazitos quando querem dizer alguma coisa.

- Este cavalheiro, sir, é um pai que teve a gentileza de me cumprimentar pela educação administrada em Dotheboys Hall, que está situado, sir, na deliciosa vila de Dotheboys perto de Greta Bridge, no Yorkshire, onde a mocidade é alimentada, vestida, leccionada, provida de dinheiro para pequenas despesas...

- Sim, sabemos tudo acerca disso, sir - interrompeu Ralph, um pouco aborrecido. - Vem no anúncio...

- Tem razão, sir; vem no anúncio - replicou Squeers.

- E além disso é um facto sabido - acrescentou Mr. Snawley. - Sinto-me obrigado a assegurar-lhe, sir, e tenho orgulho em ter esta oportunidade para lhe assegurar, sir, que considero Mr. Squeers um cavalheiro altamente virtuoso, exemplar, de boa conduta e...

- Não tenho dúvida disso - disse Ralph, interrompendo a torrente de informações. - Não tenho dúvidas a tal respeito. E se tratássemos do nosso negócio?

- Com todo o prazer, sir - afirmou Squeers. - Nunca adiar os negócios é precisamente a primeira lição que insuflamos aos alunos do curso comercial. Mister Belling, meu querido, lembre-se sempre disso, ouviu?

- Sim, sir - afirmou Mister Belling.

- Lembre-se disso? - perguntou Ralph.

- Diga a estes senhores - convidou Squeers.

- Nunca - repetiu Mister Belling.

- Muito bem - aprovou Squeers. - Continue.

- Nunca... - repetiu de novo Mister Belling.

- Está muito bem, decerto - disse Squeers. - Sim.

- Adi. - soprou Nicholas, bem intencionado.

- Adiar... um negócio! - gaguejou Master Belling. - Executar. um negócio!

- Muito bem, sir! - retorquiu Squeers, dardejando um olhar de estarrecer ao delinquente. - Os dois faremos um negociozinho na nossa conta particular.

- E agora - interpôs Ralph - talvez sej a melhor transaccionarmos o nosso.

- Se quiser. - aquiesceu Squeers.

- Bem - continuou Ralph - é bastante breve: o que depressa se enceta, facilmente se acaba. Anunciou que precisava dum assistente competente, sir?

- Precisamente - confirmou Squeers.

- E, realmente, precisa.

- Com toda a certeza - respondeu Squeers.

- Aqui o tem! - declarou Ralph. - O meu sobrinho Nicholas recém-saído da escola, com a cabeça a fermentar de tudo quanto aprendeu e sem nada a fermentar-lhe nas algibeiras, é jústamente o homem que precisa.

- Receio. - disse Squeers, perplexo com tal oferta de serviços por parte dum jovem, com a figura de Nicholas tenho medo que não me convenha.

- Sim, há-de convir-lhe - afirmou Ralph. - Sei isso perfeitamente! Não desanúne, sir em menos duma semana estará a leccionar todos os jovens fidalgos em Dotheboys Hall, a não ser que este cavalheiro seja mais teimoso do que julgo.

Receio, sir - avançou Nicholas, dirigindo-se a Mr. Squeers- que ponha objecção à minha juventude e por não ser licenciado em Letres.

- A falta dum diploma é um obstáculo - replicou Squeers, olhando com a gravidade que lhe foi possível e consideravelmente intrigado não só pelo contraste entre a simplicidade do sobrinho e as maneiras mundanas do tio, mas também pela incompreensível alusão aos jovens fidalgos sob a sua tutela.

- Ouça, sir - retorquiu Ralph. - Vou pôr este assunto a claro em dois segundos.

- Se quiser ter a bondade - respondeu Squeers.

- Este é um rapaz, um jovem, um moço, um homem novo, um adolescente, ou o que lhe queira chamar; tem dezoito anos, dezanove, ou por aí perto - disse Ralph.

- Isso vejo eu! - observou o mestre escola.

- Também eu - secundou Mr. Snawley, pensando ser bom apoiar o seu amigo de ocasião.

- O pai morreu, ele ignora completamente o mundo, não tem recursos nenhuns e quer fazer alguma coisa - informou Ralph. - Recomendo-o a este seu esplêndido estabelecimento como uma oportunidade para fazer fortuna. Compreende?

- Toda a gente compreende - replicou Squeers, imitando o olhar irónico com que o outro fitava o seu ingénuo parente.

- Decerto. compreendo - informou Nicholas, entusiasmado.

- O senhor observa como ele compreende facilmente - disse Ralphy, no mesmo tom seco e brusco - Se qualquer ca pricho o levar a abandonar esta extraordinária oportunidade antes de adquirir a perfeição, considero-me absolvido de continuar a auxiliar a mãe e a irmã. Olhe para ele e pense na utilidade que pode ter para si em meia dúzia de formas! Agora a questão é se, em todo o caso, num futuro próximo não servir para os seus fins, melhor do que vinte deste género o senhor terá nas circunstâncias ordinárias. Não é uma questão a considerar?

- Sim, é - respondeu Squeers replicando com uma inclinação de cabeça a idêntico sinal de Ralphy.

- Bem - retorquiu este. - E agora desejo dizer-lhe duas palavras em particular.

As duas palavras foram ditas à parte e uns minutos de pois, Mr. Wackford Squeers anunciava que Mr. Nicholas Nickleby estava desde aquele momento, nomeado na categoria de primeiro assistente de Dotheboys Hall.

- Isto dev-se à recomendação do seu tio Mr. Nickleby -anunçou Wackford Squeers.

Nicholas, radiante com o seu êxito, apertou cordialmente a mão do tio e quase adorou Squeers desde aquela ocasião.

- É um homem singular - pensou Nicholas. - O que tem isso? Porson também era um homem singular, assim como o Doutor Johnson! Todos estes coca bichinhos o são.

-A diligência parte amanhã às oito horas da manhã Mr. Nickleby - avisou Squeers. - O senhor deve estar aqui um quarto de hora antes, porque levamos estes rapazes conosco.

- Certamente sir - respondeu Nicholas.

- E já paguei o seu bilhete - grunhiu Ralphy. - Por isso não tem mais do que instalar-se confortavelmente.

Outro exemplo da generosidade do tio! Nicholas sentiu uma ternura tão grande, que não encontrava palavras para lhe agradecer. Na verdade, ainda não encontrara as suficientes quando se despediram do mestre-escola e saíram pelo portão de Saraceen's Head.

- Estarei aqui de manhã para assistir à sua partida - disse Ralphy. - Não me esquivo!

- Obrigado, sir - agradeceu Nicholas. - Nunca esquecerei a sua amabilidade.

- Oxálá que não esqueça respondeu o tio. - Agora é melhor ir para casa fazer a mala. Parece-lhe saber o caminho para Golden Square?

- Certamente - afirmou Nicholas. - Posso perguntar.

- Então, leve estes papéis ao meu empregado - recomendo Ralphy, entregandolhe um pequeno pacote - e diga-lhe para esperar até eu chegar a casa.

Nicholas encarregou-se alegremente da comissão e, despedindo-se afectuosamente do seu generoso tio - ao que ele correspondeu

com um grunhido - afastou-se apressadamente para executar o recado.

Encontrou Golden Square sem dificuldade. Mr. Noggs, que tinha ido a um encontro, por um ou dois minutos, estava a abrir a porta quando ele chegou à escada.

- O que é isso? - perguntou Noggs, apontando para o embrulho.

- Papéis do meu tio - respondeu Nicholas - e o senhor terá a bondade de esperar até ele chegar, se faz favor.

- Tio? - exclamou Noggs.

- Mr. Nickleby - explicou Nicholas.

- Entre - convidou Newman.

Sem dizer mais nada, encaminhou Nicholas para o corredor e dali para a despensa transformada em escritório, onde lhe imdicou uma cadeira e, depois, subindo para o seu banco, como se fosse uma torre de observação, sentou-se com os braços pendentes e fitou o rapaz, com estranheza.

- Não tem resposta - observou Nicholas, pondo o pacote em cima da mesa, a seu lado.

Newman não disse nada mas, cruzando os braços e atirando a cabeça para a frente, a fim de ver melhor a cara de Nicholas, perscrutou-lhe as feições.

- Não tem resposta - repetiu Nicholas, falando mais alto, com a impressão de que Noggs fosse surdo.

Newman pôs as mãos nos joelhos e, sem proferir uma sílaba, continuou a observar a cara do companheiro.

Isto era um procedimento singular da parte duma pessoa completamente estranha, cuja cara era tão peculiar, que Nicholas, que tinha um vivo sentido do ridículo, não pôde deixar de sorrir quando perguntou se ele tinha algumas ordens para lhe dar.

Noggs abanou a cabeça e suspirou. Então, Nicholas levantou-se, notando não precisar de descansar e desejou-lhe bom dia.

Foi um grande esforço para Newman Noggs, e ninguém soube até esse dia como ele foi capaz de o fazer - visto Nicholas o desconhecer inteiramente - porém, soltou um suspiro e perguntou em voz alta e sem parar uma só vez, se não se importava de lhe dizer o que o tio ia fazer por ele.

Nicholas não se importava de maneira alguma; antes pelo contrário. Tinha muito prazer em encontrar ocasião para conversar sobre o assunto que lhe ocupava o pensamento.

Assim, sentou-se novamente e com a imaginação ardente a aquecer enquanto falava, entrou numa descrição calorosa e veemente de todas as honras e vantagens que haviam de advir da sua nomeação para o lugar de professor em Dotheboys Hall.

- Mas o que se passa?. Está doente?. - perguntou Nicholas de repente, interrompendo-se, porque o companheiro, depois de tomar as mais variadas e extravagantes atitudes, metera as mãos debaixo do braço e fazia estalar os nós dos dedos como se estivesse a quebrar todos os ossos das mãos.

Newman Noggs não respondeu, continuou a encolher os ombros e a estalar os nós dos dedos, sorrindo horrivelmente durante todo o tempo e olhando com firmeza para o vácuo, com uma expressão horrorosa.

Primeiro, Nicholas pensou que o homem estava com uma convulsão mas depois de pensar melhor, calculou que devia ser efeito do álcool e por isso achou melhor retirar-se imediatamente. Quando abriu a porta da rua olhou para trás. Newman Noggs continuava a fazer os mesmos gestos estranhos, soando mais alto do que nunca, o estalar dos seus dedos.

## CAPITULO V

### NICHOLAS PARTE PARA YORKSHIRE

Trata-se da sua despedida, dos seus companheiros de viagem e do que lhes aconteceu no caminho. Se as lágrimas fossem tratamentos para preservar o seu dono da tristeza e do infortúnio, Nicholas Nickleby teria começado a sua situação sob os mais felizes auspícios.

Havia muito que fazer e pouco tempo disponível; muitas palavras para dizer, mas a dor do coração impedia que fossem proferidas. As mil e uma coisas que os cuidados da mãe e da irmã achavam indispensáveis para o seu conforto, insistia Nicholas em deixá-las para serem convertidas em dinheiro, se fosse preciso. Mil e uma afectuosas discussões a este respeito se travaram na triste noite que precedeu a sua partida.

A mala, por fim, foi dada por pronta e depois veio a ceia, tão delicadamente preparada para o momento, à custa da abstinência do jantar da mãe e de Kate que fingiram comê-lo enquanto Nicholas estivera ausente. O pobre rapaz não se sentia com nenhuma vontade de compartilhar e forçou uma gargalhada melancólica. E assim estiveram até à hora da separação; a noite ia custar-lhe a passar.

Nicholas dormiu até às seis horas da manhã e levantou-se vivo e alegre. Escreveu umas linhas a lápis a despedir-se, pois receava fazê-lo de viva voz e deixando-as com metade do seu parco dinheiro - à porta da irmã - pôs a mala ao ombro e desceu as escadas.

- És tu, Hannah? - perguntou uma voz vinda de sala de Miss La Creevy, onde brilhava a luz duma

vela.

- Sou eu, Miss La Creevy - respondeu Nicholas, pondo a mala no chão e olhando para dentro.

-Deus nos ajude! - exclamou Miss La Creevy, erguendo-se e levando a mão aos papalotes. -

Levantou-se muito cedo, Mr. Nickleby.

- E a senhora também! - ripostou Nicholas.

-É a arte que me atira para fora da cama, Mr Nickleby!

- retorquiu a senhora. - Estou à espera da claridade para pôr uma ideia em execução.

Miss La Creevy levantara-se cedo para pôr um nariz de fantasia na miniatura dum rapazinho feio, destinada à avó, que estava na província, por esperarem que ela lhe legasse a fortuna se fosse parecido com a família.

- Para pôr uma ideia em execução! - repetiu Miss La Creevy. - E é essa a grande conveniência de se viver num grande centro como o Strand. Quando preciso dum nariz ou dum olho para qualquer trabalho especial, basta-me olhar para fora da janela e esperar até aparecer o que quero.

- Leva agora muito tempo a arranjar um nariz? - inquiriu Nicholas a sorrir.

- Isso depende em grande parte do modelo - replicou Miss La Creevy. - Arrebitados e romanos há bastantes; háos chatos de todos os feitios e tamanhos nas reuniões em Exeter Hall; mas, perfeitamente aquilinos, sinto dizê-lo, são raros e, geralmente, usámo-los para os militares e para os políticos.

-Pois se encontrar algum na minha viagem, farei o possível para o esboçar para si - disse Nicholas.

-Quer dizer que vai realmente para Yorkshire com este tempo invernososo, Mr. Nickleby? - perguntou Miss La Creevy. A noite passada ouvi falar a esse respeito.

- Vou, de facto - respondeu Nicholas. - A necessidade obriga, como sabe, quando somos dirigidos por alguém. A necessidade é o meu condutor e somente outro nome do mesmo cavalheiro.

- Sinto muito; é tudo quanto posso dizer - replicou Miss La Creevy. - E muito mais por causa da sua mãe e da sua irmã do que por si. A sua irmã é uma menina muito bonita, Mr. Nickleby, não demais para haver alguém para a proteger. Persuadi-a a conceder-me uma ou duas sessões para a miniatura dela servir de reclame na montra da rua. Ah!, há-de dar uma linda miniatura!

Enquanto falava, a cara de miss La Creevy parecia de marfim, sulcada de veias azuis muito pronunciadas e tinha uma atitude de complacência, que Nicholas invejou.

-Se tiver ocasião de ser amável para com Kate, creio que o será - disse Nicholas, estendendo-lhe a mão.

- Conte comigo - afirmou a pintora - e Deus o groteja, Mr. Nickleby! Desejo-lhe muitas felicidades!

Nicholas conhecia muito pouco do mundo, mas pareceu-lhe que se desse um beijo a Miss La Creevy, talvez a dispusesse melhor a favor dos seus. Assim, deu-lhe três ou quatro, com uma espécie de delicada galantaria que pareceu não desagradar a Miss La Creevy.

Tendo terminado desta maneira a inesperada entrevista, Nicholas Nickleby afastou-se rapidamente de casa e encontrou um carregador para lhe levar a mala.

Depressa chegou a Snow Hill. Tendo despedido o moço e vendo a mala no escritório da agência, olhou para dentro do café, à procura de Mr. Squeers.

Encontrou o letrado cavalheiro sentado, a tomar o pequeno almoço, com os três rapazinhos de que já falámos e mais

sorte. Mr Squeers tinha defronte de si uma pequena quantidade de café, um prato com torradas quentes e um bocado

de bife frio; mas naquele instante, intentava preparar o pequeno almoço para os rapazinhos.

- Isto são dois pence de leite, rapaz? - perguntou Mr.

Squeers, olhando para uma grande tijela azul e inclinando-a para ver exactamente o líquido contido.

- São dois pence, sir - confirmou o criado.

- Que artigo tão raro é o leite em Londres! - observou Mr. Squeers com um suspiro. - Encha esta tijela com água morna, William!

- Até mesmo acima, sir? - inquiriu o criado. - Então o leite ficará aguado.

- Não se importe com isso! - replicou Mr Squeers: Sirva-o assim por ser tão caro. Já encomendou as fatias grossas de pão com manteiga, para três?

- Vêm já aí, sir.

- Não precisava de se apressar - observou Squeers. - Há muito tempo. Dominem as vossas paixões, rapazes, e não estejam ansiosos pela comida! Ao mesmo tempo que proferia estas palavras, Mr. Squeers servia-se duma grande fatia de carne fria e reconheceu Nicholas.

- Sente-se, Mr. Nickleby - convidou ele. - Como vê, estamos a tomar o pequeno almoço! Nicholas não viu pessoa alguma a comer excepto Mr. Squeers, mas curvou-se numa reverência e mostrou-se o mais alegre possível.

- Isto é o leite e água, não é, William? - perguntou

Squeers. - Muito bem; não se esqueça agora do pão com manteiga.

A esta nova menção do pão com manteiga, os cinco rapazinhos mostraram-se ansiosos e seguiram o criado com os

olhos; entretanto Mr. Squeers provava o leite com água.

- Ah! - exclamou ele, lambendo os beiços. - Isto é uma beleza! Pensem nos muitos pedintes e órfãos que vegetam por essas ruas, como seriam felizes com isto, meus rapazes. Um esfomeado é uma coisa chocante, não é, Mr. Nickleby?

- Muito chocante, sir - concordou Nicholas.

- Quando eu disser número um - continuou Squeers, pondo a tijela em frente das crianças - o rapaz da esquerda próximo da janela, pode tomar um golo; quando eu disser número

dois o rapaz a seguir segue-lhe o exemplo e assim por diante até ao número cinco, que é o último. Estão prontos?

- Sim, sir! - gritaram todos com grande avidez.

- Muito bem - disse Squeers, continuando calmamente a comer. - Estejam preparados até eu dizer para começarem.

Subjuguem os vossos apetites, meus queridos, e terão dominado a natureza humana. Esta é a forma de adquirir força de

vontade, Mr. Nickleby - acrescentou o mestre-escola, voltando-se para Nicholas e falando com a boca cheia de carne e torrada.

Nicholas, em resposta, murmurou qualquer coisa - nem ele soube o quê - e os rapazinhos dividindo o olhar entre a tijela, o pão com manteiga que por esta altura já tinha chegado e por cada garfada que Mr. Squeers metia na boca, ficaram com os olhos doridos pelos tormentos da expectativa.

- Agradecemos a Deus o bom pequeno almoço! - exclamou Squeers, quando acabou. - Número um, beba um golo.

O número um agarrou na tijela vorazmente e bebeu o suficiente para desejar mais, quando Mr. Squeers deu o sinal para o número dois, o qual a passou para o número três também no mesmo momento cruciante e o processo repetiu-se até o leite com água ter terminado no número cinco.

- E agora - avisou o mestre-escola, dividindo o pão com manteiga para três, em tantas porções quantas eram as crianças - aviem-se com o vosso pequeno almoço, pois a buzina toca daqui a um minuto ou dois e nesse momento todos seguem para a diligência. Sendo dada assim a permissão para cair sobre a presa, os rapazes começaram a comer vorazmente e com uma pressa desesperada, enquanto o mestre-escola, que estava de muito bom humor depois da refeição, palitava os dentes com o garfo e olhava sorridente. Dali a pouco, ouviu-se a buzina.

- Pensava que não levaria tanto tempo - disse Squeers, levantando-se e tirando um pequeno cesto debaixo do banco. Ponham aqui o que não tiveram tempo para comer, rapazes! No caminho não- de precisar dele.

Nicholas estava surpreendido com estas disposições económicas, mas não teve tempo para reflectir nelas, porque os rapazinhos tinham de subir para a diligência, com as suas malas. A bagagem de Mr. Squeers tinha de ser cuidadosamente colocada debaixo da almofada do cocheiro, e todas estas coisas eram da sua competência. Nicholas estava muito ocupado em concluir estas operações quando o tio, Mr. Ralph Nickleby, o abordou.

- Oh! Aqui está, sir! - disse Ralph. - Aqui tem a sua mãe e a sua irmã, sir.

- Onde? - perguntou Nicholas, olhando vivamente em redor.

- Aqui! - respondeu o tio. - Tendo muito dinheiro e não sabendo que aplicação lhe dar, estavam a pagar cabriolé, sir!

- Receávamos chegar atrasadas antes de o vermos separar-se de nós - explicou Mrs. Nickleby, abraçando o filho, indiferente às espreitadelas que deitavam do pátio.

- Muito bem, ma'am - retorquiu Ralph. - A senhora é o melhor juiz da causa. Eu limitei-me a dizer que a senhora alugara um cabriolé. Eu nunca paguei um cabriolé, ma'am; nunca aluguei nenhum! Há trinta anos que não me meto num cabriolé alugado por mim e espero que o mesmo suceda nos outros trinta, se viver tanto tempo.

- Nunca me perdoaria se não viesse despedir-me! - desculpou-se

Mrs. Nickleby. - Pobre querido rapaz. ir-se embora, sem o pequeno almoço com receio de nos importunar!

- Isso é muitíssimo enternecedor! - disse Ralph com ironia. - Quando fui pela primeira vez para o trabalho, ma'am, comia um péni de pão e bebia uma medida de leite ao meu pequeno almoço, vindo a pé todas as manhãs para a cidade. O que diz a isto, ma'am? Pequeno almoço!

- Agora, Nickleby - disse Squeers, chegando neste momento a abotoar o sobretudo. - Creio que era melhor ir lá em cima, atrás. Tenho medo que algum rapaz caia e então lá se iam vinte libras por ano.

- Querido Nicholas - sussurrou Kate tocando no braço do irmão. - Quem é este homem ordinário?

- Então! - rosnou Ralph, cujos ouvidos sensíveis apanharam a pergunta. - Deseja que lhe apresente Mr. Squeers, minha querida?

- O mestre-escola! Não, tio! Oh, não! - respondeu Kate, recuando.

- Estou certo de que já lhe ouvi o suficiente, minha querida - retorquiu Ralph no seu modo sarcástico e frio. - Mr. Squeers, esta é a minha sobrinha. . a irmã de Nicholas.

- Muito prazer em conhecê-la, miss - disse Mr. Squeers, erguendo o chapéu uma ou duas polegadas.

- Era uma festa para Mrs. Squeers se tivéssemos a senhora como professora.

No entanto, não sei se ela não se tornaria ciumenta.

Se o proprietário de Dotheboys Hall pudesse saber o que se passava no peito do seu assistente nesse momento descobriria com certa surpresa que ele nunca sentira

tanto desejo na sua vida, de dar uma boa sova, como naquele momento. Kate Nickleby, tendo uma rápida percepção das emoções do irmão, afastou-se suavemente, evitando assim que Mr. Squeers notasse o facto.

- Meu querido Nicholas - disse a irmã. - Quem é este homem? Que género de lugar é esse para onde vais?

- Não sei, Kate - respondeu Nicholas, apertandolhe a mão. - Suponho que a gente de Yorkshire é rústica e descortês.

- Mas, este homem? - insistiu Kate.

- É o meu patrão, director, ou qualquer coisa do género - respondeu Nicholas rapidamente - e sou um burro em levar a mal a sua grosseria. Mostram-se todos assim e é tempo de ir para o meu lugar. Deus te proteja, meu amor e adeus! Mãe, espero que nos reunamos outra vez, qualquer dia! Adeus, tio! Agradeço imenso tudo quanto fez e tudo quanto possa fazer! Estou pronto, sir!

Com estas despedidas apressadas, Nicholas subiu com ligeireza para o seu lugar e acenou com a mão com tanto entusiasmo, como se nesse gesto lhes enviasse também o coração.

Neste momento, quando o cocheiro e o condutor estavam a comparar as notas pela última vez, antes da partida, a respeito das guias de bagagens; quando os carregadores extorquiam os últimos relutantes seis pence, os rapazes dos jornais faziam a última oferta dos jornais da manhã e os cavalos sacudiam os arreios com impaciência, Nicholas sentiu alguém a puxar-lhe suavemente a perna. Olhou para baixo e viu Newman Noggs, que lhe meteu na mão, uma carta suja.

- O que é isto? - perguntou Nicholas.

- Cale-se! - pediu Noggs, apontando para Mr. Ralph Nickleby que, a certa distância, conversava animadamente com Squeers. - Tome-a! Leia-a! Ninguém sabe! Mais nada!.

- Pare! - gritou Nicholas.

- Não! - respondeu Noggs.

Nicholas gritou de novo para ele parar, mas Newman Noggs foi-se embora.

Um minuto de desordem, o bater das portas da diligência, a inclinação do veículo para um lado quando o pesado cocheiro e o ainda mais pesado condutor treparam para os seus lugares, um grito de tudo pronto, uns poucos de toques de buzina, um rápido relancear por duas ou três caras tristes que ficavam, as feições duras de Mr.

Ralph Nickleby. e a diligência partiu, fazendo um grande ruído nas pedras de Smithfield.

As pernas dos rapazinhos eram curtas demais para os pés descansarem em cima de qualquer coisa, quando estavam sentados, tendo os seus corpitos, por consequência, em risco eminente de serem projectados para fora do carro, e por isso Nicholas teve bastante que fazer, para os segurar. Entre o trabalho corporal e a ansiedade mental a desenvolver no seu mister, sentiu-se bastante aliviado quando a diligência parou em Peacock, na Irlington. Mais aliviado ainda quando um cavalheiro bem parecido, com uma cara muito bem humorada e de cor sadia, se empoleirou atrás e propôs sentar-se no outro canto do assento.

- Se puséssemos alguns destes jovens no meio - alvitrou o recém-chegado - iam melhor guardados no caso de adormecerem, não acha?

- Se quiser ter essa bondade, sir - respondeu Squeer - será muito bom.

- Mr. Nickleby, ponha três dos rapazes entre si e este cavalheiro. O Belling e o mais novo dos Snawley podem sentar-se entre mim e o condutor! Três crianças - acrescentou Squeers, explicando ao estranho - ocupam o espaço de duas.

- Não me admira nada - objectou o outro. - Tenho um irmão que não poria obstáculo em fazer passar por duas pessoas os seus seis filhos, em qualquer talho ou padaria do reino:

- Seis filhos, sir? - exclamou Squeers.

- Sim, e todos rapazes! - explicou o estranho.

- Mr. Nickleby - disse Squeers apressadamente. - Agarre nesse cesto. Deixe-me dar-lhe um cartão, sir, dum estabelecimento onde esses seis rapazes podem ser criados numa ma neira ilustrada, liberal e moral, sem nenhum engano a este respeito, por vinte guinéus por ano - vinte guinéus, sir! Ou então, tomava conta de todos os rapazes por uma média razoável, digamos, cem libras por ano para seis.



-Oh! o senhor é Mr. Squeers aqui mencionado, presumo eu? - perguntou o cavalheiro, dando uma vista de olhos pelo cartão.

- Sim, sou eu, sir - respondeu o digno pedagogo. - O meu nome é Mr. Wackeford Squeers e estou muito longe de me sentir envergonhado dele. Estes são alguns dos meus rapazes, sir! Aquele é um dos meus ajudantes, sir. Mr. Nickleby, filho dum cavalheiro e muito douto em matemática, clássicos e comércio. Na nossa casa não fazemos as coisas por metades. Todas as maneiras de instruir os meus rapazes estão em primeiro lugar, sir; nunca se pensa na despesa, recebem um tratamento paternal e têm roupa lavada.

- Palavra! - exclamou o cavalheiro, deitando os olhos para Nicholas, com um meio sorriso e uma certa expressão de surpresa. - Na verdade tudo isto são vantagens!

- Pode dizê-lo, sir - retorquiu Squeers, afundando as mãos nas algibeiras do sobretudo. - Dão-se e pedem-se as mais rigorosas referências. Não tomaria referência de qualquer ra paz que não fosse respeitável, pelo pagamento de cinco libras e cinco xelins por um trimestre, nem que se ajoelhasse a meus pés e mo pedisse com as lágrimas nos olhos.

- Muito digno de consideração - observou o passageiro.

- O meu grande objectivo e fim é o de considerar, sir - replicou Squeers - Snawley Júnior, se não deixas de bater os dentes e de tremer com frio, aqueço-te com uma sova daqui a meio minuto.

- Agora firmes, cavalheiros! - recomendou o condutor ao trepar

- Está tudo bem lá atrás, Dick? - perguntou o cocheiro.

- Tudo bem! Pode andar! - foi a resposta.

O tempo estava intensamente frio; de vez em quando nevava e o vento era intoleravelmente cortante. Em quase todas as paragens Mr. Squeers descia do carro para desentorpecer as pernas, dizia ele, mas quando voltava de cada excursão trazia um nariz muito encarnado e preparava-se para dormir. Os seus pequenos pupilos, estimulados com os restos do pequeno almoço e depois fortalecidos por vários pequenos sorvos dum curioso cordial trazido por Mr. Squeers, que sabia muito a torradas e água, posto numa garrafa de brande por engano, adormeciam, acordavam, tremiam e choravam, conforme os sentimentos se manifestavam. Nicholas e o seu bem humorado companheiro, encontraram tantos assuntos em que falar, que o tempo para eles, passou rapidamente.

Assim foi decorrendo o dia. Em Eton Slocomb houve um bom jantar, do qual partilharam os do assento do cocheiro, os quatro dos lugares exteriores da frente, o do lugar de dentro, Nicholas, o cavalheiro bem humorado e Mr. Squeers, enquanto os cinco rapazinhos eram postos a desentorpecer do frio ao pé do lume e se regalavam com sanduiches. Numa paragem ou duas a seguir, asenderam-se as lanternas e entrou uma senhora muito maçadora, com uma infinidade de capas e embrulhinhos.

A noite e a neve vieram juntas. Não se ouvia senão o uivar do vento, pois o barulho das rodas e das patas dos ca valos era abafado pela neve, que cobria o chão e aumentava a cada momento. Quando passaram por Stamford, as ruas estavam desertas. Vinte minutos depois, dois dos passageiros dos lugares exteriores da frente aproveitaram para passar a noite numa das melhores estalagens da Inglaterra. Os restantes envolveram-se mais nos casacos e capas e empilharam-se contra a bagagem para afrontarem o vento penetrante que soprava através do descampado.

Tinham acabado há pouco de passar a muda de Grantham, ou estavam pouco mais ou menos a meio caminho entre Gran tham e Newark, quando Nicholas - que há pouco tempo vinha a dormir - foi subitamente despertado por uma violenta sacudidela, que esteve quase a atirá-lo para fora do lugar. Agarrando-se ao varão, viu que a diligência descaira grandemente para um lado, embora continuasse a ser arrastada para a frente pelos cavalos e, enquanto ele hesitou, a pensar, se devia descer ou não, o veículo voltou-se repentinamente, tirandolhe todas as incertezas e arremessando-o para o meio da estrada.

## Capítulo VI

A ocorrência do acidente dá oportunidade a dois cavalheiros para contarem histórias um ao outro

- Que desgraça! - exclamou o condutor, que se pôs em pé num instante e correu para a parelha da frente. - Há aí algum cavalheiro que queira dar uma ajuda, aqui?

Quiietos, seus lazeirentos! Que desgraça!

- O que se passa? - perguntou, Nicholas, olhando, ensonado.

- O que se passa, homem? Passa-se o bastante para uma noite - respondeu o condutor. - O maldito cavalo baio endoi deceu, creio eu, porque o carro se voltou. Dê-me aqui uma ajuda! Baio do diabo! Parece que todos os meus ossos se partiram!

- Presente - exclamou Nicholas, vacilando. - Estou pronto! Apenas um pouco fora de mim.

- Conserve-os firmes - gritou o condutor - enquanto estão meios tontos. Agunte-os de qualquer maneira! Bravo, meu lorde! isso mesmo! Agora, largue-os. Chegue-lhes, para eles irem depressa para casa.

Na verdade os animais tão depressa se sentiram livres, trotaram de livre vontade para a cocheira, que tinham acabado de deixar e não se distanciava uma milha.

- Pode tocar a buzina? - perguntou o condutor, tirando uma das lanternas da diligência.

- Creio que sim! - respondeu Nicholas.

- Então toque até acordar os mortos! - disse o homem.

Vou ver se faço calar a gritaria que vai lá dentro. Saiam! Não faça tanto barulho, mulher!

Ao dizer isto, o homem tratava de abrir a porta superior do carro ao mesmo tempo que Nicholas, agarrando-se à buzina, acordava os ecos distantes com uma das mais extraordinárias execuções daquele instrumento, como nunca as tinham ouvido qualquer mortal. O seu efeito foi os passageiros recobrem-se da queda e pedir socorro, pois as luzes brilhavam à distância e pessoas acorriam.

De facto, galopava um homem a cavalo, antes dos passageiros se terem reunido. Uma cuidadosa investigação mostrou que a senhora quebrara a lanterna e um cavalheiro, a cabeça. Os dois passageiros dos lugares exteriores da frente escaparam com os olhos pisados; o da almofada, com o nariz a sangrar; o cocheiro com uma contusão na testa; Mr. Squeers com uma maleta amolgada nas costas e os restantes passageiros sem qualquer ferimento, graças à suavidade da neve onde tinham sido despejados.

A senhora deu sinais de desmaio e tendo-se alvitrado ser levada às costas dum cavalheiro, ela achou mais prudente regressar a pé, com os outros.

Ao chegarem, encontraram uma casa apenas com um aposento e duas ou três cadeiras. Mas como o lume brilhava e havia bastante carvão para o alimentar, sentiram-se muitíssimo satisfeitos pela mudança do frio e da escuridão lá de fora, para a iluminação e aquecimento, dentro de casa.

- Mr. Nickleby! - disse Squeers, metendo-se no canto mais quente. - Procedeu muito bem em manter os cavalos firmes. Eu tê-lo-ia feito se tivesse chegado a tempo mas estou contente por ter sido o senhor. Procedeu muito bem, muito bem!

- Tão bem - afirmou o cavalheiro de cara bem humorada, que parecia não aprovar muito o tom protetor adoptado por Squeers - tão bem. que se não estivessem tão bem seguros o senhor, provavelmente, ficava sem miolos para poder ensinar.

Esta observação levou a uma prática sobre a prontidão desenvolvida por Nicholas, que foi cumulado de cumprimentos e elogios.

- Decerto estou contente por ter escapado - observou Squeers - toda a gente se compraz em escapar dum perigo, mas se qualquer das pessoas a meu cargo tivesse sido ferida se não pudesse entregar qualquer destes rapazinhos aos seus pais, inteiro e são, como deles o tinha recebido quais seriam os meus sentimentos? Seria preferível que uma roda me caísse em cima da cabeça!

- Todos irmãos, sir? - perguntou a senhora, que trouxera a lanterna de segurança.

- Num sentido são, ma'am - respondeu Squeers, mergulhando as mãos nas algibeiras do sobretudo, à

procura dos cartões. - Estão todos sob o mesmo tratamento paternal e afectuoso. Mrs. Squeers e eu somos mãe e pai para cada um deles. Mr. Nickleby, entregue estes cartões à senhora e ofereça estes aos cavalheiros. Talvez eles conheçam alguns pais que se sintam satisfeitos em aproveitar o estabelecimento! Expressando-se desta maneira, Mr. Squeers - que não perdia a ocasião de fazer reclamo gratuito - pôs as mãos nos joelhos e olhou para os pupilos com tanta benevolência quanta pôde afectar, enquanto Nicholas, corado de vergonha, entre gava os cartões, como lhe fora ordenado.

- Espero que nada tivesse sofrido com o acidente ma'am

- disse o cavalheiro de cara prazenteira, dirigindo-se à enfasiada senhora, desejoso de, caritativamente, mudar de assunto.

- Não sofri nenhum incómodo físico - respondeu a senhora.

-Nem mental, espero!

-O assunto é muito doloroso para os meus sentimentos, sir! - redarguiu a senhora com forte emoção - e peço-lhe, como a um cavalheiro, para se não referir a ele.

- Meu Deus - disse o senhor de cara prazenteira, parecendo ainda mais prazenteiro - simplesmente pretendi perguntar.

- Espero que não se façam perguntas - replicou a senhora - ou serei obrigada a pôr-me sob a protecção dum outro cavalheiro. Estalajadeira, peço-lhe para mandar pôr um rapaz de sentinela lá fora, a ver se passa um carro verde, em direcção a Grantham, para o mandar parar imediatamente.

A gente da casa ficou, evidentemente, conquistada pelo pedido e quando a senhora disse ao rapaz para se lembrar, como meio de identificação, que o esperado carro

verde, teria um cocheiro com um laço dourado no chapéu e um trintanário

- muito provavelmente, de meias de seda - as atenções da boa mulher da estalagem, redobram.

Mesmo os passageiros da almofada foram influenciados e, tornando-se

maravilhosamente deferentes, perguntaram logo se todos eles não faziam uma boa sociedade, ao que a senhora respondeu, sim.

- Como o condutor foi a Grantham a cavalo, para arranjar uma outra diligência - informou o cavalheiro de cara prazenteira, quando todos se sentaram em volta do lume, conservando-se em silêncio por algum tempo - e se deve demorar, pelo menos, um bom par de horas, proponho uma tijela de ponche quente. O que diz, sár?

A pergunta foi feita ao passageiro da cabeça partida, que vinha no interior do carro, estava de luto e era um homem de boa aparência. Não passava de meia idade,

mas tinha já algum cabelo branco; parecia ter envelhecido prematuramente por cuidados ou tristezas. Acedeu prontamente à proposta, levando a crer ter sido contaminado

pela natureza franca do indivíduo donde ela emanava. Este tomou sobre si o encargo de distribuir o ponche e depois de ter cumprido a sua missão, dirigiu a conversa

para as antiguidades de York, que tanto ele como o cavalheiro de cabelos grisalhos, pareciam conhecer bem. Quando este assunto se esgotou, voltou-se com um sorriso

para o cavalheiro de cabelos grisalhos e perguntou-lhe se sabia cantar.

- Não! - respondeu o interrogado, sorrindo por sua vez.

- É pena - observou o da expressão de bom humor. - Há

aqui alguém que saiba cantar uma canção para passar o tempo mais depressa?!

Todos os passageiros protestaram que não sabiam cantar; cantariam, se pudessem; mas não se lembravam da letra de qualquer canção sem a música e assim por diante.

- Talvez a senhora se não oponha - disse o que presidia, com grande respeito e um pestanejar brejeiro. - Estou certo de que seria muitíssimo aceitável qualquer canção

italiana que a última ópera trouxe até à cidade.

Como a senhora condescendeu em não dar resposta - antes levantou repentinamente a cabeça com desprezo e murmurou uma expressão de surpresa quanto à ausência do carro

verde - uma ou duas vezes requereram que o próprio presidente fizesse uma tentativa em benefício

de todos.

- Se pudesse fazia - declarou o cavalheiro bem humorado - pois defendo este ponto de vista, como em todos os outros casos em que as pessoas não eram conhecidas umas das outras e, inesperadamente, se encontravam reunidas. Devemos fazer o possível para nos tornar agradáveis o mais que pudermos, por amor da união da pequena comunidade.

- Gostava que a música fosse mais geralmente executada em todos os casos - opinou o cavalheiro de cabelos grisalhos.

- Alegra-me ouvir isso - replicou o outro. - Talvez, como não sabe cantar, nos possa contar uma história!

- Sim, mas então, peço-lhe também uma.

- Depois do senhor, contarei com prazer.

- Na verdade? - perguntou, sorrindo, o cavalheiro de cabelos grisalhos. - Bem, seja assim! Receio que a ordem dos meus pensamentos não esteja calculada para aligeirar o tempo que devemos passar aqui, mas como querem que a conte julgarão por si. Estivemos há pouco falando do Prelado de York. A história referir-se-á um pouco a isso.

Chamemos-lhe:

### AS CINCO IRMÃS DE YORK

Depois dum murmúrio de aprovação dos outros passageiros, durante o qual a enfasiada senhora bebeu às escondidas um copo de ponche, o cavalheiro de cabelos grisalhos, começou assim:

Há muitos anos atrás - pois o século quinze teria uns escassos dois anos nesse tempo e o rei Henrique IV sentava-se no trono de Inglaterra - moravam na antiga cidade de York cinco irmãs solteiras, objecto do meu conto.

Éstas cinco irmãs eram todas de uma beleza incomparável. A mais velha tinha vinte e três anos, a segunda era um ano mais nova, a terceira um ano mais nova do que a segunda, e a quarta um ano mais nova do que a terceira. Eram altas, figuras soberbas, com cintilantes olhos escuros e cabelos de azeviche; todos os seus movimentos revelavam graça e dignidade, e a fama da sua grande beleza espalhara-se por toda a província.

Mas, se as quatro irmãs mais velhas eram encantadoras,

- que deliciosa não era a mais nova - uma delicada criatura de dezasseis anos! As cores suaves dos frutos e as tintas delicadas das flores, eram tão perfeitas como o rosado e o lírio da sua cara gentil, ou o azul profundo dos seus olhos. A cara, em toda a sua elegante luxúria, não era tão graciosa como os cachos do rico cabelo castanho que lhe ornava a fronte. O coração desta linda rapariga batia de alegria e satisfação. A sua afeição era o amor consagrado às irmãs e o seu riso, a música dulcíssima da sua casa.

Alice se chamava a rapariga; vivia com as irmãs numa velha casa de madeira no meio dum jardim rodeado por um muro de pedra, pertencente à Abadia de St. Mary, dos monges de St. Benedict, a quem pagavam a renda.

Numa manhã soalheira e clara de Verão, um dos monges saiu do portal da abadia, dirigindo-se para casa das cinco irmãs. Quando chegou ao jardim da casa, ouviu vozes suaves e um riso alegre; levantou a vista e viu as cinco irmãs sentadas na relva, entretidas a bordar.

- Salve-as Deus, minhas lindas filhas! - cumprimentou o monge.

As irmãs saudaram o santo homem com uma grande reverência e a mais velha convidou-o a sentar-se ao lado delas, mas o bom monge sacudiu a cabeça e escolheu uma pedra dura para descansar.

- Estais alegres, minhas filhas - comentou o monge.

- Bem sabeis como é ardente o coração da nossa querida Alice - respondeu a mais velha, passando os dedos pelas madeixas da sorridente rapariga.

- E que alegria e contentamento desperta em nós vermos a natureza cintilando de luz aos raios do sol, meu pai! - acrescentou Alice, corando sob o olhar severo do frade.

O monge não respondeu: inclinou apenas a cabeça com gravidade e as irmãs prosseguiram o trabalho em silêncio.

- Continuam desperdiçando horas preciosas - disse ele, por fim, voltando-se para a mais velha. - Continuam desperdiçando horas preciosas em ninharias vãs. Ai! Ai!, por que se teria espalhado tão facilmente-tudo o que o Céu ordena devemos ver nessa corrente profunda e escura- e não nessas poucas frivolidades à superfície da eternidade!

- Meu pai - irritou-se a donzela, parando o seu trabalho imitada pelas outras - temos orado às matinas, as nossas esmolas diárias têm sido distribuídas, os aldeões doentes têm sido assistidos - todos os nossos deveres matinais têm sido executados. A nossa ocupação não merece repreensão... acho eu.

- Veja isto - disse o frade, tirando-lhe o bastidor da mão - um emaranhado intrincado de cores garridas, sem fim ou objectivo, apenas para ser um dia destinado a ornamento vão para realçar o orgulho do vosso frágil e inconstante sexo. Dias após dias, têm sido empregados neste trabalho, sem sentido e que ainda não está meio feito. A sombra de cada dia que passa, cai sobre as nossas campas, e o verme exulta e observa para saber se nos apressamos para a moradia final. Minhas filhas, não haverá melhor forma de passar as horas fugitivas?

As quatro irmãs mais velhas baixaram os olhos como se se sentissem envergonhadas pela exprobação do santo ho mem, mas Alice ergueu os seus e baixou-os suavemente sobre o frade.

- A nossa querida mãe - disse a donzela - que o Céu tenha a sua alma em descanso!.

- Amen! - exclamou o monge em voz profunda.

- A nossa querida mãe - prosseguiu a linda Alice - vivia quando começaram estas longas tarefas e convidava-nos a aplicarmos nelas as nossas horas de ócio e dizia que se passássemos juntas em inocente alegria e modestos esforços essas horas, elas demonstrariam a imensa felicidade e paz das nossas vidas e que, mais tarde, nas tentações do mundo, deslumbradas pelo seu clarão, se nos esquecêssemos do amor e do dever que nos atavam com sagrados laços a um parent. e querido, um relance para o velho trabalho da nossa infância despertaria em nós os bons sentimentos dos dias passados e suavizaria os nossos corações para a afeição e para o amor.

- Alice diz a verdade, meu pai! - exclamou a irmã mais velha com orgulho.

E, dizendo isto, retomou o trabalho, fazendo as outras, o mesmo.

As cinco irmãs executavam idêntico trabalho curvando-se graciosamente sobre ele. O monge, apoiando o queixo nas mãos, olhava, em silêncio, duma para a outra.

- Quanto melhor não era - disse por fim - evitar todos esses pensamentos e esperanças e devotar as vossas vidas a Deus, no abrigo pacífico da Igreja. Infância, juventude, idade madura e velhice, tudo se consome rapidamente. Pensem como o pó da humanidade rola sobre a tumba; evitem a névem que se levanta entre os prazeres do mundo e engana os sentidos dos seus devotos. O véu, minhas filhas, o véu!

- Nunca, irmãs! - gritou Alice. - Não troquem a luz e o ar do céu, a frescura da terra e todas as belas coisas que palpitam sobre ela, pelo frio claustro e pela cela. Morrer é o nosso destino, mas morramos com vida à nossa volta; quando os nossos corações frios deixarem de bater que venham corações quentes bater junto deles; que os nossos últimos olhares

sejam para aqueles limites que Deus pôs nos seus ilhanos réus e não para uma parede de pedra com barras. Queridas irmãs vivamos e morramos se estão de acordo no limite deste verde jardim; fuçamos, simplesmente, das trévas e da tristeza do claustro, e seremos felizes.

As lágrimas corriam dos olhos da donzela quando terminou o seu apaixonado apelo e escondeu a face no peito da irmã.

- Anima-te, Alice! - murmurou a mais velha, beijando- lhe a testa pura. - o véu nunca baixará a sua sombra sobre o teu jovem semblante. O que dizem irmãs? Falai por vós e não por Alice ou por mim.

As irmãs, de pleno acordo, exclamaram que a sua sorte era comum e que havia moradias de paz e de virtudes fora das paredes do convento.

- Meu pai! - disse a mais velha, levantando-se com dignidade - ouviu a nossa resolução final. O mesmo piedoso cuidado que adornou a Abadia de St Mary e nos deixou, órfãs, à sua guarda sagrada, não nos obriga a constranger as nossas inclinações; somos livres para viver de acordo com a nossa escolha. Peço-vos para não se falar mais nisto. Irmãs, é quase meio-dia. Abriguêmo- nos até à tarde! - Com uma reverência ao frade, encaminhou-se para casa, de mão dada com Alice, seguida pelas outras irmãs.

O santo homem, que já insistira várias vezes no mesmo ponto e nunca encontrara uma repulsa tão directa, deu alguns passos atrás, inclinou o olhar para o chão movendo os lábios como se orasse. Quando as irmãs atingiram o pórtico, ele apressou o passo e disse-lhes para pararem.

- Fiquem - pediu o monge, erguendo a mão direita e dirigindo um olhar severo para Alice e para a irmã mais velha. - Fiquem e ouçam o que são essas lembranças. A memória das coisas terrenas é recordada depois da vida, com amargo desapontamento, aflição e morte. Um dia virá em que um relance para essas bagatelas, abrirá profundas feridas nos corações de algumas de entre vós e abale o íntimo das suas almas. Quando chegar essa hora, voltem costas ao mundo a que estão abraçadas e procurem o refúgio que desprezam. Acharão que a cela é mais fria do que o fogo dos mortais e que o seu frio aumenta quando turbado pela calamidade e pela experiência, e será o açoite dos sonhos da juventude. Estas coisas são a vontade do Céu e não a minha. A Virgem vos abençoe, minhas filhas!

Com estas palavras o monge desapareceu pela porta traseira e, as irmãs, apressando-se a entrar em casa, não tornaram a ser vistas nesse dia. Mas a natureza continuava a sorrir embora os prelados enrugassem a testa e, no dia seguinte e nos que vieram depois, o sol brilhasse alegremente e as irmãs retomassem os seus passeios, o seu trabalho e as suas alegres conversas no jardim.

O tempo passou, a casa das cinco irmãs continuava no mesmo sítio, estas eram ainda encantadoras, mas operara-se uma mudança no seu viver. Algumas vezes ouvia-se o chocar duma armadura e viam-se brilhar à luz da lua os capacetes de ferro; noutras, uma forma feminina deslizava precipitadamente, como se estivesse ávida de saber notícias dum mensageiro fatigado. Um alegre rancho de cavaleiros e damas, alojaram-se uma noite dentro dos muros da Abadia e, no dia seguinte, foram-se embora, levando consigo duas das lindas irmãs. Depois os cavaleiros começaram a vir com menos frequência e pareciam trazer más notícias quando apareciam. Por fim, nunca mais voltaram.

Uma vez, foi despachado à

pressa um vassalo para a Abadia ao cair da noite, e quando chegou a manhã, ouviram-se, na casa das irmãs, sons de mágoa e tristeza, após o que se fez um silêncio de morte, não sendo mais vistos cavaleiros ou dama, cavalo ou armadura.

Os olhos do frade já se não dirigiam para a terra; deixava-os errar dum lado para o outro, como se a melancolia e a desolação da cena, achasse uma rápida resposta no seu próprio peito. Continuava a parar junto da casa das irmãs e a entrar pela porta traseira, mas já não ouvia o som das gargalhadas, nem os seus olhos pousavam nas lindas figuras das irmãs. Estava tudo silencioso e deserto.

Com a indiferença ou abstracção duma pessoa muito acostuada às mudanças da vida, o monge introduziu-se na casa e entrou num quarto escuro e desprezível. Estavam lá sentadas quatro irmãs. Os seus vestidos pretos tornavam pálidas as suas faces e, o tempo e a tristeza, cavara-lhes pro fundas rugas. Eram ainda majestosas, mas

o viço e o esplendor da beleza, tinham desaparecido. E Alice? Onde estava ela? No Céu!

O próprio monge sentia mágoa. Sentou-se em silêncio e pediu-lhes para falar.

Estão aqui as minhas irmãs - disse a mais velha em voz trémula. - Não nasci para tomar conta delas e agora censuro-me pela minha fraqueza. O que há na lembrança dela que devamos temer? Recordar os dias passados, será ainda um grande prazer.

Olhou para o monge enquanto falava e, abrindo um contador, tirou para fora os cinco bastidores com os trabalhos completados há muito. O passo era firme, mas a mão tremia-lhe quando mostrou o último; e quando os sentimentos das irmãs se manifestaram à vista dele, as lágrimas correram-lhe dos olhos e soluçou: Deus a abençoe!

O frade levantou-se e avançou para elas.

-Foi quase a última coisa em que ela tocou, com saúde - declarou ele em voz baixa.

- E foi - confirmou a irmã mais velha, chorando amargamente.

O monge voltou-se para a segunda irmã.

-O jovem enamorado que se te espelhou nos olhos e te cortou a respiração quando a primeira vez viu o teu ardor neste passatempo, jaz amortalhado num chão em que a erva está tinta de sangue. Fragmentos enferrujados de armadura, outrora brilhantemente brunida, estão dispersos pela terra e são pouco perceptíveis como sendo seus, tal como são os seus ossos, que se desfazem em pó.

Ela gemeu e torceu as mãos.

- A política das cortes - continuou o monge, voltando-se para as outras duas irmãs - arrancou-vos da casa pacífica para casas de bulício e esplendor. A mesma política e a ambição de homens turbulentos e orgulhosos fizeram-vos regressar como donzelas enlutadas e cheias de humilhação. Falo verdade?

A única resposta foram os soluços das duas irmãs.

- Há pouca necessidade - prosseguiu o monge com um olhar significativo - em desperdiçar o tempo com ninharias que farão levantar os pálidos fantasmas de esperanças dos anos da juventude. Enterrai-vos, fazei penitência e mortificai-vos, curvai a cabeça e seja o convento o seu túmulo.

As irmãs pediram três dias para deliberar e, nessa noite, sentiram que o véu era a única coisa apropriada para cobrir as suas alegrias desfeitas. Mas veio a manhã, mostrando o jardim, que era ainda o mesmo, apesar de todas as tristezas, e não puderam pensar na reclusão dum convento, cujas paredes tão odiadas tinham sido por Alice.

Mandaram para o estrangeiro, para artistas de grande celebridade, as suas obras obtendo a aprovação da Igreja na execução dos seus trabalhos de piedade, que executavam em cinco grandes aposentos providos de belos espelhos, cópias fiéis dos seus velhos trabalhos de bordado, adaptados a uma grande janela. E quando o sol brilhava alegremente, reflectia sobre o pavimento, através dos modelos familiares, o nome querido de ALICE, gravado numa pedra.

As irmãs costumavam ajoelhar-se diariamente diante desta pedra, mas elas próprias foram, a pouco e pouco, rareando até os nomes das outras quatro serem sucessivamente gravados nela. Esta pedra gastou-se e foi substituída por outras. O tempo suavizou as cores, mas o mesmo raio de luz ainda cai sobre o túmulo esquecido e ainda hoje se mostra ao forasteiro, na Catedral de York, uma velha janela chamada das Cinco Irmãs.

- um conto melancólico - observou o cavalheiro de rosto bem humorado, esvaziando o copo.

- um conto da vida e a vida é feita destas tristezas - respondeu o outro delicadamente, mas num tom de voz grave e triste.

- Em todas as boas pinturas há sombras, mas há também brilho, se nos dispusermos a contemplá-las

- observou o cavalheiro de cara prazenteira. - A irmã mais nova, no seu conto, é sempre um coração alegre!

- E morreu cedo - notou o outro suavemente.

-Se ela tivesse morrido mais cedo talvez tivesse sido menos feliz - replicou o primeiro, com muito

sentimento. Acredita que as irmãs, que a amavam tanto, teriam chorado menos se a vida dela fosse escura e triste? O sol não brilha sobre esta bela terra para iluminar os olhos sombrios, fixos nele.

- Creio que tem razão - respondeu o cavalheiro que contara a história.

- Crê? - retorquiu o outro. - Pode alguém duvidar? Tome um assunto de profunda tristeza e veja como anda ligado a muito prazer. A lembrança das alegrias passadas pode converter-se em dor.

- Converter-se - afirmou o outro.

- Bem, converte-se. Recordar uma felicidade que não nos pode ser restituída é dor, mas dum género suave. As nossas lembranças estão, infelizmente, misturadas com muito daquilo que deploramos e muitas acções de que nos arrependemos amargamente. Contudo, acredito firmemente que nas vidas de mais alternativas há tantos raios de sol para contemplar que não creio que qualquer mortal

- a não ser que não lhe reste a mínima esperança - encha deliberadamente a taça com as águas do Lete, se isso estiver em seu poder. - observou

-Possivelmente tem razão no seu pensamento - observou o cavalheiro de cabelos grisalhos depois de curta reflexão. -Sinto- me inclinado a crer que tem.

- Então - replicou o outro - o bem neste estado de existência, tem preponderância sobre o mal. Se experimentarmos as nossas afeições, vemos que elas são consolação e conforto e a recordação, embora triste, é o elo melhor e mais puro entre est mundo e o outro. Porém, vou contar uma história de outro género.

Após um breve silêncio, o cavalheiro de cara prazenteira distribuiu o ponche em redor e, olhando sorratamente para a senhora susceptível, que parecia imensamente apreensiva

receando que ele pudesse contar alguma coisa imprópria, começou:

#### O BARÃO DE GROGZWIG

O barão von Koldwethout, de Grogzwig, na Alemanha, era um jovem fidalgo, agradável como se desejaria que fosse. É escusado dizer que vivia num velho castelo, ao qual estavam ligadas estranhas circunstâncias, sendo uma delas, quando o vento soprava e a lua brilhava, infiltrar-se na aparição através de buracos nas paredes, iluminando uns

apostos e deixando outros em completa escuridão. Creio que um dos antepassados do barão, estando necessitado de dinheiro, certa noite matara um cavalheiro que pedira para lhe ensinar o caminho. Desde então, este antepassado do barão, sendo uma criatura alegre, começou a entristecer e apoderando-se violentamente de pedra e madeira pertencentes a outro barão, mandara construir uma capela, pagando assim ao Céu todos os seus pecados.

Mas o barão von Koldwethout de Grogzwig, era um belo rapaz trigueiro de cabelo preto e grandes bigodes que ia para a caça vestido de verde lincoln, botas rústicas e uma trompa pendente do ombro. Quando soprava na trompa, acudiam vinte e quatro outros cavaleiros, indo todos para a caça do javali, ou do urso, se o encontravam, em cujo caso o barão era o primeiro a matá-lo.

O barão de Grogzwig levava uma vida

alegre, e com ele a sua comitiva, que bebia vinho do Reno até cair para baixo da mesa. Mas os prazeres da mesa - ou de baixo da mesa - precisam dum pouco de variedade, principal nente quando as mesmas vinte e cinco pessoas se sentam diariamente à mesma mesa para falarem dos mesmos assuntos e contarem as mesmas histórias. O barão tornou-se aborrecido e queria excitação.

Começou por discutir com os seus hóspedes e dar pontapés em dois ou três, todos os dias, depois do jantar. Ao princípio esta mudança foi divertida, mas depois tornou-se monótona e o barão desesperou-se, procurando novo divertimento.

Uma noite depois dum dia de caça em que apanhou um belo urso, trazido para casa em triunfo, o



barão von Koldwe thout sentou-se de mau humor à cabeceira da mesa, olhando o tecto, com uma espécie de descontentamento. Ingeriu enormes copos de vinho, mas quanto mais bebia mais o semblante se lhe carregava. Os cavalheiros que tinham sido honrados com a perigosa distinção de se sentarem à sua esquerda e à sua direita, imitavam-no no beber e franziam o sobrolho uns para os outros.

- Quero - gritou o barão de repente, batendo na mesa com a mão direita e retorcendo os bigodes com a esquerda. Quero que encham os copos e bebam à saúde de Lady de Grogzwig.

Os vinte e quatro convivas empalideceram, excepto os vinte e quatro narizes, que eram imutáveis.

- Já disse, à saúde de Lady de Grogzwig! - repetiu o barão, olhando em volta da mesa.

A saúde de Lady de Grogzwig - berraram os vinte e quatro homens e vinte e quatro goelas engoliram quarenta e oito copos imperiais daquele raro e velho vinho, ficando a lamber-se quarenta e oito beiços.

- a linda filha do barão von Swillenhause - disse Koldwethout, condescendendo em explicar-se. - Vamos pedi-la em casamento a seu pai, antes que o sol se esconda amanhã. Se ele a negar, cortamos- lhe o nariz.

Um murmúrio rouco levantou-se da assistência e todos os homens tocaram, primeiro nos copos da espada e depois na ponta do nariz, com medonha significação.

A donzela estava em paz com a sua consciência, quando um madrugador mensageiro trouxe o pedido de von Koldwe thout na manhã seguinte e, modestamente, retirou-se para a sua câmara, de cuja janela observou a vinda da comitiva e o acompanhamento do suplicante. Ipress teve a certeza de que o cavaleiro de grandes bigodes era o seu proposto marido e apressou-se a ir à presença do pai para lhe exprimir a sua resolução em sacrificar-se para assegurar a paz. O venerável barão abraçou a filha e os olhos brilharam-lhe de alegria.

Nesse dia houve uma grande festa no castelo. Os vinte e quatro convivas de von Koldwethout trocaram votos de eterna amizade com os doze convivas de von Swillenhause e prometeram ao velho barão que se embebedariam até ver tudo azul, significando, provavelmente, até as suas figuras adquirirem a mesma cor dos seus narizes. Toda a gente dava palmadas nas costas uns dos outros quando chegou a ocasião da partida e o barão von Koldwethout, e a sua comitiva, cavalgaram jovialmente para casa.

Por seis semanas, os ursos e os javalis tiveram feriado. As casas de Koldwethout e de Swillenhause estavam em paz;

as lanças enferrujaram e a trompa enrouqueceu por falta de sopro. Foram grandes dias para os vinte e quatro, mas os seus grandes e prósperos dias tinham-se posto a andãr.

- Meu querido! - disse a baroneza.

Meu amor! - respondeu o barão.

- Esses homens barulhentos e grosseiros.

- Quais, ma'am? - perguntou o barão suspirando em voz baixa. A baronesa, da janela, apontou para onde estavam os inconscientes convivas, entregando-se a copiosos tragos de despedida, preparatórios para perseguir um ou dois javalis.

- a minha comitiva de caça ma'am - disse o barão.

Mande-os embora, meu amor! - pediu a baronesa.

Mandá-los embora? - exclamou o barão com assombro.

Para me agradar, meu amor! - replicou a baronesa.

Para agradar ao diabo, ma'am - respondeu o barão.

A baronesa soltou um grande grito e caiu redondamente aos pés do marido. O que podia fazer o barão? Chamou a aia da senhora e berrou pelo médico e depois, entrando no pátio como uma tromba deu dois pontapés nos dois convivas mais acostumados e e, amaldiçoando-os a todos, mandou-os para... Não sei a palavra em alemão, e se soubesse, delicadamente, deixaria a frase assim.

Entretanto, a baronesa von Koldwethout, pouco a pouco, dia a dia, ano a ano, tomou um ascendente sobre o marido a ponto dele - que era nessa ocasião um homem de quarenta e oito anos- gordo e jovem, ter perdido as suas festas, as paródias, a comitiva de caça e a própria caça em suma de que ele gostava - ou costumava gostar. - E embora fosse feroz como um leão e rijo como o bronze, estava decididamente cerceado no seu poder e destituído pela própria mulher no seu próprio castelo de Grogzweg. Não ficaram por aqui os infortúnios do barão. Um ano depois das suas núpcias veio ao mundo um robusto barãozinho, em cuja honra se queimou muito fogo de vista e se beberam muitas dúzias de garrafas de vinho; mas no ano seguinte, apareceu uma baronesazinha e no ano a seguir outro barãozinho e assim por diante, todos os anos, quer um barão, quer uma baronesa - até o barão se encontrar chefe de uma família de doze membros. Após cada um destes aniversários, a venerável baronesa von Swillenhausem ficava nervosamente sensível pelo bem-estar da sua filha, a baronesa von Koldwethout. Resultou disto contenderem os génios daquela senhora e do genro, a quem ela acusava de bruto e de coração duro.

O pobre barão suportou isto até poder e quando já não podia mais perdeu o apetite e o espírito. Vivia triste e abatido. Mas o pior não tinha ainda acontecido.

Os tempos mudaram. Começou

a dever. Os cofres dos Grogzwegs estavam em baixo, embora a família de Swillenhausem os tivesse como inesgotáveis; e isto quando a baronesa estava a ponto de fazer uma

décima terceira adição à árvore genealógica da família von Koldwethout descobriu que não tinha meios para os ali mentar.

- Não sei o que se há-de fazer - disse o barão. - Penso em matar-me.

Era uma bela ideia. O barão agarrou numa velha faca e, tendo-a afiado nas botas, preparou-se para cortar as goelas.

Talvez não esteja suficientemente afiada - observou o barão, parando de repente.

Afiou-a outra vez e fez nova tentativa, quando a mão foi suspensa por um grande alarido dos jovens barões e baronesas, que tinham o seu aposento próprio numa elevada torre com barras de ferro por fora das janelas, para evitar que caíssem dentro do fosso.

- Se fosse solteiro - comentou o barão, suspirando - já tinha feito isto cinquenta vezes sem ser interrompido! Ouve lá! Põe um cangirão de vinho e o maior cachimbo no pequeno

quarto abobadado por detrás do átrio!

Um dos criados executou, duma maneira gentil, as ordens do barão no decurso duma meia hora e, von Koldwethout, dirigiu-se depois para o quarto abobadado, cujas paredes, sendo de madeira escura e brilhante, cintilavam com a luz das achas incandescentes, empilhadas dentro do fogão. O cangirão e o cachimbo estavam prontos e o lugar parecia, sobretudo, muito confortável.

- Deixa a lâmina - ordenou o barão.

-Quer mais alguma coisa, meu senhor? - perguntou o criado.

- Quero que me deixes! - respondeu o barão.

O criado obedeceu e o barão fechou a porta à chave.

- Vou fumar uma última cachimbada e depois acabo com a vida.

Pôs a faca em cima da mesa e, deitando uma boa porção de vinho, o senhor de Grogzweg recostou-se na cadeira, esticou as pernas em frente do lume e começou a tirar fumaças.

Pensou em muitas coisas, nas suas presentes inquietações e nos passados dias de celibato, nos convivas há muito dispersos pelo país, com excepção de dois que tinham sido, infelizmente, decapitados e de quatro que tinham morrido a beber. O pensamento discorria sobre os ursos e javalis quando, ao despejar o copo até à última gota,

levantou os olhos e viu, pela primeira vez e com infinita surpresa, que não estava só.

- Olá! - exclamou o barão, batendo com o pé para atrair a atenção.

- Olá! - replicou o estranho, deitando os olhos para o barão sem, contudo, voltar a cara ou o corpo. - O que temos?

- O que temos?! - retorquiu o barão, nada amedrontado pela sua voz cavernosa e o olhar sem brilho.

- Eu é que devia fazer essa pergunta. Como entrou aqui?

- Através da porta - respondeu a figura.

- Quem é? - inquiriu o barão.

- Um homem - disse a figura.

- Não creio - respondeu o barão.

- Então, não creia! - replicou a figura.

- É o que faço - respondeu o barão.

A figura olhou para o destemido barão de Grogzwig durante algum tempo e depois disse familiarmente:

- Vejo que não se dá por vencido! Não sou um homem!. < <- Então que é? - perguntou o barão.

- Um génio.

- Não se parece muito com eles - retorquiu o barão ironicamente.

- Sou o Génio do Desespero e do Suicídio - confessou a aparição. - Agora já me conhece.

Ao dizer estas palavras a aparição voltou-se para o barão como se estivesse a acomodar-se para uma conversa e, o que pareceu notável foi, depois de pôr a capa de lado, tirar uma estaca com um puxão, do meio do corpo e pô-la sobre a mesa, com tanto jeito como se fosse a bengala.

- Agora - perguntou a figura, olhando para a faca - está pronto para mim?

- Não completamente - informou o barão. - Tenho de acabar primeiro esta cachimbada.

- Então, avie-se - recomendou a figura.

- Parece ter pressa - estranhou o barão.

- Sim, tenho - respondeu a aparição. - Estão agora a fazer um lindo trabalhinho no meu trajecto para Inglaterra e França e o meu tempo está muito ocupado.

- Bebe? - inquiriu o barão, tocando no cangirão com o cachimbo.

- Nove em cada dez vezes e, então, muito - replicou a figura secamente.

- Nunca com moderação?

- Nunca - retorquiu a figura com horror. - Isso produz alegria!

O barão deitou um outro olhar ao novo amigo, tipo extravagante e invulgar e, por fim, perguntou-lhe se tinha tomado parte activa naqueles pequenos processos como o que tinha agora em mente.

- Não - respondeu a figura, evasivamente - mas estou sempre presente.

- Apenas para tirar a limpo, suponho eu - disse o barão.

- Justamente - aquiesceu a figura, brincando com a vara e examinando o cabo. - Apresse-se o mais que puder, pois há um cavalheiro novo que está aflito com demasiado dinheiro e as muitas horas vagas que tem e, precisa de mim!

- Ir-se matar por ter dinheiro demais? - exclamou o barão muito divertido. - Ah! ah!, essa é boa. - Era a primeira vez que o barão ria havia muito tempo.

- Previno-o - repreendeu a figura, zangada - para não tornar a fazer isso!

- Por que não? - quis saber o barão.

- Porque isso me magoa - explicou a figura. - Suspire à vontade, isso faz-me bem.

O barão suspirou involuntariamente ao ouvir a palavra e a figura resplandeceu outra vez, entregando-lhe a faca de caça com enorme galantaria.

- Não é contudo, uma má ideia - disse o barão, sentindo o gume da faca - um homem matar-se por ter dinheiro a mais.

- Ora adeus! - exclamou a aparição com petulância não é melhor do que um homem matar-se por não ter nenhum pouquinho?

Não tenho modo de saber se o génio disse isto sem intenção, ou por estar convencido de que não tinha importância para o barão, por estar resolvido a matar-se. Sei apenas que este estendeu a mão de repente, abriu muito os olhos e pareceu pela primeira vez ter recebido uma inspiração.

- Certamente - considerou von Koldwethout - nada é demasiado para que se não possa recuperar.

- Excepto cofres vazios! - exclamou o génio.

- Bem, mas esses podem, um dia, ser novamente cheios - alvitrou o barão.

- Esposas a ralharem... - escarneceu a aparição.

- Oh! Essas podem ser dominadas! - afirmou o barão.

- Treze filhos... - disse o génio.

- Seguramente que não podem ir todos por mau caminho - comentou o barão.

O génio tinha-se tornado, evidentemente, muito severo para com o barão, por est apresentar todas estas opiniões dum vez mas tentou rir e disse ficar-lhe muito agradecido, prevenindo-o quando acabasse de brincar.

- Mas eu não estou a brincar! Nunca estive mais longe disso! - advertiu o barão.

- Bem, sinto-me satisfeito por saber! - disse o génio, parecendo irritado - porque uma brincadeira sem qualquer figura discursiva é a minha morte. Vamos! Deixe imediatamente este mundo de tristeza!

- Não sei - confessou o barão, brincando com a faca. decerto um mundo triste, mas não creio que o seu seja muito melhor, pois a sua aparência não é muito agradável.

Isso obriga-me a pensar no que ganho, no fim de contas, se sair deste mundo! - exclamou, levantando-se vivamente. - Nunca pensei nisso...

- Despache-se! - gritou a figura, rangendo os dentes.

- Acomode-se - aconselhou o barão. - Não falarei mais em desgraças, mas farei boa cara ao assunto e voltarei para o ar livre e para os ursos; e se não fizer isso, conversarei com a baronesa muito a sério e corto com o peso morto dos von Swillenhousens.

Em dizendo isto, o barão caiu na cadeira a rir tanto e com tanta força, que o quarto estremeceu.

A figura recuou um ou dois passos, olhando para o barão com intenso horror e, quando ele acabou, agarrou na vara, mergulhou-a violentamente no corpo, soltou um berro medonho e desapareceu.

Von Koldwethout nunca mais o viu. Chamou à razão a baronesa e os von Swillenhousens e morreu muitos anos depois, não um homem rico, mas certamente um homem feliz, deixando após si uma numerosa família cuidadosamente educada, pessoalmente por ele, na caça ao javali e ao urso. O meu conselho a todos os homens quando se sentirem desorientados e melancólicos por causas semelhantes - como fazem os verdadeiros homens - é de olhar para ambos os lados da questão, aplicando uma lente ao lado melhor, e se se sentirem tentados ao suicídio, fumem primeiro uma grande cachimbada e bebam uma garrafa inteira, aproveitando o louvável exemplo do barão de Grogzwig!

- A nova diligência está pronta, minhas senhoras e meus senhores! - anunciou um novo cocheiro, olhando para dentro de casa.

Este aviso fez com que o ponche fosse terminado à pressa e evitou discussões sobre a última história. Observou-se Mr. Squeers a afastar para o lado o cavalheiro

de cabelo grisalho e a perguntar-lhe com grande interesse aparente se podia informar quanto levavam por um ano aos seus internos, os conventos de Yorkshire. Continuou-se depois a jornada. Nicholas adormeceu até de manhã e quando acordou viu com muito pesar, que durante o seu sono tinham descido e ido embora o barão de Grogzwig e o cavalheiro de cabelo grisalho. O dia arrastou-se bastante desagradavelmente. Cerca das seis horas ele e Mr. Squeers, com os rapazinhos e as bagagens, desceram na George and New Inn, em Greta Bridge.

## CAPÍTULO VII

### MR. E MRS. SQUEERS DE PORTAS ADENTRO

Mr. Squeers, saltando em terra são e salvo, deixou Nicholas e os rapazes na estrada com as bagagens, a olharem para a diligência a mudar de cavalos, enquanto ele entrava na hospedaria para o costumado processo de desentorpecer as pernas no bar. Depois de alguns minutos regressou com as pernas perfeitamente desentorpecidas, em que o aspecto do nariz e uns curtos soluços queriam dizer alguma coisa. Ao mesmo tempo saiu do pátio uma ferrugenta carruagem dum cavalo e uma carroça, guiado por dois homens de lavoura.

- Ponha os rapazes e as caixas dentro da carroça - ordenou Squeers, esfregando as mãos. - Este e eu, vamos na carruagem. Entre, Nickleby.

Nicholas obedeceu. Mr Squeers obrigou o cavalo também a obedecer, com alguma dificuldade, deixando a carroça, carregada com as desgraçadas crianças, seguiu-os a todo o vapor.

- Tem frio, Nickleby? - perguntou Squeers depois de terem andado um bocado em silêncio.

- Devo dizer que tenho bastante, sir.

- Não vejo nisso qualquer falta! - disse Squeers. - É uma grande jornada para um tempo destes!

- Dotheboys Hall, ainda fica longe, sir? - inquiriu Nicholas.

- Cerca de três milhas daqui - informou Squeers. - Mas não precisa de chamar Hall àquilo.

Nicholas tossiu como se quisesse saber a razão.

- O facto é que não é um Hall - explicou Squeers secamente.

- Não? - disse Nicholas, a quem esta informação muito admirou.

- Não - replicou Squeers. - Chamamos-lhe Hall, em Londres, por soar melhor, mas nestes sítios não é assim conhecido. Um homem pode chamar à sua casa uma ilha, se lhe apraz; não há lei alguma contra isso, creio eu.

- Creio que não, sir - respondeu Nicholas.

Squeers deitou dissimuladamente os olhos para o seu companheiro quando acabou o diálogo e, vendo que ele se tinha tornado pensativo e não parecia disposto a qualquer observação, contentou-se em fustigar o cavalo até chegarem ao fim da viagem.

- Desça - convidou Squeers. - Venham desengatar este cavalo! Depressa! - gritou.

Enquanto o mestrescola dava estas e outras ordens impacientes, Nicholas teve tempo de observar que a escola era uma casa comprida, de aparência fria, com um andar

e uns anexos muito afastados nas traseiras, um celeiro e uma cocheira adjacentes. Depois de um ou dois minutos ouviu-se alguém a abrir o portão do pátio e a seguir encaminhou-se para eles um rapaz alto e magro, com uma lanterna na mão.

- És tu, Smike? - perguntou Squeers.

- Sim, sir! - respondeu o rapaz.

- Então por que diabo não vieste mais depressa?

- Desculpe-me, sir, adormeci ao pé do lume - explicou Smike, humildemente.

- Lume? Qual lume? Onde está o lume? - perguntou o mestre-escola severamente.

- Apenas na cozinha, sir - respondeu o rapaz. - A senhora disse-me para me sentar e aquecer-me um pouco.

- A tua senhora é doida! - exclamou Squeers. - Estarias mais acordado se estivesses ao frio!

Nesta altura Mr. Squeers já tinha descido da carruagem e depois de ter dito ao rapaz para olhar pelo

cavalo e de não lhe deitar mais comida nessa noite, disse a Nicholas para esperar um minuto à porta da frente, enquanto ele ia de roda para lha abrir. Um cortejo de desagradáveis suspeitas, que Nicholas tinha vindo a acumular durante toda a viagem, acudiram-lhe em

tropel à mente com redobrada força, quando ficou só. A grande distância a que estava de casa e a impossibilidade de lá chegar, a não ser a pé, no caso de desejar ir embora, apresentou-se-lhe com as mais alarmantes cores. E quando olhou para a horrível casa, para as janelas escuras e para o campo bravio em volta, coberto de neve, sentiu o espírito e o coração oprimidos, como antes nunca experimentara.

- Vamos, então! - gritou Squeers, pondo a cabeça fora da porta da frente. - Onde está você, Nickleby?

- Aqui, sir - respondeu Nicholas.

- Então entre-convidou Squeers. - O vento sopra nesta porta com tanta força que é capaz de derrubar um homem.

Nicholas suspirou e apressou-se a entrar. Mr. Squeers, tendo aferrolhado a porta para a conservar fechada, introduziu-o numa pequena saleta mal mobilada com algumas cadeiras, um mapa amarelo pendente da parede e duas mesas, uma das quais apresentava alguns preparativos para a ceia, enquanto a outra para um auxiliar do preceptor, tinha uma gramática de Murray, meia dúzia de cartões com as condições e uma carta enxovalhada, dirigida a Wackford Squeers, Esquire, colocados em pitoresca confusão.

Não estavam havia dois minutos no aposento quando uma mulher entrou de repelão e, agarrando Mr. Squeers pelo pescoço, deu-lhe dois sonoros beijos, um a seguir ao outro, como o bater do carteiro. A senhora, que tinha uma figura ossuda, era cerca de meia cabeça mais alta do que Mr. Squeers e estava vestida com uma camisa de noite em festão às riscas, e o cabelo metido em papalotes; tinha também uma coifa de dormir, suja, realçada por um lenço amarelo de algodão, atado sob o queixo.

- Como está o meu Squeery? - perguntou com umas ma neiras brincalhonas e voz muito rouca.

- Muito bem, meu amor! - respondeu Squeers. - Como estão as vacas?

- Todas perfeitamente - informou a mulher.

- E os porcos? - inquiriu Squeers.

- Tão bem como quando te foste embora.

- Vamos, é uma vantagem - retorquiu Squeers, tirando o sobretudo. - Suponho que os rapazes também estão na mesma!

- Oh, sim! Bastante bem - afirmou Mrs. Squeers, furiosa.

- Esse jovem Pitcher teve febre.

- Não me digas - exclamou Squeers. - Esse maldito rapaz está sempre doente!

- Nunca houve um rapaz assim, creio eu - disse Mrs. Squeers. - Apanha também tudo o que aparece.

Digo que é a sua teimosia e nada me convence do contrário. Eu já

o tinha posto com dono; disse-to há seis meses atrás.

- Pois disseste, meu amor! - confirmou Squeers. - Veremos o que se pode fazer.

Enquanto duraram estas pequenas meiguices, Nicholas sentia-se bastante desajeitado no meio do aposento, não sabendo

muito bem se se devia retirar para o corredor, ou ficar onde estava. Foi tirado da sua perplexidade por Mr. Squeers.

- Este é o novo ajudante, minha querida! - anunciou.

- Oh! - exclamou Mrs. Squeers, baixando a cabeça para Nicholas e olhando-o friamente da cabeça aos pés.

- Hoje toma uma refeição connosco - advertiu Squeers - e amanhã de manhã fica com os rapazes.

Podes arranjar-lhe uma cama improvisada, esta noite, aqui, não é verdade?

- Temos de arranjar isso de qualquer maneira - respondeu ela. - Importa-se muito onde dormir, sir?

- Na verdade, não - retorquiu Nicholas. - Não sou esquisito.

- É uma felicidade - comentou Mrs. Sueers. E como o humor da senhora foi considerado

principalmente, como uma réplica mordaz, Mr. Squeers riu de vontade e esperou que Nicholas fizesse o mesmo.

Depois duma sucessiva conversa entre o dono e a dona da casa, relativa ao sucesso da viagem de Mr. Squeers, das pessoas que tinham pago e daquelas que não tinham pago, uma criada trouxe um pastelão de Yorkshire e alguma carne fria postos em cima da mesa, aparecendo depois o rapaz chamado Smike com um cangirão de cerveja.

Mr. Squeers estava esvaziando as algibeiras do sobretudo, de cartas para diferentes rapazes e outros pequenos documentos que lá metera. O rapaz relanceou os olhos para os papéis com uma expressão tímida e ansiosa, como se tivesse uma ténue esperança de que algum deles se relacionasse consigo. O olhar era de causar dó e imediatamente entrou no coração de Nicholas por lhe deixar entrever uma longa e triste história.

Induziu-o a observar o rapaz com mais atenção; a extraordinária mistura de peças que formavam o seu vestuário, com o que ficou surpreendido. Embora não pudesse ter menos de dezoito ou dezanove anos e fosse alto para essa idade, usava um fato usado por rapazes muito pequenos o qual, embora muito curto nos braços e nas pernas, era bastante largo para a sua figura adelgada. Para a parte inferior das pernas poderem estar em concordância com este traje singular, calçava um grande par de botas originalmente feitas para pessoas altas, que podiam já ter sido usadas por algum campónio forte, mas remendadas e esfarrapadas como estavam agora, eram boas para um pedinte. Deus sabia há quanto tempo estava ali usando ainda a mesma roupa interior com que para lá tinha ido. Em volta do pescoço tinha uns esfarrapados bofes de camisa de criança meio escondidos por um grosseiro lenço de homem. Era coxo e, fingindo-se atarefado em arranjar a mesa, olhava as cartas com um olhar tão penetrante e, contudo tão desesperançado e desanimado, que Nicholas mal podia aguentar-se a observá-lo.

- O que tens tu a ver com isto, Smike? - gritou Mrs. Squeers. - Deixa as coisas quietas, ou não podes?

- Ah! - exclamou Squeers, levantando a vista. - És tu?

- Sim, sir - respondeu o jovem, apertando as mãos, como a reprimir, pela força, o nervoso que lhe estava nos dedos. - Há?.

- O quê? - exclamou Squeers.

- Tem?. Alguém?. Não se sabe nada. a meu respeito?

- Sabe o diabo! - respondeu Squeers de mau modo.

O rapaz afastou os olhos e, levando a mão à cara, encaminhou-se para a porta.

- Nem uma palavra - acrescentou Squeers - e nem ha verá! É lindo, não é? Deixarem-te aqui todos estes anos sem dinheiro pago, depois do primeiro semestre. sem avisarem, nem qualquer indicação a quem pertences? Não é uma linda coisa ter de sustentar um tipo como tu, sem ter a esperança de receber um péni por isso?

O rapaz levou a mão à cabeça como se estivesse a fazer um esforço para se lembrar de qualquer coisa e depois, olhando vagamente para o seu interlocutor, abriu pouco a pouco um sorriso e desapareceu.

- Digo-te, Squeers - observou a mulher quando a porta se fechou. - Estou convencida que este rapaz começa a estar parvo!

- Espero que não - disse o mestre-escola - porque é um tipo hábil lá fora e vale o que come e bebe. Prefiro pensar que tem entendimento suficiente para nós. Mas vamos; comecemos a comer, pois estou com fome e cansado, e preciso de ir para a cama.

Esta lembrança valeu uma exclusiva posta de carne a Mr. Squeers, que não tardou em dar-lhe amplo descaminho. Nicholas puxou a cadeira, mas o apetite tinha-se ido embora.

- Como está a carne, Squeers? - perguntou a mulher.

- Tenra como cordeiro - respondeu Squeers. - Queres um pedaço?

- Não poderia tragar nada! - retorquiu a mulher. - Que come este jovem, meu querido?  
- O que ele quiser do que está presente - replicou Squeers numa explosão de generosidade muito pouco usual.

- O que diz, Mr. Nickleby? - inquiriu Mrs. Squeers.

- Como um pouco de pastelão, se faz favor - respondeu Nicholas. - Muito pouco, pois não tenho fome.

- É uma pena cortar o pastelão se não tem fome, não é?

- observou Mrs. Squeers. - Não prefere um bocado de carne?

- O que quiser - replicou Nicholas, abstraído - para mim é tudo o mesmo.

Mrs. Squeers tornou-se extremamente graciosa ao ouvir esta resposta e, acenando para Squeers como para lhe manifestar a sua satisfação em encontrar um rapaz conhecendo o seu lugar, ajudou Nicholas a partir uma fatia de carne com as suas próprias lindas mãos.

- Cerveja, Squeery? - perguntou a senhora, pestanejando e franzindo as sobrancelhas para lhe dar a entender que a pergunta era, se dava alguma a Nicholas, no caso de Squeers beber.

- Certamente! - respondeu Squeers pelo mesmo código telegráfico. - Um copo cheio.

Por isso Nicholas teve o seu copo cheio e estando ocupado com as reflexões íntimas, bebeu-o na feliz inconsciência de todos os processos precedentes.

- Esta fatia é invulgarmente succulenta - comentou Squeers, pondo de lado o garfo e a faca, depois de ter brincado algum tempo com eles, em silêncio.

- É uma carne excelente - replicou a senhora. - Eu própria comprei um grande pedaço com o propósito de.

- De quê? - perguntou Squeers apressadamente. - Não para.

- Não, não. o! Não para lhes dar - retorquiu Mrs. Squeers com o propósito de te dar quando viesses para casa. Meu Deus! não pensas que eu pudesse fazer uma asneira dessas!

- Palavra, querida, não sabia o que ias dizer! - desculpou-se Squeers, que se tornara pálido.

- Não precisas de ficar triste - observou-lhe a esposa, rindo com vontade. - Pensar que eu pudesse ser assim tão parva! Ora, já viram?!

Esta parte da conversa era bastante ininteligível, mas entre a vizinhança corria que, enquanto Mr. Squeers se opunha às crueldades para com os animais, dava para alimento dos rapazes, carne de galo morto, de morte natural.

Acabada a ceia e levantada a mesa por uma criadita com olhos de fome, Mr. Squeers retirou-se para fechar tudo e pôr em ordem as roupas dos cinco rapazes acabados de chegar, que estavam a meio caminho da porta da morte, assim chamada pela exposição ao frio. Os pupilos foram depois regalados com uma ligeira ceia de papes de aveia e acamados, dois a dois, em cada cama, para se aquecerem mutuamente.

Mr. Squeers serviu-se dum bom copo de brande e soda com um pouco de açúcar, cuja composição foi servida a Nicholas pela sua amável hospedeira, na sombra dum copinho.

Mr. e Mrs. Squeers chegaram-se depois para o lume, falando confidencialmente por murmúrios, enquanto Nicholas se entregava à leitura do Manual do Preceptor.

Por fim Mr. Squeers abriu uma grande boca a bocejar e observou serem horas de ir para a cama. A este sinal Mrs. Squeers e a criadita, arrastaram para o aposento um pequeno colchão de palha e um par de cobertores, arranjando entre elas uma cama para Nicholas.

- Amanhã pô-lo-emos no quarto que lhe está destinado, Nickleby - avisou Squeers. - Deixe-me ver! Quem dorme na cama de Brooks, minha querida?

- Na cama de Brooks? - disse Mrs. Squeers, a pensar. Estão o Jennings, o pequeno Bolder, Graymarsh e outro de quem não sei o nome.

- isso - observou Squeers. - Portanto, a de Brooks está cheia.

- Cheia! - pensou Nicholas. - Creio que até está demais!

- Sei que há um lugar em qualquer parte - afirmou



Squeers - mas neste momento não me posso lembrar onde. Contudo, amanhã ficará tudo arrumado. Boa noite, Nickleby. Recorde-se, às sete horas da manhã!

- Estarei pronto, sir - prometeu Nicholas. - Boa noite!

- Eu próprio irei mostrar onde é o poço - disse Squeers.

-Na janela da cozinha encontrará um grande pedaço de sabão, que lhe pertence.

Nicholas abriu os olhos, mas não a boca, e Squeers foi-se embora, mas voltou novamente atrás.

- Não sei - observou - que toalha lhe hei-de pôr, mas se se contentar com qualquer coisa amanhã de manhã, durante o dia, Mrs. Squeers trata disso. Não te esqueças, minha querida!

- Terei o cuidado - respondeu Mrs. Squeers - e lembre-se, jovem, que deve ter cautela em ser o primeiro a lavar-se. Deve ser sempre, mas eles iludem-no, se puderem.

Mr. Squeers tocou com o cotovelo na rapariga para levar a garrafa de brande, não fosse Nicholas bebê-lo de noite; e a senhora, tendo-a agarrado com grande precipitação, retirou-se com o marido.

Nicholas sozinho, pôsse a passear no quarto, preso de grande excitação, mas, acalmando-se, sentou-se numa cadeira, resolvendo aguentar-se ali por algum tempo, acontecesse o que acontecesse, não querendo dar ao tio um motivo para abandonar a mãe e a irmã. Esperava mesmo que as coisas em Dotheboys Hall fossem melhores do que prometiam.

Preparou-se para se meter na cama quando lhe caiu uma carta da algibeira do casaco. Na pressa de deixar Londres, nunca mais se lembrara dela, mas agora recordava-se do misterioso procedimento de Newman Noggs.

- Meu Deus! - comentou. - Que extraordinária caligrafia!

A carta era-lhe dirigida e escrita num papel muito sujo e com uma caligrafia quase ininteligível. Depois de muita dificuldade conseguiu ler o seguinte: Meu caro jovem

Eu conheço o mundo. O seu pai não o conhecia, ou não me teria prestado um favor que não tinha esperança de ver retribuído. Você não o conhece também, senão não iria fazer essa viagem.

Se alguma vez precisar dum abrigo em Londres, não se zangue com isto, eu pensei uma vez que nunca necessitaria, sabe-se que vivo na porta com a tabuleta da Coroa, em Silver Street, Golden Square. 7 à esquina de Silver Street e James Street, com uma porta de taberna de ambos os lados. Pode vir à noite. Por uma vez, ninguém se sente escandalizado. Não se importe com isso! É tudo.

Desculpe os erros. Já não sei como se usa um fato completo. Esqueci todos os meus velhos tempos. A minha redacção desapareceu com eles.

Newman Noggs.

P. S. - Se for perto de Bernard Castle, há uma boa cerveja em King's Head. Diga que me conhece e tenho a certeza de que não lhe levam nada. Pode tratar-me por Mr.

Noggs, porque então eu era um cavalheiro. Era na verdade.

Podia ser uma circunstância pouco digna para registar, mas depois de ter dobrado a carta e de a ter colocado na agenda, os olhos de Nicholas encheram-se com uma humidade que bem poderia ser tomada por lágrimas.

## CAPITULO VIII

### A ECONOMIA INTERNA DE DOTHEBOYS HALL

Uma caminhada de carro de duzentas e tantas milhas com mau tempo é um dos melhores lenitivos para uma cama dura que a ingenuidade pode inventar. Nicholas estava no melhor do seu sono, pensando que a sua fortuna se fazia rapidamente quando o pálido cintilar duma vela, quase a apagar-se, lhe bateu nos olhos e uma voz, que sem dificuldade reconheceu pertencer a Mr. Squeers, o admoestou serem horas de se levantar.

- Já passa das sete Nickleby - avisou Mr. Squeers.

- Já chegou a manhã? - perguntou Nicholas, sentando-se na cama.

- Ela está aí e também gelada! -, replicou Squeers. Agora vamos, Nickleby, levante-se!

Nicholas não carecia de mais avisos. Levantou-se imediatamente e começou a vestir-se à luz da palmatória que Mr. Squeers trazia na mão.

É um lindo começo - observou o cavalheiro. - A água da bomba está gelada.

- Sim?! - respondeu Nicholas, não muito interessado na notícia.

- Está - continuou Squeers. - Esta manhã você não se pode lavar.

- Não me posso lavar?! - exclamou Nicholas.

- Não, nem a ponta do nariz - replicou Squeers. - Deve-se contentar em fazer uma limpeza a seco até eu quebrar o gelo no poço e poder tirar um balde para os rapazes.

Não fique a olhar pasmado, para mim; desperte, homem!

Sem fazer mais observações, Nicholas vestiu-se. Entretanto, Squeers abriu a porta interior da janela e soprou a vela, ouvindo-se a voz da sua amável consorte no corredor, perguntando se podia entrar.

- Entra, meu amor! - respondeu Squeers.

Mrs. Squeers entrou, ainda envolvida na camisa de noite, que lhe desenhava a simetria do corpo na noite anterior, ornamentada além disso, com um chapéu de castor duma certa antiguidade, que ela usava com muito à vontade, sobre a coifa de dormir, já mencionada.

- Irra para tudo isto! - vociferou abrindo o aparador. Não encontro a colher da escola em parte nenhuma!

- Não te incomodes com isso, querida - observou Squeers duma maneira calma - não tem importância.

- Não tem importância! Que bem que falas! - retorquiu Mrs. Squeers vivamente - Não é a manhã do sangue, Squeers?

- É sim, querida! Esqueci-me! De vez em quando purificamos o sangue dos rapazes, Nickleby.

- Purificar uma fava - explodiu ela. - Não julgue que vamos gastar dinheiro em flor de enxofre e em melaço, apenas para os purificar, e se pensa que tratamos os negócios dessa

maneira está muito enganado, digo-lhe francamente!

- Minha querida - admoestou Squeers, franzindo as sobrancelhas. - Então?

- Disparate - replicou Mrs. Squeers - Se ele vai ser professor, tem de saber quanto antes que não se pode cair em exageros com os rapazes. Apanham o enxofre e o melaço em parte para evitar de estarem doentes, o que nos dá uma carga de trabalho, e em parte porque lhes tira o apetite e se tornam mais baratos ao pequeno almoço e ao jantar. Isto faz-lhes bem a eles e a nós, ao mesmo tempo.

Tendo dado esta explicação, Mrs. Squeers meteu a cabeça dentro do gabinete e fez uma busca severa à procura da colher, ajudada por Mr Squeers. Poucas palavras trocaram enquanto andaram empenhados nisto, mas Nicholas pôde distinguir que Mr. Squeers censurava a mulher, considerando imprudente tudo quanto dissera e Mrs. Squeers retorquindo que tudo quanto ele dizia eram palermices. Como resultado infrutífera a grande batida à colher, foi chamado o Smike que, empurrado por Mrs. Squeers e socado pelo marido, teve um lampejo de inteligência, sugerindo que talvez Mrs. Squeers a tivesse na algibeira, como se verificou ter. Mas como Mrs Squeers tinha antes protestado que não a tinha, Smike recebeu um outro soco na orelha pela ousadia de contradizer a patroa, com a promessa duma tremenda sova se não fosse mais respeitador para o futuro. Por aqui se vê que o rapaz não tirou vantagem alguma da sua sugestão.

-Uma mulher muitíssimo extraordinária. - confessou Squeers, quando a sua consorte saiu à pressa, empurrando o desgraçado diante de si.

- Na verdade, sir - observou Nicholas.

- Esta mulher, Nickleby, é sempre a mesma. sempre a mesma criatura apressada, viva, activa e poupada que acaba de ver. Nicholas suspirou involuntariamente Pela agradável perspectiva doméstica que se abriu perante si, mas Squeers estava, felizmente, demasiado ocupado com as suas reflexões para

perceber isso.

- É a minha vez de repetir o que disse em Londres - continuou

Squeers - para os rapazes, é uma mãe. Mas é mais do que uma mãe para eles; dez vezes mais. Faz coisas pelos rapazes, Nickleby, que não acredito haja metade das mães a fazê-lo pelos próprios filhos!

- Acredito que não haja, sir! - respondeu Nicholas. O facto era que, tanto Mr. como Mrs. Squeers, viam os rapazes como seus verdadeiros inimigos. Por outras palavras, arrancavam aos rapazes o mais que podiam e neste ponto estavam de acordo e procediam de conformidade. A diferença entre eles é que Mrs. Squeers professava a luta em campo aberto contra o inimigo, ao passo que Mr. Squeers a praticava velhacamente, mesmo em casa.

- Mas, vamos - disse Mr. Squeers, interrompendo o progresso de alguns pensamentos a este respeito na cabeça do seu ajudante. - Vamos para a aula e ajude-me a vestir o casaco da escola, sim?

Nicholas ajudou o patrão a envergar um velho guardapó de fustão, que tirou duma escápula no corredor, e Squeers, armando-se com a bengala, atravessou o pátio para uma porta nas traseiras.

- Ali - informou o mestre-escola, ao entrarem juntos - é a nossa loja, Nickleby.

Havia tantos objectos para atrair a atenção e tantas criaturas que ao princípio, Nicholas não os viu. A pouco e pouco percebeu um aposento nu e sujo, com duas janelas, um décimo das quais tinha vidro e o resto cadernos velhos e papel a substituí-lo. Havia duas compridas carteiras, cheias de tinta, uma secretária para Squeers e outra para o seu ajudante. O tecto era suportado, como o dum celeiro, por escoras e vigas cruzadas, e as paredes estavam tão manchadas, que era impossível dizer se tinham sido alguma vez pintadas ou caiadas.

Mas os alunos! Os jovens fidalgos! Como os últimos pálidos raios de esperança, a mais remota ténue luz de algum bem derivado dos seus esforços nesta caverna, se extinguiu no coração de Nicholas quando olhou em volta! Caras pálidas e disformes, figuras fracas e esqueléticas, crianças com a aparência de velhos, deformidades feitas com ferros nos membros, rapazes de acanhado crescimento, e outros cujas compridas pernas magras mal podiam suster os corpos curvados. Havia olhos remelosos, lábios rachados, pés tortos e toda a fealdade mostrando a invulgar aversão concebida por pais, pelos seus descendentes, ou de jovens vidas que, desde os primeiros dias da infância, tinham suportado a crueldade e a negligência.

Contudo esta cena, triste como era, tinha o seu lado grotesco, que num observador menos interessado que Nicholas, teria provocado um sorriso. Mrs. Squeers estava numa das carteiras, administrando, dum imenso alguidar, enxofre e melaço a cada um dos rapazes, com uma enorme colher de pau.

Num outro canto, chegados uns aos outros por camaradagem, estavam os rapazitos vindos na noite anterior, três dos quais com calções de coiro muito compridos e dois com calças velhas. A pouca distância destes, estavam sentados o filho juvenil de Mr. Squeers e seu herdeiro - uma semelhança flagrante do pai - dando pontapés com muita força nas mãos de Smike, que lhe calçava umas botas novas, suspeitosamente parecidas com as trazidas pelo mais pequeno dos dois rapazes, na sua viagem para o colégio. Além destes, havia longa fila de rapazes à espera, com o aspecto de quem lhes não agradava serem medicados; e uma outra fila que tinha escapado à pena, cuja satisfação se traduzia por uma variedade de bocas contorcidas. O conjunto estava vestido com os fatos mais extraordinários, das cores mais variadas e tão mal conjugadas, que eram dum ridículo irresistível.

- Então! - exclamou Mr. Squeers, dando uma grande pancada com a bengala na carteira, o que fez metade dos rapazitos dar um pulo. - Essa medicação não acaba?

- Acabou agora - respondeu Mrs. Squeers, chocando, com a pressa, no último rapaz e batendo-lhe

com a colher de pau para o restabelecer. - Vem cá, Smike; leva isto daqui para fora! Olho vivo!

Smike desapareceu com o alguidar e Mrs. Squeers, tendo chamado um rapazinho de cabelos encaracolados, limpou as mãos a ele e correu para o lavadouro, onde havia um grande caldeirão em cima dum pequeno lume.

Numas pequenas escudelas, alinhadas em cima duma mesa, Mrs. Squeers, ajudada pela esfaimada criada, deitou uma composição castanha que parecia o interior de almofadas para alfinetes e se chamava sopa. Em cada escudela estava uma minúscula fatia de pão escuro, por meio da qual chupavam a sopa é, quando esta acabou os rapazes comeram o pão. Terminado o pequeno almoço, Mr. Squeers disse em voz solene:

-Possa o Senhor tornar-vos verdadeiramente agradecidos pelo que recebeis!

Nicholas engoliu uma escudela de sopa pela mesma razão que alguns selvagens trazem terra.

Dispôs também duma fatia de pão com manteiga, concedida em virtude do seu cargo, depois do que se sentou aguardando a hora da aula.

Não pôde deixar de observar como todos os rapazes pareciam tristes e silenciosos. Não havia aquele barulho próprio duma escola, nem as ruidosas brincadeiras, ou uma jovialidade cordial. As crianças sentavam-se humilhadas e a tremer parecendo faltar-lhes o ânimo para se moverem. O único aluno que evidenciou sinais de desinquietação ou brincadeira foi Mister Squeers, consistindo o seu principal divertimento em pisar os dedos dos pés dos outros rapazes com as suas botas novas.

Depois duma espera de meia hora, apareceu Mr. Squeers. Os rapazes tomaram os seus lugares e agarraram nos livros, sendo a média destes últimos um livro por cada oito leitores. Depois de alguns minutos, durante os quais Mr. Squeers esteve profundamente absorvido, chamou a primeira classe.

Obedientes a esta ordem, alinharam-se em frente da secretária do mestre-escola meia dúzia de espantalhos, com os joelhos e os cotovelos à mostra, um dos quais colocou um livro imundo e rasgado, debaixo do seu sapiente olhar.

-Esta é a primeira classe da cartilha inglesa e de filosofia, Nickleby - informou Squeers, fazendo um sinal a Nicholas para se pôr em pé a seu lado. - Vamos arranjar uma de latim para lhe ser entregue. Então, onde está o primeiro rapaz?

-Desculpe, sir, está limpando a janela da sala da rectaguarda - disse o chefe interino da classe de filosofia.

- Se está lá, está bem! - replicou Squeers. - Vamos tratar do modo prático de ensinar, Nickleby; o sistema regular da educação. L-i-m-p-a-r, verbo transitivo, tornar limpo, tirar sujidade, tirar nódoas. J-a-n-e-L-a, abertura numa parede para a entrada do ar e do sol. Quando os rapazes conhecem isto fora do livro, vão e fazem-no justamente o mesmo princípio do uso dos globos. Onde está o segundo rapaz?

- Desculpe, sir, está a mondar o jardim - respondeu uma voz fraca.

- Com certeza! - disse Squeers, sem se desconcertar. Então está lá. botânica, substantivo, designando o estudo das plantas. Quando eles aprenderem que botânica quer dizer o estudo das plantas, vão tratá-las e conhecem-nas. Tal é o meu sistema, Nickleby; o que pensa sobre ele?

- É muito útil, de qualquer modo - respondeu Nicholas significativamente.

- Acredito - replicou Squeers, não notando a ênfase do seu assistente. - Terceiro rapaz, o que é um cavalo?

- Um animal, sir - respondeu o rapaz.

- Assim é - confirmou Squeers. - Não é, Nickleby?

- Creio não haver dúvida disso, sir - retorquiu Nicholas.

- Decerto não há - concordou Squeers. - Um cavalo é um quadrúpede e, em latim, quadrúpede significa animal, como toda a gente que for à gramática, sabe. De contrário, para que servem as gramáticas?

- Para quê, na verdade? - disse Nicholas, distraído.

- Como tu és perfeito nisso - continuou Squeers, voltando-se para o rapaz - vai tomar conta do meu cavalo e esfrega-o bem, senão, esfrego-te eu. O resto da classe pode-se ir embora e vai tirar água até alguém dizer para parar.

Dizendo isto despediu a primeira classe para ir experimentar a filosofia prática e mirou Nicholas com um olhar meio astuto, meio duvidoso, como se já não estivesse certo nesta altura, do que podia pensar ele.

- Esta é a maneira como ensinamos, Nickleby - declarou depois duma pausa.

Nicholas encolheu os ombros de forma pouco perceptível e respondeu que vira como era.

- É também uma boa maneira - afirmou Squeers. - Agora agarre em catorze rapazes e ouça-os ler alguma coisa, porque

como sabe, precisa começar a ser útil e aqui não se alimenta a preguiça.

Mr. Squeers proferiu isto como se lhe tivesse subitamente ocorrido que, ou não devia dizer demais ao seu ajudante, ou o seu ajudante não lhe dizia o suficiente em louvor do seu estabelecimento. As crianças colocaram-se em semi-círculo em volta do novo professor, que as ouviu recitar as histórias contidas nas mais antiquadas cartilhas.

Com esta ocupação excitante, a manhã arrastou-se pesadamente. A uma hora os rapazes tiveram papas de aveia e batatas com carne dura e salgada, de que Nicholas partilhou, graciosamente na sua solitária secretária. Depois disto houve outra hora para passar pelo sono na aula e tremer com frio, começando depois a escola, de novo.

Era costume de Mr. Squeers chamar todos os rapazes e fazer-lhes uma espécie de relatório depois de cada visita semestral à cidade, referente aos parentes e amigos

que vira, as notícias que ouvira, as cartas que trouxera, os recibos que tinham sido pagos, as contas que tinham ficado por pagar e assim por diante. Este solene acontecimento realizava-se sempre na tarde do dia seguinte ao seu regresso.

Os rapazes foram chamados da casa da janela do jardim da cocheira ou do estábulo e, na escola, juntou-se um completo conclave quando Mr. Squeers, com um maço de papéis na mão, seguido de Mrs. Squeers com um par de bengalas, entrou no aposento e ordenou silêncio.

-Se qualquer rapaz se permite dizer uma palavra sem licença - avisou Mr. Squeers suavemente - arranco-lhe a pele das costas!

Esta proclamação especial teve o efeito desejado e, um silêncio mortal, caiu imediatamente, no meio do qual Mr. Squeers continuou:

-Rapazes, estive em Londres e voltei para a minha família e para vocês, tão forte e tão bem, como sempre.

De acordo com o costume semestral, os rapazes deram três fracas vivas, ao ouvir esta aliciante notícia.

- Vi os pais de alguns - continuou Squeers remexendo nos papéis- e tão satisfeitos estão em saberem como vão os seus filhos, que não há ideia alguma deles saírem

de cá, o que decerto é uma coisa muito agradável para todas as partes interessadas.

Quando Squeers disse isto duas ou três mãos ergueram-se para dois ou três pares de olhos, mas a maior parte dos jovens fidalgos, não tendo pais de quem falar em especial, ficaram totalmente desinteressados do assunto.

- Tive contrariedades que me desapontaram - anunciou Squeers olhando muito zangado. - O pai de Balder está em atraso há um ano. São vinte libras. Onde está Bolder?

- Está aqui, sir - responderam vinte vozes officiosas; os rapazes são naturalmente como homens.

- Vem cá, Bolder - convidou Squeers.

Um rapaz de aparência doentia, com as mãos cobertas de verrugas, levantou-se do lugar e encaminhou-se para a secretária do mestre, implorando Squeers com o olhar. A sua cara estava completamente branca devido ao rápido pulsar do coração.

- Bolder - disse Squeers, falando muito vagarosamente por estar a considerar onde o devia apanhar.

- Bolder, se o teu pai pensa que por causa. O que é isto, sir?

Ao falar assim, Squeers apanhou o rapaz pelo punho do casaco, observando este com um edificante aspecto de horror e desgosto.

- Como se chama isto, sir? - perguntou o mestreescola administrando uma pancada com a bengala para apressar á resposta.

- Não pude impedi-lo, sir, de verdade! - replicou o rapaz a chorar. - Apareceram. Julgo que será do trabalho porco, sir... pelo menos não sei o que é, sir, mas não foi culpa minha!.

- Bolder - disse Squeers, apanhando-lhe o punho da camisa e cuspidno na palma da mão direita para agarrar bem a bengala. - Tu és um jovem patife incorrigível e como a última sova não deu resultado, temos de ver o que fará a próxima!

Com isto e sem fazer caso dum grito implorando piedade, Mr. Squeers cáiu sobre o rapaz e deu-lhe uma tarefa mestra, só o deixando quando o braço ficou cansado.

- Agora- prosseguiu Squeers, depois de ter parado - esfrega o mais que quiseses! Cala-te com esse berreiro! Põe-no lá fora, Smike!

O pobre rapaz sabia muito bem, de longa experiência, o que custava uma hesitação em obedecer, por isso levou a vítima por uma porta lateral e Mr. Squeers empoleirou-se na sua secretária, ajudado por Mrs. Squeers, que ocupava uma outra ao lado.

- Agora vamos ler - anunciou Squeers - uma carta para o Cobbey! Levanta-te, Cobbey.

Um outro rapaz levantou-se e olhou com firmeza para a carta, enquanto Squeers fazia um extracto mental da mesma.

- Bem! - disse Squeers. - A avó de Cobbey morreu e o seu tio John começou a beber. São todas as notícias que manda a irmã, excepto dezoito pence, o que paga à justa aquele vidro partido. Mrs. Squeers, minha querida, queres tomar conta deste dinheiro?

A respeitável senhora embolsou os dezoito pence com um ar muito comercial e Squeers passou para o rapaz a seguir, tão friamente quanto possível.

- Graymarsh é quem se segue - avisou. - Levanta-te, Graymarsh!

Levantou-se um outro rapaz e o mestre-escola olhou para a carta, como fizera antes.

- A tia materna de Graymarsh - informou, quando tomou conhecimento do conteúdo - está muito satisfeita por saber

que ele se sente feliz, e manda respeitosos cumprimentos para Mrs. Squeers, a quem considera um anjo. Pensa igualmente que Mrs Squeers é boa demais para este mundo,

mas espera que ele só daqui saia daqui a muito tempo, para encontrar um negócio. Mandaria os dois pares de peúgas desejados, se não tivesse falta de dinheiro, mas

em vez disso envia um discurso e espera que Gray Marsh ponha a sua confiança na Providência.

Acima de tudo esperança e que ele estude, para agradar a Mr. e Mrs.

Squeers, a quem este deve ter na conta dos seus únicos amigos. Diz para gostar de Mr. Squeers, e para não criar dificuldades por dormirem cinco numa cama, o que nenhum cristão deve fazer.

- Ah! - comentou Squeers, dobrando a carta.

- Uma mensagem deliciosa. Muito afectuosa!

Era afectuosa num sentido, pois a tia materna de Graymarsh, conforme supunham muito positivamente os seus íntimos amigos, não passava de sua própria mãe. Contudo

Squeers, sem aludir a esta parte da história, que teria sido imoral para os rapazes, continuou com a sua missão, chamando Mobbs; levantou-se outro rapaz e sentou-se Graymarsh.

- A madrastra de Mobbs - informou Squeers - cáiu à cama por saber que ele não comia bem e desde então está muito doente. A senhora deseja saber, o mais depressa possível,

onde ele deseja chegar se continuar a rejeitar a comida, e como pode torcer o nariz ao caldo de fígado de vaca, depois de o seu bom mestre o ter abençoado. Isto

foi-lhe dito pelos jornais de Londres, não por Mr. Squeers, por ser muito bom e muito puro para

fazer intrigas, deixando-a tão apoquentada que Mobbs não pode calcular. Está muito triste por o ver descontente, o que é pecado e um horror, e pede a Mr. Squeers para o castigar até ele adquirir um estado de espírito mais feliz. Em vista disto, deixa de lhe mandar o meio penny semanal para as suas despesas, e deu aos missionários uma navalha com duas lâminas e um saca-rolhas, que comprara de propósito para ele.

- Um estado de sentimentos de mau caráter - comentou Squeers, depois duma terrível pausa, durante a qual molhara outra vez a palma da mão direita. - Não se pode tolerar! Deve-se manter a alegria e o contentamento. Mobbs! Vem cá!

Mobbs encaminhou-se vagarosamente para a secretária, esfregando as mãos, na expectativa de ter um bom motivo para isso, e depressa se retirou depois pela porta lateral, com o tal bom motivo que um rapaz precisa de ter.

A seguir Mr. Squeers continuou a abrir a miscelânea das cartas, algumas com dinheiro, do qual Mrs. Squeers tomava conta, e outras referentes a pequenos artigos de vestuário, como bonés, etc, dizendo de todos eles a mesma senhora que eram, ou compridos de mais, ou curtos de mais, por lhes deitar os cálculos de forma a servir para o jovem Squeers. Despachado este assunto, foram dadas umas poucas de lições insignificantes e Squeers retirou-se para a sua lareira,

deixando Nicholas a tomar conta dos rapazes na aula, onde fazia muito frio e onde foi servida uma refeição de pão com queijo, pouco depois de escurecer.

Nicholas sentou-se a um canto, junto dum fogareiro, tão deprimido e desgostoso pelo que presenciara - e não pudera impedir! - que lhe apetecia que a morte viesse.

Escrevera à mãe e à irmã, relatandlhes a viagem, mas pouco falando de Dotheboys Hall. Esperava fazer algum bem ficando e, além disso, não queria chamar a cólera

do tio para os seus, se abandonasse o posto. Havia, contudo, uma reflexão que o perturbava; era o destino da sua irmã Kate. Tudo de mau havia a esperar do tio, a

quem novamente odiava, compreendendo perfeitamente que este sentimento era recíproco.

Quando estava absorvido nestas meditações, viu subitamente a cara de Smike erguida para ele, ajoelhado em frente do fogão, a tirar umas poucas de brasas da lareira

e pô-las no lume. Parava para deitar um olhar para Nicholas e quando viu que estava a ser observado, atirou-se para trás como se esperasse uma bofetada.

- Não precisas de ter medo de mim! - disse Nicholas, gentilmente. - Tens frio?

-N... n... ão.

-Mas estás a tremer.

- Não tenho frio - respondeu depressa Smike. - Estou acostumado.

Nos seus modos havia um receio tão nítido de não ofender e era uma criatura tão tímida, de espírito acanhado, que Nicholas não pôde deixar de comentar Pobre rapaz.

Se tivesse batido no desgraçado, este fugiria sem uma palavra; assim, desatou a chorar.

- Oh, meu Deus, meu Deus! - exclamou, cobrindo a cara com as mãos gretadas e calosas. - Parte-se-me o coração! Parte-se, sim!

- Silêncio! - preveniu Nicholas, pondo-lhe a mão no ombro. - Sê um homem; és quase um pelos anos, Deus te ajude!

- Pelos anos! - repetiu Smike a chorar. - Oh! Meu Deus! Há quantos anos! Há quantos eu era uma criancinha, mais nova do que qualquer dos que aqui estão agora! E onde estão eles hoje?

- De quem falas? - perguntou Nicholas, desejando incutir ânimo na pobre criatura. - Conta-me.

- Dos meus amigos - respondeu ele - de mim. dos meus. Oh Como tenho sofrido!

- Há sempre esperança - animou Nicholas, sem saber o que dizer.

- Não - retorquiu o outro. - Não, para mim não há nenhuma! Lembra-se do rapaz que morreu aqui?

- Como sabes eu não estava cá - informou Nicholas suavemente. - Mas o que se passou?

- Eu estava com ele à noite - informou o jovem, chegando-se

mais para o seu interlocutor - e quando estava silencioso já não gritava pelos amigos, quis vir

sentar-se junto de mim mas começou a ver caras em volta da cama, que vinham de sua casa, dizendo que lhe sorriam e conversavam com ele! Por fim morreu, levantando a cabeça para as beijar. Está a ouvir-me?

- Sim, sim - afirmou Nicholas.

- Que caras me sorrirão quando eu morrer? - perguntou o seu companheiro, estremeando. - Quem falará comigo nestas compridas noites? Não podem vir de casa; amedrontar-me-iam se viessem, visto não as conhecer. Dor e medo, dor e medo para mim. vivo ou morto! Não há esperança, não há esperança!

A campainha tocou para irem para a cama, e o rapaz, obedecendo ao som, no seu habitual estado de indiferença, fugiu, ansioso por não ser notado. Foi com o coração a sangrar que Nicholas pouco depois - não, não se retirou; ali não havia retirada - seguiu para o dormitório completamente cheio e sujo.

## Capítulo IX

MISS SQUEERS, MRS. SQUEERS, Mister SQUEERS; Vários assuntos e pesos, tanto com os Squeers

como com Nicholas Nickleby

Quando Mr. Squeers deixou a aula à noite, foi para a sua lareira, que estava situada num pequeno aposento nas traseiras do prédio, onde a esposa, o amável filho e a prometida filha se encontravam em alegre convívio. Mrs. Squeers ocupava-se em coser meias e a jovem e o moço cavalheiro entretinham-se a socar-se para regularem juvenis diferendos por meio dum contenda pugilística através da mesa, a qual à aproximação do digno pai, foi substituída por uma troca de pontapés por baixo da dita.

Miss Fanny Squeers estava nos seus vinte e três anos e se há graça ou formosura inseparável neste período da vida não há razão para supor ser ela uma solitária excepção à regra. Não era alta como a mãe, mas antes baixa como o pai de quem herdara a voz áspera e uma notável expressão do olho direito.

Miss Squeers passara alguns dias com uma amiga da vizinhança e acabava justamente de regressar ao tecto paterno. Devido a esta circunstância, nada sabia da existência de Nicholas até Mr. Squeers o fazer objecto da sua conversa.

- Bem, minha querida, o que pensa agora dele? - perguntou Squeers puxando uma cadeira.

- Pensar de quê? - inquiriu a esposa que, como se verá muitas vezes, não era versada em gramática, graças a Deus.

- Do jovem. do novo professor. de quem havia de ser?

- Oh! Esse Nickleby - exclamou com impaciência. Odeio-o!

- Porque o odeias, minha querida? - estranhou Squeers.

- O que te importa? - retorquiu ela. - Se o odeio, é suficiente!

- Muito suficiente para ele, e mais do que suficiente, devo dizê-lo, se ele soubesse! - respondeu Squeers num tom pacífico. - Apenas perguntei por curiosidade, minha querida.

- Então, bem, se queres saber - replicou Mrs. Squeers - vou-te dizer. Porque é orgulhoso, altivo, presumido, um pavão de proa levantada.

Mrs. Squeers, quando excitada, costumava empregar uma linguagem expressiva e fazer uso, além disso, dum pluralidade de epítetos, alguns dos quais eram figurados, como a palavra pavão e a alusão à proa de Nicholas, que não podem ser tomados no sentido literal, mas antes produzir uma latitude de construção, de acordo com a fantasia dos ouvintes.

- O quê? - disse Squeers, deitando óleo neste mar revolto. - Ele está barato, minha querida; o jovem está muito barato!

- Não tanto como isso! - replicou Mrs. Squeers.

- Cinco libras por ano. - informou Squeers.



- O que se segue daí? Se não precisas dele, é claro, não é?

- Mas é que nós precisamos dele - insistiu Squeers.

- Não vejo que precisas mais dele do que da morte - retorquiu a mulher. - Não me digas!. Podes pôr nos cartões e nos anúncios, Educação por Mr. Wackford Squeers e ajudantes competentes, sem teres qualquer ajudante, não podes? Não é isso que sempre têm feito todos os directores das escolas? Não te perdo!

- Pois não - observou Squeers com um ar severo. - Mas agora Mrs. Squeers, vou dizer-te o que tenho a participar. Neste assunto de ter um professor, seguirei a minha vontade, se me dás licença. A um condutor de escravos nas Índias Ocidentais é permitido ter um homem abaixo dele para que os pretos não fujam, ou armem uma rebelião; e eu terei um homem abaixo de mim para fazer o mesmo com os nossos pretos, até à ocasião em que o pequeno Wackford seja capaz de tomar conta da escola.

- Vou tomar conta da escola quando for um homem, pai?

- perguntou Wackford Júnior, suspendendo, no excesso do seu deleite, um maldoso pontapé que ia administrar na irmã.

- Sim, meu filho - afirmou Mr. Squeers em tom sentimental.

- Oh! Não darei os rapazes por nada nesta vida! - exclamou o simpática criança, agarrando na bengala do pai. - Ó pai, posso fazê-los guinchar outra vez?

Foi um momento de orgulho na vida de Mr. Squeers quando se apercebeu da explosão de entusiasmo do seu jovem filho e viu nele a prefiguração da sua futura eminência.

Meteu-lhe um pé na mão e expandiu os seus sentimentos como a exemplar esposa também fez com uma gargalhada aprovadora.

- Sórdido macaco emproado, é como eu o considero - declarou Mrs. Squeers, voltando a Nicholas.

- Suponho que é - replicou Squeers. - tão emproado na nossa aula como em qualquer parte, não é? Especialmente se não gostar.

- Bem - observou Mrs. Squeers - há qualquer coisa nisso. Espera que ele abata o orgulho e não será por culpa minha se o não fizer.

Um professor-ajudante orgulhoso, numa escola de Yorks hire, era uma coisa tão extraordinária e inconcebível - já o professor-ajudante era uma novidade, mas orgulhoso, um ser de cuja existência a imaginação mais fantasiosa não sonhara!

-que Miss Squeers, raras vezes preocupada com os assuntos escolares, perguntou com muita curiosidade quem era esse Nickleby, que se dava tais ares.

- Nickleby - corrigiu Squeers, soletrando o nome de acordo com o excêntrico sistema que lhe borbilhava no cérebro. A tua mãe dá sempre nomes errados às coisas e às pessoas.

- Isso não importa - retorquiu Mrs. Squeers. - Vejo-as como devem ser, é quanto basta para mim. Observei-o esta tarde quando estive a soar o pequeno Bolder. Durante todo o tempo teve o olhar carregado como núvens de trovoadas e, dum vez levantou-se, como se pensasse ir contra ti. Vi-o, embora ele não percebesse!

- Não faça caso, pai - aconselhou Miss Squeers, quando o chefe da família estava quase a responder.

- Quem é o homem?

- Meteu-se na cabeça do teu pai a tolice de que ele é filho dum fidalgo pobre, que morreu no outro dia - informou Mrs. Squeers.

-O filho dum fidalgo!

-Sim, mas eu não creio uma palavra disso. Se ele é, de facto, filho dum fidalgo, é um impostor, essa é a minha opinião.

Mrs. Squeers queria dizer enfeitado, mas tais enganos eram muito frequentes nela, valendolhe como consolo o axioma filosófico que dali a cem anos, ninguém se lembraria deles.

- Não é nada disso! - disse Squeers em resposta à observação acima. - O pai dele estava casado com a mãe muito antes dele nascer e ela ainda está viva. Se fosse

- e não era negócio da minha conta! - ganhávamos como compensação um bom amigo por o termos aqui. E se gosta de ensinar aos rapazes qualquer coisa, além de tomar conta deles, não tenho objecções a fazer.

- Digo outra vez que o odeio mais que ao veneno - afirmou Mrs. Squeers com veemência.

- Se não gostas dele, minha querida - respondeu Squeers

- não conheço ninguém capaz de mostrar melhor o seu desprazer do que tu e, com ele, não há motivo para teres o trabalho de o encobrir.

- Nem o pretendo, posso-te assegurar! - confirmou ela.

- Perfeitamente - disse Squeers - e se ele tem algum orgulho, como creio que tem, não julgo haver mulher alguma em Inglaterra para abater o espirito de qualquer pessoa tão depressa como tu, minha querida!

Mrs. Squeers riu imenso ao receber estes adutores cumprimentos e confessou ter abatido, nos seus tempos, um ou dois altos espíritos.

Miss Squeers seguiu cuidadosamente esta e outras conversas sobre o assunto até se retirar para dormir, altura em que interrogou a famélica criada minuciosamente com respeito à aparência exterior e procedimento de Nicholas. A estas perguntas a rapariga deu respostas tão entusiásticas, respostas coroadas por uma observação tão laudatória sobre os seus lindos olhos escuros, o seu meigo sorriso, as suas pernas direitas - deu uma importância particular às pernas, por elas serem, geralmente, tortas em Dotheboys Hall - que, em breve, Miss Squeers chegou à conclusão do novo assistente ser uma pessoa notável, ou como ela fraseou significativamente para si alguma coisa completamente fora do vulgar. E por isso, Miss Squeers resolveu fazer uma observação pessoal de Nicholas, precisamente no dia seguinte.

Na execução do seu desígnio, a rapariga aguardou a oportunidade da mãe estar ocupada e o pai ausente, para entrar na aula, como se se tratasse dum acto meramente accidental, a fim de ir buscar uma pena afiada, onde vendo apenas Nicholas a reger os rapazes, corou intensamente, aparentando grande confusão.

- Peço desculpa - balbuciou Miss Squeers. - Pensei que o meu pai estivesse aqui. ou podia ser. Meu Deus, que desastrada sou!

- Mr. Squeers está ausente - informou Nicholas, de forma alguma rendido pela aparição, embora fosse inesperada.

-Sabe se demora muito, sir? - perguntou Miss Squeers com tímida hesitação.

- Ele disse cerca de uma hora - respondeu Nicholas. delicadamente, decerto, mas sem qualquer indicação dos encantos de Miss Squeers lhe fazerem bater o coração mais apressadamente.

- Nunca aconteceu uma coisa tão aborrecida! - exclamou a rapariga. - Obrigada! Lamento ter sido intrusa. Se soubesse que o meu pai não estava, não teria de maneira alguma. é muito irritante. deve parecer estranho - murmurou Miss Squeers, corando mais uma vez e relanceando o olhar da pena que tinha na mão para Nicholas, para a secretária, e desta para a pena.

- Se é tudo quanto quer - disse Nicholas, apontando para a pena e sorrindo pelo embaraço da filha do mestre-escola - talvez possa substituí-lo.

Miss Squeers deu uma vista de olhos para a porta, como perguntando se devia avançar um pouco mais na intimidade com um estranho; depois, a presença dos quarenta rapazes na aula, pareceu dar-lhe forças, acabando, finalmente por se chegar para junto de Nicholas e entregar-lhe a pena na mão, com uma mistura de reserva e condescendência muito avassaladora.

- Quer a ponta macia ou dura? - inquiriu Nicholas, sorrindo para não desatar às gargalhadas.

- Ele tem um lindo sorriso! - pensou Miss Squeers.

- O que diz? - perguntou Nicholas.

- Meu Deus, estava agora a pensar noutra coisa - desculpou-se Miss Squeers. - O mais macio possível, se faz favor.

Com estas palavras Miss Squeers suspirou; podia ter dado a entender a Nicholas que o seu coração era macio e que a pena devia condizer.

Conforme estas instruções, Nicholas aparou a pena e quando a deu a Miss Squeers, esta deixou-a cair; pretendendo apanhá-la, Miss Squeers fez o mesmo movimento, resultando que as mãos se embrulharam, levando vinte e cinco rapazinhos a rir com gosto, o que acontecia pela primeira vez, nesse semestre.

- Sou muito desastrado - confessou Nicholas, abrindo a porta para a rapariga sair.

- Absolutamente nada, sir - replicou Miss Squeers. - A culpa foi minha. Foi tudo uma patetice. bom-dia!

-Bom-dia! - respondeu Nicholas. - Na próxima vez espero aparar-lhe uma pena menos grosseiramente. Cuidado! Está a morder a ponta e estraga-a.

- Realmente - disse Miss Squeers - estou tão confusa que mal sei o que. Desculpe a maçada que lhe dei.

- Maçada nenhuma - respondeu Nicholas, fechando a porta da aula.

-Nunca vi em toda a minha vida umas pernas assim! murmurou Miss Squeers, afastando-se.

De facto Miss Squeers estava apaixonada por Nicholas Nickleby. Mas para contar a súbita paixão da rapariga é preciso dizer que entre ela e a amiga, em cuja casa tinha estado, pactuara-se solenemente comunicarem aquela que primeiro fosse pedida em casamento, sendo a outra convidada para dama de honor. Ora esta amiga com dezoito anos era filha dum moleiro e acabava de ser pedida por um pequeno comerciante de cereais. Miss Squeers, já com vinte e cinco ficou ansiosa por poder retribuir a participação, o que lhe foi facultado pela pequena entrevista tida com Nicholas. Daí a pôr o chapéu e correr a casa da amiga para lhe dar a novidade de, não estar positivamente pedida, mas para lá caminhar, foi obra dum instante. E o pretendente era filho dum fidalgo - não dum simples comerciante de cereais - que viera como professor para Dotheboys Hall em circunstâncias notáveis e misteriosas, tendo ela boa razão para crer que os seus muito afamados encantos, o tivessem impressionado.

- Não é uma coisa extraordinária? - perguntou Miss Squeers, carregando fortemente o adjectivo.

- Muitíssimo extraordinária - confirmou a outra. - Mas o que te disse ele?

-Não me perguntes o que ele me disse, minha querida! Nunca fui tão domada em toda a minha vida.

- Parece-se com este? - inquiriu a filha do moleiro, mostrando um retrato do noivo.

- Muito parecido. . apenas mais gentil - respondeu Miss Squeers.

- Ah! - exclamou a rapariga. - Então ele tem qualquer ideia, acredita.

Miss Squeers, tendo algumas dúvidas sobre o assunto, não se importou nada em ter a confirmação por autoridade competente e, tendo chegado à conclusão de que muitos pontos condiziam entre o comportamento do comerciante de cereais e Nicholas, confidenciou à amiga coisas que este não dissera.

- Como gostaria de o ver! - exclamou a amiga.

- Vê-lo-ás, Tilda - respondeu Miss Squeers. - Considerar-me-ia a mais ingrata das criaturas do mundo se te negasse isso. Creio que a minha mãe sai durante dois dias para ir buscar rapazes, e quando ela for, peço-te a ti e ao John, para irem tomar chá e conhecerem-no.

Era uma ideia encantadora e, tendo-a discutido em pormenor, as amigas separaram-se.

A viagem de Mrs. Squeers para ir buscar três novos rapazes e avistar-se com os pais de dois antigos alunos para receber um pequeno saldo, foi fixada para essa tarde e não durava mais do que um dia. Quando se apresentavam estas oportunidades, Squeers costumava ir à cidade, a pretexto de negócios urgentes, e ia para a taberna até às dez ou onze horas. Como não costumava tomar parte em chás, concedeu a Miss Squeers autorização para efectuar a combinada reunião, comunicando de boa vontade a Nicholas que era esperado às cinco horas para tomar chá na saleta.

Miss Squeers andava numa roda viva à medida que o tempo se aproximava, ora arranjando o cabelo, ora vestindo-se o mais esmeradamente possível, para que tudo isto

fossem setas dirigidas ao coração de Nicholas. Mal acabara de se arranjar de modo a sentir-se completamente satisfeita, chegou a amiga com um embrulho contendo vários pequenos adornos, que colocou sem deixar de falar. Quando se consideraram perfeitamente contentes consigo próprias, desceram as escadas, com as luvas compridas calçadas, prontas para a reunião.

- Onde está o John, Tilda? - perguntou Miss Squeers.

- Foi apenas a casa arranjar-se-respondeu a amiga. Estará aqui a tempo do chá ser servido.

-Estou a palpitar!-confessou Miss Squeers.

- Ah! Sei o que isso é! - observou a amiga.

- Como sabes, Tilda, não estou acostumada! - informou Miss Squeers, levando a mão ao lado esquerdo.

- Depressa te habituarás, querida - replicou a amiga.

Enquanto conversavam, a famélica criada trouxe o necessário para o chá e pouco depois alguém bateu à porta.

- É ele! - exclamou Miss Squeers. - Oh, Tilda!

- Cala-te! - ordenou a amiga. - Dize: entre

- Entre - repetiu Miss Squeers em voz fraca.

Nicholas entrou.

-Boa noite - cumprimentou o jovem, perfeitamente in consciente da sua conquista. - Mr. Squeers disse-me que.

- Oh, sim, é exactamente isso - interrompeu Miss Squeers. - O meu pai não toma chá connosco, mas calculo que o senhor se não importa. - disse ela subtilmente.

A isto Nicholas abriu muito os olhos, mas pôs o assunto de parte, friamente - não se importando em particular, com qualquer coisa até ali - e prestou-se, com muita graça, a ser apresentado à filha do moleiro, ficando a rapariga encantada.

- Estamos à espera, apenas, dum cavalheiro - informou Miss Squeers, tirando a tampa do bule e olhando para dentro, a ver como estava o chá.

Como para Nicholas era indiferente que estivesse à espera dum cavalheiro ou de vinte, não vendo razão especial para se tornar agradável, olhou para a janela e suspirou involuntariamente.

Ouvindo Nicholas suspirar, à amiga de Miss Squeers meteu-se-lhe na cabeça gracejar com os espíritos abatidos dos namorados.

- Mas se é por eu estar aqui- declarou a jovem - não se importem comigo. Podem conversar como se estivessem sós.

- Tilda - repreendeu Miss Squeers, corando até à ponta dos cabelos. - Fazes-me envergonhar.

E aqui, as duas amigas desataram numa variedade de risadas, olhando furtivamente por cima dos lenços, de vez em quando, para Nicholas, que, dum estado de puro assombro, gradualmente caiu numa irreprimível gargalhada, ocasionada em parte pela clara noção de ser amado por Miss Squeers e pela absurda aparência e conduta das duas raparigas.

As duas causas, tomadas em conjunto, fizeram-no ver-se tão sumamente ridículo que, apesar da sua triste condição, riu até ficar exausto.

- Bem - pensou Nicholas - como estou aqui e parecem esperar, por qualquer razão, que eu seja amável, não é bom fazer figura de urso. Posso bem acomodar-me à situação.

Coramos ao dizê-lo mas, o seu espírito juvenil e a sua vivacidade, recalçando os pensamentos tristes depressa se evidenciaram para cumprimentar Miss Squeers e a amiga com grande galantaria e, puxando uma cadeira para a mesa do chá, começou a sentir-se mais à vontade do que um professor assistente jamais se sentiu em casa do patrão, desde que foram inventados os professores-assistentes.

As senhoras estavam completamente deliciadas com esta nova conduta de Mr. Nicholas, quando chegou o esperado mancebo, com o cabelo muito húmido por o ter molhado recentemente, uma camisa lavada, embora o colarinho devesse ter pertencido a um antepassado gigante, formando juntamente com o colete branco de idênticas

dimensões, o principal ornamento da sua pessoa.

- Então, John? - disse Miss Matilda Price que, era o nome da filha do moleiro.

- Então? - repetiu John, com a boca tão aberta, que o próprio colarinho não conseguia esconder.

- Desculpe-me - interrompeu Miss Squeers, apressando-se a fazer as honras da casa - Mr. Nickleby. Mr. John Browdie.

- Um seu criado, sir - cumprimentou John, que tinha pouco mais de 1,82m de altura, com uma cara e um corpo bastante acima da devida proporção.

- Às suas ordens, sir - replicou Nicholas, fazendo enormes estragos no pão com manteiga.

Mr. Browdie não era um cavalheiro de grandes poderes de conversação, por isso sorria vezes de mais e, tendo dispensado a sua marca de reconhecimento a todos os presentes, sorriu a coisa alguma em especial e serviu-se.

- A velhota está ausente, não está? - perguntou Mr. Browdie com a boca cheia.

Miss Squeers disse que sim com a cabeça. Mr. Browdie abriu a boca num riso duma largura especial, como se pensasse haver alguma coisa realmente para rir, e continuou a ingerir pão com manteiga com redobrado vigor. Foi um instante, enquanto ele e Nicholas limpavam o prato.

- Não vai ficar a comer pão com manteiga toda a noite, homem, espero! - disse Mr. Browdie depois de olhar, pasmado, para Nicholas, durante um bocado, por cima do prato vazio.

Nicholas mordeu o lábio e corou, mas fingiu não ouvir a observação.

- Aos rapazes - declarou Mr. Browdie, rindo ruidosamente - não metem comida lá dentro. Se vai ficar aqui muito tempo, dentro em breve não será mais do que pele e a osso!

- O senhor é brincalhão - comentou Nicholas aborrecido.

- Não. Não conheci senão o outro professor - replicou Mr. Browdie - que era magro como um bacalhau.

A lembrança da magreza do último professor pareceu dar a Mr. Browdie o maior prazer, pois riu até ter de levar os punhos do casaco aos olhos.

- Não sei se a sua compreensão é suficiente, Mr. Browdie, para lhe permitir perceber que as suas observações são ofensivas - disse Nicholas altivamente - mas se é, tenha a bondade.

- Se dizes mais alguma palavra, John - esganiçou-se Miss Price, fechando a boca do seu admirador quando ele ia quase

a interromper - ou meia palavra, nunca te perdorei, nem te tornarei a falar.

- Bem, meu amor, não me importo com o homem! - replicou o noivo, aplicando um cardeal beijo em Miss Price. O homem que continui. pode continuar.

Foi então a vez de Miss Squeers interceder junto de Nicholas, com muitos sinais de inquietação. O efeito desta dupla intercessão foi ele e John Browdie apertarem as mãos, com muita gravidade, por cima da mesa, e tal foi a solenidade da cerimónia, que Miss Squeers se desfez em lágrimas.

- O que é isso, Fanny? - perguntou Miss Price.

- Nada, Tilda - respondeu Miss Squeers, soluçando.

- Não há qualquer perigo, pois não, Mr. Nickleby? - inquiriu Miss Price.

- Absolutamente nenhum - retorquiu Nicholas. - É Absurdo!

- Muito bem - sussurrou Miss Price - diga- lhe qualquer coisa amável e ela depressa se recompõe.

Quer que o John e eu vamos para a cozinha e voltemos depois?

- De forma nenhuma! - replicou Nicholas, verdadeiramente alarmado com a proposta. - Por que haviam de fazer isso?

- Bem - disse Miss Price, apartando-se com ele para o lado e falando com certo desprezo. - Você é a pessoa indicada para lhe fazer companhia.

- O que quer dizer? - perguntou Nicholas. - Não sou nada a pessoa para fazer companhia. aqui, em qualquer caso. Não sei explicar isto!

- Não, nem eu. - replicou Miss Price - mas os homens são sempre inconscientes, foram e serão; é o que posso explicar muito facilmente.

- Inconsciente?! - exclamou Nicholas. - O que supõe? Não quer dizer que pensa.

- Oh! não, não penso nada! - retorquiu Miss Price com impertinência. - Olhe para ela, tão lindamente vestida e com tão bonita aparência. na verdade quase está bela.

Sinto vergonha de si!

- Minha querida menina, o que tenho eu com o seu lindo vestido e a sua bonita aparência? - inquiriu Nicholas.

- Não me chame querida menina - admoestou Miss Price sorrindo, pois era bonita, leviana e Nicholas era um rapaz de bela aparência- senão Fanny dirá que a culpa é minha. Vamos jogar às cartas!

Pronunciou estas últimas palavras em voz alta, voltou a juntar-se ao corpulento homem de Yorkshire.

Tudo isto era ininteligível para Nicholas, que de momento, tinha apenas a impressão de Miss Squeers ser uma rapariga vulgar e a sua amiga Miss Price uma rapariga

bonita; porém, não teve tempo para reflectir mais no caso por a lareira ter sido carregada e a vela espevitada e se terem sentado para jogar.

- Somos apenas quatro, Tilda - informou Miss Squeers, olhando sorratamente para Nicholas - por isso é melhor jogar a parceiros, dois contra dois.

- O que diz, Mr. Nickleby? - inquiriu Miss Price.

- Com todo o prazer - respondeu Nicholas, completamente inconsciente da atroz ofensa que estava a fazer, juntando num monte os bocados de cartões de condições da escola, representando as fichas e as destinadas a Miss Price.

- Mr. Browdie - convidou Miss Squeers histericamente - vamos fazer uma banca contra eles?

O homem de Yorkshire concordou, aparentemente irritado com a imprudência do novo professor, enquanto Miss Squeers dardejava um olhar mortífero à amiga, dando gargalhadas convulsivas.

Foi Nicholas a dar cartas e o jogo começou.

- Tencionamos ganhar tudo - declarou ele.

-Creio que Tilda ganhou o que não esperava, não é verdade, querida? - perguntou Miss Squeers maliciosamente.

- Apenas vinte, querida! - respondeu Miss Price, afectando tomar a pergunta no sentido literal.

- Como estás sensaborona esta noite! - escarneceu Miss Squeers.

- Não. - retorquiu Miss Price. - Estou até com um espírito excelente! Estou a pensar que tu pareces estar com pouca sorte.

- Eu? - exclamou Miss Squeers, mordendo os lábios e tremendo de ciúme. - Não!

- Tanto melhor - comentou Miss Price. - O teu penteado está a desmanchar-se, querida!

- Não te importes comigo! - riu-se Miss Squeers para si.

- É melhor atenderes o teu parceiro.

- Obrigado por lho lembrar - agradeceu Nicholas. - Assim ela o fizesse!

O homem de Yorkshire achatou o nariz uma ou duas vezes com a mão fechada, como para a conservar assim até ter uma oportunidade de a exercitar na cara doutro cavalheiro.

Miss Squeers abanou a cabeça com tal indignação que o vento levantado pelos caracóis em movimento, quase apagou a vela.

- Realmente nunca tive tanta sorte! - exclamou Miss Price com garridice, depois dum outro jogo ou dois. - Creio que é por sua causa, Mr. Nickleby. Gostava de o ter sempre por parceiro.

- Também eu!

-Teria uma má esposa, embora o senhor ganhasse sempre às cartas - avisou Miss Price.

- Não se o seu desejo for recompensado - respondeu Nicholas. - Nesse caso estou certo de que terei uma boa esposa.

Valia a pena ver como Miss Squeers abanava a cabeça e Browdie achatava o nariz, enquanto

prosseguiu esta conversa. Também merecia a pena pagar para se observar isto.

Deixemos

em paz a evidente alegria de Miss Price em os tornar ciumentos, e a feliz inconsciência de Nicholas Nickleby em tornar todos desagradáveis.

- Parece que temos de conversar só connosco - disse Nicholas, olhando em volta da mesa e agarrando nas cartas para uma nova partida.

- O senhor faz isso tão bem - riu de mansinho Miss Squeers - que seria uma pena interrompê-lo.

Não é assim, Mr. Browdie? Ah! Ah! Ah!

- Não! - contestou Nicholas - fazemos isto por não haver alguém para conversar.

- Conversaremos consigo se disser alguma coisa - retorqui Miss Price.

- Obrigada, querida Tilda! - agradeceu Miss Squeers majestosamente.

- Ou podemos conversar uns com os outros, se não tivermos quem converse connosco - disse Miss Price, motejando a querida amiga. - John, não diz qualquer coisa?

- Dizer qualquer coisa? - repetiu o homem de Yorkshire.

- Sim, e não esteja aí sentado tão calado e carrancudo.

- Então bem! - respondeu ele, dando um grande soco na mesa - o que tenho a dizer é isto: rebento se aguento isto por mais tempo. Tu vais para casa comigo e avisa esse jovem brejeiro para ter cautela e eu não lhe partir a cabeça na primeira vez que o encontre a jeito!

- Deus nos acuda, para que é tudo isto? - exclamou Miss Price, afectando surpresa.

- Vamos para casa, digo-te eu, vamos para casa! - respondeu o homem de Yorkshire duramente.

Quando ele deu esta resposta, Miss Squeers teve uma explosão de lágrimas pelo seu estado desesperadamente vexatório e pelo impotente desejo de lacerar a cara de alguém com as suas lindas unhas.

Este estado de coisas nasceu de diversas interpretações e procedimentos. Miss Squeers contribuiu para ele pela aspiração de se ver matrimonialmente pedida sem haver razão para tal; Miss Price em punir a amiga por querer rivalisar com ela, pela sua vaidade em querer receber os cumprimentos dum jovem e o desejo de convencer o noivo dum grande perigo, para ele adiar o casamento. Quanto a Nicholas, a sua contribuição, consistiu numa meia hora de alegria e de descontração e num desejo muito sincero de evitar que lhe atribuissem uma inclinação por Miss Squeers.

- Aqui está, outra vez, a Fanny lavada em lágrimas - exclamou Miss Price, como se se espantasse de novo. - Que motivos pode haver?

- Oh, não sabe, miss, decerto não sabe! Suplico-lhe que se não canse a inquirir - declarou Miss Squeers, mostrando aquela mudança de expressão a que as crianças chamam fazer caretas.

- Oh! Tenho a certeza! - exclamou Miss Price.

- E quem se importa que tenha a certeza, ou não, ma'am?

- replicou Miss Squeers, fazendo outra careta.

- As vezes a senhora é educada, ma'am - considerou Miss Price.

- Não preciso de receber lições suas, ma'am - retorqui Miss Squeers.

- Não precisa de se incomodar para se tornar mais vulgar do que é, ma'am - respondeu Miss Price - porque é absolutamente desnecessário.

Em resposta, Miss Squeers tornou-se muito vermelha e agradeceu a Deus não ter o descaramento de certas pessoas, ao que Miss Price replicou, congratulando-se por não possuir os sentimentos invejosos dos outros; posto o que Miss Squeers fez uma observação geral no tocante ao perigo de acompanhar pessoas de baixa condição, com o que Miss Price concordou inteiramente, observando ser uma grande verdade e na qual já pensava há muito tempo.

- Tilda - declarou Miss Squeers com dignidade - odeio-te!

- Ah! Asseguro lhe que entre nós não há amizade perdida - disse Miss Price, atando as fitas do chapéu com um arremesso. - Quando me for embora há-de chorar a valer!

Bem sabe que sim!

- Desprezo as suas palavras, sua descarada - replicou Miss Squeers.

- Fez-me um grande cumprimento ao dizer isso - respondeu a filha do moleiro, com uma grande mesura. - Desejo-lhe uma boa noite, maam, e sonhos agradáveis!

Com esta despedida graciosa Miss Price saiu do aposento, seguida pelo enorme homem de Yorkshire, que trocou com Nicholas a peculiar careta expressiva que se vê nos melodramas, prometendo, mutuamente, futuro encontro.

Mal tinham acabado de sair já Miss Squeers realizava as predições da sua antiga amiga, desfazendo-se em lágrimas, observada por Nicholas, que não sabia que atitude tomar e acabando, também, por sair.

- Isto é uma consequência - pensou Nicholas, quando ia a caminho do seu escuro quarto de cama - da minha execrável facilidade em me adaptar a qualquer companhia onde o acaso me leve. Se tivesse ficado mudo e quedo, isto não teria acontecido.

Escutou por uns momentos; sossego absoluto.

- Ficava satisfeito - murmurou - se tivesse qualquer oportunidade para me livrar da vista deste medonho lugar, ou da presença do seu vil dono. Irritei esta gente até aos cabelos e criei mais dois inimigos quando - Deus o sabe! - não precisava de nenhum. Bem, é a justa punição por ter esquecido, embora por uma hora, aquilo de que estou rodeado!

Dizendo isto foi às apalpadelas por entre a multidão dos ensonados rapazes de corações fatigados, e deitou-se na sua cama miserável.

Capítulo X

Como Mr. Ralph Nickleby cuidou da sobrinha e da cunhada

Na segunda manhã a seguir à partida de Nicholas para Yorkshire, Kate Nickleby sentou-se numa cadeira já muito estafada, sobre um estrado poeirento, no aposento de Miss La Creevy, tentando esta dar à núniatura a maior perfeição, pintando-a com uma tinta de salmão esmaecida, já experimentada na miniatura dum jovem oficial.

- Creio tê-la apanhado agora! - disse Miss La Creevy. A verdadeira cor! Será certamente o retrato mais bonito que ainda pintei.

-Então será o seu génio que o fará assim, estou con vencida - replicou Kate, sorrindo.

-Não, não, não estou de acordo com isso, minha querida - retorquiu Miss La Creevy. - O modelo é muito lindo. um modelo muito lindo, na verdade, embora, decerto, alguma coisa dependa do modo como é tratado.

- E não pouco! - observou Kate.

- Nisso ten razão, minha querida - disse Miss La Creevy.

-No fundo tem razão, embora eu não considere duma importância muito grande no presente caso. Ah! as dificuldades da arte são grandes, minha querida.

- Devem ser, não tenho dúvidas - concordou Kate, predispondo bem a sua bem humorada amiguinha.

-Ultrapassam a mais leve concepção que possa formar

- replicou Miss La Creevy. - Pôr olhos e narizes em cabeças que lhes não pertencem, tirar dentes. não faz ideia da maçada que dá uma pequena miniatura.

- A remuneração mal paga tudo isso. - comentou Kate.

- Não paga, é a verdade - confirmou Miss La Creevy - e depois as pessoas são tão exigentes e dizer que, nove em cada dez, não dão prazer em serem pintadas. Algumas vezes; Oh, como me fez parecer tão séria, Miss La Creevy!, e outras, Miss La Creevy, que riso tão afectado!, quando a verdadeira essência dum bom retrato deve ser sério ou sorridente, ou então não é um retrato.

- Na verdade! - disse Kate, rindo.

- Certamente, minha querida, porque os modelos são sempre quer um, quer outro. Olhe para a Royal Academy! Todos aqueles brilhantes retratos de fidalgos com gibões de veludo preto, as mãos dobradas em cima de mesas redondas, ou de mesas com tampos de



mármore, estão sérios, como sabe; e todas aquelas senhoras, que a brincar com as pequenas sombrinhas, ou com os cãesinhos, ou com as criancinhas - e a regra na arte é a mesma, apenas variando os assuntos - estão sorridentes. De facto - continuou Miss La Creevy, baixando a voz até um murmúrio confidencial - há unicamente dois estilos para pintar retratos: o sério e o sorridente; e nós usamos sempre o sério para as pessoas de profissão - excepto os actores, algumas vezes - e o sorridente para as senhoras e cavalheiros particulares, que se não importam muito de ficar snobes. Kate parecia altamente divertida com a informação e Miss La Creevy continuava a pintar e a conversar com inalterável complacência.

- Que quantidade de oficiais tem pintado - comentou Kate, aproveitando uma pausa no discurso e dando uma vista de olhos pelo aposento.

- Quantidade de quê, criança? - perguntou Miss La Creevy, levantando a vista do trabalho. - Retratos de fantasia, sim, mas não verdadeiros militares.

- Não?

- Meu Deus, decerto que não! São apenas empregados que alugam um dólman de uniforme para serem pintados com ele e o mandam para aqui num saco. Alguns artistas, têm um dólman e levam sete xelins e seis pence pelo aluguer e pelo camarim mas eu não faço isso por o não considerar legítimo.

Levantando-se, Miss La Creevy aplicou-se mais intensamente ao trabalho, informando Miss Nickleby qual a feição que estava a tratar para introduzir alguma expressão particular se quisesse.

- E quando - perguntou Miss La Creevy depois dum longo silêncio, - espera ver outra vez o seu tio? - Não sei. Esperava vê-lo em breve - respondeu Kate. Calculo que seja depressa, pois este estado de incerteza é pior do que tudo.

- Suponho que ele tem dinheiro, não tem? - inquiriu Miss La Creevy.

- Tenho ouvido dizer que é muito rico - replicou Kate. Não sei se é, mas creio que sim.

- Ah! Pode acreditar que é, ou ele não fosse tão descortês - notou Miss La Creevy, que era um misto singular de astúcia e de simplicidade. - Quando um homem é um urso, é geralmente muito independente.

- As suas maneiras são bruscas - disse Kate.

- Bruscas! - exclamou Miss La Creevy. - Um porco-espinho é uma cama de penas ao pé dele! Nunca encontrei um selvagem maior!

- apenas a sua maneira de ser - observou timidamente Kate. - Creio ter ouvido dizer que na sua mocidade foi desiludido ou o carácter azedou-se-lhe por alguma calamidade.

Lamentaria pensar mal dele até saber que o merece.

- Isso é muito digno e bonito - comentou a miniaturista

- e Deus me defenda de ser eu a causa disso! Mas ele podia, sem fazer falta, dar-lhe a si e à sua mamã uma pensão com que vivessem confortavelmente até a menina se casar bem e

que fosse uma pequena fortuna para ela. O que podem ser para ele, por exemplo, cem libras por ano?

- Não sei o que isso representaria para ele - confessou Kate com energia - mas para mim, seria preferível morrer, do que aceitá-las.

- O quê?! - exclamou Miss La Creevy.

- Uma dependência vinda dele - disse Kate - amargaria toda a minha vida. Antes estender a mão à caridade!

- Isso dum parente de quem não ouvi dizer mal, confesso, minha querida, parece-me bastante singular.

- Concordo - respondeu Kate, falando mais amavelmente

- na verdade tenho a certeza de que deve parecer. Eu. eu. apenas quero dizer que com os meus sentimentos e as lembranças de tempos melhores, não me era possível viver a expensas dos outros. não dele, particularmente, mas de qualquer um.

Miss La Creevy olhou sorratamente para a sua companheira, como se duvidasse não ser o próprio Ralph o objecto da repugnância, mas vendo que a sua jovem amiga estava magoada, não fez comentários.

- Apenas lhe peço - continuou Kate, cujas lágrimas caíam enquanto falava - que se empenhe um pouquinho a meu favor, permitindo-me pela sua recomendação, apenas pela sua recomendação, ganhar, literalmente, o meu pão e ficar com a minha mãe. Se alguma vez tornarmos a sentir felicidade, será apenas devido ao meu querido irmão; mas se ele fizer isso, e Nicholas nos disser que está bem e contente, ficarei satisfeita.

Quando acabou de falar ouviu-se um ruído por detrás do biombo, que estava entré ela e a porta, e alguém bateu no forro.

- Entre, quem é! - gritou Miss La Creevy.

A pessoa obedeceu e, avançando imediatamente, mostrou a forma e as feições pertencentes, nem mais nem menos, do que ao próprio Mr. Ralph Nickleby.

- Um vosso criado, minhas senhoras - Disse Ralph, olhando com aspereza para cada uma delas, por sua vez. - Conversavam tão alto que era impossível fazer-me ouvir.

Quando o homem de negócios se preparava para dar o salto com os dentes arreganhados, tinha o jeito de esconder quase os olhos sob as sobrelhas espessas e protuberantes durante um instante e depois mostrava-os com todo o seu fulgor. Assim fez então e tentou esconder o sorriso que dividia os lábios delgados e compridos, e lhe enrugava os cantos duros da boca, dando a perceber a ambas que ouvira parte da conversa, senão toda.

-Bati aqui no meu caminho lá para cima, quase com a certeza de a encontrar - disse Ralph dirigindo-se à sobrinha e olhando desdenhosamente para o retrato. - Esse é o retrato daminha sobrinha, ma'am?

- É sim, Mr. Nickleby - respondeu Miss La Creevy com um ar muito prestimoso - e, aqui entre nós, será um lindo retrato, embora não devesse dizê-lo por ser autora do mesmo.

- Não se incomode a mostrar-mo, ma'am - avisou Ralph, afastando-se. - Não tenho olhos para coisas dessas. Está quase acabado?

- Está - respondeu Miss La Creevy, meditando, com o cabo do pincel na boca. - Mais duas sessões.

- imediatamente, ma'am disse Ralph. - Depois de amanhã já não haverá tempo a perder com bagatelas. Trabalho, ma'am, trabalho; todos devemos trabalhar. Alugou o seu apartamento?

-Ainda não pus escritos, sir.

-Ponha-os já, ma'am; depois desta semana já não precisam dos quartos, ou se precisarem não podem pagá-los. Minha querida, se está pronta não percamos tempo!

Presumindo amabilidade, o que lhe ficava pior do que os seus modos habituais, Mr. Ralph Nickleby deixou a rapariga passar-lhe à frente e, curvando-se gravemente

perante Miss La Creevy, fechou a porta e seguiu para o andar superior, onde Mrs. Nickleby o recebeu com muitas manifestações de consideração. Fazendo-as parar um

tanto abruptamente, Ralph fez um gesto de impaciência com a mão e focou o assunto da sua visita.

-Encontrei um lugar para a sua filha, ma'am.

-Dir-lhe-ei que era justamente isso o que esperava de si

- declarou Mrs. Nickleby. - Ainda ontem de manhã, ao pequeno almoço, disse a Kate, uma vez que o teu tio arranjou daquela maneira tão rápida um lugar para Nicholes, não nos deixará, enquanto não fizer o mesmo por ti. Foram estas precisamente as minhas palavras, tanto quanto me recorde. Kate, minha querida, porque não agradeces ao teu tio?

- Peço-lhe que me deixe continuar, ma'am - disse Ralph, interrompendo a torrente discursiva da cunhada.

- Kate, meu amor, deixa o teu tio continuar - avisou Mrs. Nickleby.

- Estou ansiosa por isso, mamã - replicou Kate.

-Então se estás ansiosa, minha querida, farias melhor deixando o teu tio dizer o que tem para dizer

sem o interromperes - observou Mrs. Nickleby, com muitos pequenos gestos de cabeça e franzimento de sobrolho. - O tempo do teu tio é precioso, minha querida, e por muito desejosa que possas estar - como tenho a certeza devem estar quaisquer parentes afeiçoados como nós, que tão pouco conheceram teu tio - de sentir o prazer de o termos entre nós, não podemos, contudo, ser egoístas, mas antes ter em consideração a importante na tureza das suas ocupações na cidade.

- Estou-lhe muito agradecido, ma'am - disse Ralph, com subtil ironia. - Na ausência de negócios, os hábitos desta família levam, aparentemente, a gastar muitas palavras antes

dos negócios chegarem, quando ainda estão apenas pendentes.

- Receio que assim seja - replicou Mrs. Nickleby com um suspiro. - O seu pobre irmão.

- O meu pobre irmão, ma'am - interrompeu Ralph asperamente - não fazia ideia alguma do que fossem negócios, creio sinceramente! -nem sequer da significação da palavra.

- Receio que não - confirmou Mrs. Nickleby, levando o lenço aos olhos. - Se não tivesse sido eu, não sei o que teria sido dele.

Mrs. Nickleby mordera de tal forma a isca deitada por Ralph na sua primeira entrevista, que se convencera ser ela o credor do marido mais digno de dó, por causa das suas mil libras. E, contudo, amara-o ternamente e por muitos anos, sem sombra de egoísmo. Tal é a irritabilidade duma súbita pobreza. Um modesto rendimento, ter-lhe-ia feito recuperar os seus sentimentos.

- Não merece a pena incomodar-se, ma'am - aconselhou Ralph. - Não há nada mais inútil do que prantear o tempo passado.

- Assim é - soluçou Mrs. Nickleby. - Assim é!

-Como sente tão ao vivo, na bolsa e pessoa, as consequências da negligência nos negócios, ma'am - disse Ralphestou certo de que gravará nos seus filhos a necessidade de se dedicarem a eles desde o início da vida.

- Decerto que vejo isso - replicou Mrs. Nickleby. - Triste experiência, como sabe, meu cunhado. Kate, minha querida, põe isso na próxima carta para Nicholas, ou lembra-me para eu pôr se escrever.

Ralph parou por uns momentos e vendo que estava absolutamente seguro da mãe, no caso da filha pôr obstáculos à sua proposta, continuou:

-O lugar que me empenhei a procurar, ma'am, é, em resumo, para uma modista e alfaiate de senhoras.

- Uma modista! - exclamou Mrs. Nickleby.

- Uma modista e alfaiate de senhoras, ma'am - respondeu Ralph. - As modistas em Londres, como não preciso de lhe lembrar, estão em muito boas relações com todos os assuntos da rotina normal da vida, fazendo grandes fortunas, com as suas equipagens, e são pessoas de grandes haveres e sorte.

As primeiras ideias que vieram à cabeça de Mrs. Nickleby às palavras de modista e alfaiate, foram uns cestos de verga forrados de encerados pretos, que se lembrava de ter visto andar dum lado para o outro nas ruas; mas estas ideias desapareceram com a continuação da conversa de Ralph e foram substituídas por visões de grandes casas do West End, boas carruagens particulares e conta no Banco. E, tão rapidamente se sucederam estas imagens, que mal ele acabou de falar, já ela acenava com a cabeça, dizendo: Muito certo, com aparência de grande satisfação.

- O que o teu tio diz é muito verdade, Kate, minha querida - disse Mrs. Nickleby. - Lembro-me, quando o teu pobre

papá e eu viemos à cidade, depois de termos casado, duma jovem senhora me ter trazido a casa um chapéu com uma guarnição verde e branca, forrado de verde, na sua própria carruagem, que chegou à porta a todo o galope. Não estou absolutamente certa se a carruagem era dela, ou de aluguer, mas pelo menos lembro-me muito bem de que o cavalo caiu morto quando ia a dar a volta e o teu pobre pai afirmou que ele já há uma

quinzena não comia.

Esta história, tão admiravelmente ilustrada, da opulência das modistas, não foi recebida com qualquer grande demonstração de prazer, visto Kate baixar a cabeça enquanto decorria o seu relato, e Ralph manifestar inteligíveis sintomas de extrema impaciência.

- O nome da senhora - informou ele, rapidamente - é Mantalini. Madame Mantalini. Conheço-a. Vive perto de Cavendish Square. Se sua filha está disposta a experimentar este lugar, levo-a lá imediatamente.

- Não tens nada para dizer ao teu tio, meu amor? - perguntou Mrs. Nickleby.

- Uma porção de coisas - respondeu Kate - mas agora não. Prefiro falar com ele quando estivermos sós. Ele não perde tempo por lhe agradecer e lhe dizer que conversarei durante o caminho.

Com estas palavras, Kate, fugiu para esconder os traços de emoção e para se preparar para sair, enquanto Mrs. Nickleby divertia o cunhado, contando-lhe coisas da sua passada grandeza. Estas reminiscências foram cortadas pela entrada de Kate em traje de passeio, e Ralph, que estivera irritado e furioso durante a sua ausência, sem perder tempo e com muito pouca cerimónia, desceu para a rua.

- Agora - disse-lhe, agarrandolhe no braço - ande o mais depressa que puder e marque o passo com que há-de caminhar todas as manhãs para o emprego.

Dizendo isto conduziu Kate num andamento bastante rápido para Cavendish Square.

- Estou-lhe muito obrigada, tio - agradeceu a rapariga depois de terem andado um bocado em silêncio - muito!.

- Estou satisfeito em ouvir isso - confessou Ralph. - Espero que cumprirá o seu dever.

- Tentarei agradar, tio - replicou Kate. - Na verdade, eu...

- Não comece a chorar - rosnou Ralph. - odeio o choro.

- Sei que é uma grande tolice, tio - começou a pobre Kate:

- É - retorquiu Ralph, cortando-lhe a palavra - e além disso muito afectado. Não torne a fazer isso. Talvez não fosse a melhor forma de secar as lágrimas numa rapariga sensível, mas a verdade é que fez efeito. Kate corou profundamente, respirou fundo durante uns momentos e depois andou com um passo mais firme e determinado. Era um curioso contraste ver a tímida rapariga criada na província a encolher-se entre a multidão que se agitava nas ruas, com o homem de negócios de feições duras, acotovelando os transeuntes e trocando de vez em quando um cumprimento com algum conhecido, que se voltava, surpreendido com a linda companheira. Mas notaria um contraste mais estranho se se pudesse ler nos corações que batiam lado a lado; ver a simples inocência dum e a brutal vilania do outro.

- o - disse Kate quando julgou estarem perto do destino - tenho uma pergunta a fazer-lhe. Vou ficar a casa?

- Casa? - inquiriu Ralph. - Onde é isso?

- Quer dizer, com a minha mãe. a viúva - respondeu Kate enfaticamente.

- Viverá aqui em todo o sentido - replicou Ralph - pois é aqui que terá as suas refeições e aqui estará de manhã até à noite. ocasionalmente, talvez, até de manhã.

- Mas eu quero dizer de noite - explicou Kate. - Não posso deixá-la, tio. Preciso de ter um sítio a que possa chamar casa: seja onde for e por humilde que seja.

- Pode ser! - disse Ralph, andando mais depressa com a impaciência provocada pela observação. - Deve ser, quer dizer. Talvez seja uma casa humilde! A rapariga é maluca.

- A palavra saiu-me da boca. Na verdade não queria dizer isso - apressou-se a corrigir Kate.

- Espero que não. - respondeu Ralph.

-Mas a minha pergunta, tio; não lhe deu resposta.

- Previ alguma coisa desse género - informou Ralph - e embora me oponha muito fortemente, preveni-a. Falei de si como numa empregada externa; assim, irá para esta casa, que pode ser humilde, todas as noites.

Havia certo conforto nisto. Kate proferiu muitos agradecimentos pela consideração do seu tio, que Ralph recebeu como se os merecesse e, sem mais conversa, chegaram à porta da modista, que ostentava uma grande chapa com o nome e a ocupação de Madame Mantalini e abria para uma bonita escada. Havia uma loja na casa, ocupada por um importador de óleo essencial de rosas. As salas de exposição de Madame Mantalini eram no primeiro andar.

Um laçao de libré abriu a porta e, em resposta à pergunta de Ralph, se Madame Mantalini estava em casa, levou-os através duma formosa ante-sala para um salão de exposições que compreendia duas espaçosas saletas e exhibia uma imensa variedade de soberbos vestidos e respectivos materiais.

Esperaram muito mais tempo do que era do agrado de Mr. Ralph Nickleby, que olhava com muito pouca consideração para as vistosas farrapagens em volta dele e que por fim, se preparava para tocar a campainha quando um cavalheiro meteu de repente a cabeça dentro do aposento, retirando-a outra vez por ver lá gente.

- Olá! - exclamou Ralph. - Quem é?

Ao som da voz de Ralph a cabeça reapareceu e a boca, mostrando uma comprida fila de dentes muito brancos, pro feriu num tom afectado as palavras: Diabo! O quê, Nickleby!

Oh, diabo! .

Tendo dito isto, o cavalheiro avançou e apertou a mão a Ralph com grande calor. Usava suíças e bigode, ambos tingidos de preto e graciosamente encaracolados.

-Diabo! Não me diga que precisa de mim, pois não? perguntou o cavalheiro dando grandes palmadas no ombro de Ralph.

- Ainda não! - respondeu Ralph sarcasticamente.

- Ah! ah! diabo! - exclamou o cavalheiro quando, rodando sobre si para rir com mais elegância, encontrou Kate Nickleby, que se encontrava perto.

- A minha sobrinha - apresentou Ralph.

- Lembro-me - respondeu o cavalheiro, batendo no nariz com o nó do dedo polegar, como se estivesse a punir-se pelo seu esquecimento. - Diabo! Lembro-me agora por que vem cá! Venha por aqui, Nickleby. Minha querida, quer seguir-me? Ah! ah! todas me seguem, Nickleby; seguem-se sempre, diabo, sempre!

Dando largas desta maneira à sua graciosa imaginação, o cavalheiro levou-os para uma saleta particular no segundo andar, pouco menos elegantemente mobilada do que o aposento de baixo, onde uma cafeteira de prata, uma casca de ovo e um serviço de porcelana para uma pessoa, parecia indicar que ele tinha acabado o seu pequeno almoço.

- Sente-se, minha querida - convidou o cavalheiro, primeiro pasmado, sem expressão, para Miss Nickleby e depois mostrando os dentes, deleitado com o negócio. - Este maldito aposento cá em cima tira-nos a respiração. Estas infernais salas no céu... Receio ter de me mudar, Nickleby!

- Eu mudava-me, sem dúvida - replicou Ralph, olhando em volta, com irritação.

- Que tipo tão divertido você me saiu, Nickleby - disse o cavalheiro. - A jóia meis fina e mais astuta de todos os tempos. diabo.

Tendo feito este cumprimento a Ralph, o cavalheiro tocou a campainha e ficou pasmado, olhando para Miss Nickleby até aparecer um criado a quem pediu para dizer à senhora que viesse imediatamente; depois do que continuou pasmado, só caindo em si com o aparecimento de Madame Mantalini.

A modista era uma pessoa dócil, muito bem vestida, com uma aparência bastante boa, mas muito mais velha do que o cavalheiro, com quem casara seis meses antes. O

seu nome original era Muntle, mas convertera-se, por uma fácil transição, em Mantalini. A participação dele nos negócios limitava-se, presentemente, a gastar dinheiro e, ocasionalmente, quando ele faltava, a correr para casa de Mr. Ralph Nickleby a procurar descontar, com uma percentagem, as contas dos clientes.

- Que diabo de tempo te demoraste, minha vida! - censurou Mr. Mantalini.

- Eu nem sequer sabia que Mr. Nickleby estava cá, meu amor! - desculpou-se Madame Mantalini.

- Então que duplamente velhaco deve ser esse infernal laçao, minha alma! - queixou-se Mr. Mantalini.

- Meu querido - disse Madame. - A culpa é inteiramente tua.

- Culpa minha, alegria do meu coração?

- Certamente - retorquiu a senhora. - O que podes es perar, queridíssimo, se não corriges o homem?

- Corrigir o homem, delícia da minha alma?

- Sim, tenho a certeza de que precisa de quem lhe fale com bastante aspereza - declarou madame, fazendo beicinho.

- Então não te apoquentes - pediu Mr. Mantalini - porque ele será chicoteado até gritar como um danado.

Com esta promessa Mr. Mantalini beijou Madame Mantalini; em retribuição Madame Mantalini puxou-lhe a orelha por brincadeira e depois desceram para tratar de negócios.

- Agora, ma'am - disse Ralph, que olhava para tudo isto com o desprezo que poucos homens podem exprimir num olhar - apresento-lhe a minha sobrinha.

- Muito bem, Mr. Nickleby - respondeu Madame Mantalini, inspeccionando Kate da cabeça aos pés e voltando ao ponto de partida. - Sabe falar francês, minha filha?

- Sim, ma'am - replicou Kate, não se atrevendo a levantar a vista, pois sentia os olhos daquele homem odioso pregados nela.

- Como um natural? - perguntou o marido.

Miss Nickleby não deu resposta à pergunta e voltou as costas ao homem, como se preparasse para responder ao que a mulher lhe pudesse perguntar.

- Temos vinte jovens constantemente empregadas no estabelecimento - informou madame.

- Na verdade, ma'am? - admirou-se Kate, timidamente.

- Sim, e algumas delas também bonitas.

- Mantalini! - exclamou a esposa numa voz respeitável.

- Ídolo dos meus sentidos! - respondeu Mantalini.

- Queres partir-me o coração?

- Nem por vinte mil hemisférios povoados por. por. por lindas bailarinas de café-concerto - replicou Mantalini num arroubo poético.

- Darás, se continuas com esse modo de falar - afirmou a mulher. - O que pode pensar Mr. Nickleby quando te ouve?

- Oh! Nada, ma'am, nada! - retorquiu Ralph. - Conheço a sua natureza amável e as vossas questiúnculas de namorados, notas que dão um sabor à vossa vida diária, que adoçam mais essas alegrias domésticas, que prometem perdurar muito. e é tudo, é tudo! Se uma porta de feno chiasse nos gonzos ao abrir-se lentamente, teria um som mais agradável do que a voz de Ralph ao pronunciar estas palavras. Mesmo Mr. Mantalini sentiu a sua influência e, voltando-se amedrontado, exclamou:

- Que demónio de grasnar tão terrível!

- Faça favor de não prestar atenção ao que diz Mr. Mantalini - observou a mulher, dirigindo-se a miss Nickleby.

- Não, ma'am - respondeu Kate com calmo desdém.

- Mr. Mantalini não sabe seja o que for acerca de qualquer das jovens - continuou madame, olhando para o marido e falando para Kate. - Se viu alguma delas, deve tê-la visto na rua, indo ou vindo do trabalho, e não aqui. A quantas horas de trabalho está acostumada?

- Eu nunca fui habituada a trabalhar - replicou Kate em voz baixa.

- Por cuja razão trabalhará melhor agora todas as horas

- disse Ralph, metendo a colherada, embora esta confissão pudesse estragar as negociações.

- Assim o espero - retorquiu Madame Mantalini. - As nossas horas são das nove às nove, mas

quando estamos cheias de serviço, há horas extraordinárias que são pagas à parte.

Kate inclinou a cabeça para indicar que ouvira e estava satisfeita.

- As suas refeições - continuou Madame Mantalini - isto é, jantar e chá, são tomadas aqui. O seu ordenado será uma média de cinco a sete xelins por semana, mas não

lhe posso dar uma certeza enquanto não vir o seu trabalho.

Kate tornou a inclinar a cabeça.

- Se está pronta para vir - disse Madame Mantalini - é melhor começar na segunda-feira de manhã, às nove horas exactas, e Miss Knag, a contramestra, terá, então, instruções para a experimentar, em qualquer trabalho fácil. Há mais alguma coisa, Mr. Nickleby?

- Nada mais, ma'am - respondeu Ralph, levantando-se.

- Creio, então, que é tudo - terminou a senhora. Tendo chegado a esta natural conclusão, Madame Mantalini não sabia se devia acompanhá-los, mas Ralph tirou-a desse embaraço, saindo sem demora, embora Mr. Mantalini quisesse fazer as honras da casa, na esperança de Kate o olhar, esperança que não foi satisfeita.

- Agora já está arrumada - declarou Ralph quando chegaram à rua.

Kate ia agradecer--Lhe novamente, mas ele deteve-a.

- Tinha pensado em colocar a sua mãe - continuou el. - em um canto agradável da província. Tinha uma apresentação para algumas casas de caridade nos limites de Cornwall, o que lhe tinha ocorrido mais duma vez) mas como querem estar juntas, tenho de fazer alguma coisa em seu favor. Ela tem algum dinheiro?

- Muito pouco - informou Kate.

- Pouco, durará muito, se for usado com parcimónia

- sentenciou Ralph. - Ela deve ver para quanto tempo lhe dura não pagando renda. Deixam os vossos aposentos no sábado?

- O senhor disse para os deixarmos, tio.

- Sim. Há uma casa vaga que me pertence, a qual posso ceder-lhes enquanto está para alugar e depois, se isto não melhorar, talvez tenha outra. Têm que ir para lá.

- muito longe daqui, sir? - perguntou Kate.

- Bastante longe - informou Ralph - num outro bairro da cidade. no East End. Mas no sábado vou mandar o meu empregado às cinco horas para as levar. Sabe o caminho?

Sempre a direito.

Apertando friamente a mão da sobrinha, Ralph deixou-a ao cimo de Regent Street e voltou a uma travessa, aferrado a um projecto de apanhar dinheiro. Kate voltou tristemente para os seus aposentos no Strand.

## Capítulo XI

Mr. Newman Noggs investe Mrs. e Miss Nickleby na posse da sua nova morada na City

As reflexões de Miss Nickleby levaram-na a encarar o futuro com uma certa apreensão, quer pelas maneiras dúbias do tio, quer pelo que tinha visto em casa de Madame

Mantalini. As consolações da mãe poderiam levantar-lhe o moral, mas quando chegou a casa, a boa senhora lembrou-se de vários casos de modistas terem feito fortuna,

quer por terem capital com que principiar e terem tido sorte, quer por terem casado com um homem de dinheiro. Miss La Creevy, que fazia parte do pequeno conselho, emitiu as suas dúvidas sobre a probabilidade de Miss Nickleby ter essa felicidade.

- Receio que seja ocupação pouco saudável - disse Miss La Creevy. - Lembro-me de três jovens modistas que me deram umas sessões quando comecei a pintar e recordo-me de serem todas pálidas e adoentadas.

- Bem, isso não é, de forma alguma, uma regra geral

- observou Mrs. Nickleby - pois lembro-me, tão bem como se fosse ontem, duma a quem mandei

fazer uma capa escarlate, no tempo em que era moda as capas escarlates, cuja cara era muito vermelha na verdade!

- Talvez bebesse - sugeriu Miss La Creevy.

- Não sei a razão - confessou Mrs. Nickleby. - Só sei que tinha e por isso o seu argumento cai pela base.

Acabada esta questão, Kate comunicou o desejo do tio sobre a casa vaga, ao que Mrs. Nickleby aquiesceu prontamente, mostrando ser um agradável passatempo, nas noites boas, ir buscar a filha a West End, esquecendo-se das noites húmidas e do mau tempo que fazia em quase todas as semanas do ano.

- Terei muita pena. verdadeira pena em deixá-la, minha boa amiga - disse Kate, a quem os bons sentimentos da pobre miniaturista tinham causado uma profunda impressão.

- Tudo isso não me afastará - afirmou Miss La Creevy, com tanto ânimo quanto lhe foi possível. Irei visitá las muitas vezes para ver como vão; e se em toda a Londres e no vasto mundo não houver outro coração que se interesse pelo vosso bem-estar, esta mulher solitária orará por vós dia e noite.

Com isto, a pobre criatura que tinha um grande coração, sentou-se a um canto e teve o que ela chamava uma verdadeira crise de choro.

Mas nem o choro, nem a conversa, a esperança ou o receio, puderam evitar que chegasse a temida tarde de sábado, nem também Newman Noggs, o qual foi tão pontual que aguardou a última pancada do relógio para bater à porta.

- Da parte de Mr. Ralph Nickleby - informou Newman, dando conta da sua missão, quando subiu a escada com toda a pressa possível.

- Já estamos prontas - disse Kate. - Não temos muito que levar, mas receio que seja preciso alugar um carro.

- Arranjarei um - replicou Noggs.

- Na verdade não quero que se mace - preveniu Mrs. Nickleby.

- Quero eu - obstinou-se Noggs.

- Não consinto que pense numa coisa dessas - replicou Mrs. Nickleby.

- Não pode evitar - retorquiu Newman.

- Não posso evitar?!

-Não. Pensei nisso quando vim, mas não contratei logo um julgando que ainda não estariam prontas. Penso em muitas coisas. Ninguém pode evitar isso.

- Sim, compreendo-o, Mr. Noggs - disse Mrs. Nickleby. Os nossos pensamentos são livres, evidentemente!

-Não seriam se algumas pessoas levassem a sua avante

- murmurou Newman.

- Sim, não seriam, lá isso é verdade, Mr. Noggs - replicou Mrs. Nickleby. - Algumas tenho a certeza, são. Como vai o seu patrão?

Newman dardejou um significativo olhar para Kate e respondeu com uma grande ênfase sobre a última palavra da sua resposta, que Mr. Ralph Nickleby estava bem e enviava os seus cumprimentos de amizade.

- Estou certa de que lhe devemos muito - observou Mrs. Nickleby.

- Muito - repetiu Newman. - Dir-lhe-ei isso mesmo. Não era fácil fazer confusão com Newman Noggs depois de o ter visto uma vez e, como Kate, atraída pela singularidade das suas maneiras, olhou para ele mais de perto, lembrou-se de ter entrevisto esta figura estranha.

- Desculpe a minha curiosidade - pediu ela - mas não o vi na estação da diligência na manhã da partida do meu irmão para Yorkshire?

Newman deitou um olhar atento para Mrs. Nickleby e respondeu muito descaradamente:

- Não!

- Não! - exclamou Kate. - Teria afirmado isso em qual quer parte-

Então teria afirmado mal - retorquiu Newman. - É a primeira vez que saio em três semanas. Estive com gota!



Newman estava muito longe de ter a aparência duma pessoa gotosa e foi isso o que pensou Kate, mas a conferência foi em breve interrompida por Mrs. Nickleby, insistindo para se mandar buscar uma carruagem, que Newman foi alugar. E depois de muitos adeuses a Miss La Creevy e de se ter carregado a carruagem com a bagagem, partiram, finalmente, indo Newman na almofada, ao lado do cocheiro.

Entraram no coração da cidade e voltaram para o lado do rio, chegando a uma grande casa suja, em Thames Street, depois duma morosa viagem pelas ruas coalhadas de gente.

A porta desta casa deserta e que parecia desabitada há anos, foi aberta por Newman com uma chave tirada do cha péu, onde estava tudo, inclusivamente o dinheiro, quando o tinha, por causa do estado miserável das suas algibeiras. Depois da carruagem descarregada, encaminharam-se para dentro de casa.

Na verdade era velha, triste e feia, tétricos e escuros os aposentos, outrora tão animados pela vida e empreendimentos. Jaziam, dispersos pelo chão, um canil vazio, alguns ossos de animais, fragmentos de arcos de ferro e aduelas de velhos cascos, mas não havia vida. Era um quadro de decrepitude fria e silenciosa.

- Esta casa deprime e faz tremer - observou Kate. - Parece ter-lhe caído em cima alguma praga. Se fosse supersticiosa inclinava-me a acreditar que algum terrível crime ti vesse sido cometido dentro destas paredes e por isso o lugar nunca mais prosperou. Como a sua aparência é terrível e escura!

- Meu Deus, minha querida! - replicou Mrs. Nickleby. Não fales dessa maneira, se não morro de susto.

- É apenas a minha fantasia, mamã - disse Kate, forçando um sorriso.

- Bem, então, meu amor, desejo que guardes toda a fantasia para ti e não despertes toda a minha fantasia para lhe fazer companhia - retorquiu Mrs. Nickleby. - Por

que não pensaste antes em tudo isto - és tão descuidada - pois podíamos ter pedido a Miss La Creevy para ficar algum tempo connosco, emprestar-nos um cão, ou milhares

de coisas. Mas foi sempre assim e passava-se justamente a mesma coisa com o teu pobre pai. Só eu pensava em tudo.

Este era o começo usual das lamentações de Mrs. Nickleby, dirigidas a ninguém em especial e terminadas apenas quando lhe faltava o fôlego.

Newman parecia não ter ouvido estas observações, e levou-as a dois aposentos no primeiro andar, onde parecia ter sido feita uma tentativa para os tornar habitáveis.

Num havia algumas cadeiras, uma mesa, uma velha cobertura de chiné, algumas baetas desbotadas; na lareira ardia um lume. No outro estava uma velha cama de campanha e alguns pobres artigos de mobília de quarto.

- Bem, querida - disse Mrs. Nickleby, tentando parecer satisfeita - isto não é atenção e consideração do teu tio? Se não fosse isso só tínhamos a cama que comprámos ontem para nos deitar.

- Muito amável, na verdade - respondeu Kate, olhando em redor.

Newman Noggs não disse que tudo aquilo era obra sua, mas ouvindo os elogios dirigidos a Ralph Nickleby, não pôde deixar de fazer estalar os nós dos dedos, com o que Mrs. Nickleby se admirou a princípio; supondo, porém, tratar-se de alguma manifestação de gota, não fez observação alguma.

- Creio que não precisamos de o deter mais tempo - disse Kate.

- Não há nada que eu possa fazer? - perguntou Newman.

- Nada, obrigada! - respondeu Miss Nickleby.

- Minha querida, talvez Mr. Noggs queira beber à nossa saúde - lembrou Mrs. Nickleby, procurando na bolsa uma moeda pequena.

- Parece-me, mamã - replicou Kate, hesitando e notando a expressão de Newman - que magoaria os seus sentimentos se lhe oferecesse dinheiro.

Newman Noggs, inclinando-se perante a jovem, mais semelhante a um fidalgo do que ao miserável

que parecia ser, colocou a mão sobre o coração e, parando por um momento, com ar de um homem que se esforça por falar, mas incerto no que tem a dizer, deixou o aposento. Quando os ecos dissonantes da pesada porta ao fechar-se no trinco repercutiram pelo edifício, Kate sentiu-se meio tentada a chamá-lo e a pedir-lhe para ficar um bocado, porém, envergonhou-se do seu medo e Newman Noggs seguiu para casa.

## CAPÍTULO XII

Onde se acompanha o amor de Miss Fann Squeers e se verifica se decorre, ou não, suavemente

Foi uma felicidade para Miss Fanny Squeers, quando o pai voltou para casa na noite do chá, estar ausente de mais para notar o seu estado de espírito. No entanto, vinha bastante irritável e quando apanhou o primeiro rapaz a jeito descarregou-lhe uma série de pontapés e socos, com o que ficou satisfeito para se meter na cama, de botas e com o guarda-chuva debaixo do braço.

A famélica crisia, como o costume, ajudou Miss Squeers a pentear o cabelo e a executar outros pequenos serviços de toucador no seu próprio quarto, lisonjeando-a o mais possível. Miss Squeers era mandriona e suficientemente vã e frívola para ser honesta.

- Como esta noite o seu cabelo fica tão bem encaracolado, miss - disse a criada. - Pergunto se não é uma pena penteá-lo.

- Cala-te! - ordenou Miss Squeers asperamente. Uma boa dose de experiência evitou a surpresa da rapariga perante esta explosão do génio de Miss Squeers. Tendo uma me noção do acontecido nessa tarde, mudou a maneira de se tornar amável, desviando o rumo.

- Queria dizer, miss, ainda que me ralhe - declarou a rapariga - que nunca vi ninguém mais ordinária de que Miss Price, esta noite.

Miss Squeers suspirou e preparou-se para escutar.

- Ainda que me fique mal dizê-lo, ela veste-se dum maneira para ser notada, que...

- O que queres dizer Phib? - perguntou Miss Squeers, olhando para o seu espelhinho, onde, como a maioria de nós, viu, não a sua figura, mas o reflexo dum imagem agradável, concebida no seu cérebro. - Como tu falas!

-Falo, miss! Basta ouvir um gato a falar francês para ver como levanta a cabeça! - redarguiu a criada.

- Ela levanta, na verdade, a cabeça - observou Miss Squeers com um ar distraído.

- Tão orgulhosa e tão ordinária - continuou a rapariga.

- Pobre Tilda! - suspirou Miss Squeers, compassivamente.

-E sempre a exhibir-se tanto, com o fim de ser admirada

- prosseguiu a rapariga. - Meu Deus! mesmo indelicada.

- Não permito que fales dessa maneira, Phib! - advertiu Miss Squers. - Os amigos de Tilda são gente baixa e se ela não conhece melhores, é culpa deles e não nosa.

- Bem, mas a miss sabe - disse Phoebe, cujo nome Phib era usado como uma abreviatura patronímica - que se ela ao menos copiasse uma amiga... se ao menos soubesse como procedeu mal e que só se corrigiria consigo, que bela rapariga ainda podia vir a ser!

- Phib - replicou Miss Squeers com um ar majestoso - não é próprio eu estar a ouvir essas comparações; fazem parecer Tilda uma grosseira, de maneiras impróprias,

e parece-me desumano escutá-las. Preferia que abandonasses o assunto, Phib. Ao mesmo tempo devo dizer que, se Tilda Price

tivesse tirado o modelo de alguém - não de mim, particularmente.

- Oh! sim, de si, miss - interrompeu Phib.

- Bem, então de mim, Phib, se o tivesse feito - disse Miss Squeers - devo dizer-te que se o tivesse feito, teria o bem do seu lado.

- Assim o crê alguém, ou muito me engano. - confidenciou a criada misteriosamente.

- O que queres dizer? - perguntou Miss Squeers.

- Não lhe dê cuidado, miss - respondeu a rapariga. - Sei o que sei e basta.

- Phib - disse Miss Squeers, dramaticamente. - Insisto para que te expliques. Que escuro mistério é esse? Fala!

- Já que quer, miss, é isto - respondeu a criada. - Mr. John Browdie pensa como a menina e se não fosse tarde demais para lhe dar crédito, ficava muito contente em pôr Miss Price com dono e voltar-se para Miss Squeers.

- Deus do céu! - exclamou Miss Squeers, batendo as palmas com dignidade. - O que é isso?

- A verdade, ma'am, e nada mais do que a verdade - replicou a matreira Phib.

- Mas que situação - exclamou Miss Squeers. - Estar a dois passos de destruir, inconscientemente, a paz e a felicidade da minha querida Tilda! Qual é a razão por que os homens se enamoram de mim, quer eu queira, quer não, e deixam as que escolheram por minha causa?

- Porque não podem deixar de o fazer, miss - replicou a rapariga - a razão é simples.

- Não me tornes a falar nisso - preveniu Miss Squeers. Nunca! Ouviste? Tilda Price tem as suas faltas - muitas faltas - mas desejo-lhe bem, acima de tudo. Desejo-a casada, pois creio ser altamente aconselhável - muitíssimo aconselhável pela verdadeira natureza dos seus defeitos - o casar-se o mais depressa possível. Não, Phib! Deixa-a ir com Mr. Browdie. Posso apiedar-me dele, pobre rapaz, mas tenho uma grande estima por Tilda e só peço que se faça uma esposa, melhor do que creio há-de ser!

Com esta afirmação de sentimentos, Miss Squeers foi para a cama. Despeito é uma pequena palavra, mas representa uma confusão de sentimentos. Miss Squeers sabia muito bem que o que a criada dissera era vil, grosseiro, cheirando a lisonja. Contudo serviu-lhe para expandir um pouco a sua ruim natureza contra Miss Price, fingindo compadecer-se das suas fraquezas e manias. Miss Squeers sentiu-se dum espírito completamente elevado e muito superior depois da sua nobre renúncia à mão de John Browdie e viu a rival com uma espécie de santa calma e tranquilidade, que teve um alto efeito para suavizar os seus alvoroçados sentimentos. Este feliz estado de espírito teve alguma influência em pôr em execução uma reconciliação, pois quando se ouviu uma pancada na porta da frente, no dia seguinte, e foi anunciada a filha do moleiro, Miss Squeers acorreu à saleta numa disposição perfeitamente cristã, muito digna de ser observada.

- Bem, Fanny - disse a filha do moleiro - vêes que venho visitar-te, embora tivéssemos dito algumas palavras ásperas a noite.

- Tenho pena das tuas más paixões, Tilda - respondeu Miss Squeers - mas eu não sou de reservas. Sou muito superior a isso.

- Não te zangues, Fanny - pediu Miss Price. - Vim dizer-te uma coisa que sei que te agrada.

- O que é, Tilda? - perguntou Miss Squeers, fazendo boquinha e olhando, como se nada na terra, ar, fogo e água, pudesse dar-lhe o mais ligeiro vislumbre da satisfação.

- isto - replicou Miss Price. - Depois de sairmos daqui ontem à noite, eu e o John tivemos uma terrível questão.

- Isso não me agrada! - declarou Miss Squeers, abrandando as palavras com um sorriso.

- Meu Deus! Não te julgava tão má para supor que te agradasse! - retorquiu-lhe a companheira. - Não é isso.

- Oh! - exclamou Miss Squeers, recaindo na melancolia. Continua.

- Depois duma discussão e de dizermos um ao outro que nunca mais nos veríamos - continuou Miss Price - ficamos por ali, mas esta manhã o John foi escrever os nossos nomes para os banhos serem lidos, pela primeira vez, no próximo domingo. Por isso, caso-me daqui a três semanas e dou-te a notícia para teres pronto o teu vestido!

Esta novidade continha fel e mel. O projecto da sua amiga se casar tão depressa era o fel, e a certeza de não conceber sérios planos para com Nicholas era o mel.

Prevalecendo o doce sobre o amargo, Miss Squeers disse que o fato estaria pronto, esperando que Tilda fosse feliz, embora, ao mesmo tempo, não soubesse se isso seria

possível por os homens serem criaturas estranhas e tanto assim que muitas mulheres casadas eram infelizes e desejavam voltar a ser solteiras de todo o coração. A estas condolências Miss Squeers juntou outras igualmente calculadas para levantar o espírito da amiga e excitar-lhe a alegria.

- Mas vem cá, Fanny - disse Miss Price. - Quero dar-te uma palavra ou duas acerca do jovem Mr. Nickleby.

- Ele não é nada para mim - interrompeu Miss Squeers com sintomas de histerismo. - Desprezo-o completamente!

- Tenho a certeza de que não pensas assim - replicou a amiga. - Confessa, Fanny, não gostas dele? Sem dar uma resposta directa Miss Squeers caiu num paroxismo de lágrimas amargas, exclamando que era uma criatura infeliz, miserável e desamparada, posta à margem.

- Querida! Querida! - exclamou Miss Price, absolutamente comovida com esta confissão de sentimentos misantrópicos. Tenho a certeza de que não falas a sério!

- Sim, falo - assegurou Miss Squeers, fazendo nós cegos no lenço e apertando-os com os dentes. - E desejava morrer também!...

-Dentro de cinco minutos pensarás de maneira diferente - disse Matilda. - Quanto não é melhor estimá-lo de novo do que te afligires dessa maneira. Não seria muito mais bonito que os dois estivessem em boas relações, fazendo companhia um ao outro, amando-se num ambiente agradável?

- Sósei dizer que seria - soluçou Miss Squeers. - Oh! Tilda, como pudeste proceder tão ruim e deslealmente! Não acreditaria isso de ti, se alguém me viesse dizer!

- Ah! - exclamou Miss Price, rindo loucamente. - Alguém havia de supor que eu tinha cometido, pelo menos, um assassínio.

- Foi uma noite muito má - afirmou Miss Squeers com paixão.

-E tudo porque eu pareço ter modos suficientemente bons para os outros serem educados para mim - replicou Miss

Price. - Não somos nós que fazemos as nossas caras e é tão culpa minhe ter uma boa, como os outros terem-na má.

- Cala-te! - guinchou Miss Squeers no seu tom mais agudo. - Se não, fazes-me dar-te uma bofetada, Tilda, e depois arrependo-me!

A questão, que primeiro era sem importância, começou a azedar-se até se tornar numa viva altercação, acabando por

ambas terem um violento ataque de choro, exclamando simultaneamente, não terem intenção de falar daquela maneira.

Cairam depois nos braços uma da outra, jurando eterna amizade, sendo com esta a quinquagésima vez que repetiam o mesmo, no espaço de doze meses.

Perfeitamente restaurada a amizade entre as duas amigas, principiaram ambas a falar do enxoval de Miss Price e do

indispensável para ela entrar no sagrado estado matrimonial mostrando Miss Squeers faltar-lhe muita coisa, que a filha do moleiro não podia adquirir. Daqui facilmente passou aos tesouros do seu guarda-roupa, seguindo-se uma exibição das suas gavetas e armário, com o que se passou o tempo até Miss Price ir regressar a casa, acompanhada

da amiga para exhibir um lenço roxo, de pescoço.

Durante este intervalo dava Nicholas o seu habitual passeio

entre o jantar dos pupilos de Mr. Squeers e o prosseguimento dos seus trabalhos. Miss Squeers sabia isto perfeitamente,mas

talvez se tivesse esquecido,pois quando viu o rapaz a avançar para elas,evidenciou sintomas de surpresa e consternação,

assegurando à amiga o seu desejo de se meter pelo chão abaixo.

-Queres voltar para trás, ou correremos para uma ca bana? - perguntou Price. - Ele ainda não nos viu!

- Não, Tilda - respondeu Miss Squeers. - É meu dever levar isto a cabo e levarei.

Como Miss Squeers disse isto num tom duma resolução tomada, a amiga não fez observações e continuaram caminhando direitas a Nicholas, que ainda as não tinha notado, pois de contrário ele próprio teria procurado meio de as evitar. Assim, ao ver-se diante delas, curvou-se, deu-lhes os bons- dias e continuou o caminho.

- Ele vai-se embora! - murmurou Miss Squeers. - Vou sufocar, Tilda!

- Venha cá, Mr. Nickleby, se faz favor! - pediu Miss Price fingindo-se assustada pelo aviso da amiga, mas na realidade agindo maliciosamente para ver o que diria Nicholas. - Venha cá, Mr. Nickleby!

Mr. Nickleby voltou atrás, aparentando uma justificável confusão e perguntando se as senhoras tinham algumas ordens a dar-lhe.

- Não pare de andar - disse Miss Price rapidamente - mas ajude-a desse lado.

- Como te sentes agora, querida?

- Melhor - suspirou Miss Squeers, descansando o chapéu de castor dum castanho avermelhado com um véu verde sobre o ombro de Mr. Nickleby. - Este tolo desmaio!

- Não lhe chames tolo, querida - disse Miss Price com os olhos a dançarem de divertidos, vendo a perplexidade de Nicholas - pois não tens razão para estar envergonhada.

En vergonhados devem sentir-se aqueles que são orgulhosos demais para voltarem atrás.

- Vejo que está, resolvida a imputar-me isso - observou Nicholas a sorrir - embora lhe dissesse a noite passada que a culpa não era minha.

-Ouve, ele diz que a culpa não é sua, minha querida!

- observou a velhaca Miss Price. - Talvez tu fosses ciumenta demais para ele! Ele diz que a culpa não é sua, ouviste? Creio que a desculpa basta.

- A senhora não me compreende - esclareceu Nicholas. Suplico-lhe que me dispense do ridículo, pois não tenho tempo, nem inclinação, realmente, para ser objecto ou promotor das suas graças.

- O que quer dizer? - perguntou Miss Price, afectando espanto.

- Não lhe pergunes, Tilda - pediu Miss Squeers. - Eu perdoo-lhe!

- Meu Deus! - exclamou Nicholas, enquanto o chapéu cas tanho lhe descansava de novo no ombro.

- Isto é mais sério do que supunha. Com licença! Quer ter a bondade de me ouvir?

Aqui, levantou o chapéu castanho e, vendo com a mais inocente das surpresas um olhar de terna reprovação de Miss Squeers, deu uns passos atrás para fugir ao belo fardo e continuou a falar:

-Lamento muito, verdadeira e sinceramente, ter sido a causa de qualquer desavença entre as duas, a noite passada. Repreendo-me muito amargamente por ter sido infeliz ao ponto de causar uma dissensão, embora procedesse assim, afirmo-lhes, inconscientemente.

-Bem, isso não é, por certo, tudo quanto tem a dizer

- observou Miss Price quando Nicholas parou.

- Receio não haver mais nada - tartamudeou Nicholas, sorrindo e olhando para Miss Squeers - é a coisa menos de licada que se pode dizer. mas. a verdadeira menção duma tal suposição faz a pessoa parecer um fedelho. contudo. posso perguntar se a senhora supõe que eu alimento qualquer. em resumo. pensa que estou apaixonado por ela?

- Delicioso embaraço - pensou Miss Squeers. - Pelo menos levei-o a isso. Responde por mim, querida - segredou ela à amiga.

- Se ela pensa isso? - replicou Miss Price. - Decerto que pensa.

- Pensa? - exclamou Nicholas com tal energia que podia passar por arrebatamento.

- Certamente - afirmou Miss Price.

- Se Mr. Nickleby duvidou disso, Tilda - disse a ruborizada Miss Squeers com acento suave - pode ter o seu espírito descansado. O seu sentimento é correspondido.

- Cale-se! - gritou Nicholas rapidamente - e peça-lhe para me ouvir. Esta é a ilusão maior e mais fantástica, assim como o mais completo e preclaro engano que um ser humano alguma vez cometeu! Mal tenho visto esta senhora meia dúzia de vezes, mas se a visse sessenta, ou se estivesse destinado a vê-la sessenta mil seria, e será, precisamente o mesmo. Nem uma só vez pensei, desejei ou esperei ligar-me a ela, a não ser - e digo isto não para ferir os seus sentimentos, mas imprimir nela o verdadeiro estado dos meus - com um único objectivo tão querido ao meu coração como a própria vida, de poder um dia voltar as costas a este amaldiçoado lugar, nunca mais cá pôr os pés, ou pensar nele, se não com repugnância e desgosto.

Com esta declaração particularmente simples e franca, feita com toda a veemência que os seus sentimentos indignados e excitados lhe emprestaram, Nicholas curvou-se ligeiramente e retirou-se, sem esperar ouvir mais.

Não se podem descrever a raiva e o vexame da pobre Miss Squeers ao ver-se recusada por um pobre professor com um salário de cinco libras por ano e em frente da filha dum moleiro, com dezoito anos, que ia casar daí a três semanas.

Mas restava um conforto a esta valorosa descendente da casa dos Squeers: era poder infligir ao pobre Nicholas os insultos e privações mais sensíveis. E com esta reflexão, Miss Squeers ainda achou coragem para observar à amiga que Mr. Nickleby era uma pessoa tão singular e dum temperamento tão violento, que tinha de o pôr à margem.

- Deixa estar! - disse a irritada jovem quando voltou para o seu quarto e tranquilizou o espírito depois de ter injuriado Phib - que eu atizarei um pouco mais a mãe contra ele, logo que ela volte.

Era quase desnecessário fazer isso, pois o pobre Nicholas, além de ser mal alimentado, porcamente alojado e obrigado a testemunhar uma miséria esqualida e sórdida, era tratado com toda a indignidade que a maldade pode sugerir.

Mas não era tudo. Havia um outro sistema de aborrecimento mais profundo que lhe fazia revoltar o coração e quase o levou a tornar-se agressivo, pela sua injustiça e crueldade.

Desde a noite em que Nicholas lhe falou amavelmente, o desgraçado Smeke seguia-o para toda a parte, com o desejo de o servir, ou de ajudar, antecipando-lhe os pequenos desejos que a sua humildade podia prover, contente, apenas, por estar próximo dele. Era um ser diferente por ter sido tratado como uma criatura humana e o seu objectivo agora era mostrar a sua dedicação a essa pessoa.

Mas Squeers depressa notou isto e ficou ciumento pela influência exercida pelo jovem sobre o desgraçado, que pagou pelos dois, não lhe faltando de manhã, à tarde e à noite, bofetadas e vergastadas. Nicholas via isto e rangia os dentes a cada repetição do selvagem e cobarde ataque.

Arranjara umas poucas de lições regulares para os rapazes e, uma noite, passeando de trás para diante na aula sombria, pensando que a sua protecção havia aumentado a desgraça do pobre ser cujo desamparo despertava a sua piedade, parou automaticamente num canto escuro, onde estava sentado o objecto dos seus pensamentos.

A pobre criatura tinha os olhos pregados num livro esfarrapado, com traços recentes de lágrimas na cara, esforçando-se, em vão, por cumprir uma obrigação que uma criança de nove anos, com todas as suas faculdades, com facilidade executaria, mas que para o intelecto vazio do rapaz de dezanove anos era um impenetrável mistério.

Contudo estava sentado, decorando pacientemente a página, sem ser estimulado por uma ambição

pueril, mas inspirado apenas pelo vivo desejo de agradar ao seu solitário amigo.

Nicholas pôs-lhe a mão no ombro.

- Não consigo - confessou a desalentada criatura, olhando para cima com amargo desapontamento nas feições. - Não! Não!...

- Não tentes - avisou Nicholas.

O rapaz abanou a cabeça, fechou o livro com um suspiro, olhou vagamente em torno de si e, pondo a cabeça no braço, começou a chorar.

- Não chores, por amor de Deus - pediu Nicholas com voz trémula. - Não posso ver-te assim!

- Eles são cada vez mais duros para mim - soluçou o rapaz.

- Eu sei - respondeu Nicholas. - São!

- Mas por si - confessou o enjeitado - sou capaz de morrer. Eles matam-me; matam-me; sei que sim!

- Terás melhor vida, pobre rapaz, quando me for embora

- replicou Nicholas, abanando a cabeça melancolicamente.

- Embora! - exclamou o outro, observando-lhe a cara com intensidade.

- Fãa baixo - recomendou Nicholas. - Sim.

- Vai-se embora? - perguntou o rapaz num murmúrio.

- Não posso dizê-lo - replicou Nicholas. - Falava mais aos meus pensamentos do que para ti.

- Diga-me - implorou o rapaz. - Oh, diga-me, vai. vai. mesmo?

- Sou levado a isso - retorquiu Nicholas. - O mundo, no fim de contas, está à minha frente.

- Diga-me - pediu Smeke - o mundo é tão mau e tão sombrio como este sítio?

- Deus nos defenda - respondeu Nicholas, seguindo o curso dos seus próprios pensamentos. - A sua labuta mais dura e mais grosseira é uma felicidade ao lado disto.

- Posso alguma vez encontrá-lo fora daqui? - inquiriu o rapaz, com desacostumada volubilidade e anseio.

- Podes - replicou Nicholas, desejando sossegá-lo.

- Não, não - disse o outro, agarrandolhe na mão. Posso. posso. diga-me outra vez. Diga-me se posso ter a certeza de o encontrar.

- Podes - repetiu Nicholas com a mesma intenção humana - e ajudarei a socorrer-te, sem te acarretar mais tristezas como aconteceu aqui.

O rapaz comovido agarrou nas mãos do jovem e, apertando-as de encontro ao peito; proferiu uns sons entrecortados, perfeitamente ininteligíveis. Smeke entrou neste momento e ele recuou para o seu velho canto.

### Capítulo XIII

Nicholas varia a monotonia de Dotheboys Hall com um procedimento mais vigoroso e notável de importantes consequências

Despontava uma manhã desmaiada e fria de Janeiro através das janelas do dormitório comum, quando Nicholas se levantou num braço e olhou para as formas deitadas, que o circundavam. Entre a massa dos rapazes que dormiam não havia distinção alguma, contudo uns poucos com caras pálidas voltadas para cima, davam a impressão de cadáveres. No entanto,

os rapazitos mais novos tinham um sorriso nos lábios, dormindo pacificamente nas suas camas.

Nicholas olhou para os rapazes, primeiro com o olhar duma pessoa a quem a cena era familiar e depois com mais intensidade, como procurando alguma coisa, que costumava

ver e faltava naquela ocasião. Estava ainda ocupado na sua busca e meio erguido na cama, quando se ouviu a voz de Smeke, a chamar do fundo da escada.

-Então essa gente vai ficar todo o dia na cama?!

- Seus preguiçosos sabujos! - acrescentou Mrs. Smeke, terminando a oração e produzindo, ao mesmo tempo, um som agudo como faz o vento do pelo cordame dum navio.

- Vamos já para baixo, sir - respondeu Nicholas.

- Já para baixo! - ordenou Smeke. - Ah! Ou vêm já para baixo ou aplico uma sova a algum! Onde

está esse Smike?

Nicholas olhou rapidamente em volta, mas não respondeu.

- Smike! - berrou Squeers.

- Queres a cabeça partida num sítio fraco, Smike? - perguntou a sua admirável consorte na mesma clave.

Apesar disso não houve resposta e, contudo, Nicholas olhava espantado em volta de si, como a maior parte dos rapazes que, por esta altura, já estavam levantados.

- Confundida seja a sua impudência! - resmungou Squeers, batendo impacientemente no corrimão da escada com a bengala. - Nickleby!

-O que há, sir?

-Mande para baixo esse patife teimoso; não me ouve chamá-lo?

- Ele não está aqui, sir - respondeu Nicholas.

- Não me diga mentiras! - retorquiu o mestre-escola. Ele está lá!

- Não está - teimou Nicholas, zangado. - Não me diga mentiras!

- Depressa, vamos ver isso! - disse Mr. Squeers subindo apressadamente a escada. - Garanto-lhe que o encontro!

Com esta certeza Mr. Squeers entrou como um furacão no dormitório e, brandindo a bengala no ar, pronta para o castigo, foi como uma seta direito ao canto onde o

esquálido rapaz costumava deitar-se à noite. A bengala caiu no chão. Não estava lá ninguém!

- O que significa isto? - perguntou Squeers, voltando-se com a cara pálida. - Onde se escondeu?

- Desde a noite passada que o não vejo! - replicou Nicholas.

- Vamos - disse Squeers, evidentemente assustado, embora procurando mostrar-se valente - dessa maneira não o salva. Onde está ele?

- No fundo da mais próxima lagoa, calculo eu! - informou Nicholas em voz baixa e fixando os olhos na cara do patrão.

- O. o. que. que quer dizer com isso? - retorquiu Squeers com grande perturbação.

E sem esperar resposta perguntou aos rapazes se sabiam alguma coisa do seu desaparecido colega.

Houve um zumbido geral de ansiosa negativa, no meio do qual uma voz chilreante se fez ouvir, dizendo, o que na verdade todos pensavam:

-Desculpe-me, sir, creio que o Smike fugiu, sir.

- Ah! - exclamou Squeers, voltando-se vivamente. - Quem disse isso?

- Desculpe, sir, foi o Tompkins! - respondeu um coro de vozes.

Mr. Squeers fez um mergulho na multidão de rapazes e apanhou um rapazinho, ainda metido na roupa de dormir, cuja expressão perplexa parecia indicar a incerteza de ser punido, ou de ser recompensado pela informação. A dúvida não lhe durou muito.

Pensa que ele fugiu, não é assim, sir? - perguntou Squeers.

- Sim, sir, se me dá licença - respondeu o rapazinho.

-E que razão tem, sir, para supor que qualquer rapaz quer fugir deste estabelecimento? Diga, sir! - exclamou Squeers, agarrando subitamente o rapazinho.

Em resposta a criança soltou um fraco grito e Mr. Squeers achando-se numa atitude mais favorável para exercitar as forças, bateu-lhe até a peste do rapazinho, nas suas contorsões, lhe fugir das mãos, quando ele misericordiosamente lhe permitiu safar-se o melhor que pudesse.

- Agora, se qualquer outro rapaz pensa que o Smike fugiu, terei muito prazer em conversar com ele - preveniu Squeers.

Houve, naturalmente, um profundo silêncio, durante o qual Nicholas evidenciou o seu desgosto, tão claramente como a sua atitude, podia mostrar.

- Bem, Nickleby - disse Squeers, olhando-o maliciosamente. - Pensa que ele fugiu, suponho eu?

- Creio numa coisa extremamente semelhante - respondeu Nicholas muito sossegado.

- Pensa assim, não pensa? - escarneceu Squeers. - Talvez soubesse que ele ia fugir!.

- Não sabia.

- Ele não lhe disse que ia fugir?! - chacoteou Squeers.



- Não - replicou Nicholas. - Estou contente por não mo ter dito, pois teria sido meu dever avisá-lo, a si, a tempo.

- O que, sem dúvida, teria feito com muita pena - disse Squeers duma forma insultuosa.

- Lá isso é verdade - retorquiu Nicholas. - O senhor interpreta os meus sentimentos com notável perspicácia.

Mrs. Squeers tinha ouvido esta conversa desde o fundo da escada, mas perdendo a paciência, segurou a fralda da camisa de noite e dirigiu-se para o local da acção.

- O que é isto? - perguntou, enquanto os rapazes se separavam para a direita e para a esquerda, evitando-lhe a maçada

de abrir passagem com os braços musculosos. - Para que diabo estás tu a conversar, Squeery?

- Minha querida, o facto é que não se encontra o Smike

- esclareceu Squeers.

- Bem sei, e onde está a maravilha? - perguntou ela. - Se trazes estes professores de estômago delicado que levam esses cães a rebelarem-se, por que esperas? Agora,

jovem, vai ter a bondade de marchar para a aula e de levar os rapazes consigo, e não se mexa de lá enquanto não o deixarem sair se não arranjam os dois um sarilho

do qual a sua beleza sairá estragada, sou eu que lhe digo, ouviu?!

- Ah! Sim?! - comentou Nicholas.

- Sim, na verdade e, outra vez na verdade, seu bonifrates não o teria nem mais uma hora aqui em casa, se fosse assunto meu.

- Nem eu a si, se pudesse! - respondeu Nicholas. - Vamos lá, ra!

- Ah! Vamos lá, rapazes! - repetiu Mrs. Squeers, macaqueando o melhor possível a voz e as naneiras do assistente. - Sigam o vosso chefe, e tomem o Smike como exemplo,

se se atreverem! Vão ver o que lhe acontece quando for apanhado e, lembrem-se, digo-lhes também que se verão em assados, se abrem as bocas a respeito dele!

- Se o apanho - prometeu Squeers - só paro depois de o ter esfolado vivo. Já ficam avisados!

- Se o apanhas - replicou Mrs. Squeers com desprezo - podes ter a certeza que vais direito ao trabalhinho, não tens outro remédio. Vamos! Ponham-se lá fora.

Com estas palavras Mrs. Squeers despediu os rapazes, os quais, depois duma ligeira escaramuçazinha com os da rectaguarda por empurrarem os da frente, a fim de saírem, deixaram o aposento onde ficou o casal sozinho.

- Ele fugiu - declarou Mrs. Squeers. - O estábulo e a cocheira estão fechados à chave, por isso não pode estar lá, e não está em nenhum sítio lá de baixo, porque a rapariga já foi ver. Deve ter ido a caminho de York e tomou pela estrada.

- Porque havia ele de ter ido? - perguntou Squeers.

- Estúpido - chamou-lhe Mrs. Squeers, zangada. - Tinha algum dinheiro?

- Em toda a sua vida nunca teve um péni, que eu soubesse - respondeu Squeers.

- Com certeza - replicou Mrs. Squeers - e não levou consigo coisa alguma para comer. Aí tens a resposta.

- ah! ah! - riu-se Squeers.

- Então, com certeza, deve pedir para lhe indicarem o caminho e isso só se pode fazer na estrada - discorreu ela.

- É verdade! - exclamou Squeers, batendo as palmas.

- É verdade, sim, mas tu nunca terias pensado nisso se eu não dissesse - retorquiu a esposa. - Agora se fores no carro e eu pedir emprestado o carro do Swallow e me meter nele

conservando os olhos bem abertos e fazendo perguntas, qualquer de nós pode ter a certeza absoluta de o apanhar.

O plano da simpática dama foi adoptado e posto em execução sem demora. Depois dum pequeno almoço rápido e de algumas perguntas feitas na vila, Squeers partiu na carruagem e Mrs. Squeers seguiu pouco depois numa outra, com vários bocados de corda forte e um alentado homem de lavoura, tudo para ajudar a captura do infeliz Smike.

Nicholas ficou, sentindo as mais desconhecidas sensações. O rapaz com a pouca roupa que vestia e ignorando totalmente a região, estava condenado a morrer sob a acção do tempo. Apanhado e, voltando para a escola, pouca probabilidade tinha de melhor sorte. A sua ansiedade era enorme, fantasiando mil possibilidades até à noite do dia seguinte, quando Squeers regressou só e sem resultado.

- Nenhuma novidade do fugitivo! - informou o mestre-escola que tinha, evidentemente, desentorpecido as pernas, segundo o velho princípio, e não poucas vezes durante a viagem. - Tenho a consolação de que alguém há-de pagar isto, Nickleby, se Mrs. Squeers o não caçou. Por isso o aviso!

- Não está no meu poder consolá-lo, sir - disse Nicholas. - Não é nada que me diga respeito.

- Não é? - perguntou Squeers duma maneira ameaçadora.

- Veremos!

- Veremos!. - repetiu Nicholas.

-O cavalo a certa altura fugiu e, para vir para casa, obrigou-me a alugar um carro, que me custou quinze xelins além de outras despesas - informou Squeers. - E quem paga isso? Está a ouvir?

Nicholas encolheu os ombros e ficou calado.

- Digo-lhe que alguém o há-de pagar! - repetiu Squeers com a sua habitual maneira impertinente e velhaca, mudada abertamente para fanfarronice. - Não quero aqui o hábito dos seus ganidos, Mr. Puppy I), mas vá para o seu canil, por já ter passado o tempo de descanso! Vamos! Toca a andar!

Nicholas mordeu os lábios e apertou voluntariamente as mãos por sentir uns formigueiros nas pontas dos dedos, para vingar o insulto; mas lembrando-se de que o homem estava bêbado, contentou-se em deitar-lhe um olhar de desprezo e seguiu pela escada acima, não sem ver primeiro Miss Squeers, Mister Squeers e a criadita, a observarem a cena. Nicholas deitou-se, cobrindo a cabeça com toda a roupa da cama que tinha, resolvido a ajustar as contas com Mr. Squeers mais depressa do que ele podia prever.

No dia seguinte, mal Nicholas tinha acordado, ouviu o rodar dum carro que parou, e a voz radiante de Mrs. Squeers, mandando dar um copo de aguardente a alguém. Isto era sinal de ter acontecido alguma coisa de extraordinário e Nicholas, mal se atrevendo a espreitar pela janela, viu o pobre

Smike encharcado e cheio de lama, espantado, parecendo um animal selvagem, quase irreconhecível.

- Manda-o subir! - disse Squeers, depois de ter, literalmente, regalado os olhos em silêncio, sobre o réu. - Trá-lo para dentro, trá-lo para dentro!

- Toma cuidado - preveniu Mrs. Squeers, quando o marido se aprestava para ajudá-la. - Ligámo-lhe as pernas por

baixo da capota e apertámo-las ao carro para evitar que ele deslizesse outra vez.

Com as mãos a tremerem de prazer, Squeers desatou a

corda e Smike, com a aparência mais de morto do que de vivo, foi trazido para casa e fechado à chave num subterrâneo, para dar tempo a Mr. Squeers de

reunir os alunos para lhe infligir o correctivo em frente deles.

Parece estranho que Mr. e Mrs. Squeers se dessem ao trabalho de procurar um ser tão desgraçado, mas essa estranheza

desaparece se dissermos que ele fazia o trabalho duma pessoa que custaria dez ou doze xelins por semana. Além disso, era um exemplo para os outros alunos que se dessem à fantasia de querer fugir.

A notícia da captura de Smike espalhou-se rapidamente pela famélica comunidade, ficando toda a manhã em plena expectativa, a qual estava, contudo, destinada a continuar até

à tarde,depois do jantar de Squeers e dele se ter fortalecido com uma libação adicional. Acompanhado da amável esposa fez a sua aparição com o terrível instrumento de flagelação formidável, encerado na ponta e novo em resumo, comprado essa manhã expressamente para a ocasião.

- Estão todos os rapazes aqui? - perguntou Squeers em voz horrível.

Estavam ali todos os rapazes,mas todos eles tinham medo de falar,por isso Squeers teve de olhar para as filas a fim de se assegurar,fazendo baixar todos os olhos e curvar todas as cabeças nesse momento.

- Que cada um tome o seu lugar - ordenou Squeers,administrando a sua pancada favorita na secretária e contemplando

com sombria satisfação a expectativa geral que nunca falhava em ocasiões como esta. - Nickleby! para a sua secretária,sir!

Mais dum pequeno observador notou uma expressão curiosa e desacostumada do assistente; contudo,Nicholas não abriu

a boca. Squeers,olhando triunfantemente para o ajudante e com um compreensivo despotismo para os rapazes,deixou a aula, onde regressou pouco depois, arrastando Smike pela gola do casaco,ou antes,pelo fragmento dessa gola.

Mesmo ali,os rapazes moveram-se pouco à vontade nos lugares e alguns mais ousados aventuraram-se a olhar uns para os outros com indignação e piedade.

De acordo com o costume nestes casos,foi perguntando ao Smike se tinha a dizer alguma coisa em sua defesa.

- Nada,suponho - respondeu Squeers com um riso diabólico.

Smike olhou em torno e os seus olhos demoraram-se, por um instante, em Nicholas, como se esperasse a sua intercessão; mas o olhar dele estava pregado na secretária.

- Tens alguma coisa a dizer? - perguntou Squeers de novo, floreendo o braço direito duas ou três vezes, para lhe experimentar a força e a flexibilidade. - Põe-te um pouco fora do caminho, Mrs. Squeers, minha querida; mal tenho espaço suficiente.

- Poupe-me, sir - gritou Smike.

- Oh, é tudo, não é? - inquiriu Squeers. - Sim, açoito-te polegada a polegada o corpo e paupo-te o resto.

- Ah! ah! ah! - riu-se Mrs. Squeers. - Isso é uma boa piada.

- Fui levado a fazê-lo - confessou Smike debilmente, deitandolhe um outro olhar implorativo.

- Foste então levado a fazê-lo? - perguntou Squeers. Oh, suponha que a culpa não foi tua, mas sim minha. hein?

- Cão miserável, sórdido, ingrato, focinho de porco, bruto, cabeçudo! -exclamou Mrs. Squeers, agarrando na cabeça de Smike por baixo do braço e administrand-lhe um soco a cada epíteto. - O que quer ele dizer com isso?

- Põe-te de parte, minha querida - respondeu Squeers. Vamos tentar saber!

Mrs. Squeers, tendo perdido o fôlego com os seus esforços, acomodou-se. Squeers segurou o rapaz com firmeza; uma forte pancada caiu-lhe no corpo, fazendo-o soltar guinchos de dor. Depois ergueu-se até tornar a cair. De súbito Nicholas Nickleby, levantou-se e gritou:

- Pare! - com uma voz que fez estremecer os barrotes.

- Quem gritou para parar? - perguntou Squeers, voltando-se raivosamente.

- Eu! - respondeu Nicholas, avançando. - Isto não pode continuar!

- Não pode continuar? - exclamou Squeers, quase num guincho.

- Não! - trovejou Nicholas.

Atemorizado e estupefacto pela ousadia da interferência, Squeers largou a presa e, dando um ou

dois passos para trás, encarou Nicholas com uns olhos positivamente terríveis.

- Eu disse que não podia continuar! - repetiu Nicholas, nada amedrontado. - E não continuará! Não deixo!

Squeers continuou a fixá-lo com os olhos a saírem-lhe das órbitas e o assombro a paralizar-lhe a língua.

- O senhor tem desatendido a minha pacífica interferência em prol deste desgraçado rapaz - declarou Nicholas - e não deu resposta à carta em que lhe pedia perdão para ele e me tornara responsável pela continuação da sua estadia aqui. Não me culpe por esta pública interferência. Foi o senhor que a provocou, não eu!

- Sente-se, seu miserável! - uivou Squeers, quase fora de si, de raiva, e agarrando Smike.

- Miserável! - replicou Nicholas ferozmente. - Se lhe tocas é à tua responsabilidade! Não serei testemunha impassível. O meu sangue ferve e sinto a força de dez

homens como tu! Toma, pois, cautela, ou pelo Céu não te pouparei se me forças a isso!

- Para trás! - bramiu Squeers, brandindo o látigo.

- Tenho uma comprida lista de insultos a vingar - con tinuou Nicholas, rubro de excitação - e a minha indignação está aumentada pelas cobardes crueldades exercidas sobre crianças indefesas nesta caverna hedionda. Tem cuidado, pois se desencadeias a fera que há em mim! As consequências cairão sobre a tua cabeça!

Mal acabara de falar quando Squeers, numa violenta explosão de raiva e com um grito igual ao rugido duma fera, lhe cuspiu e lhe vibrou uma pancada na cara com o instrumento de tortura, fazendo-lhe um vergão. Gritando com a vioiência da pancada e concentrando todos os sentimentos de fúria, desprezo e indignação, Nicholas deu um salto para ele, arrancou-lhe a arma da mão e, agarrando-o pela garganta, bateu no celerado até ele suplicar clemência.

Os rapazes, com exceção de Mister Squeers, não se mo veram, e Mrs. Squeers, com muitos guinchos, agarrando-se às abas do casaco do consorte, salvou-o das mãos do furioso inimigo, enquanto Miss Squeers atirava à cabeça de Nicholas todos os tinteiros que encontrou, satisfazendo, assim, o seu amor insultado.

Nicholas, sentindo-se cansado com o barulho e o tumulto e, vendo além disso, que o braço começava a estar fatigado, reuniu as forças que possuía para aplicar uma dúzia de golpes finais e atirar com Squeers para trás. A violência do empurrão fez Mrs. Squeers precipitar-se sobre um banco, sem costas, e Squeers, batendo com a cabeça contra ele, ficou estendido no chão atordoado e sem movimento.

Terminando os seus negócios com esta felicidade e verificando que Squeers estava apenas atordoado, Nicholas deixou-o ao cuidado da família e retirou-se para considerar que caminho era melhor adoptar. Olhou em volta, ansiosamente à procura de Smike, quando deixou o aposento, mas não o viu em parte alguma.

Depois duma breve reflexão, meteu as suas poucas roupas numa mala de coiro e, vendo que ninguém se opunha à sua saída, marchou sossegado para a porta da frente, achando-se pouco depois na estrada a caminho de Greta Bridge.

Embora só tivesse na algibeira quatro xelins e poucos pence, e estivesse a mais de duzentas e cinquenta milhas de Londres, resolveu dirigir-se para ali a fim de verificar, entre outras coisas, o que Mr. Squeers transmitiria ao seu queridíssimo tio, sobre os acontecimentos da manhã.

Levantando os olhos, quando chegou à conclusão de não haver remédio para o seu infeliz estado de coisas, avistou um cavaleiro que se aproximava, descobrindo ser Mr. John Browdie.

- Não estou disposto para mais barulhos nem rixas! pensou Nicholas. - No entanto, faça o que fizer, vou ter uma alteração com este honesto cabeça de queijo e talvez apanhe uma ou duas pauladas com o cajado.

Na verdade parecia ser esse o esperado resultado do encontro com John Browdie, pois logo que este

viu Nicholas, avançou pelo passeio e esperou por ele, que se aproximava com todo o sossego.

- Um seu criado, cavalheiro - cumprimentou John.

- Igualmente - respondeu Nicholas.

- Encontrámo-nos, por fim - observou John, fazendo soar o estribo com um airoso toque do cajado de freixo.

- verdade - replicou Nicholas, hesitando. - Vamos - disse ele francamente, depois dum momento de silêncio. - A última vez que nos vimos, apartámo-nos em termos não muito bons. A culpa foi minha, creio, mas não tive intenção de o ofender, nem ideia de que o estivesse a fazer. Depois fiquei bastante arrependido. Quer apertar-me a mão?

- Apertar a mão - exclamou o bem humorado homem de Yorkshire. - Decerto que o farei! - Ao mesmo tempo inclinou-se no selim e deu a Nicholas um vigoroso aperto de mão. Mas o que aconteceu à sua cara, homem? Parece toda cortada.

- É um golpe! - confessou Nicholas, tornando-se escarlate enquanto falava. - Uma paneada, mas eu devolvi-a, a quem ma deu e com bons juros!

- Devolveu? - perguntou John Browdie. - Bem feito! Gosto de si por isso.

- O facto é que - disse Nicholas, não sabendo bem como confessar - o facto é que tenho sido mal tratado.

- Não - interpôs John Browdie num tom de compaixão, pois era um gigante de força e estatura, e Nicholas, aos seus olhos, parecia um simples anão. - Não me diga!

- Sim, fui - retorquiu Nicholas - mas esse homem, o Squeers, foi bem tosado por mim e, como consequência, tive de deixar o lugar.

- O quê! - exclamou John Browdie com um berro tão entusiástico que o cavalo se assustou. - Bateu no mestre-escola? Oh! oh! oh! Bateu no mestreescola! Quem já ouviu uma coisa parecida com isso até agora? Dê-me outra vez a mão, jovem! Bateu no mestre-escola! Gosto de si por causa disso!

Com estas expressões de deleite, John Browdie não se cansou de rir e de apertar a mão de Nicholas. Quando parou a jovialidade, perguntou a Nicholas o que pensava fazer, e ao responder-lhe este tencionar ir direito a Londres, abanou a cabeça, duvidoso, e inquiriu-lhe se sabia quanto levava a diligência para transportar os passageiros tão longe.

- Não, não sei! - confessou Nicholas - mas isso não tem grande importância para mim, pois tenciono ir a pé.

- Ir a pé para Londres! - exclamou John, espantado.

- Todas as passadas do caminho - replicou Nicholas. Nesta ocasião já podia ter dado muitas, por isso, adeus!

- Nada, nada - retorquiu o honesto provinciano, puxando as rédeas ao seu impaciente cavalo. - Pára aí. Quanto dinheiro tens?

- Não tenho muito - confessou Nicholas, corando - mas posso torná-lo suficiente. Faz mais quem quer do que quem pode.

John Browdie não deu resposta verbal a este ditado, mas, metendo a mão na algibeira, tirou uma velha carteira de coiro, emporcalhada, e insistiu em emprestar a Nicholas o que quisesse para as suas actuais necessidades.

- Não tenhas medo, homem! - disse ele. - Leva o preciso para chegares a casa. Pagas-me um dia, tenho a certeza.

Nicholas não pode aceitar mais do que um soberano, embora Mr. Browdie fizesse a diligência para ele ficar com mais, observando, no entanto, que se não gastasse tudo, podia devolver o restante com porte pago.

- Toma este bocado de pau para te ajudar, homem! acrescentou ele, entregando o cajado a Nicholas e dandolhe outro aperto de mão. - Corações aa alto e Deus te ajude!

Bateu no mestre-escola! Esta é a coisa melhor que tenho ouvido nos últimos vinte anos!

Dizendo isto e dando uma série de gargalhadas para evitar os agradecimentos de Nicholas, John Browdie deu de esporas ao cavalo e em breve desapareceu numa curva distante, não sem ter primeiro olhado para trás de vez em quando, acenando alegremente com a mão.

Nicholas nessa tarde não andou muito por estar próximo do escurecer e cair neve. Ficou de noite numa pousada, onde as camas eram baratas para as classes humildes dos viajantes. De manhã levantou-se e chegou antes da noite a Boroughbridge. Atravessando esta cidade à procura duma estalagem modesta, deu de cara com um celeiro vazio a umas duzentas jardas da estrada, num canto quente no qual estendeu as fatigadas pernas, adormecendo dentro de pouco tempo.

Quando acordou na manhã seguinte, tentou lembrar-se dos sonhos, que diziam todos respeito à sua presente estadia em Dotheboys Hall, levantou-se, esfregou os olhos e ficou pasmado a olhar - não com o semblante muito sereno - para um objecto imóvel, que parecia estar parado a umas poucas de jardas à sua frente.

- estranho - exclamou Nicholas. - Isto pode ser ainda um resto de sonho que me não tenha deixado! Não pode ser verdadeiro. e, contudo. estou acordado. Smike!

O vulto moveu-se, levantou-se e caiu de joelhos a seus pés. Era na verdade Smike.

- Porque te ajoelhas aos meus pés? - perguntou Nicholas, apressando-se a levantá-lo.

- Para ir consigo. para qualquer parte. para toda a parte. para o fim do mundo. para a cova no adro da igreja!

- respondeu Smike, agarrando-lhe na mão. - Consinta! Oh, consinta! O senhor é o meu lar. o meu verdadeiro amigo. suplico-lhe que me leve consigo.

- Sou um amigo que pouco pode fazer por ti - disse Nicholas gentilmente. - Como vieste cá parar? Tinha-o seguido, sem o perder de vista, durante todo o trajecto; ficara de vigia enquanto ele dormia e quando parou para se dessedentar, receando aparecer antes, deixou-se ficar para trás. Não tencionava aparecer agora, mas Nicholas acordara mais depressa do que ele esperava, sem lhe dar tempo a esconder-se.

- Pobre rapaz - comentou Nicholas. - O teu negro fado só te concede um amigo e, mesmo esse, quase tão pobre e tão desamparado como tu.

- Posso. posso ir consigo? - perguntou Smike timidamente. - Serei o seu criado fiel para todos os trabalhos pesados. Não preciso de roupas- acrescentou a pobre criatura, unindo os trapos. - Estas servem muito bem. O que quero apenas é estar junto de si.

- E estarás - afirmou Nicholas. - E o mundo há-de proceder para contigo como tem procedido para comigo, até um de nós, ou ambos, o abandonarmos por um outro melhor.

Vamos!

Com estas palavras pôs a mala ao ombro e, agarrando no cajado com uma das mãos, estendeu a outra ao seu protegido, e assim saíram juntos do velho celeiro.

## CAPÍTULO XIV

Tendo a desgraça de tratar só com gente ordinária

é-se necessariamente dum carácter vil e mau

No bairro de Londres onde está situado Golden Square, há uma travessa cujos prédios parecem olhar uns para os outros, admirados da respectiva velhice. A criação anda livremente pela rua, misturando-se com as crianças, que saltitam de pedra em pedra, procurando qualquer coisa comestível no meio da porcaria.

As casas eram ocupadas por inúmeras pessoas, havendo nas portas tantos puxadores de campainhas quanto os apartamentos, e as janelas eram orientadas com a maior diversidade de cortinas e estores que se pode imaginar.

Numa destas casas, talvez a mais suja, com maior número de campainhas e de crianças, a abastança dos moradores estava na ordem inversa da altura: quanto mais baixo, melhor era a mobília que ostentava. Nas águas-furtadas parou, para abrir uma porta do quarto da frente, um homem de feições duras e cara quadrada, roto e já de idade.

Usava uma cabeleira de cabelo curto e ruivo, que atirou com o chapéu, pendurando-o na parede. Tendo substituído isto por um barrete de dormir, em algodão, andou às apalpadelas na escuridão até encontrar o coto duma vela; bateu depois no tabique que dividia os dois quartos e perguntou em voz alta se Mr. Noggs tinha luz. O som da resposta afirmativa de Newman, filtrado através do gesso e das ripas, parecia sair duma caneca ou de outro vaso de beber.

- Uma sórdida noite, Mr. Noggs - disse o homem do barrete de dormir, entrando para acender a vela.

- Chove? - perguntou Newman.

- Se chove? - respondeu o outro, de mau humor. - Estou encharcado até aos ossos.

- Não é preciso muito para o encharcar completamente, e a mim também, Mr. Crowl - afirmou Newman, pondo a mão na lapela do casaca, já no fio.

- Isso torna o caso mais triste - observou Mr. Crowl no mesmo tom rabugento.

Proferindo um grunhido, baixo e lamentoso, o homem, cuja expressão impertinente era o verdadeiro epítome do egoísmo, despertou o lume fora da grelha do fogão e encheu o copo que Noggs lhe empurrara, perguntando onde guardava o carvão.

Newman Nuggs apontou para o fundo do aparador e Mr. Crowl, agarrando na pá, encheu-a com metade da provisão, que Naggs deliberadamente atirou outra vez para dentro, sem dizer uma palavra.

- Esperava que se não tornasse poupado a esta hora do dia! - disse Crowl.

Newman apontou para o copo vazio, como se fosse uma refutação suficiente da acusação e, resumidamente, declarou ter de ir lá abaixo cear.

- Aos Kenwigses? - perguntou Crowl.

Newman fez que sim com a cabeça.

- Se eu não pensasse que não ia - replicou Crowl - não teria vindo, pondo na ideia passar a noite consigo.

- Sou obrigado a ir - afirmou Newman - eles querem-me lá.

- E o que vai ser de mim? - inquiriu o egoísta, que só pensava nele. - Toda a culpa é sua. Digo-lhe que me sento ao pé do lume até que você regresse.

Newman deitou um desesperado olhar ao seu reduzido depósito de combustível, mas não tendo a coragem de dizer não - palavra nunca proferida durante toda a sua vida

- acedeu à proposta, instalando-se Mr. Crowl o mais confortavelmente possível com os meios de que Newman Noggs dispunha.

Os locatários a que Crowl aludira com o nome de Ken wigses eram, um Mr. Kenwigs, torneiro de marfim e a esposa, tidos no prédio como pessoas de consideração. Mrs.

Kenwigs era quase uma senhora nas suas maneiras, assunto de conversa de todas as comadres da rua.

Era o oitavo aniversário em que, pela Igreja Inglesa, se

tinham unido em feliz matrimónio, coroado por cinco crianças que pareciam um sonho, e Mrs.

Kenwigs convidara alguns amigos escolhidos para cear.

A reunião era admiravelmente selecta. Além de Mr. e Mrs. Kenwigs e das quatro azeitonadas Kenwigses, havia uma rapariga que fizera o vestido da dona da casa, um

jovem conhecido de Mr. Kenwigs do tempo de solteiro, um par recém-casado, uma irmã de Mrs. Kenwigs, que era uma beldade, um jovem que nutria boas intenções

a seu respeito, Mr. Noggs, uma senhora de idade, e mais uma jovem que cantava e recitava.

- Minha querida - sugeriu Mr. Kenwigs - não seria melhor começar?

- Kenwigs, meu querido - respondeu-lhe a esposa - surpreendes-me. Querias começar sem o meu tio?

- Esqueci-me do cobrador - desculpou-se Mr. Kenwigs. Oh, isso nunca na vida!

- É tão esquisito - informou Mrs. Kenwigs, voltando-se para a outra senhora casada - que se principiássemos sem ele, ficávamos para sempre fora do seu testamento.

- Meu Deus! - exclamou a senhora casada.

- Não faz ideia do que ele é! - continuou Mrs. Kenwigs. E, no entanto, é a melhor criatura do mundo.

- Um homem de coração tão sensível como nunca houve - reforçou Mr. Kenwigs.

- Creio que lhe toca o coração quando é forçado a cortar alguma coisa quando as pessoas não pagam - observou o amigo celibata, pretendendo gracejar.

- George - advertiu Mrs. Kenwigs solenemente - nada dessas coisas, faz favor.

- Era apenas um gracejo - disse o amigo, envergonhado.

- George - replicou Mr. Kenwigs - um gracejo é uma coisa muito boa. uma coisa muito boa, mas quando o gracejo é feito à custa dos sentimentos de Mrs. Kenwigs, oponho-me.

Um homem na vida pública expõe-se a ser escarnecido. é a culpa da sua elevada situação e não dele. O parente de Mrs. Kenwigs é um funcionário público e ele sabe isso, George, e que tem de aguentar. Mas pondo Mrs. Kenwigs fora da questão, como se eu pudesse pôr Mrs. Kenwigs fora da questão numa ocasião destas! Tenho a honra de estar ligado pelo casamento ao cobrador e não posso consentir estas observações na minha. - Mr. Kenwigs ia a dizer casa, mas terminou a frase - nos meus apartamentos.

Ao concluírem-se estas palavras, que punham em evidência o vivo sentimento de Mrs. Kenwigs e tinha o efeito de impressionar os presentes com o fundo senso da dignidade do cobrador, ouviu-se um toque de campainha.

- É ele - sussurrou Mrs. Kenwigs muito excitada. - Morleena, minha querida corre lá abaixo e abre a porta ao teu tio, e beija-o imediatamente logo que abras a porta.

Vamos conversar, sim?

Adoptando a ideia de Mrs. Kenwigs, os convidados puseram-se á falar em voz alta, para parecerem estar à vontade, e quase a seguir um homenzinho de idade, de fato castanho e polainas, com uma cara que podia ter sido trabalhada em pau santo, foi alegrenemente introduzido por miss Morleena Kenwigs, nome inventado e composto por Mrs. Kenwigs antes do seu primeiro parto, no caso de se tratar de uma rapariga.

- Oh! tio! Estou tão contente em o ver - disse Mrs. Kenwigs, beijando afectuosamente o cobrador em ambas as faces, - Tão contente!

- Muitas felicidades pelo dia de hoje, minha querida - replicou o cobrador, devolvendo o cumprimento.

- Onde se quer sentar, tio - perguntou Mrs. Kenwigs, toda orgulhosa da família, orgulho provocado pela aparição do seu distinto parente.

- Em qualquer parte, minha querida - respondeu o cobrador. - Não sou esquisito.

Não era esquisito! Mas que meigo cobrador! Se fosse um escritor, conhecendo o seu lugar, não poderia ser mais humilde.

- Mr. Lillyvick - disse Kenwigs, dirigindo-se ao cobrador

- alguns destes amigos estão muito ansiosos pela honra de... Obrigado... Mr. e Mrs. Cutler, Mr. Lillyvick.

- Muita honra em conhecê-lo, sir - cumprimentou Mr Cutler. - Tenho ouvido falar de si muitas vezes.

- Estas não eram simples palavras de cerimónia, pois Mr. Cutler, na verdade, tinha ouvido falar muito dele, em virtude de ter vivido na mesma freguesia de Mr. Lillyvick.

- George, julgo que conheces Mr. Lillyvick - disse Kenwigs. - A senhora cá de baixo. Mr. Lillyvick, Mr. Snewks.

Mr. Lillyvick. Miss Green. Mr. Lillyvick. Mr. Lillyvick. Miss Tetowker, do Theater Royal Drury Lane. Muito contente por apresentar uma à outra duas figuras públicas. Mrs. Kenwigs, minha querida, escolhes os lugares?

Mrs. Kenwigs, com a ajuda de Newman Noggs, procedeu à sua vontade, e a maior parte dos convidados sentaram-se para comer, enquanto o próprio Newman e Mrs. Kenwigs atendiam à mesa da ceia.

Enquanto as senhoras se limitavam a conversar, Mr. Lillyvick fazia honra à comida, aproximando-se, sem escrúpulo algum da propriedade dos vizinhos, mas sorria tão



bem humorado e conversava tão agradavelmente, que as pessoas sentiam nos seus corações que ele devia ser o ministro das finanças, pelo menos!

A ceia decorreu depressa e muito bem, apenas com o senão de reclamarem, de vez em quando, à pobre Mrs. Kenwigs, garfos e facas lavados, fazendo desejar a boa senhora que fosse adoptado o regime das escolas: cada um trazia o seu talher.

Depois de toda a gente comer levantaram a mesa num instante, com um grande barulho; Mr. Lillyvick foi instalado numa

cadeira de braços ao pé do lume e as quatro pequenas Kenwigses num banco em frente da assistência, com as caras para o fogão. Logo que acabaram estas disposições,

Mrs. Kenwigs, sem poder reter os seus sentimentos de mãe, encostou-se ao ombro do marido, desfeita em lágrimas.

- São tão belas! - explodiu Mrs. Kenwigs, soluçando.

- Meu Deus, são mesmo! - exclamaram todas as senhoras.

- É muita natural que se sinta orgulhosa deles, mas não se entregue a isso.

- Não posso ter mão em mim e isto nada significa - continuou a soluçar Mrs. Kenwigs. - Oh! são lindas demais para este mundo, lindas demais!

Ouvindo este alarmante pressentimento as quatro crianças ergueram um berreiro medonho e vieram meter as cabeças no colo da mãe; Mrs. Kenwigs apertou-as alternadamente

ao peito, com atitudes que Miss Petowker bem podia copiar. Por fim a ansiosa mãe acalmou-se e as quatro pequenas Kenwigses foram distribuídas pelos convivas, que

lhes profetizaram muitos anos de vida.

- Faz hoje oito anos - lembrou Mrs. Kenwigs depois duma pausa. - Meu Deus. ah!

Esta reflexão ecoou pelos presentes que a repetiram, primeiro o Ah! e Meu Deus! depois.

- Eu era então mais nova. - continuou Mrs. Kenwigs.

- Não - disse o cobrador.

- Certamente que não! - acrescentaram todos.

- Lembro-me da minha sobrinha - recordou Mr. Lillyvick, inspecionando a assistência com um ar grave. - Lembro-me dela naquela precisa tarde em que deu a conhecer

à mãe a sua inclinação pelo Kenwigs. Mãe, disse ela, amo-o.

- Adoro-o, disse eu, tio - corrigiu Mrs. Kenwigs.

- Amoo, foi o que disseste, minha querida - repetiu Mr. Lillyvick com firmeza.

- Talvez tenha razão, tio - replicou Mrs. Kenwigs submissamente. - Pensava que tivesse sido adoro-o.

- Amo, minha querida - teimou Mr. Lillyvick. - Mãe, disse ela, Amo-o. O que ouço?, gritou a mãe e, imediata mente, caiu em grandes convulsões.

Dos presentes partiu uma exclamação geral de assombro.

- Em grandes convulsões - repetiu Mr. Lillyvick, contemplando-os com um olhar severo. - O

Kenwigs desculpa a minha recordação na presença de amigos, mas houve uma

grande objecção contra ele por ser duma família inferior e ir desgraçar a nossa. Lembra-se, Kenwigs?

- Certamente - respondeu o interpelado, de forma alguma melindrado com a reminiscência, por vir provar sem qualquer dúvida, a alta descendência de Mrs. Kenwigs.

- Eu compartilhava esses sentimentos - confessou Mr. Lillyvick. - Talvez fosse natural, talvez não.

Um murmúrio cortês parecia dizer que na situação de

Mr. Lillyvick a objecção era, não só natural, mas altamente louvável.

- Como o tempo, mudei - continuou Mr. Lillyvick. - Depois de estarem casados já não havia nada a fazer e eu fui um dos primeiros a dizer que se devia ter consideração

por Kenwigs. Por consequência, a família começou a fazer caso dele a exortação minha e devo dizer - e orgulho-me de dizer que o encontrei um homem muito honesto,

bem educado, recto e respeitável. Kenwigs aperte esta mão!

- Sinto-me orgulhoso em fazê-lo, sir! - disse Mr. Kenwigs.

- Também eu Kenwigs - replicou Mr. Lillyvick.

-Tenho levado uma vida muito feliz com a sua sobrinha, sir - informou Kenwigs.

- Teria sido apenas culpa sua se a não levasse, sir - observou Mr. Lillyvick.

- Morleena Kenwigs - chamou a mãe, muito impressionada ao chegar a este climax - beija o teu querido tio.

A rapariga fez o que lhe foi ordenado e as outras três foram içadas até à cara do cobrador e sujeitas ao mesmo procedimento, o que depois foi repetido pela maioria dos presentes.

- Querida Mrs. Kenwigs - sugeriu Miss Petowker - enquanto Mr. Noggs está fazendo o ponche para se beber à vossa saúde, permita que Morleena execute aquela figura de dança perante Mr. Lillyvick.

- Não, não, minha querida! - respondeu Mrs. Kenwigs. Isso apenas aborrecia o meu tio.

- Tenho a certeza que não - assegurou Miss Petowker. Teria muito prazer, não teria, sir?

- Estou certo que sim - replicou o cobrador, relanceando para o fabricante do ponche.

-Então, bem! Digo-lhe que Morleena dançará se o tio persuadir Máss Petowker a recitar-nos o Blood-drinker's Burial depois.

A esta proposta os presentes deram palmas e bateram com os pés no chão; a recitadora inclinou amavelmente a cabeça, várias vezes, agradecendo a recepção.

- A senhora sabe - declarou Máss Petowker repreensiva mente- que não gosto de fazer nada da minha profissão em reuniões particulares.

- Oh, mas não aqui! - disse Mrs. Kenwigs. - Somos tão amigos e estamos tão alegres, que é como se estivéssemos em família. Além disso a ocasião.

- Não posso resistir - interrompeu Miss Petowker. - Tudo o que esteja no meu fraco poder terei muito prazer em fazer.

Mrs. Kenwigs e Miss Petowker arranjaram entre si um programa de diversões e quando os assistentes abriram um semi-círculo, Miss Petowker deu o tom e Morleena começou a dançar. Fez uma linda figura compreendendo o muito trabalho dos braços e foi premiada com infinitos aplausos.

- Se fosse favorecida com uma. uma filha - protestou Miss Petowker corando - possuindo um génio como esta, pu nha-a na ópera im tamentz.

Mrs. Kenwigs suspirou e olhou para Mr. Kenwigs, que abanou a cabeça e observou ter receio disso.

- Kenwigs tem medo - notou Mrs. Kenwigs.

- De quê? - perguntou Miss Petowker. - Não dela falhar!

- Oh, não - replicou Mrs Kenwigs - mas se ela foi educada como está agora... pense nos jovens duques e marqueses.

- Tem muita razão - apoiou o cobrador.

- No entanto - condescendeu Miss Petowker - se ela tiver um verdadeiro orgulho sabe.

- Isso é muito verdade - respondeu Mrs. Kenwigs, olhando para o marido.

- Sei apenas - gracejou Miss Petowker - que pode não ser uma regra, decerto. mas eu nunca encontrei qualquer inconveniência nem desagrado, desse género.

Mr. Kenwigs, com muita galantaria, disse para se pôr a questão de parte e nela se pensar seriamente mais tarde. Resolvido isto, Miss Petowker começou a recitar o

Blood-drinker's Burial com tão extraordinária naturalidade que até as quatro Kenwigses tiveram medo.

Ainda não tinha acabado o êxtase desta execução e Newman ainda não terminara o ponche, quando se ouviu uma forte pancada à porta, fazendo dar um grito a Mrs. Kenwigs, crente de que o filho lhe caíra da cama.

- Quem está aí? - perguntou Mr. Kenwigs vivamente.

- Não se assustem, sou apenas eu - respondeu Crawl, de barrete de dormir, olliando para dentro de casa.

- O bebé está muito bem e ferrado no sono, assim como a rapariga,

pois entrei lá no quarto quando vim para baixo; e não me parece que a vela pegue fogo ao cortinado da cama, a não ser que entre no quarto qualquer aragem. É Mr.

Noggs quem procuro.

- A mim? - exclamou Newman, muito admirado.  
- Porquê? É uma hora esquisita, não é? - replicou Crowl, a quem não agradara muito o facto de ter deixado o seu lume  
-e é também uma gente de aspecto muito extraordinário, todos molhados e cobertos de lama. Digo-lhes para se irem embora?  
- Não - replicou Newman, levantando-se. - Gente. Quantos são?  
- Dois - informou Crowl.  
- Perguntaram por mim? Pelo nome? - inquiriu Newman.  
- Pelo nome - confirmou Crowl. - Mr. Newman Noggs, com todas as letras.  
Newman reflectiu uns segundos e depois apressou-se a sair, murmurando que voltaria imediatamente. Foi fiel à sua promessa, pois dentro dum tempo excessivamente curto rompeu pelo aposento e, sem uma palavra de desculpa ou de explicação, agarrou numa vela acesa e numa caneca de ponche quente, e disparou pela porta fora como um doido.  
- Que diabo tem ele? - exclamou Crowl, abrindo a porta.  
- Escutem! Não há barulho lá em cima?  
Os convidados levantaram-se em grande confusão e, olhando uns para os outros com muita perplexidade e algum medo, estenderam os pescoços para escutarem com atenção.

## Capítulo XV

Conhece-se a cousa e a origem da interrupção do último capítulo e de outros assuntos Newman Noggs subiu a escada a correr com a fumegante bebida que, sem cerimónia, tirara da mesa, de Mr. Kenwigs e, principalmente, da garra do cobrador. Entrou com a presa nas águas-furtadas, onde encontrou, com os pés encharcados e quase descalços, molhados, sujos, cansados e desfigurados pelas marcas duma fatigante viagem, Nicholas e Smike, sentados.

O primeiro acto de Newman foi obrigar Nicholas com suave força, a engolir metade do ponche duma vez, quase a ferver como estava, e o seguinte deitar o resto pelas goelas de Smike, que nunca na vida provara uma coisa tão forte.

- O senhor está completamente encharcado - disse Newman, passando a mão rapidamente pelo casaco que Nicholas tirara - e eu, eu nem sequer tenho outro para lhe dar  
- acrescentou, deitando um pensativo olhar, ao miserável fato que vestia.  
- Eu tenho roupa seca na minha mala e que pelo menos serve muito bem para mudar - replicou Nicholas. - Se o senhor ficou tão aflito por me ver, acrescenta isso ao desgosto que já tenho por ser forçado, por uma noite em ter de recorrer aos seus fracos meios de ajuda e abrigo.

Newman não se mostrou menos aflito ao ouvir falar Ni cholas deste modo, mas depois de apertar cordialmente a mão do seu jovem amigo, começou os preparativos que estavam nos seus meios, para instalar confortavelmente os visitantes.

Estes foram bastante simples, por os haveres do pobre Newman estarem muito longe da sua boa vontade. Como Nicholas tinha economizado o seu fraco pecúlio que lhe chegara para arranjar uma ceia de pão com queijo, carne fria, uma garrafa de aguardente e um cangirão de cerveja que foi posta na mesa, não havia apreensões quanto à fome e à sede. Não demorando muito os preparativos de Newman para acomodar os seus hóspedes, estes em breve estavam a partilhar da sua frugal refeição.

Em seguida chegaram-se para o lume que Newman Noggs avivou o mais possível depois das excursões de Crowl ao

combustível, apertando-o Nicholas com perguntas ansiosas sobre a mãe e a irmã.

- Bem - respondeu Newman com a sua costumada taciturnidade - estão ambas bem!

- Estão ainda a viver na City? - inquiriu Nicholas.

- Estão. - replicou Newman.

- E a minha irmã - acrescentou Nicholas - continua ainda no emprego, sobre o qual me escreveu,

dizendo que gostava muito?

Newman abriu os olhos bastante mais do que o costume, mas limitou-se a responder com um suspiro acompanhado por um movimento de cabeça, cuja interpretação tanto podia ser sim, como não. No exemplo presente a pantomina consistiu num aceno para baixo e não numa abanadela; portanto, Nicholas tomou a resposta como afirmativa.

- Agora escute-me - pediu Nicholas, pondo a mão no ombro de Newman. - Antes de fazer qualquer tentativa para as ver, julguei preferível vê-lo a si primeiro para poder satisfazer o meu desejo egoísta e evitar uma injúria a respeito delas, que nunca poderia reparar. O meu tio recebeu notícias de Yorkshire?

Newman abriu e fechou a boca várias vezes, dando a ideia de tentar o impossível para falar, mas não podendo fazer nada disso, fixou, finalmente; os olhos em Nicholas com um sorriso e um olhar de horror.

- O que soube ele? - perguntou Nicholas, corando. - É que eu estou preparado para ouvir o pior que a maldade possa ter inventado. Por que me esconde isso? Tenho que saber mais cedo ou mais tarde; e o que se ganha em perder tempo com brincadeiras durante alguns minutos, quando, metade desse tempo me poria ao corrente do sucedido?

Diga já, suplico-lhe.

- Amanhã de manhã - respondeu Newman. - Amanhã lhe conto.

- Qual o fim do adiamento? - inquiriu Nicholas.

- Dormirá melhor - replicou Newman.

- Dormirei pior - retorquiu Nicholas com impaciência. Dormir! Exausto como estou e não podendo resistir à necessidade vulgar de descanso, não conseguirei pregar olho em toda a noite se não me disser tudo.

- E se eu lhe dissesse tudo? - perguntou Newman, hesitante.

-Então podia despertar a minha indignação, ou ferir o meu orgulho, mas nunca perturbar o meu descanso - respondeu Nicholas - pois se a cena tivesse de se repetir, não podia tomar partido diferente daquele que tomei; e quaisquer que sejam as consequências, nunca me arrependerei de ter feito o que fiz. nunca, mesmo se tiver de morrer de fome, ou estender a mão à caridade, como consequência do meu acto. O que é um pouco de pobreza, ou de sofrimento, para a desgraça da mais desprezível e da mais desumana cobardia?

Digo-lhe, se me tivesse conservado passivo e me tivesse submetido, ter-me-ia odiado e merecia o desprezo de todos os seres humanos. O vilão de coração negro!

Com esta amável alusão ao ausente Mr. Squeers, Nicholas sufocou a sua raiva nascente e, relatando exactamente a Newman o que se passara em Dotheboys Hall, suplicou-lhe para falar sem mais pressões. Assim rogado, Mr. Noggs tirou duma velha carteira uma folha de papel, que parecia ter sido ra biscada muito à pressa, e depois de várias demonstrações de relutância, rendeu-se nas seguintes condições:

- Meu caro jovem, não devia dar ocasião a... Como sabe, esta espécie de coisas nunca se faz. A continuar no mundo se vai defender a gente que é mal tratada... Raios de diabo! Estou orgulhoso por ouvir isso, e eu próprio teria feito o mesmo.

Newman acompanhou esta explosão, muito pouco normal, com um violento soco na mesa, como se no entusiasmo de momento a tomasse pelas costelas de Mr. Wackford Squeers.

Tendo com esta franca declaração dos seus sentimentos, precavido de dar a Nicholas qualquer conselho sensato como tinha sido a sua primeira intenção, Mr. Noggs foi direito ao assunto.

-Antes de ontem o seu tio recebeu esta carta. Tirei rapidamente uma cópia dela, enquanto ele estava ausente. Quer que eu leia?

- Se faz favor - respondeu Nicholas. Newman Noggs começou, portanto, a ler o seguinte:

Dotheboys Hall

Quarta-Feira de manhã

Sir

O meu pai pede para eu lhe escrever, os médicos con sideram duvidoso se ele algum dia recuperará o uso das pernas, o que o obriga a não poder pegar na pena.

Estamos num estado de espírito impossível de imaginar e o meu pai tem umas marcas de amolgadelas azuis e verdes semelhantes a duas gravas com pontinhos de sangue coalhado. Fomos obrigados a carregá-lo para a cozinha, onde está agora. Julgará por isto como ele ficou deitado muito abaixo.

Quando o seu subrinho, que o senhor recomendou para professor, fez isto ao meu pai e lhe saltou para cima com os pés e também o arrastou, com o que não desonrarei a minha pena a escrever, ele assaltou a minha mãe com terrível violência, arremessando-a ao chão e enterrou-lhe a travessa do cabelo vários centímetros dentro da cabeça. Um pouquinho mais e teria entrado no crânio. Temos uma certidão médica dizendo que se tivesse acontecido isso, a tartaruga teria infectado os miolos.

Eu e o meu irmão fomos também vítimas da sua fúria, e temos sofrido muntíssimo, o que nos leva a crer que teremos

males interiores, especialmente porque nenhuma marca e violência se vê da parte de fora. Estou a gritar enquanto escrevo, assim como o meu irmão, o que não me deixa dar atenção e espero que me desculpará os erros.

O monstro, depois de satisfazer a sede de sangue, fugiu, levando consigo um rapaz de mau carácter que ele levou a revoltar-se, e um anel de granate pertencente a minha mãe, e não tendo sido prendido pelos pulcias, supõe-se que tenha embarcado nalguma mala-posta. O meu pai pede que se ele for ter consigo o anel deve ser devolvido, mas deixe o ladrão e assassinu ir-se embora, porque se nós o perseguíssemos seria apenas desterrado e se o deixarmos ir, tem a certeza de que será enforcado antes de pouco tempo, o que nos evitará a massada e será muito mais satisfatório. Esperando receber as suas noticias quando achar conveniente, sou sua edecetra

Fanny Squeers

P. S. - Tenho piedade da sua ignorância e desprezo-o.

Seguiu-se um profundo silêncio à leitura desta esmerada epístola, durante o qual Newman Noggs a dobrou, olhou com uma espécie de grotesca piedade para o rapaz de mau carácter nela referido, que só percebera do assunto, ter sido a causa infeliz da acumulação de atribuições e da falsidade atribuída a Nicholas e que se conservou calado e desanimado, com um olhar abatido e de alma oprimida.

- Sir. Noggs - disse Nicholas depois duns momentos de reflexão - tenho de sair imediatamente.

- Sair! - exclamou ONde?

- Sim - respondeu Nicholas - ir a Golden Square. Ninguém que me conheça acredita na história do anel, mas pode convir ao fim, ou satisfazer a aversão de Mr. Ralph

Nickleby, fingir que dá crédito a isso. O esclarecer a verdade é devido, não a ele, mas a mim; além disso tenho uma ou duas palavras a trocar com ele, que não podem arrefecer.

- Mas devem! - retorquiu Newman.

- Mas não devem - replicou Nicholas com firmeza, preparandw-se para sair.

- Deixe-me falar - pediu Newman, colocando-se em frente do seu jovem amigo. - Ele não está lá. Saiu da cidade. Não estará de regresso antes de três dias e sei que não será dada resposta a esta carta antes dele voltar.

- Tem a certeza? - perguntou Nicholas, imensamente arreliado e percorrendo o estreito quarto com passos rápidos.

- Absoluta! - assegurou Newman. - Mal a tinha lido quando foi chamado. O seu conteúdo é só conhecido dele e de nós.

- Está convencido? - inquiriu de novo Nicholas, precipitadamente. - Nem mesmo de minha mãe, ou de minha irmã?

Se pensasse que elas. Vou ter com elas. Preciso de as ver. Qual é o caminho? Onde estão?

- Agora deixe-me aconselhá-lo - disse Newman, falando neste momento com vivacidade, como

qualquer outro homem.

- Não faça esforços para a ver antes dele voltar. Eu conheço o homem. Não se parece com qualquer outra pessoa. Quando ele regressar vá ter com ele e fale-lhe tão ousadamente como quiser. Ele sabe tão bem o verdadeiro móbil, como o senhor, ou eu. Confie nele!

- Apresenta-me bem a questão e deve conhecê-lo melhor do que eu - replicou Nicholas depois de considerar. - Bem, seja assim!

Newman, que até então estivera encostado à porta para impedir qualquer saída pela força, se fosse necessário, voltou a sentar-se muito satisfeito; e como a água fervia na chaleira arranjou um copo de água e aguardente para Nicholas e uma caneca para ele e para Smike, que ambos partilharam com grande harmonia, enquanto Nicholas, apoiando a cabeça na mão se aprofundava em melancólica meditação.

Entretanto, os vizinhos de baixo depois de terem escutado e não ouvirem barulho que justificasse a sua interferência, ou a sua curiosidade, voltaram para os aposentos dos Kenwigses e deitaram-se a adivinhar a súbita desapareição de Mr. Noggs e da sua demora.

- Vou dizer-lhes - aventou Mrs. Kenwigs. - Suponho que recebeu um portador para lhe comunicar que todos os seus bens lhe foram restituídos.

- Meu Deus! - exclamou Mr. Kenwigs. - Não é impossível! Nesse caso talvez fosse melhor ir lá acima e perguntar-lhe se quer um pouco mais de ponche.

- Kenwigs! - admoestou Mr. Lillyvick em voz alta. - O senhor surpreende-me.

- O que se passa, sir? Mr. Kenwigs, tornando-se submisso para com o cobrador dos recibos da água.

- Por fazer essa observação, sir - respondeu Mr Lillyvick azedamente. - Ele já levou ponche, não levou, sir? Considero a forma como esse ponche foi arrebatado, altamente desrespeitosa para esta sociedade se me permitem o termo, escandalosa, perfeitamente escandalosa.

Pode ser uso permitir- se tais coisas nesta casa, mas não é o género de procedimento a que estou acostumado e não faço cerimónia em dizê-lo, Kenwigs. Um cavalheiro tem um copo de ponche na sua frente, que vai levar à boca, e vem um outro cavalheiro e agarra no copo, sem ao menos dizer com licença, ou dá-me licença, e vai-se embora com o copo de ponche. Podem ser boas ma neiras - atrevo-me a dizer que são - mas não as compreendo e é o suficiente; e o que é mais, não me importo de nunca as compreender. Esta é a minha forma de falar, de acordo com o que penso, Kenwigs, e isto é o que penso; e se não gosta, como já passou o meu tempo normal de ir para a cama, posso ir para casa sem mais tardança.

Aqui estava um acontecimento extraordinário! O cobrador estivera ruminando a sua dignidade ofendida durante alguns minutos e agora fazia-a explodir. O grande homem, o parente rico, o tio solteiro, que podia fazer de Morleena uma herdeira e deixar uns legados aos bebés... fora ofendido! Deus do Céu! Onde isto iria acabar?!

- Sinto muito, sir - disse Mr. Kenwigs humildemente.

- Não me diga que sente muito - retorquiu Mr. Lillyvick em voz cortante. - Então devia tê-lo evitado!

A ilustre sociedade estava completamente paralisada por esta discussão doméstica, mais ou menos oprimida pela irri tação do grande homem. Mr Kenwigs, não sendo destro nestes assuntos, apenas ateou a chama, tentando apagá-la.

- Lamento não ter pensado nisso, sir - obtemperou. Não supunha que uma coisa tão simples, como um copo de ponche o fizesse perder as estribeiras.

- Perder as estribeiras! O que diabo quer o senhor dizer com essa impertinência, Mr. Kenwigs? - inquiriu o cobrador. Morleena, minha filha, dá cá o meu chapéu.

- Oh! O senhor não se vai embora, Mr. Lillyvick - interpôs-se Miss Petowker com o seu sorriso mais sedutor.

No entanto Mr. Lillyvick, sem fazer caso da sereia, gritou obstinadamente, Morleena, o meu chapéu, após a quarta repetição do qual, Mrs. Kenwigs caiu para trás na cadeira, com um grito que teria comovido uma represa quanto mais um cobrador de águas, ao mesmo tempo que as quatro rapariguinhas, particularmente instruídas para

o efeito, se agarravam ao tio pedindo-lhe em imperfeito inglês para ficar.

Para que devo eu ficar aqui, minhas queridas? - perguntou Mr. Lillyvick. - Eu não sou desejado.

- Oh! Não fale tão cruelmente, tio - soluçou Mrs. Kenwigs - a não ser que queira matar-me.

- Não me espanta se alguém dissesse que o fazia - replicou Mr. Lillyvick, relanceando, zangado, para Kenwigs. Perder as estribeiras!

-Oh, não posso vê-lo olhar assim para o meu marido

- exclamou Mrs. Kenwigs. - É terrível entre família. Oh!

- Mr. Lillyvick - disse Kenwigs - espero, por amor da sua sobrinha, que não se oponha a uma reconciliação.

As feições do cobrador suavizaram e os convivas juntaram os seus esforços aos do sobrinho por afinidade. Tornou a dar o chapéu e levantou a mão.

- Kenwigs - expôs Mr. Lillyvick - deixe-me dizer-lhe e, ao mesmo tempo mostrar-lhe como perdi as estribeiras, pois se me tivesse ido embora sem mais palavras, isso

não faria diferença com respeito a uma ou duas libras que possa deixar às suas filhas quando morrer.

- Morleena Kenwigs - gritou a mãe, num caudal de afeição - ajoelha te aos pés do teu querido tio e pede-lhe para te amar durante toda a sua vida, pois é mais um anjo do que um homem, e sempre tenho dito o mesmo.

Miss Morleena aproximou-se para prestar a homenagem que lhe fora indicada, mas foi recebida a meio do seu intento e beijada por Mr. Lillyvick após o que Mrs. Kenwigs se atirou para beijar o cobrador, partindo da assistência um irreprimível murmúrio de aplauso por ter testemunhado a sua magnanimidade.

O digno cavalheiro tornou-se mais uma vez a vida e a alma da sociedade, sendo reintegrado no seu posto de leão, donde um momento se sentira desapossado. Diz-se que os leões quadrúpedes só são selvagens quando têm fome; os leões bípedes raro estendem o seu mau humor depois de satisfeitos os seus apetites de distinção. Mr. Lillyvick elevou-se mais do que nunca, por ter mostrado a sua força e aludido aos seus bens e às suas intenções testamentárias, sendo finalmente galardoado com um copo de ponche maior do que o Newman Noggs tão criminosamente levava.

- Peço desculpa a todos por me intrometer de novo - disse Crawl, olhando para esta feliz união - mas que negócio tão esquisito, não é? Noggs tem vivido nesta casa vai para cinco anos sem ninguém o visitar, segundo recordação do mais antigo dos inquilinos.

-Foi uma hora estranha da noite para ser chamado, certamente, sir - opinou o cobrador - e o comportamento do próprio Mr. Noggs é, pelo menos, misterioso.

- Assim é - assentiu Crawl - e vou dizer mais. Creio que esses dois génios, ou o que são, fugiram de qualquer parte.

- O que o leva a pensar assim, sir? - perguntou o cobrador, que parecia, por um tácito acordo, ter sido escolhido e eleito o porta-voz da sociedade. - Espero que não tenha razão para supor que fugiram de qualquer parte sem pagarem os impostos e as contribuições em dívida.

Mr. Crawl, com um olhar de desprezo, estava a ponto de fazer um protesto geral contra o pagamento de impostos e contribuições, quando foi detido a tempo por um segredo de Kenwigs e vários franzimentos de sobrolho e de testa da senhora que, providencialmente, o detiveram.

- O facto é que - continuou Crawl, que escutara à porta de Newman com toda a atenção - Que têm falado tão alto, que me têm incomodado no meu quarto, não podendo deixar de apanhar uma palavra aqui, outra acolá, e tudo o que ouvi parece referir-se a terem-se safado de qualquer parte. Não desejo alarmar Mr. Kenwigs, mas espero que não tenham vindo de alguma prisão, ou hospital e tragam febre, ou qualquer doença desagradável.

Mrs. Kenwigs ficou tão impressionada com esta suposição, que foram precisas todas as atenções de Miss Petowker, do Theatre Royal, Drury Lane, e um frasco de sais que Mr. Kenwigs lhe chegou ao nariz, para se acalmar.

As senhoras, tendo expresso as suas simpatias, simples e separadamente, com as várias expressões costumadas e a opinião dos presentes estava tão claramente manifestada, que

Mr. Kenwigs iria lá acima pedir uma explicação a Mr. Noggs, se a atenção de todos os convivas não fosse desviada por uma surpresa nova e terrível.

Era nada menos do que uma rápida sucessão de gritos agudos, partindo do último andar, provavelmente do quarto onde estava o bebé dos Kenwigses. Logo que os sons se ouviram, Mrs. Kenwigs conjecturou que algum gato estranho tivesse entrado enquanto a rapariga dormia, abafando a criança. Assim, correu para a porta, torcendo as mãos e guinchando horrivelmente, com grande consternação e confusão de todos.

- Mr. Kenwigs, vá ver o que é. Depressa! - incitou a irmã, pondo as mãos com violência em Mrs. Kenwigs e retendo-a à força. - Não te torças tanto, querida, ou nunca mais te seguro!

-O meu bebé, o meu querido, querido, querido, querido bebé!-berrava Mrs. Kenwigs, pronunciando cada querido mais alto do que o último. - O meu adorado, meigo, inocente Lillyvick... Oh! Deixem-me ir ter com ele. Deixem-me i... i... ir!

Em virtude destes gritos frenéticos, das lamentações e do pranto das quatro raparigas, Mr. Kenwigs correu pela escada acima, para o quarto donde vinham os sons, a cuja porta encontrou Nicholas com a criança nos braços, mas o qual saía com tal violência que o pai ansioso, foi compelido a descer seis degraus para só parar no primeiro patamar, antes de ter tempo de inquirir do que se tratava.

- Não esteja alarmado! - exclamou Nicholas, descendo. Aqui está ele; não há nada; está tudo acabado; sossegue, peço- lhe; não há mal nenhum! -Com estas e outras palavras de conforto entregou a criança a Mrs. Kenwigs e voltou atrás a socorrer Mr. Kenwigs, que estava a esfregar fortemente a cabeça, parecendo muito desconcertado pelo trambolhão.

Tranquilizados com estas alegres notícias, os presentes recobriram-se do susto, que tinha ocasionado alguns exemplos frisantes da falta de presença de espírito.

Assim, o amigo celibatário suportara nos braços, durante muito tempo, a irmã de Mrs Kenwigs, em vez desta, e o digno Mr. Lillyvick foi visto, na sua perturbação, a beijar várias vezes Miss Petowker atrás da porta, tão calmamente como se nada de medonho se estivesse a passar.

- Não foi nadà! - declarou Nicholas, voltando-se para Mrs. Kenwigs. - A rapariguinha, que estava a tomar conta da criança, sentindo-se cansada, suponho eu, adormeceu e pegou fogo ao cabelo.

- Oh, desgraçada pequena! - exclamou Mrs. Kenwigs, agitando o indicador ameaçadoramente perante a infeliz pequena, que podia ter treze anos e apresentava a cabeça chamuscada e uma cara aterrada.

- Ouvi os gritos dela - continuou Nicholas - e corri a tempo de evitar que ela pegasse fogo a alguma coisa. Pode crer que a criança não sofreu nada e para a convencer tirei-a da cama e trouxe-a comigo.

Acabada esta breve explicação a criança ia sendo sufocada pelos convivas. A atenção destes foi depressa dirigida, por uma natural transição, para a rapariga que tivera a audácia de queimar o cabelo e foi misericordiosamente mandada para casa, depois de receber alguns sopapos e empurrões das senhoras mais enérgicas, sem lhe terem pago os nove pence por que fora contratada.

- Sir, - disse Mr. Kenwig. - Que podemos nós dizer-lhe?

- Não tem nada que dizer - replicou Nicholas. - Não fiz coisa alguma que reclame a sua eloquência, tenha a certeza.

- A criança podia ser mortalmente queimada se não fosse



o senhor! -sorriu afectuosamente Miss Petowker.

- Creio que não - retorquiu Nicholas - pois havia abundância de gente aqui para chegar lá acima antes de qualquer perigo.

-De qualquer forma permite que bebamos à sua saúde, sir? - perguntou Mr. Kenwigs,dirigindo-se para a mesa.

- Na minha ausência,à vontade - disse Nicholas com um sorriso. - Tive uma viagem muito fatigante e devo ser uma companhia muito medíocre... um grande freio à alegria em vez de a promover,mesmo no caso de me conservar acordado, o que penso ser muito duvidoso. Se me permitem, volto para o meu amigo,Mr. Noggs, que regressou ao quarto,quando viu que nada de sério se passava. Desculpando-se nestes termos por não tomar parte na festa, Nicholas recebeu cativantes despedidas de Mrs Kenwigs e das outras senhoras,retirando-se depois de ter deixado uma impressão extraordinária em todos.

- Que jovem tão simpático! - comentou Mrs. Kenvigs

- Realmente,um cavalheirismo invulgar - disse Mr. Kenwigs. - Não pensa assim,Mr. Lillyvick?

- Sim, - respondeu o cobrador com um dúbio encolhimento de ombros - é cavalheiresco,muito cavalheiresco... na aparência.

- Espero que não tenha nada contra ele,tio - objectou Mrs. Kenwigs.

- Não, minha querida - replicou o cobrador - não. Espero que ele seja bem sucedido... não importa... bebo à minha amizade por ti, minha querida, e à longa vida do bebé.

- O seu homónimo - disse Mrs. Kenwigs com um sorriso.

- Espero que seja um digno representante do seu padrinho - disse Mr. Kenwigs. E devo dizer - e Mrs. Kenwigs é do mesmo parecer e tem os sentimentos tão vivos como os meus!-que considero o seu nome de Lillivick como uma das maiores benções e honras da minha esposa.

- A maior benção,Kenwigs! - murmurou ela.

- A maior benção! - corrigiu-se Mr. Kenwigs. - Uma benção que espero poder merecer num destes dias.

Este, era o golpe político dos Kenwigses, porque fazia de Mr. Lillyvick o grande cume, e a fonte da importância do bebé. Os bons cavalheiros sentiram a delicadeza e a destreza do tacto e, imediatamente, propuseram brindar à saúde do cavalheiro, de nome desconhecido, que se assinalara nessa noite pelo seu sangue-frio e boa disposição.

- Não me importo de declarar - observou Mr. Lillyvick, como se fosse uma grande concessão- que é um jovem bastante bem parecido, cujo carácter espero seja igual às suas maneiras.

- Tem, realmente, uma bela cara e modos - comentou Mrs. Kenwigs.

- Tem, na verdade - secundou Miss Petowker. - Há qualquer coisa na sua aparência de verdadeiro. querida, querida, como se diz essa palavra?

- Que palavra? - perguntouMr. Lillyvick.

- Oh, meu Deus, como sou estúpida! - replicou Miss Petowker, hesitando. - Como se diz quando os lordes quebram as aldrabas das portas, batem nos polícias, brincam às carruagens com o dinheiro dos outros e toda essa espécie de coisas?

- Aristocracia? - sugeriu o cobrador.

- Ah! aristocrata - replicou Miss Petowker - alguma coisa de aristocrático nele, não tem? Os cavalheiros calaram-se, mas sorriram uns para os outros, como se dissessem: Cada qual tem o seu gosto. No entanto, as senhoras resolveram unanimemente que Nicholas tinha um ar aristocrático, e como ninguém se deu ao trabalho de contestar, ficou assim triunfantemente estabelecido.

Tendo sido bebido o ponche e reclamando as pequenas Kenwigses urgentemente a cama, o cobrador tirou o relógio e avisou os presentes serem perto das duas horas. Alguns dos convivas ficaram surpreendidos e outros chocados, mas todos eles se apossaram dos chapéus e partiram com muitas felicitações pela festa e pelo aniversário, sentindo que todas as semanas se não festejasse ali uma data matrimonial. A esta expressão lisonjeira os esposos Kenwigses retribuíram com agradecimentos e apertos de mão, desejando que se tivessem divertido metade do que diziam.

Quanto a Nicholas, completamente inconsciente da impressão produzida, dormia há muito tempo, deixando Mr. Newman Noggs e Smike a esvaziarem a garrafa entre si. E esta ocupação foi desempenhada com tão boa vontade que Newman tinha dificuldade em determinar se era ele que estava completamente sóbrio, ou se nunca vira cavalheiros tão completa e fortemente intoxicados, como os seus novos conhecimentos.

#### Capítulo XVI

Nicholas procura empregar-se noutra modalidade e não sendo bãem sucedido, aceita o lugar de preceptor numa casá particular

O primeiro cuidado de Nicholas na manhã seguinte foi procurar um quarto onde pudesse viver até virem melhores dias, para não abusar da hospitalidade de Newman Noggs, que dormia em cima de cadeiras, com prazer, para o seu jovem amigo ficar bem acomodado.

O quarto vago a que fazia referência o escrito posto na janela, era um aposento nas traseiras dum segundo andar com uma linda perspectiva de telhas e chaminés. Depois de tratado o aluguer do quarto, semana a semana, em condições razoáveis, Nicholas apossou-se dele e, tendo alugado na vizinhança umas poucas peças de mobília, sentou-se a ruminar nos seus projectos. Como só podia contar consigo, resolveu agarrar no chapéu e sair para a rua, deixando o pobre Smike a arranjar e a tornar a arranjar o quarto, com tal prazer como se fosse o mais luxuoso palácio.

Ocupado nas suas reflexões e caminhando por entre a grande quantidade de gente das ruas de Londres, ocasionalmente levantou os olhos para uma tabuleta azul, onde estavam escritas as palavras, Grai Agency Office colocações para todos os lugares e situações de qualquer género. Lá dentro havia anúncios de lugares vagos, desde secretário até a rapaz de recados.

Nicholas parou instintivamente em frente do templo das promessas e depois de andar de cá para lá e de lá para cá irresolutamente, resolveu entrar. Encontrou-se num aposento alcatifado, com uma alta secretária arrumada a um canto, por detrás da qual se encontrava um jovem, magro, de olhos velhacos e queixo saliente, com os dedos da mão direita entre as folhas dum livro, olhando para uma senhora de idade e gorda, evidentemente a directora, sentada junto da lareira, de quem parecia esperar indicações.

Cá fora estavam sentadas meia dúzia de fortes mulheres novas, aguardando a vez de ser contratadas, parecendo ansiosas e fatigadas. Duas raparigas bem vestidas, que estavam a conversar com a senhora gorda ao pé do lume, não pareciam pertencer a esta qualidade, e como Nicholas percebeu ter de esperar até os outros clientes serem servidos, sentou-se a um canto, enquanto a senhora retomava o diálogo que a sua entrada interrompera.

- Cozinheira, Tom - disse a senhora gorda.

- Cozinheira - repetiu Tom, voltando algumas folhas do livro. - Bem!

- Leia um ou dois lugares acessíveis - pediu a senhora gorda.

- Escolha aqueles muito leves, se faz favor - recomendou

a rapariga gentil com botinas de guardador de gado, que parecia ser a cliente.

-Mrs. Marker - anunciou Tom - residente em Russell Place, Russell Square oferece dezoito guinéus, chá e açúcar. Duas pessoas de família e recebe pouca gente. Cinco criadas. Não há homens. Não há criados.

- Oh Senhor! - riu devagarinho a cliente. - Essa não convém. Leia outra, sim?

-Mrs. Wrymug - declarou Tom. - Pleasant Place, Finsbury. Ordenado, doze guinéus. Sem chá, nem açúcar. Família séria.

- Ah! não se incomode a ler isso! - interrompeu a cliente.

- Três lacaio - continuou Tom, impassivelmente.

- Disse três? - perguntou a cliente com voz alterada.

- Três lacaio sérios - repetiu Tom. - Cozinheiro, criada de fora e criada das crianças; as criadas têm de ir à Little Betrel Congregation aos domingos três vezes cada domingo. com um lacaio sério. Se o cozinheiro for mais sério do que o lacaio, ela aperfeiçoará o lacaio, se o lacaio for mais sério do que o cozinheiro, espera-se que ele aperfeiçoará o cozinheiro.

- Tomo nota da morada desse lugar - disse a cliente. Não sei mas talvez esse lugar me convenha!

- Há um outro - observou Tom voltando as folhas. - Família de Mr Gallanbile, M P. ( 1 ), Quinze guinéus, chá, açúcar e às criadas é-lhes concedido verem os primos, se forem devotas. Nota: No Sabbath, jantar frio na cozinha por Mr. Gallanbile ser devotada à questão da Observância. No domingo, com excepção do jantar para Mr e Mrs. Gallanbile, que estão isentos por ser uma obra de piedade, não há comida feita ao lume seja onde for. Mr. Gallanbile janta tarde nos dias de descanso, a fim de evitar o incómodo do cozinheiro se vestir.

-Não me parece que esta corresponda tão bem como a outra - declarou a cliente depois de ter segredado um pouco com a amiga. - Fico com a outra direcção, se faz favor.

Não posso senão voltar ao mesmo, no caso de não servir.

Tom tirou a morada como foi pedido, e a gentil cliente, tendo pago, entretanto à senhora gorda, uma pequena quantia, foi-se embora acompanhada pela amiga.

Quando Nicholas ia abrir a boca para pedir ao jovem que visse na letra S e dizer-lhe se havia alguns lugares vagos de secretário, entrou no escritório uma solicitante a favor de quem imediatamente se retirou, e cuja aparência o surpreendeu e interessou.

Era uma jovem que mal podia ter dezoito anos, de figura fraca e delicada e modos muito finos; encaminhando-se timidamente para a secretária, perguntou em voz baixa se havia lugar de governanta ou dama de companhia. Levantou o véu por um instante, enquanto fazia a pergunta, descobrindo uma

1 - Membro do Parlamento. Deputado

beleza muito pouco vulgar, embora marcada por uma névula de tristeza, que numa jovem era duplamente notável. Tendo recebido um cartão de referência para alguém que estava nos livros, fez o usual pagamento e desapareceu. Estava vestida com extremo asseio, embora pobremente. A sua companheira era uma rapariga de faces vermelhas, olhos redondos e desalinhada, de modos rudes, parenta, evidentemente, das criadas para todo o serviço, que estava no banco, com quem trocou sorrisos e olhares indicativos da maçonaria da profissão. A rapariga seguiu a patroa e, antes de Nicholas se poder refazer da sua surpresa e admiração, a jovem fora-se embora. Provavelmente tê-la-ia seguido se não fosse retido pelo que se passou entre a senhora gorda e o guarda-livros.

- Quando volta ela, Tom? - perguntou a senhora gorda.

- Amanhã de manhã - respondeu Tom, afixando a pena.

Para onde a mandou? - inquiriu a senhora gorda.

- para casa de Mrs. Clark - replicou Tom.

- Se ela for para lá terá uma bela vida - observou a senhora gorda, tirando uma pitada de rapé de uma caixa de folha.

Tom não deu outra resposta, a não ser empurrar a bochecha com a língua e, apontando o rabo da

pena para Nicholas, fez a senhora gorda perguntar:

- Em que lhe podemos ser úteis, sir?

Nicholas explicou em resumo que queria saber se havia algum lugar de secretário ou de escriturário de um cavalheiro.

- Qualquer deles - replicou a patroa. - Dúzias deles. Não há, Tom?

- Assim o julgo - respondeu este jovem cavalheiro, piscando os olhos para Nicholas com um grau de familiaridade que se entendia ser dum cumprimento lisonjeiro, mas que se sentiu ingratamente desgostado.

Consultando o livro parece que a dúzia de lugares de secretário se reduzia a um só. Mr. Gregsbury, o grande membro do Parlamento, de Manchester Buildings, Westminster, precisava dum homem novo para pôr em ordem os seus papéis e correspondência, e Nicholas era exactamente o género de pessoa que Mr. Gregsbury necessitava.

- Não conheço quais são as condições, pois ele resolve-as com o interessado - observou a senhora gorda. - Mas devem ser muito boas, visto ser um membro do Parlamento.

Inexperiente como era, Nicholas não se sentiu completamente seguro da força deste raciocínio, ou da justiça desta conclusão, mas sem se cansar a questioná-la, tomou nota da morada e resolveu ir ter com Mr. Gregsbury sem demora.

- Não sei o número - avisou Tom - mas Manchester Buildings não é um grande lugar e o pior que lhe pode acontecer é bater a todas as portas, de ambos os lados, até o encontrar. Que bela rapariga era aquela, não era?

- Que rapariga, sir? - perguntou Nicholas, com um ar severo.

- Ah, sim! Eu sei. que rapariga? - sussurrou Tom, fechando um olho e atirando o queixo para o ar. - Não a viu, não? Diga-me, não desejava estar no meu lugar quando ela vier amanhã de manhã?

Nicholas olhou para o antipático empregado e saiu do escritório, sentindo não estarem em uso as velhas leis de cavalaria para poder guiar as donzelas pelo mundo e dar uma lição aos tipos ordinários que não deviam ter a felicidade de olhar para elas, ou delas ouvir falar.

Não pensando já nas suas infelicidades, mas cuidando quais poderiam ser as da linda jovem, Nicholas dirigiu os passos para o sítio que lhe fora indicado, depois de muitos enganos e indicações erradas.

Manchester Buildings é um lugar cujas casas estão cheias de escritos, desaparecendo estes só com a abertura do Parlamento. Então há legisladores desde o rés-do-chão até às águas-furtadas. Dentro de Manchester Buildings, Nicholas voltou-se com a morada, na mão, do grande Mr. Gregsbury. Como havia uma imensidade de gente entrando para uma casa acanhada, perto da entrada, parou até chegar a sua vez, perguntando depois ao criado se sabia onde morava Mr. Gregsbury.

O criado era um rapaz pálido, miserável, parecendo ter dormido debaixo da terra desde a infância.

- Mr. Gregsbury? - perguntou ele. - Mr. Gregsbury mora aqui. Muito bem! Entre!

Nicholas entrou e viu por toda a parte uma multidão parecendo aguardar qualquer acontecimento.

Como se passassem alguns minutos sem que o fenómeno se explicasse,

Nicholas ia pedir uma informação ao homem mais próximo, quando uma voz gritou:

- Cavalheiros, tenham a bondade de entrar!

Com muitas cortesias entre si, os cavalheiros, com Nicholas no meio deles, entraram para a sala de estar de Mr. Gregsbury, enchendo-a por completo.

- Cavalheiros - disse Mr. Gregsbury - sejam bem-vindos! Regosijo-me em vê-los.

Para uma pessoa que se regosijava por ver tanta gente, Mr. Gregsbury parecia incomodado, mas talvez isso fosse ocasionado por uma senatorial gravidade. Era dono duma enorme cabeça, com uma voz grossa, maneiras pomposas, proferindo toleravelmente frases sem significado e, em resumo, com todas as condições para ser um bom deputado.

- Agora, meus senhores - disse Mr. Gregsbury, lançando um grande maço de papéis para dentro dum

cesto de verga a seus pés e atirando-se para a cadeira, com os cotovelos encostados aos braços da mesma - vejo pelos jornais que não estão satisfeitos com a minha conduta.

- Sim, Mr. Gregsbury, não estamos - respondeu um cavalheiro gordo, de idade, com muito calor, saindo com violência do meio da multidão e plantando-se na frente.

- Traiem-me os meus olhos - exclamou Mr. Gregsbury olhando para o homem que falara - ou é o meu velho amigo Pugstyles!

- Sou eu mesmo, sir - respondeu o nédio cavalheiro.

- Dê-me a sua mão, meu digno amigo - convidou Mr. Gregsbury. - Pugstyles, meu caro amigo, lamento muito vê-lo aqui.

- E eu lamento muito estar aqui, sir - retorquiu Mr. Pugstyles - mas a sua conduta, Mr. Gregsbury, tornou imperiosamente necessária esta deputação dos seus eleitores.

- A minha conduta, Pugstyles - afirmou Mr. Gregsbury, contemplando a deputação com graciosa magnanimidade - tem sido e será sempre regulada pela verdade e por um verdadeiro interesse por este grande e feliz país. Quem olhe para a pátria ou para o estrangeiro, quer observe as industriosas comunidades pacíficas da nossa ilha, os seus rios soberbos de barcos a vapor, as suas estradas com locomotivas, as suas ruas com carros, os seus céus com balões dum poder e magnitude até aqui desconhecidas na história da aeronáutica, desta ou de qualquer outra nação. digo, quer olhe simplesmente para a pátria, ou estendendo os olhos para mais longe, com templo os planos ilimitados da conquista e da posse - conseguidos pela perseverança e valor britânicos! -que se desenrolam diante de mim, não posso deixar de bater as palmas e, voltando os olhos para a abóbada infinita, exclamar: Graças ao Céu, sou inglês!

Houve tempo em que esta explosão entusiástica seria acolhida com alegria até fazer eco, mas agora a deputação recebeu-a com enregelada frieza. A impressão geral era que a explicação de Mr. Gregsbury não entrara em pormenores sobre a sua conduta política, e um cavalheiro da rectaguarda não teve escrúpulo em afirmar em voz alta que cheirava muito a tendência para o gamão.

- O significado desse termo gamão é-me desconhecido

- afirmou Mr. Gregsbury. - Se quer dizer que me torno um pouco ardente demais, ou talvez mesmo hiperbólico, exaltando a minha terra, adnúto a inteira justiça da observação. Sou orgulhoso deste país livre e feliz. A minha figura dilata-se, os meus olhos brilham, o meu peito incha, o meu coração pulsa e o meu seio arde quando me lembro da sua grandeza e da sua glória!

- Nós desejamos, sir - notou Mr. Pugstyles calmamente - fazer-lhe algumas perguntas.

- Façam favor, cavalheiros; o meu tempo é vosso. e do meu país - respondeu Mr. Gregsbury.

Concedida esta permissão, Mr. Pugstyles pôs os óculos e tirou um papel da algibeira enquanto todos os outros tiravam também papéis para verificar a exactidão das perguntas.

Feito isto, Mr. Pugstyles começou a leitura.

- Pergunta número um: Se não tomou o compromisso voluntário, antes da eleição, de abolir imediatamente a prática de tossir e de roncar na Câmara. E se não submeteu a abolição

de tossir e roncar no primeiro debate da sessão, fez algum esforço para efectuar uma reforma a este respeito? Se também não se comprometeu a irritar o Governo e

fazer-lhe tremer as pernas de medo? E o senhor espantou-o e fez-lhe tremer as pernas, ou não?

- Vamos à seguinte, meu caro Pugstyles - pediu Mr. Gregsbury.

- Tem alguma explicação a dar com referência a esta pergunta, sir? - inquiriu Mr. Pugstyles.

- Certamente que não - respondeu Mr. Gregsbury. Os membros da deputação olharam furiosos uns para os outros e depois para o deputado, e o querido Pugstyles, tendo contemplado longa e fixamente Mr. Gregsbury por cima dos óculos, continuou as perguntas.

-Pergunta número dois: Se também não se comprometeu voluntariamente a apoiar o colega em todas as ocasiões e se, na noite antes da última, não desertou dele, votando

no outro partido por a esposa do chefe do outro partido ter convidado Mr. Gregsbury para uma reunião nocturna?

- Continue - disse Mr. Gregsbury.

- Também não há nada a dizer a este respeito, sir? - perguntou o relator.

- Absolutamente nada - replicou Mr. Gregsbury. A deputação, que o vira apenas no tempo de grangear votos, ou da eleição, escutava, muda de espanto pela sua frieza.

Não parecia ser o mesmo homem; então, todo ele era leite e mel, agora era fel e vinagre. Mas os homens são tão diferentes em ocasiões diferentes!

- Pergunta número três. e última - anunciou Mr. Pugstyles enfaticamente. - Se não declarou durante as eleições ser sua intenção firme e determinada opor-se a tudo o que fosse proposto; dividir a Câmara sobre todas as perguntas, fazer objecções a todos os assuntos, apresentar moções todos os dias e, em resumo, nas suas próprias palavras memoráveis, fazer o diabo com tudo e com todos?

Com esta compreensiva pergunta Mr. Pugstyles dobrou a lista do seu interrogatório, como o fizeram todos os outros.

Mr. Gregsbury reflectiu, coçou o nariz, recostou-se mais na cadeira, voltou-se para a frente, pôs os cotovelos na mesa, fez um triângulo com os polegares e os indicadores, e respondeu a sorrir:

- Nego tudo.

A esta inesperada resposta levantou-se um murmúrio rouco da deputação e o mesmo cavalheiro que exprimira uma opinião relativa à natureza do discurso de introdução, voltou a ter uma monossilábica demonstração, rosnando, rosnadela esta que foi secundada pelos seus companheiros, degenerando numa reprovação geral.

- Peço-lhe, sir, para exprimir uma esperança - disse Mr. Pugstyles com uma ligeira vénia - que ao receber um requerimento para esse efeito dum grande maioria dos seus eleitores, não se oponha a resignar

imediatamente o seu lugar a favor de algum candidato em quem eles pensem poder confiar mais.

A isto Mr. Gregsbury deu a seguinte resposta, a qual, antecipando-se ao requerimento, fora composta em forma de carta, tendo sido mandadas cópias dela para os jornais.

Meu caro Pugstyles

A seguir ao bem-estar da minha amada ilha - este grande, livre e feliz país, cujos poderes e recursos, sinceramente creio, são ilimitados - considero que uma nobre

independência é o maior orgulho de que um inglês se pode vangloriar e que intimamente espero transmitir aos meus filhos sem mancha e com luzimento. Agindo, não por motivos pessoais, mas movido apenas por elevadas e grandes considerações constitucionais, as quais não me atrevo a explicar, por estarem realmente abaixo da compreensão daqueles que não foram feitos como eu, para o estudo intricado e árduo da política, prefiro conservar o meu lugar e tenciono conservá-lo.

Quer fazer-me o favor de apresentar os meus cumprimentos ao corpo de eleitores e pô-lo ao facto desta circunstância?

Com grande estima, meu caro Pugstyles, etc. , etc..

- Então não resignará em qualquer circunstância? - perguntou o orador.

Mr. Gregsbury sorriu e abanou a cabeça.

- Então bom dia, sir - disse Pugstyles zangado.

- Deus o abençoe - respondeu Mr. Gregsbury. E a deputação, com muitas resmungadelas e carrancas de enfado, desfilou tão depressa quanto a estreiteza da escada permitia o seu escoamento.

Quando o último homem saiu, Mr Gregsbury esfregou as mãos de satisfeito, sem observar que Nicholas ficara na sombra dos cortinados da janela, onde, receoso de escutar algum solilóquio não dito para ouvidos estranhos tossiu duas ou três vezes para atrair a atenção do deputado.

- O que é isso? - perguntou Mr. Gregsbury com um acento cortante.

Nicholas deu um passo em frente e curvou-se.

- O que faz aqui, sir? - inquiriu Mr. Gregsbury. - Um espião na minha intimidade! Um votante escondido! Ouviu a minha resposta, sir. Peço-lhe que siga a deputação.

-Tê-lo-ia feito se pertencesse a ela, mas não pertença

- informou Nicholas.

- Então para que veio cá? - foi a pergunta natural de Mr. Gregsbury. - E donde diabo veio, sir? - foi a pergunta que se seguiu.

- Trouxe este cartão do uGeneral Agency Office, sir - respondeu Nicholas - por desejar oferecer-me para seu secretário e sabendo que estava precisando de um.

- Foi tudo para que veio? - tornou a inquirir Mr. Gregsbury, olhando-o com uma certa desconfiança. Nicholas respondeu afirmativamente.

-Não tem ligação com qualquer desses malditos jornais? Não se meteu aqui para ouvir o que se passava e pô-lo em letra de forma?

-Sinto dizer que, presentemente, não tenho ligação alguma - confessou Nicholas, bastante delicado, mas completa mente à vontade.

- Bem! - exclamou Mr. Gregsbury. - Então como veio cá ter?

Nicholas relatou ter sido forçado a subir com a deputação.

- Foi essa a maneira, não foi? Sente-se - convidou Mr. Gregsbury.

Nicholas sentou-se e Mr. Gregsbury fixou-o muito tempo, como para ter a certeza, antes de fazer mais perguntas, de não objecção quanto à sua aparência exterior.

- Quer, então, ser meu secretário? - perguntou por fim.

- Desejo ser empregado nesse lugar, sir - respondeu Nicholas.

- Bem. E o que sabe fazer?

- Suponho - replicou Nicholas, sorrindo - que posso fazer o que usualmente fazem os outros secretários.

- O que é isso? - quis saber Mr. Gregsbury.

- O que é isso? - repetiu Nicholas.

- Sim, o que é isso? - tornou a perguntar o deputado, olhando astutamente, com a cabeça posta de lado.

-Talvez os deveres de secretário sejam bastante difíceis de definir - respondeu Nicholas, considerando. - Incluem, presumo, correspondência?

- Bem - aprovou Mr. Gregsbury.

-O arquivo dos papéis e documentos?

- Muito bem.

-Talvez, ocasionalmente; escrever o que me ditar e, possivelmente - continuou Nicholas com um meio sorriso - copiar o seu discurso de algum jornal público, quando tiver feito um mais importante do que o usual.

- Certamente - replicou Mr. Gregsbury. - E o que mais?

- Realmente - respondeu Nicholas depois dum momento de reflexão - não estou apto, neste instante, a recapitular qualquer outra obrigação dum secretário, além daquela de se tornar agradável e útil ao seu patrão na medida do possível, compatível com o seu próprio respeito e sem ultrapassar a linha dos deveres a que ele se obriga executar e que a designação do seu cargo entende vulgarmente envolver.

Mr. Gregsbury olhou fixamente para Nicholas durante um certo tempo e depois, olhando em volta do aposento, disse em voz abafada:

-Isso está tudo muito bem, Mr... . Qual é o seu nome?

- Nickleby.

-Isso está tudo muito bem, Mr. Nickleby, e muito certo

pelo seu alcance, mas não vai muito longe. Há outras obrigações, Mr. Nickleby, que o secretário dum cavalheiro parla mentar nunca deve perder de vista. Eu preciso de engordar, sir.

- Desculpe-me - disse Nicholas, duvidando se ouvira bem.

- Engordar, sir - repetiu Mr. Gregsbury.

- Posso de novo pedir desculpa para lhe perguntar o que quer dizer, sir? - inquiriu Nicholas.

- O meu sentido é perfeitamente claro, sir - respondeu Mr. Gregsbury com um aspecto solene. - O meu secretário deverá dominar a política estrangeira do mundo, como vem indicada nos jornais; não deixar escapar as reuniões públicas, artigos de fundo e assuntos relacionados com entidades oficiais, e tomar notas de tudo que lhe pareça dar sinal dum pequeno discurso sobre a questão de algum pedido posto na mesa, ou de qualquer coisa do género. Compreende?

- Creio que sim, sir - replicou Nicholas.

- Então - disse Mr. Gregsbury - seria necessário para ele estar relacionado dia a dia com os títulos dos jornais sobre acontecimentos que se estão passando, como:

Desaparecimento misterioso e suposto suicídio dum empregado de taberna, ou qualquer coisa assim, no qual eu possa formular uma pergunta à Secretaria do Estado para os Negócios Internos. Daqui terá que copiar a pergunta, tanto quanto eu me lembrar da resposta - incluindo um pequeno cumprimento acerca da independência e do bom senso - e mandar o manuscrito franqueado para o jornal local, com uma meia dúzia de linhas explicativas de que posso ser sempre procurado na minha cadeira do Parlamento e nunca me nego a deveres árduos e de responsabilidade, e por aí fora, Está a ver?

Nicholas inclinou-se.

- Além disso - continuou Mr. Gregsbury - espero que ele, de vez em quando, examine com atenção alguns números das tabelas impressas e tire alguns resultados para eu poder fazer figura nas questões das madeiras e das finanças, e outras coisas; e quero que ele redija uns pequenos argumentos sobre o desastroso efeito duma réplica dos pagamentos à vista e da moeda metálica, com uma alusão, aqui e ali, a respeito da exportação do ouro, do Imperador da Rússia, das notas do Banco e de toda a espécie de coisas, das quais é apenas necessário conversar com fluência, por ninguém as compreender. Está a perceber-me?

- Julgo que sim - respondeu Nicholas.

- Com respeito aos assuntos não políticos - prosseguiu Mr. Gregsbury, entusiasmando-se-desejo que o meu secretário faça uns pequenos discursos floreados, do género patriótico. Por exemplo, se for publicado um decreto tolo dando aos pobres diabos dos autores o direito sobre as suas obras, gostaria de dizer que se não deveria consentir em se opor uma barreira intransponível à difusão da literatura entre o povo... compreende? Que as criações materiais sejam dum homem ou duma família, estamos

de acordo, mas as criações do

cérebro, sendo de Deus, devem naturalmente pertencer ao povo. e se eu estivesse bem disposto gostaria de dar umas piadas sobre a posteridade e dizer que aqueles que escrevem para a posteridade devem contentar-se em ser premiados com a aprovação da posteridade. Isto podia fazer bom efeito na Câmara e não me trazia qualquer desgosto por não se esperar que a posteridade conheça alguma coisa a meu respeito, ou das minhas graças. Está a ver?

- Vejo, sir - retorquiu Nicholas.

- Tem de ter sempre na mente, em casos como este, que os meus interesses não sejam afectados - observou Mr. Gregsbury - devendo dar-se muita força ao povo, pois isso

é muito bom para o tempo das eleições, e pode-se fazer ironia com os autores, tanto quanto se quiser, pois creio que a maior parte deles vive em pensões e não são votantes. Isto é um breve esquema das principais coisas que tem que fazer, excepto esperar todas as noites na antecâmara para o caso de me esquecer de alguma coisa e precisar de ser soprada de fresco; e, de vez em quando durante os grandes debates, sentar-se na fila da frente da galeria e dizer para as pessoas à volta: Vêem aquele cavalheiro com a mão na cara e o braço em volta da coluna. é Mr. Gregsbury. o célebre Mr. Gregsbury, com qualquer pequeno elogio de que se possa lembrar na



ocasião. E quanto a ordenado - disse Mr. Gregsbury, respirando com grande rapidez por ter perdido o fôlego - não me importo de dizer imediatamente, em números redondos, para evitar qualquer dissabor, embora seja mais do que aquilo que estou acostumado a dar que são quinze xelins por semana, sem mantimentos. Pronto!

Com esta bela oferta Mr. Gregsbury recostou-se mais uma vez na cadeira, com a aparência dum homem que foi prodigamente liberal, mas que, no entanto, não está disposto a arrepender-se.

- Quinze xelins por semana não é muito. - comentou Nicholas suavemente.

- Não é muito! Quinze xelins por semana não é muito, meu caro jovem! - exclamou Mr. Gregsbury. - Quinze xelins por.

- Peça-lhe para não supôr que questiono a importância, sir - replicou Nicholas - pois não me envergonho de confessar que para mim é uma boa quantia. Mas as obrigações e responsabilidades tornam a recompensa pequena, e há algumas tão pesadas que receio executá-las.

- Recusa-se a executá-las, sir? - perguntou Mr. Gregsbury com a mão no cordão da campainha.

- Receio que sejam grandes demais para as minhas forças, apesar de toda a boa vontade, sir - respondeu Nicholas.

- É bastante dizer que não aceita o lugar e que considera os quinze xelins por semana muito pouco - disse Mr. Gregsbury. - Recusa-se?

- Não tenho outra alternativa - replicou Nicholas.

- Abra a porta, Matthews! - ordenou Mr. Gregsbury quando apareceu o rapaz.

- Lamento tê-lo maçado sem necessidade, sir - disse Ni cholas.

- Lamento que tenha maçado - replicou Mr. Gregsbury, voltando-lhe as costas. - Abra a porta, Matthews.

- Bom dia, sir - despediu-se Nicholas.

- Abra a porta, Matthews! - gritou Mr. Gregsbury. O rapaz precedeu Nicholas, descendo vagarosamente a escada à sua frente, abriu-lhe a porta e deu-lhe saída. Com um ar triste e pensativo, Nicholas fez o caminho de regresso para casa. As ocorrências da manhã não despertaram o apetite de Nicholas e para ele o jantar não teve paladar. Estava ele pondo de lado o prato, contendo o jantar que o pobre rapaz escolhera, quando Newman Noggs apareceu no quarto.

- Já voltou? - perguntou Newman.

- Já - respondeu Nicholas - fatigado de todo e, o que é pior, podia ter feito o mesmo lá fora.

- Não podia esperar fazer muito - consolou

Newnman.

- Talvez, mas eu sou de temperamento sanguíneo e esperava alguma coisa, por isso estou proporcionalmente desapontado - confessou Nicholas, contando a seguir a Newman os passos que dera.

- Se pudesse fazer qualquer coisa - lembrou Nicholas - qualquer coisa embora ligeira, até ao regresso de Ralph Nickleby e tivesse tranquilizado a minha consciência para o enfrentar, seria mais feliz. Deus sabe que me não furto ao trabalho. Ficar indolentemente aqui como um animal melancólico meio domesticado, deprime-me.

- Não conheço ofertas de pequenos trabalhos - disse Newman. - Eles têm que pagar a renda e mais... mas o senhor não havia de gostar deles; não, mal podia esperar suportá-los. não, não!

- O que mal pod esperar suportar? - inquiriu Nicholas, levantando os olhos. - Mostre-me na vastidão de Londres, qualquer meio honesto em que possa ao menos, tirar o aluguer semanal deste pobre quarto e veja se eu fujo a ele. Suportar! Tenho suportado muitíssimo, meu amigo, para sentir agora orgulho, ou melindre. Excepto esse melindre da vulgar honestidade, assim como o orgulho que constitui o respeito pró- prio - acrescentou rapidamente Nicholas depois dum curto silêncio. - Vejo pouca diferença entre ser ajudante dum pedagogo brutal e adulator dum desprezível e ignorante novo rico, seja deputado ou não.

- Não sei bem se lhe deva contar, ou não, o que ouvi esta manhã - hesitou Newman.

- Tem referência com o que disse há pouco? - perguntou Nicholas.

- Tem.

- Então, em nome do Céu, meu bom amigo, diga-me - pediu Nicholas. - Por amor de Deus, considere a minha deplorável condição, e conquanto prometa não dar um passo sem me aconselhar consigo, dê-me, pelo menos, um voto a meu favor.

Comovido por este pedido, Newman contou que Mrs. Kenwigs tinha nessa manhã inquirido muito sobre a origem do seu conhecimento com Nicholas e toda a vida deste, as suas aventuras e parentesco; que Newman iludira estas perguntas tanto quanto pudera, mas vendo-se, por fim, entre a espada e a parede, teve de admitir que Nicholas era um professor de grandes créditos, envolvido nalgumas desventuras, que ele não tinha a liberdade de explicar, e usando o nome de Johnson. Que Mrs. Kenwigs, impelida por gratidão ou ambição, ou orgulho ou amor maternal, ou pelos quatro motivos conjunta mente, teve uma conferência secreta com Mr. Kenwigs e, finalmente, voltou para propor que Mr. Johnson instruisse as quatro Misses Kenwigses na lingua francesa como os naturais falam, com o estipêndio semanal de cinco xelins, em moeda corrente do reino, sendo à taxa de um xelim por semana por cada Miss Kenwigses e um xelim a mais até à ocasião em que o bebé pudesse estar apto a aprender gramática.

- O que, a não ser que esteja enganada - observou Mrs. Kenwigs ao fazer a proposta - não tardará muito, pois acredite, Mr. Noggs, que crianças mais espertas nunca vieram a este mundo.

- Pronto - concluiu Newman - foi tudo. Isto é consigo, eu sei, mas pensava que, talvez, o senhor pudesse.

- Pudesse! - exclamou Nicholas com grande alegria. - Decerto poderei. Aceito imediatamente a oferta. Diga isto à estimável mãe, sem demora, meu querido companheiro, e estou pronto a começar quando ela quiser.

Newman apressou-se a informar Mrs. Kenwigs da aquiescência do seu amigo e voltou logo a seguir com a notícia de terem sido mandados comprar, no mesmo instante, uma gramática francesa em segunda mão e exercícios e que a família, altamente excitada pelo projecto, desejava que a lição inicial se realizasse imediatamente.

Nicholas, não sendo um jovem de espírito de acordo com a vulgar interpretação, e julgando ser maior degradação pedir emprestado a Newman Noggs, para suprir às suas necessidades, do que ensinar francês às pequenas Kenwigses por cinco xelins por semana, aceitou a oferta com a alegria já descrita e desceu ao primeiro andar com toda a velocidade.

Aqui, foi recebido por Mrs. Kenwigs com um ar gentil, dando a entender, amavelmente, poder contar com a sua pro tecção e ajuda; e aqui, também, encontrou Mr Lillyvick e Miss Petowker, as quatro Misses Kenwigses no seu banco de audiência e o bebé no berço, com um tabuleiro de abeto defronte de si, divertindo-se com um cavalo sem cabeça, sendo o dito cavalo composto por um pequeno cilindro de madeira suportado por quatro cavilhas encurvadas e pintado numa engenhosa semelhança.

- Como está, Mr. Johnson? - cumprimentou Mrs. Kenwigs.

- O meu tio. Mr. Johnson.

- Como vai, sir? - perguntou Mr. Lillyvick, bastante asperamente porque na noite anterior não sabia quem era Nicholas e era uma circunstância grave um cobrador ser delicado demais para um professor.

-Mr. Johnson está contratado como professor particular para as crianças, tio - anunciou Mrs. Kenwigs.

- Assim o disseste agora mesmo, minha querida - replicou Mr. Lillyvick.

- Mas espero - acrescentou Mrs. Kenwigs, levantando-se que as não faça orgulhosas e que elas bendigam a sua boa sorte em ter nascido superiores aos filhos da gente vulgar. Está a ouvir, Morleena?

- Sim mamã - respondeu Miss Kenwigs.  
-E quando forem para a rua, ou para qualquer parte, desejo que não se vangloriem disso junto das outras crianças  
- prosseguiu Mrs. Kenwigs - e se tiverem de dizer alguma coisa a esse respeito, não passem de, Temos um professor que nos vem ensinar a casa, mas não somos orgulhosas, por que a mamã diz ser pecado. Ouviste Morleena?  
- Sim, mamã - respondeu novamente Miss Kenwigs.  
- Então toma atenção para te lembrares e procederes como te digo - avisou Mrs. Kenwigs. - Mr. Johnson pode começar, tio?  
- Estou pronto para ouvir, se Mr. Johnson está preparado para começar, minha querida - retorquiu Mr. Lillyvick, assu mindo o ar dum profundo critico. - Que espécie de língua considera o francês, sir?  
- O que quer dizer? - perguntou Nicholas.  
- Considera o francês uma boa língua, sir? - inquiriu o cobrador. - Uma linda língua?. Uma língua sensível?  
- Uma língua bonita, certamente - respondeu Nicholas - e como tem um nome para tudo e admite uma conversa elegante acerca de tudo presumo que seja uma língua sensível.  
- Não sei - opinou Mr. Lillyvick, com dúvida. - Chama- lhe também uma língua alegre?  
- Sim - replicou Nicholas. - Devo dizer que o é certa mente.  
- Então mudou muito desde o meu tempo - comentou o cobrador. - MUITÍSSIMO.  
- Então era triste no seu tempo - quis saber Nicholas, mal podendo conter um sorriso.  
- Muito - retorquiu Mr. Lillyvick com certa veemência. Eu falo do tempo da guerra; da última guerra. Pode ser uma língua alegre. Lamento muito contradizer alguém, mas apenas posso dizer que ouvi os prisioneiros franceses, que eram naturais e deviam saber como se falava, conversarem duma maneira tão triste que uma pessoa sentia-se infeliz em ouvi-los. Sim, isso tenho eu, cinquenta vezes, sir. cinquenta vezes.  
Mr Lillyvick começava a estar zangado e Mrs. Kenwigs teve o expediente de fazer sinal a Nicholas para não dizer mais nada; entretanto Miss Petowker exerceu várias blandícias para sossegar o excelente velhote, que se dignou quebrar o silêncio, perguntando:  
- Como se diz a água em francês, sir?  
- L'eau - respondeu Nicholas.  
- Ah! - exclamou Mr. Lillyvick, abanando a cabeça melancolicamente. - Pensava assim. Só, hein? Não creio nada em tal língua. absolutamente nada.  
- Acha que as crianças podem começar, tio? - inquiriu Mrs. Kenwigs.  
- Oh, sim; podem começar, minha querida - respondeu o cobrador descontente. - Não desejo evitar isso.  
Tendo sido concedida esta permissão, as quatro Misses Kenwigses sentaram-se em fila, com Morleena no topo, En quanto Nicholas, agarrando no livro, começou as suas explicações preliminares. Miss Petowker e Mrs. Kenwigs olhavam com silenciosa admiração, quebrada apenas pelos murmúrios da última assegurando que Morleena saberia tudo de cor num instante. Mr. Lillyvick contemplava o grupo com olhos atentos e franzidos, morto por poder abrir uma nova discussão sobre a língua.

## Capítulo XVII

### ACOMPANHA O DESTINO DE MISS NICKLEBY

Foi com o coração angustiado e muitos pressentimentos tristes que Kate Nickleby, na manhã do começo do seu trabalho em casa de Madame Mantalini, saiu quando faltava um quarto para as oito, em direcção ao West End de Londres.

A esta hora matinal muitas raparigas franzinas atravessavam as ruas da cidade a caminho dos seus empregos. Quando Kate chegou próximo do bairro mais distante da

cidade, notou muitas desta classe, apressando-se, como ela, para as suas ocupações e viu, nos seus aspectos doentios e ar abatido, que as suas suspeitas não eram inteiramente infundadas. Chegou a casa de Madame Mantalini alguns minutos antes da hora marcada e depois de andar umas poucas de vezes dum lado para o outro, na esperança de ver entrar alguma outra pessoa do seu sexo, pôs de parte o embaraço de declarar ao criado o seu caso e bateu timidamente. Depois dum certo demora a porta foi aberta pelo lacaio, que ia a vestir a libré pela escada acima e estava agora a atar o avental.

- Madame Mantalini está? - gaguejou Kate.

- Não muitas vezes cá fora a esta hora, miss - respondeu o homem num tom que tornava a resposta um tanto mais ofensiva do que tinha querido.

- Posso falar com ela? - perguntou Kate.

- O quê? - exclamou o homem, agarrando a porta com a mão e honrando a rapariga com um olhar espantado e bocarra aberta num sorriso. - Meu Deus, não!

- Eu venho por sua própria indicação - exclamou Kate. Venho. venho. para me empregar aqui.

- Ah! Devia ter tocado a campainha das operárias - disse o lacaio. - Deixe-me ver, contudo. esqueci-me. Miss Nickleby, não é?

- Sou - respondeu Kate.

- Então faça o favor de subir a escada - convidou o homem. - Madame Mantalini quer vê-la. Por aqui. tome cuidado com as coisas que sobe no chão.

Avisando-a para tomar conta nos objectos heterogêneos que juncavam o sobrado, demonstrando uma tardia reunião na noite anterior, o homem encaminhou-se para o segundo andar e meteu Kate num aposento traseiro, comunicando por uma porta com aquele em que vira pela primeira vez a dona do estabelecimento.

- Se quer esperar aqui um minuto - disse o homem - vou-lhe dizer imediatamente.

Tendo feito esta promessa com muita afabilidade, retirou-se, deixando Kate só.

No aposento havia muito por onde se distrair, sobressaindo um retrato a óleo de Mr Mantalini e um anel de diamantes, presente de Madame Mantalini antes do casamento.

Ouviam-se, contudo, conversas no aposento a seguir, por a conversa ser em voz alta e o tabique delgado. Kate não pôde deixar de descobrir que pertenciam a Mr. e

Mrs. Mantalini.

-Se fores odiosamente diabólica, ultrajosamente ciumenta minha querida - dizia Mr Mantalini - serás muito infeliz. horrivelmente infeliz. diabolicamente infeliz.

- Sou infeliz - confessou Madame Mantalini, evidentemente te a fazer beicinho.

- Então és uma ingrata, indigna, desgraçadinha, a raí nha! - continuava Mr. Mantalini.

- Não sou - protestava madame com um soluço.

- Não te ponhas de mau humor - recomendava Mr. Mantalini, partindo um ovo. - Tens uma expressão linda e feiticeira que não se deve mostrar zangada pois isso estraga a sua amabilidade e torna-a atormentada e carregada como um fantasma medonho e mau.

- Não estou para ser pintada sempre dessa maneira - replicava madame amuada.

-Serás pintada de qualquer maneira que parecer melhor e não completamente pintada se isso não ficar tão bem - respondia Mr. Mantalini com a colher do ovo na boca.

- Isso é fácil de dizer. - retorquiu Mrs. Mantalini.

- Não é tão fácil quando se está a comer um ovo maroto!

- replicou Mr. Mantalini - pois a gema escorre para o colete e a gema não condiz com nenhum colete, a não ser que seja amarelo.

- Estiveste a namoriscar durante toda a noite - afirmava Madame Mantalini, aparentemente desejosa de levar a conversa para o ponto de partida.

-Não, não, minha vida!

- Estiveste - teimava madame. - Tive os meus olhos em cima de ti todo o tempo.

-Bendito seja o pequenino olho brejeiro! Esteve, então, em cima de mim todo o tempo! -exclamava Mantalini, numa espécie de preguiçoso bom humor. - Oh! diabo!

- E digo uma vez mais - acrescentava madame - que não deves valsar com outra pessoa, mas só com

a tua própria mulher. Não aturo isto, Mantalini, ou enveneno-me primeiro.

- Ela não se envenenará para ter dores horríveis, pois não? - perguntava Mantalini que, pelo som alteroso da voz, parecia ter chegado a cadeira para mais perto da mulher. Ela não se envenenará porque tem o diabo dum belo marido, que podia ter casado com duas condessas e a viúva dum fidalgo.

- Duas condessas - estranhava madame. - Antes disseste-me uma.

-Duas! - exclamava Mantalini. - Duas belas mulheres verdadeiras condessas e esplêndidas fortunas.

- E por que não casaste? - perguntava madame, divertida.

- Porque não casei! - respondia o marido. - Por ter visto num concerto de manhã a maior fascinadora de todo o mundo e, enquanto essa fascinadorazinha for minha mulher, não podem todas as condessas e viúvas ilustres da Inglaterra.

Mr. Mantalini não acabou a frase, mas deu a Madame Mantalini um beijo muito rechonchudo, que Madame Mantalini devolveu; depois disso pareceu entremear os beijos com o pequeno almoço.

- E a respeito de dinheiro, jóia da minha vida? - perguntava Mantalini quando acabaram as meiguices. - Quanto temos em cofre?

- Muito pouco! - respondeu madame.

- Precisamos de ter mais - replicava Mantalini. - Precisamos de arranjar algum desconto com o diabo do Nickleby para continuarmos a luta, diabo!

- Não precisas agora de mais dinheiro - retorquiui madame, adulando.

- Minha vida e alma - insistia o marido - o Scrubb tem um cavalo para vender, que seria um pecado e um crime perder. por nada, alegria dos meus sentidos!

-Por nada! - exclamava madame. - Sinto-me contente com isso.

- Actualmente por nada - replicava Mantalini. - Uma centena de guinéus compra-o; crina, pelagem, pernas e cauda, todo ele é uma beleza. Montei-o no parque em frente das carrua gens das rejeitadas condessas. A viúva desmaiaria de pena e raiva; as outras duas diriam, Está casado; fez fortuna; está tudo acabado! Odeiam-se mutuamente e desejam que tu morras e sejas enterrada. Ah! ah! ah!

A prudência de Madame Mantalini - se tinha alguma! - não estava à prova destes quadros triunfantes; depois de fazer soar um pouco as chaves, observou que iria ver o que continha a gaveta e, levantando-se com este propósito, abriu a porta e entrou no aposento onde Kate estava sentada.

- Meu Deus, criança! - exclamou Madame Mantalini - fazendo pé atrás de surpresa. - Como veio parar aqui?

-Criança! - gritou Mantalini, apressando-se. - Como veio. Eh!. Oh!. diabo!

- Estou aqui à espera há algum tempo, ma'am - confessou Kate, dirigindo-se a Madame Mantalini. - O criado deve ter-se esquecido de a informar.

- Tu precisas, realmente, de falar com esse homem! - disse madame para o marido. - Esquece-se de tudo.

-Torço-lhe o maldito nariz por deixar uma tão linda criatura só! - respondeu o marido.

- Mantalini, esqueces-te de ti próprio! - advertiu Madame.

-Mas não te esqueço, múzha, e nunca esquecerei e nunca poderei - afirmou Mantalini, beijando a mão da mulher e fazendo uma careta à parte para Miss Nickleby, que lhe voltou as costas.

Apaziguada com este cumprimento, a dona da casa tirou alguns papéis da gaveta, entregando-os a Mr. Mantalini, que os recebeu com muito prazer. Depois pediu a Kate para a seguir, deixando o cavalheiro estendido no sofá, com os calca nhares no ar e um jornal na mão.

Madame Mantalini desceu umas escadas e, por um corredor, entrou numa casa das traseiras do prédio onde muitas raparigas cosiam, cortavam, adaptavam, alteravam e trabalhavam noutros processos da arte de modista. Quando Madame Mantalini chamou em voz alta

Miss Knag, apresentou-se uma mulher baixa activa e demasiado enfeitada cheia de importância, e todas as raparigas suspenderam os seus trabalhos de momento, para segredarem umas às outras várias críticas sobre a confecção e a qualidade do vestido de Miss Nickleby: a sua tez, forma de feições e aparência pessoal, com boa educação que podia ser exibida pela melhor sociedade numa apinhada sala de baile.

- Miss Knag - disse Madame Mantalini - esta é a jovem de quem falei.

Miss Knag dispensou um sorriso reverente a Madame Mantalini, que destramente o transformou em gracioso para Kate e disse que, embora constituísse um grande embaraço ter gente nova que não estava acostumada ao trabalho, estava convencida de que a jovem tentaria fazer o melhor possível... convencida disto, ela (Miss Knag), sentia já um interesse pela nova empregada.

- Creio que em todo o caso seria melhor, agora, Miss Nickleby ir consigo à sala de exposição e provar as coisas para as pessoas - sugeriu Madame Mantalini. - Neste momento ainda não está apta para ser útil em qualquer outro trabalho, e a sua aparência.

- Vai muito bem como a provadora, Madame Mantalini - interrompeu Miss Knag. - Muitas vezes digo para as empregadas que não sei como, quando e onde a madame tem possibilidade

de arranjar tudo o que se vê. Eu e Miss Nickleby condizemos muito bem, Madame Mantalini, apenas eu sou um pouco mais morena e creio que o meu pé é um pouco mais pequeno do que o dela. Estou convencida de que Miss Nickleby se não ofende com isto, sobretudo pela nossa família ser célebre pelos pés pequenos. Tive um tio que vivia em Cheltenham com uns pés tão pequenos, que não eram maiores do que os das pernas de madeira, das cadeiras.

- Deviam ter certa aparência de pés tortos, Miss Knag - comentou madame.

- Pés tortos! Ah! ah! ah! Mas que graça! - replicou Miss Knag. - Estou farta de dizer às empregadas, que, de todas as graças que tenho ouvido, as de Madame Mantalini são as mais notáveis. É tão agradável, tão sarcástica e tão bem humorada

- como observava a Miss Simmonds esta manhã - que não sei como, quando ou por que meio as arranja!

Aqui, Miss Knag calou-se para tomar fôlego e, entretanto, como tinha a mania de grandes discursos, intercalava-os com uns heins despropositados, ou ligar das frases, ou meditar sobre o que devia dizer a seguir. Além disso aspirava a jovem, embora já tivesse perdido há muito o vigor da juventude.

-Faça com que Miss Nickleby compreenda as suas horas e mais coisas - recomendou Madame Mantalini - e com isto, deixo-a consigo. Não se esquece das minhas recomendações, Miss Knag?

Miss Knag respondeu que, esquecer qualquer coisa recomendada por Madame Mantalini, era uma impossibilidade moral, e a senhora, dando uns bons dias a todos, saiu.

- Uma criatura encantadora, não é Miss Nickleby? - perguntou Miss Knag, esfregando as mãos.

- Pouco a tenho visto - respondeu Kate. - Mal a conheço ainda!

- Viu Mr. Mantalini? - inquiriu Miss Knag.

- Sim, já o vi duas vezes.

- Não é uma pessoa encantadora?

- Na verdade não me pareceu - retorquiu Kate.

- Oh, minha querida! - exclamou Miss Knag, elevando as mãos. - Bondade divina, onde está o seu gosto? Um cavalheiro tão fino, alto, barbado, bem parecido, com aqueles dentes e aquele cabelo. surpreende-me!

- É possível que eu sej a muito pateta - replicou Kate pondo o chapéu de lado - mas como a minha opinião tem pouca importância para ele, ou para qualquer outra pessoa não tenho pena de a ter formado e julgo que levarei tempo

a mudá-la.

- É um homem muito fino, não lhe parece - perguntou uma das empregadas.

- Na verdade pode ser, pois nada posso dizer em contrário - respondeu Kate.

- E guia cavalos muito bonitos, não é verdade? - inquiriu uma outra.

- Talvez sim, mas nunca os vi - respondeu Kate.

- Nunca os viu! - espantou-se Miss Knag. - Como é possível dar uma boa opinião acerca dum cavalheiro... se não viu como ele anda a cavalo?

Havia tanto de mundana - mesmo do pequeno mundo de rapariga da província - nesta ideia da velha modista que Kate, ansiosa por todas as razões, de mudar de assunto, não fez

mais observações e deixou Miss Knag de posse do campo.

Depois dum curto silêncio, durante o qual as raparigas fizeram uma menção minuciosa da aparência de Kate e compararam os seus dons, uma delas ofereceu-se para a ajudar a tirar o chaile e, sendo a oferta aceite, perguntou-lhe se não a achava o preto muito desconfortável.

- Na verdade acho - respondeu Kate com um amargo suspiro.

- Tão quente e a que se agarra tanto o pó! - observou a rapariga, ajustando-lhe o vestido.

Kate podia ter dito que o luto é algumas vezes o vestido mais frio que um mortal pode usar. Há poucas pessoas que tendo perdido um amigo, ou um parente, constituindo na vida

a sua única dependência, não sintam dum modo agudo esta gelada influência na sua negra aparência. Ela tinha-a sentido tão vivamente e sentia-a tanto neste momento, que não pôde reter as lágrimas.

- Sinto muito tê-la magoado com a minha impensada referência - disse-lhe a companheira. - Não pensei nisso! Está de luto por algum parente próximo?

- Por meu pai! - respondeu Kate.

- Por que parente, Miss Simmonds? - inquiriu Miss Knag numa voz audível.

- Pelo pai - informou a outra, baixo.

- Pelo pai? - repetiu Miss Knag sem a mais ligeira depressão na voz. - Ah! Uma longa doença, Miss Simmonds?

- Cale-se, peço-lhe! - repreendeu a rapariga - Não sei!

- A minha desgraça foi muito súbita - esclareceu Kate voltando-se - para eu poder, numa ocasião como esta, ter a coragem de suportar isto melhor.

Não havia no aposento ninguém que não desejasse saber tudo acerca de Kate, mas sendo informadas da sua dor, renunciaram à curiosidade, até mesmo Miss Knag que com relutância, ordenou silêncio.

Em silêncio continuaram a trabalhar até à uma e meia, quando foi servida na cozinha uma refeição constituída por uma perna de carneiro com batatas. Uma vez terminada e tendo as raparigas gozado um descanso adicional enquanto lavavam as mãos, o trabalho recomeçou até se ouvir na rua o barulho das carruagens e o bater de duas fortes pancadas na porta.

Uma destas duplas pancadas à porta de Madame Mantalini anunciava a equipagem de alguma grande dama - ou antes, duma dama rica, pois ia uma grande distância entre

a riqueza e a grandeza - que vinha com a filha para provar alguns vestidos, a quem Kate foi designada para atender, juntamente com Miss Knag, comandadas, naturalmente, por Madame Mantalini.

O papel de Kate nesta ostentação era bastante humilde, limitando-se a segurar os artigos de vestuário até Miss Knag estar pronta para os provar. Não podia, razoavelmente, ter-se suposto livre de qualquer arrogância ou mau humor, mas aconteceu que, nesse dia, a senhora e a filha, estavam ambas de temperamento azedo, tendo, por isso, a pobre rapariga compartilhado das suas injúrias.

Esta arrogância era tão comum que não merecia a pena mencioná-la se não fosse pelo seu efeito. Kate deu curso a amargas lágrimas quando esta gente saiu e sentiu, pela primeira vez, a humildade da sua ocupação. Tinha-se afeito, na verdade, à perspectiva dum serviço duro e árduo, mas não previra degradação no trabalho pelo pão de cada dia, até se sentir exposta à insolência e arrogância.

Em cenas e ocupações idênticas se passou o tempo até às nove horas, quando Kate se apressou a ir ter com a mãe à esquina da rua, escondendolhe os seus sentimentos, para fingir participar nas ardentes visões dela.

- Jesus, Kate! - disse Mrs. Nickleby - tenho estado a pensar todo o dia que coisa delicada seria para Madame Mantalini fazer-te entrar na sociedade, ou coisa parecida.

A prima do teu pobre e querido papá - uma Miss Browndock - associou-se a uma senhora que tinha uma escola em Hammersmith e fez fortuna em pouco tempo. Já me esqueceu se foi esta Miss Browndock que teve um prémio de dez libras na lotaria, mas parece-me que foi; na verdade, agora que penso nisto, tenho a certeza que foi. Mantalini e Nickleby! Como seria bom! E se Nicholas tivesse alguma boa sorte, podia ser o Doutor Nickleby, director da Westminster School, vivendo na mesma rua!

- Querido Nicholas! - exclamou Kate, tirando da sua bolsa a carta do irmão, vinda de Dotheboys Hall. - Em todas as nossas desgraças quanto feliz me sinto, mamã, saber que ele se vai dando bem e vê-lo escrever com tão bom espirito! Consola-me, por tudo quanto possamos padecer, pensar que ele está bem acomodado e feliz.

Pobre Kate! Mal pensava quão fraca era a sua consolação e como depressa seria desiludida.

### Capítulo XVIII

Como Miss Knag, depois de ter adorado Kate Nickleby durante três dias, resolveu odiá-la e as causas que a levaram a tomar esta resolução

A vida a que a pobre Kate Nickleby se dedicara, em consequência da cadeia imprevista das circunstâncias já conhecidas, era árdua, mas temos de pô-la agora mais em evidência e pormenorizar a descrição do estabelecimento de Madame Mantalini.

-Na verdade, Madame Mantalini, Miss Nickleby é uma jovem muito respeitável - declarou Miss Knag enquanto Kate percorria o seu triste caminho para casa na primeira noite do noviciado. - Uma jovem muito respeitável, na verdade. palavra, Madame Mantalini, dá uma grande confiança do seu discernimento em ter encontrado esta jovem, comportando-se tão bem e tão modesta, para ajudar às provas. Tenho visto algumas mulheres novas que quando têm ocasião de se exhibir em frente dos seus superiores conduzem-se duma tal. oh, meu Deus!. bem. Mas a senhora tem sempre razão, Madame Mantalini, sempre; e muitas vezes digo às raparigas, que admiro como consegue ter sempre razão, quando tanta gente, frequentemente a não tem! Para mim, na verdade, é um milagre! - Além de pôr fora de si uma excelente cliente, Miss Nickleby não fez hoje qualquer coisa de notável... que eu saiba, pelo menos - replicou Madame Mantalini.

- Oh, meu Deus! - exclamou Miss Knag. - Mas a senhora deve atender à inexperiência, bem sabe!

- E à juventude? - inquiriu madame.

-Oh, não digo nada a esse respeito, Madame Mantalini

- respondeu ela - porque se a juventude tivesse qualquer desculpa, a senhora não teria.

-Com Uma contramestra tão boa como tenho, supponho eu!



- sugeriu madame.

- Nunca vi ninguém como a senhora - retorquiu Miss Knag com muitíssima afabilidade - pois adivinha o que se vai dizer antes de se abrir a boca!

- Por mim - observou Madame Mantalini, relanceando a sua ajudante com afectada carícia e rindo-se para dentro - considero Miss Nickleby a rapariga mais sem graça que tenho visto na vida.

- Pobrezinha! - lamentou Miss Knag. - Não é culpa sua! Se fosse eu, podia esperar curá-la; mas como é a sua desventura, Madame Mantalini, temos de respeitá-la, bem sabe, como o homem disse a respeito do cavalo cego!

-O tio disse-me que ela tinha sido considerada linda!

- observou Madame Mantalini. - Creio que é uma das raparigas mais ordinárias que tenho encontrado.

- Ordinária - exclamou Miss Knag com uma expressão de deleite - e sem graça! No entanto, gosto imenso da pobre rapariga, Madame Mantalini, e se ela fosse duas vezes de aspecto apagado e duas vezes tão sem graça como é, mais razão tinha para ser sua amiga.

De facto Miss Knag concebera uma incipiente afeição por Kate Nickleby depois de ter testemunhado o seu fracasso naquela manhã, e esta curta conversa com a sua superiora aumentou a favorável predisposição a um tamanho muitíssimo surpreendente; o que era mais notável é que quando primeiro esquadrinhara a sua cara e a figura da rapariga, concebera certas suspeitas internas que nunca se reconciliaram.

- Mas agora - declarou Miss Knag, olhando para a sua imagem reflectida no espelho a pouca distância - gosto dela. gosto dela em absoluto... afirmo que gosto!

Esta dedicada amizade era tão altamente desinteressada que a bondosa Miss Knag informou Kate Nickleby no dia seguinte que não devia ter preocupações para o futuro, pois ela conservá-la-ia o mais possível em último plano e tudo quanto tinha a fazer era continuar sossegada perante a assistência e procurar não atrair a atenção.

Esta última sugestão estava tanto de acordo com os sentimentos e desejos da tímida rapariga, que prometeu logo implícito cumprimento ao conselho da solteirona, sem fazer perguntas ou reflectir nos motivos que o ditavam.

-Palavra, tenho um interesse muito especial por si, minha querida - confidenciou Miss Knag. - Um interesse de irmã. a circunstância mais singular que tenho conhecido!

Era sem dúvida singular que se Miss Knag sentia um verdadeiro interesse por Kate Nickleby, ele não fosse como o duma tia, ou duma avó, de acordo com as diferenças das respectivas idades. Mas Miss Knag usava vestidos para modelos de gente jovem e talvez os seus sentimentos, fossem moldados pelo mesmo calibre.

- Meu Deus! - comentou Miss Knag, beijando-a, ao terminar o segundo dia de trabalho. - Que desajeitada esteve todo o dia!

- Receio que a sua amável e franca notícia, que me tornou mais dolorosamente consciente dos meus defeitos, não me tenha melhorado - suspirou Kate.

- Não, não, atrevo-me a dizer que não - protestou Miss Knag numa torrente desacostumada de bom humor. -Mas quanto melhor não é sabê-lo antecipadamente para poder seguir a direito e confortada! Qual é o caminho que toma, minha querida?

- A City - respondeu Kate.

- A Cálly! - exclamou Miss Knag, mirando-se com grande prazer ao espelho enquanto atava o chapéu. - Bondade divina vive realmente na Citty?

- É assim tão pouco usual viver-se na City? - inquiriu Kate com um meio sorriso.

-Não podia acreditar que qualquer jovem pudesse viver lá em quaisquer circunstâncias e por mais de três dias - retorquiu Miss Knag.

-Em minha opinião, devo dizer que a gente pobre tem de viver onde pode - respondeu Kate, corrigindo-se rapidamente com medo de parecer orgulhosa.

-Áh! Muito verdadeiro! Deve ser assim; muito exacto, na verdade! -comentou Miss Knag com uma espécie de suspiro. - É o que muitas vezes digo ao meu irmão quando as nossas criadas se vão embora, doentes, uma após outra, por ele julgar que a parte detrás da cozinha é demasiado húmida para elas dormirem. Gente desta qualidade, digo-lhe eu, contenta-se em dormir em qualquer parte! Deus dá o frio conforme a roupa. Que belo é pensar que isto deve ser assim, não é?

- Muito - respondeu Kate.

- Vou consigo parte do caminho, minha querida - anunciou Miss Knag - Pois deve passar muito perto da nossa casa. Está completamente escuro e como a minha última criada foi para o hospital há uma semana, com erisipela na cara, fico muito satisfeita com a sua companhia.

Kate de boa vontade se dispensaria desta lisonjeira companhia, mas a Miss, tendo posto o chapéu de modo a contentá-la, agarrou-lhe no braço com um ar que dava plenamente a entender a honra que lhe estava a conferir e encontravam-se na rua antes de poder dizer alguma coisa.

- Calculo - disse Kate, hesitante - que a mamã. a minha mãe, quero dizer... esteja à minha espera.

-Não precisa de dar a mais insignificante desculpa, minha querida - replicou Miss Knag com um doce sorriso. Desconfio que é uma senhora de idade, muito respeitável, e eu terei. hein. muito prazer em conhecê-la.

Como a pobre Mrs. Nickleby estava a gelar - não só os pés, mas todos os membros - ao canto da rua, Kate não teve outro remédio senão apresentar Miss Knag, que acolheu a apresentação com condescendente polidez. As três começaram a andar, de braço dado com Miss Knag no meio, num estado especial de amabilidade.

- Tomei um tal afecto a sua filha, Mrs. Nickleby, que não pode imaginar - disse Miss Knag depois de ter andado uma pequena distância em silêncio.

- Delicia-me ouvir isso - afirmou Mrs. Nickleby - embora não seja novo para mim ouvir os estranhos dizerem que gostam de Kate.

- Ah! - exclamou Miss Knag.

- E gostará mais quando souber como ela é boa - continuou Mrs. Nickleby. - É uma grande benção para mim na minha desgraça, ter uma filha que não sabe ser orgulhosa, nem vaidosa, e cuja educação podia muito bem desculpá-la, ao princípio, de ambos os defeitos. Não sabe o que é perder um marido, Miss Knag.

Como Miss Knag nunca soubera o que era ganhá-lo, segue-se, naturalmente, que desconhecia o que era perdê-lo; por isso respondeu com alguma pressa:

-Não, na verdade, não sei - e disse-o com um ar como dando a entender que teria o cuidado de não casar, pois conhecia melhor do que isso.

-Não duvido que Kate se tenha desenvolvido mesmo neste curto tempo - disse Mrs. Nickleby, olhando com orgulho para a filha.

- Oh, decerto! - afirmou Miss Knag.

- E ainda mais se desenvolverá - acrescentou Mrs. Nickleby.

- Isso fará ela, estou segura - replicou Miss Knag, apertando o braço de Kate para lhe indicar o gracejo.

- Foi sempre bastante esperta - continuou a pobre Mrs. Nickleby, entusiasmando-se - sempre, desde criança. Lembro-me, quando ela tinha apenas dois anos, dum cavalheiro que costumava visitar a nossa casa - Mr. Watkins, tu sabes, Kate, minha querida, por quem o teu pobre pai ficou por fiador e que depois foi para os Estados Unidos e nos mandou um par de sapatos para o gelo com uma carta tão afectuosa que fez o teu pobre pai chorar durante uma semana?! - Lembra-te dessa carta, em que ele dizia ter muita pena em não poder pagar naquela altura as cinquenta libras por o seu capital estar todo investido em empréstimos a juros, e que andava muito atarefado a fazer fortuna, mas que não se esquecia que tu eras a sua afilhada, tomando como muita descortesia se não comprasses um fio de coral e prata para acrescentar à

sua velha conta?! Meu Deus! sim, minha querida! E falava tão saudosamente do velho vinho do Porto de que costumava beber garrafa e meia todas as vezes que ia lá.

Deves lembrar-te, Kate.

-Sim, sim, mamã! Mas o que há com ele?

- Esse Mr. Watkins, minha querida - continuou Mrs. Nickleby muito devagar, como se estivesse a fazer um tremendo esforço para se recordar de alguma coisa de grande importância - esse Mr. Watkins não tinha qualquer parentesco, Miss Knag compreende, os Watkins eram donos do Old Bear na vila; a propósito, não me lembro se era o Old Bear, ou o George VII, mas era um dos dois, eu sei, é quase o mesmo!

-esse Mr. Watkins disse, quando tu tinhas apenas dois anos e meio, que eras uma das crianças mais surpreendentes que ele vira! Disse, na verdade, Miss Knag, e não era muito doido por crianças, nem tinha o mais ligeiro motivo para o dizer. Sei que foi ele quem o disse, porque me recordo tão bem como se fosse ontem, de pedir emprestadas vinte libras ao teu pobre pai, logo no momento a seguir.

Tendo citado este extraordinário e muitíssimo desinteressado testemunho da excelência da filha, Mrs. Nickleby parou para respirar e Miss Knag, achando que o discurso estava a pender para a grandeza da família, não perdeu tempo em atirar com uma pequena reminiscência de sua conta.

- Não me fale em empréstimos de dinheiro, Mrs. Nickleby, ou dá comigo em doida... perfeitamente em doida. A minha mamã. era a criatura mais bela e adorável, com um nariz mais maravilhoso e delicado... mais delicado que jamais foi posto numa cara humana, estou convencida, Mrs. Nickleby, a mulher mais deliciosa e perfeita que eu talvez tenha visto; mas tinha uma mania: a de emprestar dinheiro e levou-a a um tal extremo. hein. Oh!, milhares de libras. toda a sua fortuna; e o que é mais, Mrs. Nickleby, não creio, se tivermos de viver até. até. hein. até ao fim dos meus dias se alguma vez as conseguiremos reaver. Na verdade, não creio!

Depois de concluir este esforço de invenção sem ser interrompida, Miss Knag começou a contar muitas outras recordações, não menos interessantes que verdadeiras, cuja torrente Mrs. Nickleby em vão tentou parar com uma contra-corrente das suas lembranças e, assim, ambas continuaram a conversar com perfeito contentamento. A única diferença entre elas era, enquanto Miss Knag se dirigia a Kate e falava muito alto, Mrs. Nickleby conversava num tom monótono, perfeitamente satisfeita por conversar, não se importando se era escutada ou não.

Caminharam desta maneira muito amigável até chegarem à loja do irmão de Miss Knag, que era uma papelaria e uma pequena livraria de propaganda, numa travessa de Tattenham Court Road, onde alugava ao dia, à semana, ao mês e ao ano as mais novas e antigas novelas, cujos títulos se exibiam em caracteres feitos à pena numa folha de cartão que balouçava por cima da ombreira da porta. Como sucedeu ir Miss Knag no meio do conto do vigésimo segundo pedido da sua mão por um cavalheiro de grande fortuna, insistiu para irem cear todos; e foram.

- Não te vás embora, Mortimer - disse Miss Knag quando entraram na loja. - apenas uma das nossas jovens e a mãe, Mrs. e Miss Nickleby.

- Oh, certamente! - respondeu Mr. Mortimer Knag. - Ah! Tendo proferido estas palavras com um ar profundo e pensativo, Mr. Knag soprou duas velas da cozinha, que estavam no balcão, e duas outras que estavam na montra, e depois tomou uma pitada duma caixa da algibeira do colete.

Havia alguma coisa de muito impressionante na aparência espectral com que tudo isto foi feito; e como Mr. Knag era um cavalheiro alto, magro, de traços solenes, de óculos e privado de muito mais cabelo do que um cavalheiro à roda dos quarenta, possui em geral, Mrs. Nickleby segredou à filha a sua ideia de que ele devia ser literato.

- Passa das dez - informou Mr. Knag, consultando o relógio. - Thomas, fecha o armazém.

Thomas era um rapaz com metade da altura duma porta de janela e o armazém era uma loja cerca do tamanho de três coches de aluguer.

- Ah! - exclamou Mr. Knag mais uma vez, soltando um fundo suspiro quando restituiu à prateleira original o livro que

estivera lendo. - Bem. sim. creio que a ceia está pronta, minha irmã.

Com outro suspiro Mr. Knag tirou do balcão as velas da cozinha e precedeu as senhoras com passos melancólicos até uma saleta das traseiras, onde uma mulher a dias, empregada na ausência da criada doente e remunerada com dezoito pence a serem deduzidos no ordenado da dita criada, estava a tirar a ceia.

- Mrs. Blockson - disse Miss Knag repreensivamente - quantas vezes lhe tenho pedido para não entrar na casa com o chapéu posto?

- Não posso remediá-lo, Miss Knag - declarou a mulher a dias, empertigando-se com esta resumidíssima observação. Tem havido na casa muito que limpar e se não gosta disto, é tratar de procurar outra pessoa, pois isso pouco me incomoda, e se não for verdade, que eu morra neste instante!

- Não quero observações, se faz favor - replicou Miss Knag com uma grande ênfase no verbo. - Há lá em baixo agora algum lume para aquecer a água?

- Não, não há, Miss Knag - respondeu a mulher - e não lhe vou contar histórias acerca do assunto.

- Então porque não há? - perguntou Miss Knag.

- Porque não deixaram carvão. Se eu pudesse fazer carvão, acendia o lume, mas como não posso, não acendo, e é isto o que tenho para dizer - declarou Mrs. Blockson.

- Oh, mulher! Quer calar a boca? - exclamou Mr. Mortimer Knag, entrando violentamente no diálogo.

- Com sua licença, Mr. Knag - replicou ela, voltando-se repentinamente. - Não tenho prazer nenhum em falar nesta casa, excepto quando falo consigo, sir; e com respeito a ser mulher, sir, desejava saber o que é que o senhor se considera?

- Um miserável infeliz! - exclamou Mr. Knag, batendo na testa. - Um miserável infeliz!

- Estou muitíssimo satisfeita por achar que não exagera, sir - declarou Mrs. Blockson - e como tive dois gémeos fez apenas sete semanas antes de ontem, e o meu pequeno Charlie caiu sobre uma ninhada e partiu o cotovelo no domingo passado, era um grande favor se mandasse, amanhã, para minha casa nove xelins por semana de trabalho, antes das dez.

Com estas palavras de despedida a mulher saiu do aposento com grande à vontade de maneiras, deixando a porta escancarada, enquanto Mr. Knag, no mesmo instante, enfiou para o armazém e começou a gemer em voz alta.

- O que tem este cavalheiro? - perguntou Mrs. Nickleby, muito perturbada pelos gemidos.

- Ele está doente? - inquiriu Kate, realmente inquieta.

- Silêncio - recomendou Miss Knag. - uma história muitíssimo triste. Esteve uma vez muito dedicadamente ligado a. hein. Madame Mantalini.

- Valha-me Deus! - exclamou Mrs. Nickleby.

- Sim - continuou Miss Knag - e foi também muito encorajado,

esperando confiadamente, casar com ela. Ele tem um coração muitíssimo romântico, Mrs.

Nickleby como na verdade. hein. toda a nossa família, e o desapontamento

foi um choque terrível. É um homem maravilhosamente bem educado. extraordinariamente bem

educado. lê. hein. lê todas as novelas que saem; quero dizer, todas as novelas

que têm qualquer interesse. O facto é que encontra nos livros que lê, matéria aplicável às suas desventuras e vê-se o herói delas... porque, certamente, está consciente

da sua própria superioridade, como estamos todos, e muito naturalmente. escarnece de tudo e torna-se um génio. Estou absolutamente certa de que está neste próprio momento a escrever um outro livro.

- Um outro livro! - exclamou Kate, achando que uma pausa é feita para alguém dizer alguma coisa.

- Sim - confirmou Miss Knag, acenando com grande triunfo - um outro livro em três volumes. decerto uma grande vantagem para ele, ter em todas as suas pequenas descrições i elegantes o benefício da minha. hein. experiência pois certamente poucos autores que escrevem acerca de certas coisas têm a oportunidade de as conhecer como eu. Ele está tão metido na alta roda que a mais pequena alusão a negócios, ou a assuntos materiais - como o daquela mulher há bocado, por exemplo - fá-lo sair completamente de si. Mas como digo, com frequência creio que o seu desapontamento foi uma grande coisa, porque se ele não tivesse ficado desapontado não podia escrever sobre esperanças perdidas e tudo o mais e o facto, é que se isso não tivesse sucedido, como sucedeu, não creio que o seu génio se tivesse revelado.

É difícil adivinhar quanto mais comunicativa não seria Miss Knag em circunstâncias mais favoráveis, mas a necessidade de avivar o lume fê-la parar. Por fim, conseguiu-se obter água quente para jantar e um pouco de brande e as convivas, tendo-se regalado previamente com uma perna fria de carneiro e pão com queijo, depressa se despediram.

Kate divertiu-se em todo o caminho para casa com a lembrança da última visão de Mr. Mortimer Knag profundamente abstracto na loja, e Mrs. Nickleby a pensar para consigo se a firma de modista se tornaria agora Mantalini, Knag e Nickleby, ou Mantalini Nickleby e Knag.

A amizade de Miss Knag durou três dias, com grande espanto das outras raparigas, que nunca tinham visto uma circunstância igual mas ao quarto recebeu um golpe tão violento como súbito.

Aconteceu que um velho lorde, duma grande família ia casar-se com uma rapariga sem família especial, e foi com a noiva e a irmã da noiva assistir à prova de dois chapéus nupciais, os quais foram trazidos por Miss Knag para a sala de exposição.

- Uma aparência muitíssimo elegante - comentou Madame Mantalini.

- Nunca vi na minha vida qualquer coisa tão delicada

- secundou Miss Knag.

O velho lorde, que era mesmo um velho lorde, estava altamente deleitado com os chapéus e com as pessoas a quem eles se destinavam; e a noiva, que era uma rapariga muito sabida, aproveitou a ocasião para levar o lorde para trás dum espelho alto e beijá-lo, sem a cumplicidade de Madame Mantalini e da outra rapariga que, discretamente, olharam para o outro lado.

Miss Knag, que estava cheia de curiosidade, foi acidentalmente atrás do espelho a tempo de ver a rapariga a beijar o lorde, o que a fez murmurar uma coisa como um farrapo velho e grande impertinência, acabando por deitar um olhar de causar arrepios a Miss Knag e mimoseá-la com um sorriso de desprezo.

- Madame Mantalini! - chamou a rapariga.

- Ma'am - respondeu Madame Mantalini.

- Peço-lhe para mandar vir aquela jovem bonita que vimos ontem.

- Oh, sim! Por favor! - apoiou a irmã.

- De todas as coisas no mundo, Madame Mantalini - declarou a noiva do lorde, atirando-se languidamente para cima do sofá - o que odeio, é ser atendida por espantalhos e pessoas de idade. Sempre que venha, peço-lhe para mandar vir essa jovem!

- Absolutamente - disse o velho lorde - a encantadora jovem, absolutamente!

- Toda a gente fala dela - continuou a rapariga, na mesma maneira descuidada - e o meu lorde, sendo um grande admirador da beleza, deve querer vê-la.

- Ela é universalmente admirada - informou Madame Mantalini. - Miss Knag, mande vir Miss Nickleby e a senhora não precisa de voltar.

- Desculpe-me, Madame Mantalini, o que disse por último? perguntou Miss Knag, a tremer.

- A senhora não precisa de voltar - repetiu a superiora com aspereza.

Miss Knag desapareceu sem mais palavra, sendo substituída por Kate, que corou muito por achar

que o velho lorde e as duas jovens tinham os olhos pregados nela durante todo o tempo.

- Como cora, criança! - comentou a noiva do lorde.

-Não está completamente acostumada ao serviço, como estará daqui a uma semana ou duas - explicou Madame Mantalini com um sorriso gracioso.

-Estou com medo que lhe tivesse deitado um dos seus olhares brejeiros, meu lorde! - disse a noiva.

-Não, não! - negou o velho lorde. - Não, não! Estou para casar e levar uma vida nova. Ah! ah! ah!

Era uma novidade ouvir que o velho fidalgo ia levar uma vida nova, pois era bem evidente que a velha não o levaria

muito longe. O riso fê-lo tossir e cortou-lhe a respiração, sendo precisos alguns minutos para se recompor e observar que a rapariga era bonita demais para modista.

-Espero que não queira dizer que as boas aparências ficam desqualificadas pelo negócio, meu lorde - disse Madame Mantalini, sorrindo com afectação.

- Não, de maneira alguma! - protestou o fidalgo - senão a senhora já o teria deixado há muito tempo!

- Seu descarado! - exclamou a sabida rapariga, batendo no lorde com a sombrinha. - Não quero que fale assim. Como se atreve?

Esta pergunta divertida foi acompanhada dum outra pancada e mais outra até o velho lorde apanhar a sombrinha, não a restituindo depois e fazendo com que a outra rapariga entrasse na contenda, seguindo-se uma brincadeira muito divertida.

-Não se esqueça das pequenas alterações a fazer, Madame Mantalini - lembrou a senhora. - Não, o senhor, vai à frente! Não o quero deixar para trás com esta linda

rapariga, nem por um meio segundo. Conheço-o bem demais. Jane, minha querida, deixa-o ir primeiro e ficaremos descansadas a seu respeito.

O velho lorde, evidentemente, muito lisonjeado por esta suspeita, deitou uns grotescos olhos marotos a Kate quando passou por ela e, recebendo uma outra pancada

com a sombrinha, foi a vacilar pela escada abaixo até à porta, onde o seu vigoroso corpo foi içado para a carruagem por dois ro bustos lacaios.

- Apre! - disse Madame Mantalini. - Não sei como ele não pensa no túmulo sempre que o metem na carruagem. Leve as coisas daqui, minha querida, leve-as daqui!

Kate, que estava desejosa de se retirar, deu-se pressa em descer para os domínios de Miss Knag, cuja atmosfera mudara muito desde a sua ausência. Miss Knag estava

sentada num grande caixote, banhada em lágrimas e rodeada por três ou quatro empregadas.

- Deus me acuda! - exclamou Kate, apressando-se a entrar. - O que aconteceu?

A pergunta produziu em Miss Knag violentos sintomas de recaída e várias empregadas dardejaram a Kate olhares zangados, aplicaram mais vinagre e sais amoniacais e declararam que era uma vergonha.

- O que é uma vergonha? - perguntou Kate. - De que se trata? O que aconteceu? Digam-me.

- Trata-se! - exclamou Miss Knag, levantando-se imediatamente, com grande consternação das donzelas reunidas. - Trata-se! Fora consigo, sórdida criatura!

- Por favor! - disse Kate, quase paralisada pela violência com que o adjectivo fora lançado dos lábios cerrados de Miss Knag. - Eu ofendi-a?

- Ofender-me! - replicou Miss Knag. - Uma garota, uma criança, um verbo de encher! Oh, na verdade! Ah! ah! ah!

Como Miss Knag ria, era evidente haver alguma coisa engraçada, por isso as outras apressaram-se a imitá-la, trocando sorrisos sarcásticos entre si.

- Aqui está ela - continuou Miss Knag, deixando o caixote e apresentando Kate com muita cerimónia e muitas cortesias para delícia da sembleia. - Aqui está ela, toda

a gente fala dela. da sua formosura, as senhoras. da beleza. Sua grande descarada!

Nesta crise a Miss foi incapaz de reprimir o horror, que imediatamente se comunicou a todas as empregadas, posto o que Miss Knag riu e depois chorou.

- Durante quinze anos - declarou Miss Knag soluçando afectadamente - fui o crédito e o ornamento

deste aposento e do lá de cima. Graças a Deus - acrescentou, batendo com o pé direito e depois com o esquerdo, com notável energia - em todo esse tempo nunca estive exposta, às artimanhas, às vis artimanhas duma criatura que nos desgraça a todas com os seus procedimentos e faz corar a gente decente. Mas eu sinto-o, eu sinto-o, embora esteja desgostosa!

Miss Krag recaiu em apatia e as empregadas, renovando as suas atenções, murmuraram que ela devia ser superior a tais coisas, pois elas, da sua parte, desprezavam-nas, considerando tudo isso uma vergonha.

- Viver até hoje para me chamarem um espantalho! - exclamou Miss Knag, tornando-se repentinamente trémula e fazendo um esforço para levantar violentamente a cabeça.

- Oh, não, não! - protestou o coro. - Pedimos-lhe para não dizer isso!

- Mão mereço que me chamem velha! - guinchou Miss Knag, lutando com as suas supranumerárias.

- Não pense nessas coisas, querida! - respondeu o coro.

- Odeio-a! - gritou Miss Knag. - Detesto-a e odeio-a! Que ela nunca mais me fale; que aquelas que são minhas amigas nunca mais lhe falem. Uma porcalhona, uma impertinente, uma desavergonhada, uma vil astuciosa!

Tendo denunciado nestes termos o objecto da sua raiva, Miss Knag guinchou mais uma vez, soluçou três vezes, limpou a garganta várias vezes, dormitou, tremeu de frio, acordou, levantou-se, compôs o penteado e declarou-se de novo perfeitamente bem.

A pobre Kate, a princípio, contemplou tudo isto com perfeito assombro. Depois, tornou-se vermelha, em seguida pálida, tentando falar uma ou duas vezes, mas resolveu retirar-se para o seu lugar, onde, em segredo, verteu lágrimas amargas, que teriam alegrado Miss Knag se as tivesse visto cair.

## Capítulo XIX

Descrição dum jantar em casa de Mr. Ralph Nickleby e da maneira como os convivas se entretiveram antes, durante e depois do jantar

A bilis e o rancor da digna Miss Knag não diminuíram durante o resto da semana, antes aumentaram em cada hora que passava, e a ira das empregadas subia, ou parecia subir, na proporção exacta da indignação da boa abelha-mestra e aqueciam ao rubro todas as vezes que Miss Nickleby era chamada ao andar de cima. Por aqui pode-se facilmente imaginar que era a vida da rapariga: nem muito alegre nem muito invejável. Desejou a chegada da noite de sábado como um preso aspiraria ao repouso duma tortura horrível e lenta, sentindo que o magro ordenado pelo trabalho da sua primeira semana fora ganho com muito esforço e dificuldade.

Quando se juntou à mãe, à esquina da rua comu de costume, ficou surpreendida em encontrá-la a conversar com Mr. Ralph Nickleby, mas a sua surpresa redobrou não tanto pelo assunto da conversa, como pela maneira suave de Mr. Nickleby.

- Ah, minha querida! - exclamou Ralph. - Estávamos neste momento falando a seu respeito!

- Sim?! - replicou Kate, encolhendo-se embora não sa bendo se seria pelo olhar frio e fuzilante do tio.

- Vim neste instante esperá-la - informou Ralph - tendo a certeza de a apanhar antes da saída: mas a sua mãe e eu estivemos a conversar sobre negócios de família e o tempo passou tão rapidamente.

- Não é verdade que passou? - interrompeu Mrs. Nickleby, completamente insensível ao tom sarcástico de Ralph, na observação final. - Palavra, não podia pensar que fosse possível um tal... Kate, minha querida, vais jantar com o tio amanhã às seis horas e meia. Triunfante por ter sido a primeira a comunicar esta extraordinária notícia, Mrs. Nickleby acenou e sorriu muitas vezes, para imprimir, no espírito espantado de Kate, toda a sua magnificência.

- Deixa-me ver - considerou a boa senhora - o teu vestido de seda preta faz um bom traço com aquele teu lindo lenço do pescoço, a faixa no cabelo e um par de meias

de seda preta. Querida, querida - exclamou Mrs. Nickleby já a pensar noutra coisa - se tivesse ao menos aquelas ametistas

- lembrás-te delas, Kate, meu amor? - como elas brilhavam! mas o teu papá, o teu pabre querido papá. nunca uma coisa foi tão cruelmente sacrificada como aquelas jóias!  
Nunca!

Oprimida por estes dolorosos pensamentos, Mrs. Nickleby abanou a cabeça com melancolia e levou o lenço aos olhos.

- Eu não os queria, mamã - disse Kate. - Faça de conta que nunca os tive.

- Jesus, Kate, querida! - exclamou Mrs. Nickleby, enfadada - falas como uma criança! Vinte e quatro colheres de chá em prata, repare, cunhado, duas molheiras, quatro saleiros, todos os ametistas: colar, broche e brincos. tudo desapareceu ao mesmo tempo, tendo eu dito, quase de joelhos, aquela pobre e boa alma, Porque não fazes alguma coisa, Nicholas? Tenho a certeza que alguém que estivesse connosco nessa ocasião far-me-ia a justiça de confessar que se eu disse uma vez, disse-o cinquenta vezes por dia. Não disse, Kate, minha querida?. Perdi alguma oportunidade de meter isto na cabeça do teu pobre pai?

- Não, não, mamã, nunca! - respondeu Kate. E em abono de Mrs. Nickleby deve dizer-se que nunca perdeu qualquer ocasião de inculcar semelhantes magníficos preceitos

cujo defeito era o ligeiro grau de vacuidade e de incerteza de que estavam geralmente envolvidos.

- Ah - continuou Mrs. Nickleby com grande fervor - se o conselho fosse seguido ao princípio. Fiz sempre o meu dever e isso consola-me.

Quando chegou a esta conclusão Mrs. Nickleby suspirou esfregou as mãos, ergueu os olhos e, finalmente, assumiu um ar de modesta compostura, dando a entender ser uma santa perseguida, mas que não devia maçar os seus ouvintes, mencionando uma circunstância tão clara para toda a gente.

- Agora - disse Ralph com um sorriso, que, em vez de aparecer francamente como os outros sinais de emoção, parecia esconder-se - voltamos ao ponto donde nos desviámos.

Tenho uma pequena reunião na minha casa amanhã, com. com. cavalheiros a quem estou ligado por negócios, e a sua mãe prometeu-me que a senhora faria as honras da casa. Não costumo ter muitas reuniões, mas esta é de negócios e tais atenções, para eles dizem muito. Não se importa de me fazer esse favor?

-Cuidado! - exclamou Mrs. Nickleby. - Minha querida Kate, porque.

- Perdão - interrompeu Ralph fazendo-lhe sinal para se calar - falava com a minha sobrinha!

- Decerto terei muito prazer, tio - respondeu Kate - mas receio ver-me enbaraçada e ser desastrada.

- Oh, não - protestou Ralph. - Venha quando quiser, de carro, que eu pagarei. Boa-noite. e. e. Deus a ajude!

A benção pareceu arranhar na garganta de Mr. Ralph Nickleby, como se não estivesse acostumado àquele carinho e desconhecesse a saída. Em todo o caso saiu, embora bastante desastradamente; e, tendo-a proferido, apertou as mãos às duas parentas e deixou-as.

- Que expressão tão grave tem o teu tio - observou Mrs. Nickleby, completamente chocada pelo modo dele à partida. Não vejo a mais ligeira semelhança com o seu pobre irmão!

- Mamã! - repreendeu Kate. - Pensar numa coisa dessas!

- Não - replicou Mrs. Nickleby, meditando. - Não há certamente nenhuma. Mas tem uma cara muito franca.

A digna matrona fez esta observação com grande ênfase e eloquência, como se ela compreendesse certa ingenuidade e poder de investigação; e, na verdade era digna de ser classificada entre as extraordinárias descobertas da época. Kate levantou os olhos de repente e, de repente, baixou-os.

- O que aconteceu, minha querida? - perguntou Mrs. Nickleby depois de andarem um bocado em silêncio.

- Estava, apenas, a pensar, mamã! - informou Kate.



- A pensar! - repetiu Mrs. Nickleby. - Sim, na verdade há muito em que pensar. O teu tio tem uma grande inclinação por ti, isso é perfeitamente claro, e se depois disto não te vier alguma extraordinária boa sorte, ficarei bastante surpreendida.

Com isto pôs-se a contar várias histórias de raparigas a quem os tios deram milhares de libras, ou que encontraram em casa dos tios cavalheiros muito ricos, com quem casaram. Kate, a principio, ouviu isto sem ligar importância, mas depois acabou por desejar do fundo do coração que estes projectos fossem possíveis e melhores dias alvorocessem para eles.

Um fraco sol de inverno iluminou toda a velha casa meio mobilada, a um sombrio canto da qual estava o vestido para o dia, arranjado com escrupuloso cuidado por Kate.

Hora e meia antes, Kate já estava arranjada e quando chegou a ocasião de partir, o leiteiro foi chamar um carro onde ela se sentou depois de muitos ademanos à mãe e a Miss La Creevy, que tinha vindo tomar chá. E o carro, o cocheiro e os cavalos, gemendo, praguejando, chicoteando, chegaram a Golden Square.

O cocheiro deu duas tremendas campainhadas à porta, que foi instantaneamente aberta por um laçao de libré, havendo mais dois ou três outros no átrio. Se ficou surpreendida pela aparição do laçao, ainda mais se admirou com a riqueza e o esplendor da mobilia na saleta das traseiras, para onde foi conduzida, e do resto da casa que lhe foi dado ver.

Ouviu vários toques de campainha, cada um dos quais era acompanhado por uma nova voz que entrava no aposento anexo, onde o tom de Mr- Ralph Nickleby só se distinguia a principio, mas que gradualmente se elevou, entrando na conversa geral, sustentada por vários homens que falavam alto e riam francamente.

Por fim, a porta abriu-se e Ralph desapossado das botas e cerimoniosamente metido numa casaca e com sapatos, apresentou a sua cara velhaca.

- Não pude vir antes, minha querida - declarou em voz baixa e apontando para o aposento ao lado - por estar ocupado a recebê-los. Agora, posso levá-la lá para dentro?

- Diga-me, tio - pediu Kate, um pouco inquieta, como se encontram muitas vezes as pessoas mais acostumadas à sociedade, quando estão para entrar num aposento cheio de estranhos

e tiveram tempo de pensar nisso previamente - há senhoras aqui?

- Não - respondeu Ralph, concisamente. - Nenhuma!

- Tenho de entrar já? - perguntou Kate, recuando um pouco.

- Como lhe disse - replicou Ralph, encolhendo os ombros. - Já estão todos e o jantar será anunciado imediata mente.

Kate preferiu adiar alguns minutos, mas considerando que o pagamento do carro pelo tio era uma espécie de contrato, deu- lhe o braço para a conduzir.

Quando chegou à sala estavam em volta do lume sete ou oito cavalheiros a conversarem em voz muito alta, não dando pela entrada deles até Mr Ralph Nickleby, tocando no braço dum, dizer numa voz enfática, como para atrair a atenção geral:

- Lorde Frederick Verisopht, a minha sobrinha Miss Nickleby.

O grupo dispersou-se com grande surpresa e o cavalheiro interpelado voltou-se, exibindo um fato dum corte impecável, um par de suíças de qualidade semelhante, um bigode, bom cabelo e uma cara jovem.

- O quê?! - exclamou o cavalheiro. - Que diabo! Com estas frases truncadas fixou o monóculo no olho e contemplou Miss Nickleby com grande surpresa.

- A minha sobrinha, meu lorde! - repetiu Ralph.

- Então os ouvidos não me enganaram e não é uma fi. fi. gura de cera? - disse Sua Excelência. - Como está? Sinto-me muito feliz.

E depois Sua Excelência voltou-se para outro superlativo cavalheiro, um pouco mais velho, um pouco mais forte, de cara um pouco mais ruborizada, com um pouco mais de permanência na cidade, e disse-lhe num murmúrio audível que a rapariga era diabolicamente de

apetite.

- Apresente-ma, Nickleby! - pediu o segundo cavalheiro que estava de costas para o lume, com os cotovelos assentes na pedra da chaminé.

- Sir Mulbeny Hawk - apresentou Ralph.

- Isto é, a carta mais conhecida do ba. ba. ralho, Miss Nickleby - declarou Lorde Frederick Verisopht.

- Não me deixe de fora, Nickleby - gritou um cavalheiro de rosto severo, sentado numa cadeira baixa, de costas altas, a ler um jornal.

- Mr. Pyke - disse Ralph.

- Nem a mim, Nickleby! - clamou um cavalheiro junto ao cotovelo de Sir Mulberry Hawk, de cara rubicunda e um ar flamejante.

- Mr Pluck - apresentou Ralph.

Depois, dando outra volta, dirigiu-se para um cavalheiro de mãos de cegonha e pernas de qualquer animal, a quem Ralph apresentou como o Honorávele Mr. Snobb, e uma pessoa

sentada à mesa, de cabelos brancos como o coronel Chowser. O coronel estava a conversar com alguém que parecia um contrapeso e não foi apresentado.

Houve duas ocasiões em que Kate sentiu o sangue subir-lhe às faces nesta primeira parte da reunião.

Uma foi o claro desprezo com que os convidados olhavam o tio, e a outra a insolência das suas maneiras para com ela.

Quando Ralph completou o cerimonial das apresentações conduziu a ruborizada jovem ao lugar. Ao fazer isto deu uma vista de olhos, cautelosa, em redor, para se assegurar da impressão que produzira.

- Um inesperado prazer, Nickleby - declarou lorde Frederick Verisopht, tirando o monóculo do olho direito onde estava, em honra de Kate, e fixando-o no esquerdo para o assestar em Ralph.

- Propôs-se surpreendê-lo, lorde Frederick - declarou Mr. Pluck.

- Não foi uma má ideia - afirmou Sua Excelência - e devia quase garantir a adição dum juro extra de dois e meio por cento.

- Nickleby - disse Sir Mulberry Hawk, em voz grossa e áspera - aproveite a sugestão, junte-os aos outros vinte e cinco, ou lá o que é e dê-me metade pelo conselho.

Sir Mulbeny guarneceu o discurso com uma gargalhada rouca e terminou-o com um divertido comentário acerca das pernas de Mr. Nickleby, enquanto misters. Pyke e Pluck riam a bandeiras despregadas.

Estes cavalheiros ainda se não tinham recobrado quando foi anunciado o jantar. Sir Mulberry, num excesso de bom humor, passou à frente de lorde Frederick Verisopht, que se preparava para conduzir Kate, e tocou-lhe no braço.

- Não! Irra Verisopht! - disse Sir Mulberry - jogo limpo é uma preciosidade; Miss Nickleby e eu combinámos isto com os olhos há dez minutos.

- q! ah! ah! - riu o Honourable Mr. Snobb. - Muito bem, muito bem!

Animado por este aplauso Sir Mulberry Hawk conduziu Kate com um ar de familiaridade que a indignou. Estes sentimentos não tinham ainda diminuído quando se encontrou sentada à cabeceira da mesa, tendo de um lado Sir Mulberry Hawk e do outro Frederick Verisopht.

- Conseguiu lugar na nossa vizinhança? - perguntou Sir Mulberry quando o lorde se sentou.

- Decerto - respondeu o interpelado, fixando os olhos em Miss Nickleby - por que pergunta?

- Bem, preste atenção ao jantar - replicou Sir Mulberry - não se importe com Miss Nickleby, nem comigo. formamos um grupo à parte.

- Nickleby, desejo que interfira aqui - pediu lorde Frederick.

- O que se passa, meu lorde? - inquiriu Ralph, do fundo da mesa, onde estava rodeado por Pyke e Pluck.

- Hawk, está a monopolizar a sua sobrinha - queixou-se lorde Frederick.

-Ele tem uma boa parte em tudo quanto o meu lorde reivindica - respondeu Ralph com um sorriso

irónico.

-Se assim é, diabos me levem se sei quem é o dono da minha casa!

- Eu sei - murmurou Ralph.

- Julgo que vou cortar os xelins - disse o jovem fidalgo.

- Não, não, maldito seja! - respondeu Sir Mulberry. Quando chegar aos últimos xelins, já eu tenho cortado bas tante. Até lá não o deixo, pode ter a certeza disso.

Esta saída foi recebida com uma gargalhada geral, acima da qual se distinguiam as de Mr. Pyke e de Mr. Pluck, aduladores officiosos. O infeliz lorde era fraco e pateta e Sir Mulberry Hawk célebre pelo seu tacto para arruinar os jovens fidalgos com fortuna.

O jantar era notável pelo seu esplendor e os convivas por lhe fazerem amplas honras, especialmente Pyke e Pluck, que comeram e beberam de tudo.

- Bem - disse lorde Frederick, sorvendo o seu primeiro copo de vinho do Porto - se isto é jantar para descontar, diabos me levem se não seria bom ter um desconto todos os dias.

- A seu tempo terá muitos - replicou Sir Mulberry Hawk.

- Nickleby dir-lhe-á.

- O que diz, Nickleby? - perguntou o jovem. - Deve ser um bom cliente?

- Isso depende das circunstâncias, meu lorde - respondeu Ralph.

-Das circunstâncias de Sua Excelência - acrescentou o coronel Chowser, da Milícia - e das corridas de cavalo!

O valente coronel olhou para Pyke e Pluck para ver se eles se riam da graça, mas os cavalheiros, estando apenas comprometidos a rir por conta de Sir Mulberry Hawk, a um sinal deste ficaram mudos como um túmulo.

Entretanto, Kate calada, mal se atrevia a erguer os olhos para evitar encontrar a expressão admirativa de lorde Frederick Verisopht, nem o olhar atrevido de Sir Mulberry. Este último sentia-se obrigado a dirigir a atenção geral para ela.

-Miss Nickleby - observou Sir Mulberry - deve estar admirada por ninguém lhe ter feito a corte!

- De forma alguma! - retorquiu Kate - eu. - depois calou-se e achou melhor não dizer mais nada.

- Aposto cinquenta libras - disse Sir Mulberry - em como Miss Nickleby não é capaz de me olhar cara a cara e dizer que não penso assim!

- Apostado - exclamou o jovem pateta. - Dentro de dez minutos.

- Apostado - respondeu Sir Mulberry.

O dinheiro apareceu dos dois lados e o Snabb foi eleito para o duplo ofício de tesoureiro e de cronometrista.

- Peço-lhes - disse Kate, confusa, para não me fazerem objecto de qualquer aposta. Tio, realmente não posso!

- Por que não, minha querida? - perguntou Ralph, em cuja voz se notava invulgar rouquidão, como se falasse contra vontade e preferisse que a aposta não se tivesse feito. - Não tem importância. Se os cavalheiros insistem.

- Eu não insisto - declarou Sir Mulberry com uma gargalhada. - Isto é, não insisto em que Miss Nickleby negue, pois se nega. perco, porém, ficarei contente em ver os seus olhos brilharem, especialmente se se parecerem muito com o mogno.

- Assim parece e isso é muito mau da sua parte, Miss Nickleby - declarou o jovem fidalgo.

- Cruel - disse Mr. Pyke.

- Horrivelmente cruel - secundou Mr. Pluck.

- Não me importo de perder - confessou Sir Mulberry - pois uma contemplação dos olhos de Miss Nickleby vale o dobro!

- Mais - replicou Pyke.

- Muito mais - retorquiu Pluck.

- Que horas são, Snobb? - perguntou Sir Mulberry liaw.

-Passam quatro minutos.

- Bravo!

- Não quer fazer um esforço a meu favor, Miss Nickleby? - pediu lorde Frederick, depois dum curto intervalo.

- Não necessita fazer perguntas - disse Sir Mulberry. Miss Nickleby e eu entendémos mutuamente; ela declara-se pelo meu lado e mostra o seu gosto. Você não tem sorte, meu rapaz. Está na hora, Snobb?

- Passaram oito minutos.

- Ponha o dinheiro em ordem - convidou Sir Mulberry para mo entregar dentro em pouco.

- Ah! ah! ah! - riu-se Mr. Pyke.

A pobre rapariga tão confusa estava que não sabia o que fazia, mas temendo parecer estar do lado de Sir Mulberry, levantou os olhos e olhou-o de frente. O olhar dele, no entanto, era tão odioso, tão insolente e repulsivo que ela, sem forças para proferir palavra, levantou-se e fugiu da sala, retendo as lágrimas até se encontrar no andar de cima.

- Excelente - declarou Sir Mulberry Hawk, metendo o dinheiro na algibeira. - É uma rapariga de espírito e vamos beber à sua saúde!

escusado dizer que Pyke e companhia responderam com grande entusiasmo a esta proposta. Ralph, que olhava os convidados como um lobo e parecia respirar mais à vontade desde que a sobrinha abandonara o aposento, recostou-se na cadeira e olhou os visitantes cada um de sua vez, dando a impressão de lhes ler nos corações.

Entretanto Kate, inteiramente entregue a si própria, soube por uma criada que o tio a queria ver antes de sair e que

os convidados tomavam café à mesa. Isto acalmou-a, visto não ter de os encontrar novamente.

Agarrando num livro, preparou-se para ler.

A súbita abertura da porta da sala de jantar fez-lhe ouvir uma grande algazarra, enchendo-a de medo, receando que algum fosse lá acima. No entanto, nada se passou que justificasse a sua apreensão. Voltou os olhos para o livro, embebendo-se na leitura até ouvir o seu nome pronunciado ao uvido, por uma voz de homem.

O livro caiu-lhe da mão. Estendido na otomana, a seu lado, estava Sir Mulberry Hawk, evidentemente em péssimo estado, pois se o homem é um patife de condição, muito mais o é com o vinho.

- Que deliciosa estudante! - exclamou o perfeito fidalgo. Isso é verdade, ou é somente para entreter as pálpebras?

Kate mordeu os lábios, olhou ansiosamente para a porta, mas não respondeu.

- Olhei-as durante cinco minutos - confessou Sir Mulberry. - São perfeitas! Porque falo e destruo um tão lindo quadro?.

- Faça o favor de se calar, sir! - advertiu Kate.

- Não me calo! - replicou Sir Mulberry, chegando-se para mais perto de Kate. - Pela minha vida, não devia dizer isso a um seu escravo tão dedicado, Miss Nickleby!

Não tem o direito de o tratar tão asperamente.

- Desejo que compreenda, sir - disse Kate, tremendo contra vontade, mas muito indignada - que o seu procedimento me ofende e desgosta. Se tivesse uma centelha de cavalheirismo, ia-se embora!

-Porque toma esse ar de excessiva energia, minha querida menina? - perguntou Sir Mulberry. - Seja mais natural. minha querida Miss Nickleby, peça-lhe.

Kate levantou-se rapidamente, mas Sir Mulberry agarrou-lhe o vestido e forçou-a a deter-se.

- Deixe-me, sir - gritou ela, com o coração a bater de raiva. - Ouviu? Imediatamente. neste momento!

- Sente-se, sente-se - aconselhou Sir Mulberry. - Quero falar consigo.

- Largue-me, sir, já! - ordenou Kate.

- Por nada no mundo - respondeu Sir Mulberry. E dizendo isto, inclinou-se para a obrigar a sentar-se outra vez, mas a rapariga fez um esforço violento para se soltar, ele perdeu o equilíbrio e estatelou-se no chão. Quando Kate se apressava para deixar a saleta,

apareceu entre portas Mr. Ralph Nickleby, que a encarou.

- O que é isto? - indagou ele.

- Isto, sir - replicou Kate, violentamente agitada - é que debaixo do tecto onde me encontro, eu, uma rapariga indefesa, a filha do seu falecido irmão, devia encontrar amparo, mas tenho estado exposta aos insultos, e o senhor devia envergonhar-se pela pouca atenção que me tem dado. Deixe-me passar!

Ralph encolheu-se, de facto, por a indignada rapariga ter fixado nele os olhos chamejantes, no entanto, não lhe satisfez a vontade; levou-a para um sítio distante

e, voltando aproximou-se de Sir Mulberry Hawk, que já se havia levantado e se dirigia para a porta.

- O seu caminho é por ali, sir - advertiu Ralph numa voz rude, com orgulho soprado por algum diabo.

- O que quer dizer com isso? - perguntou-lhe o amigo, furioso.

As veias da testa enrugada de Ralph incharam e os músculos da boca apertaram-se com força, mas sorriu desdenhosamente e apontou de novo para a porta.

- Conhece-me, seu velho louco? - interrogou Sir Mulberry.

- Muito bem - respondeu Ralph.

O elegante vagabundo ficou por um momento domado pelo olhar firme do patife mais velho, mas encaminhou-se para a porta a murmurar.

- Queria o lorde, não queria? - inquiriu ele parando de súbito quando chegou à porta, como se uma luz o tivesse iluminado e enfrentou outra vez Ralph. - Eu estava no seu caminho, não estava?

Ralph sorriu novamente, mas não respondeu.

- Quem lho trouxe primeiro? - prosseguiu Sir Mulberry, E como sem mim o poderia envolver na sua rede, como o envolveu?

- A rede é larga e está bastante cheia- respondeu Ralph.

- Cautela que as malhas não choquem com ninguém.

- Era capaz de vender a carne e o sangue por dinheiro e a si próprio, se não tivesse já feito um pacto com o diabo!

- retorquiu o outro. - Quer fazer crer que a sua linda sobrinha não foi trazida aqui como um chamariz para o bêbado que está lá em baixo?

Embora este rápido diálogo fosse conduzido em tom baixo por ambos, Ralph olhou involuntariamente para Kate a fim de se certificar se ela estava ao alcance da voz.

O adversário viu a vantagem que tinha e continuou:

- Quer fazer-me crer que não é assim? - perguntou de novo. - Não quer dizer que se fosse ele que estivesse aqui no meu lugar, seria um pouco mais cego, um pouco mais surdo e um pouco menos moralista do que foi? Vamos, Nickleby, responda a isto.

- Trouxe-a aqui por uma questão de negócio. - repli cou Ralph.

- Sim, é essa a palavra - interrompeu Sir Mulberry com uma gargalhada. - Você volta agora a ser o que é!

-Por uma questão de negócios - continuou Ralph, falando devagar e com firmeza, como um homem determinado a não dizer mais - porque pensei dar-lhe um quadro da tola

mocidade que o senhor tomou nas mãos e a quem dá uma

boa ajuda para se arruinar; sabia, porque o conheço, que ele levaria muito tempo para ofender os sentimentos de rapariga séria e quando o fizesse seria meramente

por afectação e parvoíce e que, respeitaria a sobrinha do seu usurário. Mas se pensei em atraí-lo mais suavemente com este estratagema, não pus na ideia sujeitar

a rapariga às suas licenciosidades e brutalidades de velho. E agora compreendêmo-nos mutuamente?

- Especialmente por não se conseguir nada com isso. sorriu desdenhosamente Sir Mulberry.

- Exactamente - confirmou Ralph.

Voltou-se e deu a última resposta por cima do ombro. Os olhos dos dois dignos sócios encontraram-se com uma expressão em que, cada um deles, sentiu que o conhecimento

era mútuo. Sir Mulberry com um encolher de ombros foi-se embora vagarosamente.

O amigo fechou a porta e olhou com inquietação para o sítio onde a sobrinha ainda se encontrava, na atitude em que ele a deixara. Ralph sentou-se a uma certa distância;

depois aproximou-se, e, finalmente, sentou-se no sofá e pôs a mão no braço de Kate.

- Caluda, minha querida - recomendou quando ela se atirou para trás e os soluços explodiram de novo. - Caluda, caluda! Não se importe agora com isso; não pense nisso!

- Por piedade, deixe-me ir para casa! - pediu Kate. Deixe-me sair desta casa e ir para a minha.

- Sim, sim - aquiesceu Ralph. - Irá. Mas primeiro precisa de secar os olhos e recompor-se. Deixe-me levantar-lhe a cabeça. Assim, assim.

- Oh, tio! - exclamou Kate, torcendo as mãos. - Que mal fiz eu para me sujeitar a isto? Se o tivesse injuriado por pensamento ou palavras teria sido muitíssimo cruel

para mim e para a memória daquele a quem o senhor deve ter amado alguma vez, mas.

- Ouça-me apenas por um momento - interrompeu Ralph, muito preocupado pela violência das emoções dela. - Não sabia que se dava isto; era-me impossível prevêê-lo.

Fiz tudo o que pude. Vamos dar um passeio. Está nervosa devido ao quarto estar abafado e ao calor das velas. Ficará melhor se fizer um mínimo esforço.

- Farei tudo se me mandar para casa - prometeu Kate.

- Bem, bem, mando-a! - assegurou Ralph - mas precisa de compor a aparência, porque aquela que tem irá assustá-los e ninguém precisa saber isto senão nós dois. Vamos, agora por aqui. O seu aspecto já é melhor.

Com estes encorajamentos, Ralph Nickleby andou para trás e para diante com a sobrinha pelo braço. Quando achou prudente, conduziu-a através da casa, desceu as escadas, entrando ambos numa carruagem. Como a porta do veículo se fechou com violência, caiu uma travessa de Kate aos pés do tio, e este, quando a levantou e se voltou para

lha entregar, viu-lhe a

cara. Veio-lhe então à memória a cara do irmão morto, nalgumas cenas de dor infantil, tão nitidamente como se fosse ontem. Ralph Nickleby estava à prova da voz do

sangue e do parentesco. No entanto, ficou abalado pelo que viu e regressou a casa como um homem que encontrasse um espectro vindo de além da campa.

## CAPÍTULO XX

Nicholas reencontra o tio, a quem exprime os seus sentimentos muito singelamente

A pequena Miss La Creevy trotava apressadamente através de diversas ruas a oeste da cidade, de manhã cedo de segunda-feira, encarregada duma importante comissão para Madame Mantalini da parte de Miss Nickleby, dizendo que não podia ir lá nesse dia, mas esperava ir no dia seguinte. Enquanto caminhava, Miss La Creevy ia cogitando nas conversas prováveis da indisposição da sua jovem amiga.

- Não sei o que lhe fez isto - dizia Miss La Creevy. A noite passada declarou que estava com dor de cabeça, mas as dores de cabeça não fazem os olhos vermelhos.

Deve ter chorado.

Chegando a esta conclusão, vinda já da noite anterior com completa satisfação, Miss La Creevy continuou a pensar qual seria a nova causa da infelicidade da jovem amiga.

- Não posso pensar em nenhuma - dizia a pequena pintora de retratos. - Absolutamente nenhuma, a não ser o procedimento daquele velho urso. Zangado com ela, supnho eu!

Horrível bruto!

Reconfortada por esta expressão de opinião, Miss La Creevy apressou-se a chegar a casa de Madame Mantalini, onde foi informada que o poder governativo ainda não saíra da cama! Pediu uma entrevista com a sub-comandante, tendo aparecido Miss Knag.

- Pelo que me diz respeito - informou Miss Knag depois de lhe ter sido transmitido o recado com

muitos floreados - podia-se dispensar Miss Nickleby para sempre.

- Sim? - replicou Miss La Creevy, altamente ofendida. Mas, veja, a senhora não é a dona da casa e por isso o que diz não tem grande importância.

- Muito bem, ma'am - retorquiu Miss Knag. - Tem mais ordens a dar-me?

- Não, não tenho, ma'am - respondeu Miss La Creevy.

- Então bom dia, ma'am - despediu-se Miss Knag.

- Bom dia, ma'am, e muitos agradecimentos pela sua extrema delicadeza e boa educação! - retorquiu Miss La Creevy.

Terminando esta entrevista em que ambas tremiam mui tíssimo e foram maravilhosamente delicadas, havendo indícios

de terem estado a uma polegada duma medonha discussão, Miss La Creevy saiu do aposento e foi para a rua.

- Gostava de saber quem é esta - disse para consigo. Uma bela pessoa para nos relacionarmos. Sentia prazer em pintá-la. Havia de Lhe fazer justiça!

Sentindo-se perfeitamente satisfeita por ter sido cortante para Miss Knag, Miss La Creevy soltou uma gargalhada e foi para casa.

Aqui estava uma das vantagens em viver só: a de conversar consigo e fazer confidências a si própria. Foi para casa a fim de tomar o pequeno almoço e, mal tinha levado a chá vena à boca, quando a criada lhe veio anunciar que um cavalheiro a procurava. Ficou consternada a olhar para o serviço de chá.

- Leva isto daqui; corre! Põe-no no quarto de cama, ou em qualquer parte - disse Miss La Creevy. - Meu Deus, pensar que estou atrasada esta manhã, quando todas as outras tenho estado pronta às oito e meia sem ninguém aparecer.

- Não quero vir causar-lhe qualquer transtorno - declarou uma voz que Miss La Creevy conheceu. - Disse à criada para não mencionar o meu nome por querer fazer-lhe uma surpresa.

- Mr. Nicholas! - exclamou Miss La Creevy com grande assombro.

- Vejo que não se esqueceu de mim - replicou Nicholas, estendendo-lhe a mão.

- Penso que o conhecia mesmo que o tivesse encontrado na rua - afirmou Miss La Creevy com um sorriso. - Hannah! Outra chávena! Não o maço para repetir a impertinência de que foi culpado na manhã da sua partida.

- Não se zangou muito, pois não? - perguntou Nicholas.

- Não deveria zangar-me? - retorquiu Miss La Creevy. O melhor é experimentar.

Nicholas, com imensa galanteria, pegou na palavra de Miss La Creevy, que soltou um pequeno grito e lhe bateu na cara; mas a verdade é que não foi uma pancada muito grande.

- Nunca vi uma criatura assim! - exclamou Miss La Creevy.

- A senhora disse-me para experimentar. - desculpou-se Nicholas.

- Bem, mas eu estava a brincar - explicou Miss La Creevy.

- Oh! isso é outra coisa! - replicou Nicholas - mas devia-me ter dito.

- Na verdade, o pobrezinho não percebeu! - ironizou Miss La Creevy. - Mas agora que o olho de novo, parece-me mais magro do que quando o vi pela última vez, e tem a cara encovada e pálida. Por que deixou Yorkshire?

Ela parou aqui; no seu tom alterado e nas suas maneiras havia tanta afeição, que Nicholas ficou muito comovido.

- Devo estar um tanto mudado - declarou ele depois dum curto silêncio - porque tenho suportado alguns sofrimentos

desde que deixei Londres, quer de espírito quer de corpo. Tenho estado sem dinheiro e tenho sofrido amarguras.

- Bom Deus, Mr. Nicholas! - exclamou Miss La Creevy. O que me conta?

- Nada que a deva afligir tanto - respondeu Nicholas com um ar mais amuado - nem eu vim cá para me carpir, mas para um assunto inteiramente diferente. Desejo encontrar

o meu tio cara a cara. Devo dizer-lhe isto em primeiro lugar.

- Então tudo quanto tenho a dizer a esse respeito é que lhe não gabo o gosto - comentou Miss La Creevy - e que o sentar-me com ele à mesma casa, tendo ele aquelas suas botas, é o suficiente para me irritar durante quinze dias.

-No principal deve haver grande diferença de opinião entre a senhora e eu, mas há-de compreender que desejo encará-lo para me justificar e para o fazer engolir a sua maldade e duplicidade.

- Isso é um caso diferente - concordou Miss La Creevy. Deus me perdoe, mas se os meus olhos chocassem com ele, parece que me saltariam das órbitas.

- Com esse fim fui procurá-lo esta manhã - continuou Nicholas. - Ele só regressou no sábado e eu não soube da sua chegada senão ontem à noite.

- E viu-o? - interrogou Miss La Creevy.

- Não - respondeu Nicholas. - Tinha saído.

- Ah! - comentou Miss La Creevy. - Para algum negócio humano e caritativo.

- Tenho razões para acreditar- prosseguiu Nicholas- no que me disse um amigo que está ao par dos seus movimentos: ele pretende ver hoje a minha mãe e a minha irmã e dar-lhes a versão das ocorrências passadas comigo. É ali que o vou encontrar.

- Muito bem - declarou Miss La Creevy, esfregando as mãos. - E contudo, não sei se não deva pensar muito noutros casos a considerar.

- Tenho considerado os outros casos - retorquiu Nicholas - mas como a honestidade e a honra estão ambas em causa, nada me deterá.

-E o senhor deve saber isso melhor.

- Neste caso espero que sim - respondeu Nicholas. - E tudo o que desejo que faça por mim é prepará-las da minha chegada. Julgam-me muito longe e se lhes aparecer inesperadamente podem assustar-se. Se puder perder tempo para lhes dizer que me viu e que estarei com elas um quarto de hora depois prestar-me-á um grande serviço.

-Desejava poder fazer-lhe a si, ou a qualquer dos seus, um favor maior - declarou Miss La Creevy - mas o poder de servir está raras vezes ligado à vontade, como a vontade ao poder.

Conversando muito e depressa, Miss La Creevy acabou o pequeno almoço rapidamente, pôs de novo o chapéu, tomou o braço de Nicholas, saiu imediatamente para a rua.

Nicholas

deixou-a perto da porta da casa da mãe e prometeu voltar dentro dum quarto de hora, o mais tardar. Aconteceu, porém, que Ralph Nickleby, achando melhor para os seus fins comunicar as atrocidades de que Nicholas era culpado, tinha ido direito a casa da cunhada, em vez de ter ido a negócios, como Newman Noggs supusera. Quando Miss La Creevy chegou, foi introduzida por uma rapariga que fazia a limpeza da casa, encontrando na saleta Mrs. Nickleby e Kate lavadas em lágrimas, e Ralph acabando o relato dos delitos do sobrinho. Kate não lhe disse para se retirar e Miss La Creevy sentou-se em silêncio.

- Já aqui estás, não é verdade, meu menino? - pensou esta. - Então ele vai anunciar-se e vamos a ver o efeito que faz em ti.

- Isto é lindo! - disse Ralph, dobrando a carta de Miss Squeers. - Recomendei-o embora convencido de que ele nunca faria nada de bom, a um homem com quem podia estar por muitos anos, confortavelmente, se se comportasse decentemente e qual foi o resultado? Uma conduta que o pode levar ao Old Bailey ( 1 ).

- Não acredito - protestou Kate, indignada. - alguma indigna conspiração!

- Minha querida - censurou Ralph - injuria o digno homem. Isto não são invenções. O homem foi assaltado e o seu irmão não foi encontrado. Este rapaz, de quem eles falam, foi com ele. lembrem-se. lembrem-se.

- impossível! - contrapôs Kate. - Nicholas!. E também ladrão? Mamã, como pode estar aí sentada a ouvir estas acusações?



A pobre Mrs. Nickleby, que nunca fora notável por uma clara compreensão, deu por resposta exclamar, por detrás dum lenço, que não acreditava, mas duma maneira tão ingénua que deixava aos outros a suposição do contrário.

-Se ele me aparecer no caminho é meu dever entregá-lo à justiça - advertiu Ralph. - Não tenho outro recurso, como um homem de sociedade e homem de negócios, se não persegui-lo. E, no entanto - acrescentou, falando e olhando furtiva, mas fixamente, para Kate - não o devo fazer. Tenho de atender aos sentimentos de sua. irmã e de sua mãe, evi dentemente - juntou Ralph fora de tempo e com muito menos ênfase.

Kate compreendeu muito bem que ele procurava induzi-la a guardar o mais estrito silêncio sobre o acontecimento da noite anterior. Olhou involuntariamente para Ralph, quando este acabou de falar, mas ele voltara os olhos para outro lado e parecia inconsciente da presença dela.

- Tudo se combina para provar a verdade desta carta

- continuou Ralph depois de longo silêncio - se na verdade

(1) Tribunal Criminal de Londres

há alguma possibilidade de a contestar. Os inocentes fogem da vista das pessoas honestas e escondem-se como criminosos? Os inocentes instigam os vagabundos sem nome

e andam à pilhagem pelo país fora, como os gatunos? Assalto, motim, roubo. como chamam isto?

- Uma mentira! - gritou uma voz quando a porta se abriu e Nicholas entrou no aposento.

No primeiro momento de surpresa, Ralph levantou-se do lugar e recuou uns passos, completamente desorientado por esta inesperada aparição. A seguir ficou imóvel, de braços cruzados, contemplando o sobrinho com uma carranca de terrível aversão, enquanto Kate e Miss La Creevy se metiam entre os dois para evitar a violência pessoal de Nicholas, que a sua feroz excitação parecia ameaçar.

- Querido Nicholas - gritou a irmã, segurando-se a ele. Sê calmo, considera.

- Considerar, Kate! - exclamou Nicholas, agarrand-lhe a mão com tal força, no meio da sua raiva, que ela mal pôde suportar a dor. - Considerando tudo o que passei era preciso ser feito de ferro para estar em frente dele.

- Ou de bronze - redarguiu Ralph, sossegadamente. - Não há força bastante na carne e no sangue para encarar isso.

- Oh, meu Deus! - exclamou Mrs. Nickleby. - Como se chegou a uma situação destas!

-Quem fala duma maneira como se eu tivesse procedido mal e lhes trouxesse desgraça? - perguntou Nicholas, olhando em redor.

- A sua mãe, sir - respondeu Ralph, indicando-a.

- Cujos ouvidos foram envenenados por si! - replicou Nicholas - por si. com a pretensão de merecer os agradecimentos que ela lhe tributava e acumulava sobre a minha ca beça todos os insultos, todos os males e todas as indignidades. O senhor, que me enviou para uma caverna, onde a sórdida crueldade, digna de si, corre à solta e a desgraça se apodera da mocidade; onde a inconsciência da criancice se encolhe dentro da opressão da idade e cada fruto prometdor seca à medida que cresce. Tomo o Céu como testemunha - declarou Nicholas, olhando ardentemente em torno - de que vi tudo isto e de que ele o sabe!

- Refuta essas calúnias e sê mais paciente - pediu Kate para não lhe dares vantagens. Diz-nos o que realmente fizeste e prova que eles são falsos.

- De que é que eles. ou do que é que ele. me acusa?

- inquiriu Nicholas.

-Primeiro, de ataque ao teu patrão e de estares quase a ser acusado de tentativa de homicídio - respondeu o tio.

- Interferi - explicou Nicholas - para salvar uma criatura miserável e desgraçada, da mais vil e degradante crueldade. Ao fazer isto infligi uma tal punição sobre um patife, que ele não esquecerá facilmente, embora fosse muito menos do que merecia. Se a mesma cena se renovasse agora tomaria a mesma

atitude; mas chegar-lhe-ia tão forte e feio e marcá-lo-ia de forma que ele levaria as manchas para a cova.

- Ouve? - perguntou Ralph, voltando-se para Mrs. Nickleby. - Arrependimento, isto!

- Oh, meu Deus! - exclamou Mrs. Nickleby. - Não sei o que pensar, realmente não sei!

- Não fale, mamã, suplico-lhe - disse Kate. - Querido Nicholas, apenas te digo que deves saber como a perversidade anda depressa. Acusam-te de. Desapareceu um anel e atrevem-se a dizer que.

- A mulher do tipo donde vêm essas acusações - informou Nicholas altivamente - meteu, como suponho, um anel sem valor entre a minha roupa, na manhã em que deixei a casa. Pelo menos eu sei que ela estava no quarto onde se preparavam para lutar com uma infeliz criança, e que o encontrei quando abri a mala no caminho. Devolvi-o imediatamente pela diligência e já lá o têm.

- Eu bem sabia! - retorquiu Kate, olhando para o tio. E sobre esse rapaz, em cuja companhia eles dizem que tu saíste?

-O rapaz, uma criatura pateta e infeliz por causa das brutalidades que sofreu, está agora comigo.

- Ouve? - inquiriu Ralph, dirigindo-se de novo à mãe. Tudo provado, mesmo pela sua própria confissão. Tenciona restituir esse rapaz, sir?

- Não, não tenciono! - respondeu Nicholas.

- Não? - escarneceu Ralph.

- Não - repetiu Nicholas - não ao homem com quem se encontrava. Faria dano a quem soubesse que o devia fazer.

-Com franqueza! - comentou Ralph. - Agora, sir, quer ouvir uma ou duas palavras minhas?

- Pode falar quando quiser - declarou Nicholas, abraçando a irmã. - Pouca importância dou ao que possa dizer, ou ameaçar.

- MUITÍSSIMO bem, sir - replicou Ralph - mas talvez interesse às outras pessoas. Dirijo-me à sua mãe, sir, que conhece o mundo!

- Ah! Desejava do coração não o conhecer! - soluçou Mrs. Nickleby.

Isto fez sorrir Ralph por saber que os conhecimentos da boa senhora eram insignificantes. Depois olhou firmemente para ela e para Nicholas, enquanto dizia:

-Do que fiz, ou do que tenciono fazer, por si, ma'am, e pela minha sobrinha, não digo uma palavra. Não faço pro messa alguma e deixo ao vosso julgamento. Não ameaço, mas declaro a este rapaz, cabeçudo, obstinado e desordeiro, que não terá um péni do meu dinheiro, uma migalha do meu pão, ou uma ajuda da minha mão para o salvar de apuros! Não o conheço, venha donde vier, ou ouça o seu nome. Não o socorrerei, nem aqueles que o socorrerem. Sabendo perfeitamente o que lhes sucedia ao proceder assim, ele voltou impelido pela preguiça,

para ser um encargo e um peso sobre o reduzido ordenado da irmã. Sinto deixar-vos, mas não quero encorajar este misto de baixeza e crueldade, e como não lhes quero pedir para renunciarem a ele, não as tornarei a ver.

Se Ralph não conhecesse e sentisse o seu poder para ferir aqueles que odiava, bastava olhar para Nicholas, que empalidecera e cujos lábios tremiam, para ver como calculava bem as palavras que feriam profundamente um espírito ardente e jovem.

- Não posso remediar isto - declarou Mrs. Nickleby. - Sei que tem sido bom para nós e tencionava fazer muito pela minha querida filha. Tenho a certeza disso; sei

qual foi a sua amabilidade em tê-la em sua casa e tudo o mais. e decerto teria sido uma grande coisa para ela e para mim, mas não posso, bem vê, cunhado, renunciar

ao meu único filho, mesmo que ele tenha feito tudo quanto disse. Por isso vamos para a pobreza, Kate, minha querida. Sei que não a aguento. - Depois de exprimir

estas palavras de pesar, Mrs. Nickleby torceu as mãos e deixou as lágrimas caírem pela cara abaixo.

- Porque disse, mamã, se Nicholas tivesse feito tudo quanto dizem que ele fez? - prguntou Kate com raiva mal contida. - Bem sabe que ele não fez!

- Não sei o que pensar, minha querida - respondeu Mrs. Nickleby. - Nicholas é tão violento e o teu

tio tem uma compostura tão honesta, que eu tenho apenas de ouvir o que ele diz e não o que Nicholas afirma. Não importa, não se torna a falar nisso. Iremos para uma casa de trabalho, para o Re fúgio das Desprotegidas, ou para o Magdalen Hospital. E quanto mais depressa, melhor! -e depois desta mistura de insti tuições de caridade, Mrs. Nickleby deu outra vez curso às suas lágrimas.

- Fique - ordenou Nicholas, quando Ralph se voltou para sair. - Não precisa de deixar esta casa, sir, visto ir ficar livre da minha presença dentro dum minuto, e só tarde, muito mais tarde, cruzarei de novo estas portas.

- Nicholas - gritou Kate, atirando-se para o ombro do irmão - não digas isso! Meu querido irmão, fazes-me estalar o coração. Mamã, fale-lhe. Não te rales, Nicholas; ela não queria dizer aquilo! Tio, em nome do Céu, digam qualquer coisa!

- Nunca pus na ideia, Kate - replicou Nicholas ternamente - ficar convosco. Posso voltar as costas a esta cidade mais depressa do que tenciono, mas o que tem isso?

Não nos esqueceremos um do outro e melhores dias hão-de vir quando não for preciso separarmos-nos. Sê mulher, Kate - segredou com dignidade - e não me faças representar o papel dum medroso, enquanto ele está a olhar.

- Não, não! Não farei - prometeu Kate - mas não nos deixes! Pensa nos dias felizes que passámos juntos, antes destes infortúnios caírem sobre nós e sem termos um protector para todas as franquezas e erros que a pobreza tanto estimula! Tu não podes deixar-nos suportá-los sozinhas!

- Serão ajudadas quando eu estiver ausente - retorquiui Nicholas apressadamente. - Eu não sou a vossa ajuda, nem o vosso protector; eu só vos podia trazer tristeza e sofrimento. A minha própria mãe vê isso e a sua ternura e receios por ti indicam-me o caminho a seguir. Que todos os anjos te abençoem, Kate, até eu te poder levar para a minha casa, onde possamos reviver a felicidade que nos é agora negada, e conversar destas experiências como de coisas passadas. Não me retenhas; deixa-me ir imediatamente. Querida irmã!...

A pressão que o tinha retido, afrouxou, e Kate desmaiou-lhe nos braços. Nicholas inclinou-se sobre ela durante uns segundos e, colocando-a docemente na cadeira, confiou-a à sua boa amiga.

- Não preciso de invocar a sua simpatia - declarou ele, apertando-lhe a mão - pois conheço os seus sentimentos. A senhora nunca as esquecerá!

Encaminhou-se para Ralph, que continuava na mesma atitude.

- Sejam quais forem os passos que der, sir - preveniu ele, numa voz inaudível para os outros - pedir-lhe-ei contas estritas. Abandono-as a si, conforme o seu desejo.

Tarde ou cedo, há-de haver um dia de ajuste de contas e ele será duro para si, se tiver procedido mal.

Ralph não moveu um músculo da cara, indicando que tivesse ouvido uma só palavra da despedida, mas viu que Mrs. Nickleby fazia poucos esforços para reter o filho.

Nicholas ao atravessar rapidamente as ruas para o seu obscuro alojamento, muitas dúvidas e hesitações se lhe levantaram no espírito, tentando-o a voltar para trás.

Porém, que ganhavam elas com isso? Mesmo que ele conseguisse obter um pequeno emprego, não era o suficiente e a mãe falara de novas amabilidades para com Kate, que as não negara. Não, pensou Nicholas, agi pelo melhor.

Mas antes de andar quinhentos metros, já outros pensamentos o abalavam. Não cometera falta alguma e encontrava-se só no mundo, separado daquelas a quem amava e por quem era considerado, seis meses antes, o chefe da família, rodeado por todo o conforto.

Chegando ao seu pobre quarto, atirou-se para cima da cama, de cara voltada para a parede, dando expansão aos seus sentimentos. Não ouviu ninguém entrar, não dando, pois, pela presença de Smike senão quando levantou a cabeça e o viu na extremidade do quarto, fingindo preparar o jantar, quando se sentiu observado.

- Então, Smike - disse Nicholas tão alegremente quanto pôde - informa-me dos novos

conhecimentos que fizeste esta manhã, ou que nova maravilha encontraste no circuito desta rua e da seguinte.

- Não - respondeu Smike, abanando melancolicamente a cabeça - hoje preciso de lhe falar duma coisa.

- Do que quiseses - retorquiu Nicholas com bom humor.

- Disto - declarou Smike. - Sei que o senhor é infeliz e que se meteu numa grande embrulhada por me ter trazido. Devia ter sabido isso e ter parado a tempo. devia, na verdade, se então me lembrasse. O senhor. o senhor. não é rico; não tem o bastante para si e eu não devia estar aqui. O senhor está a emagrecer dia a dia - continuou o rapaz, pondo timidamente a mão na de Nicholas - as suas faces estão mais pálidas e os seus olhos mais encovados. Não posso continuar a vê-lo assim, e penso em como lhe tenho sido pesado. Tentei hoje ir-me embora, mas a sua cara bondosa fez-me voltar atrás. Não o podia deixar sem uma palavra.

O pobre rapaz não pôde continuar por lhe faltar a voz e os olhos se encherem de lágrimas.

- A palavra que nos deve separar - retorquiu Nicholas, carinhosamente - nunca a direi, pois tu és o meu único conforto e esteio. Não te deixarei agora, Smike, por coisa alguma deste mundo. Com o pensamento em ti, mantive-me através de tudo o que hoje passei e passaria cinquenta vezes mais. Dá-me a tua mão! O meu coração está unido ao teu. Antes da semana acabar sairemos daqui. O que tem se eu me despenhei na pobreza? Pobres, sim, mas juntos!

## Capítulo XXI

Madame Mantalini encontra-se numa situação difícil e Miss Nickleby sem situação alguma

A agitação suportada por Kate tornou-a incapaz de reassumir, durante três dias, os seus deveres no templo da elegância, onde Madame Mantalini pontificava. Neste intervalo a má vontade de Miss Knag não perdera a sua virulência e as empregadas não lhe encobriam o desgosto que lhes causava o regresso de Kate.

- Palavra - declarou Miss Knag, quando as satélites a rodeavam para lhe tirar o chapéu e o chaile - pensava que algumas pessoas deviam compreender que a sua presença é um estorvo! Porém, o mundo é horrível!

O eco das ajudantes não se fez esperar e Miss Knag preparava-se para continuar a conversa quando se ouviu a voz de Madame Mantalini através do tubo de comunicação interna, dizendo para Miss Nickleby ir lá acima, à sala de exposições, distinção que fez Miss Knag levantar a cabeça e morder os lábios com tanta força, que perdeu as suas faculdades de eloquência.

- Está outra vez completamente boa, minha filha? - perguntou Madame Mantalini quando Kate se apresentou.

- Bastante melhor, obrigada - respondeu Kate.

- Desejava poder dizer o mesmo - declarou Madame Mantalini, sentando-se com ar fatigado.

- Está doente? - inquiriu Kate. - Isso penaliza-me muito.

- Não estou exactamente doente, mas atormentada, minha filha. atormentada - replicou madame.

- Isso ainda mais me penaliza - disse Kate amavelmente.

-As doenças do corpo são mais fáceis de suportar do que as do espirito.

-Ah! e muito mais fácil de dizer do que de suportar

- replicou madame esfregando o nariz com irritação. - Vá ao seu trabalho minha filha, e ponha as coisas em ordem, vá!

Enquanto Kate perguntava a si o que prognosticavam estes sintomas de invulgar aflição, Mr. Mantalini meteu a cabeça, pela porta meio aberta, perguntando numa voz doce:

- Está aqui a minha vida e a minha alma?

- Não - respondeu a esposa.

-Como se pode dizer isso, quando ela está a desabrochar na sala com uma pequena rosa num lindo vaso? - inquiriu Mantalini. - O seu cachorrinho pode entrar e conversar?

- Não - replicou madame. - Sabes que não te permito a entrada aqui. Vai-te embora!

O cachorrinho, no entanto, talvez animado pelo tom da resposta, entrou na sala, e dirigindo-se a Madame Mantalini nas pontas dos pés, beijou-a.

-Porque se aflige ela e arrepanha a carinha de modo a parecer um quebranozes? - interrogou Mantalini, pondo o braço esquerdo em volta da cintura da sua vida e alma, e puxando-a para si com o direito.

- Não te suporto! - declarou-lhe a esposa.

- Não. ah, não me suportas! - exclamou Mantalini. Mentiras, mentiras! Não podes! Não há nenhuma mulher que me possa dizer isso cara a cara - e Mr. Mantalini acariciou o queixo e olhou com complacência para o espelho em frente.

- Uma extravagância que é uma ruína! - meditou a esposa em voz baixa.

- Tudo pela alegria de ter ganho uma criatura tão amável, uma Vénus em miniatura, uma feiticeira, atraente, cativante pequena Vénus! - disse Mantalini.

- Vê a situação em que me colocaste - insistiu madame.

- Não virá mal, não deve vir mal para a minha querida

- ponderou Mr. Mantalini. - Acabou tudo; o assunto já não existe. O dinheiro entrará e se não entrar bastante depressa, o querido Nickleby vomitá-lo-á outra vez, ou separo-lhe a jugular se se atrever a afligir ou a magoar a pequena.

- Cala-te - interrompeu madame. - Não vês?

Mr. Mantalini, no seu ardor de tratar dos assuntos com a esposa, não vira, ou fingira não ver, Miss Nickleby. Quando se apercebeu dela, continuou em voz baixa a

acusá-lo pelas dívidas, fruto das suas fraquezas, como o jogo, a ociosidade, a prodigalidade e uma tendência para o dorso dos cavalos. Para cada um dos articulados

da acusação Mr. Mantalini respondia com um beijo, dando como resultado que daí a pouco Madame Mantalini estava encantada com ele e foram para cimatomar o pequeno almoço.

Kate estava ocupada a fazer o seu serviço quando ouviu

no aposento uma voz de homem desconhecida e, olhando em

volta descobriu um chapéu branco, um lenço de pescoço, encarnado, um carão redondo, uma grande cabeça e parte dum casaco verde.

- Não se assuste, miss - disse o proprietário destes objectos. - Aqui é uma modista, não é?

- É - respondeu Kat, imensamente admirada. - O que deseja?

O estranho não respondeu, mas olhou para trás, entrando deliberadamente na sala, seguido de perto por um homenzinho de fato castanho com muito uso e cheio de nódoas de lama de há muitos dias.

A impressão de Kate foi de se tratar de dois individuos que se quisessem apossar, ilegalmente de artigos que lhes despertassem a fantasia e por isso fez um movimento em direcção à porta.

- Espere um minuto - advertiu o homem de casaco verde fechando a porta suavemente e encostando-se a ela. - Isto é

um desagradável acontecimento. Onde está o seu governador?

- O meu quê?... O que diz? - perguntou Kate a tremer pensando que governador era o calão de relógio ou dinheiro.

- Mister Mantalini - esclareceu o homem. - Onde está ele? Está em casa?

- Creio que está lá em cima - respondeu Kate, um pouco sossegada por esta pergunta. - Precisa dele?

- Não - respondeu a visita. - Não preciso exactamente dele se me fizer um favor. Pode entregar-lhe este cartão e dizer-lhe que se ele quiser falar comigo e evitar maçadas, eu

estou aqui; nada mais.

Com estas palavras o estranho meteu na mão de Kate um cartão delgado e quadrado e, voltando-se para o amigo, começou a fazer observações sobre o aposento.

Depois de tocar à campainha para chamar Madame Mantalini, Kate olhou para o cartão, onde estava escrito o nome

de Scaley com outras informações que não teve tempo de decifrar por a sua atenção ser desviada para o próprio Mr. Scaley, o qual, encaminhando-se para um dos espelhos de corpo inteiro, lhe deu uma pancada com uma bengala, como se fosse feito de ferro forjado.

- Boa chapa, Tix! - apreciou Mr. Scaley para o amigo.

- Ah! - replicou Mr. Tix, colocando as marcas dos seus quatro dedos e uma impressão dupla do polegar numa peça de seda azul celeste - e este artigo aqui, foi feito para alguma coisa, lembra-te!

Da téla, Mr. Tix transferiu a sua admiração para outros artigos, enquanto Mr. Scaley se extasiava em frente do espelho em cujas ocupações veio encontrá-los Madame Mantalini, que soltou uma exclamação de surpresa.

- a patroa? - inquiriu Scaley.

- Esta é Madame Mantalini - informou Kate.

- Então - disse Mr. Scaley, tirando um pequeno documento da algibeira e desdobrando-o devagar - isto é um mandato de execução de penhora e se não houver inconveniente, vamos fazer o inventário da casa.

A pobre Madame Mantalini torceu as mãos de dor e tocou a campainha a chamar pelo marido; depois, deixou-se cair numa cadeira e desmaiou. Os homens, no entanto, não

se interromperam e ambos, de chapéu na cabeça, começaram a fazer o inventário.

Tal era a situação quando Mr. Mantalini entrou apressadamente, e como este digno espécime estivera ligado a Mr. Scaley, nos seus tempos de solteiro, e estava longe de ter surpresas com o caso, limitou-se a encolher os ombros e a sentar-se com grande compostura.

- Qual é o diabo do total? - foi a sua primeira pergunta.

- Mil e quinhentas e vinte e sete libras, quatro xelins e nove pence e meio - respondeu Mr. Scaley sem hesitar:

- O meio pence que vá para o diabo! - disse Mr. Mantalini, impaciente.

- Com certeza, se o deseja - replicou Mr. Scaley - e os nove pence, também!

- Isso não tem importância para nós se as mil e quinhentas e vinte e sete libras forem connosco - observou Mr. Tix.

- Nem um xelim - objectou Mr. Scaley.

- Hem - disse o mesmo cavalheiro depois duma pausa - o que se deve fazer. Isto é apenas uma pequena quebra, ou uma quebra a valer? Uma quebra da constituição é muito boa. Então, Mr. Tix, Esquire, tens de avisar o anjo da tua mulher e a tua encantadora família de que não dormes em casa por estes três dias mais chegados, enquanto estiveres de serviço aqui. De que serve a senhora estar-se a ralar?

- continuou Mr. Scaley por ouvir Madame Mantalini soluçar. Uma boa metade do que se encontra aqui não está paga, estou convencido e isso deve ser uma consolação para os seus sentimentos.

Com estas observações misturadas com conselhos de moral para as dificuldades, Mr. Scaley continuou a fazer o inventário, em cujo delicado trabalho era ajudado materialmente pelo tacto invulgar e pela experiência de Mr. Tix, o corrector.

- Minha doce taça de felicidade! - aventurou Mantalini, aproximando-se da mulher com um ar de penitente. - Queres escutar-me por dois minutos?

- Oh! Não me fales! - respondeu ela, soluçando. - Arruinaste-me, é quanto basta!

Mr. Mantalini que, sem dúvida, tinha considerado bem o seu papel, mal ouviu estas palavras, pronunciadas num tom de dor e de severidade, assumiu uma terrível expressão de agonia moral, fugiu arrebatadamente do aposento, ouvindo-se depois atirar com grande violência a porta do quarto de vestir, no andar de cima.

- Miss Nickleby - gritou Madame Mantalini quando este som lhe chegou aos ouvidos - apresse-se, em nome do Céu; ele vai dar cabo de si! Falei-lhe desabridamente e

não poderá suportar as minhas palavras! Alfred, meu adorado Alfred!

Com estas exclamações precipitou-se pela escada acima, seguida de Kate, a qual, embora não participasse inteiramente das apreensões da esposa, estava, no entanto, um pouco alvoroçada. Tendo aberta a porta do quarto de vestir, Mr. Mantalini começou a representar, atirando, simetricamente, com o colarinho da camisa para trás e afiando no assentador da navalha de barba uma faca do pequeno almoço.

- Ah! - exclamou Mr. Mantalini. - Interrompido! - e uma porção de cabelos de barba foram com a faca para dentro da algibeira do roupão, enquanto os seus olhos rolavam, bravios, e o cabelo flutuava em selvática desordem, misturados com a barba.

- Alfred - gritou a esposa, cingindo-lhe o corpo com os braços. - Não queria dizer aquilo!

- Arruinada! - exclamou Mr. Mantalini. - Trouxe a ruína à mais pura das criaturas! Inferno! Deixem-me ir!

Nesta crise do delírio, Mr. Mantalini fez um gesto com a faca, mas sendo retido pela esposa, tentou esmagar a cabeça contra a parede, tendo, porém, o cuidado de estar, pelo menos, a boa distância.

- Acalma-te, meu querido anjo! - aconselhou madame. Não foi culpa de ninguém! Foi até mais minha do que tua. Vamos, Alfred, esquece tudo!

Mr. Mantalini não achava próprio ir de seguida, mas depois de pedir várias vezes veneno e requerer que alguém lhe fizesse saltar os miolos, chorou pateticamente.

Tendo tranqui lizado o espírito, não se opôs à captura da faca, com que valha a verdade, ficou bastante contente por ser um artigo perigoso para andar numa algibeira, e, finalmente, deixou-se conduzir.

Ao fim de duas ou três horas, as empregadas foram informadas que os seus serviços estavam dispensados até ulteriores notícias e, ao cabo de dois dias, o nome de Mantalini aparecia na lista dos falidos. Miss Nickleby recebeu na mesma manhã informação, pelo correio, de que o negócio continuaria sob o nome de Miss Knag, não sendo mais necessária a sua cooperação, com o que Mrs. Nickleby não se mostrou surpreendida, citando, até, vários exemplos a este respeito para testemunhar a sua previsão.

- E digo outra vez - observou Mrs. Nickleby, a qual, é desnecessário notar, nunca dissera nada!-que modista de chapéus e modista de vestidos são as últimas profissões que devias ter escolhido. Não estou a repreender-te, meu amor, mas direi ainda que se tivesses consultado a tua mãe.

- Bem, bem, mamã - interrompeu Kate suavemente - o que me recomenda agora?

- Recomendar! - exclamou Mrs. Nickleby. - Não é claro, minha querida, que de todas as ocupações neste mundo para uma senhora nova, na tua situação, a de dama de companhia é o melhor que se coaduna com a tua educação, maneiras e aparência pessoal? Nunca ouviste falar o teu pobre papá num a jovem senhora, filha duma senhora de idade que estava na mesma pensão dele, quando era solteiro. qual era o seu nome? Sei que começava por um B e acabava num g, mas se era Waters ou... Não! Não podia ser isso. Mas fosse o nome que fosse, não sabes que essa jovem foi dama de companhia duma senhora casada, que morreu pouco tempo depois, casando ela com o viúvo e teve um ou dois lindos rapazinhos e tudo no espaço de dezoito meses?

Kate sabia perfeitamente bem que estas lembranças favoráveis eram ocasionadas por quaisquer

longínquas, reais ou imaginárias, descobertas no seu passeio pela vida.

Esperou, por isso, pacientemente, o esgotamento das histórias, perguntando-lhe, por fim, o que descobriria. Mrs. Nickleby declarou ter visto no jornal da véspera que uma senhora casada precisava duma dama de companhia de gentil aparência, e o nome e morada da senhora eram dados numa livraria na parte ocidental da cidade.

- E digo - continuou Mrs. Nickleby, pondo, triunfantemente, o jornal de parte - que se o teu tio se não opuser, vale bem experimentar!

Kate estava sofrendo bastante do coração para fazer objecções e Mr. Ralph Nickleby não opôs nenhuma, pelo contrário, aprovou a ideia. Também não mostrou grande surpresa pela falência de Madame Mantalini. Obtidos o nome e a morada sem perda de tempo, Miss Nicleby e a mamã foram à procura de Mrs. Witterly, de Cadogan Place, Sloane Street, nessa mesma manhã.

Cadogan Place é o traço de união entre o bairro aristocrático de Belgrave Square e o barbarismo de Chelsea. Está em Sloane Street, mas não lhe pertence. A gente de Cadogan Place olha com sobranceria Sloane Street e considera baixo Brompton. Não se quer igualar às pessoas nobilíssimas de Belgrave Square e Grosvenor Place, mas, com referência a elas, são como os filhos ilegítimos das casas nobres.

Neste duvidoso território vivia Mrs. Witterly, a cuja porta Kate Nickleby bateu, com a mão a tremer. A porta foi aberta por um laçao, que recebeu o cartão de apresentação, passando-o a um pequeno pajem. Este jovem cavalheiro pôs o cartão numa salva e, aguardando o seu regresso, Kate e a mãe, entraram numa sala de jantar de aspecto bastante sujo e mesquinho arranjada de tal maneira que se adaptava a qualquer fim, menos a comer e a beber.

Conforme as descrições autênticas da alta roda, Mrs. Witterly devia estar no boudoir, e Mr. Witterly a barbear-se também no boudoir, mas fosse como fosse Mrs Witterly deu audiência na sala onde havia tudo que era necessário, incluindo um cãozinho que mordeu as canelas das visitas, com grande gáudio de Mrs. Witterly, e do mencionado pajem que trouxe chocolate para Mrs. Witterly se reconfortar.

A senhora tinha um ar de doce insipidez e uma palidez atraente. Ela, a mobília e a casa, tinham um aspecto deslavado. Estava reclinada num sofá, numa atitude tão livre que podia ser tomada por uma actriz pronta para a primeira cena dum bailado e, aguardando, apenas, que o pano, corresse para se levantar.

-Chega as cadeiras! O pajem chegou-as.

-Deixa o aposento, Alphonse!

O pajem saiu, mas se alguma vez um Alphonse tivesse na cara e na figura tão claramente a aparência dum Bill, este pajem era o rapaz.

- Tomei a liberdade de vir, ma'am - declarou Kate depois duns segundos dum silêncio embaraçoso - por ter visto o seu anúncio.

- Sim - respondeu Mrs. Witterly - mandei-o publicar.

-Pensava que se ainda não fez uma escolha definitiva

- disse Kate modestamente - talvez me perdoasse maçá-la com a minha pretensão.

- Sim - repetiu Mrs. Witterly, pachorrentamente.

-Se já fez alguma selecção...

- Oh, meu Deus não! - interrompeu a senhora. - Não me contento assim tão facilmente. Não sei o que dizer. Nunca foi dama de companhia?

Mrs. Nickleby, que espiava avidamente uma oportunidade, entrou destramente na conversa antes de Kate poder responder.

- Não para qualquer estranho ma'am - declarou - mas tem sido a minha companhia durante anos.

Sou a sua mãe, ma'am. - replicou.

-Garanto-lhe ma'am nunca ter pensado que fosse necessário a minha filha entrar na vida



trabalhando, pois o papá que era um cavalheiro independente e ainda estaria vivo se escutasse os meus constantes conselhos.

- Querida mamã - advertiu Kate em voz baixa.

- Minha querida Kate, se me permites que fale - disse Mrs. Nickleby - terei a liberdade de explicar a esta senhora.

- Creio que é quase desnecessário mamã!

Apesar de todos os franzimentos de testa e gestos de Mrs. Nickleby, indicando que a continuação do discurso se relacionava com o assunto da colocação, Kate manteve-se firme e, pela primeira vez a mãe cedeu.

- Quais são os seus dotes? - inquiriu Mrs. Witterly, com os olhos fechados.

Kate corou quando mencionou as suas principais prendas e Mrs. Nickleby contou-as, uma a uma, pelos dedos, tendo

calculado o número antes delas serem ditas. Felizmente os dois cálculos condisseram, não tendo havido, por isso, necessidade de Mrs. Nickleby abrir a boca.

- Tem bom carácter? - perguntou de novo Mrs. Witterly, abrindo os olhos por um instante e fechando-os outra vez.

- Espero que sim - respondeu Kate.

-E tem uma referência de confiança a respeito de tudo? Kate replicou que tinha e pôs o bilhete do tio sobre a mesa.

-Tenha a bondade de chegar a cadeira um pouco mais perto e deixar-me observá-la - pediu Mrs. Witterly. - Sou muito miope e não posso distinguir bem as suas feições.

Kate satisfê-la não sem certo embaraço, e Mrs. Witterly observou-lhe, languidamente, a expressão durante uns dois ou três minutos.

- Gosto da sua aparência - comentou a senhora, tocando uma pequena campainha. - Alphonse, pede ao senhor para vir cá!

O pajem desapareceu e depois dum curto intervalo, durante o qual não se trocou uma palavra, abriu-se a porta para dar entrada a um cavalheiro importante, com cerca de trinta e oito anos, expressão plebeia e meio calvo, que se inclinou sobre Mrs. Witterly durante pouco tempo, a conversar com ela em segredo.

- Oh! - disse ele, voltando-se. - Sim! Este assunto é muitíssimo importante. Mrs. Witterly é duma natureza muito excitável, muito delicada, muito frágil, uma planta de estufa. uma planta ecótica.

- Oh, Henry, meu querido! - obtemperou Mrs. Witterly.

- És sim, meu amor, tu sabes que és. um sopro - disse Mr. Witterly soprando uma pena imaginária - puf! e pronto! Desapareces!

A senhora suspirou.

- A tua alma é grande demais para o teu corpo - continuou ele. - O teu intelecto dá cabo de ti; todos os médicos o dizem. Sabes que não há médico que se não orgulhe de ter sido chamado para te ver. E qual foi a declaração unânime? Meu caro doutor, disse eu para Sir Turmley Snuffi, neste mesmo aposento, a última vez que ele veio, meu caro doutor, de que se queixa a minha mulher? Meu caro amigo, respondeu ele, tenha orgulho nesta mulher; considere-a muito, é um ornamento do mundo elegante e seu. A sua doença é a alma. Incha, expande-se, dilata; o sangue aquece-se, o pulso acelera, a excitação aumenta. -Aqui Mr. Witterly, cuja mão direita, no ardor da sua descrição, floreu a poucos centímetros do chapéu de Mrs. Nickleby, retirou-se rapidamente e bateu no nariz com tal violência como se tivesse sido uma pancada dada por uma máquina.

- Fazes-me mais doente do que sou, Henry - disse Mrs. Witterly com um desmaiado sorriso.

- Não faço, Júlia, não faço. A sociedade em que andas.

necessariamente andas de acordo com a tua posição, tuas ligações e teus dons, é um redomoinho e um sorvedouro de horrível excitação. Pede ao meu coração e ao meu corpo para que eu possa esquecer o baile da eleição em Exeter, onde tu dançaste com o sobrinho do

baronete! Foi tremendo!

- Eu sofro sempre depois desses triunfos - comentou Mrs. Witterly.

- E por essa mesma razão - replicou o marido - deves ter uma dama de companhia, na qual haja grande amabilidade, grande delicadeza, excessiva simpatia e perfeito descanso!

Aqui Mr. e Mrs. Witterly, que tinham falado mais para as Nicklebys do que um para o outro, perderam a fala e olharam para as suas ouvintes com uma expressão que parecia dizer O que pensam disto tudo?

- Mrs. Witterly - disse o marido, dirigindo-se a Mrs. Nickleby - é desejada e cortejada pela gente mais ilustre e nos círculos mais brilhantes. Excita-se pela ópera, pelo drama, pelas belas artes, pela. pela. pela.

- Nobreza, meu amor! - completou Mrs. Witterly.

- Pela nobreza, decerto - afirmou Mr. Witterly. - E pelo exército. Forma e exprime uma imensa variedade de opiniões e uma variedade de assuntos.

- Cala-te, Henry! - pediu a senhora. - Isso não é bonito.

- Eu não menciono nomes, Júlia - desculpou-se Mr. Witterly - e ninguém foi atingido. Apenas indiquei as circunstâncias para mostrar que tu não és uma pessoa vulgar e precisas duma perpétua ligação entre o teu corpo e o teu espírito e que deves ser sempre acariciada e acompanhada. E agora, digam-me desapaixonada e calmamente, quais são as habilitações para o emprego!

Satisfazendo este pedido, as habilitações voltaram a ser mencionadas com mais interrupções e interrogatórios por parte de Mr. Witterly. Por fim ficaram de tirar informações e de mandar uma resposta decisiva para Miss Nickleby, por intermédio do tio, dentro de dois dias. Tendo-se assente nestas condições, o pajem guiou-as na escada e, à porta, o laçao deu-lhes a saída.

- São, evidentemente, pessoas de distinção - comentou Mrs. Nickleby, logo que agarrou no braço da filha. - Que senhora, Mrs. Witterly!

- Julga isso, mamã? - foi a pergunta de Kate.

- Quem pode pensar o contrário, meu amor? - replicou a mãe. - muito pálida e parece exausta. tenho muito receio. Estas considerações levaram a arguta senhora a entrar no problema da duração da vida de Mrs. Witterly e nas probabilidades do desconsolado viúvo oferecer a mão a sua filha. Antes de chegarem a casa já ela tinha libertado a alma de

Mrs. Witterly do seu invólucro material, casado Kate com grande esplendor na igreja de St. George, em Hanover Square, deixando apenas, por decidir uma questão de menor importância: se um esplêndido leito de mogno envernizado devia ser armado para ela no quarto das traseiras, ou no quarto da frente.

As informações foram tiradas. A resposta - sem grande alegria por parte de Kate - foi favorável e, ao terminar a semana, mudou-se com todos os seus valores, para a mansão de Mrs. Witterly.

## Capítulo XXII

Nicholas e Smeke, vão à procura de fortuna e encontram Mr. Vincent Crummles

Todo o capital com que Nicholas ficou depois de pagar as dívidas, não ia além de vinte xelins, não contando com uns poucos de meios pence. Contudo, na manhã em que decidiu deixar Londres, levantou-se com o coração leve e bem disposto. Era uma manhã fria, seca, nevoenta, do princípio da Primavera. Nas ruas, passavam sombras vagas e ouviam-se passos e o fragor das rodas dos carros.

Antes das indicações da aproximação da manhã na barulhenta Londres, Nicholas encaminhou-se, só, para casa da mãe, colocando-se sob as janelas. Atravessou a rua e levantou os olhos para a janela do quarto onde dormia a irmã. Estava fechada e era tudo escuro lá

dentro. Pobre rapariga, pensou Nicholas, mal sabe ela quem está aqui.

Olhou outra vez e sentiu-se quase magoado por Kate não estar ali para trocar uma palavra de despedida. Bom Deus!v, pensou de novo, arrependendo-se subitamente, Como sou criança! É melhor assim! Quando antes as deixei, e podia dizer-lhe mil vezes adeus, poupei-lhes a dor da despedida, e por que não a poupar agora? Entretanto a cortina moveu-se na janela de Kate e persuadindo-se que a irmã estava à janela, escondeu-se no portal, para ela não o ver. Deus as abençoe!, disse ele e afastou-se com passo leve.

Smike esperava-o ansiosamente, assim como Newman, que gastara um dia do seu salário numa lata de rum e leite para os preparar para a viagem. Ataram a bagagem, que Smike carregou ao ombro, e saíram na companhia de Newman Noggs, que insistiu em ir com eles até onde pudesse.

- Para onde vão? - perguntou Newman, pensativo.

- Primeiro para Kingston - respondeu Nicholas.

- E depois para onde? - inquiriu Newman. - Porque não me quer dizer?

- Porque eu não sei, meu bom amigo - replicou Nicholas, pondo-lhe a mão no ombro - e se dissesse, como não tenho ainda planos, nem projectos, podia mudar os meus aposentos um cento de vezes antes de ter a possibilidade de comunicar consigo.

-Receio que tenha na cabeça algum intento secreto - observou Newman, duvidoso.

- Tão secreto - retorquiu o seu jovem amigo - que nem mesmo sei. Do que resolver a esse respeito, escreverei.

- E não se esquece? - inquiriu Newman.

- Não sou muito dado a isso - respondeu Nicholas. - Não tenho tantos amigos, cujo número seja tão grande que vá justamente esquecer o melhor deles.

Entretidos a conversar andaram um bom par de horas e teriam andado um par de dias se Nicholas não se sentasse

numa pedra, declarando não arredar dali, enquanto Newman

não se fosse embora. Este ainda insistiu para os acompanhar mais um bocado, mas dada a obstinação de Nicholas não teve outro remédio se não voltar para Golden Square. Depois da troca de cordiais e afectuosos adeuses e dele se voltar muitas vezes para agitar o chapéu, os dois viajantes foram-se perdendo, pouco a pouco, na distância.

- Agora escuta-me, Smike - disse Nicholas, quando eles avançaram de corações firmes, para a frente. - Vamos para Portsmouth.

Smike acenou com a cabeça e sorriu, sem exprimir outra emoção, pois ir para Portsmouth ou para Port Royal era o mesmo para ele, desde que fossem juntos.

- Não conheço muito destes assuntos - confessou Nicholas - mas Portsmouth é um porto de mar e se se não obtiver

outro emprego, creio, que pelo menos, poderemos arranjar

trabalho nalgum barco. Sou novo e activo e posso ser útil em muitos misteres, tal como tu.

- Assim o espero - respondeu Smike. - Quando eu estava naquele... Sabe o que quero dizer?

- Sim, sei - retorquiu Nicholas - não precisas nomear o lugar.

- Bem, quando estava lá - continuou Smike com os olhos a brilharem pela perspectiva de mostrar as súas aptidões - eu ordenhava uma vaca e tratava dum cavalo como qualquer outra pessoa.

-Ah! receio que a bordo dos navios não tenham muitos

animais dessa espécie, e mesmo quando tenham cavalos não devem estar interessadas em almofadá-los - observou Nicholas gravemente. - No entanto podes aprender outra coisa qualquer. Onde há vontade há sempre uma porta aberta.

- E eu tenho muita vontade - declarou Smike, alegrando-se de novo.

- Deus sabe que sim - replicou Nicholas - mas se falhares será duro; no entanto, farei o bastante para ambos.

- Fazemos todo o caminho hoje? - inquiriu Smike depois dum curto silêncio.

- Isso seria uma prova demasiado dura, mesmo para as tuas corajosas pernas - respondeu Nicholas, com um sorriso de bom humor. - Não. Godalming está a umas trinta e tantas milhas de Londres, segundo um mapa que me emprestaram

e proponho que descansemos ali. Amanhã temos outra vez que puxar por nós, visto não sermos ricos bastante para vadiar. Deixa-me livrar-te desse peso!. Vamos!

- Não, não! - protestou Smike, recuando uns passos. Não me peça para lhe dar isto.

- Porque não? - quis saber Nicholas.

- Pelo menos deixe-me fazer alguma coisa por si! O senhor nunca me deixou servi-lo, como devo. Nunca soube como eu penso, dia e noite, em lhe agradecer sempre.

- És pateta em estar a dizer uma coisa que sei e vejo bem, pois de outro modo seria um animal cego e insensível

- replicou Nicholas. - Deixa-me fazer-te uma pergunta, enquanto penso nela e não há por aqui ninguém - acrescentou, olhando-o fixamente na cara. - Tens boa memória?

- Não sei - respondeu Smike, abanando a cabeça com tristeza. - Julgo tê-la tido, mas foi-se toda embora.

- Por que pensas assim? - perguntou Nicholas, voltando-se repentinamente para ele, embora a resposta ajudasse de alguma maneira o seu intento.

- Por que me lembrava quando era criança - replicou Smike - mas isso foi há muito, muito tempo, ou pelo menos parece-me. Naquele lugar donde o senhor me trouxe andava sempre desvairado; de nada me lembrava e, às vezes, nem mesmo compreendia o que me diziam. Eu... Deixe-me ver... deixe-me ver!

- Estás agora a divagar? - advertiu Nicholas, tocando-lhe no braço.

- Não - retorquiu o companheiro, com um olhar vago. Estou apenas a pensar como. - e estremeceu involuntaria mente, enquanto falava.

- Não penses mais nesse sítio, visto estar tudo acabado

- aconselhou Nicholas, fixando os olhos no companheiro, que ia caindo num pasmo outrora habitual nele e vulgar desde então. - Qual foi o primeiro dia em que foste para Yohkshire?

- Como? - exclamou o rapaz.

- Isso foi antes de começar a perder a memória - disse Nicholas tranquilamente. - O tempo estava quente ou frio?

- Húmido. Muito húmido! Disse sempre, quando chovia com força, que era como na noite em que fui e eles costumavam juntar-se à minha roda, a rir, por me verem chorar quando a chuva caía com violência. Parecia uma criança, diziam eles, e isso fazia-me pensar mais nesse dia. Tornei-me algumas vezes indiferente por me ver como era depois de ter entrado por aquela mesma porta.

- Como eras então e como foi isso? - interrogou Nicholas, que parecia desprendido.

- Uma criança tão pequena - replicou Smike - que eles deviam ter tido pena e misericórdia de mim. Só me lembro disso.

- Tu não deves ter ido sozinho - observou Nicholas.

- Não! Oh, não! - contestou Smike.

- Quem estava contigo?

- Um homem... um homem escuro,seco. Ouvi-os dizerem isto na escola e antes lembrava-me. Fiquei contente por o deixar, visto ter medo dele; mas os outros não eram melhores.

- Olha para mim - convidou Nicholas,desejando atrair-lhe toda a sua atenção. - Não te lembras de nenhuma mulher, duma mulher carinhosa, que se inclinasse alguma vez para ti, te beijasse e te chamasse seu filho?

- Não - respondeu a pobre criatura. - Não,nunca!

-Nem de nenhuma coisa,sem ser Yorkshire?

- Não - repetiu o jovem,com um olhar melancólico. Um quarto. lembra-me de dormir num quarto, um quarto

grande e solitário no topo duma casa,onde havia no tecto

uma porta de alçapão. Cobria com frequência a cabeça com

a roupa para a não ver,pois metia-me medo e costumava

perguntar a mim próprio o que haveria do outro lado. Também havia um relógio,um relógio antigo,a um canto. Lembro-me disso. Nunca esqueci esse quarto,pois quando tenho

sonhos terríveis,ele aparece-me tal qual era. Vejo coisas e

peçoas que então nunca vi,mas é o quarto tal como era;

isso nunca muda.

- Deixas-me agora levar a carga? - perguntou Nicholas, mudando subitamente de assunto.

- Não! - objectou Smike. - Não! Continuemos a caminhar.

Apressou o passo com a impressão de terem estado parados durante o precedente diálogo. Nicholas ia junto dele, lembrando-se de todas as palavras da conversa.

O dia amanheceu e todas as cores da natureza brilharam

à luz do sol,que dissipou os nevoeiros da noite. Chegaram por fim,a Goldaming,onde passaram a noite. Caminharam

até à beira do Devil's Punch Bowl onde Smike ouviu,com

muito interesse a leitura da inscrição na pedra,por Nicholas.

Quando escureceu estavam a doze milhas de Portsmouth.

- Doze milhas - comentou Nicholas,agarrando o cajado com as mãos e olhando para Smike.

- Doze compridas milhas - repetiu o estalajadeiro.

- A estrada é boa? - perguntou Nicholas.

- Muito má - informou o estalajadeiro, pois sendo estalajadeiro tinha,forçosamente,de dizer mal da estrada.

- Queria continuar - observou Nicholas,hesitante. - Não sei o que hei-de fazer.

- Não quero influenciá-lo,mas se fosse eu,não ia - advertiu o estalajadeiro.

- Não ia? - inquiriu Nicholas,com a mesma incerteza.

- Não,se soubesse que estava bem alojado - disse o estalajadeiro.

E tendo dito isto puxou o avental para cima,meteu as

mãos nas algibeiras e deu um ou dois passos fora da porta, olhando para a escuridão da estrada,presumindo grande indiferença.

Um relancear pela cara fatigada de Smike decidiu Nicholas

e, sem atender a mais nada, determinou ficar onde estava. O estalajadeiro conduziu-os à cozinha e como havia ali um

bom lume, fez notar que estava frio. Se por acaso o lume fosse mau, teria dito que estava calor.

- O que nos pode dar para ceiar?-foi a pergunta natural de Nicholas.

- O que querem? - foi a resposta natural do estalajadeiro. Nicholas sugeriu carne fria, mas não havia carne fria; ovos escalfados, mas não havia ovos; costeletas de carneiro, mas não havia costeletas de carneiro num raio de três milhas, embora a semana passada tivesse havido tantas que eles não sabiam o que fazer com elas,

e devia haver um extraordinário fornecimento daí a dois dias.

- Então - decidiu Nicholas - deixo isso inteiramente consigo; o que teria feito logo de entrada se mo tivesse dito.

- Nesse caso vou dizer-lhe o que há - replicou o estalajadeiro. - Na sala está um cavalheiro que me encomendou para as nove um pudim quente de carne e batatas. Há mais do que ele consegue comer e quase não duvido que possam cear com ele se eu lhe for pedir. Faça isso num minuto!

- Não não - objectou Nicholas, detendo-o. - Prefiro que não. Eu. pelo. menos. bolas! Por que não hei-de falar claro? Como vê viajo duma maneira muito humilde e fiz todo o caminho até aqui a pé. É mais do que provável, que o cavalheiro não deseje a minha companhia, e embora eu esteja todo empoeirado, como v, sou orgulhoso demais para fazer má figura.

- Meu Deus! - exclamou o estalajadeiro. - apenas Mr. Crumles ele não é esquisito.

- Não? - perguntou Nicholas, em cuja ideia, a dizer a verdade, a perspectiva de saborear o pudim estava a causar certa impressão.

- Não - replicou o estalajadeiro. - Tem tal qual a sua maneira de falar. Mas depressa vamos tirar isso a limpo. Aguarde um minuto!

O estalajadeiro apressou-se a ir para a sala e Nicholas esforçou-se para o impedir, considerando, que uma ceia em tais circunstâncias era um assunto sério demais para brincadeira. Não demorou muito que o hospedeiro voltasse muito excitado.

- Está tudo arranjado - informou ele em voz baixa. Eu sabia que ele concordava. Vão ver alguma coisa que vale a pena. Como eles o vão pôr em movimento!

Não houve tempo de perguntar a que se referia esta exclamação, dita num tom arrebatador, por já se ter aberto a porta da sala, na qual entrou Nicholas seguido de Smeke, carregando ainda com a bagagem.

Nicholas estava preparado para encontrar alguma coisa de especial, mas não aquilo que viu. Numa das extremidades da sala estavam dois rapazes, um alto e outro baixo, vestidos de marinheiros, pelo menos como marinheiros de teatro, que se empenhavam num combate com sabres de abordagem. O mais pequeno estava em grande vantagem sobre o outro e a observá-los a ambos estava empoleirado num ângulo da mesa um homem forte e alto, incitando-os a baterem com os sabres.

- Mr. Vincent Crumles - disse o estalajadeiro com um ar de grande deferência. - É este o jovem cavalheiro.

Mr. Vincent Crumles recebeu Nicholas com uma inclinação de cabeça, uma coisa entre a cortesia dum imperador romano e o aceno dum companheiro de borracheiras, e pediu ao estalajadeiro para fechar a porta e ir-se embora.

- uma demonstração - informou Mr. Vincent Crumles, fazendo sinal a Nicholas para não avançar e não perturbar. Ali, o pequeno, tem-no na mão; se o mais alto o não tocar em três segundos é um homem morto. Recomecem rapazes!

Os dois combatentes foram de novo para a luta fazendo faíscas com os sabres, com grande satisfação de Mr. Crumles. Depois de vários ataques e defesas, de passes e fintas executados com mais ou menos mestria e vigor, o mais pequeno conseguiu vencer o maior, que caiu e expirou no meio duma grande tortura. -Será um duplo encore, se tiverem cuidado, rapazes!

- disse Mr. Crumles. - É melhor irem agora tomar ar e mudar de roupa.

Depois de dirigir estas palavras aos combatentes, cumprimentou Nicholas, que observou, então que a cara de Mr. Crumles era proporcional ao corpo, em tamanho; o lábio inferior grosso, voz rouca, como se tivesse o hábito de gritar muito, cabelo preto, muito rapado até ao alto da cabeça para poder mais facilmente pôr as cabeleiras de qualquer modelo ou forma, como soube mais tarde.

- O que pensou disto, sir? - inquiriu Mr. Crumles.

- Muito bom, na verdade. excelente! - respondeu Nicholas.

-Creio que não deve ver com muita frequência rapazes como estes - disse Mr. Crum.

Nicholas concordou, observando que se eles se combinassem um pouco melhor.

- Combinassem! - exclamou Mr. Crummles.

-Quero dizer, se eles fossem um pouco mais do mesmo tamanho. - explicou Nicholas.

- Tamanho - repetiu Mr. Crummles. - Porquê, se a essência do combate é haver uns centímetros de diferença. Como quer o senhor conseguir a simpatia dos espectadores duma maneira legítima, se não houver um homem pequeno a combater com um grande. a não ser que haja cinco contra um e, para isso, ainda não temos na companhia gente bastante.

- Compreendo - retorquiu Nicholas. - Desculpe-me. Surpreendme que isso não me tenha passado pela cabeça.

- o ponto principal - afirmou Mr. Crum. - Depois

de amanhã abro o teatro em Portsmouth. - Se vai para lá, entre no teatro e verá tudo quanto digo.

Nicholas prometeu, se pudesse e, chegando a cadeira para mais perto do lume, começou imediatamente a conversar com o empresário. Este era muito falador e comunicativo, não só por uma disposição natural, como pela aguardente que sorvera em quantidade e pelo rapé que tomava. Falou dos seus negócios sem a mais pequena reserva, da companhia e da família, a ambas as quais pertenciam os dois rapazes dos sabres de abordagem.

- Vai para aqueles lados? - perguntou o empresário.

- vou - respondeu Nicholas. - Sim, vou.

- Conhece bem a cidade? - indagou o empresário, que parecia considerar-se tão digno de receber as confidências como de as ter revelado.

- Não - informou Nicholas.

- Nunca esteve lá?

- Nunca!

Mr. Crummles teve uma tosse curta e seca, como para dizer, Se não queres ser comunicativo, não sejas, e tirou muitas pitadas de rapé, uma após outra, enquanto Nicholas, perguntava, maravilhado, onde ele as ia meter todas.

Assim entretido, Mr. Crummles olhava, de vez em quando, com grande interesse para Smike, que parecia ter-lhe dado no goto desde o princípio. O rapaz tinha adormecido, sentado na cadeira.

- Desculpe-me - disse o empresário, inclinando-se para Nicholas e baixando a voz - mas que excelente expressão tem o seu amigo!

- Pobre rapaz! - replicou Nicholas com um meio sorriso. Desejava-o um pouco mais gordo e menos perturbado.

- Gordo?! - exclamou o empresário, completamente horrorizado. - Estragava tudo!

- Julga isso?

- Julgo! Como ele agora está - afirmou o empresário, batendo no joelho enfaticamente - sem qualquer chumaço no corpo e um leve toque de pintura na cara, faz um papel de esfomeado como nunca se viu neste país. Basta que se mantenha no papel de Boticário do Romeu e Julieta, com a ponta do nariz ligeiramente vermelha, e pode ter a certeza de vir três vezes à cena agradecer os aplausos.

- O senhor vê-o com olhos de profissional - comentou Nicholas, rindo.

- Pode dizê-lo - replicou o empresário. - Nunca vi um jovem tão bem talhado para esse papel desde que sou pro fissional e represento desde os dezoito meses de idade!

A aparição do pudim de carne juntamente com os jovens Crummleses desviou a conversa para outros assuntos e acabou até por parar. Os rapazes manejavam os garfos e as facas com menos habilidade do que os sabres de abordagem. Acabada a última garfada Mr. Crummles manifestou o desejo de

se repetir, o mesmo acontecendo a Smike, que, durante a refeição, tinha adormecido várias vezes.

Em vista disto Nicholas propôs irem os dois descansar, mas o estalajadeiro

não quis ouvir falar em tal, visto tencionar convidar o seu novo conhecimento a partilhar uma

caneca de ponche.

- Deixe-os ir - sugeriu Mr. Crumxnlés - e nós vamos regalar-nos com o ponche, cómoda e confortavelmente instalados junto do lume.

Nicholas não estava, na verdade, muito disposto a dormir, por isso, tendo trocado um aperto de mão com os jovens Crummlés, sentou-se em frente do pai e dentro em pouco saboreava um ponche duma fragância muito convidativa. Apesar do ponche e das histórias do empresário, que fumava cachimbo e tomava rapé ao mesmo tempo, o espírito de Nicholas estava ausente. A sua atenção vagueava embora ouvisse a voz do companheiro, não percebeu nada da história que contou, terminando com uma formidável gargalhada e com a pergunta do que faria ele no mesmo casa. Nicholas teve que confessar a sua desatenção, desculpando-se o melhor que pôde.

- Eu vi isso - observou Mr. Crummlés. - O senhor não estava aqui. Que se passa?

Nicholas não pode deixar de sorrir com o inopinado da pergunta e, achando que não valia a pena iludi-la, revelou que andava preocupado com receio de não ser bem sucedido no objectivo que o levava ali.

- E qual é? - perguntou o empresário.

- Arranjar trabalho para prover às vulgares necessidades da vida, a mim e ao meu pobre companheiro - declarou Nicholas. - Esta é que é a verdade. O senhor adivinhou - há muito tempo, portanto digo-lha de boa vontade.

- E por que vieram para Portsmouth em vez de irem para outro sítio? - quis saber Mr. Vincent Crummlés, pondo na boquilha do cachimbo lacre fundido à vela, e rolando, ainda fresco, com o dedo mínimo.

- Suponho que há muitos navios a sair do porto - respondeu Nicholas - e tentarei trabalhar num ou noutro. Pelo menos há lá que comer e beber.

- Carne salgada e rum, pudim de ervilhas e bolacha - informou o empresário, aspirando o cachimbo para o conservar aceso e voltando ao trabalho de o embelezar.

- Pode-se ter pior do que isso - replicou Nicholas. - Creio que posso suportar trabalhos desses tão bem como muitos homens da minha idade!

- Precisa de aptidões - observou o empresário - se for para bordo dum navio e o senhor não as tem!

- Por que não?

- Porque não há nenhum mestre ou piloto que cuide valer a pena empregá-lo, enquanto houver pessoas práticas - respondeu o empresário - e essas têm-nas elas tantas como de ostras há pelas ruas.

- O que quer dizer? - perguntou Nicholas, alarmado com esta intonação e pelo ar de certeza com que foi dita. - Mas os homens não nascem marinheiros. Suponho que têm de ser ensinados.

Mr Vincent Crummlés fez que sim com a cabeça.

- Sim, mas não na sua idade nem jovens cavalheiros como o senhor.

Seguiu-se uma pausa. A expressão de Nicholas entristeceu e contemplou o lume melancolicamente.

- Não lhe ocorre outra profissão que um homem novo, com a sua figura e maneiras possa desempenhar facilmente e veja nela algum lucro? - inquiriu o empresário.

- Não - respondeu Nicholas, abanando a cabeça.

- Então vou-lhe dizer uma - declarou Mr. Crummlés atirando o cachimbo para o lume e levantando a voz. - O palco!

- O palco! - exclamou Nicholas em tom de surpresa.

- A profissão teatral - disse Mr. Vincent Crummlés. - Eu estou na profissão teatral e os meus filhos também. Tive um cão que viveu e morreu nela desde pequeno, e o meu pónei vai na mesma. Timour the Tartar. Levá-lo-ei e ao seu amigo também. Diga uma palavra. Preciso duma novidade.

- Eu nada conheço disso - retorquiu Nicholas que quase perdera a respiração com a súbita proposta.

- Nunca desempenhei um papel na minha vida, a não ser na escola.

- O seu andar e as suas maneiras têm o seu quê de comédia gentil, o seu olhar duma juvenil tragédia



e a sua gargalhada duma farsa enternecedora - declarou Mr. Vincent Crummles. - Fará tão bem como se desde a nascença não pensasse senão nas luzes da ribalta. Nicholas recordou-se dos poucos trocos que lhe ficariam na algibeira depois de pagar a conta da estalagem e hesitou.

- O senhor pode-nos ser útil num cento de coisas - disse Crummles. - Pense nos excelentes cartazes que um homem com a sua educação pode escrever para as montras das lojas.

- Bem, julgo que posso dirigir essa secção - afirmou Nicholas.

- Com certeza que pode - ripostou Mr. Crummles. - Para casos especiais pode ver os pequenos cartazes escritos à mão. devemos ter meio volume de todos eles. E peças, também. Pode escrever uma peça para fazer sobressair todo o vigor da companhia, sempre que precisemos duma.

- A respeito disso não tenho tanta confiança - replicou Nicholas. - Mas atrevo-me a dizer que posso escrever de vez em quando alguma coisa que lhes convenha.

- Temos agora uma nova peça a representar - informou o empresário. - Deixe-me ver. recursos peculiares deste estabelecimento. um cenário novo e esplêndido- O senhor tem de introduzir uma bomba verdadeira e dois tubos de água.

- Na peça? - perguntou Nicholas.

- Sim - replicou o empresário. - Comprei-os baratos no outro dia. E um plano de Londres. Eles lá têm alguns adereços e artigos e arranjam uma peça para os fazer entrar.

A maioria dos teatros têm autores de propósito para isso.

- Sim?! - exclamou Nicholas.

- uma coisa vulgar - afirmou o empresário. - Nos cartazes, em linhas destacadas, faz um belo efeito. Uma bomba verdadeira! Esplêndidos tubos! Grande atracção! O senhor não parece ter nada de artista, pois não?

- Não faz parte dos meus dotes - respondeu Nicholas.

- Ah! Então não há nada a fazer - disse o empresário. Se fosse, podíamos arranjar uma grande perspectiva na última cena, mostrando toda a profundidade do palco com a bomba e os tubos no meio, mas como não é, não há nada a fazer!

- Quanto posso receber por tudo isso? - inquiriu Nicholas depois dum momento de reflexão. - Posso viver com o ordenado?

- Viver? - exclamou o empresário. - Como um príncipe! Com o seu salário e o do seu amigo, e os escritos, pode fazer uma libra por semana.

- Não me diga!

-Decerto que digo; e se tivermos boas casas, dobro aproximadamente o dinheiro.

Nicholas encolheu os ombros e, sem pensar mais, apressou-se a declarar que era negócio feito e estendeu a mão a Mr. Vincent Crummles para firmar o contrato.

### Capítulo XXIII

A companhia de Mr. Vincent Crummles e os seus negócios domésticos e teatrais

Como Mr. Crummles tinha na cocheira da estalagem um estranho animal de quatro pernas a que chamava pónei, e um veículo duma forma desconhecida, que designava por faetonte, Nicholas continuou a viagem com muito maior facilidade na companhia de Smike.

O pónei levou tempo a andar e, talvez devido à sua educação teatral, tinha uma forte inclinação para se deitar, sendo preciso Mr. Vincent Crumzles usar da palavra e do chicote para o fazer levantar, e um dos jovens dar-lhe um pontapé quando parava.

- No fundo é um bom pónei - declarou Mr. Cruxnmles, voltando-se para Nicholas.

No fundo podia ser, mas com certeza não era no cimo pois o pêlo estava o mais mal tratado possível, por isso Nicholas limitou-se a observar que não se maravilhava com isso.

-Muitos e muitos têm sido os distritos que este pônei tem percorrido - informou Mr. Crumxnlles, dando-lhe habilidosamente com o chicote na pálpebra por amor do velho conhecimento. - Faz parte da família. A mãe dele trabalhou nu palco.

- Trabalhou? - interrogou Nicholas.

- Comeu pastelões de maçã num circo durante mais de catorze anos - informou o empresário. - Descarregava pistolas e ia para a cama com uma touca de dormir e, em resumo, desempenhava-se inteiramente da baixa comédia. O pai era dançarino.

- E distinguiu-se?

- Não muito - asseverou o empresário. - Era um pônei duma qualidade bastante ordinária. O facto é que ele era de início espicaçado durante o dia e nunca perdeu os seus velhos hábitos. Era também esperto no melodrama, mas grosseiro demais. grosseiro demais. Quando a mãe morreu, enveredou pelo negócio do vinho do Porto.

- O negócio do vinho do Porto! - estranhou Nicholas.

- Bebendo vinho do Porto com o palhaço - esclareceu o proprietário - mas era voraz e uma noite mordeu a caneca de vidro e feriu-se, por isso a sua vulgaridade foi, por fim, a causa da sua morte.

O descendente deste desastrado animal precisava duma progressiva atenção de Mr. Crummles, que não tinha, portanto, muito tempo para conversar. Nicholas deixou-o, portanto à vontade e engolfou-se nos seus pensamentos até à ponte levadiça de Portsmouth, onde Mr. Crummles saltou em terra.

- Temos de descer aqui - preveniu o empresário - e os rapazes vão levá-lo à cocheira e depois vão para a pensão com a bagagem. É melhor, o senhor ir para lá.

Agradecendo a Mr. Vincent Cnummles a sua cortés oferta, Nicholas saltou e, dando o braço a Smike, acompanhou o empresário pela High Street fora, perto o do teatro, sentindo-se bastante nervoso e incomodado pela perspectiva duma imediata entrada em cena, coisa tão nova para ele.

Passaram por uma grande quantidade de cartazes colados às paredes e dispostos nas montras, onde estavam em grandes caracteres os nomes de Mr. Vincent Crummles, Mrs.

Vincent Crummles, Mister Crummles, Mister P. Crummles e Miss Crummles, e o resto em letras pequenas. Voltando, por fim, para uma entrada onde havia um forte cheiro a casca de laranja e óleo de iluminação, com uma sub-corrente de serradura. Foram às apalpadelas por um corredor às escuras e, descendo um ou dois degraus, enfiaram por um labirinto de lonas e de latas de tinta, e apareceram no palco do Portsmouth Theatre.

- Cá estamos! - anunciou Mr. Crummles.

Não estava muito iluminado, mas Nicholas viu-se do lado do ponto, entre paredes nuas, cenários cobertos de pó, núvens bolorentas, tapeçarias incrivelmente sujas e tabulados porcos. Olhou em roda; tecto, plateia, camarotes, galeria, orquestra, alfaias e decorações de todo o género, tudo parecia áspero, frio, triste e miserável.

- Isto é um teatro? - segredou Smike estupfacto. - Pensava que fosse uma explosão de luz e de pompa.

- Assim é - respondeu Nicholas, pouco menos surpreendido. - Mas não de dia, Smike. não de dia. A voz do empresário chamou-o para uma inspecção mais cuidadosa do edificio, no lado oposto ao proscénio, ond a uma pequena mesa de mogno, de forma oblonga e pernas raquíticas, estava sentada uma mulher forte, de ar majestoso, aparentemente entre os quarenta e os cinquenta anos, com uma capa de seda desbotada, de chapéu balouçando na mão pelas fitas e com o cabelo, de que tinha uma grande quantidade, entrançado numa grande pôpa sobre cada lado.

- Mr. Johnson - disse o empresário, pois Nicholas dera o nome que Newman empregara na sua conversa com Mrs. Kenwigs - deixe-me apresentar-lhe Mrs. Vincent Crummles.

- Muito prazer em conhecê-lo, sir - respondeu Mrs. Vincent Crummles com uma voz sepulcral. - Tenho muito prazer em conhecê-lo e ainda mais feliz me sentirei se for um membro prometedor da nossa companhia.

A senhora apertou a mão de Nicholas enquanto lhe dirigia estas palavras. Ele viu que essa mão era grande, mas não esperava a força com que foi honrado.

- E este- disse a senhora, atravessando para o lado de Smike, como uma actriz trágica atravessa a cena, obedecendo às indicações da acção. - Este é o outro. Seja bem-vindo, sir.

- Julgo que ele será bom, minha querida - disse o empresário, tomando uma pitada de rapé.

- É admirável - concordou a senhora. - Uma boa aquisição.

Quando Mrs. Vincent Crummles atravessou de novo para o lado da mesa, apareceu no palco, como saída dum misterioso buraco, uma rapariguinha de vestido solto, dum branco sujo com refegos até aos joelhos, calças curtas, sandálias, jaqueta branca, chapéu de gaze azul, véu verde e papelotes, que fez uma pirueta, agitou duas vezes as mãos no ar, fez outra pirueta, olhando para o lado oposto, estremeceu, saltou para a frente, a uns dois metros das luzes da ribalta, e caiu numa bela atitude de terror ao ver um cavalheiro miseravelmente entrajado com um par de velhos sapatos de quarto, em pele de búfalo, nos pés, que entrou a deslizar vigorosa mente, batendo os dentes e brandindo, ferozmente, uma bengala.

- Estão a representar o Índio Selvagem e a Donzela explicou Mrs. Crummles.

- Oh! O pequeno bailado do intervalo - disse o empresário. - Muito bem, continuem. Um pouco para este lado, se faz favor, Mr. Johnson. Atenção! Agora!

O empresário bateu as palmas como sinal para continuarem; o índio selvagem deslizou direito à donzela, que se lhe escapou com seis piruetas, a última das quais na ponta dos pés. O homem pareceu impressionado pela beleza da donzela e começou a fazer muitos gestos para indicar o seu amor, sendo isto, muito verosivelmente, a

causa dela cair num banco a

dormir. O selvagem, depois de acenar para toda a parte explicando que ela estava a dormir, dançou só. Quando terminou, a donzela levantou-se, esfregou os olhos e dançou só também, com grande êxtase do selvagem. Por fim dançaram os dois juntos, acabando a dança com o selvagem pondo um joelho em terra sobre o qual a donzela assentou um pé.

- Muito bem, na verdade! - aprovou Mr. Crummles. Bravo!

- Bravo! - secundou Nicholas, resolvido a tomar tudo pelo melhor. - Lindo!

- Esta, sir - informou Mr. Vincent Crummles, trazendo a donzela à frente - esta é a criança fenómeno. Miss Ninetta Crununles.

- A sua filha? - perguntou Nicholas.

- A minha filha - respondeu Mr. Vincent Crummles. - O ídolo de todos os sítios onde vamos, sir. Temos recebido cartas de cumprimentos a respeito desta rapariga, sir, da nobreza e da alta classe média, de quase todas as cidades de Inglaterra.

- Não me surpreende - confessou Nicholas. - Deve ser um perfeito génio natural.

- Completamente!. - Mr. Crummles parou. Não havia expressões suficientemente poderosas para descrever a criança fenómeno -Digo-lhe, sir, que não se imagina o talento desta criança. É preciso vê-la, sir. vê-la. para se fazer uma pálida ideia. Vai para a tua mãe, minha querida!

- Posso perguntar a idade dela? - interrogou Nicholas.

- Pode, sir - respondeu Mr. Crummles, olhando com firmeza para a cara do seu interlocutor, como fazem alguns homens quando têm algumas dúvidas de serem implicitamente acreditados no que vão dizer. - Tem dez anos, sir.

-Não tem mais?

-Nem um dia.

- Meu Deus! - exclamou Nicholas. - extraordinário!

Era, pois a criança fenómeno, que, embora de pequena estatura, tinha cara de mais velha, possuindo, precisamente, a mesma idade uns bons cinco anos antes, segundo a recordação dos mais velhos conhecimentos. Mas fora habituada a deitar- se tarde todas as noites e

a ingerir, desde a infância, quantidades ilimitadas de aguardente e água para evitar ser alta, e talvez este sistema de treino tivesse produzido na criança todos estes fenómenos adicionais.

Enquanto se travava este curto diálogo, o cavalheiro que fazia de selvagem aproximou-se, com os sapatos da rua nos pés e os sapatos de quarto nas mãos, desejoso de meter conversa.

- Talento, aquilo, sir! - disse o selvagem, acenando com a cabeça para o lado de Miss Crummles. Nicholas concordou.

- Ah! - disse o actor, cerrando os dentes e respirando com um som sibilante - ela não devia andar pelas províncias, não devia.

- O que quer dizer? - perguntou o empresário.

- Quero dizer - replicou o outro convictamente - que ela é boa demais para as barracas do campo e devia estar numa das grandes casas de Londres, ou de qualquer outra parte; e digo-lhe mais, sem reboço, de que se não fosse por inveja e ciúme dum certo sector que o senhor sabe, ela lá estaria. Talvez me queira apresentar, Mr. Crummles.

- Mr. Folair - disse o empresário, apresentando-o a Nicholas.

- Muito feliz em conhecê-lo, sir. - Mr. Folair tocou na aba do chapéu com o indicador e depois apertou-lhe a mão. Um recruta, sir, segundo ouvi?

- Um inútil recruta - replicou Nicholas.

- Já viu uma intrujice como esta? - segredou o actor, afastando-o, enquanto Crummles os deixava para ir falar à mulher.

- O quê?

Mr. Folair fez uma cara cómica da sua colecção de pantomina e apontou por cima do ombro.

- Não se quer referir à criança fenómeno!

- Criança, uma fava, sir! - retorquiu Mr. Folair. - Não há uma criança do sexo feminino, de esperteza vulgar numa escola de caridade, que não faça melhor do que isto. Pode agradecer ao céu ter nascido filha dum empresário!

- O senhor parece levar isso a sério - disse Nicholas com um sorriso.

- Sim, por Júpiter, e tenho razão - replicou Mr. Folair, dando-lhe o braço e andando dum lado para o outro no palco.

- Não é suficiente para tornar um homem rabujento ver que umas poucas de cambalhotas são todas as noites melhor espectáculo e guarda o dinheiro fora de casa devido

a certos boatos, enquanto às outras pessoas não ligam importância? Não é extraordinário ver a abominável família dum homem cegá-lo mesmo contra os próprios interesses?

Sei de alguns que vieram de Southampton uma noite do mês passado para me verem dançar o Highland Fling; e qual foi a consequência? Nunca me fiz valer desde aí -

nem uma só vez - ao passo que a criança fenómeno todas as noites sorri por entre flores artificiais entre cinco pessoas e um bebé, na plateia, e dois rapazes na galeria.

- Se posso julgar pelo que vi - insinuou Nicholas - o senhor deve ser um membro valioso da companhia.

- Oh! - respondeu Mr. Folair, batendo os sapatos para lhe tirar o pó. - Posso fazê-lo lindamente bem; talvez ninguém seja melhor na minha especialidade. mas tendo

aquí estes casos a preocupá-la, é o mesmo que pôr chumbo nos pés em vez de giz e dançar com grilhões sem os possuir. Olá, meu rapaz, como vai isso?

O cavalheiro a quem se dirigiam estas últimas palavras era um homem de tez escura, inclinado à palidez, com cabelo preto, comprido e espesso, e indicação muito evidente, embora

estivesse bem barbeado, duma barba cerrada e farto bigode. sua idade podia não ultrapassar os trinta, embora aparentasse mais idade. Usava uma camisa apertada, um velho casaco verde com botões dourados novos, um lenço de pescoço com riscas largas encarnadas e verdes, e calças azuis escuras, floreando uma bengala de freixo.

- Olá, Tommy - correspondeu o cavalheiro, atirando uma estocada ao amigo, que ele aparou com o sapato. - Novidades?

- Uma nova revelação - replicou Mr. Folair, olhando para Nicholas.

- Faze as honras, Tommy! - convidou o outro cavalheiro batendo-lhe repreensivamente na copa do chapéu com a bengala.

- Este é Mr Lenville, que fez a nossa primeira tragédia. Mr. Johnson - disse o pantonúneiro.

-Salvo quando os velhos tijolos e a argamassa se metem na cabeça fazê- la por si, devias acrescentar, Tommy

- observou Mr. Lenville. - Não sabe quem são os tijolos e a argamassa, sir?

- De facto não sei - respondeu Nicholas.

-Damos esse nome ao Crummles por o seu estilo de representar ser duma maneira bastante ponderosa

- explicou Mr. Lenville. - Não devia estar a largar piadas pois tenho aqui um papel de todos os tamanhos, que devo representar amanhã à noite e ainda não tive tempo de olhar para ele. Sou um executante e grande estudioso, é o meu conforto.

Consolando-se com esta reflexão, Mr. Lenville tirou da algibeira do casaco um manuscrito sujo e amarrotado, e tendo dirigido outra estocada ao seu amigo, continuou a passear dum lado para o outro, decorando o papel e abandonando-se, ocasionàlmente, a acções apropriadas, sugeridas péla sua imaginação e pelo texto.

Naquela ocasião parecia haver uma revista geral da companhia, pois além de Mr. Lenville e do seu amigo Tommy havia um jovem magro que cantava de tenor, um homem de nariz arrebitado, boca grande, cara larga e olhos espantados, que era o cómico; um cavalheiro de idade, embriagado, nos últimos degraus da baixeza, que desempenhava os papéis de velhos calmos e virtuosos; e ainda um outro cavalheiro de idade, de aspecto mais respeitável, cujos papéis eram de velhotes irascíveis. Além destes havia uma pessoa com um aspecto de vagabundo, metido num sobretudo coçado, que passeava em frente das lâmpadas, floreando uma bengala de cerimónia e discursando a meio tom com grande vivacidade. Não era tão novo como parecia, mas tinha um ar de exagerada gentileza, que fazia adivinhar o herói duma comédia de fanfarronices.

Havia, além disso, um pequeno grupo de três ou quatro jovens, que pareciam de importância secundária.

As senhoras estavam reunidas em volta da mesa atrás mencionada. Havia Miss Snevellicci, olhando para Nicholas por baixo do chapéu de palha e fingindo estar a ouvir uma história divertida da sua amiga Miss Ledraok; Miss Belvawney, que frequentemente aspirava a desempenhar papéis falados, mas que geralmente os fazia mudos, e estava a enrolar os caracóis da bonita Miss Bravassa; Mrs. Lenville, Miss Gazingi e Mrs. Grudden, que ajudava Mrs. Crummles nos seus trabalhos domésticos, recebia o dinheiro à porta, vestia as senhoras, varria a casa e desempenhava qualquer papel numa emergência, mesmo sem o ter aprendido.

Mr. Folair tendo, obsequiosamente, confidenciado estas particularidades a Nicholas, deixou-o para se misturar com os companheiros. O trabalho de apresentação foi completado por Mr. Vincent Cruznmles, que publicamente proclamou o novo actor como um prodígio de génio e de instrução.

- Desculpe-me - pediu Miss Snevellicci, deslizando para o lado de Nicholas - mas já representou em Canterbury?

- Nunca - respondeu Nicholas.

-Lembro-me de ter encontrado um cavalheiro em Canterbury - explicou Miss Snevellicci - apenas por uns momentos, pois ia deixar a companhia a que ele se juntou, tão parecido consigo que estava convencida ser o mesmo.

- Vejo-a a si pela primeira vez - replicou Nicholas com toda a galanteria devida. - Tenho a certeza de nunca a ter visto antes, pois de contrário não a teria esquecido.

- Oh, tenho a certeza. é muito lisonjeiro da sua parte dizer isso - retorquiu Miss Snevellicci com

uma graciosa inclinação de cabeça. - Agora que o vejo melhor tenho a ideia de que esse cavalheiro de Canterbury não tinha os mesmos olhos que o senhor. Há-de julgar-me maluca por notar tais coisas, não há-de?

- De forma alguma - contestou Nicholas. - Como podia eu sentir-me, se não lisonjeado pela sua observação?

- Oh. Os homens são criaturas tão vãs! - exclamou Miss Snevellicci que depois disto se tornou encantadoramente confusa e, tirando o lenço duma velha bolsa de seda com fecho dourado, chamou Miss Ledbrook.

- Led, minha querida - disse Miss Snevellicci.

- O que há? - perguntou Miss Ledbrook.

- Não é o mesmo.

- Não é o mesmo o quê?

- Canterbury. sabes o que quero dizer. Vem cá! Quero falar-te.

Como Miss Ledbrook não veio ter com Miss Snevellicci, foi esta obrigada a ir ter com ela, o que fez duma maneira tão saltitante que a tornava fascinadora. E Miss

Ledbrook evidentemente troçou de Miss Snevellicci por se ter metido com Nicholas; seguiu-se depois um alegre segredar, Miss Snevellicci bateu com muita força nas costas das mãos de Miss Ledbrook e retirou-se num estado de graciosa confusão.

- Senhoras e senhores - disse Mr. Vincent Crummles, que tinha estado a escrever num bocado de papel. - Convoco todos para o Mental Strugglei amanhã s dez horas. A intriga sabem vocês de cor, portanto, precisamos só dum ensaio. Toda a gente às dez horas, se fazem favor.

- Toda a gente às dez horas - repetiu Mrs. Grudden olhando em volta.

- Na segunda-feira vou ler-lhes uma nova peça - anunciou Mr. Crummles. - O título ainda se não sabe, mas toda a gente terá um bom papel. Mr. Johnson terá esse cuidado.

- Mas então - exclamou Nicholas, estarrecido. - Eu.

- Segunda-feira de manhã - repetiu Mr. Crummles, levantando a voz para abafar a advertência do infeliz Mr. Johnson

-estarão aqui, senhoras e senhores.

As senhoras e senhores não precisaram de segundo aviso para se porem a andar, e em poucos minutos o teatro ficou deserto, com excepção da família Crummles, de Nicholas e de Smike.

- Palavra - respingou Nicholas, tomando o empresário de lado - não creio que tenha tempo para segunda-feira.

- Ora, ora! - disse Mr. Crummles.

- Mas realmente não posso - declarou Nicholas. - A minha invenção não está habituada a estes pedidos.

- Invenção! O que diabo vem para cá fazer isso? - gritou o empresário.

-Tudo, meu caro senhor!

- Nada, meu caro senhor - retorquiu o homem com evidente impaciência. - Sabe francês?

- Perfeitamente!

- Admirável - disse o empresário, abrindo a gaveta da mesa e tirando um rolo de papéis, que deu a Nicholas. - Aí tem! Traduza isso para inglês e ponha o seu nome

na página da frente. Diabos me levem - acrescentou Mr. Crummles zangado - se o não tinha feito há mais tempo se tivesse na companhia um homem ou uma mulher que dominasse a língua e pudesse ler o original para poder ser representado em inglês!

Nicholas sorriu e meteu a peça na algibeira.

- O que vai fazer sobre os seus alojamentos? - inquiriu Mr. Crummles.

Nicholas não pode deixar de pensar que, para a primeira semana seria uma invulgar conveniência arranjar uma cama na plateia, mas limitou-se a observar não ter ainda pensado nisso.

- Então venha para amanhã, - ofereceu Mr. Crummles

-e os meus rapazes podem ir consigo depois do jantar mostrar-lhe os melhores sítios.

A oferta não era de recusar; Nicholas e Mr. Crummles deram o braço a Mrs. Crummles e subiram a rua em majestosa ordem, Smike, os rapazes e o fenómeno, foram para casa por

um caminho mais curto, e Mrs. Grudden ficou para trás para comer um estufado frio à irlandesa e beber um copo de cerveja na bilheteira do teatro.

Mrs. Crummles pisava a calçada como se fosse para a forca com a consciência tranquila. Mr.

Cnumres assumiu um ar de déspota, mas foram ambos reconhecidos por muitas

pessoas que passavam. O par vivia em St. Thomas Street, na casa dum piloto chamado Bulph.

- Seja bem-vindo - disse Mrs. Crummle, voltando-se para Nicholas quando chegaram à casa da frente, que tinha uma sacada envidraçada de forma redonda.

Nicholas curvou-se num agradecimento e sentiu-se verdadeiramente contente por ver a mesa posta.

- Só temos sopa de carne com molho de cebolas - informou Mrs. Crummles numa voz sepulcral - mas, tal como é, pedims-lhe que compartilhe do nosso jantar.

- A senhora é muito boa - disse Nicholas - e eu far-lhe-ei todas as honras.

- Vincent - perguntou a Mrs - que horas são?

- passam cinco minutos da hora de jantar - respondeu Mr. Crummles.

Mrs. Crummles tocou a campainha.

-Ponha o carneiro e o molho de cebolas na mesa. A escrava que servia os hóspedes de Mr. Bulph desapa receu para tornar a aparecer depois dum curto intervalo, com

o banquete. Nicholas e a criança fenómeno ficaram em frente um do outro à mesa de Pembroke, o Smike e os Misterys jantaram num sofá-cama.

- A gente daqui é do teatro? - inquiriu Nicholas.

- Não - replicou Mr. Crummles, abanando a cabeça. Muito longe. muito longe!

- Tenho pena deles - observou Mrs. Crummles.

- Também eu - opinou Nicholas - se não têm gosto pelos entretenimentos teatrais.

- Não têm nenhum, sir - retorquiu Mr. Crummles. - No benefício do fenómeno, o ano passado, na ocasião em que ela repetia três dos nossos mais populares caracteres

e aparecia também na Fairy Porcupineii, houve casa que não rendeu mais de quarenta e oito libras.

- Será possível? - exclamou Nicholas.

- E duas libras dessas foram a crédito, papá - lembrou o fenómeno.

- E duas libras foram a crédito - repetiu Mr. Crummles. Mrs. Crummles representou por puro prazer.

- Mas há sempre um auditório agradável - comentou a mulher do empresário.

- Há muitos ouvintes, quando têm bom desempenho. verdadeiro bom desempenho. uma coisa verdadeira - retorquiu Mr. Crummles com violência.

- Dá lições, ma'am - perguntou Nicholas.

- Dou - respondeu Mrs. Crummles.

-Suponho não haver ensino por aqui.

-Houve - informou Mrs. Crummles. - Tenho recebido aqui alunos. Dei instrução à filha do fornecedor de navios mes verificou-se que ela era anormal quando veio a primeira vez. Foi muito extraordinário ter vindo em tais circunstâncias.

Não tendo a absoluta certeza disso, Nicholas achou melhor calar-se.

- Deixe-me ver - disse o empresário, cogitando depois do jantar. - Gostaria de desempenhar um pequeno papel bonito com a criança?

- O senhor é muito amável - respondeu Nicholas apressadamente - mas julgo melhor trabalhar com alguém do meu tamanho, no caso de me mostrar desajeitado. Parece-me que me sentiria mais à vontade.

- Tem razão - retorquiu o empresário. - Talvez, e depois chegará a ocasião de contracenar com ela.

- Certamente - replicou Nicholas, esperando que se passasse muito tempo antes de ser honrado com tal distinção.

-Então vou-lhe dizer o que vamos fazer. Estudarei o papel de Romeu quando tiver feito essa peça. A

propósito, não se esqueça de lá meter a bomba e os tubos. Julieta é Miss Snellicci, a velha Grudden, a ama. Sim, assim está bem. O Rover também. o senhor podia animar o Rover enquanto estiver ocupado com isso, e Cassio e Jeremy Diddler. O senhor facilmente pode atirá-los a terra: um papel ajuda bastante o outro. Aqui estão os papéis e o resto.

Com estas rápidas instruções Mr. Crummles atirou para as mãos de Nicholas uma quantidade de livrinhos e, pedindo ao filho mais velho para ir com ele e mostrar-lhe onde eram os alojamentos, apertou-lhe a mão e desejou-lhe boa-noite.

Em Portsmouth não havia falta de quartos confortavelmente mobilados, nem dificuldade em encontrar alguns proporcionados às mais magras finanças, mas os primeiros eram bons demais e os outros maus demais, portanto Nicholas começou a pensar seriamente em pedir licença para passar a noite no teatro. Contudo acabaram por dar com dois pequenos quartos num terceiro andar, por cima duma tabacaria, em Common Hard, uma rua suja que ia dar às docas. Nicholas alugou-os muito feliz por não lhe pedirem o pagamento antecipado duma semana.

-Irra! Descarrega a bagagem, Smike - convidou ele depois de ter acompanhado o jovem Cnles à escada. Vivemos em tempos estranhos e só Deus sabe o fim deles. Mas estou cansado com os acontecimentos destes três dias e as reflexões ficam para amanhã... se puder!

#### Capítulo XXIV

O benefício de Miss Snelliccz e a primeira apresentação de Nicholas no palco

Pela manhã cedo já Nicholas estava levantado, mas mal tinha começado a vestir-se quando ouviu passos a subirem as escadas, sendo saudado por Mr. Folair, o pantomineiro, e Mr. Lenville, o dramaturgo.

- Lar! lar! lar! - exclamou Mr. Folair.

- Malditos sejam estes tipos - pensou Nicholas. - Suponho que vêm ao cheiro do pequeno almoço. Abro-lhes daqui a pouco a porta, se esperarem um instante.

Os cavalheiros disseram-lhe para se não apressar e, como meio de passarem o tempo, puseram-se a esgrimir com as bengalas no pequeníssimo patamar, incomodando os hóspedes de baixo.

- Podem entrar - avisou Nicholas quando acabou de se arranjar. - Em nome de tudo o que há de mais horrível acabem com esse barulho!

- Que invulgar caixinha tão apertada - comentou Mr. Lenville, entrando no quarto da frente e tirando o chapéu antes de ver que o tecto lhe não consentia este gesto de delicadeza. Que buraco!

-Para um homem com o prazer da comodidade é uma brincadeira ser pequeno demais - ripostou Nicholas. - Há uma grande conveniência em poder chegar a qualquer coisa que se queira, do tecto ou do chão, ou de qualquer lado do quarto, sem sair da cadeira, vantagens estas que só podem ter os quartos de tamanho limitado.

-Não é por demais reduzido para um homem solteiro

- retorquiu Mr. Lenville. - Isto lembra-me. a minha mulher, Mr. Johnson. terá algum papel bom nesta sua peça?

-A noite passada dei uma vista de olhos pelo exemplar francês - confessou Nicholas. - Parece-me que deve ser muito boa.

- O que pensa dar-me, caro amigo? - perguntou Mr. Lenville, atijando o lume com a bengala e limpando-a depois à aba do casaco. - Qualquer coisa de áspero e grosseiro?

-Você põe a sua mulher e o seu filho mais novo fora de casa - anunciou Nicholas - e num acesso de raiva e de ciúme apunhala o seu filho mais velho na biblioteca.

- Ainda que isso me desagrade - exclamou Mr. Lenville - é um belo papel.

- Depois - continuou Nicholas - é perseguido pelos remorsos até ao último acto, quando se prepara para se matar. Mas quando está a levar a pistola à cabeça, um relógio



dá horas. dez.

- Compreendo - comentou Mr. Lenville - muito bom.

- Pára - prosseguiu Nicholas - lembra-se de ter ouvido

um relógio bater as dez horas na sua infância. A pistola cai-lhe da mão... está vencido. Desfaz-se em lágrimas e torna-se depois pessoa exemplar e virtuosa para sempre.

-Excelente! - exclamou Mr. Lenville. - uma carta certa! Se o pano descer com um toque tão natural como será um sucesso triunfante.

Há qualquer coisa boa para mim? - inquiriu Mr. Folair, ansiosamente.

- Deixe-me ver - disse Nicholas. - O senhor faz de criado fiel e afeiçoado; é posto fora com a esposa e a criança.

- Sempre ligado a esse infernal fenómeno - suspirou Mr. Folair - e suponho que vamos para alojamentos pobres, onde não recebo qualquer salário mas onde há sentimentalismo?

- Ah! sim! - respondeu Nicholas. - É esse o decorrer da peça.

Preciso ter uma dança de qualquer género, bem sabe.

- objectou Mr. Folair. - Terá de introduzir uma pára o fenómeno, assim será melhor fazer um Fas de deur e poupa tempo.

- Nada mais fácil - observou Mr. Lenville, espiando os olhares perturbados do jovem dramaturgo.

- Palavra que não vejo como se há-de encaixar isso - ripostou Nicholas.

- O quê! Não é claro? - raciocinou Mr. Lenville. - Abençoado seja o Senhor! Quem não vê a forma de o fazer? Agarra na aflita senhora na criancinha e no fiel servo e põe-nos nuns alojamentos pobres, não é verdade? A desgraçada senhora cai numa cadeira e esconde a cara num lenço. Porque está a chorar mamã?, pergunta a criatura.

Não chore, mamã, se não também eu choro! E eu! declara o criado, esfregando os olhos com o braço. O que é que lhe pode levantar o moral, querida mamã?. O que podemos nós fazer?

Oh! Pierre! exclama a aflita senhora, Como posso eu afastar estes dolorosos pensamentos!

Experimente-me, ma'am, experimente-me, convida o fiel criado, Lembras-te daquela dança, meu leal amigo, que em dias mais felizes dançaste com este querido anjo?

Nunca deixou, então, de me acalmar o espírito. Que eu a veja ainda uma vez antes de morrer! eles começam, parece-me a coisa mais natural, não é, Tommy?

- mesmo - replicou Mr. Folair. - A pobre senhora, ven cida por antigas recordações, desmaia no fim da dança e aí tem um quadro.

Aproveitando estas e outras lições, resultado da experiência pessoal de dois actores, Nicholas de boa vontade lhes deu o melhor pequeno almoço que pôde e quando, por fim se viu livre deles, atirou-se ao trabalho, não se sentindo, de forma alguma, descontente por ver que era muito mais fácil do que ao princípio supusera. Trabalhou afincadamente todo o dia e só deixou o quarto à noite, quando foi para o teatro, onde se dirigira Smike antes dele.

As pessoas aqui tinham mudado muito: Mr. Lenville era um guerreiro prometedor; Mr. Crummles um bandido highland; um dos velhos cavaleiros, um carcereiro e o outro um venerável patriarca; o cómico, um combatente de grande valor; cada um dos Mistrs Crummles um príncipe com as suas prerrogativas e o triste enamorado, um desalentado cativo. Estava pronto um banquete para o terceiro acto, consistindo em duas taças de sir-tafl, um prato de bolaches, uma garrafa preta e um galheteiro.

Nicholas estava em pé, com as costas para o pano, contemplando a primeira cena, que constava duma arcaria gótica, coisa de dois pés mais baixa que Mr. Crumxnlles

e pela qual ele tinha de entrar. O empresário acercou-se familiarmente dele e perguntou-lhe:

- Já estive lá fora, esta noite?

- Não - protestou Nicholas. - Ainda não Vou ver o espectáculo!

- Tivemos uma venda excelente - declarou Mr. Crummles.

- Quatro lugares do centro na primeira fila e todo o camarote de boca!

- Oh! Na verdade! - exclamou Nicholas. - Uma família, suponho eu?

- Sim - replicou Mr. Crunles - Sim. É uma coisa comovedora. São seis crianças e não vêm a não ser quando o fenómeno representa.

Teria sido difícil para alguém ir ao teatro numa noite em que o fenómeno não representasse, pois todas as noites fazia, pelo menos, um papel quando não dois e três.

Mes Nicholas, simpatizando com os sentimentos dum pai, não se permitiu referir-se a esta circunstância e Mr. Crummles continuou a conversar, ininterruptamente, com ele:

- Seis - repetiu este cavalheiro - pai e mãe, oito, tia, nove, governanta dez, a avó e o avô, doze.

Depois há o lacaio que fica de fora com um cesto de laranjas

e um tabuleiro de torradas e água, vendo o espectáculo de graça pelo vidro da almofada da porta do camarote. é barato por um guinéu eles ganham ficando com o camarote.

- Espanta-me como o senhor permite tanto - observou Nicholas.

- Não há outro remédio - retorquiu Mr. Crunles. Isto espera-se sempre no campo. Se há seis crianças aparecem seis pessoas para as fazerem entrar. Um camarote de família leva sempre o dobro. Toque para a orquestra, Grudden.

A amável senhora assim o fez e daí a pouco os três rabequistas faziam-se ouvir. Isto prolongou-se até se supor que a paciência do público aguentaria, pondo-se depois

um moço com outro toque de campainha, que, sendo o sinal de convenção, fez a orquestra tocar uma variedade de canções populares com involuntárias variações.

Miss Snevellicci saiu do camarim do empresário em toda a glória da musselina branca com uma orla dourada; Mrs. Crummles era a digna esposa dum bandido; Miss Bravassa

era a amiga confidente de Miss Snevellicci; e Miss Belvawney um pajem vestido de seda branca, fazendo o seu dever em toda a parte, e aspirando a viver e a morrer

ao serviço de toda a gente. A acção era muitíssimo interessante. Não pertencia a uma determinada época, povo ou país e era isso, talvez, o mais delicioso; e ninguém

era capaz de prever o desenrolar da peça. Um bandido, tendo sido bem sucedido nas suas proezas, vem para casa em triunfo, ao som de gritos e das rabeças, para cumprimentar

a esposa, uma senhora de intelecto masculino, falando muito dos ossos do pai, que pareciam estar insepultos, não se sabendo se por um gosto do velho senhor, ou por

negligência dos parentes. A esposa do bandido estava em ligação com um patriarca que vivia num castelo distante e era pai de várias das personagens, mas não sabia

exactamente de quais, desconhecendo se trouxera para o castelo os verdadeiros ou os falsos filhos, mas estando inclinado para esta última hipótese; sentindo-se constrangido,

resolveu aliviar o espírito dando um banquete, durante o qual, alguém metido numa capa, avisou Cautela!; este alguém era de todos desconhecido, excepto do público,

até mesmo do bandido, que viera ali por razões inexplicadas, mas possivelmente com o olho nas colheres. Havia uma agradável surpresa em certas cenas de amor entre

o atormentado cativo e Miss Snevellicci, e o cómico combatente e Miss Bravassa. além disso Mr. Lenville tinha várias cenas trágicas na escuridão, todas frustradas

pela habilidade e bravura do cómico combatente e pela intrepidez de Miss Snevellicci, que recompensava a prisão do seu cativo namorado com um cesto de mantimentos

e uma lanterna de furta-fogo. Por fim sabe-se que foi o patriarca quem tratou os ossos do sogro do bandido com muito desrespeito, por cuja causa e razão a esposa

do bandido aparece no castelo para o matar, e como isto é tentado num aposento às escuras, origina uma grande confusão, com tiros de pistola, perdas de vida e luzes

de tocha. Depois disto vem o patriarca, que já sabe tudo acerca dos filhos, para casar a gente nova, achando a ocasião óptima, e para isso une-lhes as mãos, com

o pleno consentimento do infatigável pajem- que é um dos poucos sobreviventes- aponta com o chapéu para as nuvens, invocando uma benção e faz sinal para o pano descer,

o que se efectuou no meio de geral aplauso.

- O que pensa disto? - perguntou Mr. Crunles quando Nicholas voltou para o palco, muito

encarnado e cheio de calor por os seus bandidos serem rapazes danados para berrar.

- Parece-me que, na verdade, foi excelente! - respondeu Nicholas. - Miss Snevellicci, em especial, foi invulgarmente bem.

- um génio - afirmou Mr. Crummles - um perfeito génio,

essa rapariga. A propósito, tenho estado a pensar em levar aquela sua peça na noite do benefício.

- Quando? - interrogou Nicholas.

- Na noite do benefício dela, na noite do seu espectáculo, quando os amigos e protectores pedirem a representação - informou Mr. Crummles.

- Certamente! - disse Nicholas.

- Está a ver - continuou Mr. Crummles - numa tal ocasião há a certeza de se poder ir para cantar e mesmo que se não trabalhe completamente como se espera, o risco será dela e não nosso.

- O seu, quer dizer! - observou Nicholas.

- Eu disse o meu, não disse? - retorquiu Mr. Crummles.

- Na segunda-feira da próxima semana. O que diz? O senhor faz a peça e tem a certeza de estar bem dentro do papel de namorado muito antes desse dia.

- Nada sei sobre o muito antes - replicou Nicholas - mas por essa ocasião penso poder comprometer-me a estar preparado.

- Muito bem - prosseguiu Mr. Crummles - então damos o caso por resolvido. Agora quero falar-lhe duma outra coisa. Nestas representações há umas pequenas solicitações, digamos assim.

- Entre os protectores, suponho eu? - perguntou Nicholas.

- Entre os protectores, mas o facto é que a Snevellicci tem tido tantos benefícios nesta terra, que precisa duma atracção. Teve um benefício quando lhe morreu a madrastra, outro quando lhe morreu o tio; Mrs. Crummles e eu tivemos benefícios no aniversário do fenómeno, no aniversário do nosso casamento e em ocasiões parecidas, por isso, de facto, há certa dificuldade em arranjar uma boa atracção. Quer o senhor ajudar esta pobre rapariga, Mr. Johnson? - perguntou Crummles, sentando-se em cima dum tambor e tomando uma grande pitada de rapé, com os olhos fixos em Nicholas.

- O que quer dizer?

- Não lhe parece que pode perder meia hora amanhã de manhã para ir com ela a casa de uma ou duas pessoas principais? - murmurou o empresário num tom persuasivo.

- Oh, meu Deus! - exclamou Nicholas, com um ar de fortíssima objecção. - Não gostaria de fazer semelhante coisa.

- A mãe acompanha-a - explicou Mr. Crummles. O momento foi-me sugerido e eu dei a licença para a criança ir. Não haveria absolutamente nada de impróprio - Miss Snevellicci, sir, é a verdadeira personificação da honra. Seria um serviço natural o cavalheiro que vem de Londres, autor da nova peça e actor na nova peça, fazer a primeira apresentação em qualquer das qualidades. Isso mobilizaria uma grande enchente, Mr. Johnson.

- Pesa-me ter que deitar um balde de água fria sobre os protectores de alguém, especialmente duma senhora - explicou

Nicholas - mas realmente oponho-me a fazer parte dum grupo que vai fazer pedidos.

- O que diz Mr. Johnson, Vincent? - inquiriu uma voz perto do seu ouvido; olhando para o lado viu Mrs. Crummles e a própria Miss Snevellicci por detrás de si.

- São as objecções, minha querida. - respondeu Mr. Snevellicci, olhando para Nicholas.

- Objecções - exclamou Mrs. Crummles. - É lá possível?

- Oh, que não! - disse Miss Snevellicci. - O senhor não pode ser tão cruel. Oh, meu Deus. Bem, eu, agora isso depois de ter alimentado a esperança!

- Mr. Johnson não persistirá, minha querida - tranquilizou Mrs. Crummles. - Julgue-o melhor do que ele se supõe. Galantaria, humanidade, todos os velhos sentimentos da sua natureza têm de ser recrutados em prol desta interessante causa, Que entenece mesmo um

empresário - afirmou Mr. Crummles.

- E a mulher dum empresário - acrescentou Mrs. Crumles com a sua habitual voz de tragédia. - Vamos, vamos, o senhor comove-se! Sei que svn.

- Não está no meu modo de ser - informou Nicholas comovido por estes apelos - resistir a qualquer pedido, a não ser que seja para fazer alguma coisa positivamente prejudicial. Além dum sentimento de orgulho não sei de coisa alguma que me impeça de aceder. Não conheço aqui ninguém, nem ninguém me conhece. Seja! Então, assim, rendo-me!

Miss Snevellicci corou imediatamente e desfez-se em expressões de gratidão, de que também não foram parcos Mr. e Mrs. Crummles. Ficou combinado que Nicholas iria ter com ela, ao seu alojamento, às onze horas da manhã, e em seguida separaram-se: ele para regressar a casa, para a sua peça; Miss Snevellicci para se vestir para o após peça; e o desinteressado empresário e a esposa para discutirem os prováveis ganhos do futuro benefício, do qual teriam dois terços dos proventos por solene tratado de convenção.

À hora estipulada da manhã seguinte, Nicholas apareceu no alojamento de Miss Snevellicci, situado na Lombard Street, em casa dum allaiate. Um forte cheiro a ferro invadiu o pequeno corredor logo que a filha do alfaiate abriu a porta.

- Miss Snevellicci mora aqui? - perguntou Nicholas quando lhe abriram a porta.

A filha do alfaiate respondeu afirmativamente.

-Quer ter a bondade de lhe dizer que Mr. Johnson está aqui?

- Tem de subir, se faz favor! - replicou a filha do alfaiate com um sorriso.

Nicholas seguiu a jovem e entrou num pequeno aposento do primeiro andar, comunicando com um quarto des traseiras, no qual, a julgar por umas tilintadelas abafadas, Miss Snevellicci estava a tomar o pequeno almoço na cama.

- Tem de esperar se faz favor - disse a filha do alfaiate

depois dum curto período de ausência, durante o qual as tilintadelas no quarto haviam cessado, substituídas por um segredar. - Ela não demora!

Enquanto falava levantou o estore da janela, tendo por este modo distraído a atenção de Mr. Johnson do quarto para a rua, e apanhou alguns artigos que estavam a arejar e saindo depois.

Não vendo coisas interessantes na rua, Nicholas voltou os olhos para o quarto. Num sofá estava uma velha viola e vrias músicas, papelotes em desordem, junto com um confuso monte de programas e um par de sapatos verde e branco com rosetas azuis, muito sujas. Pendente das costas duma cadeira estava um avental de musselina, meio acabado. A um canto estavam umas pequenas botas amarelas, que Miss Snevellicci costumava usar quando fazia de jockey.

Mas o objecto mais interessante era, talvez, um álbum aberto em cima da mesa, no qual havia várias críticas da representação de Miss Snevellicci, extraídas de diversos jornais da província, juntamente com uns versos feitos em sua honra, começando:

Canta, Deus do Amor e explica-nos a razão

por que veio da terra Snevelliccz, esta mega ilusão, Encantando-nos com o seu sorriso, olhares e ais.  
. Canta, Deus do Amor, não nos faças sofrer mais!

Além desta efusão havia inumeráveis alusões complementares, também extraídas de jornais, tais como - Soubemos por um anúncio publicado noutra página do nosso jornal de hoje, que a encantadora e muito talentosa Miss Snevellicci faz o seu benefício na quarta-feira, para cuja ocasião vai ter um programa que deve despertar o riso no peito dum misantropo. Confiando que os nossos concidadãos não tenham perdido a percepção das aptidões públicas e do mérito particular, qualidades em que tanto se tem sempre distinguido, predizemos que esta encantadora actriz será saudada por uma casa à cunha. Aos nossos correspondentes - J S. está mal informado supondo que a muito talentosa e bonita Miss Sneveuccici, que à noite cativa os nossos corações no seu lindo e

cómodo teatrinho, não é a mesma senhora a quem ultimamente fez honrosas propostas o jovem cavalheiro de imensa fortuna residindo num raio de cem milhas da cidade de York. Temos razões para saber que Miss Snevellicci é a senhora que foi implicada nesse romântico e misterioso assunto e cuja conduta nessa ocasião não menos honrou a sua cabeça e o seu coração do que os triunfos do seu brilhante génio. Uma copiosa variedade de períodos, tais como est, com compridos benefícios, todos encabeçados por letras maiúsculas, formavam o principal conteúdo do álbum de Miss Snevellicci.

Nicholas leu uma quantidade destes extractos e estava absorvido melancolicamente no decorrer dos acontecimentos que haviam levado Miss Snevellicci a torcer o tornozelo por ter escorregado numa casca de laranja deitada por um monstro com forma humana - assim dizia o jornal - para o palco de Peter, quando esta mesma jovem, com um chapéu parecido com um cesto de carvão e um vestido de passeio, entrou no quarto, pedindo mil desculpas por o ter detido tanto tempo depois da hora combinada.

- Mas na verdade - explicou Miss Snevellicci - a minha querida Ired, com quem vivo aqui, esteve tão doente esta noite, que julguei que me ia expirar nos braços.

- Um tal destino é quase para ser invejado - retorquiu Nicholas. - No entanto, sinto bastante o facto.

- Como o senhor é lisonjeiro! - comentou Miss Snevellicci, abotoando a luva com muita confusão.

- Se é lisonja admirar os seus encantos e perfeições - observou Nicholas, pondo a mão em cima do álbum - a senhora tem aqui melhores espécimes.

- Cruel criatura, a ler coisas como essas! Estou quase envergonhada em olhá-lo - confessou Miss Snevellicci, agarrando no livro e pondo-o num armário. - Como a Led é descuidada! Como se pode ser tão travessa?

- Pensava que a senhora o tinha amavelmente deixado aqui para eu o ler - disse Nicholas.

- Por nada na vida lho teria mostrado - replicou Miss Snevellicci. - Nunca me senti tão vexada... nunca! Mas ela é uma pessoa tão descuidada que não nos pode inspirar confiança.

A conversa foi interrompida neste ponto pela entrada do fenómeno, que discretamente se deixara ficar na cama até este momento e se apresentava com muita graça e leveza, trazendo na mão uma pequena sombrinha verde, com uma larga franja por guarnição, e sem cabo. Depois duma breve troca de palavras saíram.

O fenómeno era uma companhia bastante maçadora pelos vários acidentes sucedidos durante o caminho com as suas peças de vestuário, mas como era a filha do empresário,

Nicholas levou tudo com bom humor e continuou a andar de braço dado com Miss Snevellicci dum lado e a criança do outro.

A primeira casa onde foram era dum tal Mr. Crudle. Depois de Miss Snevellicci ter batido à porta, apareceu um mandarete que, em resposta à pergunta da actriz, disse não saber se Mrs. Crudle estava em casa, e mandou-os entrar para a sala de espera, até que por fim reapareceu pedindo para Miss Snevellicci esperar.

As pessoas melhor informadas supunham Mrs. Crudle perfeitamente integrada no gosto londrino da literatura e do drama. Mr. Crudle, que havia escrito um folheto de sessenta e

quatro páginas sobre o papel da ama do falecido marido no Romeu e Julieta, onde provava que, alterando o modo de pontuação em qualquer das peças de Shakespeare lhe deturpava o sentido, era tido como um grande crítico, um profundo pensador e muitíssimo original.

- Então como passa, Miss Snevellicci? - perguntou Mrs. Crudle, entrando na sala.

Miss Snevellicci fez uma graciosa reverência e esperava que Mrs. Crudle estivesse de saúde, assim como Mr. Crudle que apareceu nesta ocasião. Mrs. Crudle estava

envolta num roupão com uma pequena touca no alto da cabeça. Mr. Crudle usava um roupão solto nas costas e tinha o indicador da mão direita na testa, como os retratos

de Sterne, com quem alguém dissera que ele possuía impressionantes semelhanças.

- Tomei a liberdade de vir com o intuito de pedir a sua cooperação para o meu benefício, maam -

disse Miss Snevellicci mostrando os predicados.

- Óh, realmente não sei o que dizer - respondeu Mrs. Curdle. - Não é o mesmo como quando o teatro estava nos seus dias de glória. - não precisa estar em pé, Miss Snevellicci

- o drama morreu. positivamente, morreu!

- Como uma delicada materialização das visões dos poetas e uma realização da intelectualidade humana, dourando com refulgente luz os nossos momentos sonhadores, expostos num mundo novo e mágico perante a nossa mentalidade, o drama morreu, positivamente morreu - acrescentou Mr. Curdle.

- Que homem há agora vivo, que possa apresentar perante nós todas aquelas cores prismáticas e mutáveis com as quais o papel de Hamlet está escrito? - exclamou Mrs. Curdle.

- Que homem, na verdade. no palco? - perguntou Mr Curdle, com uma pequena reserva para si próprio. - Hamlet! Ridículo! O Hamlet positivamente desapareceu!

Completamente vencidos por estas sombrias reflexões, Mr. e Mrs. Curdle suspiraram e não falaram algum tempo. Por fim, a senhora, voltando-se para Miss Snevellicci, perguntou-lhe que peça propunha levar.

- Uma peça absolutamente extraordinária, cujo autor é este senhor e na qual ele entra, sendo a sua estreia no palco. O nome deste senhor é Mr. Johnson.

-Espero que tenha o uma certa harmonia, sir

- disse Mr. Curdle.

- A peça original é francesa - informou Nicholas. - Há abundância de incidentes, diálogos brilhantes, personagens fortemente marcadas.

-Tudo inútil sem uma estreita observância de relações, sir - objectou Mr. Curdle. - Antes de tudo as identidades do drama.

- Posso perguntar-lhe - inquiriu Nicholas, hesitando entre o respeito que devia manter e o seu amor pelo fantástico - a que relações se refere?

Mr. Curdle tossiu e considerou.

- As relações, sir - explicou ele - são um complemento, uma espécie de junção universal com vista ao lugar e ao tempo... um género duma indivisão geral, se posso permitir-me esta expressão tão forte. Tenho estas como sendo as relações dramáticas, tanto quanto a atenção que me tem sido permitido dar-lhes e pelo muito que tenho lido e pensado. Recordando as representações desta criança - continuou Mr. Curdle, voltando-se para o fenómeno - acho uma relação de sentir, uma largueza de vistas, uma luz e sombra, uma colaboração forte, um tom, uma harmonia, uma ardência, um desenvolvimento artístico de concepções originais, as quais procuro em vão entre esecutantes mais velhos. Não sei se me fiz entender.

- Perfeitamente - garantiu Nicholas.

-Pois é essa a minha definição das relações do drama - disse Mr. Curdle, puxando o lenço do pescoço para cima. Mrs. Curdle escutara com muita complacência esta lúcida

explicação. Acabada ela perguntou a Mr. Curdle o que pensava sobre inscrever os seus nomes.

- Não sei, minha querida! Palavra que não sei! - afirmou Mr. Curdle. - Se os inscrevermos deve-se entender implicitamente que não nos comprometemos pela qualidade

dos desempenhos. O mundo tem de saber que não damos a sanção dos nossos nomes, e que conferimos a distinção meramente a Miss Snevellicci. Ficando isto claramente

indicado como uma obrigação de não devermos estender a nossa protecção a um palco sem classe, mesmo por amor das coisas a que está ligado. Pode trocar-me dois xelins

e seis pence por meia coroa, Miss Snevellicci? - perguntou Mr. Curdle, apresentando quatro destas moedas.

Miss Snevellicci procurou em todos os cantos da bolsa cor de cravo, mas não havia nada em qualquer deles. Nicholas murmurou uma graça a propósito dele ser o autor e pensou ser melhor não procurar nas algibeiras.

- Deixe-me ver - disse Mr. Curdle - duas vezes quatro são oito. quatro xelins uma cadeira para os camarotes, Miss Snevellicci, é excessivamente caro no presente estado do drama; três meias coroas são sete xelins e meio; não questionamos por seis pence, julgo eu. Seis pence não têm importância, pois não, Miss Snevellicci?

A pobre Miss Snevellicci recebeu as três meias coroas com muitos sorrisos e reverências, e Mrs. Curdle, juntando várias indicações suplementares relativas à reserva dos lugares, à limpeza das cadeiras e ao envio de dois programas, tão depressa saísem, tocou a campainha como um sinal para o fecho da conferência.

- Que gente tão singular! - comentou Nicholas, quando saíram da casa.

-Asseguro-lhe - replicou Miss Snevellicci, agarrando-lhe no braço- que me sinto muito feliz por não ficarem a dever todo o dinheiro em vez de serem só os seis pence.

Agora se

o senhor for bem sucedido, darão a entender a toda a gente que o têm sempre patrocinado mas se o senhor falhar, afirmam ter tido a certeza disso desde o princípio.

Na próxima casa que visitaram tiveram pouca sorte, pois viviam lá seis crianças entusiastas das actuações do fenómeno, as quais, sendo crianças, manifestaram a este as suas atenções conforme a idade.

-Certamente persuadirei Mr. Borum a ficar com um ca marote - informou a dona da casa, depois duma atenciosíssima recepção. - Levarei apenas duas crianças e o resto do grupo será composto por cavalheiros. . seus admiradores, Miss Snevellicci. Augustus, seu travesso, deixe a menina sossegada!

Esta advertência era dirigida a um homenzinho que belis cava o fenómeno pela parte de trás para ter a certeza se a criança era verdadeira.

- Estou convencida de que deve estar muito cansada - disse a mamã, voltando-se para Miss Snevellicci. - Não posso pensar em deixá-la sair sem primeiro tomar um copo de vinho! Irra, Charlotte, estou envergonhada contigo! Miss Lane, minha querida, peço para olhar pelas crianças!

Miss Lane era a governanta e esta recomendação tornava-se necessária em vista do inopinado procedimento de Miss Borum, que, tendo-se apropriado da pequena sombrinha verde do fenómeno, estava a brincar com ela, enquanto a pobre criança olhava muito atrapalhada.

-Tenho a certeza de nunca ter visto representar como a senhora - afirmou a bem humorada Mrs. Borum, voltando-se outra vez para Miss Snevellicci. -Não posso compreender...

Emma, não estejas assim embasbacada. como ri numa peça e chora na outra, e sempre tão natural em tudo. Oh, meu Deus!

-Tenho muito prazer em ouvi-la exprimir uma opinião tão favorável - agradeceu Miss Snevellicci. - É um prazer saber que gosta da minha forma de representar.

- Gostar? - exclamou Mrs. Borum. - Quem pode deixar de gostar? Se pudesse ia duas vezes por semana ao teatro. Sou doida por ele. apenas, a senhora algumas vezes chega a abalar-me! Põe-me em tal estado. as suas cenas de choro! Deus seja louvado, Miss Lane, como pode consentir que eles atormentem assim essa pobre criança?

O fenómeno, de facto, estava em risco de ser despedaçado membro a membro pelos endiabrados rapazes, que o puxavam em diferentes direcções, como se fosse uma prova de resistência. Miss Lane estava muito ocupada em contemplar os actores mais crescidos para prestar atenção a uma coisa que felizmente, não teve consequências.

Foi uma manhã trabalhosa pelas muitas visitas a fazer e aturar os diversos desejos e gostos de cada uma das pessoas. Por fim, a e pouco e pouco, omitindo uma coisa aqui e acrescentando outra acolá, Miss Snevellicci empenhou-se em compor um programa que fosse bastante compreensivo, ainda que não

tivesse outro mérito, incluía entre outras ninharias, quatro peças, diversas canções, uns poucos de combates e várias danças, e voltaram para casa muitíssimo exaustos com o seu trabalho.

Nicholas atirou-se à peça, que foi rapidamente posta em ensaio e depois estudou com grande

perseverança o seu papel e desempenhou-o - como toda a companhia dizia - na perfeição. O grande dia chegou por fim. O pregoeiro, armado numa campainha, percorreu as ruas a anunciar o espectáculo. Foram postos cartazes em todas as direcções.

Foram também colados às paredes, embora sem um grande sucesso, por o ofício ter sido desempenhado por um analfabeto, durante a indisposição do habitual colador de cartazes, dando como resultado ficar uma parte posta de lado e outros de cabeça para baixo.

As cinco e meia houve uma corrida de quatro pessoas para a porta da galeria; a um quarto para as seis as pessoas eram, pelo menos, uma dúzia; às seis horas os pontapés eram terríveis; e quando o mais velho dos Mistery Crummles abriu a porta, foi obrigado a recuar para salvar a vida. Nos primeiros dez minutos foram cobrados quinze xelins por Mrs. Crudden.

Por detrás do palco, a mesma excitação. Miss Snevellicci transpirava tanto que a pintura mal se retinha na cara; Mrs. Crunzles estava tão nervosa que quase se não recordava do papel. Os caracóis de Miss Bravassa desfizeram-se com o calor e a excitação; mesmo o próprio Mr. Crummles se pôs a espiar por um buraco do pano e corria para a rectaguarda, de vez em quando, para anunciar a chegada doutro homem à plateia.

Por fim, a orquestra foi-se embora e o pano subiu para a nova peça. A primeira cena, em que não havia ninguém de especial, passou-se bastante calmamente, mas quando Miss Snevellicci entrou na segunda, acompanhada pelo fenómeno a fazer de sua filha, o teatro veio abaixo com os aplausos! A gente do camarote do Borum levantou-se como um só homem, acenando com os chapéus e os lenços e berrando < Bravo! Mrs. Borum e a governanta atiraram com grinaldas para o palco, caindo algumas nas lâmpadas e outra foi bater na cabeça dum senhor gordo da plateia que, estando a olhar entusiasmado para a cena, não deu pela honra que lhe faziam. O alfaiate e a família davam tantos pontapés nas almofadas dos camarotes superiores, que ameaçavam vir todos juntos parar cá abaixo. O próprio rapaz do ginger-beer ficou atravessado no meio da casa. Um jovem oficial, que se supunha alimentar uma paixão por Miss Snevellicci, pôs o monóculo no olho para esconder uma lágrima. Miss Snevellicci cada vez se curvava mais em reverências e cada vez mais os aplausos se faziam ouvir. Por fim, quando o fenómeno apanhou uma das grinaldas e a atirou para o lado, caindo sobre os olhos de Miss Snevellicci, o entusiasmo chegou ao mais alto ponto e a representação prosseguiu.

Mas quando Nicholas entrou para a sua excelente cena com Mrs. Crunzles, como soaram as palmas! Quando Mrs. Crummles, que era a sua indigna mãe, sorriu com desdém e e ouviu rapaz presunçoso, e ele a desafiou, que tumulto de aplausos! Quando ele questionou com o outro cavalheiro por causa da rapariga e lhe declarou que se ele fosse uma pessoa digna lutaria com ele na sala até a mobília ficar salpicada com o sangue dum deles - ou de ambos! - como os camarotes, a plateia e a galeria seguiram numa enorme aclamação. Quando chamou nomes à mãe, por ela não lhe querer entregar os bens da rapariga, e ela abrandou, fazendo-o abrandar, igualmente, e cair de joelhos para lhe pedir a benção, como soluçavam os espectadores! Quando ele se escondeu por detrás do pano, no escuro, e o perverso parente esgrimiou uma espada afiada em todos os sentidos, excepto para onde as suas pernas eram bem visíveis, que estremecimento de ansioso receio correu por toda a casa! O seu ar, o seu modo de andar, o seu olhar, tudo o que ele disse ou fez, foi objecto de elogio! Cada vez que falava, ouvia-se uma série de aplausos. E quando, por fim, na cena da bomba e dos tubos, Mrs. Crudden acendeu a luz azul e todos os membros da companhia, que não entravam na peça, vieram - não por que tivessem de fazer ali algo, mas para acabarem o quadro - o público que por esta altura aumentara consideravelmente, deu largas a um berro de entusiasmo, como nunca se ouvira dentro daquelas paredes.

Em resumo, o sucesso da nova peça e do novo actor foi completo, e quando Miss Snevellicci foi



chamada ao Palco no fim da representação, Nicholas seguiu-a e compartilhou dos aplausos.

## Capítulo XXV

Uma jovem senhora vinda de Londres junta-se à companhia seguida por um admirador de idade madura e tem lugar uma

cerimónia em Consequência da chegada de ambos

A peça, sendo decididamente um sucesso, foi anunciada para todas as noites até ordem em contrário, e as noites quando a peça terminou, foram reduzidas de três para duas por semana. Nem foram estes os sinais de sucesso extraordinário: Nicholas, no sábado seguinte, recebeu - devido à infatigável Mrs. Grudden - não menos do que a quantia de trinta xelins. Além desta boa recompensa, criou considerável fama e honra, tendo-lhe sido oferecido um exemplar do folheto de Mr. Curdle, enviado para o teatro, com o autógrafo do cavalheiro na primeira página, acompanhado com uma nota contendo muitas expressões de aprovação e a certeza, não solicitada, que Mr.

Curdle teria muito prazer em lhe ler Shakespeare três horas de manhã, antes do pequeno almoço, durante a sua permanência na cidade.

-Tenho uma outra novidade, Johnson - anunciou Mr. Crummles uma manhã, com grande alegria.

- O que é? - perguntou Nicholas. - o pônei?

- Não, não voltaremos ao pônei, enquanto não estiver tudo falhado - disse Mr. Crummles. - Não me parece que voltemos ao pônei por toda esta temporada!

- Talvez um rapaz fenómeno? - lembrou Nicholas.

- Há só um fenómeno, sir, e este é uma rapariga - replicou Mr. Crummles muito sério.

- Lá isso é verdade - concordou Nicholas. - Desculpe-me, Então não sei o que é!

-O que diria duma jovem senhora vinda de Londres?

- perguntou Mr. Crummles. - Miss Qualquer-Coisa, do Theatre Royal, Drury Lane?

-Atrevo-me a dizer que isso faria muito sucesso nos cartazes - observou Nicholas.

- Tem muita razão - retorquiu Mr. Crummles - e se dissesse também que ela causaria uma boa impressão no palco? O que pensa disto?

Com esta pergunta Mr. Crummles desdobrou um cartaz encarnado, um outro azul e um outro amarelo, onde estava escrito em grandes caracteres: Primeira apresentação da incomparável Miss Petowker, do Theatre Royal, Drury Lane.

- Meu Deus! - exclamou Nicholas. - Eu conheço essa senhora!

-Então está em relação com o maior talento do mundo

- sentenciou Mr. Crummles, enrolando de novo os cartazes - isto é, talento duma certa espécie. duma certa espécie. The Blooddrinker - acrescentou Mr. Crummles

com um profético suspiro. - Há-de morrer com essa rapariga; e ela é a única sílfide que ainda vi, podendo estar sobre uma perna e tocar pandeireta como uma sílfide.

- Quando chega? - interrogou Nicholas.

- Esperámo-la hoje - respondeu Mr. Crummles. - E uma velha amiga da casa de Mrs. Crummles. Mrs. Crummles viu o que ela podia fazer. sempre o soube desde o princípio.

Na verdade, ensinou-lhe quase tudo o que ela sabe. Mrs. Crummles foi o original Blood. drinker.

-Foi de facto?

- Claro. Foi obrigada a ceder-lho.

- Zangaram-se? - perguntou Nicholas, sorrindo.

- Não tanto com ela como com o público - respondeu Mr. Crummles. - Ninguém a podia suportar. Era tremendo! Não conhece bem Mrs. Crummles.

Nicholas aventurou-se a insinuar que pensava conhecê-la.

- Não, não conhece - objectou Mr. Crummles - Eu não a conheço, acredite. Não creio, tão pouco, que o seu país a conheça até ela morrer. Em cada ano da sua vida revela-se nova prova de talento dessa assombrosa mulher. Repare. mãe de seis filhos, três dos quais vivos e todos no palco.

- extraordinário! - exclamou Nicholas.

- Sim, é extraordinário, na verdade! - retorquiu Mr. Crummles, tomando uma complacente pitada de rapé e abanando a cabeça gravemente. - Dou-lhe a minha palavra profissional de que nunca soube que ela dançava, até ao último benefício, tendo então representado a Julieta e Helena Macgregor e, entre as duas peças executou a dança dos marinheiros.

A primeira vez que vi essa adorável mulher, Johnson - confidenciou ele, chegando-se para mais perto e falando num tom de íntima amizade - estava ela com a cabeça sobre a extremidade duma lança, rodeada por fogo de artifício.

- O senhor assombra-me! - exclamou Nicholas.

- Ela assombrou-me - respondeu Mr. Cromelec com uma expressão muito séria. - Tal graça aliada a uma tal dignidade fez-me adorá-la desde esse momento!

Apesar do objecto destas observações, pôs um repentino ponto final no elogio de Mr. Crummles e quase a seguir Mister Percy Chzmm entrou com uma carta, chegada pelo correio e dirigida à sua graciosa mãe. A vista do sobrescrito Mrs. Cnmunles exclamou:

- É de Henrietta Petowker, ia jurar! - e imediatamente se absorveu no seu conteúdo.

- Está?. - interrompeu Mr. Crummles, hesitando.

- Está tudo perfeitamente - informou Mrs. Crummles, antecipando a pergunta. - Que coisa excelente para ela, tenho a certeza.

- É a melhor coisa que tenho ouvido para bem de todos, penso eu - afirmou Mr. Crummles e depois Mr. Crummles, Mrs. Crummles e Mister Crummles desataram a rir desalmadamente.

Nicholas deixou-os a gozar juntos a sua alegria e encaminhou-se para o seu alojamento muito intrigado sobre que mistério ligado com Miss Petowker podia provocar tal satisfação e ponderando ainda mais a extrema surpresa que essa senhora sentiria pelo seu alistamento numa profissão da qual ela era um ornamento tão distinto quão brilhante.

O encontro dela no teatro, no dia seguinte, com Mr. Crummles foi mais de dois queridos amigos de infância de que o reconhecimento entre um cavalheiro e uma senhora que se encontraram meia dúzia de vezes por mera casualidade. Quanto a Mr. Johnson, a senhora declarou tê-la visto nos primeiros e mais elegantes círculos, com o que Nicholas não se mostrou surpreendido.

Nicholas teve a honra de contracenar com Miss Petowker nessa noite, numa peça ligeira, e não pôde deixar de notar que o calor da sua recepção provinha dum dos camarotes superiores, a que a encantadora actriz correspondia com olhares muito meigos. Uma das vezes Nicholas pensou que uma forma peculiar de chapéu, no mesmo canto, não lhe era inteiramente desconhecida, mas não se preocupou com isso por causa da grande atenção prestada ao papel, tendo-se-lhe varrido de todo da memória, quando chegou a casa. Mal acabara de se sentar para ceiar com Smike, quando um dos da casa veio à porta anunciar que um cavalheiro, que estava no fundo da escada, desejava falar com Mr. Johnson.

- Bem, se ele deseja, ele que suba! - respondeu Nicholas.

- Suponho que deve ser um dos nossos esfomeados companheiros, Smike.

Este olhou para a carne fria em silencioso cálculo da quantidade que devia deixar para o jantar do dia seguinte e pôs de parte uma fatia que cortara para si a fim do visitante achar menos com que se desferrar.

- Não é ninguém que já tenha estado aqui - observou Nicholas - pois a pessoa embirra em todos os degraus. Entre, entre! Em nome da maravilha das maravilhas... Mr. Lillyvick!

Era, na verdade, o cobrador da taxa da água que, contemplando Nicholas com um olhar fixo e uma expressão imóvel, apertou-lhe a mão com a mais portentosa solenidade e sentou-se numa cadeira junto do canto da chaminé.

- Então quando chegou? - inquiriu Nicholas.

- Esta manhã, sir - respondeu Mr. Lillyvick.

-Oh, compreendo! Então estive esta noite no teatro e foi o seu.

- Este guarda chuva - disse Mr. Lillyvick, expondo um, bastante volumoso, de algodão verde com a ponteira amolgada. - O que pensa daquele desempenho?

- Pelo que posso julgar, sendo da profissão! - respondeu Nicholas - Penso ter sido muito agradável.

- Agradável! - exclamou o cobrador. - Tenho a ideia, sir, de que foi delicioso.

Mr. Lillyvick inclinou-se para a frente para pronunciar esta última palavra com grande ênfase e, tendo-o feito, ergueu-se, franzindo as sobrancelhas e gesticulando com a cabeça muitas vezes.

-Digo delicioso - repetiu Mr. Lillyvick. - Absorvente, como uma fada, tumultuoso. - E Mr. Lillyvick tornou a erguer-se, a franzir o sobrolho e a gesticular com a cabeça.

- Ah! Sim. é uma rapariga formidável - disse Nicholas, um pouco surpreendido com estas aprovações extasiadas.

- uma divindade - replicou Mr. Lillyvick, dando uma dupla ponteirada no chão, com o guarda-chuva atrás mencionado. - Antes, nunca conheci atrizes divinas, sir.

Costumava cobrar, pelo menos costumava ir - e ia com frequência - a casa duma divina atriz para cobrar a água, a qual viveu no meu espírito para cima de quatro anos, mas nunca - não, nunca, sir - de todas as divinas criaturas, atrizes ou não atrizes, vi uma tão divina como Henrietta Petowker!

Nicholas teve muito trabalho para não se rir. Não conseguindo falar, limitou-se a acenar com a cabeça de acordo com os sorrisos de Mr. Lillyvick e ficou calado.

- Deixe-me dar-lhe uma palavra em particular - pediu Mr. Lillyvick.

Nicholas olhou bem humorado para Smike, que, percebendo o sinal, desapareceu.

- Um solteiro é um desgraçado digno de dó, sir - afirmou Mr. Lillyvick.

- É? - perguntou Nicholas.

- É - confirmou o cobrador. - Vivi na sociedade durante quase seis anos e sei o que isso é.

-Deves conhecer, mas se conheces, ou não, é um caso diferente! - pensou Nicholas.

-Se acontece a um solteiro ter arranjado o seu pé de meia - prosseguiu Mr. Lillyvick - as irmãs, irmãos, sobrinhas, sobrinhos, olham para o dinheiro e não para ele; mesmo se ele, sendo funcionário público, é o chefe da família, ou, como sucede, ser o núcleo em volta do qual giram outros pequenos ramos, desejam que ele morra o mais depressa possível e ficam de queixo caído sempre que o vêem de boa saúde, por desejarem entrar na posse dos seus pequenos bens. Está a ver isto?

- Sim - concordou Nicholas. - É muito verdade, sem dúvida.

- A grande razão para se não ser casado - continuou Mr. Lillyvick - é a despesa; foi o que me afastou. Senhor - exclamou Mr. Lillyvick, dando estalos com os dedos - podia ter tido cinquenta mulheres!

- Formosas mulheres? - interrogou Nicholas.

- Formosas mulheres, sir! - respondeu o cobrador. Sim!. não tão formosas como Henrietta Petowker, pois ela é um espécime invulgar, mulheres que não aparecem no carro todos os homens, posso dizer-lhe. Suponha agora um homem que pode arranjar uma fortuna com uma esposa em vez de.

-Então ele é um tipo de sorte - replicou Nicholas.

- É o que eu digo - confirmou o cobrador - justamente o que eu digo. Henrietta Petowker, a talentosa Henrietta Petowker, tem a fortuna em si e eu vou.

- Torná-la Mrs. Lillyvick? - sugeriu Nicholas.

- Não, sir, não fazê-la Mrs. Lillyvick - retorquiu o cobrador. - As atrizes, sir, conservam sempre os nomes de solteiras - é esta a norma regular - mas vou casar com ela. depois de amanhã!

- Os meus parabéns, sir - disse Nicholas.

- Obrigado, sir - agradeceu o cobrador, abotoando o colete. - Fico-lhe com o ordenado, decerto, e espero que no fim de contas seja aproximadamente tão barato sustentar

dois como um só; é uma consolação.

- Certamente não precisa de nenhuma consolação num tal momento - observou Nicholas.

- Não - replicou Mr. Lillyvick, agitando a mão nervosamente - não. decerto!

-Mas como vieram ambos para aqui, se se vão casar, Mr. Lillyvick? - quis saber Nicholas.

- É isso que lhe venho explicar - respondeu o cobrador da água. - O facto é que achei melhor conservar isto em segredo para a família.

- Família? Que família? - estranhou Nicholas.

- Os Kenwigses evidentemente - informou Mr. Lillyvick.

-Se a minha sobrinha e os filhos soubessem uma palavra disto antes de me vir embora, desmaiavam e não me deixariam sair até jurar não casar com pessoa alguma. ou interdavam-me por loucura, ou qualquer outra coisa terrível - concluiu o cobrador, a tremer.

- Com certeza - afirmou Nicholas - sim, não há dúvida que teriam ciúmes!

- Para evitar isso - continuou Mr. Lillyvick - combinámos que Henrietta Petowker viesse ter com os seus amigos, os Crummles, com a pretensão de ser contratada e eu fosse para Guildford na véspera e me encontrasse na diligência com ela, o que fiz vindo com ela de Guildford. Com medo de que o senhor escrevesse a Mr. Noggs e pudesse dizer-lhe alguma coisa a nosso respeito, pensei ser melhor metê-lo no segredo. Sairemos para o casamento dos aposentos dos Crummles e teremos muito prazer

em o ver lá, quer antes da cerimónia, quer ao copo-de-água. Não será dispendioso, ãem si - acrescentou o cobrador, muitíssimo ansioso por evitar qualquer mal entendido neste ponto - apenas uns bolos e café, uns camarões, ou qualquer coisa assim, para já.

- Sim, sim, compreendo - retorquiu Nicholas. - Ficarei muitíssimo satisfeito em ir; dar-me-á o maior prazer. Onde está alojada a senhora? Com Mrs. Crummles?

- Não - informou o cobrador - eles não tinham sítio bom onde ela ficasse, por isso está com uma sua amiga, uma outra rapariga; pertencem ambas ao teatro.

-Talvez seja Miss Snellicci?

- Sim, é esse o nome!

-E serão, naturalmente, damas de honor?

- São quatro damas de honor - anunciou o cobrador com uma cara lúgubre. - Receio que tornem isto muito teatral.

- Oh, não, absolutamente nada - respondeu Nicholas, com uma desastrada tentativa de converter uma gargalhada em ataque de tosse. - Quem podem ser as quatro? Decerto Miss Snellicci. Miss Ledrook.

- O fenómeno - rosnou o cobrador.

- Ah! ah! - riu Nicholas. - Desculpe-me, não sei por que me estou a rir. sim, será muito bonito. o fenómeno. e quem mais?

- Qualquer outra jovem - replicou o cobrador, levantando-se.

- outra amiga de Henrietta Petowker. Bem, terá o cuidado de não dizer nada, sobre isto, não é verdade?

- Pode contar absolutamente comigo - respondeu Nicholas. - Não quer comer ou beber alguma coisa?

-Não - disse o cobrador. - Não tenho vontade. Penso que será uma agradável vida a dum homem casado. hein?

- Não tenho a mínima dúvida a esse respeito - afirmou Nicholas.

- Sim - confirmou o cobrador. - Certamente. Oh, sim! Sem dúvida. Boa-noite.

Com estas palavras Mr. Lillyvick, cujas maneiras nesta entrevista, mostravam uma extraordinária mistura de precipitação, hesitação, confiança, dúvida, afecto, pressentimento, mesquinhez e auto-importância, voltou as costas e deixou Nicholas a rir-se para consigo.

Para Nicholas, as horas para o celebrado dia pareciam decorrer com muita lentidão, não se dando o mesmo com os outros, pois Miss Petowker, acordando na manhã seguinte no quarto de Miss Snellicci, declarou que nada a teria persuadido da que mudava de estado.

-Não acreditaria nisto - confessou Miss Petowker. Não podia, realmente. Não merece a pena falar, mas nunca pus na ideia passar por esta experiência!

Ao ouvirem isto, Miss Snevellicci e Miss Ledrek que lhe tinham conhecido várias modalidades de disposição de passar por esta experiência, faltando, apenas, o cavalheiro que se aventurasse nela, começaram a animá-la e a reconfortá-la dizendo-lhe que se estivessem no mesmo caso - graças a Deus que não - submeter-se-iam com o espírito de humildade e brandura, aos decretos da Providência.

-Eu havia de sentir como se fosse uma grande bofetada

- confessou Miss Snevellicci - por quebrar velhos conhecimentos e ligações deste género, mas submetia-me, minha querida, submetia-me.

- O mesmo faria eu - reforçou Miss Ledrook. - Preferia procurar a carga a evitá-la. Decidi muitos corações antigamente, e sinto-me penalizada por ser uma coisa terrível para a gente pensar.

- Na verdade é - confirmou Miss Snevellicci. - Agora, Led, minha querida, temos de a preparar, ou ficaremos atrasadas.

O piedoso raciocínio, ou talvez o receio de estar atrasada demais, fez a noiva suportar a cerimónia de se vestir, depois do que lhe foi administrada, em doses alternadas, chá forte e brando, como um meio de lhe fortalecer os fracos membros e a fazer andar com firmeza.

- Como te sentes agora, meu amor? - inquiriu Miss Snevellicci.

- Oh, Lillyvick! - exclamou a noiva. - Se soubesses o que passo por tua causa!

- Decerto que o sabe, amor, e nunca o esquecerá - consolidou Miss Ledrook.

- Julgas que não? - perguntou Miss Petowker, mostrando realmente, grande capacidade para o palco. - Oh, julgas que

não? Pensas que o Lillyvick se lembrará sempre... sempre, sempre, sempre?

Não se sabe quando acabariam estas explicações de sentimentos, se Miss Snevellicci não anunciasse a chegada da carruagem, fazendo com que a noiva corresse, alarmada, para

o

espelho para ajustar o vestido e, calmamente, se declarasse pronta para o sacrifício.

Na carruagem foi suportada com perpétuas aplicações de saís no nariz e golos de brande e outros refinados estimulantes até chegarem à porta do empresário, que já estava aberta pelos dois Mistery Crummles, ornamentados com laços brancos nos chapéus e com os mais resplandecentes e escolhidos coletes achados no guarda-roupa do teatro. Pelas forças combinadas destes dois jovens e das damas de honra, ajudados pelo cocheiro, Miss Petowker foi por fim conduzida, num estado de grande esgotamento, ao primeiro andar, onde desfaleceu com muito decoro, logo que se encontrou com o noivo.

- Henrietta Petowker! - exclamou o cobrador. - Meu único amor!

Miss Petowker agarrou a mão do cobrador, mas a emoção não a deixou falar.

- a minha vista é assim tão horrível, Henrietta Petowker?

- perguntou o cobrador.

- Oh! Não, não, não! - protestou a noiva - mas todos os amigos... os queridos amigos... dos meus dias juvenis... deixá-los a todos... foi um grande choque!

Com tais expressões de tristeza Miss Petowker pôs-se a enumerar os queridos amigos dos seus dias juvenis, um por um, e a chamar por eles para a abraçarem, como se estivessem presentes. Feito isto lembrou-se que Mrs. Crummles tinha sido para ela mais do que uma mãe, Mr. Crummles mais do que um pai, os Mistery e Miss Crummles mais

do que irmão e irmã. Estas várias recordações foram acompanhadas por apertados abraços, o que levou muito tempo, vendo-se obrigados a ir a correr para a igreja, com

medo de  
ser tarde demais.

O cortejo consistia em duas carruagens e todos iam bem vestidos. As damas de honor estavam literalmente cobertas com flores artificiais e o fenómeno em especial era quase invisível. Ostentavam, também, muitas jóias de fantasia, quase iguais às verdadeiras. Mas talvez a aparência de Mr. Crummlles fosse a mais deslumbrante. Encarnando o papel de pai da noiva, trazia um chinó de teatro de cor castanha, meias de seda cinzenta e fivelas nos sapatos. E para melhor desempenhar o aludido papel, os seus soluços, ao entrarem na igreja foram tão dilacerantes, que teve de ir à sacristia beber um copo de água antes da cerimónia começar. O cortejo, a subir a igreja, era magnífico. A noiva e as quatro damas de honor formavam um grupo previamente arranjado e ensaiado; depois vinha o cobrador com o seu pa drinho, Mr. Folair, e a seguir Mr. e Mrs. Crummlles. A cerimónia foi rapidamente concluída e, depois de terem assinado o registo, regressaram para o copo-d'água, encontrando Nicholas que os aguardava. Nicholas que, ao regressar, estivera a ajudar Mrs. Grudden nos preparativos mais dispendiosos do que o cobrador contava.

- Vamos para a mesa, vamos para a mesa!

Não foi preciso segundo convite e toda a gente se sentou à mesa como pôde. Miss Petowker, corando muito quando alguém olhava para ela, comia muito quando ninguém a olhava. Mr. Lillyvick atirou-se com fria resolução à comida visto que, sendo a conta paga por ele, queria deixar o menos possível para os Crunnles comerem depois.

- Foi depressa, não foi? - perguntou Mr. Folair ao cobrador, inclinando-se sobre a mesa para se dirigir a ele.

- O que é que foi depressa, sir? - quis saber Mr. Lillyvick.

- Arranjar uma mulher - respondeu Mr. Folair. - Não levou muito tempo, pois não?

- Não, sir - replicou Mr. Lillyvick, corando - não levou muito tempo. E depois, sir?

- Oh, nada - disse o actor. - Um homem não leva muito tempo a enforcar-se, pois não?!

Mr. Lillyvick pousou o garfo e a faca e olhou para todos os circunstantes com indignado assombro.

- Enforcar-se! - repetiu Mr. Lillyvick.

Seguiu-se um profundo silêncio com que Mr. Lillyvick foi honrado fora de toda a expressão.

- Enforcar-se! - exclamou de novo Mr. Lillyvick - Costuma, aqui no teatro comparar-se a força ao matrimónio?

- O nó, bem vê - explicou Mr. Folair, um pouco com a crista caída.

- O nó, sir? - retorquiu Mr. Lillyvick. - Atrave-se alguém a falar-me dum nó e de Henrietta?

- Lillyvick - lembrou Mr. Crummlles.

- E de Henrietta Lillyvick ao mesmo tempo? - disse o cobrador. - Nesta casa, na presença de Mr. e Mrs. Crummlles que educaram uma família talentosa e virtuosa a dar pessoas como fenómenos, vem o senhor falar de nós?

- Folair - censurou Mr. Crummlles, julgando ser decente intervir por se ter feito alusão a ele e à sua cara metade. Você espanta-me!

- O que é que tem a dizer? - perguntou o infeliz actor. O que fiz eu?

- Fez, sir! - exclamou Mr. Lillyvick. - Deu uma bofetada no alicerce de toda a sociedade...

- E nos sentimentos melhores e mais ternos - juntou Crummlles, secundando o velho.

- E nas ligações sociais mais altas e estimáveis - continuou o cobrador. - Nós! Como se o estado matrimonial consistisse numa ratoeira onde uma pessoa fosse apanhada, em vez de ir para ele de pleno acordo, a fim de glorificar o acto.

- Eu não quis dizer que o senhor tinha sido apanhado na ratoeira - replicou o actor. - Sinto o que se passou e não digo mais nada!

- É o que deve fazer, sir - retorquiu Mr. Lillyvick - e sinto-me satisfeito por saber que tem suficientes sentimentos para proceder assim.

Como a questão parecia terminada com esta resposta, Mrs. Lillyvick considerou a ocasião mais apropriada para chorar, recusando-se a ser reconfortada até que os beligerantes empenhassem a sua palavra que não reincidiriam, o que eles fizeram com certa relutância. Houve muitos discursos, feitos por Nicholas, Mr. Crummles e pelo cobrador, dois por Mrs. Crummles e um pelo fenómeno, em nome das damas de honor. Houve igualmente canto por Miss Ledrook e Miss Bravassa, e mais haveria se o cocheiro não viesse dizer que cobraria mais dezoito pence além do preço estipulado, se o par se não despachasse para tomar o barco para Ryde.

Esta ameaça desfez a reunião e foi com patética despedida que Mr. Lillyvick e sua esposa partiram para Ryde, a fim de passarem dois dias de recolhimento, acompanhados pelo fenómeno, por expressa estipulação do noivo.

Como nessa noite não havia espectáculo, Mr. Crummles declarou-se disposto a beber com quem o quisesse acompanhar, mas Nicholas, tendo de desempenhar o papel de Romeu pela primeira vez, na noite seguinte, escapou-se no meio duma temporária confusão causada pela embriaguez de Mrs. Grudden. Este acto de deserção foi executado, não só por ele, mas também por Smike, que tinha de representar de Boticário e não era capaz de meter o papel na cabeça.

- Não sei o que se há-de fazer, Smike - disse Nicholas, pondo o livro de parte. - Receio que não possas aprender, meu pobre rapaz.

- Eu não tenho receio - respondeu Smike, abanando a cabeça. - Penso que se o senhor. Mas isso dava-lhe muita maçada.

- O quê? - perguntou Nicholas. - Não te importes.

- Penso - continuou Smike - que se o senhor me disser o papel aos bocadinhos e mos repetir, eu possa lembrar-me de tudo, só de o ouvir!

- Julgas isso? - exclamou Nicholas. - Bem dito. Vamos ver quem se cansa primeiro. Não eu, Smike, confia em mim. Vamos lá, agora. Quem chama tão alto?

- Quem chama tão alto? - repetiu Smike.

- Quem chama tão alto? - insistiu Nicholas.

- Quem chama tão alto? - tornou a repetir Smik.

E assim continuaram, passando Nicholas a duas frases e depois a três, e assim por diante até que à meia-noite o pobre Smike sabia alguma coisa do texto. De manhã

cedo continuaram, passando Nicholas a ensinar-lhe os gestos. Depois do ensaio da manhã tornaram ao trabalho, só interrompido por um jantar apressado, continuando

depois até à hora de aparecerem no teatro. Nunca houve um aluno tão dócil, humilde e ansioso, como nunca houve um professor tão paciente e incansável, atento e humano.

Logo que se vestiram e em todo o intervalo, quando não estava no palco, Nicholas renovava as suas instruções. Foram bem executadas. O Romeu foi recebido com cordiais

aplausos e ilimitada aceitação mas Smike foi unicamente considerado, tanto pelo público, como pelos actores, o verdadeiro príncipe e o prodígio dos Boticários.

## Capítulo XXVI

Onde há certo perigo para Miss Nickleby

O lugar era uma linda série de aposentos particulares em Regent Street; a hora eram as três da tarde; as personagens Lorde Frederick Verisopht e o seu amigo Sir

Mulberry Hawk.

Estes distintos cavalheiros estavam reclinados em sofás, tendo entre si uma mesa onde se via em rica confusão os aprestos dum pequeno almoço por comer. Pelo quarto estavam jornais espalhados, os convivas não conversavam e não se ouvia som algum.

Estas aparências tinham por si só fornecido uma excelente prova do deboche da noite anterior se não houvesse outros como um par de bolas de bilhar, dois chapéus

amolgados, uma garrafa de champanhe suja em volta do gargalo, uma bengala partida, uma bolsa vazia, uma mão meia cheia de moedas de prata misturadas com cinzas e

pontas de charutos, e muitos outros indícios a atestarem a natureza das brincadeiras da noite anterior destes dois cavalheiros.

Lorde Frederick Verisopht foi o primeiro a falar. Pondo os pés no chão, bocejou desalmadamente e esforçando-se por conseguir uma posição sentada, voltou os olhos mortiços e lânguidos para o amigo, por quem chamou numa voz sonolenta.

- Olá! - replicou Sir Mulberry, voltando-se.

- Vamos ficar aqui todo o dia? - perguntou o lorde.

- Não sei se estamos capazes de qualquer coisa - respondeu Sir Mulberry - pelo menos por um bocado. Esta manhã não tenho um grão de vida em mim.

- Vida! - exclamou Lorde Verisopht. - Sinto que não haveria nada mais cómodo e confortável do que morrer imediatamente.

- Então por que não morres? - interrogou Sir Mulberry.

Com esta pergunta pareceu ocupado em tentar adormecer. O amigo e pupilo experimentou comer, mas achando isso impossível, foi à janela, pasou a mão pela cabeça febril e deixou-se cair no sofá, chamando de novo o amigo.

- Que diabo é isso? - rosou Sir Mulberry, sentando-se na almofada.

Embora Sir Mulberry proferisse isto de mau humor, não se sentiu com coragem de ficar calado.

Depois de se aproximar da mesa e tentar comer, no que foi melhor sucedido do que o amigo, disse, com um bocado de comida na ponta do garfo:

-Supunhamos que voltamos ao assunto Niclleby!

- Qual Nickleby? O usurário ou a rapariga? - quis saber Lorde Verisopht.

- Estou a ver que me compreendes - retorquiu Sir Mulberry. - A rapariga, decerto.

- Tu prometeste-me encontrá-la - lembrou Lorde Verisopht.

- Prometi - considerou o amigo - mas depois disso pensei no assunto. Tu desconfiaste de mim. por isso tens tu de a procurar.

- Não - resmungou Lorde Verisopht.

- Mas eu digo que sim - replicou o amigo. - Tens de a procurar. Não penses que quero dizer que és capaz de lhe pôr a vista em cima sem mim. Não. Digo que a tens de procurar. tens e eu pôr-te-ei na pista.

-Maldita seja, se tu não és um verdadeiro, diabólico, perfeito e estranho amigo - afirmou o jovem lorde, a quem este discurso tinha produzido um efeito revigorante.

- Vou dizer-te tudo - declarou Sir Mulberry. - Ela esteve no jantar como isca, para ti.

- Não! - exclamou o jovem lorde. - O que diabo?.

- Como uma isca para ti - repetiu o amigo. - O querido Nickleby foi o próprio a dizer-mo.

- Mas que grande malandro! - comentou Lorde Verisopht.

-Um bom velhaco!

-Sim - disse Sir Mulberry - ele sabia que ela era uma criaturinha atraente.

- Atraente! - interrompeu o jovem. - Pela minha alma, Hawk, é uma perfeita beldade. uma pintura, uma estátua, pela minha alma que o é!

- Bem - retorquiu Sir Mulberry, encolhendo os ombros e manifestando uma indiferença, fingida ou verdadeira - é uma questão de gosto; se o meu não concorda com o teu, tanto melhor.

- Valha-te o diabo! - raciocinou o lorde. -Tu estavas turvado bastante com ela. Eu mal pude dizer uma palavra.

-Bastante bem por uma vez! Porém, não vale a maçada de nos tornarmos simpáticos de novo. Se na verdade não queres andar atrás da sobrinha, dize ao tio que precisas de saber onde ela vive, como vive, e com quem, ou que deixas de ser seu cliente. E ele dá-te todas as informações.

- Por que não disseste isso antes? - perguntou Lorde Verisopht. - Em vez de me deixares consumir e arreliar, arrastar uma existência miserável durante um século?

- Em primeiro lugar não sabia - respondeu Sir Mulberry, descuidadamente - e em segundo, não acreditava que estivesses tão interessado.



A verdade é que, no intervalo decorrido desde o jantar em casa de Ralph Nickleby, Sir Mulberry Hawk tinha furtivamente experimentado, por todos os meios ao seu alcance, descobrir donde Kate aparecera tão repentinamente e para onde desaparecera. Sem a ajuda de Ralph, com quem não voltara a falar desde a desagradável separação naquela altura, todos os seus esforços foram infrutíferos, por isso chegara à conclusão de que só servindo-se do jovem lorde podia saber o que queria. Assim raciocinando e no seguimento do seu raciocínio, ele e o seu amigo depressa se apresentaram em casa de Ralph Nickleby para a execução dum plano de operações da sua autoria, fingindo servir os interesses do amigo, mas na realidade servindo os seus próprios. Encontraram Ralph em casa e só. Ao conduzi-los para a sala, a lembrança da cena ali desenrolada pareceu vir-lhe à memória, pois deitou um curioso olhar para Sir Mulberry que não deu outro sinal de o ter percebido se não com um descuidado sorriso. Tiveram uma breve conferência sobre assuntos de dinheiro, então em execução, quando o crédulo lorde, seguindo as instruções do amigo, pediu, com algum embaraço, para falar com Ralph a sós.

- A sós? - exclamou Sir Mulberry, fingindo surpresa. Muito bem! Vou para o aposento ao lado. Não me façam esperar muito.

Dizendo isto, Sir Mulberry agarrou no chapéu e, entoando o fragmento duma canção, desapareceu pela porta de comunicação entre as duas salas, fechando-a atrás de si.

- Agora, meu lorde - perguntou Ralph - o que há?

- Nickleby - disse o cliente, atirando-se para o sofá onde estivera antes sentado, para ter a boca mais chegada ao ouvido do outro. - Que linda criatura é a sua sobrinha!

- Acha, meu lorde? - inquiriu Ralph. - Talvez. talvez.

Não quebro a cabeça com esses assuntos.

- Você sabe que ela é uma rapariga formidável? - declarou o cliente. - Deve saber, Nickleby. Vamos, não o negue.

- Creio que é considerada assim. - retorquiu Nickleby. Na verdade sei que é. Se não soubesse, o senhor é uma autoridade nesse assunto e o seu gosto, meu lorde. . em todos os capítulos na verdade, é inegável.

Só o jovem, a quem estas palavras eram dirigidas, podia ser surdo ao tom de desprezo com que foram ditas, ou cego para não ver o olhar de desdém com que foram acompanhadas.

Mas lorde Frederick Verisopht era ambas as coisas e tomou as palavras como um cumprimento.

- Bem - disse ele - talvez tenha razão e talvez não tenha.

um pouco de cada, Nickleby. Quero saber onde vive essa beldade para poder dar-lhe uma outra olhadela, Nickleby.

- Realmente. - começou Ralph no seu tom habitual.

- Não fale tão alto - recomendou o outro. - Não quero que o Hawk ouça.

- Sabe que ele é seu rival, não sabe? - inquiriu Ralph, olhando-o penetrantemente.

- sempre, diabos o levem! - respondeu o cliente. E quero marcar um ponto sobre ele. Ficou escamado, Nickleby, por conversarmos juntos, sem ele. Onde mora ela, Nickleby?

Diga-me, apenas, onde ela mora.

- O peixe morde, o peixe morde - pensou Ralph.

- Nickleby, então? - continuou o cliente. - Onde mora ela?

- então, meu lorde - replicou Ralph, esfregando as mãos devagar- preciso de pensar antes de lhe dizer.

- Não, nada disso, não precisa de pensar - retorquiu Verisopht. - Onde é?

- Não lhe serve de nada saber - declarou Ralph. - Ela tem sido bem e virtuosamente educada. Sem dúvida é bonita, pobre, desprotegida. pobre rapariga!

Ralph deu este breve sumário das condições de Kate como se as estivesse a repassar na mente e não tencionasse falar alto, mas o olhar astuto e velhaco que dirigiu

ao companheiro, fazia desta pobre confissão uma mentira.

- Digo-lhe que apenas a quero ver - confessou o cliente. Um homem pode olhar para uma mulher bonita sem lhe causar mal, não pode? Agora informe-me, onde vive? Sabe que está a fazer uma fortuna comigo, Nickleby e, pela minha alma, ninguém me levará para outra pessoa se você me disser isso.

- Como promete isso, meu lorde - respondeu Ralph com fingida relutância - e eu estou muitíssimo ansioso em o servir, e como não há mal nisso. nenhum mal, vou dizer-lhe.

Mas será melhor conservá-lo para si, meu lorde, estritamente para si. - Ralph apontou para o aposento anexo e acenou expressivamente.

O jovem lorde, fingiu estar igualmente interessado com a necessidade desta precaução e Ralph descobriu-lhe a presente morada e ocupação da sobrinha, observando que, pelo que ouvira da família, pareciam muito ambiciosos em terem conhecimentos de categoria elevada, e um lorde, sem dúvida, podia aproximar-se com grande facilidade, se se sentisse disposto.

-Sendo o seu objectivo vê-la-a outra vez, pode efectuar isso em qualquer ocasião que escolha, adoptando esse processo.

Lorde Verisopht acolheu a sugestão com muitos apertos da mão áspera e dura de Ralph e, segredando que deviam terminar a conversa, chamou Sir Mulberry Hawk.

- Pensei que tinham adormecido - disse Mulberry, reaparecendo com um ar mal humorado.

- Sinto ter-te feito esperar - replicou o tolo - mas Nickleby foi tão estupendamente engraçado, que não pude deixá-lo.

- Não, não! - objectou Nickleby - tudo isso foi Vossa Excelência. Bem sabe como Lorde Frederick é, um homem mordaz, humorista, elegante e perfeito. Cautela com os degraus, meu lorde. Sir Mulberry, ensine o caminho, peço-lhe.

Com cortesias como estas, muitas reverências e o mesmo frio desprezo na cara durante todo o tempo, Ralph apressou-se a acompanhar as visitas até à escada.

Uns momentos antes tocara a campainha, a que Newman Noggs atendeu quando eles chegaram ao átrio. Ordinariamente Newman teria admitido o recém-vindo em silêncio, ou ter-lhe-ia pedido para se conservar de lado enquanto os cavalheiros saíssem. Mas logo que soube de quem se tratava e traindo o costume estabelecido na casa de Ralph às horas de expediente, olhou para o respeitável trio e exclamou numa voz alta e sonora:

- Mrs. Nickleby!

- Mrs. Nickleby? - repetiu Sir Mulberry Hawk, enquanto o amigo olhava para trás e o encarava pasmado.

Era, de facto, a bem intencionada senhora que, tendo recebido uma oferta para a casa vaga na City, dirigida ao senhorio, â trouxera sem tardar a Nickleby.

- Ninguém a conhece - diss Ralph. - Entre para o escritório, minha. minha querida. Estarei consigo num instante.

- Eu conheço! - exclamou Sir Mulberry Hawk, avançando para a surpreendida senhora. - É esta Mrs. Nickleby. a mãe de Miss Nickleby. a deliciosa criatura que tive a felicidade de encontrar nesta casa a última vez que jantei cá! Mas não!

- disse Sir Mulberry, parando de súbito. - Não, não podie ser! Há o mesmo traçado de feições, o mesmo indescritível ar de. Mas, não não! Esta senhora é nova demais para isso.

-Julgo que pode dizer a este cavalheiro, cunhado, se ele deseja saber - declarou Mrs. Nickleby, agradecendo o cumprimento com uma graciosa inclinação - que Kate Nickleby é minha filha!

- Sua filha, meu Deus! - exclamou Sir Mulberry, voltando-se para o amigo. - É filha desta senhora, meu lorde.

- Meu lorde! - pensou Mrs. Nickleby. - Bem, nunca.

- Meu lorde, esta é, então, a senhora! - disse Sir Mulberry - a cujo casamento auspicioso devemos tanta felicidade. Esta senhora é a mãe da gentil Miss Nickleby.

Observa a extraordinária aparência, meu lorde? Nickleby, apresente-nos.

Ralph assim o fez com uma espécie de desespero.

- Pela minha alma, é uma coisa muitíssimo deliciosa - comentou Lorde Frederick, adiantando-se. - Como passa?

Mrs. Nickleby estava demasiado confundida para estes invulgares cumprimentos e o seu pesar era não ter outro chapéu para dar uma resposta imediata, por isso apenas continuava a inclinar-se e a sorrir, mostrando grande agitação.

- E como está Miss Nickleby? - perguntou Lorde Frederick. - Espero que bem.

- Está bem, muito obrigada, meu lorde - replicou Mrs.

Nickleby; recobrando-se - completamente bem. Depois daquele jantar aqui ela não se sentiu bem durante alguns dias e não deixo de pensar que se constipou na carruagem quando regressou a casa. Os carros de aluguer, meu lorde, são coisas traiçoeiras e é quase preferível andar a pé em qualquer ocasião, pois embora creia que um cochheiro não possa ser condenado à morte por ter um vidro partido, são, contudo, tão descuidados, que têm todos os vidros quebrados. Uma vez fiquei com a cara inchada, durante seis semanas, por vir num carro de aluguer. Parece-me que foi um carro de aluguer

- disse Mrs Nickleby, reflectindo - embora não tenha a certeza absoluta que espécie de carro era; de qualquer maneira lembro-me que era dum verde escuro, com um número muito comprido, começando num zero e acabando num nove. não, começando num nove e terminando num zero, é isso, e decerto a gente de Stamp Office devia saber imediatamente se era um carro dum género ou outro, se se fizessem ali inquirições. contudo foi isso, uma vidraça partida e eu com a cara inchada durante seis semanas.

Penso que foi o mesmo carro que eu encontrei depois com a parte de cima aberta, e nunca mais o conheceria se eles me não tivessem levado um xelim a mais por uma hora, por a terem aberto, o que parece ser da lei, ou era então, uma lei bastante vergonhosa. Não compreendo o assunto, mas devo dizer que as leis podiam não ter nada com essa Act of Parliament decreto).

Tendo falado muito razoavelmente de si, Mrs. Nickleby parou tão subitamente como tinha começado e repetiu que Kate estava perfeitamente bem.

- Na verdade - disse Mrs Nickleby - não julgo que ela estivesse alguma vez melhor desde que teve a tosse convulsa, o sarampo e a escarlatina, tudo ao mesmo tempo.

- A carta é para mim? - rosnou Ralph, apontando para o pequeno embrulho que Mrs. Nickleby conservava na mão.

- É para si, cunhado - confirmou Mrs Nickleby - e vim a pé todo o caminho com o fim de lha entregar.

- Todo o caminho até aqui! - exclamou Sir Mulberry, agarrando a ocasião pelos cabelos para descobrir donde viera Mrs. Nickleby. - Que terrível distância! Quanto será?

- Quanto será! - repetiu Mrs. Nickleby. - Deixme ver. É justamente uma milha da noSsa porta até Old Bailey.

- Não, não é tanto - contestou Sir Mulberry.

- Oh!, é, na verdade - teimou Mrs. Nickleby. - Apelo para Sua Excelência.

- Decididamente digo que é uma milha - concordou Lorde Frederick com um aspecto solene.

- Deve ser, não tem uma jarda menos - informou Mrs. Nickleby. - Toda a Newgate Street fora, todo o Cheapside abaixo, toda a Lombard Street acima, descer a Gracechurch Street e ao longo de Thames Street até a Spigwiffin's Wharf. Oh! é uma milha!

- Sim, pensando melhor, é - concordou Sir Mulberry. Mas a senhora, com certeza, não põe na sua ideia fazer todo o caminho de regresso.

-Oh, não! - respondeu Mrs. Nickleby. - Volto no ônibus. Não viajo em ônibus desde que o meu pobre querido Nicholas morreu. Mas como bem sabe.

- Sim, sim - retorquiu Ralph impaciente - e faria melhor regressar antes de ser escuro.

- Obrigada, cunhado, assim farei - respondeu Mrs. Nickleby. - Julgo ser melhor dizer adeus

imediatamente.

- Não se demora um bocado? - perguntou Ralph, que várias vezes oferecia refrescos ou, pelo menos, alguma coisa tomada como tal.

- Oh, Deus, não - retorquiu Mrs. Nickleby, dando uma vista de olhos para o relógio.

- Lorde Frederick - disse Sir Mulberry - saímos com Mrs. Nickleby e vamos metê-la no ônibus?

- Com certeza. Sim.

- Oh, não podia pensar nisso! - exclamou Mrs. Nickleby.

Mas Sir Mulberry Hawk e Lorde Verisopht eram peremptórios nas suas delicadezas e deixaram a casa, levando Mrs. Nickleby no meio deles e, Ralph, numa situação ridícula.

Quanto à boa senhora, pensava que Kate podia agora escolher duas boas fortunas e os mais irrepreensíveis maridos. Enquanto ela era arrastada pela torrente dos seus

pensamentos, todos ligados à grandeza futura da filha Sir Mulberry Hawk e o amigo trocavam olhares por cima do chapéu que a senhora sentia não ter deixado em casa,

e continuavam com muitos elogios sobre as muitas perfeições de Miss Nickleby.

-Que delícia, que conforto, que felicidade essa amável criatura deve ser para a senhora - disse Sir Mulberry, pondo na voz um sentimento de entusiasmo.

- É, na verdade, sir - respondeu Mrs. Nickleby. - o temperamento mais doce e a criatura de melhor coração. e tão inteligente!

- Parece muito inteligente - opinou Lorde Verisopht com o ar dum juiz de inteligências.

- Asseguro-lhe que é, meu lorde - replicou Mrs Nickleby.

-Quando estava na escola, em Devonshire, era tida como ultrapassando todas as excepções das mais inteligentes raparigas, e havia um grande número muito inteligente.

E isso é verdade. vinte e cinco raparigas, cinquenta guinéus por ano sem os extras, ambas as Misses Dowdle, as mais perfeitas, elegantes e fascinantes criaturas.

Oh meu Deus! nunca esquecerei o prazer que ela costumava dar-me e ao seu pobre papá, quando estava naquela escola, nunca. aquela deliciosa carta todos os semestres,

a participar-nos que era a primeira aluna de todo o estabelecimento e que tinha feito mais progressos

do que as outras! Mesmo agora, mal posso deixar de pensar nisso. Eram as próprias raparigas que escreviam as cartas e a professora de redacção premiava-as depois

com uma lente ou uma caneta de prata; pelo menos penso que elas as escreviam, embora Kate nunca estivesse muito certa disso, porque não era capaz de reconhecer a

sua letra; mas de qualquer modo sei que era uma circular que todos copiavam e decerto era uma coisa que dava gosto. muito gosto.

Com semelhantes recordações Mrs. Nickleby amenizou o enfado do caminho até chegarem ao ônibus, onde só a deixaram depois de a verem embarcar. Mrs. Nickleby, encostando-se

no canto mais recôndito do transporte e, fechando os olhos, engolfou-se no pensamento dos seus novos conhecimentos e na estranheza de Kate nunca ter falado neles.

Ela que nunca se opusera às inclinações da filha, pensava ser esta uma razão para julgar que a escolha estava ainda por fazer, embora ela, por sua parte, preferisse

Sir Mulberry, um cavalheiro muito fino e muito delicado. E na sua fantasia maternal, via a filha casada com grande brilho, melhor do que muitas com milhares de libras.

Entretanto, Ralph passeava no seu acanhado escritório, com a cabeça perturbada pelo que tinha acontecido. Seria a mais atrevida das ficções julgar que Ralph gostava,

ou se importava, com qualquer criatura. Contudo, de vez em quando, sentia pela sobrinha compaixão e piedade, e olhava a pobre rapariga por um prisma melhor e mais

puro do que qualquer outro ser humano.

- Desejava nunca ter feito isto - pensava Ralph. - E contudo conservarei este rapaz comigo enquanto houver dinheiro a arrancar. Vender uma rapariga. atirá-la para

o caminho da tentação e das grosserias. Dele já tñho quase duas mil libras de lucro. Ora! Muitas mes casamenteiras fazem o mesmo todos os dias!

Sentou-se e contou as probabilidades, pró e contra, pelos dedos.

- Se os não tivesse posto hoje na verdadeira pista - pensava Ralph - essa parva tê-lo-ia feito. Bem. Se a filha tiver juízo, como julgo pelo que tenho visto, que mal pode advir? Um pouco de arrelia, um pouco de humilhação e algumas lágrimas. Sim - continuou em voz alta, enquanto fechava o cofre forte. - Tem de se arriscar! Tem de se arriscar!

## CAPÍTULO XXVII

Mrs. Nickleby torna-se conhecida de Pyke e Pluck, cuja afeição e interesse estão acima de todos os limites

Mrs. Nickleby nunca se sentira tão orgulhosa e importante como quando chegou a casa e deu expansão a todas as agradáveis visões, que a tinham acompanhado todo o caminho

até ali. Lady Mulberry Hawk. era a sua ideia predominante. Lady Mulberry Hawk! -Na última terça-feira, em St. George, Hannover Square, pelo muito reverendo Bispo de Landaff, Sir Mulberry Hawk, de Mulberry Castle, Gales da Norte, uniu-se a Catherine, filha única do falecido Nicholas Nickleby, Esquire, de Devonshire.

-Palavra! - exclamou Mrs. Nickleby - isto soa muito bem.

Tendo pintado a cerimónia com grande pompa e as honras que acompanharam Kate na sua nova esfera, não esquecendo a sua apresentação na Carte, decerto, imaginou o brilhante aniversário dela, em que o marido perdoaria aos rendeiros meio por cento na quantia da renda do ano anterior. O retrato de Kate, por Sir Dingleby Dabber, figuraria, com certeza, em meia dúzia de exposições anuais, pelo menos. Com estes castelos no ar passou Mrs. Nickleby toda a noite depois da accidental apresentação aos amigos titulares de Ralph. Estava a preparar o seu frugal jantar, no dia seguinte, ocupada com as mesmas ideias - um pouco diluídas pelo barulho e pela luz do dia, quando a rapariga que a servia entrou a toda a pressa no aposento, anunciando dois cavalheiros que estavam no corredor, aguardando licença para subir.

-Deus me valha! - exclamou Mrs. Nickleby, compondo à pressa a touca e a cabeça - se fossem. meu Deus, ficarem no corredor todo este tempo, por que lhes não vais pedir para subirem, estúpida?

Enquanto a rapariga ia executar a ordem, Mrs. Nickleby rapidamente meteu num armário todos os vestígios de comida e de bebida. Isto mal tinha sido feito e ela se sentava, quando dois cavalheiros, perfeitamente estranhos, se apresentavam.

-Como está? - perguntou um dos cavalheiros, imprimindo grande farça na última palavra.

-Como está? - repetiu o outro cavalheiro, alterando a ênfase, como se fosse uma variante de cumprimento.

Mrs. Nickleby cortejou e sorriu, cortejou novamente e observou, esfregando as mãos, que não tinha, realmente, a honra de.

-De nos conhecer - concluiu o primeiro cavalheiro. A culpa foi nossa, Mrs. Nickleby. A culpa foi nossa, Pyke?

- Foi, Pluck - asseverou o outro cavalheiro.

-Têmo-nos arrependido disso com frequência, creio eu, não é, Pyke? - perguntou o primeiro cavalheiro.

-Muitas vezes, Pluck - respondeu o segundo.

- Mas agora - declarou o primeiro cavalheiro - temos a felicidade em que penávamos e pela qual nos consumíamos. Temos penado e consumido por esta felicidade, Pyke, ou não temos?

-Sabes que temos, Pluck - replicou Pyke, repreensivamente.

- Ouve-o, ma am - inquiriu Pluck, olhando em redor. Ouve o testemunho irrepreensível do meu amigo Pyke. que me lembra que as formalidades, as formalidades não devem ser esquecidas numa sociedade civilizada. Pyke. Mrs. Nickleby.

Mr. Pyke levou a mão ao coração e curvou-se.

-Se me devo apresentar com a mesma frontalidade - continuou Mr. Pluck - se devo dizer que o meu nome é Pluck, ou se devo pedir ao meu amigo Pyke para garantir que o meu nome é Pluck; se devo pretender o seu conhecimento unicamente ao nível do forte interesse que tenho pelo seu bem-estar, ou se devo dar-me a conhecer como amigo de Sir Mulberry Hawk. estas, Mrs. Nickleby, são considerações que lhe deixo para determinar.

-Qualquer amigo de Sir Mulberry Hawk não precisa de melhor apresentação para mim - observou Mrs. Nickleby graciosamente.

- É uma delícia ouvir dizer isso - afirmou Mr. Pluck, chegando uma cadeira para perto de Mrs. Nickleby e sentando-se. - consolador saber que tem o meu excelente amigo, Sir Mulberry, em tão elevada estima. Um segredo, Mrs. Nickleby. Quando Sir Mulberry o souber, será um homem feliz. digo, Mrs. Nickleby, um homem feliz!. Pyke, senta-te!

-A minha boa opinião - declarou Mrs. Nickleby, e a pobre senhora exultava com a ideia de ser maravilhosamente astuta - é de muito pouca consequência para um cavalheiro como Sir Mulberry.

-De pouca consequência! - exclamou Mr. Pluck. - Pyke, qual é a consequência para o nosso amigo Sir Mulberry a boa opinião de Mrs. Nickleby?

-Qual é a sua consequência? - ecoou Pyke.

-Sim - repetiu Pluck - não é de grandíssima consequência?

- De grandíssima consequência - concordou Pyke.

-Mrs. Nickleby não pode ignorar - confessou Mr. Pluck

- a imensa impressão que essa linda rapariga tem.

-Pluck! - avisou o amigo. - Cautela!

-Pyke tem razão - murmurou Mr. Pluck depois duma curta pausa. - Não devia mencionar isto. Pyke tem razão. Obrigado, Pyke!

- Realmente nunca vi tanta delicadeza como esta - pensou Mrs. Nickleby.

Mr. Pluck, depois de fingir, durante uns minutos, estar em grande embaraço, continuou a conversa, advertindo Mrs. Nickleby para não fazer caso do que tão inadvertidamente declarara.

- Mas quando - afirmou Mr. Pluck - vi tanta doçura e beleza dum lado e tanto ardor e devoção do outro, eu. Desculpa-me, Pyke, não tencionava continuar este tema.

Muda o assunto, Pyke.

- Prometemos a Sir Mulberry e a Lorde Frederick - disse Pyke - passar por aqui esta manhã para sabermos se a senhora se tinha constipado a noite passada.

- Não me constipei nada a noite passada, sir - respondeu

Mrs. Nickleby - com muitos agradecimentos para Sua Excelência e para Sir Mulberry por me darem a honra de saber de mim; nem a mais pequena constipação - o que é

muito singular, pois realmente sou muito sujeita a elas... de facto muito sujeita. Tive uma vez uma constipação - creio que foi no ano de mil oitocentos e dezassete;

deixe-me ver; quatro e cinco são nove, e. sim, mil oitocentos e dezassete, de que julgava nunca mais me ver livre. Por fim curei-me apenas com um remédio de que

não sei se alguma vez ouviu falar, Mr. Pluck. Tem-se um galão de água tão quente quanto se possa suportar, com uma libra de sal e seis pence do mais fino brande,

sentâmo-nos com a cabeça metida nele durante vinte minutos, todas as noites precisamente antes de ir para a cama, não queria dizer a cabeça. são os pés. É uma cura

muitíssimo extraordinária, muitíssimo extraordinária! Empreguei-a pela primeira vez, lembro-me, no dia seguinte ao Natal e no meado de Abril a seguir, a constipação

tinha-se ido embora. Parece um completo milagre quando se pensa nele, pois eu tinha a constipação desde o princípio de Setembro.

-Que aflitiva calamidade! - comentou Mr. Pyke.

- Horrível! - exclamou Mr. Pluck.

-Mas vale a pena ouvir, quanto mais não seja para saber que Mrs. Nickleby melhorou, não é assim, Pluck?

-É uma circunstância que tem um interesse extraordinário - replicou Mr. Pluck.

- Mas vamos - advertiu Pyke, como se lembrasse subitamente - não devemos esquecer a nossa missão no prazer desta entrevista. Viemos com uma missão, Mrs. Nickleby.

-Com uma missão! - exclamou a boa senhora, em cujo espírito se apresentou imediatamente, em vivas cores, um pedido formal de casamento.

-De Sir Mulberry - informou Pyke. - A senhora deve sentir-se muito triste aqui.

-Bastante triste, confesso - informou Mrs. Nickleby.

- Temos os cumprimentos de Sir Mulberry Hawk e um milhar de súplicas para que aceite um lugar num camarote privado para a peça desta noite - disse Mr. Pluck.

-Oh, meu Deus! - respondeu Mrs. Nickleby. - Eu nunca saio, nunca!

- É essa a verdadeira razão, minha querida Mrs Nickleby, por que deve sair esta noite - replicou Mr. Pluck. - Pyke, suplica a Mrs. Nickleby.

- Oh, peço-lhe! - secundou Mr. Pyke.

-Tem positivamente de ir! - instou Pluck.

-O senhor é muito amável - disse Mrs. Nickleby, hesitando - mas.

-Não há mas neste caso, minha querida Mrs. Nickleby

- ripostou Mr. Pluck - nem existe tal palavra no vocabulário. O seu cunhado vai connosco, Lorde Frederic vai connosco, Sir Mulberry vai connosco. Pyke vai connosco.

uma recusa está fora de questão. Sir Mulberry manda uma carruagem para si vinte minutos antes das sete - e a senhora não será tão cruel que desanime todo o grupo, Mrs. Nickleby.

-O senhor é tão convincente que eu mal sei o que hei-de dizer! - replicou a digna senhora.

-Não diga nada; nem uma palavra, minha queridíssima madame - pediu Mr. Pluck. - Mrs. Nickleby declarou este excelente cavalheiro, baixando a voz - é a quebra de confiança mais ridícula e mais desculpável o que lhe vou dizer; e, contudo, se o meu amigo Pyke a ouvisse - tal é o delicado sentimento da honra dum homem, Mrs.

Nickleby, punha-me à margem antes do jantar.

Mrs. Nickleby deitou um olhar apreensivo para o homem delicioso, Pyke, que tinha ido para a janela, e Mr. Pluck, acenando com a mão, continuou:

- A sua filha fez uma conquista. uma conquista pela qual lhe dou os parabéns. Sir Mulberry, minha querida ma'am, Sir Mulberry é o seu escravo dedicado!

-Ah! - exclamou Mr. Pyke neste momento, tirando uma coisa de cima da pedra da chaminé com um ar teatral. O que é isto? O que é que eu contemplo?

-O que contemplos tu, meu querido amigo? - perguntou Mr. Pluck.

-É a cara, as feições, a expressão - exclamou Mr. Pyke, caindo na cadeira com uma miniatura na mão - francamente retratadas, imperfeitamente apanhadas, mas contudo a cara, as feições, a expressão.

- Reconheço-o a esta distância - declarou Mr. Pluck num acesso de entusiasmo. - Não é, minha querida madame, a pálida semelhança de.

- o retrato da minha filha - informou Mrs. Nickleby com grande orgulho.

Assim era. A pequena Miss La Creevy trouxera-o para o verem, havia apenas duas noites.

Mr. Pyke, logo que soube ter sido certa a sua conjectura, fez os mais extravagantes elogios ao original e Mr. Pluck apertou a mão de Mrs. Nickleby ao coração e deu-lhe os parabéns por ter uma tal filha. A pobre senhora, que ouvira com muita complacência ao princípio, ficou conquistada por estas provas de estima pela família, e até a própria criada ficou grudada ao chão, surpreendida com os êxtases dos dois simpáticos visitantes.

A pouco e pouco estes transportes acalmaram e Mrs. Nickleby continuou a entreter as visitas com os lamentos da sua fortuna perdida, da sua velha casa na província, pormenorizando-a até ao infinito, sem esquecer os degraus que havia a descer e a subir para o

jardim e os excelentes apetrechos de cozinha. Esta última reflexão conduziu-a, naturalmente, à casa da lavagem, onde se expandiu sobre os utensílios, e a conversa ter-se-ia dilatado por uma hora se, por uma associação de ideias,

Mr. Pyke se não lembrasse de que tinha uma sede horrível.

- E declaro-lhe - disse Mr. Pyke - que se mandar buscar à taberna um jarro metade de cerveja forte e metade fraca, eu bebo-o positiva e presentemente.

E positiva e presentemente Mr Pyke bebeu-o, ajudado por Mr. Pluck, com grande assombro de Mrs. Nickleby.

-Então aos vinte minutos para as sete - lembrou Mr. Pyke levantando-se - o carro estará aqui. Mais um olhar. um pequeno olhar para este lindo rosto. Ah! aqui está ele. Imóvel, imutável! Oh Pluck, Pluck!

Mr. Pluck só deu como resposta beijar a mão de Mrs. Nickleby com uma grande mostra de sentimento e de afecto. Tendo Mr. Pyke feito o mesmo, ambos os cavalheiros desapareceram rapidamente.

Mrs. Nickleby tinha, geralmente por hábito, atribuir-se uma grande perspicácia, mas nunca como nesse dia. Nunca vira Kate com Sir Mulberry, nem lhe ouvira o nome deste, no entanto, previra logo, desde o princípio, a situação do caso. A prova suficiente tinha-a na confiança que deixara escapar o amigo íntimo de Sir Mulberry.

Gosto muito deste querido Mr. Pluck, declaro que gosto, confessou Mrs. Nickleby. Uma vez ou duas esteve quase resolvida a ir ter com Miss La Creevy e contar-lhe tudo, Mas eu não sei, pensou Mrs. Nickleby, ela é uma pessoa digna, mas tão abaixo da posição de Sir Mulberry para nos fazer companhia. Pobre mulher! Rejeitando a ideia, contentou-se em confidenciar vagas e misteriosas esperanças de dignidade à criadita, que recebera estas obscuras informações de grandeza com muita veneração e respeito.

Pontualmente à hora prometida, chegou o transporte, que não era um carro de aluguer, mas uma carruagem particular com o respectivo laçao, onde Mrs. Nickleby se sentou muito direita e digna, não pouco orgulhosa da sua posição.

À entrada no teatro havia muita agitação e muito barulho e havia, também, Pyke e Pluck, esperando-a para a escoltarem ao camarote. Mal Mrs. Nickleby se tinha posto por detrás da cortina do camarote, sentada numa cadeira de braços, quando chegaram Sir Mulberry e Lorde Verisopht, na mais elegante maneira. Sir Mulberry estava um pouco mais grosseiro que no dia anterior e Lorde Verisopht parecia sonolento e esquisito, donde Mrs. Nickleby tirou a conclusão de que tinham acabado de jantar.

- Estivemos. estivemos. a beber à saúde da sua encantadora filha, Mrs. Nickleby - sussurrou Sir Mulberry, sentando-se por detrás dela.

-Oh! - pensou aquela sabida senhora. - Vinho na cabeça, verdade na língua. O senhor é muito gentil, Sir Mulberry.

-Não, não, pela minha alma - protestou Sir Mulberry Hawk. - A senhora é que é gentil, pela minha alma que o é. Foi muito amável da sua parte em ter vindo esta noite.

-Quer dizer que o senhor foi muito amável em convidar-me,

- retorquiu Mrs. Nickleby, levantando repentinamente a cabeça e olhando duma forma prodigiosamente matreira.

-Estava tão ansioso por conhecê-la, tão ansioso em cultivar a sua opinião, tão desejoso de que houvesse entre nós uma deliciosa espécie de harmonioso entendimento familiar

- declarou Sir Mulberry - que não deve pensar que sou desinteressado naquilo que faço. Sou um infernal egoísta. pela minha alma que o sou!

-Tenho a certeza de que não pode ser egoísta, Sir Mulberry! - contestou Mrs. Nickleby. - Tem um rosto muito franco e generoso para isso.

-Que extraordinária observadora a senhora é! - comentou Sir Mulberry Hawk.

-Oh, não, na verdade não vejo as coisas muito profundamente - declarou Mrs. Nickleby num tom de



voz que deixou o baronete convencido de que ela, de facto, via profundamente.

- Tenho muito medo da senhora - confessou o baronete.

- Pela minha alma - repetiu Sir Mulberry, olhando em redor para os seus companheiros - tenho medo de Mrs. Nickleby. Ela é tão astuta!

Pyke e Pluck abanaram as cabeças misteriosamente e observaram juntos que tinham visto isso há muito tempo. Por causa disto Mrs. Nickleby sorriu, Sir Mulberry riu e Pyke e Pluck resmungaram.

-Mas onde está o meu cunhado, Sir Mulberry? - perguntou Mrs. Nickleby. - Eu não devia estar aqui sem ele. Espero que ainda venha.

- Pyke - disse Sir Mulberry, tirando um palito e encostando-se à cadeira, como se sentisse muito fatigado responder a esta pergunta. - Onde está Ralph Nickleby?

-Pluc - repetiu Pyke, imitando o gesto do baronete e endossando a mentira ao amigo. - Onde está Ráph Nickleby?

Mr. Pluck ia a dar uma resposta evasiva, quando o barulho causado por umas pessoas a entrarem no camarote ao lado pareceu atrair a atenção dos quatro cavalheiros, que trocaram olhares de muita compreensão. Os recém- chegados começaram a conversar entre si e Sir Mulberry pôs-se subitamente a escutar com muita atenção, implorando aos amigos para não respirarem. - Por que não? - respingou Mrs. Nickleby. - De que se trata?

-Silêncio! - recomendou Sir Mulberry, pondo a mão no braço da senhora. - Lorde Frederick, reconheces o tom desta voz?

-O diabo me leve se não penso ser a voz de Miss Nickleby.

-Senhor, meu lorde! - exclamou a mamã de Miss Nickleby, tirando a cabeça para fora do cortinado.

- Kate, minha querida Ciate!

-Está aqui, mamã? É possível?

-É possível, minha querida, pois é.

- Quem... quem são as pessoas que estão consigo, mamã?

- perguntou Kate, atirando-se para trás quando viu um homem a sorrir e a beijar a própria mão.

-Quem supões tu, minha querida? - retorquiu Mrs. Nickleby, cumprimentando Mrs. Wititlerly e falando um pouco mais

alto para conhecimento desta senhora. - São Mr. Pyke, Mr.

Pluck, Sir Mulberry Hawk e Lorde Frederick Verisopht.

-Bendito Céu! - pensou Kate, horrorizada. - Como veio ela em tal companhia?

Kate, ainda com a lembrança do medonho jantar de Ralpthornou-se extremamente pálida e agitada, o que, sendo observado por Mrs Nickleby, foi por ela tomado à conta

dum violento amor. A boa senhora apressou-se a deixar o seu camarote levada pela ansiedade de mãe e a entrar no de Mrs. Wititlerly

a qual, pensando na glória de ter um baronete e um lorde

como conhecimentos, fez sinal ao marido para deixar a porta aberta. Em vista desta disposição o camarote de Mrs. Wititlerly encheu-se dentro de pouco tempo, de

tal modo que só houve espaço para Pick e Pluck meterem as cabeças e os coletes.

-Ah, querida criança. - disse Mrs. Nickleby, beijando a

filha afectuosamente - como parecias tão doente há um momento atrás! Declaro que me assustaste bastante!

- Foi uma impressão sua, mamã... talvez o reflexo

das luzes - respondeu Kate, relanceando nervosamente em

redor e vendo ser impossível sussurrar-lhe qualquer explicação ou aviso para ter cautela.

-Não vês Sir Mulberry Hawk, minha querida?

Kate inclinou-se ligeiramente e, mordendo os lábios, voltou a cabeça para o palco.

Mas Sir Mulberry Hawk não era assim tão facilmente batido, por isso avançou com a mão estendida e como Kate foi

disso officiosamente informada pela mãe, foi obrigada a estender também a sua. Sir Mulberry reteve-a enquanto murmurava uma profusão de cumprimentos, que Kate considerou como agravos ao insulto que lhe fizera. Seguiu-se depois o reconhecimento de Lorde Verisopht, de Mr Pike e de Mr. Pluck e finalmente, para completar a mortificação da rapariga, foi compelida, a pedido de Mrs. Witterly, a apresentar tão odiosas pessoas, que ela olhava com a maior indignação e aborrecimento.

- Mrs Witterly está encantada - afirmou Mr. Witterly esfregando as mãos - encantada, meu lorde, tenho a certeza, com a oportunidade de contrair um conhecimento que, espero, meu lorde se estreitará. Júlia, minha querida, não te deves excitar demasiado. Não deves, minha querida, Mrs. Witterly é duma natureza muito excitável, Sir Mulberry. O pavio duma vela, o morrão dum candeeiro, a cor dum alperche, a penugem duma borboleta. Podia atirá-la com um sopro para longe, meu lorde, podia de facto.

Sir Mulberry parecia pensar que a senhora fosse afastada com um sopro, no entanto, disse que o prazer era mútuo e Lorde Verisopht acrescentou que era mútuo, após o que se ouviu Misters Pyke e Pluck murmurarem a distância que era mútuo, de facto.

- Tenho um interesse meu lorde. - declarou Mrs. Witterly com um pálido sorriso - um tal interesse pelo drama!

- Sim, é muito interessante - corroborou Lorde Verisopht.

- Depois de ouvir Shakespeare fico sempre doente - confidenciou Mrs. Witterly. - No dia seguinte mal vivo; sinto uma reacção tão grande depois duma tragédia, meu lorde, e Shakespeare é uma criatura tão deliciosa!

- Sim - replicou Lorde Verisopht. - Era um homem muito esperto.

- Sabe, meu lorde - continuou Mrs Witterly depois dum longo silêncio - acho que tomo muito mais interesse pelas suas peças depois de ter estado naquela triste casinha onde ele nasceu. Já lá esteve alguma vez, meu lorde?

- Não, nunca! - respondeu Verisopht.

- Então deve lá ir, meu lorde - replicou Mrs. Witterly com acentos lânguidos e pachorrentos. - Não sei como é, mas depois de se ter isto o lugar e de escrever o nome no livrinho, parecemos ficar inspirados; ateia-se uma chama dentro de nós.

- Sim - concordou Lorde Verisopht. - Terei certamente de ir lá.

- Júlia, minha vida - interrompeu Mr. Witterly - estás induzindo em erro Sua Excelência. impensadamente, meu lorde, ela está a enganá-lo, minha querida. a tua alma etérea. a tua fêrvida imaginação que te atira para um fogo de génio e de excitação. Não há nada na casa, minha querida. nada, nada!

- Creio que deve haver alguma coisa na casa - disse Mrs. Nickleby, que tinha estado - em silêncio - pois pouco depois de casar fui a Stratford com o pobre querido Mr. Nickleby numa sege de posta desde Birmingham. era uma sege de posta! - reflectiu Mrs. Nickleby. - Sim, deve ter sido uma sege de posta porque me lembro de observar nessa ocasião que o cocheiro tinha o olho esquerdo negro. numa sege de posta até Birmingham e, depois de vermos o túmulo de Shakespeare e a casa onde nasceu, voltamos para a estalagem, onde dormimos essa noite, e lembro-me que durante toda a noite só sonhei com um cavalheiro preto, de tamanho natural, em gesso, com um colarinho voltado para baixo, atado com duas borlas, encostado a um poste a pensar; e quando acordei de manhã e descrevi a Mr. Nickleby, ele disse que era Shakespeare tal e qual como quando era vivo, o que foi, de facto muito curioso, Stratford. Stratford - continuou Mrs. Nickleby a considerar - Sim, tenho a absoluta certeza disso porque me lembro de estar, ao tempo, grávida do meu filho Nicholas e assustei-me muito nessa mesma manhã com um retrato dum rapaz italiano. De facto foi uma completa providência, ma'am - acrescentou Mrs. Nickleby num murmúrio para Mrs. Witterly - o meu filho não se tornar num Shakespeare e que horrível coisa teria sido!

Quando Mrs. Nickleby acabou esta interessante história, Pyke e Pluck, sempre zelosos da causa do seu patrono propuseram a divisão dos espectadores pelos dois camarotes e de tal forma se houveram que Kate, apesar dos seus protestos, teve de sofrer a presença de Sir Mulberry Hawk. Sua mãe e Mr. Pluc acompanharam-nos, tendo a senhora o cuidado de não largar a filha de vista durante toda a noite fingindo prestar atenção às conversas do cavalheiro que tinha sido posto como sentinela junto de si.

Lorde Frederick Verisopht ficou no outro camarote a ouvir conversar Mrs. Witterly, com Mr. Pyke como auxiliar, e quanto a Mr. Witterly não pode ter mão em si que não mostrasse os seus conhecimentos das pessoas distintas com quem conversavam, o que fez morrer de inveja muitos respeitáveis guardalivros.

A noite terminou, por fim, e Kate foi acompanhada a descer as escadas pelo detestado Sir Mulberry, devido às hábeis medidas de Mistery Pyke e Pluc, que fizeram com que eles fossem os últimos do grupo.

-Não se apresse, - disse Sir Mulberry quando Kate procurava tirar-lhe o braço e tentava caminhar mais rapidamente. Ela não respondeu e continuou a andar mais ligeira.

- Não, então. - observou Sir Mulberry, parando-a rapidamente.

- É melhor que me não procure deter, sir! - protestou Kate, zangada.

-E porque não? - perguntou Sir Mulberry. - Minha querida, porque conserva essa aparência de desprazer?

-Aparência! - repetiu Kate indignada. - Como se atreve a falar comigo sem eu o autorizar. a dirigir-se-me. a vir à minha presença?

- É mais bonita quando está zangada, Miss Nickleby - afirmou Sir Mulberry Hawk, curvando-se, para melhor lhe ver o rosto.

-Tenho por si a mais profunda abominação e o mais profundo desprezo, sir - disse Kate. - Se acha algum atractivo nos olhares de desgosto e de aversão, o senhor.

deixe-me ir ter imediatamente com os meus amigos, sir! Quaisquer considerações que me impeçam de continuar, desprezo-as todas e digo-lhe duas coisas de tal maneira que mesmo o senhor há-de sentir, se me não deixa imediatamente prosseguir o meu caminho.

Sir Mulberry sorriu, ficou a olhar-lhe para a cara e, com o braço dela agarrado, encaminhou-se para a porta.

- Se o meu sexo ou a minha desprotegida situação o não leva a desistir desta perseguição grosseira e insolente - declarou Kate mal sabendo o que dizia no tumulto da sua indignação. -,tenho um irmão que um dia lha fará pagar caro!

-Pela minha alma! - exclamou Sir Mulberry como se

falasse consigo e passando o braço pela cintura dela - parece mais linda e gosto mais dela deste modo de que quando de olhos baixos e está em perfeita calma.

Quando Kate chegou ao salão, onde os seus aguardavam, passou a correr por eles sem os ver e, libertando-se subitamente do companheiro, entrou na carruagem, onde se atirou para o canto mais escuro, desatando a chorar.

Mistery Pyke e Pluck, conhecendo a sua obrigação, começaram a gritar pelas carruagens, estabelecendo uma violenta questão com algumas pacíficas pessoas que ali estavam; no meio do tumulto conseguiram meter na sua carruagem Mrs. Nickleby, esquecendo-se da rapariga. Por fim, o carro onde esta tinha vindo, pôs-se a andar e os quatro dignos companheiros, ficando sós sob o alpendre, começaram a rir às gargalhadas.

-Não te disse a noite passada que se pudéssemos saber onde eles iam, peitando um criado por intermédio do meu camarada, e estabelecermo-nos depois junto da mãe, que a honra desta gente seria a nossa? Aqui tens, feito em vinte e quatro horas - declarou Sir Mulberry, voltando-se para o seu nobre amigo.

- Sim - replicou o tolo - mas eu fiquei amarrado à velha toda a noite.

-Ouçam-no - disse Sir Mulberry, dirigindo-se aos seus dois amigos - ouçam este rosnador descontente. Não dá vontade uma pessoa não o tornar a ajudar nos seus planos e estratégias? Não é uma vergonha indecente?

Pyke perguntou a Pluck se era, ou não uma vergonha indecente, e Pluck perguntou a Pyke, mas nenhum deles respondeu.

- Não foi verdade? - inquiriu Verisopht. - Não foi assim?

- Não foi assim? - repetiu Sir Mulberry. - De que maneira terias tu obtido as coisas? Como terias conseguido um convite geral à primeira vista. - Venha quando quiser, vá quando quiser, demore-se o tempo que quiser, faça o que quiser - se tu, o lorde, não te tivesses tornado agradável à parva da dona da casa? Importo-me com esta rapariga a não ser por ser teu amigo? Não estive a apregoar aos ouvidos dela as tuas prendas e sofrendo os seus amuos e impertinências toda a noite por tua causa?

De que estofos pensas tu que sou feito? Faria eu isto por toda a gente. sem ao menos merecer gratidão em paga?

-Tu és um belo camarada! - disse o pobre jovem lorde, agarrando no braço do amigo. - Pela minha vida, és um belo camarada, Hawk.

- E procedi bem, não procedi?

- Perfeitamente.

-E como um pobre pateta e bondoso cão amigo, como eu sou?

- Sim, sim, como um amigo - respondeu o outro.

-Então bem - disse Sir Mulberry. - Estou satisfeito.

E agora vamos tirar a nossa desforra ao barão alemão e ao francês, que te limparam tão lindamente a noite passada. .

Com estas palavras a sociável criatura agarrou no braço do companheiro e conduziu-o dali, voltando-se um pouco para Pyke e Pluck, a quem piscou o olho e sorriu desdenhosamente.

Estes, metendo os lenços na boca para denotarem o seu silencioso divertimento com tudo o que se estava passando, seguiram o patrono, e a vítima, a uma pequena distância.

## Capítulo XXVII

Miss Nickleby, desesperada pela perseguição de Sir Mulberry e com aflições que surgem, apela, em último recurso, para a protecção do tio.

A manhã seguinte trouxe reflexões consigo, mas essas reflexões foram diferentes para as diversas pessoas que tomaram parte nas cenas da noite antecedente, devidas à actividade de Pyke e Pluck. As reflexões de Sir Mulberry liawk sobre Kate Nickleby era que ela era indubitavelmente bonita e que podia ser facilmente conquistada por um homem com a sua experiência, desde que lhe fizesse uma cerrada perseguição. As de Mrs. Nickleby eram dum género mais orgulhoso e complacente e sob a influência da agradável ilusão em que vivia escreveu uma comprida carta à filha, dando o seu inteiro aplauso à escolha feita e pondo Sir Mulberry nos píncaros da lua. A pobre Kate, não tendo pregado olho toda a noite, chorando e velando no seu quarto, foi obrigada, no dia seguinte, a mostrar boa cara e boa disposição a Mrs. Witterly, pois para isso lhe pagava e a sustentava.

Eram quatro horas da tarde e Mrs. Witterly, reclinada no sofá da sala, como de costume, escutava uma nova novela em três volumes, intitulada *The Lady Flabella*, que Kate lia em voz alta. Era uma produção admiravelmente talhada para a doença de Mrs. Witterly, por não despertar qualquer excitação fosse a quem fosse.

Kate leu:

Cherizettee, disse Lady Flabella, metendo os pézinhos nos sapatos de quarto em cetim azul, que tinham, imprudentemente, ocasionado uma alteração, meio a brincar, meio zangada, entre ela e o jovem coronel Befillaire no salon de danse do Duque de Mincefenille na noite anterior. aCherizettee, ma cenère, don nez-moá de l'eau-áe-Coloque, s'il vous plait, mon enfant' Mercie.

- Obrigada, disse Lady Flabella quando a viva, mas dedicada Cherizettee, borrifou a fragrante composição no mouchoir de finíssima cambraia de Lady Flabella, debruado com riquíssima renda e brasonado nos quatro cantos com o escudo de Flabella, mostrando a

heráldica desta nobre família. Mercie, já está.

<Neste instante, enquanto Lady Flabella ainda aspirava aquele delicioso perfume, levando o mouchoir ao seu nariz delicado e sonhadamente cinzelado, a porta do boudoir, artisticamente escondida por ricos cortinados de damasco, na cor alacre do céu de Itália, abriu-se de par em par e dois Valets-dechambre, vestidos com sumptuosas librés cor de pêssego e ouro, avançavam silenciosamente, precedendo um pajem com bas de soie - meias de seda - o qual, enquanto os outros ficavam a alguma distância, fazendo as mais graciosas reverências, seguiu até aos pés da sua adorada senhora e, pondo um joelho em terra, apresentou-lhe uma perfumada cartinha numa salva dourada, finamente cinzelada.

Lady Flabella, com uma agitação que não pôde reprimir, rasgou rapidamente o sobrescrito, quebrando o perfumado selo. Era de Befillaire - jovem elegante, de voz magoada - o seu Befillaire.

-Oh! Que encanto! - interrompeu a patroa de Kate, que era algumas vezes literata - Realmente poético. Leia outra vez essa descrição, Miss Nickleby.

Kate, satisfiz-lhe a vontade.

- Linda, na verdade! - comentou Mrs. Witterly com um suspiro. - Tão voluptuoso, não é? Tão mavioso?

-Sim, julgo que é - respondeu Kate amavelmente, Muito mavioso!

-Feche o livro, Miss Nickleby - pediu Mrs. Witterly. Não posso hoje ouvir mais nada; ficaria triste se perturbasse a impressão desta doce descrição. Feche o livro.

Kate assim fez, não sem vontade, e quando fechou o livro Mrs. Witterly ergueu a luneta com mão lânguida e observou que ela estava pálida.

-Foi o sobressalto do barulho e da confusão da noite - explicou Kate.

-Como isso é singular! - exclamou Mrs. Witterly com um olhar de surpresa.

E começou a pensar que era muito singular que qualquer coisa pudesse ter perturbado a sua companheira. Uma máquina a vapor, ou outra engenhosa peça de mecanismo, fora de ordem, não seria nada comparado com isso.

-Como conheceu Lorde Frederick e as outras amáveis criaturas, minha filha? - perguntou Mrs. Witterly, olhando para Kate, ainda através da luneta.

-Encontrei-os em casa do meu tio - informou Kate, vexada por se sentir corar profundamente, mas incapaz de impedir que o sangue lhe subisse às faces quando se lembrava daquele homem.

-Conhece-os há muito tempo?

- Não - respondeu Kate - não muito.

-Estou muito contente com a oportunidade que sua mãe nos deu de os conhecermos - declarou Mrs. Witterly em tom mais alto. - Alguns amigos nossos estavam para no-los apresentar o que torna o caso muito notável.

Isto foi dito para Miss Nickleby perceber bem a honra e

dignidade de terem conhecido quatro grandes pessoas pois Pyke e Pluck estavam incluídos entre as deliciosas criaturas, as quais não eram das relações de Mrs. Witterly,

Mas como esta circunstância não fazia impressão alguma no espírito de Kate, a força da observação perdeu-se inteiramente.

- Pediram licença para vir cá - informou Mrs. Witterly - e eu dei-lhes, naturalmente.

-Espera-os hoje? - aventurou-se Kate a perguntar A resposta de Mrs. Witterly perdeu-se no meio do tre mendo barulho que faziam a bater à porta da rua enquanto saía dum lindo cabriolé Sir Mulberry Hawk e o seu amigo Lorde Verisopht.

-Eles aí estão - anunciou Kate; levantando-se e fugindo.

-Miss Nickleby! - chamou Mrs. Witterly, espantada com o gesto da dama de companhia em deixar o aposento sem primeiro lhe pedir licença e obtê-la, - Peça-lhe para

não se ir embora.

-A senhora é muito boa, mas disse Kate.

-Por amor de Deus, não me queira irritar, fazendo-me falar muito - declarou Mrs. Witterly com grande severidade. - Meu Deus, Miss Nickleby, eu peço...

Era inútil Kat protestar que se não sentia bem, pois já se ouviam os passos das visitas na escada. Voltou, portanto, para o seu lugar e mal acabara de se sentar

quando o duvidoso pajem entrou como uma seta no aposento e anunciou Mr. Pyke e Mr. Pluck, Lorde Verisopht e Sir Mulberry Hawk, duma só tirada.

- A coisa mais extraordinária do mundo - disse Mr. Pluck, saudando ambas as senhoras com a maior cordialidade, quando Lorde Frederick e Sir Mulberry chegaram com o carro à porta, Pyke e eu tínhamos acabado de bater.

-Batemos naquele instante! - confirmou Pyke.

-Não importa como vieram, uma vez que estão aqui - declarou Mrs. Witterly, a qual, pelo facto de se sentar no mesmo sofá durante três anos e meio, tinha completamente adquirido uma pequena mímica de graciosas atitudes, entregando-se a uma série delas, das mais surpreendentes, para espantar os visitantes. - Estou encantada, posso assegurar-lhes!

-E como está Miss Nickleby? - perguntou Sir Mulberry Hawk em voz baixa, aproximando-se de Kate, o que não foi isto dito tão baixo que não chegasse aos ouvidos de Mrs. Witterly.

-Queixa-se do sobressalto da noite passada - informou a senhora. - Não me espanta nada disso, pois os meus nervos ficaram num feixe.

- E, no entanto, a senhora parece - observou Sir Mulberry, voltando-se - e no entanto a senhora parece.

-Estar acima de tudo - completou Pyke, vindo em socorro do patrono e naturalmente, Pluck disse o mesmo.

-Tenho receio de que Sir Mulberry seja lisonjeiro, meu

lorde - declarou Mrs Witterly, voltando-se para o jovem fidalgo, que tinha estado a chupar o castão da bengala, em silêncio, olhando para Kate.

-Oh! diabos! - respondeu Verisopht, voltando depois ao entretenimento anterior.

- Nunca a aparência de Miss Nickleby foi pior - observou Sir Mulberry, deixando cair sobre ela o seu olhar atrevido. Foi sempre linda, mas, pela minha alma, ma'am, parece que lhe comunicou parte do seu bom aspecto.

Mrs. Witterly, depois do rubor que subiu ao rosto da pobre rapariga, podia supor ter-lhe concedido um pouco da sua cor artificial, admitindo, embora de má vontade, que Kate era linda, e começou a acreditar que Sir Mulberry não era uma pessoa tão agradável como supusera.

-Pyke - disse o atento Pluck, observando o efeito que o elogio fizera em Miss Nickleby.

- Mize, Pluck - respondeu Pyke.

-Não há ninguém? - perguntou Mr. Pluck misteriosamente - Ninguém que tu conheças que te faça lembrar o perfil de Mrs. Witterly?

-Que me faça lembrar? - respondeu Pyke. - Decerto!

-Quem tens tu na ideia? - inquiriu Pluck, com as mesmas maneiras misteriosas. A D. de B. ?

-A G. de B. - replicou Pyke, com o ligeiro traço dum sorriso a aparecer-lhe nas feições. - A irmã linda é a condessa e não a duquesa.

-Está certo - afirmou Pluck - a C. de B. A semelhança é espantosa.

-Perfeitamente assombrosa - confirmou Mr. Pyke. Segundo o testemunho de duas verídicas e competentes pessoas, Mrs. Witterly foi considerada o verdadeiro retrato da condessa. Era uma das consequências de entrar na boa sociedade. Os dois cavalheiros, tendo percebido que Mrs. Witterly mordida a isca, começaram a dar-lha em maiores doses, para Sir Mulberry poder manobrar à vontade junto de Miss Nickleby. Lorde Verisopht, sentindo-se enjoado com o gosto do castão de ouro da bengala,

estava para dar por terminada a entrevista quando Mr. Witterly, muito oportunamente, chegou a casa, levando a conversa para um campo mais favorável.

- Meu lorde - disse Mr. Witterly - estou encantado, honrado. orgulhoso. Suplico-lhe que se torne a sentar, meu lorde. Sinto-me orgulhoso, de facto... muitíssimo orgulhoso.

Foi com secreto aborrecimento da esposa que Mr. Witterly afirmou isto, pois embora ela rebentasse de orgulho e arrogância, queria fazer crer aos seus ilustres hóspedes que a sua visita era uma ocorrência completamente vulgar e tinham lordes e baronetes a vê-los todos os dias. Mas os sentimentos de Mr. Witterly não se podiam disfarçar.

-É, na verdade, uma honra! - continuou Mr. Witterly.

- Júlia, minha alma, amanhã sofres por causa disto!

- Sofre? - exclamou Lorde Verisopht.

-A reacção; meu lorde, a reacção - explicou Mr. Witterly. - Este violento esforço do sistema nervoso, meu lorde, o que causa? Um abatimento, uma depressão, uma prostração, uma lassidão, uma debilidade. Meu lorde, se Sir Zrnley Snuffim estivesse a ver esta delicada criatura neste momento, não daria isto pela sua vida.

Para ilustrar a sua observação Mr. Witterly tirou uma pitada de rapé da caixa e atirou-a ligeiramente para o ar como um emblema de instabilidade.

-Nem aquilo - prosseguiu Mr. Witterly, olhando em volta com uma expressão séria. - Sir Tumley Snuffim não daria aquilo pela existência de Mrs. Witterly.

Mr. Witterly afirmou isto com uma espécie de sóbria exultação, como se fosse uma distinção ter uma esposa num tão desesperado estado, e Mrs. Witterly suspirou e olhou como se sentisse a honra, mas estando determinada a suportá-la tão suavemente quanto pudesse.

- Mrs. Witterly - atirmou o marido - é a doente favorita de Sir Izmley Snuffim. Creio poder dizer que Mrs. Witterly foi a primeira que tomou o novo remédio que se supõe ter destruído uma família em Kensington Gravel Pits. Creio que sim. Se estou enganado, Júlia, minha querida, corrige-me.

- Creio que fui - confessou Mrs. Witterly em voz fraca. Como parecia haver uma certa dúvida no espírito do seu protector a respeito da melhor forma de entrar na conversa, o infatigável Mr. Pyke atirou-se para a luta e perguntou se o remédio era bom.

-Não, sir, não era. Não tinha, mesmo, uma recomendação. - informou o marido.

- Mrs. Witterly é uma mártir - observou Pyke com uma reverência de cumprimento.

-Penso que sou - afirmou Mrs. Witterly, sorrindo.

-Julgo que és, minha querida Júlia - replicou o marido num tom que parecia dizer que ele não era vaidoso, mas devia insistir nos privilégios de ambos. - Se alguém, meu lorde - acrescentou, voltando-se para o fidalgo - me mostrasse uma mártir tão grande como Mrs. Witterly, tudo o que podia dizer era que me sentia feliz em conhecê-la, fosse homem ou mulher.

Pyke e Pluck, notando que a visita se tinha prolongado, obedeceram ao olhar de Sir Mulberry e levantaram-se para sair, sendo imitados por Sir Mulberry e Lorde Verisopht.

Trocaram-se mútuos protestos de amizade e foi renovada a certeza da casa dos Witterlys ter sempre muita honra com tão distintas visitas.

E as visitas sucederam-se, jantando um dia, ceando noutra, encontrando-se por casualidade, fazendo grupo para visitarem lugares públicos, estando sempre Miss Nickleby exposta à constante perseguição de Sir Mulberry Hawk. As coisas seguiram assim durante quinze dias e, embora Sir Mulberry fosse baronete e Lorde Frederick um lorde, não deixavam, contudo, de

ser grosseiros, vulgares e insolentes. Mas como a dona da casa os tolerava, o que podia a dama de companhia fazer contra isso? E o pior é que o odioso Sir Mulberry Hawk se ligava a Kate, com mais ou menos disfarce e Mrs. Witterly se sentia ciumenta dos

atractivos de Miss Nickleby. Se este sentimento servisse para não a admitir na sala, enquanto recebesse estas visitas, Kate só teria que se congratular mas, infelizmente para ela, possuía a graça natural e a verdadeira gentileza de maneiras, que dão o maior encanto a uma reunião especialmente quando a dona da casa não passava duma bonéca animada. A consequência disto era Kate ser obrigada a estar sempre presente e exposta ao mau humor de Mrs. Witterly quando eles se iam embora.

Mrs. Witterly nunca tirou a máscara a Sir Mulbeny, mas quando viu não ser mais do que uma personagem secundária, apossou-se dela a maior indignação e sentiu ser seu dever, como senhora casada, mencionar a circunstância à jovem sem demora.

De acordo com isto Mrs. Witterly enristou a lança na manhã seguinte.

-Miss Nickleby - disse Mrs. Witterly - desejo falar-lhe muito gravemente. Tenho muita pena de o fazer, mas não vejo outra alternativa.

Aqui Mrs. Witterly levantou repentinamente a cabeça, não apaixonadamente, mas virtuosamente e notou, com uma aparência de excitação, temer que as palpitações do coração lhe viessem de novo.

-O seu procedimento, Miss Nickleby, está muito longe de me agradar. Tinha muito interesse, na verdade, de que se conduzisse bem, mas se continua assim, deixa muito a desejar.

-Ma'am! - exclamou Kate orgulhosamente.

-Não me irrite, falando-me dessa forma, Miss Nickleby

- preveniu Mrs. Witterly com uma certa violência - ou obriga-me a tocar a campainha!

Kate olhou para ela, mas não disse nada.

-Não vá supor - prosseguiu Mrs. Witterly - que o olhar-me dessa forma, Miss Nickleby, evita o que lhe vou dizer e que reputo ser um dever religioso. Não precisa de me dirigir esses olhares - insistiu com uma súbita explosão de despeito.

-Eu não sou Sir Mulberry, Lorde Frederick Verisopht, nem Mr. Pyke ou Mr. Pluck.

Kate voltou a olhar para ela, mas menos firmemente e, apoiando o cotovelo na mesa, cobriu os olhos com a mão.

- Se estas coisas se tivessem passado quando eu era uma jovem rapariga - continuou Mrs. Witterly - não suponho que alguém acreditasse nelas.

-Não julgo que acreditem - murmurou Kate. - Não penso que alguém acredite sem o saber, o que me parece estar condenada a sofrer.

-Não me fale de estar condenada a sofrer, se faz favor

Miss Nickleby - pediu Mrs. Witterly com uma vibração na voz muito surpreendente em doente tão grave. - Não quero que me responda, Miss Nickleby, não estou acostumada a que me respondam, nem lho permito por um só momento. Ouviu?

- acrescentou, aguardando com uma aparente inconsistência, por uma resposta.

- Tenho de a ouvir, ma'am - respondeu Kate - com surpresa. a maior surpresa que posso exprimir.

- Sempre a considereei como uma jovem bem educada para a sua situação na vida - declarou Mrs.

Witterly - e como a sua aparência é saudável e a sua maneira de vestir

é correcta, tomei interesse por si, como ainda tenho, considerando que contraí uma espécie de dever para com essa respeitável senhora que é a sua mãe. Por estas

razões, Miss Nickleby, devo dizer-lhe duma vez para sempre que tome conta no que digo: quero que mude imediatamente o seu procedimento para com os cavalheiros que visitam esta casa. É impróprio, completamente impróprio.

-Oh! - exclamou Kate, levantando os olhos e torcendo as mãos. - Isto é cruel e duro demais para se suportar! Não basta que tenha sofrido como tenho, noite e dia,

como ainda quase baixar-me na minha própria estima pela vergonha de ter dado a conhecer essa gente, e ser incriminada com essa injusta e infundada acusação.

-Terá a bondade de se lembrar, Miss Nickleby - advertiu Mrs. Witterly - que quando usar esses termos, injusta e infundada, acusa-me a mim, dizendo que falto à verdade.



- Acuso - respondeu Kate com honesta indignação. - Se a senhora faz essa acusação deitando-a para cima dos outros, procede como eu. Digo que é uma mentira vil, torpe e perversa. É possível que uma pessoa do meu sexo possa estar sentada ao pé de mim e não veja a mágoa que estes homens me causam? É possível que a senhora, ma'am, tenha estado presente e não tenha notado a insultante liberdade que todos os seus olhares contêm? É possível que não tenha querido ver que esses libertinos, no seu claro desrespeito por si, só tiveram um fim ao introduzirem-se aqui e que o progresso dos seus desígnios numa rapariga sem amigos e sem apoio devia ter o seu repúdio sem a necessidade desta humilhante confissão? Não. Não posso crê-lo!

Se a pobre Kate tivesse o mais leve conhecimento do mundo não se aventuraria a fazer um tal discurso. Mrs. Witterly ouviu com heroísmo tudo quanto ela disse sobre os seus sofrimentos, mas quando chegou à altura dos cavalheiros a desrespeitarem sentiu uma violenta emoção e caiu no sofá, proferindo fracos gritos.

-O que é isto? - exclamou Mr. Witterly, entrando de repente na sala. - Céus, o que vejo! Júlia, Júlia! Olha para mim, minha vida, olha para mim!

Mas Júlia olhava para baixo e gritava ainda mais, Mr. Witterly tocou a campainha, dançando em volta do sofá onde

Mrs. Witterly jazia, gritando por Sir Tumley Snuffim e sem deixar uma só vez de pedir uma explicação para a cena que tinha diante de si.

- Corre à procura de Sir IZmley - ordenou Mr. Witterly ao pajem, ameaçando-o com ambos os punhos. - Eu sabia isto, Miss Nickleby - disse ele, olhando em volta com um ar de melancólico triunfo - que a sociedade tem sido demasiado grande para ela. Isto é tudo alma, tudo sofrimento!

Com esta convicção Mr. Witterly agarrou no corpo prostrado de Mrs. Witterly e levou-o para a cama.

Kate aguardou até Sir Tumley Snuffim ter feito a visita e, tendo Mrs. Witterly providencialmente adormecido, vestiu-se rapidamente para sair, deixou o recado que voltaria dentro de duas horas e correu para casa do tio.

Tinha sido um dia completamente feliz para Ralph Nickleby, que passeava dum lado para o outro no aposento das traseiras, fazendo cálculos às quantias ganhas nessa manhã e o sorriso duro que lhe encurvava a boca, e olhar frio e vivo, pareciam dizer que nenhuma resolução o levaria a não aumentar os seus recursos.

-Muito bem - disse Ralph, sem dúvida uma alusão a qualquer acontecimento do dia - ele desafia o usurário, não desafia? Bem! Havemos de ver. A honestidade é o melhor procedimento, não é? Experimentemos isso também.

Parou e depois recomeçou a passear.

-Ele está contente - continuou Ralph, abrandando o sorriso - por opor o seu carácter e conduta contra o poder do dinheiro. escória, como lhe chama. Mas que estúpido cabeçudo deve ser! Escória também... escória! Quem está aí!

-Eu - respondeu Noggs. - A sua sobrinha!

- O que é que ela quer? - perguntou Ralph asperamente.

- Está aqui.

- Aqui?

Newman acenou com a cabeça para o seu pequeno escritório a indicar que ela estava lá à espera.

- O que quer ela? - inquiriu Ralph.

-Não sei - respondeu Newman. - Quer que lhe pergunte? - acrescentou rapidamente.

- Não - retorquiu Ralph. - Traga-a para aqui. espere.

- e rapidamente substituiu um cofre que estava sobre uma mesa por uma bolsa vazia. - Agora pode entrar.

Newman, com um frio sorriso por esta manobra, fez sinal à rapariga para avançar e, tendo posto uma cadeira para ela, retirou-se, olhando, furtivamente por cima do ombro, para Ralph.

-Bem - principiou Ralph com um modo bastante áspero, mas ainda assim mais amável do que teria mostrado a qualquer outra pessoa. - Bem, minha querida. O que se passa?

Kate levantou os olhos cheios de lágrimas e, esforçando-se por dominar a sua emoção, tentou falar, mas em vão. Assim

baixando a cabeça, ficou silenciosa. Ralph não lhe podia ver a cara mas percebeu que ela estava a chorar.

Adivinho a causa disto, pensou Ralph depois de a olhar por muito tempo em silêncio. Adivinho...

Bem! Bem!ir, continuou a pensar completamente desconcertado pela angústia da linda sobrinha. Onde está o mal! Apenas umas poucas de lágrimas, que são uma excelente lição para ela. uma excelente lição.

-O que se passa? - perguntou Ralph, puxando uma cadeira para defronte e sentando-se.

A súbita firmeza com que Kate o encarou e lhe respondeu, atirou-o para trás.

- O que me traz aqui, sir - respondeu ela - é de natureza a fazê-lo corar e envergonhá-lo de ouvir, como me envergonho de falar. Tenho sido injuriada, os meus sentimentos têm sido ultrajados, insultados, feridos sem cura possível, pelos seus amigos.

-Amigos! - exclamou Ralph severamente. - Eu não tenho amigos, rapariga.

-Então pelos homens que vi aqui - retorquiu Kate rapidamente. - Se não eram seus amigos e sabia quem eram, então mais vergonhoso foi o seu procedimento, tio, por me ter trazido para o meio deles. Ter-me sujeitado a que me expusesse aqui, com uma indevida confiança, teria uma farta desculpa, mas o senhor fê-lo - como creio agora que fez, conhecendo-os bem e isso é muitíssimo covarde e cruel.

Ralph atirou-se para trás com perfeito espanto por este discurso franco e contemplou Kate com um olhar furioso, mas ela afrontou os seus olhos altivos e firmemente e, embora o rosto estivesse muito pálido, resplandecia mais nobre e bonito, iluminado como estava e como nunca aparecera antes.

-Vejo que há em si alguma coisa do sangue desse rapaz

- disse Ralph, falando num tom aspérrimo, como se perdurasse nele um pouco do olhar fuzilante de Nicholas no seu último encontro.

- Espero que haja! - replicou Kate. - Sinto-me orgulhosa em sabê-lo. Sou nova, tio, e todas as dificuldades e desgraças da minha situação conservaram esse sangue escondido, mas hoje revoltw-me contra todo esse sofrimento e venho dizer- lhe que não suportarei estes insultos por mais tempo, como filha do seu irmão.

-Que insultos, rapariga? - perguntou Ralph com um modo cortante.

-Lembre-se do que se passou aqui e pergunte a si próprio - respondeu Kate, corando intensamente. - Tio, o senhor deve - tenho a certeza de que o fará - livrar-me

dessa vil e degradante companhia a que tenho estado exposta até agora. Não quero dizer - acrescentou Kate, correndo para o homem e pondo-lhe o braço no ombro - não

quero dizer para ser violento - desculpe-me se lhe dei isso a entender, querido tio - mas não sabe o que tenho sofrido, com

certeza! Não pode perceber o que é o coração duma rapariga...

mas se lhe digo que sOu desgraçada e que o meu coração

sofre,tenho a certeza de que me ajudará. Tenho a certeza... que sim!

Ralph olhou por um instante para ela, depois voltou a cabeça e bateu nervosamente com o pé no chão.

- Tenho andado dia após dia - confessou Kate,curvando -se para ele,pondo timidamente a sua mão na dele - com a

esperança de que esta perseguição cesse. Tenho sido obrigada a aparentar alegria quando sou muitíssimo infeliz. Não tenho tido um cavalheiro,ninguém para me proteger. A mamã supõe que eles são homens honrados,ricos e distintos e como posso eu... como posso eu desiludi-la... sendo esta a única felicidade que tem? A senhora onde me colocou não é uma pessoa a quem possa confiar assuntos tão delicados,por isso vim em última análise ter consigo,o única amigo que tenho à mão - quase

o único amigo que tenho - para lhe suplicar e implorar que me ajude.

-Como posso eu ajudá-la, criança? - perguntou Ralph levantando-se da cadeira e passeando de cá para lá no aposento.

- Eu sei que tem influência sobre um destes homens - replicou Kate enfaticamente. - Uma palavra sua não os levará

a desistirem deste desumano procedimento?

-Não - respondeu Ralph, voltando-se de golpe - pelo menos... não posso dizê-la, mesmo se ela produzisse efeito.

- Não pode dizê-lo!

-Não - afirmou Ralph, parando e apertando mais as mãos atrás de si - não posso!

Kate recuou um passo ou dois e olhou para ele, na dúvida se tinha ouvido bem.

-Estamos ligados em negócios - explicou Ralph, pondo -se, nas pontas dos pés e nos calcanhares, e

olhando para a cara da sobrinha - e não me atrevo

a ofendê-los. No fim de contas de que se trata? Todos temos as nossas cruces e esta é uma das suas. Algumas raparigas sentir-se-iam orgulhosas de terem tais admiradores a seus pés.

- Orgulhosas! - exclamou Kate.

-Não digo - replicou Ralph, levantando o indicador que não faça bem em os desprezar; não, mostra com isso o

seu bom senso, como na verdade sabia desde o princípio que

assim procederia. Não é muito para suportar. Se esse jovem lorde lhe segue os passos como um cão e lhe segreda parvoíces ao ouvido, o que tem isso? uma paixão ignominiosa.

Seja, mas não deve durar. Qualquer outra novidade o fará despertar qualquer dia e a menina ficará livre. Entretanto...

-Entretanto - interrompeu Kate com verdadeira altivez e indignação - sou o escárnio do meu sexo e o joguete do

outro; justamente condenada por todas as mulheres de sentimentos dignos e desprezada por todos os homens honestos e honrados; abatida na minha própria estima e aviltada por todos os olhos que me fitam. Não, ainda que tenha de suportar o trabalho mais duro e mais árduo. Não me julgue mal. Não desonrarei a sua recomendação. Permanecerei na casa em que me colocou até estar em situação de a deixar pelas condições do meu compromisso. embora. cuidado eu nunca mais veja esses homens. Quando deixar o emprego esconder-me-ei deles e de si, e esforçar-me-ei para sustentar a minha mãe com um serviço duro, mas ao menos viverei em paz e na esperança de que Deus me ajude.

Dizendo estas palavras Kate saudou com a mão e abandonou o aposento, deixando Ralph rígido como uma estátua. A sua surpresa, quando fechou a porta foi encontrar Newman Noggs num pequeno nicho na parede junto dela, quase a obrigando a gritar. Mas Newman pôs o dedo nos lábios e ela teve a presença de espírito para se reprimir.

-Não chore, não chore! - implorou Newman deslizando para fora do nicho e acompanhando-a através do átrio; enquanto falava duas grandes lágrimas caíam-lhe pela cara.

-Vejo como isto é! - disse o pobre Noggs, tirando da algibeira o que parecia um velhíssimo pano de pó e limpando os olhos de Kate com tanto cuidado como se ela fosse

uma criança. - Esteve agora a trair-se. Sim, sim, muito bem; perfeitamente, gosto disso. Não foi bom trair-se à frente dele. Sim, sim. Pobre menina!

Com estas desconexas exclamações, Newman limpou os seus próprios olhos com o mesmo pano e indo a coxear para a porta da rua, abriu-a e deixou-a sair.

- Nunca mais chare - sussurrou Newman. - Vê-la-ei em breve. E também outra pessoa! Sim, sim!

-Deus o abençoe - respondeu Kate, apressando-se a sair.

-Deus o abençoe!

-O mesmo lhe desejo - replicou Newman, abrindo a porta outra vez, só um bocado para dizer isto. - ah! ah!

E Newman Noggs voltou a abrir a porta para acenar alegremente e rir. e fechou-a para abanar a cabeça melancolicamente e chorar.

Ralph ficou na mesma atitude até ouvir o barulho da porta a fechar-se; depois encolheu os ombros e sentou-se à secretária. Embora Ralph não sentisse remorsos pela sua conduta para com a inocente rapariga, embora os seus libertinos clientes tivessem feito precisamente o que ele esperava, e precisamente o que contribuía para sua maior vantagem, contudo odiou-os por o terem feito, do fundo da alma.

-Uf! - exclamou Ralph com uma grande carranca e batendo com as mãos enclavinadas nas caras dos dois malvados que julgava ter diante de si. - Vocês hão-de pagar isto! Oh! hão-de pagar isto!

Quando o usurário voltou aos seus livros e papéis ficaria muito surpreendido se soubesse o que se passava fora da porta do seu escritório. Newman Noggs, com as mangas do casaco levantadas, ocupava-se a dar os mais vigorosos, científicos e bem aplicados socos no ar. Qualquer pessoa julgaria estar devido aos seus hábitos sedentários, a abrir os pulmões e a reforçar os músculos. Mas como os socos eram todos dirigidos a um painel cinco pés e oito acima do chão, um observador atento perceberia a intenção de atingir mentalmente, o retrato do seu activíssimo patrão, Mr. Ralph Nickleby.

## CAPÍTULO XXIX

A conduta de Nicholas e alterações na companhia de Mr. Vincent Crummles.

O inesperado sucesso e bom acolhimento que teve em Portsmouth levou Mr. Crummles a prolongar a sua estadia por uma quinzena além do período estipulado durante o qual Nicholas desempenhou uma grande variedade de papéis atraindo tanta gente ao teatro, que se tornou necessário fazer-lhe um benefício, rendendo-lhe o mesmo vinte libras. Possuidor desta inesperada riqueza, o seu primeiro acto foi devolver ao honesto John Browdie o seu amável empréstimo com muitas expressões de gratidão e felicidades no seu matrimónio. Para Newman Noggs enviou metade da importância realizada pedindo-lhe para a entregar secretamente a Kate quando tivesse ocasião, com os protestos mais cordiais do seu amor e da sua afeição. Não dizia em que se empregava, mas informava-o que a correspondência que lhe fosse dirigida para o correio geral, Portsmouth, o encontraria facilmente, e pedia para lhe dar notícias das coisas que Ralph Nickleby tinha feito e a sua partida de Londres.

- O senhor está abatido - disse Smike na noite depois da carta ter sido enviada.

-Não estou - protestou Nicholas com pretensa alegria, pois a confissão teria entristecido o rapaz por toda a noite. Estou pensando na minha irmã, Smike!

- Irmã?

- Sim.

- como o senhor? - perguntou Smike.

-Assim o dizem - respondeu Nicholas, rindo - com a diferença de ser muito mais bonita.

-Então deve ser linda - comentou Smike depois de ter pensado um bocado, com as mãos cruzadas e os olhos no seu amigo.

-Qualquer pessoa que te não conhecesse tão bem como eu, diria que és um perfeito cortesão - observou Nicholas.

-Eu nem mesmo sei o que isso é - replicou Smike, abanando a cabeça. - Verei alguma vez a sua irmã?

-Com certeza - afirmou Nicholas. - Estaremos juntos um destes dias. quando formos ricos, Smike.

-Como é que o senhor sendo tão amável e bom para mim, não tem ninguém amável para si? - inquiriu Smike. Não posso compreender!

- É uma história comprida - explicou Nicholas - e receio que tenhas dificuldade em a compreender. Tenho um inimigo... entendes o que isso é?

- Sim, compreendo - respondeu Smike. - Quem é o seu inimigo?

-Bem, é por causa dele - continuou Nicholas. - Ele é rico e não tão fácil de pôr de lado como o teu velho amigo, Mr. Squeers. É meu tio, mas é um vilão e prejudica-me.

-Ele é assim? - interrompeu Smike inclinando-se vivamente para a frente. - Qual é o seu nome? Diga-me o seu nome!

- Ralph. Ralph Nickleby.

-Ralph Nickleby - repetiu Smike. - Ralph. Vou decorá-lo.

Murmurou-o para si umas vinte vezes quando uma grande pancada soou na porta distraíndo-o da sua ocupação. Antes que a pudesse abrir, Mr. Folair, o pantomineiro, introduziu a cabeça.

A cabeça de Mr Folair costumava ser decorada com um chapéu redondo, alto, que ele trazia agora posto de lado e

não para a frente; em roda do pescoço tinha um lenço dum encarnado flamejante, cujas pontas caíam sobre um casaco Newmarket, todo abotoado. Na mão tinha uma luva suja e uma bengala barata com castão de vidro. Em resumo, toda a sua aparência era invulgar e demonstrava uma atenção muito mais escrupulosa com o seu vestuário do que era hábito.

-Boa-noite, sir - cumprimentou Mr. Folair tirando o chapéu e passando a mão pela cabeça. - Trago um recado.

-De quem e sobre o quê? - perguntou Nicholas. - Você está muito misterioso esta noite.

-Talvez o frio - sugeriu Mr. Folair - talvez o frio. É a culpa da minha posição. não minha Mr. Johnson. A minha posição é ditada por uma mútua amizade, sir.

Mr. Folair parou com o mais impressionante olhar e metendo a mão no chapéu, extraiu um bocado de papel cuidadosamente dobrado, donde tirou um bilhete que entregou a Nicholas, dizendo:

- Tenha a bondade de ler isto, sir.

Nicholas, muito espantado, agarrou no bilhete e quebrou o selo, olhando para Mr. Folair ao fazer isto, o qual franzindo o sobrolho e cerrando a boca com grande dignidade, pôs os olhos no tecto.

O bilhete era dirigido a reticências Johnson, por obséquo de Augustus Folair, e o espanto de Nicholas não diminuiu quando o encontrou redigido nos seguintes lacónicos termos:

Mr. Lenville apresenta os seus respeitosos cumprimentos a Mr. Johnson e ficaria muito agradecido se o informar a que horas amanhã de manhã lhe será mais conveniente encontrar-se no teatro com Mr. Lenville para este lhe esborrachar o nariz na presença da companhia.

Mr. Lenville pede a Mr. Johnson para se não esquecer de indicar o encontro, visto ter convidado dois ou três amigos profissionais para testemunharem a cerimónia e não poder desapontá-los por qualquer circunstância.

Portsmouth, terça-feira à noite

Indignado por esta impertinência, dum desafio tão estupidamente absurdo, Nicholas teve de morder o lábio e ler o bilhete duas ou três vezes antes de se poder refrear e assumir a necessária gravidade para se dirigir ao hostil mensageiro que tinha baixado os olhos do teto, sem alterar a expressão da cara.

-Conhece o conteúdo deste bilhete, sir? - perguntou Nicholas por fim.

- Conheço - respondeu Mr. Folair, olhando em redor por um instante e pondo imediatamente, outra vez, os olhos no tecto.

-E como se atreve a trazer-mo aqui, sir? - interrogou Nicholas, rasgando-o em pedacinhos e atirando-os ao mensageiro. - Não teve medo que o corresse a pontapé pela

escada abaixo, sir?

Mr. Folair voltou a cabeça, agora ornamentada com os vários fragmentos do bilhete, para Nicholas e, com a mesma imperturbável dignidade, respondeu sumariamente.

- Não.

-Então - disse Nicholas, agarrando no chapéu alto e atirando-o para a porta - é melhor que siga esse artigo do seu vestuário, sir, ou apanha uma desagradável desilusão dentro de doze segundos.

- Ouça lá, Johnson - ripostou Mr. Folair, perdendo subitamente toda a sua dignidade - nada disso! Nada de paródias com o guarda-roupa dum cavalheiro.

-Saia do quarto - mandou Nicholas. - Como pôde atrever-se a vir aqui com um tal recado, um patife?

-Ora! - exclamou Mr. Folair, desenrolando o lenço e tirando-o gradualmente do pescoço. - Já basta!

-Basta! - objectou Nicholas, avançando para ele. Ponha-se lá fora, sir.

-Ora! Digo-lhe eu - retorquiu Mr. Folair, acenando com a mão para conjurar qualquer ira. - Eu não estava a sério. Trouxe-o apenas por brincadeira.

-É melhor ter mais cuidado quando se meter de novo em brincadeiras como esta - preveniu Nicholas - se não é capaz de ouvir falar em esborrachamento de narizes na sua própria pessoa por causa da gracinha. Também foi escrito por brincadeira?

-Não, não, foi a sério - retorquiu o outro - escrito com toda a atenção, ponto de honra.

Nicholas não pode sustentar um sorriso pela figura extravagante que tinha diante de si, mais capaz de despertar zombaria do que cólera, especialmente na ocasião em que, com um

joelho no chão, Mr Folair rodava o velho chapéu alto na mão e afectava a maior aflicção, com medo que alguns pêlos tivessem caído, pois era um ornamento que não se exhibia há muitos meses.

- Vamos, sir - disse Nicholas, rindo a despeito de si próprio - tenha a bondade de se explicar.

-Vou-lhe contar como o caso se passou - replicou Mr. Folair, sentando-se numa cadeira com grande indiferença. Desde que você veio, Lenville só tem feito segundos papéis e, em vez de ter uma recepção todas as noites como costumava, o público tem-no deixado entrar como se não fosse ninguém.

- O que quer dizer por uma recepção? - interrogou Nicholas.

-Júpiter! - exclamou Mr. Folair. - Que anjinho você me saiu, Johnson! São os aplausos da casa quando se entra pela primeira vez no palco. Assim ele foi andando, noite após noite, nunca conseguindo uma só palma e você é chamado pelo menos duas vezes e às vezes três, até que por fim se tornou desesperado e teve quase vontade, a noite passada quando fez de Tybalt, de trazer uma espada verdadeira e picá-lo... não perigosamente, mas o bastante para o reter na cama um mês ou dois.

- Muito bem pensado! - observou Nicholas.

-Sim, julgo que foi, dadas as circunstâncias por a sua actuação profissional estar em perigo - prosseguiu Mr. Folair muito seriamente. - Mas o seu coração não teve ânimo e então pensou noutra maneira de o aborrecer e tornar-se popular, ao mesmo tempo. aí é que bate o ponto. Notoriedade, notoriedade é a causa de tudo isto. Se ele o tivesse picado

- acrescentou Mr. Folair, parando para fazer um cálculo de cabeça - isso valer-lhe-ia. valer-lhe-ia oito ou dez xelins por semana. Toda a cidade teria vindo ver o actor que estivera quase a matar um homem por engano e não sei mesmo se ele não conseguiria um contrato para Londres. No entanto foi obrigado a tentar outro modo de se tornar popular e foi éste o que lhe ocorreu. uma ideia inteligente, realmente. Se ele lhe esborrachasse o nariz, poria o caso no jornal; se você contemporisasse com ele a notícia apareceria da mesma forma no jornal e falar-se-ia muito a seu respeito. Está a ver?

-Certamente - retorquiu Nicholas - mas suponha que as coisas saiam ao contrário e era eu quem lhe esborrachava o nariz? Como poderia fazer a sua popularidade?

-Não me parece que fizesse - respondeu Mr. Folair, coçando a cabeça - por não haver aí nenhum romance. Para dizer a verdade, ele não contou muito com isso, por você ser sempre de falas brandas e muito popular entre as mulheres, por isso não suspeitámos que jogasse à pancada. Se vai jogar, ele, no entanto, tem uma maneira de sair disso facilmente.

-Tem? - retorquiu Nicholas. - Experimentemos amanhã de manhã. Entretanto, pode fazer uso desta entrevista como melhor quiser. Boa-noite!

Como Mr. Folair era bem conhecido entre os actores por velhaco sem escrúpulos, Nicholas não duvidou acreditar ter sido ele quem levava o outro a fazer aquilo e se encarregara da missão, não contando com a inesperada recepção que lhe fora feita. Não valia a pena tomá-lo a sério, por isso o pantofneiro foi despedido com a advertência de que ficaria com a cabeça partida se recomeçasse outra vez, e Mr. Folair, to mando o aviso com excessiva boa vontade, foi conferenciar com o chefe para lhe dar conta do seu procedimento e levá-lo a considerar isto uma brincadeira.

Sem dúvida informou que Nicholas estava cheio de medo, porque quando o jovem entrou no teatro, na manhã seguinte à hora habitual, encontrou toda a companhia reunida em evidente expectativa, e Mr. Lenville, com a mais trágica máscara teatral, sentado majestosamente à mesa e assobiando provocadoramente.

As senhoras estavam do lado de Nicholas e os cavalheiros, do lado do desapontado trágico, por isso os últimos formavam um pequeno grupo em volta do invencível Mr.

Lenville, e as primeiras olhavam, a curta distância, com agitação e ansiedade. Quando Nicholas parou, para os cumprimentar, Mr. Lenville soltou uma gargalhada insolente e fez uma observação geral sobre a história natural dos cachorrinhos.

-Oh! - exclamou Nicholas, olhando tranquilamente em redor. - Está, aí?

-Escravo! - retorquiu Lenville, floreando o braço direito e aproximando-se de Nicholas com umas passadas teatrais; porém nesse momento alguma coisa o perturbou, visto Nicholas não se mostrar amedrontado como ele esperava, obrigando-o a fazer uma desairosa paragem, enquanto as senhoras sorriam.

-Objecto do meu escárnio e aversão! - disse Mr. Lenville. - Sinto desprezo por si!

Nicholas riu com esta exclamação e as senhoras, com este encorajamento, riram ainda mais alto.

-Mas elas não o protegem - afirmou o trágico, olhando para Nicholas a começar nas botas e terminando na cabeça, depois a começar na cabeça e a terminar nas botas, olhares de desafio no palco. - Elas não o protegem... garoto!

Falando desta maneira Mr. Lenville cruzou os braços e mostrou a Nicholas aquela expressão de rosto com a qual, nos papéis melodramáticos ele tinha por hábito contemplar os reis tiranos, quando estes diziam, Levem-no daqui e atirem-no para a mais profunda masmorra debaixo do fosso do castelo, o que, acompanhado com um pequeno ruído de grilhões, sabia que produzia grandes efeitos.

Se foi a ausência dos grilhões, ou não, isto não fez muita impressão ao adversário de Mr. Lenville, antes parecendo aumentar-lhe

o bom humor. Neste estado da questão, um ou dois cavalheiros, que tinham vindo expressamente para testemunhar o esbarrachamento do nariz de Nicholas, tornaram-se impacientes, murmurando que, visto nada ainda ter sido feito, era melhor fazê-lo já, mas se Mr. Lenville não tinha a intenção de o fazer, seria conveniente dizê-lo, para não ficarem ali à espera. Metido entre a espada e a parede, o trágico ajustou o punho da manga direita do casaco para a execução da operação e caminhou duma maneira decidida para Nicholas, que o deixou aproximar-se à distância necessária e depois, sem a mais leve perturbação, atirou-o a terra.

Antes do derrotado trágico poder levantar a cabeça, Mrs. Lenville que, conforme dissémos, estava no seu estado interessante, correu da fila de trás e, soltando um grito agudo, atirou-se para cima do corpo do marido.

-Vê isto, monstro? Vê isto? - exclamou Mr. Lenville, sentando-se e apontando para a mulher

agarrada à sua cintura.

-Vamos! - ordenou Nicholas, acenando com a cabeça. Peça perdão pelo bilhete insolente que me escreveu a noite passada e não perca tempo com conversas.

- Nunca! - protestou Mr. Lenville.

- Sim. sim. sim! - guinchou a esposa. - Por amor de mim. Lenville. deixa essas maneiras idiotas a não ser que me queiras morta a teus pés!

-Isto é aflitivo! - exclamou Mr. Lenville, olhando em redor e levando as costas das mãos aos olhos.

- Os laços da natureza são fortes. O marido fraco e o pai, rende-se.

Peço perdão!

-Humilde e submissamente? - perguntou Nicholas.

- Humilde e submissamente - respondeu o trágico. - Mas apenas para a salvar, pois virá uma ocasião.

- Muito bem - disse Nicholas. - Espero que Mrs. Lenville tenha uma boa hora e quando ela vier e você for pai, pode retratar-se, se tiver coragem. Agora tenha cuidado, sir, até que ponto o seu ciúme o pode levar outra vez; e tenha também cuidado em não se aventurar muito, antes de se assegurar do temperamento do rival.

Com este conselho de despedida, Nicholas agarrou na bengala de Mr. Lenville, que lhe caíra das mãos, partiu-a ao meio, atirou-lhe os bocados e curvou-se ligeiramente perante os espectadores quando desapareceu.

Nessa noite, foi prestada a Nicholas a mais profunda deferência e as pessoas que estavam desejosas de lhe verem o nariz esborrachado, felicitaram-lhe pelo modo como tratara Lenville, esse insuportável tipo. E a julgar pela forma como terminavam todos estes apartes, ficava-se convencido da caridade e da estima entre os membros masculinos da companhia de Mr. Crummles.

Nicholas gozou o seu triunfo e teve o seu sucesso no pequeno mundo do teatro com a maior moderação e bom humor. O humilhado Mr. Lenville fez um esforço desesperado para

conseguir a desforra, mandando um garoto para a galeria a fim de o vaiar, mas encontrou a indignação popular e foi prontamente reprimido sem ter recebido o seu dinheiro.

- Bem, Smike - disse Nicholas quando acabou a primeira peça e se tinha quase acabado de vestir para ir para casa. Há, então, uma carta?

-Há - respondeu Smike. - Trouxe-a do correio.

-De Newman Noggs - comentou Nicholas, deitando os olhos para a letra. - Não é fácil fazê-lo escrever. Deixa-ma ver.

O conteúdo da carta versava sobre o estado da saúde delas, da entrega das dez libras a Kate, que de momento não estava necessitada de dinheiro e Newman pensava ser necessária a presença de Nicholas para proteger a irmã de factos que podiam ocorrer, ou estavam ocorrendo, e pedia-lhe para lhe escrever o mais breve possível.

Nicholas leu esta passagem muitas vezes e quanto mais lia mais pensava tratar-se duma velhacaria da parte de Ralph. Sentiu-se tentado uma ou duas vezes em partir para Londres sem esperar mais uma hora, mas uma pequena reflexão disse-lhe que se isso fosse necessário, Newman ter- lhe-ia dito imediatamente.

-Prevendo o pior, devo prepará-los para a possibilidade da minha súbita partida - disse Nicholas. - Não perco tempo a fazer isso!

E tão depressa pensou nisto, agarrou no chapéu e correu para o quarto verde.

- Bem, Mr. Johnson - cumprimentou Mrs. Crummles, que estava sentada, com o fenómeno nos braços, na próxima semana vamos para Ryde, depois para Winchester, depois para.

-Tenho razões para crer - interrompeu Nicholas que antes de saírem daqui a minha carreira tenha terminado.

-Terminado! - exclamou Mrs. Crummles, levantando as mãos, atónita.



-Terminado! - repetiu Miss Snevellicci, tremendo tanto que teve de se apoiar ao ombro da empresária para não cair.

- Ora, ele não quer dizer que se vai embora! - sentenciou Mrs. Grudden, encaminhando-se para Mrs. Crummles. - Isso são patéticos!

O fenómeno, sendo de natureza afectuosa e excitável, desatou num grande berreiro, e Miss Belawney e Miss Bravassa choraram. Mesmo os actores pararam a conversa e repetiram Terminado!, ainda que alguns deles se felicitassem em ver pelas costas um rival favorecido. Nicholas, resumida mente, disse rezear isso, não podendo, no entanto, dizê-lo ainda com toda a certeza; e despedindo-se o mais depressa que pôde, foi para casa ler a carta de Newman mais uma vez e meditar sobre o seu conteúdo.

### cAPÍTULO xxx

Festas em honra de Nicholas, que subitamente desaparece da sociedade de Mr. Vincent Crummles e da dos companheiros de cena.

Mr. Vincent Crummles, logo que teve conhecimento da provável saída de Nicholas, mostrou tristeza e consternação, chegando a fazer-lhe promessas de aumento de ordenado e de participação como autor. Mas vendo a irreduzibilidade de Nicholas - que, sem outras notícias de Newman, estava determinado a aparecer em Londres para se certificar da exacta posição da irmã - e contando com o seu regresso, tomou prontas e enérgicas medidas para tirar o maior proveito dele antes de se ir embora.

- Deixe-me ver - disse Mr. Crummles, tirando o cenário dos bandidos para ver melhor friamente toda a casa.

- Deixe-me ver. Estamos hoje em quarta-feira à noite. De manhã afixaremos cartazes anunciando positivamente a sua derradeira representação amanhã.

-Mas talvez não seja a minha última representação, como sabe - observou Nicholas - a não ser que seja convocado. Sentiria muito a inconveniência de o deixar antes do fim de semana.

-Tanto melhor - retorquiu Mr. Crummles. - Temos então, positivamente, a sua última representação na quinta-feira. novo contrato para mais uma noite, na sexta-feira. e acedendo ao pedido de numeroso público a última representação, no sábado. Isto deve dar três casas muito decentes.

-Então tenho que dar três últimas representações, não tenho? - perguntou Nicholas, sorrindo.

- Sim - replicou o empresário, coçando a cabeça com um ar um tanto embaraçado - três não é suficiente e é muito pouco próprio e irregular não dar mais, mas se nada pudermos fazer, nada faremos. Seria muito de desejar uma novidade. Não podia cantar uma canção cómica, sentado no dorso do pónei?

-Não - respondeu Nicholas. - Decerto não posso.

-Era dinheiro em caixa - afirmou Mr. Crummles com um olhar desapontado. - O que pensa duma brilhante exi bição de fogo de artifício?

-Isso seria bastante caro - observou Nicholas.

-Com dezoito pence fas-se isso - retorquiu Mr. Crummles. - O senhor no alto duma escada com o fenómeno por detrás e à transparência, a palavra Adeus, e nove pessoas nos bastidores com uma peça do fogo em cada mão, seria grandioso. extraordinário visto de frente, completamente extraordinário!

Como Nicholas não parecia entusiasmado com a solenidade, antes pelo contrário, Mr. Crummles abandonou o projecto à nascença e observou que eles teriam de fazer jús à receita, com combates e danças.

Com o fim de dar imediata execução a este objectivo, Mr.

Crummles apareceu no vestiário, onde Mrs. Crummles se encontrava ocupada em mudar os vestidos duma imperatriz melodramática nos de matronas do século XIX com a ajuda de Mrs. Grudden.

-Ah! - suspirou Nicholas, quando se atirou para a cadeira do ponto, depois de telegrafar as precisas

instruções a Smike, que tinha estado a representar um pobre alfaiate com uma saia por casaco e um lençinho com um grande buraco, um barrete de dormir, em lã, um nariz vermelho e outras marcas distintas, peculiares aos alfaiates no palco. - Ah! Como desejo tudo isto acabado!

- Acabado, Mr. Johnson? - repetiu uma voz feminina por detrás dele, numa espécie de dolorosa surpresa.

- Não foi, certamente, uma frase galante - desculpou-se Nicholas, procurando ver quem falava e reconhecendo Miss Senevellicci. - Não a teria dito se soubesse que estava a ouvir.

- Mas como é querido, Mr. Digby! - comentou Miss Senevellicci quando o alfaiate foi para o lado oposto no fim da peça, com grandes aplausos. (O nome teatral do Smike era Digby).

- Vou-lhe dizer imediatamente para lhe agradecer - replicou Nicholas.

- Oh, o senhor é mau! - observou Miss Senevellicci. Não sei se ele se importa muito com a minha opinião a seu respeito.

Aqui Miss Senevellicci parou como se esperasse perguntas, mas estas não vieram por Nicholas estar a pensar em assuntos mais sérios.

- Como é gentil da sua parte - continuou Miss Senevellicci depois dum curto silêncio - estar aí sentado à espera dele, noite após noite por muito cansado que esteja, e tendo por ele tantas inquietações e fazendo tudo com tal prazer e prontidão como se ele valesse ouro!

- Ele merece bem toda a amabilidade que lhe possa dispensar - afirmou Nicholas. - É a criatura mais agradecida, afectuosa e sincera que há.

- Também bastante estranha, não é? - notou Miss Senevellicci.

- Deus o ajude e aqueles que o fizeram assim - concordou Nicholas, abanando a cabeça.

- Ele é um diabo dum boca fechada - disse Mr. Folair, que tinha chegado um pouco antes e se juntava agora à conversa. - Ninguém pode tirar nada dele.

- E que queriam tirar dele? - perguntou Nicholas, voltando-se.

- Pelo cabelo dum careca! Que precipitado você é Johnson! - exclamou Mr. Folair, puxando o taccão do sapato de dança. - Estava apenas falando da natural curiosidade da gente daqui em saber alguma coisa dele.

- Pobre rapaz! É tão simples creio, que lhe não passa pela cabeça que alguém se importe com ele - disse Nicholas.

- Sim - replicou o actor, contemplando o efeito da sua cara numa lâmpada reflector - mas isso respeita toda a questão.

- Que questão? - inquiriu Nicholas.

- Quem é, o que é e, como os dois, sendo tão diferentes, vieram em tão íntima companhia - respondeu Mr. Folair, deliciado com a oportunidade de dizer alguma coisa desagradável. - Isto anda na boca de toda a gente.

- Toda a gente do teatro, suponho eu? - disse Nicholas, desdenhosamente.

- Dentro e fora dele, também - informou o actor. Você sabe que Lenville diz.

- Pensei que o tinha calado definitivamente - interrompeu Nicholas corando.

- Talvez tenha - retorquiu o obstinado Mr. Folair - e se o calou ele disse isto antes de o ter calado.

Lenville diz que você é um actor recruta e que foi só o mistério a seu respeito que o tornou favorito do público e que Crummles conserva isso para seu interesse; no entanto, Lenville diz não acreditar completamente nisso, excepto em você se ter metido numa embrulhada e ter fugido de qualquer parte, por ter feito alguma coisa.

- Oh! - exclamou Nicholas com um sorriso forçado.

- Isto é uma parte do que ele diz - acrescentou Mr. Folair. - Eu menciono-a coma amigo de ambos e em estrita confiança. Não concordo, bem sabe. Diz que Digby é mais velhaco do que simplório; e o velho Fluggers, que faz os trabalhos pesados, diz que quando entregava recados em Covent Garden na penúltima época, costumava

estar um carteirista rondando a praça dos carros de aluguer com uma cara exactamente igual a de Digby; embora ele seja muito peremptório, o Digby pode não ser o mesmo, mas apenas um seu irmão, ou parente próximo.

- Oh! - exclamou de novo Nicholas.

- Sim - prosseguiu Mr. Folair, com uma imperturbável calma - é o que eles dizem. Pensei que lhe devia dizer porque realmente precisava saber. Oh, aqui está, por fim, o abençoado fenómeno. Completamente ao seu dispor, minha querida. Toque a campainha, e acorde os favoritos.

Proferindo em voz alta as últimas alusões como se fossem cumprimentos para o inconsciente fenómeno e dizendo o resto em confidencial aparte para Nicholas, Mr. Folair contemplou a subida do pano e, batendo os dentes, brandiu o machado de guerra como um índio selvagem.

- São estas, então, algumas das histórias que eles inventam a meu respeito e que correm de boca em boca - pensou Nicholas. - Se um homem cometesse uma inexplicável ofensa contra qualquer sociedade, grande ou pequena, podia ser bem sucedido. Perdoar-lhe-iam qualquer crime. menos esse.

- O senhor, certamente, não se incomoda com o que essa maldosa criatura diz, Mr. Johnson? - observou Miss Snevellicci no seu tom mais convincente.

- Eu não - respondeu Nicholas. - Se ficasse aqui pode ser que pensasse valer a pena incomodar-me. Assim como as coisas estão, que falem até enrouquecerem. Mas ali vem o assunto de bom humor deles - acrescentou Nicholas quando Smike se aproximou - para dizermos juntos boa-noite!

- Não, não permito que qualquer dos senhores diga isso

- objectou Miss Snevellicci. - Têm de ir a minha casa ver a minha mamã que chegou hoje a Portsmouth e está morta por os conhecer. Led, minha querida, persuade Mr. Johnson.

- Oh, tenho a certeza de que se tu não podes persuadi-lo.

- replicou Miss Ledrook com considerável vivacidade, mas Miss Ledrook não disse mais, deixou perceber que se Miss Snevellicci o não podia persuadir, ninguém o faria.

- Mr. e Mrs. Lillyvick tomaram alojamento - na nossa casa e actualmente compartilham a nossa saleta - informou Miss Snevellicci. - Isto não o fará decidir.

- Seguramente que não preciso de outras persuasões além do seu convite - retorquiu Nicholas.

- Oh, não! Atrevo-me a dizer - replicou Miss Snevellicci, enquanto Miss Ledrook exclamava:

- Sobre a minha palavra! - depois disto Miss Snevellicci declarou que Miss Ledrook era uma estouvada, e Miss Ledrook que Miss Snevellicci não precisava de corar tanto, e Miss Snevellicci bateu em Miss Ledrook e Miss Ledrook bateu em Miss Snevellicci.

- Vamos - disse Miss Ledrook - é tempo bastante para estarmos lá, ou faremos crer à pobre Mrs. Snevellicci que lhe fugimos com a filha, Mr. Johnson, e então teríamos uma linda embrulhada.

Miss Ledrook não deu resposta, mas dando o braço a Smike, deixou a sua amiga e Nicholas segui-lo a seu belo prazer; o que agradou a ambos, ou pouco a Nicholas, que não sentia grande interesse num tête-à-tête nestas circunstâncias.

Quando chegaram à rua, Nicholas insistiu em levar um cesto que Miss Snevellicci tinha com coisas do teatro, querendo esta, por sua vez, levá-lo. Por fim Nicholas tirou-lhe, levando mais uma caixinha de Miss Ledrook. Depois Nicholas quis ver o que o cesto e a caixa continham e ambas declararam que se ele o fizesse desmaiariam, e que não davam um passo mais sem ele prometer não satisfazer a sua curiosidade. Feita a promessa, as duas senhoras protestaram não terem nunca visto uma criatura tão perversa.

Aligeirado o caminho com graças como esta, chegaram a casa do alfaiate, onde estavam, além de Mr. e Mrs. Lillyvick, o papá e a mamã de Miss Snevellicci. Mr. Snevellicci tinha um nariz de papagaio, testa branca, cabelo preto encaracolado, malares salientes, um rosto

bonito em conjunto, apenas um pouco vermelho, resultado da bebida.

Possuía um peito largo

e usava casaco azul com botões dourados. Logo que viu Nicholas meteu dois dedos da mão direita entre duas casas de botões e, curvando graciosamente o outro braço, parecia dizer, Aqui estou eu, meu rapaz; que tens a dizer-me?.

O papá de Miss Snevellicci fizera de tudo um pouco; representara, dançara, cantara em todos os teatros de Londres, e exercera muitas missões. A mamã era ainda bailarina, com uma figurinha gentil e uns restos de boa aparência.

Nicholas foi apresentado a toda esta boa gente com as devidas formalidades. Tendo sido feita a apresentação, o papá de Miss Snevellicci declarou sentir-se feliz em conhecer um cavalheiro de tão grande talento desde a primeira aparição do seu amigo Glavormelly no Coburg.

-Viu-o, sir? - perguntou o papá de Miss Snevellicci.

-Não, de facto nunca o vi - respondeu Nicholas.

- Nunca viu o meu amigo Glavormelly, sir? - inquiriu o papá de Miss Snevellicci. - Então ainda não viu representar! Se ele vivesse.

-Oh, então já morreu? - interrompeu Nicholas.

- Já - informou Mr. Snevellicci - mas não está na Abadia de Westminster para maior vergonha.

Estava. Bem, não importa. Foi para aquele país donde o viajante não volta!

Dizendo isto Mr. Snevellicci esfregou a ponta do nariz com um lenço amarelo e deu a perceber aos presentes que estas recordações o transtornavam.

-Então, Mr. Lillyvick, como está? - perguntou Nicholas.

-Perfeitamente bem, sir - respondeu Mr. Lillyvick. Não há nada como o estado de casado, sir.

-De facto! - replicou Nicholas, rindo.

-Ah! não há nada como isso, sir - afirmou Mr. Lillyvick com solenidade. - O que pensa - sussurrou o cobrador, puxando-o de parte - o que pensa do semblante dela esta noite?

-Tão bonito como sempre - respondeu Nicholas, relanceando para a ex-Miss Petowker.

-Tem um ar, sir - continuou o cobrador a segredar - como nunca vi em pessoa alguma. Olhe para ela, agora que vai pôr a chaleira ao lume. Não é fascinadora, sir?

- O senhor é um homem de sorte!

-Pensa que sou, hein? Talvez seja, talvez seja. Não podia fazer muito melhor se fosse um jovem, não é verdade? O senhor próprio não podia fazer muito melhor. hein. podia?

Com perguntas como estas e muitas outras, Mr. Lillyvick meteu o cotovelo no lado do corpo de Nicholas e riu até a cara lhe ficar purpúrea, tentando manter a sua satisfação.

Por esta altura a toalha tinha sido posta por todas as senhoras, ficando dum lado curta e estreita, e do outro larga e comprida. Havia ostras, molhos, batatas cozidas

e um par de espevitadores no meio da mesa. Miss Snevellicci sentou-se à cabeceira e Mr. Lillyvick na outra extremidade; Nicholas não só teve a honra de se sentar

ao lado de Miss Snevellicci como de ficar à direita da mamã, tendo o papá do outro lado. Em

resumo, era o herói da festa e quando a mesa foi levantada, o papá de Miss Snevellicci ergueu-se e propôs um brinde à sua saúde, num discurso com alusões afectuosas

à sua próxima partida pelo que Miss Snevellicci chorou e foi obrigada a retirar-se para o seu quarto.

-Silêncio! Finjam que não perceberam nada - recomendou Miss Ledrook, saindo do quarto de cama.

- Quando ela voltar digam que ela se esforça demasiado.

Miss Ledrook saiu com muitos misteriosos acenos e fechou de novo a porta do quarto, seguindo-se um profundo silêncio, durante o qual o papá de Miss Snevellicci olhou

para toda a gente e, em especial, para Nicholas, conservando sempre cheio o copo depois de o esvasiar, até que Miss Snevellicci regressou no meio das senhoras.

- Não precisa de se afligir, Mr. Snevellicci, - preveniu Mrs. Lillyvick.  
- Ela está um pouco fraca e nervosa; tem estado assim desde esta manhã.  
- Oh, - respondeu Mr. Snevellicci, - É só isso, não é?  
- Sim, é tudo. Não faça ondas a este respeito - recomendaram as senhoras em conjunto.  
Esta não era exactamente o género de resposta que convinha à importância de Mr. Snevellicci como homem e como pai, por isso dirigiu-se à infeliz Mrs. Snevellicci e perguntou-lhe o que diabo queria ela dizer, falando daquela maneira.  
- Meu Deus; meu querido. - replicou Mrs. Snevellicci.  
- Não me chame seu querido, Ma'am, se faz favor, - objectou Mr. Snevellicci.  
- Peço-lhe, papá, para não dizer isso, - rogou Miss Snevellicci.  
- Não dizer o quê, minha filha?  
- Não fale desse modo.  
- Por que não? - ripostou Mr. Snevellicci. - Espero que não suponhas haver qualquer pessoa aqui que me proíba de falar como quiser.  
- Ninguém o impede, papá, - retorquiu a filha.  
- Ninguém o faria, mesmu que quisesse, - respingou Snevellicci. - Não me sinto envergonhado. Chamo-me Snevellicci e posso ser encontrado em Broad Court, Bow Street, quando estou na cidade. Se não estou em casa, qualquer pessoa pode perguntar por mim à porta do palco. Raios, eles conhecem-me na porta do palco, suponho eu. Muitos homens têm visto o meu retrato na tabacaria que faz esquina. Tenho sido mencionado nos jornais, não tenho? Falar. Digo-vos o que é; se encontro qualquer homem a entrometer-se nas afeições da minha filha, não conversarei. Ponho-o atónito sem lhe falar. é este o meu modo.  
Dizendo isto, Mr. Snevellicci bateu na palma da mão esquerda três boas vezes com o punho fechado, puxou o nariz imaginário com o polegar e o indicador direitos e bebeu outro copo cheio, duma só vez.  
- Este é o meu método! - repetiu Mr. Snevellicci.  
A maioria dos homens públicos têm as suas falhas e a verdade é que Mr. Snevellicci se dedicava um pouco à bebida ou, se quisermos ser mais verdadeiros, raras vezes estava sóbrio. Na sua taça havia dois estados distintos de intoxicação: o honrado e o amoroso. Quando estava profissionalmente contratado nunca ia além do honrado; nos círculos particulares passava pelos dois, indo dum ao outro com uma rapidez de transição frequentemente bastante perplexa para aqueles que não tinham a honra de ser das suas relações. Portanto, logo que Mr. Snevellicci acabou de ingerir outro copo, sorriu-se para todos os presentes, em feliz esquecimento de ter exibido sintomas de peleja, e saudou duma maneira muitíssimo vivaz:  
- As senhoras. Deus abençoe os seus corações! Gosto de todas! - afirmou, olhando em redor da mesa. - Gosto de todas, uma por uma!  
- Uma por uma, não! - ripostou Mr. Lillyvick brandamente.  
- Sim, uma por uma! - repetiu Mr. Snevellicci. O cobrador olhou para as caras dos que o rodeavam com um aspecto de grave assombro, parecendo dizer, Mas que homem delicado e aparentando uma certa surpresa por Mrs. Lillyvick não manifestar nas suas maneiras qualquer sinal de indignação.  
- Amor com amor se paga, - disse Mr. Snevellicci. - Eu gosto delas e elas gostam de mim. - E como se esta confissão não fosse feita com suficiente desprezo e desafio de todas as obrigações morais, o que fez Mr. Snevellicci? Piscou o olho. piscou aberta e descaradamente, piscou o olho direito. a Henrietta Lillyvick.  
O cobrador bateu com as costas na cadeira com a intensidade do seu assombro. Se alguém tivesse piscado o olho a Henrietta Petowker teria sido indecoroso no mais alto grau, mas na qualidade de Mrs. Lillyvick. Enquanto ele pensava nisto com suores frios, duvidando se estaria acordado, Mr Snevellicci repetiu a piscadela e, bebendo à saúde de Mrs. Lillyvick numa saudação muda, atirou-lhe um beijo. Mr. Lillyvick deixou

a cadeira, encaminhou-se direito ao fim da mesa e caiu sobre ele

- literalmente, caiu sobre ele - imediatamente. Mr. Lillyvick não pertencia aos pesos leves e, conseqüentemente quando caiu sobre Mr. Snevellicci, este deslizou para baixo da mesa. Mr. Lillyvick seguiu-o e as senhoras começaram a gritar.

- O que aconteceu aos homens. estão doidos? - exclamou Nicholas, mergulhando debaixo da mesa e rebocando o cobrador à força, atirando-o todo dobrado sobre uma cadeira, como se fosse um boneco de palha.

- O que intenta fazer? O que quer fazer? O que aconteceu? Enquanto Nicholas levantava o cobrador, Smike fazia o mesmo a Snevellicci, que olhava o seu ex-adversário com o assombro dum ébrio.

- Olhe, sir, - disse Mr. Lillyvick, apontando para a sua atônita mulher, - estão ali a pureza e a elegância conjugadas, cujos sentimentos foram ultrajados... violados, sir.

- Senhor, que parvoices - exclamou Mrs. Lillyvick, em resposta a um olhar inquiridor de Nicholas. - Ninguém me disse coisa alguma.

- Disse, Henrietta, - afirmou o cobrador. - Não o vi eu. - Mr. Lillyvick não pôde proferir a palavra, mas imitou a pis cadela de olho.

- Oh! - exclamou Mrs. Lillyvick: Supões que ninguém mais me olhará? Uma linda coisa o ser-se casada, na verdade, se é esse o costume!

-Tu não queres dizer isso, pois não? - perguntou o cobrador.

- Querer dizer isso, - repetiu Mrs. Lillyvick com desprezo. - Que deves pôr-te de joelhos e pedir perdão a toda a gente, é o que deves!

- Perdão, minha querida? - inquiriu o cobrador, sobressaltado.

- Sim, e a mim primeiro, - replicou Mrs. Lillyvick. - Não supões que eu possa ser o melhor juiz do que é próprio e do que é impróprio?

- Com certeza, - afirmaram todas as senhoras. - Supõe que não seríamos as primeiras a falar, se houvesse alguma coisa que devesse ser indicada?

- Supõe que elas não sabem Sir? - perguntou o papá de Miss Snevellicci, puxando o colárinho e murmurando sobre esmurrar cabeças e sendo apenas impedido por consideração pela idade. Com o que o papá de Miss Snevellicci olhou firme e truculento para Mr. Lillyvick durante alguns segundos e levantando-se, depois, deliberadamente da cadeira, beijou todas as senhoras, começando por Mrs. Lillyvic.

O infeliz cobrador olhou dum modo lastimoso para a mulher e sentou-se de monco caído, causava dó. O papá de Miss Snevellicci, excitado por este triunfo e incontestável prova da sua popularidade entre o belo sexo, começou a distrair o auditório com canções e histórias de esplêndidas mulheres que se supunha terem estado apaixonadas por ele. Estas reminiscências não precisavam produzir grande efeito no peito de Mrs. Snevellicci, que estava ocupada a relatar a Nicholas os muitos méritos da filha, secundada habilidosamente por Miss Ledrook. Estes elogios não aumentavam, contudo, as atenções de Nicholas, que tinha ainda no pensamento os artificios de Miss Squeers, pondo-se, portanto, em guarda contra a sua conduta, o que lhe valeu, quando saiu, o apodo, por todas as senhoras de um monstro de insensibilidade.

No dia seguinte apareceram os cartazes, informando em todas as cores do arco-iris e em caracteres de todas as deformações possíveis, a última representação de Mr.

Johnson nessa noite e convidando os espectadores a marcarem os seus bilhetes em virtude da esperada afluência.

Nessa noite, ao entrar no teatro, Nicholas ficou perplexo pela invulgar perturbação e excitação nos rostos de todos os da companhia, mas não permaneceu muito tempo na dúvida quanto à causa pois antes de poder fazer qualquer pergunta a tal respeito Mr. Crummles aproximou-se e com um tom agitado de voz, informou-o que estava nos

camarotes um empresário de Londres.

- Foi o fenómeno que o fez vir, sir - afirmou Crummles arrastando Nicholas para o pequeno buraco do pano a fim de poder olhar através dele para o empresário de Londres. - Não tenho a mais pequena dúvida de que foi a fama da fenómeno. à. O homem é aquele! De sobretudo e sem colarinho de camisa.

Ela terá dez libras por semana, Johnson e não aparecerá nos palcos de Londres por menos um centavo. Não a contratarão

a não ser que contratem também Mrs. Crummles... vinte libras por semana para as duas. E eu atiro-me com os dois rapazes e ficam com a família por trinta libras. Ou nos levam a todos ou não vai nenhum. É o mesmo que alguns de Londres fazem e dá sempre resultado. Trinta libras por semana. É barato demais, Johnson. É estupidamente barato. Nicholas respondeu que certamente era e Mr. Vincent Crummles foi ter com Mrs. Crummles para lhe dizer ter já redigida as únicas condições que podiam ser aceites, tendo resolvido não abater um cêntimo.

Quando o pano subiu todos os actores estavam excitados com a preocupação de que o empresário de Londres viera expressamente para ver a sua execução. Os que não entravam em

cena estavam espalhados pelos bastidores, ou pelos dois camarotes de boca, espiando o homem que foi visto uma vez a rir

quando o cómico pretendia esconder uma garrafa azul.

- Muito bem, meu lindo menino. - disse Mr. Crummles ameaçando com o punho o cómico quando ele saiu - deixas a companhia no próximo sábado à noite.

Da mesma maneira todos os que estavam no palco representavam para o empresário de Londres, em vez de seguir as rubricas da peça. Por fim o homem adormecera e saíra pouco depois de ter acordado.

Toda a companhia atribuiu este sucesso ao gracejos do infeliz cómico e Mr. Crummles declarou-lhe que ele tinha de procurar outro emprego. Tudo isto deu motivo a que Nicholas se

divertisse muito, sentindo sincera satisfação por não ter aparecido em cena antes do homem ter partido. Representou os

seus papéis com ilimitados aplausos de Smike.

Na manhã seguinte, uma carta de Noggs apressou a sua partida. Não havia nenhum tempo a perder; era impossível ficar ali essa noite.

- Irei - afirmou Nicholas - Deus sabe que ficava com as melhores intenções e violentando a minha vontade, mas tenho perdido muito tempo. O que poderá ter acontecido? Smike meu bom amigo, vem cá. toma esta bolsa. Põe as nossas coisas juntas e paga as pequenas dívidas que temos. depressa para estarmos a tempo de apanhar a diligência da manhã. Vou dizer-lhes que vamos embora imediatamente.

Ao dizer isto agarrou no chapéu e correu para casa de Mr. Crummles, a cuja aldraba se agarrou com tão boa vontade, que acordou, não só este cavalheiro, que já estava na cama, como fez Mr. Bulph, o piloto, agarrar no cachimbo mais cedo. Aberta a porta, subiu as escadas a correr e entrou como um furacão na saleta, onde os dois Mistres Crummles já estavam a enfiar as calças com a impressão de haver fogo na casa ao lado. Antes de os poder desenganar, apareceu Mr. Crummles em roupão e barrete de dormir, a quem Nicholas contou rapidamente a sua necessidade de ir a Londres.

- Adeus! - despediu-se Nicholas.

Chegou ao meio da escada antes de Mr. Crummles se ter recuperado inteiramente da surpresa e estar em condições de falar mais acerca dos cartazes.

- Nada posso fazer - disse Nicholas. - Deixo tudo o que pudesse ter ganho esta semana, mas se isto não o recompensar, diga imediatamente o que quiser. Depressa!

- Vamos ter sarilhos com eles - comentou Crummles Mas não pode ficar mais uma noite?

- Nem uma hora. nem um minuto - replicou Nicholas, impacientemente.

- Não quer dizer nada a Mrs. Crummles - perguntou o empresário, acompanhando-o até à porta.

- Não me demorava, nem para prolongar a minha própria vida por máis vinte minutos - retorquiu Nicholas - Aceite os meus cordiais agradecimentos!

Apartou-se do empresário e correu como uma seta pela rua fora, desaparecendo num instante.

- Meu Deus! meu Deus! - exclamou Mr. Crummles, olhando pensativamente para a porta por onde ele acabara de se sumir

-Se representasse assim, que dinheirão ganharia! Devia ter continuado. teria sido muito útil para mim. Nem sabe o que é bom para ele, um moço impetuoso! Os jovens

de hoje são muito arrebatados! - depois fechando a porta abruptamente, subiu a escada com grande precipitação.

Smike despachara-se na ausência de Nicholas, de forma que este encontrou tudo pronto para a partida. Só tiveram tempo de comer o pequeno almoço e em meia hora chegaram ao escritório da diligência, quase sem respirar com medo de chegarem tarde demais. Como havia ainda uns minutos, Nicholas depois de reservar os lugares, foi num instante, a uma loja comprar um sobretudo para Smike.

Quando subiram para o carro e estando já tudo pronto para a partida, Nicholas ficou muito surpreso ao sentir-se violentamente abraçado; grande foi o seu assombro ao ouvir a voz de Mr. Crummles exclamar:

- Ele aqui está, o meu amigo! O meu amigo!

- Jesus, meu Deus! - exclamou Nicholas, apertado nos braços do empresário. - Por que está aqui? O empresário não deu resposta, mas apertou-o outra vez de encontro ao peito e exclamou:

-Adeus, meu nobre, meu valente coração!

Mr. Crummles não quis perder a ocasião para uma exibição profissional e para exprimir publicamente o propósito de se despedir de Nicholas infligindo-lhe aqueles abraços em estilo melodramático, o que lhe causou um grande aborrecimento. O mais velho dos Misterys Ces procedeu da mesma forma para com Smike, enquanto Mister Percy Crummles estava numa atitude de ajudante de carrasco, esperando as duas vítimas para as levar ao patíbulo. Os espectadores riram com gosto e para não destoar, Nicholas riu também quando se desembracou das despedidas e subiu para a diligência, com Smike.

## CAPÍTULO XXXI

Acerca de Ralph Nickleby, de Newnan Noggs, e do resultado de prudentes precauções.

Na infeliz inconsciência de que o sobrinho vinha com a máxima velocidade para o seu campo de acção puxado por quatro potentes cavalos, Ralph Nickleby estava nessa manhã em frente do seu livro de contabilidade, mas sem ver os números, com a obsessão da entrevista com a sobrinha na noite anterior. Por fim, pôs a pena de lado e encostou-se à cadeira.

-Não sou homem para ser manobrado por uma cara bonita, - murmurou ele desabridamente. - Por baixo dessa máscara há uma cara de dentes arreganhados e homens como eu, que trabalham no escuro. No entanto quase gosto da rapariga, mas preferia que tivesse sido educada com menos orgulho e melindre. Se o rapaz fosse enforcado ou morresse afogado, e a mãe morresse, esta casa seria dela. Desejo-lhes a morte com toda a minha alma!

Apesar dos seus sentimentos assassinos a respeito do sobrinho e da cunhada, havia qualquer coisa de humano e de amável nos pensamentos que envolviam Kate. Porém uma pequena circunstância foi o bastante para o despertar dos seus pensamentos. Olhou vagamente para a janela do outro escritório e viu Newman Noggs em atenta observação, fingindo aparar a pena com um bocado duma faca ferrugenta. Ralph mudou a sua atitude pela



costumada carranca de homem de negócios, a cara de Newman desapareceu e o rio de pensamentos voltou a correr tudo simultaneamente e num instante.

Depois de alguns minutos, Ralph tocou a campainha. Newman respondeu à chamada e Ralph encarou-o furtivamente, como se tivesse medo de lhe ler os pensamentos. Na expressão de Newman Noggs não havia, contudo, o mais pequeno sinal de ter observado. Sendo possível imaginar um homem com dois olhos, e ambos abertos, dirigidos para um sítio qualquer sem ver coisa alguma, esse homem parecia ser Newman, enquanto Ralph o contemplava.

- O que quer dizer isso? - rosnou Ralph.

- Oh! - exclamou Newman, a cujos olhos assomou um clarão de inteligência. - Pensei que tivesse tocado - e com esta lacónica observação, Newman voltou-se para sair.

- Venha cá! - rosnou Ralph.

Newman parou, sem mostrar surpresa.

- Eu toquei!

- E eu sabia que tinha tocado.

- Então por que se ia embora?

- Pensei que tocara para dizer que não tinha tocado - respondeu Newman - Faz isso com frequência.

- Como se atreve a espreitar, a espiar, a fitar-me, seu velhaco? - perguntou Ralph.

- Fitá-lo? - ripostou Newman. - A si! Ah! ah!

- Tenha cautela, sir, - advertiu Ralph, olhando-o firmemente. - Não venha para aqui com ares de louco! Vê este embrulho?

- bastante grande - comentou Newman.

- Leve-o à City, a Cross, em Broad Street, e deixe-o lá. depressa. Ouviu?

Newman fez uma espécie de afirmativo aceno, impertinente com a cabeça e deixou o aposento durante alguns segundos, para voltar com o chapéu. Agarrou no embrulho, pô-lo debaixo do braço e depois calçou os mitenes com grande precisão e escrúpulo, conservando os olhos em Mr. Ralph Nickleby. Ajustou o chapéu na cabeça com muito cuidado, real ou pretendido, e por fim, partiu para cumprir a missão.

E executou-a com grande rapidez, só entrando por meio minuto numa taberna, mas quando chegou à Strand hesitou, não sabendo se deveria ir direito ao escritório, ou seguir em frente. Por fim prevaleceu a sua ideia e foi bater à porta da casa de Miss La Creevy; abriu uma rapariga. A pergunta feita por esta, Newman só respondeu, Noggs, como se fosse uma palavra cabalística e, com grande assombro da criada, chegou à saleta de Miss La Creevy antes dela lhe poder dizer alguma coisa.

- Entre, se faz favor! - convidou Miss La Creevy, em resposta ao bater de Newman.

- Seja bem vindo! - cumprimentou Miss La Creevy. - O que deseja, sir?

- A senhora esqueceu-se de mim - observou Newman com uma inclinação de cabeça. - Maravilha-me isso. Que ninguém se lembre de mim, tendo-me conhecido noutros tempos, é bastante natural, mas há poucas pessoas que, tendo-me visto uma vez, me esqueçam agora. Deu uma vista de olhos pelo seu fato esfarrapado e para a perna paralítica e abanou levemente a cabeça.

- Confesso que o esquecera! - disse Miss La Creevy, levantando-se para receber Newman, que a encontrou a meio do

caminho- e sinto-me envergonhada visto o senhor ser uma criatura amável e boa, Mr. Noggs. Sente-se e dê-me notícias de Miss Nickleby. Pobre e querida criança! Já não a vejo há uma semana!

- Será possível? - perguntou Newman.

- A verdade é, Mr. Noggs, fui fazer uma visita. a primeira visita que faço há quinze anos.

- Isso é muito tempo! - comentou Newman, tristemente.

- muito tempo para olhar para trás nos anos, mas agradeça ao Céu os meus dias solitários, que se desenrolam em paz e felicidade - replicou a miniaturista - Tenho um irmão, Mr. Noggs, o único parente que possuo, e durante todo este tempo não o tornara a ver.

Não estávamos zangados mas ele trabalhava como aprendiz, noutra terra; casou-se, contraiu novos laços e afeições, e esqueceu uma pobre mulher como eu o que é natural. Não suponha que me queixo pois sempre pensei: o pobre John encetou o seu caminho na vida, tem mulher a quem contar os seus cuidados e preocupações, filhos para o distraírem, e Deus os abençoe, mas que nos encontremos todos um dia, quando não nos pudermos separar mais. Porém que me diz, Mr. Noggs, se lhe contar que esse mesmo irmão veio por fim a Londres e não descansou até me encontrar? O que me diz da sua visita, sentado nessa mesma cadeira a chorar como uma criança pela alegria de me ver? O que me diz da sua insistência em me levar a sua casa, verdadeiramente sumptuosa Mr. Noggs, com um grande jardim e uma imensidade de terreno, com criado de libré a servir à mesa, senhor de vacas, cavalos, porcos, e não sei o que mais, obrigando-me a passar ali um mês inteiro e fazendo pressão para ficar lá para sempre?! Sim, para sempre. e o mesmo fez a mulher e os filhos. ele tem quatro. a filha mais velha puseram-lhe o meu nome há oito anos. Nunca me senti tão feliz em toda a minha vida! E a pobre alma escondeu a cara num lenço e começou a soluçar; era a primeira oportunidade que tinha para descarregar a alegria e deixar falar o coração.

- Mas Deus me salve! - continuou limpando os olhos depois duma curta pausa, e metendo o lenço na algibeira- que pateta lhe devo parecer Mr. Noggs! Não teria dito uma palavra disto se não quisesse explicar-lhe a razão por que não tenho visto Miss Nickleby.

- Viu a senhora de idade? - inquiriu Newman.

- Quer dizer Mrs. Nickleby? - interrogou Miss La Creevy

-Então devo dizer-lhe, Mr. Noggs, se quer conservar boas relações por aquele lado, que nunca mais lhe chame senhora de idade, visto me parecer que ela não o ouviria com muito agrado. Sim, fui lá na noite de antes de ontem, mas estava muito tola, não sei porquê e tão misteriosa, que não pude tirar coisa alguma dela. Assim resolvi tornar-me também importante e saí. Pensava que ela viesse cá antes de o ver aqui, mas não veio.

- E sobre Miss Nickleby?. - disse Newman.

- Essa veio aqui duas vezes enquanto estive fora - informou Miss La Creevy - Tive receio. Ela podia não gostar que a fosse visitar entre as grandes personagens que têm os nomes no livro de ouro e pensei em aguardar um dia ou dois. Depois, se ela não viesse, escrever-lhe.

- Ah! - exclamou Newman, fazendo estalar os dedos.

- Em todo o caso quero ouvir de si notícias deles - disse Miss La Creevy. - Como está o velho monstro grosseiro de Golden Square? Bem, decerto; gente como essa está sempre bem. Não quero dizer de saúde, mas como vai andando.

- Maldito! - gritou Newman, atirando com o seu querido chapéu para o chão - Como um falso sabujo.

- Misericórdia, Mr. Noggs, aterrou-me completamente - confessou Miss La Creevy, empalidecendo.

-Tinha-lhe dado cabo da cara ontem à tarde, se pudesse!

- disse Newman, passeando sem descanso e agitando o punho para um retrato de Mr. Canning sobre a pedra da chaminé. Estava perto dele mas fui obrigado a meter as mãos nas algibeiras e conservá-las muito apertadas. Algum dia, faça-o! Sei que o faça! Já o devia ter feito se não tivesse medo de tornar o caso pior. Fecho-me com ele à chave e arrumo o caso antes de morrer. Estou completamente certo disso!

-Começo a gritar se o senhor não se acalma, Mr. Noggs! Tenho a certeza de que não poderei deixar de o fazer!

- Não faça caso - replicou Newman, andando violentamente dum lado para o outro - Ele vem esta noite; eu escrevi-lhe. Eú sei que ele nem sonha! Grandíssimo patife!

Ele nem sonha!

Não faz mal, eu hei-de impedi-lo. eu, Newman Noggs! O grande velhaco!  
Atacado duma extravagante fúria, Newman Noggs pôs-se a passear no aposento com os movimentos mais excêntricos, executados por um ser humano, fitando as pequenas

miniaturas na parede, depois dando violentas pancadas na cabeça, até cair na primitiva cadeira, completamente exausto e sem fôlego.

- Isto faz-me bem! - confessou Newman, levantando o chapéu. - Agora é melhor contar-lhe tudo. Levou algum tempo a acalmar Miss La Creevy, que estivera quase assustada com esta notável excitação, mas conseguido isto, Newman relatou fielmente o que se passou na entrevista entre Kate e o tio, prefaciando a narrativa com uma declaração da sua anterior suspeita e o motivo por que a tivera, concluindo com uma comunicação do passo que dera, escrevendo secretamente a Nicholas.

Embora a indignação de Miss La Creevy não se mostrasse dum modo tão singular como a de Newman, não foi inferior em violência e intensidade. Na verdade, se Ralph Nickleby, pur acaso aparecesse no aposento neste momento, encontraria em Miss La Creevy um adversário mais perigoso do que o próprio Newman Noggs.

- Deus me perdoe por dizer isto - declarou Miss La Creevy como uma desculpa para toda a sua expressão de ódio - mas realmente sinto que lhe enterrava isto nele, com prazer, se pudesse.

Não era uma arma muito terrível a que Miss La Creevy tinha, pois não passava dum lápis, mas descobrindo o seu engano, a pequena retratista trocou-o por uma faca com cabo de madrepérola, com a qual para prova dos seus desesperados pensamentos, deu uma estocada, que mal perturbaria a côdea dum pão de meio quilo.

- Depois desta noite ela não ficará onde está - informou Newman - é uma consolação.

- Ficar! - exclamou Miss La Creevy - Ela devia ter saído de lá há três semanas!

- Se tivéssemos sabido isto - replicou Newman - mas nós não sabíamos. Ninguém podia interferir a não ser a mãe ou o irmão.

A mãe é uma fraca... pobre criatura! O querido jovem estará aqui esta noite.

- um coração ardente - comentou Miss La Creevy - Fará alguma coisa desesperada, Mr. Noggs, se lhe disser tudo duma vez.

Newman deixou de esfregar as mãos e assumiu uma aparência pensativa.

- Isso depende - disse Miss La Creevy - se o senhor não tiver muito cuidado em lhe contar a verdade pois de contrário exercerá alguma violência no tio, ou em qualquer desses homens, que lhe possa trazer uma terrível calamidade e, dor e tristeza para todos nós.

- Nunca pensei nisso - confessou Newman, com a expressão cada vez mais abatida. - Vim para lhe pedir para receber a irmã, no caso dele a trazer para aqui, mas.

- Mas isso é um assunto muito importante - interrompeu Miss La Creevy - do qual podia ter adquirido a certeza antes de ter vindo, mas o fim disto ninguém o pode prever, a não ser que o senhor seja muito cauteloso e reservado.

- O que posso eu fazer? - exclamou Newman, coçando a cabeça com um ar de grande atribulação e perplexidade. - Se ele falar de os correr todos a tiro, serei obrigado a dizer, Certamente. trate-lhes da saúde.

Miss La Creevy não pôde conter um arrepio ao ouvir isto e imediatamente começou a suplicar a Newman para ele fazer todo o possível para apaziguar a ira de Nicholas.

A seguir, consultaram-se sobre a forma mais segura para lhe comunicarem as circunstâncias que tornaram necessária a sua presença.

- Ele precisa de ter tempo de esfriar antes de fazer alguma coisa - disse Miss La Creevy. - Isso é de grande importância. Não se lhe deve dizer nada antes de uma hora adiantada da noite.

- Mas ele chegará à cidade entre as seis e as sete da tarde

- informou Newman - Eu não posso conservar-me calado quando ele me interrogar.

- Então tem de sair, Mr. Noggs - opinou Miss La Creevy.

- O senhor pode facilmente andar por fora por causa de negócios e não deve voltar senão cerca de meia-noite.

- Então ele virá direito aqui - replicou Newman.

- Assim o suponho - observou Miss La Creevy - mas não me encontro em casa porque vou direita à

City logo que o senhor saia, tratar de assuntos com Mrs. Nickleby, e levo-a ao teatro, para ele não saber onde mora a irmã.

Depois de discutirem mais um bocado pareceu ser este o modo mais seguro e eficaz de procedimento a adoptar. Por isso foi determinado, finalmente, que as coisas se passariam assim e Newman, depois de ouvir muitas recomendações suplementares e rogos, despediu-se de Miss La Creevy, voltou para Golden Square, ruminando sobre um vasto número de possibilidades e impossibilidades que se lhe amontoavam na cabeça e não tinham aparecido na conversa que tinha justamente terminado.

## CAPÍTULO XXXII

Algumas conversas e decisões notáveis

- Até que enfim, Londres! - exclamou Nicholas atirando para trás o sobretudo e acordando Smike. - Parecia que nunca mais chegávamos!

- E, contudo, o senhor veio em bom andamento - observou o cocheiro, olhando por cima do ombro para Nicholas, com uma cara de poucos amigos.

- Sim, bem sei! - foi a resposta - mas estava ansioso para chegar ao fim da minha jornada e por isso o caminho me pareceu tão comprido.

- Bem - respondeu o cocheiro - se o caminho lhe pareceu comprido o senhor deve estar cheio de pressa! - e dizendo isto, bateu com o chicote na barriga das pernas dum rapazinho, para dar mais ênfase à frase.

Meteram através das ruas barulhentas e apinhadas de Londres, onde as montras das lojas estavam iluminadas. Multidões seguiam dum lado para o outro, enquanto os veículos, de todos os tamanhos e feitios, pareciam um rio que acrescentasse o seu fragor aos ruídos daquele mar de gente.

Todos os objectos expostos para venda, os mais variados e atraentes, não lhes despertavam a atenção. Nicholas alugou duas camas para si e para Smike na estalagem onde a diligência parou, e encaminhou-se imediatamente para os aposentos de Newman Noggs. Havia lume nas águas- furtadas de Newman e fora deixada uma vela acesa; o chão estava impecavelmente limpo, o quarto encontrava-se arranjado e na mesa havia comida e bebida. Tudo falava da atenção e cuidado de Newman Noggs, mas ele não estava.

- Sabe a que horas estará em casa?- perguntou Nicholas batendo à porta do vizinho.

- Ah, Mr. Johnson! - disse Crawl, aparecendo. - Seja bem vindo, sir. Como a sua aparência é boa! Nunca julguei.

- Desculpe-me - interrompeu Nicholas. - A minha pergunta. Estou extremamente ansioso por saber.

- Ele tem uma data de coisas a fazer - respondeu Crawl

- e não estará em casa antes da meia noite. Posso dizer-lhe que ele tinha pouca vontade de ir, mas não teve outro remédio. No entanto, deixou-me dito que se pusesse à sua vontade até ele regressar e que eu o entretivesse, o que farei com muita satisfação!

E para provar o seu desejo de os entreter, Mr. Crawl puxou uma cadeira para a mesa e serviu-se à vontade de carne fria, convidando Nicholas e Smike a seguirem-lhe o exemplo. Desapontado e inquieto, Nicholas não pôde tocar na comida e depois de ver Smike confortavelmente instalado saiu, apesar dos muitos protestos de Mr. Crawl com a boca cheia, e deixou Smike para deter Newman, no caso de chegar primeiro.

Como Miss La Creevy previra, Nicholas dirigiu-se imediatamente para casa dela. Encontrando-a ausente, debateu consigo o problema de ir a casa da mãe, o que a podia comprometer para com Ralph Nickleby, mas absolutamente persuadido que Newman o não teria chamado sem uma forte razão, dirigiu-se para lá a toda a velocidade. A rapariga informou-o de que Mrs. Nickleby não estaria senão à meianoite e meia hora, ou mais tarde. Julgava que Miss Nickleby estava bem, mas não vivia agora em casa, nem ia lá senão excepcionalmente. Não sabia dizer onde estava, mas não era em casa de Madame Mantalini. disso tinha a certeza.

Com o coração a bater violentamente e suspeitando de algum desastre, Nicholas voltou para onde deixara Smike. Newman ainda não estava em casa. Não voltaria antes das doze horas. Não havia a possibilidade de o mandar chamar, ainda que só por um instante, nem mandar-lhe uma linha para ele dar uma resposta verbal? Isso era completamente impraticável. Não estava em Golden Square e, provavelmente, fora mandado fazer algum recado, longe.

Nicholas tentou ficar sossegado onde estava, mas sentia-se tão nervoso e excitado que não podia estar parado. Assim, agarrou no chapéu e tornou a sair.

Desta vez dirigiu-se para oeste, caminhando pelas ruas com passos apressados e agitado por milhares de dúvidas e apreensões que não podia dominar. Passou por Hyde Park, agora silencioso e deserto, na esperança de esquecer os pensamentos, e caminhou até se sentir cansado, saindo do parque um bocado mais confuso e perplexo.

De manhã, mal comera e bebera e sentia-se fraco e exausto. Quando voltava lentamente para o ponto de partida, ao longo duma das ruas que ficam entre Park Lane e Bond Street, passou por um convidativo hotel, em frente do qual parou automaticamente. Um sítio caro, pensou mas um copo de vinho e um biscoito não pode ser uma grande despesa seja onde for.

Andou uns poucos de passos, mas olhando pensativamente para a longa fila de candeeiros à sua frente e pensando no

tempo que levaria a chegar ao fim, Nicholas voltou-se e entrou no café. Estava lindamente mobilado, com as paredes forradas de bom papel e o chão coberto com um tapete; por cima da chaminé havia dois espelhos e um outro no canto oposto. Perto do lume, quatro cavalheiros juntos e mais outros dois, já de idade e sós.

Observando tudo isto num relance, Nicholas sentou-se numa mesa próxima dos quatro, de costas para eles, encomendou um copo de vinho de Bordéus, agarrou num jornal e começou a ler. Não tinha ainda lido vinte linhas quando ouviu o nome da irmã. A pequena Kate Nickleby, foram as palavras que lhe soaram. Levantou a cabeça espantado e aguardou até ouvir mais. Pelo espelho que tinha na frente, viu um dos quatro levantar-se e ficar de costas para o lume, conversando com um homem mais novo, que estava defronte de si. Falavam muito baixo, de vez em quando riam, mas Nicholas não conseguiu apanhar a repetição das palavras, nem um som que se assemelhasse a elas. Por fim, os dois voltaram aos seus lugares e, tendo sido encomendado mais vinho, as vozes tornaram-se mais altas, sem se fazer referência a qualquer pessoa do conhecimento de Nicholas, pelo que este começou a persuadir-se ter sido imaginação da sua fantasia excitada. É muito notável, pensou Nicholas, se eu tivesse ouvido Kate Nickleby, não me surpreenderia tanto, mas a pequena Kate Nickleby! O vinho, vindo neste momento, impediu-o de acabar a frase. Bebeu um copo e agarrou outra vez no jornal. Nesse instante:

- A pequena Kate Nickleby! - exclamou uma voz por detrás dele.

Eu tinha razão - murmurou Nicholas, enquanto o jornal lhe caía da mão, e era o homem que supunha.

-Como se objectou em beber, em sua intenção com os restos dos copos - disse a voz - faremos a saúde com o primeiro copo da nova mgnum (i). A pequena Kate Nickleby!

- A pequena Kate Nickleby! - gritaram os outros três, e os copos foram esvaziados.

Vivamente ferido pelo tom desta menção leviana e irónica do nome da irmã num lugar público, Nicholas começou imediatamente a ferver, mas conservou-se quieto com grande esforço sem sequer voltar a cabeça.

- A atrevida! - exclamou a mesma voz que falara antes.

- É uma verdadeira Nickleby. digna imitadora do velho tio Ralph. resiste para ser mais desejada. como ele faz; nada se tira de Ralph a não ser que nunca mais o larguemos e, então o dinheiro é duplamente bem-vindo e a transacção duplamente forte, por estarmos impacientes e ele não. Oh! maldito velhaco!

- Maldito velhaco! - ecoaram duas vozes.

Nicholas estava numa perfeita agonia com medo de perder uma palavra do que se estava a dizer, quando os dois cavalheiros,

281

em frente, se levantaram, um após outro e se foram embora. Porém, a conversa foi suspensa quando se ergueram e continuou então com uma maior liberdade, logo que deixaram o aposento.

- Receio - declarou o mais novo - que a velha se torne ciumenta e a feche Á chave. Pela minha alma, parece isso mesmo!

- Se elas se zangarem e a pequena Nickleby for para casa da mãe, tanto melhor - disse o primeiro - Eu sei manobrar a velha senhora. Acredita em tudo quanto lhe digo.

- Pela minha fé, é verdade - replicou outra voz. - Pobre diabo!

O riso estendeu-se aos outros dois, que se expandiam sempre juntos, e tornou-se geral a expensas de Mrs. Nickleby. Nicholas voltou-se, ardendo em raiva, mas ainda se conseguiu dominar, esperando ouvir mais. O que ouviu não precisa de ser repetido aqui. Basta dizer que quanto mais o vinho corria, mais ele tomava conhecimento dos caracteres e planos daqueles cuja conversa escutava, para lhe dar a ideia de toda a extensão da vilania de Ralph e da verdadeira razão da sua presença ser necessária em Londres. Ouviu tudo isto e mais. Ouviu o sofrimento da irmã, escarnecida e ridicularizada a sua virtuosa conduta brutalmente mal interpretada; ouviu seu nome discutido de boca em boca e ela o objecto de grosserias e insolências.

O homem que primeiro falara dirigia a conversa e, de facto quase a monopolizava sendo apenas estimulado, de vez em quando, por um ou outro dos companheiros para aparecer perante o grupo e forçar as palavras pela garganta ardente e escaldante.

- Permita-me que lhe dê uma palavra, sir - disse Nicholas.

- A mim, sir? - perguntou Sir Mulberry Hawk, olhando-o com desdenhosa surpresa.

- Eu dirigi-me a si - respondeu Nicholas, falando com grande dificuldade, chocado pelos seus próprios sentimentos.

- Um misterioso estranho, palavra de honra! - comentou Sir Mulberry, levando o copo à boca e olhando para os amigos.

-Quer falar comigo em particular, durante uns minutos, ou recusa-se?-interrogou Nicholas com ar severo.

Sir Mulberry apenas parou a acção de beber e pediu-lhe o nome e o assunto, ou que se afastasse.

Nicholas tirou um bilhete da algibeira e atirou-lho para a frente.

- Aí tem, sir - disse Nicholas. - O assunto comigo já o adivinha.

Na cara de Sir Mulberry apareceu uma momentânea expressão de assombro, misturada com certa confusão, ao ler a nome, mas dominou-se e, dando o bilhete a Lorde Verisopht, que se sentava em frente, tirou um palito dum copo fronteiro e meteu-o na boca muito despreocupado.

- O seu nome e morada? - inquiriu Nicholas, tornando-se mais pálido, excitado pela cólera.

- Não lhe darei nenhuma - respondeu Sir Mulberry.

- Se há um cavalheiro neste grupo - replicou Nicholas, olhando em redor e mal podendo emitir as palavras através dos lábios brancos - vai dizer o nome e a residência deste homem.

Fez-se um silêncio de morte.

- Sou o irmão da jovem que foi o assunto da conversa aqui

- declarou Nicholas. - Acuso este homem de mentiroso e de cobarde. Se ele tem aqui um amigo, livrá-lo-á da vergonha da vil tentativa de esconder o seu nome, uma coisa totalmente desnecessária, pois não o largarei, enquanto não o souber.

Sir Mulberry olhou para ele com desprezo e, dirigindo-se aos companheiros disse:

-Deixem o rapaz falar; eu nada tenho de sério a dizer a garotos da sua classe, e a linda irmã livra-o

de ter a cabeça partida se ele falar até à meia noite.

- Você é um patife desprezível e baixo - disse Nicholas

-e assim será proclamado a toda a gente. Eu hei-de conhecê-lo; segui-lo- ei até a casa, ainda que ande a vaguear pelas ruas até de manhã.

A mão de Sir Mulberry involuntariamente fechou-se sobre a garrafa e pareceu, por momentos, que ia atirá-la à cabeça do adversário, mas apenas encheu o copo e riu de escárnio.

Nicholas sentou-se directamente em frente do grupo e, chamando o criado, pagou a sua despesa.

- Conhece o nome daquele homem? - perguntou ao criado em voz audível, apontando para Sir Mulberry.

Sir Mulberry voltou a rir.

- Aquele cavalheiro, sir? - inquiriu o criado, que, sem dúvida percebendo um sinal dele, respondeu com tão pouco respeito, como tanta impertinência, que pôde falar sem perigo. Não, sir, não conheço, sir.

- Venha cá agora, sir - chamou Sir Mulberry, quando o homem se ia a retirar.

- Conhece o nome daquele rapazinho?

- O nome, sir? Não, sir.

- Então encontra-o aí - informou Sir Mulberry, atirando

-lhe o bilhete de Nicholas - e quando tiver aprendido ponha esse bocado de cartão no lume. Ouviu?

O homem sorriu, olhando com um ar duvidoso para Nicholas e cumpriu a ordem, pondo o bilhete

no vidro da chaminé. Feito isto, retirou-se. Nicholas cruzou os braços

e, mordendo os lábios, ficou perfeitamente calmo, exprimindo com a sua maneira a firme

determinação de levar a efeito a ameaça de seguir Sir Mulberry a casa. Pelo

tom do membro mais novo do grupo era evidente que ele censurava o seu amigo e Ilhe pedia para

satisfazer o desejo de Nicholas, mas Sir Mulberry, que não estava sóbrio

e se encontrava num estado de teimosia, calou o seu jovem amigo e mandou-os a todos embora. O

jovem e os dois outros, que falavam sempre juntos, levantaram-se, deixando

o seu amigo só com Nicholas.

Para qualquer pessoa nas condições de Nicholas os minutos pareciam mover-se lentamente, mas ele continuava sentado

em frente de Sir Mulberry Hawk que com as pernas estendidas e o guardanapo negligentemente

atirado sobre os joelhos, acabava a garrafa de vinho com o maior sangue-frio

e indiferença.

Permaneceram assim, em perfeito silêncio, por mais duma

hora. Nicholas, por duas ou três vezes, olhou impacientemente

em redor, mas Sir Mulberry estava na mesma atitude, levando

o copo à boca, de vez em quando, e olhando inexpressivamente

para a parede como se não houvesse ali a presença dum ser

vivo. Por fim bocejou, espreguiçou-se e levantou-se; encaminhou-se friamente para o espelho e

tendo-se absorvido nele, voltou-se e honrou Nicholas com um longo

olhar de desprezo.

Nicholas devolveu-lhe o olhar com o mesmo à vontade. Sir

Mulberry encolheu os ombros, sorriu levemente, tocou a campainha e ordenou ao criado para o

ajudar a vestir o sobretudo.

O homem assim fez e abriu a porta.

- Não espere - disse Sir Mulberry e ficaram sós novamente.

Sir Mulberry deu várias voltas no aposento, sempre a assobiar descuidadamente; parou para acabar o último copo de

vinho, voltou a passear, pôs o chapéu, compô-lo ao espelho, calçou as luvas e, por fim, saiu

lentamente. Nicholas, que parecia sobre brasas e a consumir-se de raiva, até

quase se tornar furioso, ergueu-se da cadeira e seguiu-o tão de perto, que antes da porta ter girado nos gonzos, depois da passagem de Sir Mulberry, estavam ambos lado

a lado, na rua. Estava à espera um cabriolé particular; o criado abriu a cobertura e pulou para a cabeça do cavalo.

- Quer dar-se a conhecer? - perguntou Nicholas em tom impaciente.

- Não - respondeu o outro furioso, confirmando a recusa com uma praga. - Não.

- Se se fia na velocidade do cavalo, engana-se - disse Nicholas. - Acompanhá-lo-ei. Pelo Céu, que o hei-de acompanhar, mesmo que vá pendurado no estribo!

- Será chicoteado se o fizer! - avisou Sir Mulberry.

- Autêntico vilão! - declarou Nicholas.

- Você é um moço de recados, segundo me parece - replicou Sir Mulberry Hawk.

- Sou filho dum fidalgo da província - retorquiu Nicholas - seu igual no nascimento e educação, e seu superior em

tudo o resto. Digo-lhe de novo: Miss Nickleby é minha irmã.

Quer, ou não, responder pela sua conduta ignóbil e brutal?

- A um verdadeiro campeão, sim... A si... não - respondeu

Sir Mulberry, tomando as rédeas. - Afaste-se do caminho, cão! William, larga-lhe a cabeça.

- É melhor não - gritou Nicholas, saltando para o estribo

quando Sir Mulberry entrou no carro e segurando as rédeas.

- Cautela, ele não tem mão nas rédeas. Não irás... não irás, juro. até me dizeres quem és.

O criado hesitou largar o cavalo, que era um animal feroso e de puro sangue e que escouceava tão violentamente que ele mal pôde segurá-lo.

- Deixa-o, já te disse! - trovejou o patrão.

O homem obedeceu. O animal recuou e escouceu o carro como se quisesse reduzi-lo a pedaços, mas Nicholas, desprezando todo o sentido do perigo e sentindo apenas a sua fúria, manteve o lugar, com as rédeas nas mãos.

- Quer dizer-me quem é?

- Não!

Estas palavras foram trocadas em menos tempo do que levaram a escrever e Sir Mulberry, agarrando no chicote, aplicou-o furiosamente à cabeça e ombros de Nicholas.

O chicote quebrou-se na luta; Nicholas ficou com a parte mais grossa e com ela, rasgou o lado da cara do seu antagonista do olho até à boca. Viu a profunda ferida, conheceu que o cavalo disparou como um louco, num galope furioso; centenas de luzes dançaram-lhe nos olhos e sentiu-se projectado violentamente no chão.

Estava com náuseas e vertigens, mas levantou-se imediatamente, ouvindo gritos dos homens que estavam trabalhando na rua berrando para os que estavam à frente, fugirem do caminho. Teve consciência de muita gente a fugir e, olhando para mais longe, pôde ver o cabriolé a correr com espantosa rapidez. depois ouviu um grito mais alto, o esmagamento de qualquer corpo pesado e o quebrar de vidros. a seguir a multidão fechou-se a distância e ele nada mais ouviu, nem viu.

A atenção geral foi desviada dele para a pessoa da carruagem e encontrou-se inteiramente só. Viu ser pura loucura segui-lo; nestas circunstâncias, por isso meteu por uma travessa à procura da mais próxima praça de carros de aluguer, achando que vacilava como um ébrio e reparando pela primeira vez, que um fio de sangue lhe corria da cara para o peito.

### CAPÍTULO XXXIII

Mr. Ralph Nickleby é aliviado, por um processo Rápido, de todas as suas preocupações com os parentes

Smike e Newman Noggs, o qual, na sua impaciência, regressara a casa muito tempo antes do prazo combinado, estavam sentados, à espera de Nicholas, em frente do lume, escutando ansiosamente todos os passos na escada. O tempo passava e fazia-se tarde. Nicholas



prometera regressar dentro duma hora e a sua prolongada ausência começava a alarmar consideravelmente ambos, como se verificava pelos olhares desesperados que trocavam a cada novo desapontamento. Por

fim, ouviu-se parar um carro e Newman correu para fora, a fim de alumiar a escada.

-Não se alarmem! - disse Nicholas, apressando-se a segui-lo para o quarto. - Não há mal que uma bacia de água não possa reparar.

-Não há mal? - interrogou Newman, passando as mãos rapidamente pelas costas e pelos braços de Nicholas para se assegurar se ele não teria os ossos quebrados. - O que esteve a fazer?

-Sei tudo - interrompeu Nicholas. - Ouvi uma parte e adivinhei o resto. Mas antes de tirar a mais pequena porção destas nódoas, quero ouvir tudo da sua boca. Estou calmo. A minha resolução está tomada. Agora, meu bom amigo, fale; não são precisos paliativos, nem considerações, e nada aproveitará agora a Ralph Nickleby.

- O seu fato está rasgado em vários sítios, o senhor coxeia. Tenho a certeza de que está a sofrer - disse Newman. Deixe-me primeiro ver os seus ferimentos.

-Não tenho ferimentos senão uma pequena arranhadela e um entorpecimento que depressa passará - declarou Nicholas. - Mas se tivesse mesmo fracturado qualquer membro e estivesse nos meus sentidos, não me deixaria tratar enquanto não me disser o que tenho direito a saber. Vamos - continuou Nicholas, dando a mão a Noggs. - O senhor tinha uma irmã, como me disse uma vez, que morreu antes de ter caído em desgraça. Pense agora nela e diga-me, Newman, o que se passa.

-Sim, conto-lhe, conto-lhe! - prometeu Noggs. - Dir-lhe-ei toda a verdade.

Newman assim fez. Nicholas acenava com a cabeça de vez em quando, por a história vir corroborar os pormenores que ele já adivinhara; fixou os olhos no lume e não os tirou dali. Acabada a narrativa, Newman insistiu para ele tirar o casaco, para lhe tratar dos ferimentos. Durante o tratamento, Nicholas relatou o que se passara com Sir Mulberry Hawk.

Acabado o tratamento, Nicholas combinou com Newman para a mãe deixar imediatamente a sua actual residência e falar também com Miss La Creevy para se pôr em comunicação com ela. Envolveu-se, então, no sobretudo de Smike e foi para a estalagem, depois de escrever umas linhas a Ralph, cuja entrega confiou a Newman, para conseguir o repouso de que tinha necessidade.

As sete horas da manhã seguinte, Nicholas levantou-se com algumas dificuldades por causa das dores, mas depois de entrar no quarto de Smike e preveni-lo que Newman Noggs o procuraria dentro de muito pouco tempo, saiu para a rua e chamou um carro para se conduzir a casa de Mrs. Witterly. Faltava um quarto de hora para as oito quando chegou a Cedogan Place e por uma criada, que limpava as escadas, foi chamado o pajem; este informou que Miss Nickleby dava o seu passeio matinal no jardim em frente da casa. Perguntando

se podia chamá-la, disse que não, mas, estimulado por um xelim, respondeu afirmativamente.

-Diga a Miss Nickleby que é o irmão que está aqui e cheio de pressa para lhe falar - recomendou Nicholas.

O rapaz desapareceu com uma satisfação muito pouco usual nele e Nicholas pôs-se a passear no aposento, num estado de febril agitação até ouvir, por fim, uns passos muito seus conhecidos e, antes de poder avançar e ir ao seu encontro, Kate caiu-lhe nos braços, lavada em lágrimas.

-Minha querida filha! - disse Nicholas ao abraçá-la. Como estás pálida!

-Tenho sido tão infeliz aqui, querido irmão - soluçou a pobre Kate - tão desgraçada! Não me deixes cá, querido Nicholas, eu morrerei de desgosto.

-Não te deixarei aqui - respondeu Nicholas - nunca mais, Kate. Dize-me que procedi da melhor forma. Dize-me que temos de partir, pois receio trazer-te infelicidade;

isto é uma experiência para mim, como para ti, e se eu andei erradamente foi na ignorância da vida.

-O que te devo eu dizer que me conheces tão bem?

- replicou Kate, brandamente. - Nicholas, querido Nicholas, como podes abrir caminho assim?

- uma desgraça só agora saber quanto tu tens suportado - retorquiu-lhe o irmão - por ver como mudaste e, no entanto, conservando-te tão boa e paciente. Deus! - exclamou ele, fechando o punho e mudando subitamente de tom e de maneiras - isto faz-me ferver outra vez o sangue. Tens que partir comigo imediatamente; não devias ter dormido aqui a noite mas eu só soube de tudo demasiado tarde. A quem se pode falar antes de partires? Esta pergunta foi feita muito oportunamente por que nesse instante entrou Mr. Witterly, a quem Kate apresentou o irmão, o qual imediatamente anunciou o seu propósito e a impossibilidade de o prolongar.

-O aviso de trimestre - disse Mr. Witterly com a gravidade dum homem cheio de razão - ainda não chegou a meio. Por isso.

-Por isso - interpôs Nicholas - o salário do trimestre pode ficar, sir. Desculpará esta pressa, mas as circunstâncias ordenam-me que leve imediatamente a minha irmã e não tenho um momento a perder. Mandarei buscar tudo quanto ela trouxe, se me permite, durante o dia.

Mr. Witterly curvou-se e não fez qualquer objecção à partida imediata de Kate, com o que, na verdade, se sentiu bastante satisfeito dada a opinião de Sir Snuffim de que ela desagradava à constituição de Mrs. Witterly.

-Com respeito à ninharia do salário - declarou Mr. Witterly - eu. )aqui foi interrompido por um violento ataque de tosse), eu... fico-lhe a dever, Miss Nickleby.

Como se observa, Mr. Witterly estava acostumado a ficar a dever as pequenas contas e deixava-as envelhecer. Todos os

homens têm os seus expedientes e este era um dos de Mr. Witterly.

- Se faz favor - disse Nicholas. E uma vez mais pedindo desculpa por uma tão súbita partida, meteu apressadamente Kate no carro, pedindo ao cocheiro para ir a toda a velocidade para a City. Foram de mútuo acordo e os cavalos seguiram em tão bom andamento que pareciam viver em Whitechapel e estarem acostumados a tomar lá o pequeno almoço.

Nicholas mandou subir primeiramente Kate para preparar a mãe e depois de alguns minutos, foi-lhe então apresentar os seus cumprimentos e cumprir os seus deveres filiais. Newman não estivera, entretanto, inactivo, pois havia um pequeno bilhete na porta e os resultados já caminhavam a toda a velocidade.

Mrs. Nickleby não era o género de pessoa para pressas nem para coisas feitas a curto prazo, por isso não obstante ter sido preparada uma hora inteira pela pequena

Miss La

Creevy e ter sido agora informada da mais lúcida forma por Nicholas e pela filha, ficou num estado de grande confusão e espanto, sem compreender a necessidade de tais pressas.

-Por que não perguntas ao teu tio, meu querido Nicholas, qual é a ideia que ele faz disto? - inquiriu Mrs. Nickleby.

-Minha querida mãe - respondeu o filho - o tempo de conversa já passou. Há só um passo a dar e este é pô-lo à margem com o desprezo e a indignação que ele merece.

A sua honra e bom nome pedem isso. depois da descoberta do vil procedimento dele a mãe não deve encará-lo por uma hora só que seja, mesmo pelo agasalho destas paredes nuas.

-Decerto - afirmou Mrs. Nickleby, chorando amargamente - ele é um bruto, um monstro, e às paredes estão realmente nuas e precisando de pintura. Eu mandei caiar o tecto pagando por isso dezoito pence, o que é uma coisa muito triste, considerando que foi dinheiro que não saiu da algibeira do teu tio. Eu nunca teria acreditado nisto. nunca!

-Nem eu, nem ninguém - replicou Nicholas.

- O Senhor abençoe a minha vida! - exclamou Mrs. Nickleby. - Pensar que Sir Mulberry Hawk é uma criatura tão desprezível como Miss La Creevy informou, Nicholas, meu querido! E eu a felicitar-me todos os dias por ele ser um admirador da nossa querida Kate, e pensar que bom seria para a família se se ligasse a nós e usasse da sua influência para te arranjar um bom emprego no Estado. Sei que há muito bons lugares na Corte, que podem ser apanhados, pois o irmão duma nossa amiga - Miss Copley, de Exeter, minha querida Kate tu lembras-te? - teve um e sei que o seu principal dever era usar meias de seda e uma cabeleira e agora pensar que aconteceria isto no fim de tudo. Oh, meu Deus, meu Deus, é duma pessoa morrer! Com estas expressões de tristeza Mrs. Nickleby deu nova expansão à sua dor e chorou aflitivamente.

Como Nicholas e a irmã foram obrigados, nesta ocasião

a superintender na remoção dos poucos artigos de mobília, Miss La Creevy dedicou-se a consolar a senhora e observou

com grande amabilidade que ela devia fazer um esforço para se alegrar.

- Oh! Miss La Creevy - respondeu Mrs. Nickleby com uma petulância invulgar na sua infeliz circunstância - isso é fácil de recomendar,mas se a senhora tivesse tido tantas ocasiões para se alegrar como eu... -

Aqui Mrs. Nickleby parou de súbito para depois recomeçar. - E pensar em Mr. Pyke e Mr.

Pluck, dois dos mais perfeitos cavalheiros que há... o que devo dizer-lhes? .

-Se lhes dissesse, Informaram-me que o vosso amigo

Sir Mulberry é um sórdido patife, eles riam-se de mim!

-Eles não se hão de rir mais de nós; eu trato disso afirmou Nicholas,avançando. -

Vamos,mãe,está uma carruagem à porta e até segunda feira! Dê por onde der, voltamos

aos nossos antigos alojamentos.

- Onde está tudo pronto e o desejo sincero de os receber

- acrescentou Miss La Creevy. - Agora deixe-me ir consigo pela escada abaixo.

Mas Mrs. Nickleby não ia assim tão facilmente; insistiu

primeiro em ir ao andar superior para ver se se esquecia de alguma coisa,e depois ir ao andar de baixo para ver se se

levava qualquer coisa e,por fim,quando já estava no corredor, teve a impressão de se ter esquecido duma cafeteira na cozinha e duma sombrinha verde atrás

duma porta qualquer, quando a porta da rua já estava fechada. Por fim,Nicholas ordenou ao cocheiro para seguir,coincidindo isto com a perda dum xelim,por parte de

Mrs. Nickleby.

Tendo visto tudo arranjado,despedida a criada e fechada a porta,Nicholas meteu-se num cabriolé e seguiu para um sítio próximo de Golden Square,onde marcara encontro a Noggs; e tão rapidamente fora tudo executado,que pouco passava das nove e meia quando chegou ao local de encontro.

- Aqui está a carta para Ralph - disse Nicholas - e aqui está a chave! Quando vier ter comigo esta tarde,nem uma palavra sobre a noite passada. As más novas sabem-se depressa e eles sabê-las-ão depressa demais. Ouviu se ele ficou muito ferido?

Newman abanou a cabeça.

-Eu averiguarei sem perda de tempo - disse Nicholas.

- Fará melhor se for descansar - aconselhou Newman. O senhor está doente e febril.

Nicholas fez um aceno descuidado com a mão e,escondendo a indisposição que realmente sentia - agora que acabara a excitação que o sustivera - despediu-se

rapidamente

de Newman Noggs e deixou-o.

Newman estava a três minutos de Golden Square,mas no

decurso destes três minutos tirou a carta do chapéu e pô-la lá novamente, repetindo o gesto pelo menos vinte vezes. Primeiro a frente, depois as costas, a direcção e o selo, foram objectos da admiração de Newman, que se não conteve sem esfregar as mãos, perfeitamente extasiado com o seu encargo.

Chegou ao escritório, pendurou o chapéu na costumada escápula, pôs a carta e a chave em cima da secretária e esperou impacientemente por Ralph Nickleby. Depois de alguns minutos ouviu-se o bem conhecido ranger das suas botas e a campainha tocou.

-Veio o correio?

- Não.

-Há algumas cartas?

- Uma. - Newman fitou-o de perto e levou-o para a secretária.

-O que é isto? - perguntou Ralph, agarrando na chave.

- Deixaram com a carta. foi um rapaz que as trouxe. há um quarto de hora, ou menos.

Ralph deu uma vista de olhos à direcção, abriu a carta e leu o seguinte:

Agora já o conheço. Não há infâmia de que o não culpo, e bastava a milésima parte dessa vil vergonha para despertar uma consciência mesmo como a sua.

A viúva da seu irmão e a sua filha órfã, repudiam o abrigo do seu tecto e fogem de si com desgosto e aversão. Os seus parentes desprezam-no pois só sentem vergonha dos laços de sangue que os ligam a si.

O senhor é um velho e eu abandono-o ao túmulo. Possam todas as lembranças da sua vida fazer secar o seu falso coração e lançar a escuridão sobre o seu leito mortuário.

Ralph Nickleby leu esta carta duas vezes, contraíu fortemente as sobancelhas e pôs-se a meditar. O papel voou-lhe da mão e caiu no chão, mas ele apertou os dedos como se ainda o conservasse. Repentinamente levantou-se da cadeira e, comprimindo as mãos, meteu-as na algibeira, voltando-se furioso para Newman Noggs, como se fosse para lhe perguntar a razão de estar parado. Mas Newman estava imóvel, com as costas voltadas para ele, seguindo com uma velha pena alguns números numa tabela de juros colada à parede e, aparentemente, alheio por completo a qualquer outro assunto.

#### CAPÍTULO XXXIV

Onde Ralph Nickleby é visitado por pessoas que já conhecemos

-Há quanto tempo estou eu a bater a esta velha e maldita cafeteira de campainha, cujo som é suficiente para fazer convulsões a um homem forte, sob a minha palavra e a minha alma! Oh, diabo!. - disse Mr. Mantalini a Newman Noggs, limpando as botas ao capacho de Ralph Nickleby.

-Não ouvi a campainha senão uma vez - replicou Newman.

- Então é imensamente. excessivamente surdo - afirmou Mr. Mantalini. - Tão surdo como o diabo numa porta!

Por esta altura entrara Mr, Mantalini no corredor e ia a caminho da porta do escritório de Ralph, com muito pouca cerimónia, quando Newman lhe interpôs o corpo e, insinuando que Mr. Nickleby não estava em maré de ser perturbado, perguntou se o assunto era de natureza urgente.

- muitíssimo particular - informou Mr. Mantalini. É para converter alguns bocados de papel em metal brilhante sonante e tilintante.

Newman proferiu um significativo grunhido e, agarrando no bilhete de Mr. Mantalini entrou no escritório do patrão. Quando meteu a cabeça pela porta viu que Ralph voltara à posição pensativa em que caíra depois de ler a carta do sobrinho e que parecia estar a lê-la novamente, visto a ter ainda aberta, na mão. O relance de olhos foi momentâneo, por Ralph se voltar para perguntar a causa da interrupção. Quando Newman

o informou a própria causa entrou no aposento e, apertando a mão calosa de Ralph com desacostumada afeição, afirmou nunca o ter visto com tão bom aspecto em toda a vida.

- A cara parece ter a cor dos frutos - disse Mr. Mantalini sentando-se sem esperar convite e compondo o cabelo e a barba. - O senhor parece jovem e alegre, diabo!

- Estamos sós - replicou Ralph secamente. - O que deseja de mim?

- Bom! - exclamou Mr. Mantalini, mostrando os dentes. O que devo eu querer! Sim, Ah! ah! Muito bem. O que quero eu? Oh! diabo!

- O que quer, homem? - perguntou Ralph desabridamente.

- O demónio dum desconto - informou Mr. Mantalini com um sorriso e abanando a cabeça.

- O dinheiro está difícil. - retorquiu Ralph.

- Se não estivesse não o vinha pedir - interrompeu Mr. Mantalini.

- Os tempos estão maus e mal se sabe em quem confiar

- continuou Ralph. - Agora não quero fazer negócios, prefiro não os fazer, mas como você é um amigo. Quantas letras tem aí?

- Duas - informou Mr. Mantalini.

- Qual é a importância bruta?

- Uma ninharia. setenta e cinco.

- E as datas?

- Dois e quatro meses.

- Faça isto por si por isso. cuidado, pois não o faria a muita gente. por vinte e cinco libras - informou Ralph em tom decidido.

- Oh diabo! - exclamou Mr. Mantalini, cuja cara se alongou consideravelmente a esta proposta.

- Então, fica com cinquenta - replicou Ralph. - O que é que queria? Deixe-me ver os nomes.

- Você é diabolicamente duro, Nickleby - comentou Mr. Mantalini.

- Deixe-me ver os nomes - repetiu Ralph impaciente, estendendo a mão para as letras. - Bem! Não são seguros mas dão bastante garantia. Consente nas condições e leva o dinheiro? Não quero obrigá-lo. Preferia que o não levasse.

- Diabo, Nickleby, não podia?. - começou Mr. Mantalini.

- Não - respondeu Ralph, interrompendo-o. - Não posso. Levará o dinheiro. já, lembre-se; nada de demoras, não vá à City pretender negociar com qualquer outra pessoa que não tem nome e nunca teve. Está feito o negócio, ou não?

Ralph empurrou alguns papéis de pé de si, enquanto falava e, descuidadamente, tocou no cofre como se fosse por acaso. O som foi demasiado para Mr. Mantalini. Fechou

o negócio logo que o som lhe chegou aos ouvidos e Ralph contou o dinheiro sobre a mesa. Mal tinha acabado de o fazer e Mr. Mantalini não tivera ainda ocasião de

o recolher todo, quando se ouviu tocar a campainha e logo a seguir Newman introduziu nada menos da que Madame Mantalini, à vista de quem Mr. Mantalini mostrou considerável confusão, metendo o dinheiro na algibeira com notável rapidez.

- Oh, o senhor está aqui! - exclamou Madame Mantalini, agitando a cabeça.

- Sim, estou, minha vida e minha alma! - respondeu-lhe o marido, caindo de joelhos, como um gatinho atrás duma bola.

- Estou aqui, delícia da minha alma, no chão de Tom Tiddler, apanhando o demónio da ouro e da prata.

- Estou envergonhada por sua causa! - afirmou Madame Mantalini indignada.

- Envergonhada? Por mim, minha querida? Sabe-se que fala com muita meiguice e não diz mentiras

- retorquiu Mr. Mantalini. - Sabe-se que não está envergonhada com o seu gatinho!

Quaisquer que tivessem sido as circunstâncias que levaram a este resultado, parece que o gatinho decaira nas boas graças da senhora. Madame Mantalini apenas o olhou desdenhosamente como resposta e, voltando-se para Ralph, pediu-lhe para a desculpar da sua intromissão.

- Que é completamente devida - esclareceu madame - à conduta muitíssimo imprópria de Mr. Mantalini.

-Meu suco natural de ananás!

-Sua, já disse. Mas não o permitirei! Não estou para ser arruinada pelas extravagâncias e prodigalidades de qualquer homem. Tomo Mr. Nickleby como testemunha do procedimento que tenciono ter consigo.

-Rogo-lhe que não me tome por testemunha de coisa alguma, ma'am - pediu Ralph. - Liquidem esse assunto entre os dois.

-Não, mas tenho um favor a pedir-lhe - disse Madame Mantalini - ouvir-me informá-lo de que é minha firme intenção fazer. minha firme intenção, sir - repetiu Madame Mantalini, dardejando um olhar irado ao marido.

- Ela a chamar-me sir! - exclamou Mantalini. - Eu que a amo com o mais entranhado ardor! Ela que me enreda na sua fascinação como uma pura e angélica cobra cascavel!

Brinca com os meus sentimentos e agora atira-me para um estado levado do diabo.

-Não fale de sentimentos, sir - replicou Madame Mantalini, sentando-se com as costas voltadas para ele. - O senhor não tem consideração pelos meus.

- Não tenho consideração pelos seus, minha alma! - exclamou Mr. Mantalini.

- Não - respondeu a mulher.

E apesar das várias blandícias da parte de Mr. Mantalini, a mulher manteve-se a dizer não, tão determinada e com tão mau humor, que o marido ficou entre talas.

-As extravagâncias dele, Mr. Nickleby - disse Madame Mantalini, dirigindo-se a Ralph, encostado à cadeira com as mãos por trás e olhando o par, com um sorriso de supremo e inexorável desprezo - ultrapassam todos os limites!

-Mal teria suposto - respondeu Ralph sarcasticamente.

-Asseguro-lhe, Mr. Nickleby, que é assim - garantiu Madame Mantalini. - Isto faz-me sofrer. Estou sob constantes apreensões e em constantes dificuldades. E mesmo isto não é o pior - continuou ela, enxugando os olhos. - Esta manhã, tirou certos documentos de valor da minha secretária sem a minha permissão.

Mr. Mantalini rosou levemente e abotoou a algibeira das calças.

- Sou obrigada - prosseguiu Madame Mantalini - desde a minha última infelicidade, a pagar a Miss Knag uma quantidade de dinheiro para ter o seu nome na firma e, realmente, não posso encorajá-lo em todas as suas prodigalidades. Como não tenho dúvida de que ele veio directamente aqui, Mr. Nickleby, para converter os documentos de que falei, em dinheiro, e como o senhor nos ajudou muitas vezes e está muito ligado a nós neste género de negócios, desejo que conheça a determinação que a sua conduta me fez tomar.

Mr. Mantalini rosou mais uma vez por detrás do chapéu da mulher e, pondo uma libra em ouro num dos olhos, piscou o outro a Ralph. Tendo feito isto com grande destreza, meteu outra vez a moeda na algibeira e rosou de novo com ar arrependido.

- Tenho pensado - disse Madame Mantalini às manifestações de impaciência de Ralph - dar-lhe uma pensão.

- Dar o quê, minha alegria? - inquiriu Mr. Mantalini, que parecia não ter apanhado as palavras todas.

- Outorgar-lhe - explicou Madame Mantalini, olhando para Ralph e abstando-se, prudentemente, da mais ligeira vista de

olhos para o marido, apesar das suas muitas graças a induzirem a quebrar a sua resolução - uma pensão fixa; e digo que se ele tiver cento e vinte libras por ano, para os seus fatos e gastos miudos, pode considerar-se um homem muito afortunado.

Mr. Mantalini aguardou, com muito decoro, ouvir a quantia da estipêndio proposto, mas quando ela lhe chegou aos ouvidos, atirou o chapéu e a bengala para o chão

e, tirando o lenço da algibeira, deu expansão aos seus sentimentos com um fraco gemido.

- Diabo! - exclamou Mr. Mantalini, saltando da cadeira e deixando-se cair nela, outra vez, com

grande perturbação dos nervos da senhora. - Mas não! É um sonho horrível!

Não é realidade. Não!

Confortando-se com esta certeza, Mr. Mantalini fechou os olhos e esperou pacientemente até à ocasião em que devesse acordar.

- Uma combinação muito judiciosa - observou Ralph com ironia - se o seu marido se mantiver dentro dela, ma'am. como sem dúvida se manterá.

- Diabos - replicou Mr. Mantalini abrindo os olhos ao som da voz de Ralph. - uma horrível realidade. Ela está sentada defronte de mim. o gracioso perfil da sua cara; não pode ser engano... não há outro igual! As duas condessas não tinham nenhuns perfis e a viúva tinha um perfil diabólico. Porque há-de ela ser tão dolorosamente bela, que mesmo agora não posso zangar-me?

- Foste tu que causaste isto a ti próprio, Alfred - replicou Madame Mantalini, ainda repreensiva, mas num tom mais brando.

- Eu sou um vilão! - confessou Mr. Mantalini, dando pancadas na cabeça. - Vou encher as algibeiras com o valor duma libra em meios pence e atirar-me ao Tamisa; mas mesmo assim não me zangarei com ela e porei uma nota num postal para lhe dizer onde está o meu corpo. Há-de ser uma encantadora viúva. Eu serei um morto. Algumas lindas mulheres chorarão; ela rirá diabolicamente.

-Alfred, tu és cruel, és uma criatura cruel! - disse Madame Mantalini, soluçando, com esta perspectiva terrível.

- Ela chama-me cruel. a mim. a mim. que por amor dela me tornei num cadáver húmido, molhado, desagradável! declarou Mr. Mantalini.

- Sabes que quase me partes o coração mesmo de te ouvir falar numa tal coisa? - declarou Madame Mantalini.

- Posso viver para ser desconsiderado?- perguntou-lhe o marido. - Cortei o coração num extraordinário número de pedacinhos e dei-os todos, um após outro, à mesma pequena feiticeira, e posso viver para ser desconsiderado por ela? Não, não posso!

- Pergunta a Mr. Nickleby se a quantia que mencionei não é muito conveniente - raciocinou Madame Mantalini.

- Não preciso de nenhuma quantia - replicou o desconsolado marido. - Não quero nenhuma pensão! Vou morrer!

Com a repetição da fatal ameaça Madame Mantalini torceu as mãos e implorou a interferência de Ralph Nickleby. Depois de muitas lágrimas, de conversa e de várias tentativas de Mr. Mantalini para atingir a porta a fim de cumprir a sua ameaça, prometeu, por fim e não sem dificuldade, que se não mataria. Atingido este ponto

Madame Mantalini voltou à questão da pensão e Mr. Mantalini fez o mesmo, declarando poder viver a pão e água e andar roto, mas não suportar ser desconsiderado pelo objecto da sua afeição muitíssimo devotada e desinteressada. Isto trouxe novas lágrimas aos olhos de Madame Mantalini que, tendo-os aberto um pouco sobre o desmerecimento do marido, conseguiu facilmente fechá-los outra vez. O resultado foi a pensão ter ficado para ser considerada mais tarde, tendo Mr. Mantalini conseguido que a sua degradação e queda fosse prorrogada.

- Mas isto virá bastante cedo - pensou Ralph. - Tudo amor. Que se use a giria dos rapazes e raparigas é bastante tolo, embora isso tenha a sua única razão na admiração duma cara barbada como a daquele chimpazé, e que talvez dure muitíssimo, como também é originado por uma grande cegueira alimentada pela vaidade. Entretanto, os parvos trazem-me grão para o moinho, por isso deixá-los viver o seu dia, e quanto mais melhor. Ocorreram estas agradáveis reflexões a Ralph Nickleby enquanto várias pequenas carícias e meiguices se trocavam entre os objectos dos seus pensamentos, supondo não serem vistos.

-Meu querido, se nada mais tens a dizer a Mr. Nickleby

- advertiu Madame Mantalini - vamo-nos embora! Tenho a certeza de já o termos empatado muito.

Mr. Mantalini respondeu, em primeiro lugar, dando várias pancadinhas no nariz de Madame Mantalini, e depois acrescentando por palavras, que nada mais tinha a dizer.

- Diabo! No entanto tenho! - acrescentou ele quase imediatamente, levando Ralph para um canto. - Há um assunto acerca do seu amigo Sir Mulberry. Uma coisa extraordinária como nunca se viu: galgou o passeio!

- O que quer dizer? - perguntou Ralph.

- Não sabe? - inquiriu Mr. Mantalini.

- Vi pelo jornal que ele foi arrojado do cabriolé a noite passada, ficando ferido e em perigo de vida - respondeu Ralph com grande tranquilidade - mas não vi nada de extraordinário nisso! Os acidentes não são acontecimentos miraculosos quando os homens vivem dissolutamente e guiam depois do jantar.

- Oh! - exclamou Mr. Mantalini, soltando um comprido assobio trinado: Então não sabe como isso foi?

- Não, a menos que fosse como suponho - respondeu Ralph, encolhendo os ombros negligentemente, para dar a entender ao seu interlocutor que não sentia curiosidade no caso.

- Diabo, você espanta-me! - disse Mantalini.

Ralph voltou a encolher os ombros e deitou uma vista de olhos à cara de Newman Noggs, que tinha aparecido várias vezes à porta. Era uma parte da obrigação de Newman, quando via serem horas das pessoas partirem, fingir que a campainha tinha tocado, para as conduzir à saída.

- Não sabe - informou Mr. Mantalini, agarrando Ralph pelo botão do casaco - que não houve acidente nenhum, mas um furioso ataque homicida do seu sobrinho?

- O quê? - rosou Ralph, apertando os punhos e tornando-se lívido de morte.

- Diabos, Nickleby, você é um tigre como ele! - disse Mantalini, alarmado por estas demonstrações.

- Continue - gritou Ralph. - Diga-me o que quer dizer. Qual é a história?

- Quem lha contou? - grunhiu Ralph. - Ouve?

- Caramba, Nickleby - exclamou Mr. Mantalini, recuando para o pé da mulher - Que génio feroz você tem! Isso é suficiente para me assustar a alma e a vida aparte as pequenas brincadeiras deliciosas da minha esposa. voando todas numa tal paixão ardente, assoladora e raivosa, como nunca houve!

- Ora! - retorquiu Ralph, forçando um sorriso - não passa da maneira de ser.

- É um género irritante e de malucos - observou Mantalini, apanhando a bengala.

Ralph affectou sorrir e mais uma vez perguntou de quem Mr. Mantalini recebera a informação.

- De Pyke, que é um cão fino, agradável e cavalheiresco - respondeu Mantalini: Diabolicamente agradável e uma sanguessuga de alto lá.

- Que disse ele? - interrogou Ralph, franzindo as sobrancelhas.

- Foi assim: o seu sobrinho encontrou-o num café, caiu sobre ele com a mais terrível ferocidade, seguiu-o até ao carro, jurou que iria no cabriolé até a casa dele, nem que fosse no dorso do cavalo ou agarrado à cauda do animal; quebrou-lhe a cara- e que béla cara no seu estado natural- assustou o cavalo, atirou Sir Mulberry abaixo, caiu também e.

- Morreu? - interrompeu Ralph com os olhos a brilharem. - Matou-se? Está morto?

Mantalini abanou a cabeça.

- Ora! - exclamou Ralph voltando-se. - Não sofreu nada. Contenha-se - acrescentou, olhando em redor. - Não partiu uma perna, um braço, não fracturou o ombro, nem a clavícula, nem esmagou uma costela ou duas? O pescoço salvou-se para ser presente da corda da força, mas teve algum ferimento, ou algum golpe que leve tempo a curar? Pelo menos, deve saber isso.

- Não - replicou Mantalini, abanando outra vez a cabeça.

- A não ser que se desfizesse em pedacinhos tão pequenos que tivessem voado, de contrário não se feriu, pois foi-se embora



tão calmo e tão à vontade como. como. como o diabo!terminou Mr. Mantalini; bastante perplexo por não encontrar uma comparação.

-E qual foi a causa da disputa? - perguntou Ralph, hesitando um pouco.

- Você é um verdadeiro demônio - retorquiu Mr. Mantalini num tom admirativo. - Uma velha raposa, astuta e velhaca no superlativo. oh diabo!

-Então não sabe que a sua sobrinha, a mais terna, doce, linda.

- Alfred! - repreendeu Madame Mantalini.

- Ela tem sempre razão! - admitiu Mr. Mantalini suavemente - e quando diz que é tempo de ir, é porque é tempo, e temos de ir mas quando ela vai pela rua fora com a sua cara metade, as mulheres dizem, com inveja, que arranjou um marido todo catita; e os homens dirão, com entusiasmo, que é uma esposa como há poucas e todos têm razão, garanto pela minha vida e alma.

Com estas observações e muitas outras, não menos intelectuais e a propósito, Mr. Mantalini beijou os dedos das suas próprias luvas, despedindo-se de Ralph Nickleby e, tomando o braço da esposa, conduziu-a para fora, com afectação.

- Assim - murmurou Ralph, caindo na cadeira - este diabo está de novo perdido, atravessando-se-me no caminho a cada passo, como se tivesse nascido propositadamente para isso. Disse-me uma vez que mais tarde ou mais cedo chegaria o dia do ajuste de contas entre nós. Tenho-o por verdadeiro profeta, pois esse dia virá, com certeza!

- O senhor está em casa? - perguntou Newman, metendo de repente a cabeça pela porta.

- Não - respondeu Ralph com igual rapidez.

Newman retirou a cabeça, mas mostrou-a de novo.

- Tem a certeza de que não está em casa, não tem? - interrogou Newman.

- O que quer dizer este idiota? - exclamou Ralph rudemente.

- É que este tem estado à espera quase desde que os primeiros entraram e ouviu a sua voz. mais nada - disse Newman, esfregando as mãos.

- Quem é? - inquiriu Ralph, atormentado pela ideia de ter sido ouvido e pela frieza provocante do seu empregado.

A resposta foi ultrapassada pela entrada da terceira visita, que olhou para Ralph Nickleby com o único olho que possuía, fez muitas reverências e se sentou numa cadeira de braços, com as mãos nos joelhos.

- Isto é uma surpresa! - exclamou Ralph, olhando com atenção o visitante e meio sorrindo ao observá-lo. - Tinha que conhecer a sua cara, Mr. Squeers.

- Ah! - replicou este - e conhecia-a melhor, sár, se eu não tivesse passado pelo que passei. Quer fazer o favor de tirar aquele rapazinho de cima do banco do escritório e dizer-lhe

para cá vir? - pediu Squeers, dirigindo-se a Newman. - Oh, ele já se tirou. O meu filho, sir, o pequeno Wackford. O que pensa dele, sir como um exemplo da alimentação

de Dotheboys Hall? Não parece mesmo que está a rebentar dentro do fato, que vai descoser as costuras e arrancar os botões com a gordura? Isto aqui é carne! -exclamou

Squeers, voltando o rapaz e identificando as partes do seu corpo com diversos socos e palmadas, com grande desagrado do seu filho herdeiro. - Aqui há firmeza, aqui

há solidez! O senhor mal o poderia apanhar entre o polegar e o indicador e dar-lhe um beliscão!

E quando o pai ilustrou a observação, o rapaz deu um grito agudo e esfregou o sítio da maneira mais natural.

- Bem - notou Squeers, um pouco desconcertado. - Eu já o tinha agarrado, mas é por termos tomado o pequeno almoço esta manhã muito cedo e ainda não ter almoçado.

Depois do jantar, o senhor não faz ideia! Olhe para as suas lágrimas, sir- acrescentou Squeers com um ar triunfante, enquanto Mister Squeers limpava os olhos com o punho da jaqueta - São gotas de gordura!

- Na verdade tem boa aparência - concordou Ralph, que por qualquer propósito parecia desejoso de agradar ao mestre- escola. - Mas como está Mrs. Squeers e como está

o senhor?

- Mrs. Squeers, sir - informou o proprietário de Dotheboys Hall - está sempre na mesma, uma mãe dos garotos, uma benção, um conforto, uma alegria para todos eles, como se sabe. Um dos nossos rapazes. enfartando-se com a comida e adoecendo depois, o que é o costume, sobreveio-lhe um abcesso a semana passada. Era de ver como ela o operou com um cani vete! Oh! Senhor! -acrescentou Squeers, dando um suspiro e acenando com a cabeça um grande número de vezes - Que mulher!

Mr. Squeers concedeu um olhar retrospectivo durante um quarto de minuto, como se esta alusão às excelentes qualidades da sua senhora o levasse naturalmente à pacífica aldeia de Dotheboys, perto de Greta Bridge, no Yorkshire, e depois olhou para Ralph como se aguardasse que ele dissesse alguma coisa.

- Está completamente bom do ataque daquele maroto?perguntou Ralph.

- Estou completamente fino - respondeu Squeers. - Foi uma maldita amolgadela. - Squeers tocou primeiro na cabeça e depois no tacão das botas - daqui até aqui. Vinagre e papel

pardo, vinagre e papel pardo desde manhã até à noite. Suponho que se amontoou ao pé de mim uma meia resma de papel pardo, desde o princípio até ao fim. Como o deixei numa pilha na cozinha, todo acamado, parecia um grande embrulho de papel cheio de lamentos. Gemia alto, ou baixo, Wackford?perguntou Mr. Squeers, apelando para o filho.

- Alto! - respondeu Wackford.

-Os rapazes estavam tristes ou alegres, Wackford, por me verem num tão terrível estado? - interrogou Mr. Squeers com uma maneira sentimental.

- Alegres.

- O quê? - exclamou Squeers, voltando-se vivamente.

- Tristes - emendou o filho.

- Oh - disse Squeers, dando-lhe um pequeno puxão de orelhas. - Então tira as mãos das algibeiras e não te faças parvo quando te fizerem uma pergunta. Não se funga, sir, no escritório dum cavalheiro, ou eu fujo da família e nunca mais volto; e depois o que há-de ser daqueles rapazes todos, desamparados, perdidos no mundo, sem o seu melhor amigo?

- Foi obrigado a ter assistência médica? - inquiriu Ralph.

- Fui sim - respondeu Squeers - e uma linda conta de visitas médicas me foi também enviada. No entanto, paguei-a.

Ralph ergueu as sobrancelhas duma maneira que tanto podia exprimir compaixão, como assombro... conforme se quisesse interpretar o gesto.

- Sim, paguei-a até ao último ceutil - replicou Squeers, que parecia conhecer muito bem o homem com quem lidava, para supor que lhe vinha pedir para pagar a despesa.

- Mas não fiquei arruinado, no fim de contas.

- Não - exclamou Ralph.

- Nem num meio péni - retorquiu Squeers. - O facto é que eu levo um extraordinário aos meus rapazes e isso é para o médico quando é preciso, e não depois do mal acontecer a não ser que tenhamos confiança nos nossos clientes. Está a ver?

- Compreendo. - respondeu Ralph.

- Muito bem - disse Squeers. - Então, depois da minha conta estar paga agarrámos em cinco rapazinhos, filhos de pequenos comerciantes, daqueles que pagam bem e que nunca tiveram escarlatina, mandámos um para uma casa onde havia e onde a apanhou, e depois pusémos os outros quatro a dormir com ele e eles apanharam-na. Então, veio o médico que os visitou duma vez a todos e dividimos a minha importância por eles, acrescentando-a às suas pequenas contas, que foram pagas pelos pais.

- Bom plano! - comentou Ralph, olhando o mestre-escola furtivamente.

- Acredito em si - retorquiu Squeers. - Fazemos sempre isto. Quando Mrs. Squeers foi para a cama

para ter o Wackford, fizemos com que meia dúzia de rapazes apanhassem a tosse convulsa e dividimos as despesas entre eles, incluindo a mensalidade da ama. Ah! ah! ah! Ralph nunca ria, mas nesta ocasião produziu um som o mais parecido possível com isso e esperou até Mr. Squeers ter gozado a sua gracinha à vontade, para lhe perguntar o que o trouxera à cidade.

- Uns importunos assuntos de leis, - informou Squeers, coçando a cabeça - ligados a uma acção que eles chamam negligência com um rapaz. Não sei o que querem dizer.

Esse rapaz teve uma boa pastagem quando estava connosco.

Ralph olhou, como se não entendesse completamente a observação.

- Pastagem - repetiu Squeers, levantando a voz com a impressão de que Ralph o não compreendesse por ser surdo. Quando um rapaz enfraquece e adoce, não lhe sabendo bem a comida, damos-lhe uma dieta. levâmo-lo por uma hora, ou mais, todos os dias para um campo de nabos da vizinhança, ou às vezes, se é um caso delicado, um nabal e um bocado de cenouras, alternadamente, e deixámo-lo comer tanto quanto quiser. Não há melhor terra no país onde esse maldito pastasse e, contudo, apanhou uma constipação e uma indigestão e então os seus amigos vieram com uma acção contra mim! Ó senhor mal supõe - acrescentou Squeers, movendo-se na cadeira com a impaciência dum homem acostumado - a ingratidão dessa gente em levar o caso tão longe!

- Na verdade é um caso difícil - comentou Ralph.

- Não diz mais que a verdade - replicou Squeers. - Não suponho que haja um homem tão louco por crianças como eu. Presentemente há em Datheboys Hall, jovens que contribuem com oitocentas libras por ano. Poderia até ter um rendimento de mil e seiscentas libras que não deixaria de ser tão doido por cada um dos rapazes como sou!

- Está alojado nos seus velhos aposentos?- perguntou Ralph.

- Sim, estamos no Saracen - informou Squeers - e como não falta muito para o fim do semestre, continuaremos alojados ali, até eu ter cobrado o dinheiro e arranjado, também, mais alguns rapazes, conforme espero. Trouxe o pequeno Wackford com o fim de o mostrar aos pais e tutores. Desta vez é ele o meu anúncio. Olhe para o rapaz, que é também aluno, e diga-me se este rapaz não é um milagre de sobrealimentação:

- Gostaria de lhe dizer uma palavrinha - disse Ralph, que falara e escutara mecanicamente, havia algum tempo e parecia ter estado a pensar.

- Tantas palavras quantas quiser sir, - retorquiu Squeers.

- Wackford vai brincar para o escritório de trás e não te mexas muito para não emagreceres! Não tem por aí dois pence Mr. Nickleby? - perguntou Squeers, sacudindo um molho de chaves na algibeira da casaco e murmurando só ter moedas de prata.

- Creio. que tenho - respondeu Ralph muito vagarosamente e tirando, depois de muito remexer numa velha gaveta, um péni meio péni e dois farthàngs.

- Obrigado - agradeceu Squeers, entregando-os ao filho.

-Aqui tens! Vais comprar um pastel de fruta. O empregado de Mr. Nickleby diz-te onde é, mas tem cautela, compra um bom. A pastelaria - acrescentou Squeers, fechando a porta sobre Mister Wackford - faz-lhe a pele reluzente e os pais julgam que é sinal de saúde. Com esta explicação e um olhar peculiarmente conhecido para a tornar mais vivida, Mr. Squeers pôs a cadeira em frente de Ralph Nickleby a curta distância, sentando-se nela com perfeita satisfação.

- Atenda-me - preveniu Ralph, inclinando-se um pouco para a frente.

Squeers disse que sim com a cabeça.

- Não suponho - continuou Ralph, que você seja tão tolo que perdoe ou esqueça facilmente a violência que lhe fizeram, ou a situação que a acompanhou.

- O diabo é que esqueci - respondeu Squeers amargamente.

- Ou de perder uma oportunidade para a fazer pagar com juros, se puder ter uma?

- Mostre-me uma e experimente - replicou Squeers.

- Foi essa intenção que o levou a visitar-me? - interrogou Ralph, levantando os olhos para o mestre-

escola.

- N. n. não, não me passou isso pela cabeça - respondeu Squers. - Pensei que estava na sua mão, além da ninharia do dinheiro que me mandou, dar-me qualquer compensação.

- Ah! - exclamou Ralph, interrompendo-o. - Não precisa de dizer mais.

Depois duma grande pausa, durante a qual Ralph parecia estar absorvido em contemplação, quebrou de novo o silêncio perguntando:

-Quem é o rapaz que ele trouxe consigo?

Squeers indicou o nome.

-Era novo ou velho, saudável ou enfermo, tratável ou rebelde? Fale, homem - convidou Ralph rapidamente.

- Não era novo - respondeu Squeers - isto é, não era novo para rapaz.

-Quer dizer, não era completamente um rapaz, suponho eu? - interrompeu Ralph.

- Bem - retorquiu Squeers, como se sentisse aliviado pela sugestão - ele devia estar próximo dos vinte. Não parecia tão velho para aqueles que o não conheciam, por lhe faltar um pouco disto- e apontou para a testa- e ninguém lhe deixava de bater com frequência...

-Então batiam-lhe com muita frequência, atrevo-me a dizer! - murmurou Ralph.

- Menos mal - replicou Squeers com um sorriso.

-Quando me escreveu para dizer ter recebido essa ninharia de dinheiro, como lhe chama e me informou que o amigo dele o abandonara há muito tempo e que você não tinha o mais ligeiro rasto para lhe dizer quem era, é verdade?

- e a pior das sortes! - exclamou Squeers, tornando-se cada vez mais familiar e desembaraçado nas suas maneiras, à medida que Ralph prosseguia nas suas perguntas com menos reserva - Foi há catorze anos, pelo assento nos meus livros, que um desconhecido mo trouxe numa noite de outono, e o deixou, pagando antecipadamente cinco libras pelo primeiro trimestre. Ele podia ter por essa altura cinco ou seis anos, não mais.

- O que sabe mais a respeito dele? - inquiriu Ralph.

- Muito pouco, sinto dizer - informou Squeers - O dinheiro foi pago durante seis ou oito anos e depois parou. O tipo tinha dado uma morada em Londres, mas quando chegou à altura, ninguém sabia nada dele. Por isso conservei o rapaz por...

- Caridade? - sugeriu Ralph secamente.

- Caridade, com certeza - replicou Squeers, esfregando os joelhos - e quando começava a ser útil numa certa espécie de trabalho, esse malvado do Nickleby vem e leva-o.

Mas a parte mais vexatória e grave de todo o negócio é - continuou Squeers baixando a voz e chegando a cadeira para mais perto de Ralph

- é que ultimamente têm sido feitas algumas perguntas acerca dele; não a mim, mas duma maneira indirecta por gente da nossa aldeia. Por isso quando eu podia ter todas as dividas atrasadas pagas e talvez. quem sabe? recebido uma quantia razoável por o ter posto numa quinta, ou mandá-lo para o mar, a fim de não poder voltar para afligir os pais. supondo que é um filho natural. como muitos dos nossos rapazes. se aquele maldito do Nickleby não mo tivesse levado em pleno dia e não cometesse aquele roubo na minha algibeira.

-Daqui a pouco ambos nos livramos dele - sossegou Ralph pondo a mão no braço do mestre-escola de Yorkshire.

- Livrar! - ecoou Squeers- Ah! eu gostaria de lhe pagar uma conta que tenho em aberto, para ser liquidada quando ele possa. Apenas desejava que Mrs. Squeers pudesse apanhá-lo. Bendito seja o seu coração! Ela matava-o, Mr. Nickleby. matava-o, tão certo como eu me chamar Squeers.

- Havemos de falar disso outra vez - prometeu Ralph. - Preciso de tempo para pensar nisso. Feri-lo nas suas afeições ou fantasias. Se eu pudesse molestá-lo através desse rapaz.

- Moleste-o como quiser, sir - interrompeu Squeers- apenas lhe deve chegar bastante forte... e com isto deseje-lhe bom dia. Quer-me tirar esse chapeuzinho do rapaz,

da escápula do canto e pô-lo no banco?

Gritando estes pedidos a Newman Noggs, Mr. Squeers entrou no escritório e compôs o chapéu do filho com paternal cuidado, enquanto Newman, com a pena atrás da orelha se sentava, direito e imóvel, no seu banco, olhando o pai e o filho, alternadamente, fixamente, dum modo atrevido.

- um belo rapaz, não é? - perguntou Squeers, pondo a cabeça um pouco à banda e encostando-se à secretária para melhor apreciar as proporções do seu pequeno Wackford.

- Muito! - disse Newman.

- Muito gordinho, não está? - prosseguiu Squeers - Tem a gordura de vinte rapazes!

- Ah! - exclamou Newman, chegando de repente a sua cara à de Squeers - Ele tem. a gordura de vinte?. mais! Tem-na de todos. Deus abençoe os outros.

Tendo proferido estas observações fragmentadas, Newman mergulhou na sua secretária e começou a escrever com uma rapidez maravilhosa.

- O que quer o homem dizer? - perguntou Squeers, corando - Ele está bêbado? Newman não deu resposta.

- maluco? - continuou Squeers.

Mas como Newman continuava a não acusar a presença do outro, Mr. Squeers confortou-se chamando-Lhe bêbado e maluco, e com esta observação de despedida conduziu o seu

esperançoso filho para fora.

Ralph Nickleby detestava Nicholas nas mesmas proporções que aumentava o seu interesse por Kate. Parecia que os seus sentimentos precisavam de ser assim contrabalançados.

Mas sabendo que ela o detestava, que sentia nojo na sua companhia e que a causa de tudo isto era o rapaz, que o desafiara e o afrontara desde o princípio, imediatamente tratou de procurar represálias. Porém - felizmente para Nicholas - embora conservasse um canto do cérebro dedicado a procurar ansiosamente uma forma, não a encontrou, continuando, no entanto, nas suas improfícias reflexões.

Quando o meu irmão era tal como ele pensava Nickleby as primeiras comparações levantaram-se entre nós. sempre á meu desfavor. Ele era franco, liberal, valente, alegre; eu um astuto avarento por ouro e dum gémio brando, sem paixões, a não ser o amor pela poupança, e sem espírito, a não ser pela sede do lucro. Lembrei-me bem disto quando vi pela primeira vez esse brejeiro, mas agora recordo-me melhor.

Tinha estado ocupado a reduzir a átomos a carta de Nicholas e espalhou-os numa chuva em volta de si.

Lembranças como esta, cantinou Ralph com um amargo sorriso, flutuam em redor de mim, quando as deixo aparecer, às nuvens e de todos os lados. Como uma porção do mundo afecta desprezar o poder do dinheiro, tenho que lhes mostrar que ele é importante. Sentindo-se nesta altura num agradável estado de espírito para dormir,

Ralph Nickleby foi para a cama.

## Capítulo XXXV

Smike relaciona-se com Mrs. Nickleby e Kate. Nicholas encontra novos conhecimentos e dias melhores parecem amanhecer para a família

Tendo instalado a mãe e a irmã nos alojamentos da afectuosa miniaturista e sabendo que Sir Mulberry Hawk não estava em perigo de perder a vida, Nicholas voltou os pensamentos para o pobre Smike, o qual depois do pequeno almoço com Newman Noggs, ficou muito triste no quarto da digna criatura esperando com a maior ansiedade por futuras notícias do seu protector.

Como ele fará parte da nossa pequena família, onde quer que vivamos, ou seja qual for a fortuna que nos estiver rservada - pensou Nicholas, tenho de apresentar o pobre rapaz

na devida forma. Elas serão amáveis por amor dele e se não nessa qualidade somente aumentarão uma certa boa vontade á causa, tenho a certeza.

As dúvidas de Nicholas limitavam-se a uma pessoa. Estava certo de Kate, mas conhecia o feitio de sua mãe e não estava por isso tão certo de Smike cair nas boas graças de Mrs. Nickelby.

Contudo, pensou Nicholas, a caminho da sua caritativa missão, ela não pode deixar de o estimar quando souber como ele é dedicado e, quanto mais depressa fizer a descoberta, mais curta será a provação dele.

- Estava com medo - disse Smike alegríssimo por ver outra vez o seu amigo - que tivesse caído de novo noutra aborrecimento; o tempo, por fim, parecia tão comprido que quase temi tê-lo perdido.

- Perdido! - replicou Nicholas alegremente - Não te livras de mim tão facilmente, prometo-te. Ainda hei-de voltar à superfície muitos milhares de vezes, e com quanta mais força me puxarem para baixo, mais rapidamente regressarei a casa. Smike! Mas, vamos; a minha missão aqui é levar-te para casa.

- Para casa! - gaguejou Smike, recuando timidamente.

- Sim - respondeu Nicholas, agarrando-lhe no braço. Por que não?

- Tive uma vez essas esperanças - disse Smike - dia e noite durante muitos anos. Suspirava por um lar até ficar cansado e desfalecido de dor, mas agora.

- Agora o quê? - perguntou Nicholas, olhando-o amavelmente - Agora o quê, querido amigo?

- Não podia separar-me de si para ir para qualquer lar no mundo - replicou Smike, apertando-lhe a mão. Nunca serei um homem de idade e se for esse o caso, espero que pelo menos vá visitar o meu túmulo.

-Porque falas assim, pobre rapaz, se a tua vida é feliz comigo? - inquiriu Nicholas.

-Porque eu devo mudar; não aqueles que estão ao pé de mim. E se eles me esquecerem, eu nunca o devo saber - retorquiu Smike - No adro da igreja todos são iguais, mas aqui os outros não são iguais a mim. Eu sou uma pobre criatura, sei-o perfeitamente.

- és uma criatura pateta se é isso o que queres dizer, concordo contigo. Aqui estarás na companhia de senhoras. da minha linda irmã também, de quem me tens feito perguntas tantas vezes. É esta a tua galantaria de Yorkshire? Que vergonha! Que vergonha! Smike aninou-se e sorriu.

- Quando falo de lares - prosseguiu Nicholas - refiro-me ao meu, que é teu, decerto. Se fosse definido por quaisquer especiais quatro paredes e um tecto, Deus sabe que me sentiria suficientemente embaraçado para dizer em que sitio está mas não é isso o que quero dizer. Quando falo de lar, refiro-me ao lugar - à falta dum melhor - onde estão reunidos aqueles que amo, e esse lugar seja uma tenda de ciganos, ou um celeiro, dou-lhe, não obstante isso, o mesmo bom nome. E agora pelo que diz respeito ao meu presente lar, quaisquer que possam ser as tuas expectativas alarmantes, não te aterrorizará pela extensão, nem pela magnificência. Falando assim, Nicholas agarrou no braço do companheiro e dizendo bastantes mais coisas sobre o mesmo assunto, e assinalando várias coisas para o divertir e interessar durante o caminho, conduziu-o para casa de Miss La Creevy.

- E este, Kate - disse Nicholas, entrando no aposento onde a irmã se encontrava só - é o fiel amigo e afectuoso companheiro de viagem a quem te preparei para receberes.

O pobre Smike estava bastante envergonhado e amedrontado ao princípio, mas Kate avançou para ele tão amavelmente e disse, numa voz tão doce, da sua ansiedade em o ver depois de tudo o que o irmão lhe contara e quanto tinha a agradecer-lhe por tanto ter confortado Nicholas nos seus revezes, que ele começou a não saber se devia esconder as lágrimas e ficou ainda mais confundido. Contudo, conseguiu dizer numa voz fraca que Nicholas era o seu único amigo e que daria a sua vida para o ajudar; e Kate, embora fosse tão amável, pareceu tão completamente inconsciente da sua aflicção e embaraço, que ele se recobrou quase imediatamente e se sentiu

quase à vontade.

Depois entrou Miss La Creevy foi também amável e maravilhosamente comunicativa, não para Smike, pois tê-lo-ia deixado de início muito atrapalhado, mas para Nicholas e para a irmã. Depois de algum tempo falou com Smike fazendo-lhe perguntas sobre os quadros que via e sobre as senhoras, em retrato e ao natural, e com pequenas brincadeiras e alegres observações, feitas com tão bom humor e alegria, que Smike pensou para consigo ser ela a senhora mais terna que tinha visto; mesmo mais do que Mrs. Grudden, do teatro de Mr. Vincent Crummies, que era também uma senhora terna e faladora, talvez mais, mas falando mais alto do que Miss La Creevy. Por fim a porta do aposento abriu-se de novo e uma senhora de luto entrou, a quem Nicholas beijou afectuosamente, chamando-lhe mãe, e levando-a para a cadeira donde Smike se levantara quando a viu entrar.

-A senhora é sempre afável e está ansiosa por ajudar os oprinidos, minha querida mãe - disse Nicholas - portanto, sei que lhe dispensará os seus favores e cuidados.

- Tenho a certeza, meu querido Nicholas - respondeu Mrs. Nickleby, olhando para o seu novo amigo e inclinando-se com muito mais majestade do que a ocasião parecia pedir- tenho a certeza de que qualquer dos teus amigos compreende o muito prazer que tenho em ser apresentada aqueles por quem te interessas. não pode haver dúvidas sobre isso, absolutamente nenhuma. Ao mesmo tempo devo dizer, meu querido Nicholas como costumava dizer ao teu pobre papá, quando ele trazia cavalheiros para jantarem e não havia nada em casa, que se ele tivesse vindo antes de ontem. não, não quero dizer antes de ontem, devia ter dito, talvez há dois anos. estaríamos em melhores condições para os receber.

Com estas observações voltou-se para a filha e perguntou num audível segredo, se o cavalheiro ia ficar toda a noite.

- Porque se ele fica, Kate, minha querida - continuou Mrs Nickleby-não vejo possibilidade de arranjar lugar onde ele durma, esta é que é a verdade!

Kate adiantou-se graciosamente e, sem mostrar aborrecimento ou irritação, disse umas palavras ao ouvido da mãe.

- Minha querida Kate! - exclamou Mrs. Nickleby recuando - Que cócegas me fizeste no ouvido! Decerto compreendo isso, meu amor, sem mo dizeres; e disse o mesmo ao Nicholas e estou muito satisfeita. Tu não me disseste, Nicholas, meu querido - acrescentou Mrs. Nickleby, voltando-se com um ar de menos reserva do que tivera antes

- qual é o nome do teu amigo.

- O seu nome, mãe, é Smike - informou Nicholas. O efeito desta comunicação não fora, de forma alguma, previsto, mas tão depressa o nome foi pronunciado Mrs. Nickleby caiu numa cadeira com uma crise de choro.

-O que se passa? - perguntou Nicholas, correndo a ajudá-la.

- tão parecido com Pyke - explicou Mrs. Nickleby. Tão exactamente como Pyke! Oh! Não me falem... estarei melhor daqui a pouco.

E depois de exhibir todos os sintomas duma lenta sufocação em todos os graus e de beber cerca duma colher de chá de água, dum copo cheio e de desperdiçar o resto,

Mrs. Nickleby estava melhor e notou, com um fraco sorriso, que bem sabia que era pateta.

- uma fraqueza da nossa família - confidenciou Mrs. Nickleby - por isso, decerto, não posso queixar-me. A tua avó, Kate, era exactamente o mesmo. A mais pequena excitação, a mais ligeira surpresa, desmaiava imediatamente. Ouvi-lhe dizer com muita frequência que quando era nova e antes de casar, virava um dia uma esquine em Oxford Street quando correu contra ela o seu cabeleireiro, que parecia fugir dum urso. a simples surpresa do encontro fê-la desmaiar imediatamente. Esperem - acrescentou Mrs. Nickleby; parando para considerar - deixa-me ter a certeza se falo verdade. Foi o seu cabeleireiro que fugia dum urso, ou foi um urso que fugia do seu cabeleireiro? Confesso que não me lembro agora, mas o cabeleireiro era um homem muito

bonito e um cavalheiro nas suas maneiras. Mas isso não tem nada com a história.

Mrs. Nickleby tendo caído, imperceptivelmente, nos seus modos retrospectivos, deslizou por uma fácil mudança de conversa em outras histórias não menos notáveis como estrita aplicação para o assunto tratado.

-Mr. Smike é de Yorkshire, Nicholas, meu querido? perguntou Mrs. Nickleby depois do jantar.

- Certamente, mãe - respondeu Nicholas. - Vejo que não esqueceu a sua triste história.

- Oh, querido, não! - exclamou Mrs Nickleby. - Ah, triste de facto! Não lhe aconteceu, Mr. Smike, ter alguma vez jantado com os Grimble, de Grimble Hall, num sítio qualquer no Norte Riding? - interrompeu a boa senhora, dirigindo-se ao rapaz. - Sir Thomas Grimble é um homem muito orgulhoso com as suas adoráveis filhas e tem o mais belo parque do condado.

-Minha querida mãe - replicou Nicholas - supõe que os infelizes réprobos duma escola de Yorkshire estão em condições de receber cartões de convite da nobreza e da burguezia da vizinhança?

-Realmente, meu querido, não vejo nisso nada de muito extraordinário - disse Mrs. Nickleby. - Sei que quando eu estava na escola fui sempre, pelo menos duas vezes cada semestre, a Hawkinses, em Taunton Vale, que são muito mais ricos que os Grimble e ligados a eles por casamento; por isso não era nada impossível.

Tendo assim triunfantemente vencido Nicholas Mrs. Nickleby continuou a irresistível tendência de trocar o nome de Smike por Slunons, facto que atribuía à circunstância de começarem ambos por um S e de serem ditos como um M. Assim continuou o círculo, no mais amigável e agradável pé até segunda-feira de manhã, quando Nicholas determinou poder sustentar aquele que

considerava como um parente. Decidiu também não voltar ao palco, por considerar dever exercer uma profissão mais compatível com as suas habilitações. Havia ainda outras razões: além de ter a certeza de nunca chegar a ser um bom actor, mesmo na província, como podia ele andar com a irmã de terra em terra? Não o farei, disse Nicholas abanando a cabeça. Tenho de tentar qualquer outra coisa.

Mas era muito mais fácil de dizer do que pô-lo em execução. Com pouca experiência da vida, um pecúlio muito ma gro e quase sem amigos, o que podia fazer? Foi nesta altura que lhe lembrou experimentar, de novo, a agência de colocações. O escritório estava na mesma como o deixara, com a excepção de um ou dois cartazes na montra.

Havia os mesmos impecáveis patrões e patroas à procura de virtuosos criados e criadas, e virtuosos criados e criadas à procura de impecáveis patrões e patroas. Quando

Nicholas parou para olhar para a montra, um cavalheiro de idade parou também e Nicholas tirou os olhos da montra para o observar melhor. Era um robusto homem de idade, vestido com um largo casaco azul e calções de pano grosso de lã, com polainas altas e um cha péu branco na cabeça, tendo no pescoço um lenço branco. Mas o que principalmente atraiu a atenção de Nicholas foram

os olhos do velho senhor, uns olhos claros cintilantes, francos, alegres, felizes. Ele estava de cabeça à banda, olhando com uma expressão bem humorada para os cartazes

e brincando com uma velha corrente de ouro do relógio; e era tão agradável a sua expressão e irradiava tanta simpatia, que Nicholas era capaz de ficar a contemplá-lo

até à noite. Embora estivesse longe de se julgar objecto desta curiosidade, o senhor, casualmente, olhou para Nicholas, mas temendo ter ofendido voltou os olhos

imediatamente para a montra; enquanto estava entretido a percorrer os cartazes, Nicholas não se pôde furtar a lançar os olhos mais uma vez, para ele, atraído pela

sua figura. Não foi, portanto, maravilha que o velho senhor o apanhasse nesta contemplação mais duma vez, e de cada uma delas Nicholas corou e pareceu embaraçado,

começando a suspeitar que o estranho podia ser tomado por um caixeiro ou secretário. Quando ele fez menção de se ir embora, Nicholas foi apanhado de novo a olhá-lo



e, na atrapalhação de momento, lançou um pedido de desculpa.

- Não faz mal!. Não faz mal! - afirmou o senhor. Isto foi dito num tom tão cordial e a voz era exactamente a que devia ser duma tal pessoa, acompanhada duma maneira tão franca, que Nicholas foi levado a falar novamente.

- Há aqui muitas oportunidades, sir - disse ele meio a sorrir, apontando para a montra.

- Muita gente ansiosa de se empregar, pensará seriamente assim, com frequência - replicou o senhor.

- Pobres diabos, pobres diabos!

Ia-se embora ao dizer isto, mas vendo que Nicholas ia a falar, de boa mente afrouxou o passo, como se fosse incapaz de interromper. Depois dessa pequena hesitação que algumas vezes se observa entre duas pessoas na rua, quando trocam um cumprimento de cabeça e não têm a certeza se a outra se volta para falar, Nicholas encontrou-se ao lado do senhor.

- Ia a falar, jovem... O que ia a dizer?

- Apenas que esperava, quero dizer, pensava que tinha alguns objectivos ao consultar estes anúncios - declarou Nicholas.

- O quê, o quê? Que objectivos? - perguntou o senhor, olhando atentamente para Nicholas. - Pensava que precisava dum lugar. hein? Pensou que eu precisava?

Nicholas disse que sim com a cabeça.

- Ah! ah! - riu o senhor, esfregando as mãos e os pulsos, como se os estivesse a lavar. - Um pensamento muito natural, em todo o caso, depois de me ver a fixar os cartazes. Palavra, que ao princípio pensei o mesmo de si.

- Se tivesse pensado assim, sir, não estaria longe da verdade - retorquiu Nicholas.

- O quê? - exclamou o senhor, observando-o dos pés à cabeça. - O quê! Meu Deus! Não. Um jovem com tão boa aparência reduzido a uma tal extremidade! Não!

Nicholas curvou-se e desejando-lhe bom-dia, rodou sobre os calcanhares.

- Fique! - pediu o senhor, levando-o para uma travessa, onde podiam conversar sem a mínima interrupção. - O que quer dizer?

- Apenas o que a sua cara e maneiras amáveis, ambas tão diferentes do que tenho visto, me levaram a confessar. o que eu, a qualquer outro estranho neste caos de Londres não teria sonhado em fazer - confessou Nicholas.

- Caos. Sim, é, é. Bem! um caos - repetiu o senhor com muita animação. - Foi um caos uma vez para mim. Vim para cá de pé descalço. nunca me esqueci. Graças a Deus! e ergueu o chapéu da cabeça com muita gravidade.

- De que se trata?. O que é? Como aconteceu tudo isso?

- inquiriu o senhor, pondo a mão no ombro de Nicholas e subindo a rua com ele. - Está. hein? - pondo o indicador na manga do casaco preto do rapaz. - Por quem é?

- Pelo meu pai - respondeu Nicholas.

- Ah! - exclamou o cavalheiro muito depressa. - Má coisa para um jovem perder o pai! Mãe viúva, talvez?

Nicholas suspirou.

- Irmãos e irmãs, também, hein?

- Uma irmã.

- Pobre criatura, pobre criatura! também estudante? interrompeu o senhor olhando atentamente a cara do jovem.

- Foi toleravelmente bem educada - informou Nicholas.

- Bela coisa - disse o senhor - a educação é uma grande coisa. Uma coisa muito grande. Eu nunca tive. Admiro-a nos outros. Uma coisa muito boa. sim, sim. Conte-me mais de sua história. Diga-me tudo. Não é uma curiosidade impertinente. não!

Havia tanta sinceridade e ansiedade na forma como tudo isto foi dito, um desprezo tão completo de todas as restrições e friezas; que Nicholas não pôde resistir.

Para os homens que possuem a faculdade de escutar e são sinceros, nada há tão contagioso como abrir francamente o coração. Nicholas percorreu os pontos principais

da sua história, sem reserva, apenas suprimindo nomes e tocando o menos possível no tratamento do seu tio para com Kate. O senhor ouviu com grande atenção e quando ele concluiu deu-lhe vivamente o braço.

-Não diga mais uma palavra... uma só palavra! Venha comigo. Não podemos perder um minuto. Dizendo isto o cavalheiro de idade arrastou-o para Oxford Street e, chamando um ônibus a caminho da City, empurrou Nicholas e seguiu-o. Como parecia muitíssimo excitado, sempre que Nicholas tentava falar acudia imediatamente com, Não diga mais uma palavra, meu caro senhor, de forma nenhuma! de modo que o jovem achou melhor não tentar qualquer interrupção. Entraram na City sem trocar palavra e Nicholas perguntava a si próprio qual seria o fim da aventura.

Quando chegaram ao Bank o cavalheiro saiu com grande alacridade e, agarrando mais uma vez no braço de Nicholas, levou-o para Threadneedle Street, saindo depois num pequeno largo, tendo passado por muitas travessas e ruas estreitas. Encaminharam-se para a mais velha e limpa casa de negócios do largo, cuja única inscrição na porta dizia, Cheeryble Brothers, mas por uma rápida vista de olhos aos endereços de alguns pacotes que lá havia, Nicholas supôs tratar-se duma firma de negociantes alemães.

Passando por um armazém, Mr. Cheeryble, que Nicholas supôs assim chamar-se o senhor pelo respeito testemunhado por todos, levou-o para a contabilidade, uma grande gaiola de vidro onde estava sentado um homem de idade, gordo, de cara comprida, com óculos de prata e uma cabeça com brancas.

- O meu irmão está no escritório, Tim? - perguntou Mr. Cheeryble com não menos gentileza de maneiras do que tinha mostrado a Nicholas.

- Está sim, sir - respondeu o empregado gordo, voltando os óculos para o patrão e os olhos para Nicholas - mas Mr. Trimmers está com ele.

-Ah! E porque é que ele veio, Tim? - inquiriu Mr. Cheeryble.

-Está fazendo uma subscrição para a viúva e família dum homem que morreu nas East India Docks esta manhã, sir

- respondeu Tim. - Esmagado, sir, por uma barrica de açúcar.

- Ele é uma boa criatura - comentou Mr. Cheeryble com grande convicção. - uma boa alma. Estou muito obrigado a Trimmers. Trimmers é um dos melhores amigos que temos.

Informa-nos dum milhar de casos que não éramos capazes de descobrir por nós próprios. Estou muito obrigado a Trimmers.

- Com isto Mr. Cheeryble esfregou as mãos com infinito deleite e, acontecendo Mr. Trimmers sair a porta nesse instante, para se ir embora, gritou-lhe e agarrou-o pela mão.

- Devo-lhe milhares de agradecimentos, Trimmers. dez mil agradecimentos.

- Isso é muito amigável da sua parte - disse Mr. Cheeryble, arrastando-o para um canto, para ficar fora do ouvido dos outros. - Quantas crianças são, e quanto deu meu irmão Ned, Trimmers?

-São seis crianças - respondeu o cavalheiro - e o seu irmão deu vinte libras.

O meu irmão é um bom rapaz e você é também, Trimmers - retorquiu o senhor, apertando-lhe ambas as mãos com grande ardor. - Inscreva-me com mais vinte. ou. pare um

minuto, pare um minuto. Não devemos mostrar ostentações; inscreva-me com dez libras e Tim Linkinwater com outras dez. Um cheque de vinte libras para Mr. Trimmers,

Tim. Deus o abençoe, Trimmers e venha jantar connosco um dia desta semana; encontra sempre um garfo e uma faca e nós ficaremos contentes. Agora, meu caro senhor.

o cheque para Mr. Trimmers, Tim. Esmagado por uma barrica de açúcar e seis pobres crianças... oh, meu Deus, meu Deus!

Conversando desta maneira, tão depressa quanto podia, para evitar qualquer demonstração de agradecimento do cobrador da subscrição da grande quantia do seu donativo,

Mr. Cheeryble encaminhou Nicholas, igualmente espantado e impressionado pelo que vira e ouvira

neste curto espaço de tempo, para a porta meio aberta dum outro aposento.

-Irmão Ned - chamou Mr. Cheeryble, batendo com os nós dos dedos e parando para ouvir. - Está ocupado, meu querido irmão, ou pode dispor de tempo para uma palavra ou duas comigo?

-Irmão Charles, meu querido rapaz - respondeu uma voz do interior, tão igual no tom com a que acabara de falar, que Nicholas ficou surpreendido e pensou quase ser a mesma

- não me faça tal pergunta e entre imediatamente! Entraram sem mais palavras e qual não foi o espanto de Nicholas quando o companheiro avançou e trocou calorosa saudação com um outro cavalheiro de idade, o seu preciso tipo e modelo - a mesma cara, a mesma figura, o mesmo casaco e lenço do pescoço, os mesmos calções e polainas.

não, havia precisamente o mesmo chapéu branco, mas pendurado na parede!

Enquanto eles se entregavam às suas expansões, muito tocantes em pessoas de idade, Nicholas observou que o último dos cavalheiros era um pouco mais forte do que o irmão e este ligeiramente mais desajeitado, sendo estas as únicas diferenças existentes entre eles. Ninguém duvidaria que fossem gémeos.

-Irmão Ned - disse o amigo de Nicholas, fechando a porta - este é um jovem amigo meu a quem devemos ajudar. Devemos investigar as suas declarações, como é de justiça tanto para ele, como para nós, e se se confirmarem, como tenho a certeza que sim, devemos ajudá-lo; devemos ajudá-lo, irmão Ned!

- É suficiente, meu querido irmão, que diga que devemos

- replicou o outro. - Uma vez que diz, não são precisas investigações. Ele será ajudado. Quais são as suas necessidades e o que precisa ele? Onde está Tim Linkinwater?

Ele que venha cá!

-Pare, pare pare! - exclamou o irmão Charles levando o outro para o lado. - Tenho um plano, meu querido irmão, tenho um plano. Tim está-se a tornar velho e Tim tem sido um fiel servidor, irmão Ned; não penso que dar uma pensão à mãe e à irmã de Tim e comprar um pequeno jazigo para a família quando o seu pobre irmão morrer, seja uma recompensa suficiente para os seus fiéis servidores.

-Não - replicou o outro. - Certamente que não! Não é metade suficiente, não é metade.

-Se pudessemos aliviar os deveres de Tim - continuou o idoso cavalheiro - e conseguir que ele vá para o campo de vez em quando, dormir ao ar puro duas ou três vezes por semana, o que ele podia fazer se começasse o trabalho uma hora mais tarde de manhã, o querido Tim Linkinwater tornava-se outra vez jovem com o tempo, e ele é três bons anos mais velho do que nós. O velho Tim Linkinwater outra vez novo! Hein, irmão Ned! Lembro-me do velho Tim Linkinwater ser um rapazinho, não se lembra? Pobre Tim, pobre Tim.

Os dois belos velhos riram agradavelmente, cada um com uma lágrima de lembrança pelo querido Tim Linkinwater.

- Mas ouça primeiro isto. irmão Ned - pediu rapidamente o senhor, colocando duas cadeiras, cada uma ao lado de Nicholas. - Dir-lhe-ei eu próprio isto, irmão Ned, porque o jovem é modesto e é um estudante, e não acho razão para ele nos contar a sua história constantemente, como se fosse um pedinte, ou como se duvidássemos dele. Não, não, não!

-Não! - repetiu o cavalheiro, acenando com a cabeça gravemente. - Muita razão, meu querido irmão, muita razão.

-Ele me dirá se estou enganado, ou se faço trapalhada

- disse o amigo de Nicholas. - Mas quer me engane, ou não, o senhor terá muito prazer, irmão Ned, em recordar o tempo em que éramos dois garotos sem amigos, e ganhámos o nosso primeiro xelim nesta grande cidade.

Os gémeos apertaram as mãos em silêncio e o irmão Charles relatou os pormenores dados por Nicholas. Quando terminou a conversa, o irmão Ned foi conferenciar com

Tim Linkinwater num outro aposento e não é vergonha dizer que Nicholas, perante estas provas de amabilidade e simpatia, soluçava como uma criança. Por fim Ned e Tim Linkinwater regressaram juntos, dirigindo-se Tim imediatamente a Nicholas a segredar-lhe ao ouvido ter tomado nota da sua morada no Strand para o ir visitar nessa noite, às oito. Tendo dito isto, Tim limpou os óculos e preparou-se para ouvir o que os irmãos Chereyble tinham mais para dizer.

-Tim - principiou o irmão Charles - compreende que temos a intenção de tomar este jovem para a contabilidade?

O irmão Ned observou que Tim estava ao facto dessa intenção e a aprovava completamente; e Tim, tendo acenado afirmativamente com a cabeça e afirmado ter aprovado a ideia, levantou-se e pareceu mais gordo e importante. Seguiu-se um profundo silêncio.

- Não vou começar a vir uma hora mais tarde de manhã, já sabem - avisou Tim, quebrando o silêncio e olhando muito resoluto. - Não vou dormir ao ar puro e. também não vou para o campo. Uma bela coisa é esta hora do dia, certament.

-Irra com a sua teimosia, Tim Linkinwater - disse o irmão Charles, olhando para ele sem a mais pequena parcela de cólera e com uma expressão radiante pela dedicação do velho empregado. - Irra com a sua teimosia! Tim Linkinwater; o que quer dizer, sir?

-Faz quarenta e quatro anos - disse Tim, calculando no ar com a pena e traçando uma linha imaginária antes de fazer a soma - faz quarenta e quatro anos no próximo Maio desde que sou guarda-livros de Cheeryble Brothers. Tenho aberto o cofre todas as manhãs, durante todo esse tempo, excepto aos domingos, quando o relógio bate as nove. e volto para casa todas as noites às dez e meia, excepto nas noites do correio para o estrangeiro, em que vou faltando vinte para as onze, depois de ver as portas fechadas e que não há perigo de fogo. Nunca dormi fora do sótão detrás, uma simples noite. Há a mesma caixa pequenina no meio da janela e os mesmos quatro vasos com flores, dois de cada lado, que trouxe comigo da primeira vez que vim para cá. Não há - tenho dito constantemente e mantenho - não há outro largo como este no mundo. Sei que não há - afirmou Tim com súbita energia e olhando em redor com firmeza. - Nem um. Para negócios ou divertimentos, no Verão ou no Inverno - não importa qual - não há nada como ele. Não há uma fonte em Inglaterra como a bomba sob o arco. Não há vista em Inglaterra como a que vejo da minha janela; vejo-a todas as manhãs antes de me barbear e devo conhecer alguma coisa a esse respeito. Durmo naquele quarto há quarenta e quatro anos e se não houver inconveniente e não prejudicar os negócios, peço licença para morrer lá.

- Irra consigo, Tim Linkinwater! Como ousa falar em morrer? - rugiram os gémeos, movidos pelo mesmo impulso e abrindo as asas dos velhos narizes com violência.

- o que tenho a dizer, Mr. Edwin e Mr. Charles - declarou Tim, atirando de novo os ombros para trás. - Não é esta a primeira vez que me falam em me aposentar, mas, se fazem favor, que seja a última e deixem morrer o assunto para sempre.

Com estas palavras Tim Linkinwater saiu e fechou-se na sua gaiola de vidro com o ar dum homem que disse o que tinha a dizer e estava absolutamente resolvido a não voltar com a palavra atrás. Os irmãos trocaram olhares e tossiram umas doze vezes sem falar.

-Deve-se fazer alguma coisa por ele, irmão Ned - disse o outro calorosamente - temos de não fazer caso dos seus velhos escrúpulos; não podem ser tolerados ou permitidos.

Temos de o associar, irmão Ned, e se ele não se submeter pacificamente, temos de recorrer à violência.

-Perfeitamente de acordo - replicou o irmão Ned, acenando com a cabeça como um homem profundamente determinado. - Se ele não quiser escutar a razão temos de o fazer contra a sua vontade e mostrar-lhe que estamos decididos a exercer a nossa autoridade. Temos de questionar com ele, irmão Charles.

- Vamos ter. certamente vamos ter uma questão com Tim Linkinwater - disse o outro. - Mas entretanto, ficamos com o nosso jovem amigo, e a pobre senhora e a irmã

hãode estar ansiosas pelo seu regresso. Assim, despedimo-nos por agora e. ânimo, ânimo. Tome cautela com essa caixa, meu caro senhor. e. não, nem uma palavra agora, mas tenha cuidado ao atravessar e.

E com estas palavras desconexas, para evitarem os agradecimentos de Nicholas, os irmãos apressaram-se a acompanhá-lo à porta, apertando-lhe as mãos durante todo o caminho e fingindo não perceberem os sentimentos que o dominavam. O coração de Nicholas estava por demais sensibilizado para ir para a rua sem primeiro se recompor.

E quando por fim saiu do arco, onde parara, deitou uma vista de olhos para os gémeos e viu-os ao canto da gaiola de vidro, evidentemente indecisos se haveriam de atacar sem demora o inflexível Tim Linkinwater, ou retardá-lo.

Contar todas as delícias e maravilhas que tudo isto despertou em casa de Miss La Crevy e tudo quanto foi feito, dito e sonhado, está para além de narrativa destas aventuras. É suficiente informar que Mr. Tim Linkinwater chegou pontualmente à hora marcada e no dia seguinte Nicholas foi nomeado para o lugar vago na contabilidade com um ordenado de cento e vinte libras por ano.

-E penso, meu querido irmão - disse o primeiro amigo de Nicholas - que se lhes alugássemos aquela pequena casa em Bow, que está vaga, um pouco abaixo da renda normal. hein, irmão Ned?

-Por nada - sugeriu o irmão Ned. - Nós somos ricos e seria vergonhoso pedir-lhes uma renda nestas circunstâncias. Onde está Tim Linkinwater?... Por nada, meu querido irmão, por nada!

-Talvez seja melhor levar alguma coisa, irmão Ned - lembrou o outro suavemente - seria incutir-lhe hábitos de frugalidade e evitar-lhe o penoso sentimento de o estarmos a sobrecarregar com obrigações. Digamos quinze, ou vinte libras, e se forem pontualmente pagas entregamos-lhas sob qualquer outra forma. E eu podia fazer secretamente um pequeno empréstimo para um pouco de mobília e o senhor também, secretamente um pequeno empréstimo, irmão Ned; e se achássemos que eles se conduziam bem. podíamos transformar os empréstimos em presentes. cuidadosamente irmão Ned, e a pouco e pouco, e sem os apertar demais. O que diz a isto, irmão Ned?

O irmão Ned deu a sua adesão e não somente disse que a dava, como a deu de facto, e numa curta semana Nicholas tomou posse do lugar e Mrs. Nickleby e Kate tomaram posse da casa; e foi tudo esperança, alegria e bom humor.

A primeira semana na casa foi de descobertas e não se passava uma noite, quando Nicholas chegava, que não houvesse uma novidade para lhes dar. Depois foi a casa a pouco e pouco embelezada e Miss La Creevy vinha muitas vezes passar um dia ou dois para ajudar, passando a vida a esquecer-se das coisas, assim como Mrs. Nickleby a falar incessantemente. Kate estava sempre ocupada, trabalhando silenciosamente em toda a parte e sempre satisfeita com tudo; Smike transformara o jardim numa maravilha e Nicholas, que ajudava e encorajava todos, comunicando um sabor tão novo a todos os prazeres frugais e um tal deleite a todas as horas de reunião, como só a desgraça e a separação podem inventar. Em resumo, os pobres Nicklebys eram sociáveis e felizes, enquanto o rico Nickleby estava só e era um miserável.

## Capítulo XXXVI

Particular e Confidencial; assuntos de família, mostrando como Mr. Kenwigs sofreu violenta agitação e Mrs. Kenwigs

se portou tão bem como se esperava

Deviam ser sete horas da tarde e estava a tornar-se escuro nas ruas estreitas perto de Golden Square, quando Mr. Kenwigs desceu as escadas com um par das mais baratas

luvas brancas de cabrito, aquelas de catorze pnce, e escolhendo as mais fortes, começou a abafar o som da aldraba da porta da rua, a qual atravessou para o outro lado para ver o efeito. Satisfeito com o resultado, Mr. Kenwigs voltou a casa e, cha mando

Morleena para lhe abrir a porta, entrou e nunca mais se viu.

Considerando o facto, não havia uma causa clara ou razão para Mr. Kenwigs abafar o som de qualquer aldraba, pois, para conveniência dos numerosos moradores do prédio, a porta da rua estava sempre aberta e a aldraba nunca era usada. Os três primeiros andares tinham campainhas privativas e quanto às águas-furtadas, ninguém as visitava, por isso era perfeitamente incompreensível o trabalho de abafar o som da aldraba. Mas os sons das aldrabas podem ser abafados por outros motivos do que por mero utilitarismo. Há certas formas polidas e cerimoniais que devem ser observadas na vida civilizada, ou a humanidade cai no barbarismo original. Nenhuma senhora elegante esteve ainda de parto sem o acompanhamento simbólico de abafar o som da aldraba. Mrs. Kenwigs era uma senhora com algumas pretensões de elegância e Mrs. Kenwigs estava de parto, por isso Miss Kenwigs ensurdeceu a aldraba do prédio com uma luva branca de cabrito.

Não tenho a certeza, confessou Mr. Kenwigs, arranjando o colarinho e subindo a escada, se, como é um rapaz, tenho de pôr isto nos jornais.

Ponderando sobre se seria aconselhável esta precaução e a sensação que iria criar na vizinhança, Mr. Kenwigs entrou na saleta, onde estavam a arranjar vários artigos minúsculos de vestuário em cima dum cavalo em frente do lume e onde Mr. Lumbey, o médico, embalava a criança - isto é, a criança velha e não a nova.

- um belo rapaz, Mr. Kenwigs - declarou Mr. Lumbey, o médico.

- Considera-o, então, um belo rapaz, sir? - perguntou Mr. Kenwigs.

-É o mais belo rapaz que tenho visto em toda a minha vida - respondeu o médico. - Nunca vi uma criança assim!

uma coisa agradável e dá uma resposta completa aqueles que proclamam a gradual degenerescência das espécies humanas que todos os rapazes nascidos no mundo são mais belos do que os últimos.

- Nunca vi um bebé tão belo como este - afirmou de novo Mr. Lumbey.

-Morleena era um lindo bebé - observou Mr. Kenwigs, como se se tratasse dum ataque por implicação contra a família.

-Foram todos belos bebés - disse Mr. Lumbey, devolvendo o bebé ao quarto das crianças com um olhar pensativo, considerando em que rubrica deveria pôr a sua assistência à criança, como ama seca.

Durante esta breve conversa Miss Morleena, como a mais velha da família e representante natural da mãe durante a sua indisposição, tinha estado a sovar as três Misses Kenwigses mais novas, sem interrupção, cuja conduta afectuosa e prudente trouxe lágrimas aos olhos de Mr. Kenwigs e o obrigou a declarar que, em compreensão e comportamento, aquela criança era uma mulher.

-Será um tesouro para o homem que casar com ela, sir

- comentou Mr. Kenwigs meio aparte. - Penso que casará acima da sua situação social, Mr. Lumbey.

-Isso não me admiraria - afirmou o médico.

-Nunca a viu dançar, sir? - perguntou Mr. Kenwigs.

O médico abanou a cabeça.

-Ah! - exclamou Mr. Kenwigs, como se se apiedasse dele do fundo do coração. - Então não sabe do que ela é capaz.

Durante todo este tempo, a porta do outro quarto abrira-se e fechara-se cerca de vinte vezes por minuto e o bebé fora exibido a uma deputação de amigas, reunidas no corredor. A excitação estendera-se a toda a rua, onde grupos de senhoras se mantinham às portas, narrando as suas próprias experiências em casos semelhantes.

Todas declararam o que tinham profetizado, dito ou adivinhado sobre o acontecimento, concordando todas apenas em dois pontos: primeiro, que era muito meritório e digno o que Mrs. Kenwigs fizera; segundo, que não havia um médico tão habilidoso e competente

como o Dr. Lumbey.

No meio desta confusão o Dr. Lumbey estava a conversar com Mr. Kenwigs depois de ter largado o bebé. Era um homem forte, de aparência grosseira, sem colarinho e uma barba de dois dias, porque o Dr. Lumbey era muito popular, a vizinhança era prolífica, e houvera nada menos do que três outras aldrabas ensurdecidas, uma após outra, nas últimas quarenta e oito horas.

-Bem, Mr. Kenwigs - observou o Dr. Lumbey - como este faz seis! Com o andar do tempo terá uma bela família, sir.

-Julga que seis é bastante, sir - lembrou Mr. Kenwigs.

-Ora! - exclamou o médico. - Tolice! Nem metade!

Com isto o médico riu-se mas não riu a metade do que riu uma amiga casada de Mrs. Kenwigs que veio do quarto da parturiente para tomar um golo de brande e água, e pareceu considerar o dito como uma das melhores piadas atiradas sobre a sociedade.

Não está inteiramente na expectativa de boa fortuna

- declarou Mr. Kenwigs, pondo a sua segunda filha nos joelhos. - Têm esperanças.

- Na verdade! - disse Mr. Lumbey.

-E muito boas, creio eu, não têm? - perguntou a senhora casada.

-Não me compete exactamente ma'am, dizer se são ou não. Não me compete fazer alarde duma família com a qual tenho a honra de estar ligado; ao mesmo tempo Mrs. Kenwigs

é. devo dizer - acrescentou Mr. Kenwigs abruptamente e alteando a voz - que os meus filhos podem vir a ter, talvez, uma questão de cem libras cada um. Talvez mais, mas com certeza isso.

- uma fortunazinha muito bonita! - comentou a senhora casada.

-Há alguns parentes de Mrs. Kenwigs - continuou Mr. Kenwigs, tirando uma pitada de rapé da caixa do médico e fungando depois, muito forte, por não estar acostumado

- que podem deixar-lhes cem libras a cada e até a dez filhos, e contudo não ficam a pedir esmola depois de fazerem isto.

- Sei de quem se trata observou a senhora casada, acenando com a cabeça.

-Não mencionei nomes e desejo não mencionar - disse Mr. Kenwigs com um olhar maravilhado. - Muitos dos meus amigos encontraram um parente de Mrs. Kenwigs neste mesmo aposento, que honraria o que digo.

-Eu encontrei-o - confessou a senhora casada, com um relance de olhos para o Dr. Lumbey.

-É naturalmente muito compensador para os meus sentimentos de pai ver um homem assim, acariciador e protector dos meus filhos - continuou Mr. Kenwigs. - naturalmente muito compensador para os meus sentimentos de homem conhecer esse seu semelhante. Será naturalmente compensador para os meus sentimentos de marido tornar esse homem conhecedor deste acontecimento.

Tendo dado largas aos seus sentimentos com estas palavras, Mr. Kenwigs arranjou o laço do vestido da sua segunda filha e pediu-lhe para ser uma boa rapariga, fazendo o que a sua irmã Morleena dissesse.

-Essa rapariga vai-se tornando cada vez mais parecida com a mãe - afirmou Mr. Lumbey, atacado subitamente por uma admiração entusiástica de Morleena.

Tendo dirigido, assim, a atenção geral para a rapariga, a senhora casada aproveitou a oportunidade para tomar um outro golo de brande e água. um golo bastante grande.

- Sim, há uma parecença - concordou Mr. Kenwigs depois de reflectir. - Mas uma mulher como Mrs. Kenwigs antes de ser casada. Deus abençoe uma tal mulher!

Mr. Lumbey abanou a cabeça com grande solenidade como para inferir a sua suposição de ter ela sido bastante fascinante.

- Por falar de fadas - exclamou Mr. Kenwigs - eu nunca vi ninguém tão leve como ser vivente... nunca! Também as suas maneiras; tão brincalhona e contudo tão severamente

reservada! E a sua figura! Sabe-se geralmente - prosseguiu Mr. Kenwigs, baixando a voz - que a sua figura nessa ocasião era de tal forma que o signa da Britannia

em Hollowy Park foi tirado dela.

-Mas basta ver o que é agora - insistiu a senhora casada. - Parece a mãe de seis filhos?

-Completamente ridículo - concordou o médico.

- Parece muito mais uma irmã deles - disse a senhora casada.

-Assim é - assentiu Mr. Lumbey. - Muito mais. Mr. Kenwigs ia fazer mais observações, muito provavelmente confirmando esta opinião, quando outra senhora que esperava arrebanhar alguma coisa de comer e de beber, meteu a cabeça para anunciar que estava um cavalheiro à porta, pedindo para ver Mr. Kenwigs muito em particular. Uma sombra do seu distinto parente passou pela mente de Mr. Kenwigs quando ouviu este recado e sob esta influência despachou Morleena para mandar entrar imediatamente o cavalheiro.

- Oh, é Mr. Johnson! - exclamou Mr. Kenwigs, que estava em frente da porta para ver o mais cedo possível a visita quando ela subisse a escada. - Como está, sir?

Nicholas apertou a mão, beijou as antigas alunas em redor, confiou um grande embrulho de brinquedos à guarda de Morleena, inclinou-se perante o médico e a senhora, e perguntou por Mrs. Kenwigs num tom de interesse, que entrou no coração e na alma da ama, que viera para aquecer ao lume um composto misterioso numa molheira.

- Tenho de pedir uma centena de desculpas por vir visitá-lo numa tal ocasião - disse Nicholas - mas não sabia até tocar a campainha e como o meu tempo está agora completamente ocupado, temi que se passassem alguns dias antes de ter a possibilidade de voltar.

-Não há ocasião como a presente, sir - declarou Mr. Kenwigs. - A situação de Mrs. Kenwigs não é um obstáculo para uma pequena conversa entre nós.

-O senhor é muito bom - replicou Nicholas. Neste instante outra senhora casada anunciou que o bebé começara a mamar e as duas senhoras casadas já indicadas apressaram-se, tumultuosamente, a entrar no quarto para o observarem nesta função.

-O facto é que antes de deixar a província, onde estive algum tempo, comprometi-me a dar-lhe um recado - continuou Nicholas.

-Ah! Sim? - exclamou Mr. Kenwigs.

-E estou na cidade já há alguns dias sem ter tido uma ocasião de lhe dar cumprimento.

- Não tem importância - declarou Mr. Kenwigs. - Aposto que não há nada para apanhar uma constipação. Um recado da província - ruminou Mr. Kenwigs - é curioso! Não conheço ninguém na província.

-Miss Petowker - sugeriu Nicholas.

-Oh! dela? - perguntou Mr. Kenwigs. - Oh, Meu Deus, sim! Àh! Mrs. Kenwigs vai ficar contente por saber notícias dela. Henrietta Petowker, hein? Que coisas singulares se estão agora a dar! Então o senhor encontrou-a na província, hein?

Ouvindo anunciar o nome da sua antiga amiga as quatro Misses Kenwigses agruparam-se em volta de Nicholas, de olhos e bocas abertos, para ouvirem mais. Mr. Kenwigs parecia não ter muita curiosidade, mas estava completamente à vontade e sem de nada suspeitar.

- O recado diz respeito a assuntos de família - informou Nicholas, hesitando.

-Oh, não faz mal - declarou Kenwigs, relanceando para Mr. Lumbey que tendo temerariamente tomado conta do pequeno Lillyvic, não encontrou ninguém disposto a aliviá-lo do fardo. - Aqui são todos amigos!

Nicholas tossiu uma ou duas vezes e parecia ter certa dificuldade em continuar.

-Henrietta Petowker está em Portsmouth - observou Mr. Kenwigs.

-Está - respondeu Nicholas. - Mr. Lillyvick está lá também.

Mr. Kenwigs tornou-se pálido, mas recobrou-se e disse que era também uma singular coincidência.

- O recado é dele - continuou Nicholas.

Mr. Kenwigs pareceu reviver. O cobrador sabia que a sobrinha estava num estado delicado e sem dúvida pedia-lhe para lhe mandar pormenores. Sim! Isso era muito amável da sua parte. tão dele, também!

-Pedi-me para ser o mensageiro da sua profundíssima amizade - disse Nicholas.



-Muito obrigado para ele. O vosso tio avô Lillyvick, minhas queridas! - interrompeu Mr. Kenwigs, explicando condescendentemente às filhas.

-A sua profundíssima amizade - prosseguiu Nicholas - é para dizer que não teve tempo para escrever, mas que se casou com Miss Petowker.

Mr. Kenwigs levantou-se do lugar com um olhar petrificado, agarrou a sua segunda filha pelo laço do vestido e cobriu a cara com o lenço. Morleena caiu, tesa e rígida, na cadeira do bebé, como se visse a mãe desmaiada, e as restantes pequenas Kenwigses guincharam assustadas.

-As minhas filhas, as minhas crianças defraudadas, roubadas! - gritou Mr. Kenwigs, puxando com tanta força, pelo laço do vestido da sua segunda filha, que a levantou na ponta dos pés e conservou-a alguns segundos nessa atitude. - Vilão, burro, traidor!

-Apre com o homem! - exclamou a ama, olhando zangada. - Que ideia faz ele disto para estar aqui a fazer este barulho?

-Cale-se, mulher! - retorquiu Kenwigs ferozmente.

-Não me quero calar - replicou a ama. - Cale-se, seu desgraçado. Não tem respeito pelo seu bebé?

- Não! - declarou Mr. Kenwigs.

-Maior vergonha para si - observou a ama. - Ui! que monstro desnaturado!

- Deixe-o morrer! - gritou Mr. Kenwigs, levado pela raiva.

- Deixe-o morrer! Não tem nada a esperar, nem bens a receber. Não quero bebés aqui - declarou Mr. Kenwigs. - Levem-nos daqui para a roda!

Com estas terríveis observações Mr. Kenwigs sentou-se numa cadeira e desafiou a ama, que entrou no quarto do lado e voltou com um batalhão de matronas, declarando que Mr. Kenwigs blasfemara contra a família e devia estar maluco. As aparências não eram, certamente, a favor dele, mas Nicholas e o médico explicaram a causa do seu estado, mudando, assim, a indignação das matronas em piedade, implorando-lhe, com muito sentimento, para se deitar.

-A atenção - declarou Mr. Kenwigs, olhando em volta com um ar plangente - que eu prestei a esse homem! As ostras que ele comeu, os litros de cerveja que ele bebeu nesta casa.

-É uma experiência muito dura de roer, bem sabemos

- confessou uma das senhoras casadas - mas pense na sua querida e amada mulher.

-Oh, sim, o que ela tem sofrido neste dia - gritaram muitas vozes.

-Os presentes que eu lhe dei - lembrou Mr. Kenwigs, voltando à sua lamentação - os cachimbos, as caixas de ra pé. um par de galochas de borracha, isso custou seis e seis.

-Ah, não serve de nada pensar nisso, de facto! - exclamaram as matronas em geral - mas virá tudo para casa, para ele, não tenha medo.

Mr. Kenwigs olhou sombriamente para as senhoras, mas nada disse, e elas insistiram em levar o homem para a cama, observando que o dia seguinte seria melhor. Por fim Marleena anunciou que estava pronto um quarto para o seu aflito pai, a qual, amparado dum lado pelo médico e do outro por Nicholas, foi conduzido ao andar de cima, onde havia um quarto para estas ocasiões.

Tendo-o visto a dormir profundamente e havendo presidido à distribuição dos brinquedos pelas pequenas Kenwigses, Nicholas foi-se embora. As matronas saíram, uma a uma, com excepção de seis ou oito amigas particulares, que haviam determinado ficar toda a noite. As luzes da casa desapareceram gradualmente, o último boletim de Mrs. Kenwigs dizia que ela estava tão bem quanto se podia esperar. E toda a família foi deixada a repousar.

## Capítulo XXXVII

Nicholas encontra mais protecção nos irmãos Cheeryble e em sir Linkinwater. Os irmãos dão um banquete, Nicholas, vindo de lá ao regressar a casa, recebe uma comunicação

misteriosa

de Mrs. Nickleby

O local onde a contabilidade dos irmãos Cheeryble estava situado era, sem dúvida, um canto suficientemente desejável no coração duma cidade activa como Londres, e ocupava um alto lugar na lembrança e afeição do entusiástico Tim. Mas se não havia muitos assuntos fora das portas dos Cheerybe Brothers para prender a atenção, ou distrair os pensamentos, o jovem empregado, como acontecia em Grosvenor Square, Hano ver Square, Fitzroy Square e nos Squares de Russel e Euton, não havia poucos dentro, para o entusiasmar e divertir. Todos os objectos, animados ou inanimados, partilhavam do escrupuloso e pontual método de Mr. Linkinwater, que era, por sua vez, preciso como o relógio da contabilidade. Fosse o que fosse, tudo ali tinha o seu espaço marcado. Excepto o relógio, não havia um instrumento tão correcto e irrepreensível na existência como o pequeno termómetro pendurado por detrás da porta. E não havia um pássaro tão metódico e com hábitos tão pontuais como o melro cego, que Tim trouxera há muitos anos para o livrar de morrer à fome.

Os empregados do armazém e carregadores eram tipos robustos e joviais, que dava gosto ver. Entre os anúncios de barcos e listas de paquetes que decoravam as paredes, estavam planos de casas de caridade, relatórios de obras pias e projectos de novos hospitais. Por cima da pedra da chamimé havia um bacamarte e duas espadas, mas como ele estava ferrugentu e quebrado, e as espadas sem fio e partidas, pareciam ser, em vez de armas ofensivas, emblemas de perdão e de misericórdia.

Estes pensamentos ocorreram a Nicholas na manhã em que tomou conta, pela primeira vez do seu lugar e pôde mais livremente, olhar tudo o que o cercava. Talvez eles o tivessem encorajado e estimulado, pois durante as duas semanas seguintes, em todas as horas vagas, de noite e de dia, dedicou-se incessantemente aos mistérios da contabilidade e a algumas

outras formas de contas mercantis. E aplicou-se tão bem que aliados a uns conhecimentos adquiridos na escola, ao fim duma quinzena encontrava-se em condições de mostrar a sua proficiência a Mr. Linkinwater e de lhe reclamar a promessa de o ajudar em trabalhos mais importantes. Tim Linkinwater tirou vagarosamente um Razão e um Diário, a que, afectuosamente, limpou da poeira, abriu as folhas aqui e ali, olhando com orgulho para os lançamentos claros e limpos.

- No próximo Maio faz quarenta e quatro anos! - informou Tim. - Desde então têm havido muitos Razões novos. Quarenta e quatro anos!

Tim fechou outra vez o livro.

- Vamos, vamos - disse Nicholas. - Estou impaciente por começar!

Tim Linkinwater abanou a cabeça com um ar de suave reprovação. Mr- Nickleby não tinha suficientemente gravada a natureza profunda e terrível da sua empresa. Supunhamos que havia qualquer engano. Os homens novos são aventureiros. Sem mesmo tomar a protecção de se sentar no banco, antes estando despreocupadamente à secretária com um sorriso na cara não havia engano; Mr. Linkinwater havia de o mencionar muitas vezes mais tarde, Nicholas meteu a pena no tinteiro e mergulhou-a nos livros de Cheeryble Brothers!

Tim Linkinwater tornou-se pálido e, empinando-se sobre as duas pernas do seu banco, próximo de Nicholas olhou por cima do ombro com uma ansiedade que o não deixava respirar. O irmão Charles e o irmão Ned entraram juntos no escritório, mas Tim Linkinwater, sem olhar fez sinal impaciente com a mão recomendando silêncio e seguiu o aparato inexperiente com olhos aflitivos e preocupados. Os irmãos olharam com as caras sorridentes, mas Tim Linkinwater não sorriu, nem se moveu durante uns minutos.

Por fim soltou um suspiro longo e de vagar, e, mantendo ainda o banco na mesma posição relanceou os olhos para o irmão Charles, apontando secretamente com a sua pena para Nicholas, acenou com a cabeça duma maneira grave e resoluto, significando claramente

Vai longe.

O irmão Charles acenou também e trocou um olhar sorridente com o irmão Ned, mas quando Nicholas parou para seguir para outra página Tim Linkinwater, incapaz de conter por mais tempo a sua satisfação, desceu do banco e agarrou-lhe arrebatadamente na mão.

- Foi ele quem fez isto! - informou Tim, olhando para os patrões e abanando a cabeça triunfantemente. - Os seus B e D maiúsculos são exactamente os meus; pontua os i e corta os t à medida que os escreve. Não há um outro jovem como ele em toda a Londres - afirmou Tim, batendo nas costas de Nicholas - nem um! A City não produz um seu rival. Desafio a City para que o faça.

Tim Linkinwater deu um soco na secretária com o punho fechado e o velho melro estremeceu no seu poleiro, soltando um fraco grasnido de assombro.

- Bem dito, Tim. bem dito, Tim Linkinwater! - exclamou o irmão Charles, pouco menos tão satisfeito do que o próprio Tim e batendo as palmas brandamente. - Sabia que o nosso jovem amigo estava a empreender um grande trabalho e tinha a certeza absoluta de que seria bem sucedido em pouco tempo. Não disse isto, irmão Ned?

- Disse, meu querido irmão. certamente! E teve toda a razão - replicou Ned. - Toda a razão. Tim Linkinwater está. excitado, Tim é um bom rapaz, Tim Linkinwater, sir. você é um rapaz sagaz.

- Aqui está uma coisa agradável de pensar! - disse ele sem fazer caso deste comentário a seu respeito e levantando os olhos do Razão para os irmãos. - Aqui está uma coisa agradável. Supõem que não tenha pensado muitas vezes o que seria destes livros quando me fosse embora? Mas agora - acerescentou Tim, estendendo o indicador para Nicholas - agora, quando lhe ensinar um pouco mais, estou satisfeito. Os negócios continuarão quando morrer, tão bem como quando estou vivo. absolutamente o mesmo, e terei a satisfação de saber que nunca houve livros como estes! Não, nem nunca haverá livros... como os livros de Cheeryble Brothers.

Tendo exprimido assim os seus sentimentos, Mr. Linkinwater soltou uma breve gargalhada, indicadora do desafio às cidades de Londres e Westminster e, voltando-se de novo para a sua secretária, tranquilamente transportou setenta e seis da última coluna que tinha somado e continuou no seu trabalho.

- Sir - disse o irmão Charles - dê-me a sua mão, sir. Este é o dia dos seus anos. Como se atreve a falar de outra coisa a não ser desejarmos-lhe muitas felicidades pelo dia de hoje, Tim Linkinwater? Deus o abençoe, Tim! Deus o abençoe!

- Meu querido irmão - replicou o outro, agarrando no - Ele parece dez anos mais novo do que no seu último aniversário.

- Irmão Ned meu querido rapaz - retorquiu o irmão Charles - creio que Tim Linkinwater nasceu há cento e cinquenta anos e tem vindo gradualmente a diminuir vinte e cinco anos pois está mais novo todos os aniversários do que no ano anterior.

- Assim é, irmão Charles, assim é - concordou o irmão Ned.

- Lembra-se, Tim - disse o irmão Charles - que jantamos hoje às cinco e meia em vez das duas! Nós saímos sempre do nosso costume neste aniversário, como sabe muito bem, Tim Linkinwater. Mr. Nickleby, meu caro senhor, está convidado. Tim Linkinwater, dê-me a sua caixa de rapé como uma lembrança para o irmão Charles, dum velhaco e fiel afeiçoado, e tome esta em troca como uma prova do nosso respeito e estima, e não a abra até ir para a cama, e nunca diga qualquer palavra sobre o assunto, ou eu mato o melro. Um cão! Ele já devia ter uma gaiola dourada há doze anos, se isso o tivesse feito

ou ao seu dono, um pouco mais feliz. Agora, irmão Ned, meu caro rapaz, estou pronto. As cinco e meia, lembra-se Mr. Nickleby! Tim Linkinwater, sir, tome conta às cinco e meia. Vamo-nos embora, irmão Ned!

Palrando assim, como de costume, para evitar a possibilidade de qualquer agradecimento, os

gêmeos trotaram de braço dado, tendo presenteado Tim Linkinwater com uma caixa de rapé em ouro, tendo dentro uma nota duma importância dez vezes superior ao seu valor. A irmã de Tim Linkinwater chegou precisamente às cinco e um quarto, mas como o seu chapéu tinha sido mandado por um rapaz e ele não tinha vindo, teve de esperar, só se podendo apresentar cinco minutos depois da meia hora, pelo relógio infalível do irmão. A reunião consistia nos irmãos Cheeryble, Tim Linkinwater, um amigo de Tim e Nicholas, que foi apresentado à irmã de Tim Linkinwater com muita solenidade. Estando todos reunidos, o irmão Ned tocou para o jantar e este sendo dentro de pouco anunciado, o irmão Ned sentou-se á cabeceira da mesa e o irmão Charles aos pés; a irmã de Tim Linkinwater sentou-se à mão esquerda do irmão Ned e Tim Linkinwater à direita. Um antigo criado, de aparência apoplética e de pernas curtas, colocou-se atrás da cadeira de braços do irmão Ned.

-Por estas e todas as outras benções, irmão Charles!

-O Senhor nos torne verdadeiramente agradecidos, irmão Ned!

A seguir, o apoplético criado tirou a tampa da terrina da sopa e começou a manifestar uma violenta actividade. Houve abundância de conversa e depois da primeira taça de champanhe a irmã de Tim Linkinwater contou a história circunstanciada da infância do irmão, tendo, contudo, o cuidado de prevenir que era mais nova e de a ter ouvido aos pais. Concluída a história, o irmão Ned relatou que, exactamente trinta e cinco anos antes, suspeitou-se de Tim Linkinwater ter recebido uma carta de amor, tendo sido visto a passear em Cheapside com uma rapariga invulgarmente bonita. Tim Linkinwater, muito vermelho, chamado a explicar-se, negou a acusação, mas que se fosse verdade não havia mal nenhum nisso.

Houve uma pequena cerimónia peculiar ao dia, que fez uma forte impressão em Nicholas. Tendo sido levantada a toalha e percorrendo, pela primeira vez, as garrafas a roda seguiu-se um profundo silêncio, aparecendo nas caras alegres dos irmãos uma expressão, não de absoluta melancolia, mas de tranquila meditação profunda, muito pouco usual a uma mesa de festim. Como Nicholas, surpreendido por esta súbita alteração, perguntava a si próprio o que é que ela podia significar, os irmãos levantaram-se ao mesmo tempo e, um à cabeceira da mesa, inclinando-se para o outro e falando em voz baixa, como se se lhe dirigisse individualmente, disse:

-Irmão Charles, meu querido rapaz, há um outro facto ligado a este dia, que não deve ser esquecido por si nem por

mim. Este dia, que trouxe ao mundo um companheiro excelente e escrupulosamente fiel, arrebatou dele a mais amável e melhor das mães. a melhor das mães para nós ambos.

Desejava que nos tivesse visto na nossa prosperidade e partilhasse dela, e tivesse a felicidade de saber quanto a amamos, como quando éramos dois pobres rapazes.

mas isso não pôde ser. Meu querido irmão, à memória da nossa Mãe!

Bom Deus! pensou Nicholas, e há dezenas de pessoas da mesma situação social sabendo tudo isto e vinte mil vezes mais que não pediriam a estes homens para jantar porque comem com os seus pares e nunca foram à escola.

Mas não havia tempo de moralizar por ter voltado, muito activa, a jovialidade, e estando próxima de acabar a garrafa de Porto, o irmão Ned puxou a campainha, a que respondeu instantaneamente o apoplético criado.

- David - chamou o irmão Ned.

- Sir - respondeu o criado.

- Uma magnum da Duplo Diamante, David, para se beber à saúde de Mr. Linkinwater.

Instantaneamente, como nos anos anteriores o que lhe valeu a admiração de todos, o criado levou a mão esquerda à parte detrás das costas e apresentou uma garrafa com o saca-rolhas já metido; desrolhou-a de repente e colocou a garrafa e a rolha perante o patrão, com a dignidade duma habilidade consciente.

- Ah! - exclamou o irmão Ned, examinando primeiro a rolha e enchendo depois o copo, enquanto o

velho criado olhava complacente e amavelmente, como se tudo fosse propriedade sua, estando os convidados perfeitamente livres de lhe fazerem as devidas honras. - Este tem boa aparência, David.

Deve ter, sir - respondeu David. O senhor ver-se-à atrapalhado para encontrar um copo de vinho como o nosso Duplo Diamante, e isso Mr. Linkinwater sabe muito bem.

Este vinho foi posto a assentar quando Mr. Linkinwater veio pela primeira vez, cavalheiros.

- Não, David, não - contestou o irmão Charles.

-Eu próprio escrevi o registo no livro da adega sir, se me dá licença - declarou David no tom absolutamente confiante da verdade dos factos. - Mr. Linkinwater estava aqui apenas há vinte anos quando essa pipa de Diamante Duplo foi posta a assentar.

- David tem muita razão. muita razão, irmão Charles - disse Ned. - As pessoas estão aí, David?

- Fora da porta, sir - respondeu o criado.

- Manda-as entrar, David, manda-as entrar.

A esta ordem o velho criado colocou em frente do patrão uma pequena bandeja com copos limpos e, abrindo a porta, deixou entrar os joviais carregadores e empregados do arma zém que Nicholas vira em baixo. Eram quatro ao todo e vinham a curvar-se, a sorrir e a corar, formando a sua rectaguarda a governanta, a cozinheira e a criada de fora.

- Sete - contou o irmão Ned, enchendo um correspondente número de copos com o Duplo Diamante - e David oito. Agora vão todos beber à saúde do vosso melhor amigo,

Mr. Timothy Linkinwater, e desejarem-lhe saúde, uma longa vida e muitas felizes repetições deste dia, por amor dele e dos vossos velhos patrões que o consideram

um tesouro inestimável. Tim Linkinwater, sir, à sua saúde! Diabos o leve, Tim Linkinwater, sir, Deus o abençoe!

Com esta singular contradição o irmão Ned deu a Tim Linkinwater uma palmada nas costas, o que o fez parecer, nesse momento, tão apoplético como o criado, e tragou o conteúdo do seu copo num abrir e fechar de olhos.

Mal o líquido tinha sido bebido quando um dos subordinados, em nome dos seus companheiros, avançou com uma cara corada e disse:

-Permitimo-nos uma liberdade uma vez por ano, cavalheiros, e se nos dão licença tomâmo-la agora; não havendo tempo como o presente e valendo mais um pássaro na mão do que dois a voar, como se sabe bem. O que queremos dizer é que nunca houve (olhando para o criado) uns tais olhando para a cozinheira) nobres, excelentes (olhando para toda a parte, sem ver ninguém), francos, generosos, animosos patrões como eles, que nos têm tratado tão lindamente neste dia. E aqui lhes agradecemos por todas as suas bondades, que constantemente se difundem por toda a parte, desejando-lhe uma longa vida e uma morte feliz!

Quando o discurso acabou, todo o corpo de subalternos deu três suaves vivas sob o comando do apoplético criado, retirando-se pouco depois. A irmã de Tim Linkinwater desapareceu e daí a algum tempo serviu-se chá e café e jogaram as cartas.

As dez e meia, hora tardia, apareceu uma pequena bandeja com sanduiches e uma malga de bishop (1), o qual depois de todos os excitantes, fez um tal efeito em Tim

Linkinwater, que levou Nicholas para o lado, confessando-lhe, confidencialmente, que era verdade o que se tinha dito a respeito dele e da rapariga de Cheapside,

a qual tinha pressa de mudar de condição e, enquanto Tim a cortejava, ela casou-se.

- Devo dizer que a culpa foi minha - confessou Tim. Num destes dias mostro-lhe uma gravura que tenho lá em cima. Custou-me vinte e cinco xelins. Comprei-a pouco

depois de ter mos arrefecido um para o outro. Não diga nada, mas é a semelhança mais extraordinária e casual que se tem visto. o seu verdadeiro retrato, sir.

Por esta altura já passava das onze e a irmã de Tim Linkinwater foi metida num carro depois de ter declarado que já devia estar em casa há uma boa hora. Os irmãos acompanharam-na até ao veículo, com a recomendação ao cocheiro, a quem pagaram, para ter

muito cuidado com a senhora. Depois

(1) Bebida composta de vinho, suco e casca de limão e açúcar

da partida do carro, Nicholas e o amigo de Tim Linkinwater despediram-se, deixando este e os irmãos irem repousar.

Como a distância para sua casa era muito grande, já passava da meia noite quando Nicholas chegou, encontrando a mãe e Smike a esperá-lo muito agradavelmente entretidos,

ela relatando a história genealógica da sua família pelo lado da mãe, e ele escutando-a.

Nicholas não podia ir para a cama sem se expandir sobre as excelências e magnificências dos irmãos Cheeryble e do sucesso que tinha tido nesse dia. Mas antes de ter dito uma dúzia de palavras, Mrs. Nickleby observou, com muitas piscadelas de olhos e acenos, que Mr. Smike já se devia ter retirado e não consentia que esperasse um minuto mais.

- Uma criatura muitíssimo obediente - comentou Mrs. Nickleby quando Smike desejou boa noite e deixou o aposento.

-Sei que me desculparás, Nicholas, meu querido, mas não gosto de fazer isto em frente duma terceira pessoa; na verdade em frente dum jovem não seria muito próprio, embora realmente, no fim de contas, não sei que mal haja nisto, excepto que, com certeza, não é uma coisa muito conveniente, conquanto muita gente diga que é mesmo assim e, na verdade, não sei por que não deve ser, se for bem posto e os folhos estiveram pouco pregueados; decerto muita boa coisa depende disso.

Com este prefácio Mrs. Nickleby tirou a touca de dormir de entre as folhas dum grande livro de orações, onde estivera dobrada, e começou a atála, conversando na sua forma habitual durante todo o tempo.

- As pessoas podem dizer o que quiserem - observou Mrs. Nickleby - mas sente-se muito conforto com uma touca de dormir, como tenho a certeza que tu confessarias, Nicholas, meu querido, se o teu barrete tivesse fitas e o usasses como um cristão em vez de o enterrares na cabeça como um garoto de escola. Não precisas de pensar que o teu barrete de dormir, seja uma coisa estrambótica ou efeminada, pois muitas vezes ouvi o teu pobre querido papá e o reverendo Mr. não-melembro- do nome, que costumava ler as orações naquela velha igreja com o curioso campanariozinho donde o catavento foi levado na noite antes de teres nascido, ouvi-lhes frequentemente dizer que os rapazes no colégio são muito cuidadosos com os seus barretes de dormir e que os barretes de dormir de Oxford são muito conhecidos e apreciados pela sua fortaleza e beleza; assim deve ser, na verdade, para os jovens não pensarem ir para a cama sem eles, e creio que se admite em toda a parte que eles sabem o que é bom e não se tratam com mimo.

Nicholas riu e não dando resposta a este comprido aranzel, voltou ao agradável assunto da festa de anos. Imediatamente Mrs. Nickleby se tornou curiosa, fazendo um grande número de perguntas a esse respeito, a que Nicholas respondeu, descrevendo a festa e também as ocorrências da manhã.

- Tarde como é - continuou Nicholas - Tenho pena, devido ao meu egoísmo, que Kate não esteja ainda levantada para ouvir tudo isto. Vim muito impaciente para lhe contar.

- Kate já está na cama há um par de horas - informou Mrs. Nickleby, pondo os pés no guarda-fogo e chegando a cadeira como se se preparasse para uma grande conversa

- e estou muito contente, Nicholas, meu querido, por ela não estar aqui, pois desejava muitíssimo ter uma oportunidade de te dizer algumas palavras. Estou ansiosa

a esse respeito e, por certo, é uma coisa muito deliciosa e consoladora ter um filho crescido em quem se possa confiar e com quem nos podemos aconselhar. Na verdade, não sei para que servirá ter filhos se não tivermos confiança neles.

Nicholas parou no meio dum sonolento bocejo quando a mãe começou a falar e olhou para ela com atenção.

- Havia uma senhora na nossa vizinhança - prosseguiu Mrs. Nickleby - por falar de filhos lembrou-me dela - uma senhora da nossa vizinhança, quando vivíamos perto de Dawlish, creio que o seu nome era Rogers; na verdade tenho a certeza de que era, se não era Murphy sendo esta a única dúvida que tenho.

- a respeito dela, mãe, que desejava falar-me? - perguntou Nicholas tranquilamente.

- A respeito dela! - exclamou Mrs. Nickleby. - Deus do Céu! Nicholas, meu querido, como podes ser tão ridículo? Mas essa foi sempre a maneira do teu pobre querido papá... justamente a sua maneira, sempre distraído, nunca podendo fixar os pensamentos em qualquer assunto por dois minutos. Penso estar a vê-lo - acrescentou Mrs.

Nickleby, enxugando os olhos

- a olhar para mim enquanto eu conversava com ele acerca dos seus negócios, tal como se as suas ideias tivessem parado! Qualquer pessoa que nos visse suporia que

eu o confundia e o distraía em vez de tornar as coisas mais claras; palavra que haviam de supor!

-Sinto muito, mãe, ter herdado essa infeliz preguiça de apreensão - comentou Nicholas gentilmente

- mas farei o possível por a compreender, se for direita ao assunto.

- O teu pobre papá! - ponderou Mrs. Nickleby. - Ele nunca soube, até ser tarde de mais, o que eu lhe teria feito!

O caso foi sem dúvida assim, embora o falecido Mr. Nickleby não chegasse a percebê-lo, quando morreu. Nem a própria Mrs. Nickleby, o que é de alguma forma, uma explicação

da circunstância.

- Contudo - continuou Mrs. Nickleby, secando as lágrimas - isto não tem nada que ver. certamente nada tem que ver. com o cavalheiro da casa vizinha.

- Eu supunha que o cavalheiro da casa vizinha tinha pouco que ver conosco - replicou Nicholas.

- Não pode haver dúvida - afirmou Mrs. Nickleby - que ele é um cavalheiro e tem as maneiras dum cavalheiro, e a aparência dum cavalheiro, embora use pequenas meias cinzentas de lã fiada. Isso pode ser excentricidade, ou orgulho nas pernas. Não vejo por que não deva ter. O Príncipe Regente tinha orgulho nas suas pernas, assim como Daniel Lambert, que era

também um homem gordo; ele tinha orgulho nas pernas. Assim como Miss Biffin ela era. Não - corrigiu-se Mrs. Nickleby Julgo que ela tinha orgulho nos dedos dos pés, mas o princípio é o mesmo.

Nicholas olhou muito espantado com a introdução do novo assunto, que parecia ser a atitude que Mrs. Nickleby esperava dele.

-Podes bem estar surpreendido, Nicholas meu querido. Eu tenho a certeza que estava. Veio sobre mim como um relâmpago e quase me gelou o sangue. O fim do seu quintal coincide com o fim do nosso e, de facto, tenho-o visto várias vezes sentado entre os feijões de Espanha, no seu pequeno caramanchão, ou trabalhando nos seus pequenos alfobres. Comecei a pensar que ele contemplava muito mais, mas não dei importância, talvez por sermos vizinhos novos e ele sentisse curiosidade em ver como éramos.

Mas quando ele principiou a atirar os pepinos por cima do muro.

- A atirar os pepinos por cima do muro. - repetiu Nicholas com grande assombro.

- Sim Nicholas meu querido - replicou Mrs. Nickleby num tom muito sério - os pepinos por cima do nosso muro. E também os olhos das couves.

-Que a sua imprudência seja confundida! - exclamou Nicholas, excitando-se imediatamente. - O que quer ele dizer com isso?

- Não julgo que ele queira ser impertinente - respondeu Mrs. Nickleby.

- O quê! - disse Nicholas - pepinos e olhos de couves voando para as cabeças dum família quando anda a passear no seu quintal, não significa impertinência? Oh, minha mãe.

Nicholas parou de súbito por ver uma expressão indescritível de plácido triunfo misturado com uma modesta confusão aparecer entre as orelhas da touca de dormir de

Mrs. Nickleby, o que despertou a sua imediata atenção.

-Ele deve ser um homem muito fraco, pateta e inconsiderado - observou Mrs. Nickleby - repreensível, na verdade. Pelo menos suponho que os outros o devem considerar assim decerto não posso exprimir qualquer opinião nesse ponto, especialmente depois de ter defendido o teu pobre querido papá quando as outras pessoas o censuravam por me fazer a corte; e tenho a certeza de não haver dúvida dele ter usado uma maneira muito singular de a mostrar. Contudo, ao mesmo tempo, as suas atenções não. isto é, tal como vão e até a um certo limite, decerto... são uma coisa lisonjeira! e embora nunca pensasse em casar-me outra vez, como uma rapariga adorável como é Kate, ainda que não conheça a vida.

- Com certeza, mãe que uma tal ideia nunca lhe entrou na cabeça por um só instante? - perguntou Nicholas.

- Óh, meu Deus, Nicholas, meu querido - retorquiu a mãe num tom enfadado - não é precisamente isso o que estava a dizer. Se me deixasses falar? Decerto nunca lhe dei um segundo

pensamento e estou surpreendida e espantada de tu me julgares capaz duma coisa dessas. Tudo o que digo é, qual é a melhor atitude a tomar para rejeitar estas demonstrações, delicada e civilmente, e sem ferir os seus sentimentos demasiadamente e levá-lo a perder o ânimo, ou qualquer coisa do género? Bondade divina! - exclamou Mrs. Nickleby com um meio sorriso afectado - supunhamos que eu ia fazer alguma coisa apressadamente, podia alguma vez ser feliz de novo, Nicholas?

Apesar do seu desgosto e abalo, Nicholas mal pôde deixar de sorrir ao replicar:

- Julga, mãe, que seria provável seguir-se esse resultado à mais cruel repulsa?

- Palavra, meu querido, que não sei - respondeu Mrs. Nickleby - realmente não sei. Tenho a certeza de que houve um caso no jornal de antes d ontem, tirado dum jornal francês, sobre um operário de sapataria que era ciumento por uma rapariga duma aldeia vizinha, e como ela não se quis fechar com ele num vão de escada, para morrerem os dois envenenados com carvão, ele foi esconder-se numa mata com uma navalha afiada e saiu de lá quando ela passava com umas poucas de amigas; matou-se primeiro, depois todas as raparigas e a seguir ela. não, matou todas as amigas primeiro, depois ela e a seguir a si. o que é bastante terrível de pensar. Duma maneira ou doutra

- acrescentou Mrs. Nickleby depois duma pausa momentânea - são sempre os operários franceses de sapataria quem faz estas coisas em França, conforme os jornais. Não sei como isto é. alguma coisa relacionada com o couro, suponho eu.

- Mas esse homem, que não é sapateiro. o que tem feito, mãe, o que tem dito? - inquiriu Nicholas, enfadado quase para além dos limites da paciência, mas aparentando tão resignado e paciente como a própria Mrs. Nickleby. - Como sabe, não há linguagem nos vegetais que converta um pepino numa declaração formal de matrimónio.

- Meu querido! - replicou Mrs. Nickleby, inclinando a cabeça e olhando para as cinzas do fogão - ele fez e disse toda a espécie de coisas.

- Não há engano da sua parte, mãe? - interrogou Nicholas.

- Engano! - exclamou Mrs. Nickleby. - Meu Deus Nicholas, meu querido, supões que não sei quando um homem está apaixonado?

- Bem, bem! - murmurou Nicholas.

- Todas as vezes que chego à janela - continuou Mrs. Nickleby - ele beija uma das mãos e põe a outra no coração; decerto é uma grande patetice da sua parte fazer isto e atrevo-me a dizer que tu declararás que ele procede muito erradamente, mas fá-lo com muito respeito, com muito respeito, na verdade, e muito ternamente, extremamente terno. Deste modo merece o maior crédito; não pode haver dúvida a esse respeito. Depois há os presentes que são atirados todos os dias por cima do muro, e que são muito finos. Tivemos ontem ao jantar um desses pepinos e penso fazer



conserva do resto para o próximo Inverno. E a última noite - acrescentou Mrs. Nickleby com um aumento de confusão - chamou muito delicadamente por cima do muro quando eu passeava no quintal e propôs-me casamento e um rapto. A sua voz era tão clara como uma campainha, ou uma harmónica de vidro. muito parecida com uma harmónica de vidro, de facto... mas eu não o escutei, decerto. A questão é esta, Nicholas, meu querido, o que devo fazer?

- A Kate sabe disto? - perguntou Nicholas.

- Não lhe disse uma palavra a tal respeito - respondeu a mãe.

-Então, por amor de Deus - retorquiu Nicholas, levantando-se - não lhe diga, se não a quiser fazer muito infeliz. E com respeito ao que deve fazer, minha querida mãe, proceda conforme o seu bom senso e sentimentos, e o respeito pela memória do meu pai. Há milhares de formas pelas quais possa mostrar o seu desgosto por estas atenções absurdas e tontas. Se a senhora agir tão decididamente como deve e isso continuar para seu aborrecimento, posso rapidamente pôr-lhe um ponto final. Mas não devo interferir num assunto tão ridículo nem ligar-lhe importância até a senhora se defender. Muitas mulheres sabem fazer isso, e especialmente aquelas da sua idade e condição, em circunstâncias como estas, que são indignas dum pensamento sério. Não a quero envergonhar por um instante, julgando que as toma com paixão, ou as trata com fervor. Velho idiota tanto!

Dizendo isto, Nicholas beijou a mãe e, desejando-lhe boa-noite, retirou-se para o seu quarto, o mesmo fazendo ela. Para fazer justiça a Mrs. Nickleby devemos dizer que a afeição sentida pelos filhos tinha evitado cair num segundo casamento, mas como era de cabeça oca, gostava de se sentir lisonjeada pelo desconhecido cavalheiro.

Não vejo que sejam atenções absurdas e tolas, dizia consigo Mrs. Nickleby no seu quarto.

Certamente é sem esperança para ele, mas se ele é um velho idiota e tonto,

também não vejo. Não suponho que ele saiba serem as suas ideias sem esperança. Pobre homem! É para se ter pena dele, julgo eu.

Tendo feito estas reflexões, Mrs. Nickleby olhou para o seu espelhinho do toucador e, recuando uns poucos de passos procurou lembrar-se do que costumava dizer quando

Nicholas tinha vinte e um anos e aparentava mais ser seu irmão do que seu filho. Não sendo capaz de se recordar, apagou a vela e subiu o estore da janela para deixar entrar a luz da manhã, que, nessa ocasião começava a despontar.

É uma má luz para distinguir objectos - murmurou Mrs. Nickleby, entrando no jardim, ce os meus olhos não são muito bons; sou miope desde criança, mas, palavra, julgo haver outra grande couve pregada neste momento nos gargalos partidos das garrafas de cima do muro.

### Capítulo XXXVIII

Pormenores surgidos numa visita de condolências que depois podem ter importância. SMIKE inesperadamente encontra um antigo amigo, que o convida para a sua casa e ele não recusa

Absolutamente inconsciente das demonstrações do seu aoroso vizinho e dos seus efeitos sobre o susceptível peito da mãe, Kate Nickleby, tendo junto de si o querido irmão, começava a gozar duma tranquilidade, a que por tanto tempo fora estranha. A sua antiga alegria reapareceu, o passo ganhou de novo elasticidade e leveza. E Kate Nickleby estava mais bela do que nunca. Foi a este resultado que chegou Miss La Creevy sempre que pensava nos habitantes da cottage.

-Declaro que não descobri isso da primeira vez que cá vim - disse Miss La Creevy - então só pensava em martelos, pregos turqueses e verrumas, de manhã à tarde e à noite.

-Creio que a senhora não gasta muito tempo a pensar em si - replicou Kate a sorrir.

-Palavra, minha querida, quando há tantas coisas mais agradáveis em que pensar, seria uma tola se o fizesse - respondeu Miss La Creevy - A propósito, pensei também

em alguém. Sabe que eu observo uma grande mudança numa pessoa desta família, uma mudança muito extraordinária.

- Em quem? - perguntou Kate ansiosamente. - Não em.

- Não no seu irmão, minha querida - retorquiu Miss La Creevy, antecipando o final da frase - que é sempre o mesmo afectuoso, bem humorado, inteligente com uma espécie do não deva dizer quem - quando se chega a ocasião que é o mesmo quando a primeira vez o conheci. Não, é o Smike como quer ser chamado pobre rapaz! -pois não desejava ouvir o Mr. antes do seu nome - que está grandemente alterado, mesmo neste curto espaço de tempo.

- Como? - interrogou Kate. - Não na saúde.

- Não; talvez não seja exactamente na saúde - replicou Miss La Creevy, parando para considerar - embora seja uma criatura gasta e fraca, e tenha na cara o que torturaria o meu coração se o visse na vossa. Não, não na saúde.

- Então o quê?

- Mal sei - declarou a miniaturista. - Mas tenho-o observado e ele tem-me feito chorar lágrimas muitas vezes. Não é uma coisa muito difícil conseguir isso por eu ser facilmente enternecível; contudo, estas brotam por uma boa causa e razão. Tenho a certeza de que ele tem a consciência, desde que está aqui, do seu fraco intelecto, por alguma causa muito forte. Ele sente mais. Dá-lhe muita tristeza saber que se distrai e não pode compreender muitas coisas simples. Tenho-o observado quando a menina não está perto, minha querida e me ponho a examiná-lo com muita atenção; o seu olhar de tristeza é difícil de suportar e tão abatido ele é, que não lhe posso dizer como me aflige. Ainda não há três semanas era uma criatura alegre, activa, gostando de estar ocupado e tão feliz como o dia tem de segundos. Agora é uma outra pessoa - a mesma criatura condescendente, inofensiva, fiel, adorável. mas não é o mesmo no resto!

- Certamente que isso lhe há de passar - observou Kate

- Pobre rapaz!

- Espero que sim - retorquiu a sua pequena amiga com uma gravidade muito desacostumada nela. - Espero, por amor desse pobre rapaz, que assim seja. Contudo - acrescentou Miss La Creevy, caindo no seu tom alegre, palrador, tão habitual nela. - Disse o que tinha a dizer e foi um discurso muito comprido e sem razão, desconfio. Vou alegrá-lo esta noite de qualquer forma, porque se ele for o meu escudeiro durante todo o caminho para o Strand, conversarei constantemente e não paro até lhe ter arrancado uma gargalhada. Por isso, quanto mais depressa for, melhor será para ele, e quanto mais depressa eu for, melhor será, para mim, tenho a certeza, ou de outro modo tenho a minha criada a galantear com alguém que me pode roubar a casa. embora não saiba o que possa levar além de mesas e cadeiras, com excepção das miniaturas; e o ladrão há-de ser inteligente para as colocar com qualquer vantagem, pois eu, honestamente, confesso que não posso.

Dizendo isto Miss La Creevy escondeu a cara num chapéu muito chato e enrolou-se num chale muito largo, que prendeu com um alfinete, declarando que o ónibus podia vir quando quisesse porque ela estava completamente pronta. Mas não foi fácil despedir-se de Mrs. Nickleby com todas as suas reminiscências e quando estas concluíram, o ónibus, entretanto, chegou. Miss La Creevy com a pressa e querendo gratificar, ocultamente, a criada, espalhou o dinheiro no corredor, o que levou algum tempo a apanhar. Por fim, depois de ter beijado Kate e Mrs. Nickleby, e de ter agarrado no cesto e num embrulho, Miss La Creevy disparou para o ónibus, que já tinha feito uma tentativa para se pôr em marcha. Enquanto procurava um lugar conveniente, o condutor puxou Smike e o pesado veículo, pôs-se a andar com o barulho, pelo menos, de meia dúzia de carros de cerveja.

Deixando continuar o seu caminho à vontade do condutor, podemos aproveitar a ocasião para

averiguar o estado de Sir Mulberry Hawk, se tinha melhorado nessa altura dos ferimentos consequentes de ter sido arrebatado violentamente do cabriolé naquelas circunstâncias.

Com uma perna danificada, o corpo muitíssimo pisado, a cara desfigurada pelas feridas meio curadas e pálido pelo choque do recente sofrimento e febre, Sir Mulberry Hawk tinha as costas apoiadas a uma almofada, onde devia ainda estar preso por algumas semanas.

Mr. Pyke e Mr. Pluck bebiam copiosamente no aposento a seguir, variando de vez em quando, os monótonos murmúrios da sua conversa com um riso meio reprimido, enquanto o jovem lorde estava sentado em frente do seu mentor com um charuto na boca e lendo-lhe algumas notícias do jornal do dia.

-Malditos esses sabujos! - exclamou o inválido, voltando a cabeça com impaciência para o aposento ao lado. - Não há nada que páre as suas infernais gargalhadas!

Misters Pyke e Pluck ouviram a exclamação e pararam imediatamente; piscando os olhos um para o outro, encheram os copos até às bordas, como compensação para a privação da fala.

-Irra! - murmurou o doente entre dentes e torcendo-se impacientemente na cama - Este colchão não é bastante duro, o quarto bastante enfadonho e a dor bastante aguda para me torturarem? Que horas são?

-Oito e meia - respondeu o amigo.

-Puxa a mesa para mais perto e joguemos outra vez às cartas. Mais ráquet. Vamos.

Embora só podendo mover a cabeça dum lado para o outro, Sir Mulberry seguia todos os movimentos do seu companheiro, cuja habilidade era muito inferior à sua ainda mesmo favorecido com boas cartas, de modo que lhe ganhou todos os jogos. Enquanto o companheiro atirava as cartas e se recusava a jogar mais, ele estendeu o braço e apanhou o dinheiro das paradas, dando a mesma gargalhada que ressoara na casa de jantar de Ralph Nickleby meses antes.

O criado entrou, estando ele nesta ocupação, para anunciar que Mr. Ralph Nickleby estava em baixo e desejava saber como ele estava nessa noite.

-Melhor - respondeu Sir Mulberry impaciente.

- Mr. Nickleby deseja saber, sir.

-Eu disse-te melhor - replicou Sir Mulberry, batendo com a mão na mesa.

O homem hesitou um momento ou dois e depois disse que Mr. Nickleby pedira licença para ver Sir Mulberry Hawk, se não houvesse inconveniência.

-Há inconveniência. Não posso vê-lo. Não posso ver ninguém - retorquiu o patrão mais violentamente do que antes.

- Tu sabes isso, cabeça de granito.

- Sinto muito, sir - insistiu o homem - mas Mr. Nickleby

-teimou tanto, sir.

O facto era que Ralph Nickleby gratificara o homem, o qual, estando ansioso por fazer jus ao dinheiro, com vista a futuros favores, e aventurou-se a ficar ali, segurando a porta.

-Informou ele se tinha algum negócio para falar? - interrogou Sir Mulberry depois duma pequena consideração impaciente.

-Não, sir. Disse que desejava vê-lo, sir. Particularmente, disse Mr. Nickleby, sr.

- Diz-lhe para subir. Ouve - gritou Sir Mulberry, fazendo regressar o homem e passando a mão pela cara desfigurada - tira aquela lâmpada e põe-na no móvel por detrás de mim.

Roda com essa mesa daí. e coloca uma cadeira acolá. mais longe. Deixa-a assim.

O homem obedeceu a estas directivas como se compreendesse completamente o motivo que as ditava e deixou o quarto. Lorde Frederick Verisopht, observando que tinha uma visita a fazer, entrou no aposento do lado e fechou a porta sobre si. Depois uns passos cautelosos subiram a escada e Ralph Nickleby, de chapéu na mão, entrou

suavemente no quarto, com o corpo para a frente e os olhos fixos no seu digno cliente.

-Então, Nickleby - disse Sir Mulberry, indicando-lhe a cadeira ao lado da almofada e gesticulando com a mão com presumida indiferença. - Tive um mau acidente, está a ver.

-Vejo - respondeu Ralph com o mesmo olhar fixo. Mau, na verdade! Eu não o reconheceria, Sir Mulberry. Meu Deus, meu Deus! Isto está mau.

As maneiras de Ralph eram de profunda humildade e respeito e o seu tom era o indicado para visitar um doente, mas a parte das feições que não ficavam na sombra davam a impressão dum sorriso sarcástico.

- Sente-se - convidou Sir Mulberry, voltando-se para ele parecendo fazer um violento esforço. - Sou uma caricatura para que você fique aí espantado?

Quando ele voltou a cara Ralph recuou um passo ou dois e, dando a impressão de ser violentamente impelido a exprimir o seu assombro, mas estando determinado a não fazer tal, sentou-se com uma confusão bem representada.

-Tenho sabido notícias suas à porta, Sir Mulberry, duas vezes por dia - informou Ralph - e esta noite, fiando-me no velho conhecimento e passadas transacções que nos deram mútuo benefício num certo tempu, não pude resistir a solicitar a entrada no seu quarto. Tem. tem sofrido muito? - perguntou Ralph, inclinando-se para a

frente com o mesmo impertinente sorriso, enquanto o outro fechava os olhos

- Mais do que suficiente para me agradar e menos do que suficiente para ajudar alguns malandros, que você e eu conhecemos, a colocarem a sua ruína entre nós, devo dizer - respondeu Sir Mulberry, atirando o braço desassossegadamente sobre o cobertor.

Ralph encolheu os ombros, deplorando a intensa irritação com que isto foi dito, motivada pela exagerada e fria distinção entre o discurso e as maneiras dele, que tanto importunaram o doente de modo a mal poder suportá-las.

- E o que há nessas passadas transacções que o fez vir esta noite aqui? - inquiriu Sir Mulberry.

-Nada - respondeu Nickleby - Há algumas letras do meu lorde que precisam ser reformadas; mas deixêmo-las assim até o senhor estar bom. Eu. eu. vim - declarou Ralph, falando mais devagar e com uma ênfase muito impertinente - vim para dizer como estou pesaroso por um parente meu, embora repudiado por mim, lhe ter infligido esse castigo como.

- Castigo! - interrompeu Sir Mulberry.

- Sei que foi severo - comentou Ralph, enganando-se, de caso pensado, no sentido da interpretação - e isso tornou-me mais ansioso para lhe dizer que repudio esse vagabundo, que o não reconheço como meu parente e, além disso, abandono-o a si e a toda a gent. Pode torcer-lhe o pescoço que eu não intervirei.

-Esta história que me contaram aqui tem, então, andado lá por fora, não tem? - perguntou Sir Mulberry, apertando as mãos e os dentes.

-Badalada emn todos os sentidos - informou Ralph. Todos os clubes e casas de jogo estão cheios.

Disseram-me que foi feita uma boa cantiga acerca dela - acrescentou

Ralph olhando fixamente para o seu interlocutor. - Ainda a não ouvi, por não andar no meio dessas coisas, mas informaram-me que já foi mesmo impressa... para distribuição particular, mas decerto já percorreu toda a cidade.

-É uma mentira! - exclamou Sir Mulberry. - Digo-lhe que é tudo uma mentira. O cavalo tomou medo.

-Dizem que foi ele quem o amedrontou - observou Ralph na mesma maneira calma. - Alguns dizem que ele lhe meteu medo a si, mas isso eu sei que é uma mentira. Tenho dito isso resolutamente. oh, uma vintena de vezes! Sou um homem pacífico, mas não posso ouvir as pessoas dizerem isso de si. não!

Quando Sir Mulberry encontrou palavras concretas para proferir, Ralph inclinou-se para a frente com a mão no ouvido e a cara tão calma como se todas as linhas do rosto tivessem sido fundidas em aço.

- Quando eu me livrar desta maldita cama - declarou o inválido batendo na perna partida no auge da sua paixão - tomaréi tal vingança como nenhum homem ainda a teve.

Por Deus. que o farei! Favorecido pelo acidente marcou-me por uma semana ou duas, mas eu hei-de marcá-lo para sempre. Corto-lhe o nariz e as orelhas. açoito-o. Farei mais do que isso; arrastarei esse exemplo de castidade e de susceptibilidade, a sua delicada irmã, através.

Pode ser que o mesmo sangue-frio de Ralph lhe latejasse nas faces. Pode ser que Sir Mulberry se lembrasse que, velhaco e usurário como era, tivesse em tempo remoto da sua infância, passado o braço em volta do pescoço do pai. Parou e, ameaçando com a mão, confirmou a silenciosa ameaça com uma tremenda praga.

- É uma coisa horrível pensar que o homem ávido de prazeres, o dissoluto, o trapaceiro das mil oportunidades fosse arrastado a esta situação por um garoto! - comentou

Ralph depois dum curto silêncio, durante o qual olhou para o doente.

Sir Mulberry dardejou-lhe um olhar furioso, mas os olhos de Ralph estavam postos no chão e a sua cara só apresentava uma expressão pensativa.

- Uma pena, um adolescente - continuou Ralph - contra um homem cujo peso podia esmagá-lo, já para não falar na sua habilidade em. Creio ter razão - aqui Ralph levantou os olhos - em dizer que foi um ás no ringue, não é verdade?

O doente fez um gesto impaciente, que Ralph achou por bem tomar como uma aquiescência.

-Ah! - exclamou. - Assim o pensava. Foi antes de eu o conhecer, mas tinha a certeza de não me ter enganado. É leve e rápido. Mas essas são fracas vantagens comparadas com as suas. Sorte. sorte. foi o que teve esse renegado velhaco.

-Precisará de muito mais quando eu estiver bom - afirmou Sir Mulberry Hawk - fuja ele para onde fugir.

-Oh! - replicou Ralph rapidamente - ele não pensa nisso. Está aqui aguardando o seu prazer... aqui, em Londres, passeando pelas ruas ao meio-dia, matando o tempo à sua procura, aposto - insinuou Ralph, cuja cara se ensombrou e onde o ódio tomou a supremacia pela primeira vez por se lhe apresentar a imagem alegre de Nicholas.

- Se fôssemos cidadãos dum país onde isto se pudesse fazer impunemente, daria bom dinheiro para o apunhalarem no coração e o atirarem para um canil, onde os cães o despedaçassem.

Quando Ralph desabafou este pequeno exemplo de puro sentimento familiar com alguma surpresa do seu antigo cliente, e pegou no chapéu, preparando-se para partir, entrou Lorde Frederick Verisopht.

-Em nome do diabo, Hawk, em que tens estado a falar com Nickleby? - inquiriu o jovem. - Nunca ouvi tanto banzé. Cróque! cróque! cróque! Bau! uau! uau! O que vem a ser isso?

- Sir Mulberry tem estado zangado, meu lorde - explicou Ralph, olhando para o lado da almofada.

- Espero que não seja por causa de dinheiro. A respeito de negócios, nada tem corrido mal, pois não, Nickleby?

- Não, meu lorde, não - respondeu Ralph. - Nesse ponto estamos sempre de acordo. Sir Mulberry esteve a recordar a causa de.

Não houve necessidade, nem oportunidade de Ralph continuar, por Sir Mulberry atacar o assunto e desafogar as suas ameaças e pragas contra Nicholas, quase tão ferozmente como antes. Ralph, que era um observador pouco comum, ficou surpreendido por ver que, à maneira que esta tirada prosseguia, as maneiras de Lorde Frederick Verisopht, que ao princípio estivera a retorcer os bigodes com o ar mais aperaltado é distraído, sofreram uma completa alteração. Ainda ficou mais surpreendido quando Sir Mulberry acabou de falar e o jovem lorde pediu, zangado, para nunca mais falar no assunto na sua presença.

-Lembra-te disto; Hawk! - acrescentou ele com uma inullgar energia - nunca serei partidário, nem permitirei, se me for possível, um cobarde ataque a esse rapaz.

- Cobarde! - interrompeu o amigo.

- Sim - disse o outro, voltando-se todo para ele. Se lhe tivesses dito quem eras, se lhe tivesses dado o teu bilhete e achado depois que a sua posição social ou o seu carácter, te impediam de lutar com ele, teria sido bastante mau. Assim procedeste pessimamente e eu também por não ter intervindo, o que lamento. O que te aconteceu depois foi mais a consequência do acidente que a intenção, e mais culpa tua do que dele. E, com o meu conhecimento, não lhe será feita nenhuma crueldade.

Com esta enfática repetição das suas últimas palavras o jovem lorde rodou nos calcanhares, mas antes de chegar ao aposento do lado voltou-se de novo e declarou, com maior

veemência do que antes:

- Agora acredito, que a irmã é uma jovem tão virtuosa e modesta como bela e o irmão fez o que devia, e apenas desejo, de todo o meu coração, que qualquer de nós saísse deste assunto como ele saiu.

Dizendo isto Lorde Frederick Verisopht retirou-se, deixando Ralph Nickleby e Sir Mulberry no mais desagradável assombro.

- Este é o seu pupilo, ou veio há pouco dum padre da província? - inquiriu Ralph, suavemente.

- Os malucos têm às vezes estes ataques - replicou Sir Mulberry Hawk, mordendo os lábios e apontando para a porta. - Deixe-o comigo!

Ralph trocou um olhar familiar com o seu velho conhecido por terem restabelecido, subitamente, uma mútua confiança perante esta surpresa, e foi para casa devagar e pensativo.

Enquanto se passavam estas coisas e muito antes de estarem concluídas, o ônibus deixara Miss La Creevy à porta com

o seu companheiro. A miniaturista não deixou partir Smike sem comer e beber alguma coisa para o seu passeio até casa e ele aceitou, de modo que já passava meia hora do anoitecer

quando se meteu a caminho de Bow.

Não havia possibilidade de se enganar, não só por quase todos os dias ir à cidade com Nicholas e regressar só, como por o caminho ser sempre a direito. Ao pé de Ludgate Hill saiu um pouco fora da rua para dar uma olhadela a Newgate e durante o resto do caminho foi deitando os olhos para as lojas de maior interesse, até parar numa joalheria, cuja montrahe atraía mais a atenção pelo prazer que teria em levar

um presente. Estava nesta contemplação quando bateram as oito e três quartos; despertado pelo som, apressou-se a andar num passo mais rápido e quando ia a atravessar a esquina dum rua lateral sentiu-se agarrado tão subitamente que teve de se encostar a um candeeiro para não cair. Ao mesmo tempo ouviu um grito agudo dum rapazito que se segurara à sua perna:

- Ele aqui está, pai...

Smike conhecia esta voz bem demais e, olhando desesperadamente para a figura donde provinha, deu uma vista de olhos em torno. Mr. Squeers tinha-o filado pela gola do casaco

com o cabo do guarda-chuva e o grito viera de Mister Wackford que se agarrara a ele como um buldogue. Um relance mostrou-lhe isto e o terror impossibilitou-o de

proferir uma palavra.

-Isto é que foi um êxito! - exclamou Mr. Squeers, puxando o guarda-chuva, que tirou somente quando pôde agarrar com a mão a gola da vítima. - Foi um bom êxito! Wockford, meu rapaz, chama um trem de praça.

-Um trem de praça, pai! - repetiu o pequeno Wackford.

-Sim um trem de praça, sir - replicou Squeers, alegrando-se-lhe os olhos com a expressão da vítima.

- Que vá para o diabo a despesa! Ele merece um trem de praça.

-O que fez ele? - perguntou um trabalhador com um monte de tijolos, a quem Mr. Squeers dera um encontrão no primeiro lançamento do guarda-chuva.

-Muita coisa - respondeu Mr. Squeers, olhando fixamente para o seu antigo pupilo - muita coisa! Fuga, participação em ataques sanguinários ao patrão. nada há de mau que ele não tenha feito. Foi uma deliciosa oportunidade!

O homem olhou de Squeers para Smike, mas as faculdades mentais do pobre rapaz tiraram-lhe o uso da palavra. O trem de praça chegou; Mister Wackford entrou e Squeers, empurrando a sua presa, seguiu-o, fechando as janelas. O cocheiro fez seguir o carro vagorosamente, deixando as testemunhas do caso a comentarem-no a seu belo prazer.

Mr. Squeers sentou-se no banco, em frente do infeliz Smike e, plantando firmemente as mãos nos joelhos, olhou durante alguns cinco minutos para ele e depois, quando pareceu recobrar-se do seu transe, lançou uma formidável gargalhada e bateu ne cara do pupilo por várias vezes.

-Não é um sonho! - exclamou Squeers. - É verdadeira carne e osso! Já conheço o seu contacto - e adquirindo a completa certeza da sua boa fortuna por estas experiências, Mr. Squeers administrou-lhe uns poucos de socos na orelha.

-A tua mãe rebenta na pele, meu rapaz, quando ouvir isto - disse Squeers para o filho.

-Oh! mesmo assim ela não reventará, pai! - replicou Mister Wackford.

- Pensar - observou Squeers - que tu e eu devíamos ao voltar duma rua, vir ao encontro dele no momento oportuno e que o apanhava logo ao primeiro lançamento do guarda-chuva, como se o enganchasse com um arpão!

-E eu não o agarrei tão bem na perna, pai? - interrogou o pequeno Wackford.

-Agarraste como um cão meu filho - afirmou Mr. Squeers, batendo na cabeça do filho - por isso terás como recompensa do mérito, a melhor jaqueta e o melhor colete que o primeiro novo aluno traga. lembra-te disso! Conserva-te sempre assim e faze as coisas que vires o teu pai fazer, que quando morreres irás para o Céu sem te fazerem perguntas.

Com estas palavras Mr. Squeers aproveitou a ocasião para bater de novo na cabeça do filho e depois na de Smike com mais força e perguntou num tom de zombaria por que se encontrava ali.

- Devia ir para casa - replicou Smike, olhando espantado em redor.

-Com certeza que deves! Estás a caminho dela - informou Squeers. - Vais para casa muito em breve. Encontrar-te-ás na pacífica aldeia de Dotheboys, no Yorkshire, em menos duma semana, meu jovem amigo; e da próxima vez que te raspes dou-te licença para te conservares afastado. Onde estão as roupas com que fugiste, ingrato ladrão? - interrogou Mr. Squeers numa voz severa.

Smike deu uma vista de olhos pelo fato asseado fornecido pelo cuidado de Nicholas e torceu as mãos.

-Sabes que te podia enforcar à porta de Old Bailey por teres desaparecido com artigos da minha propriedade? - perguntou Squeers. - Sabes que isto é caso de força

- e não tenho a certeza completa se não é, além disso, um caso anatómico - safar-se duma casa de habitação com mais de cinco libras? Sabes isso? Quanto supões que valiam as tuas botas Wellington? Custaram vinte e oito xelins e os sapatos sete xelins e seis pence. Mas quando me foste entregue não trazias nada e agradece à tua estrela ser eu a servir-te com o artigo!

Alguém que não estivesse na confiança de Mr. Squeers suporia que ele estava desprovido de tudo, em vez de ter uma grande provisão pronta para todos os que viessem.

Depois atirou uma ponteirada do guarda-chuva acompanhada com uma data de pancadas dirigidas à cabeça e ombros do pobre Smike. Este defendia-se das pancadas o melhor que podia e meteu-se a um canto do carro com a cabeça nas mãos e os cotovelos nos joelhos, vendo que nunca mais podia escapar a Squeers, por não ter um amigo a quem avisar, como nos tempos que antecederam a chegada de Nicholas a Yorkshire.

A viagem parecia infundável. Por último Mr. Squeers pôs a cabeça fora da janela em cada meio minuto para gritar ao cocheiro uma variedade de instruções, e depois de passarem algumas ruas em mau estado, berrou para parar.

- Para que está a puxar pelo braço do rapaz? - perguntou o cocheiro com aparência de zangado.

- É esta a casa - disse Squeers. - A segunda das quatro pequenas casas, com um andar e portadas verdes. há uma chapa de latão na porta com o nome de Snawley.

- Não podia dizer isso sem torcer a perna do desgraçado?

-interrogou o cocheiro.

- Não - berrou Mr. Squeers. - Diga uma palavra mais e eu cito-o por ter uma janela partida. Páre! Obedecendo a esta ordem, o cocheiro parou à porta de Mr. Snawley, que era aquele homem muito religioso, que confiara dois filhos, por afinidade, ao cuidado paternal

de Mr. Squeers. A casa de Mr. Snawley ficava em Somers Town e Mr. Squeers alojara-se lá perto no Saracen, devido ao apetite de Mister Wackford.

- Cá estamos! - declarou Squeers fazendo entrar Smike apressadamente na pequena saleta onde Mr. Snawley e a esposa estavam a comer uma ceia de lagosta. - Aqui está o vadio, o traidor, o rebelde, o monstro de ingratidão!

-O quê! O rapaz que fugiu? - inquiriu Snawley, com o garfo e a faca na mão e abrindo muito os olhos.

-O mesmíssimo rapaz - respondeu Squeers, pondo o punho cerrado no nariz de Smike e retirando-o, repetindo o processo várias vezes com um aspecto maldoso.

- Se não estivesse uma senhora presente aplicava-lhe uma tal. Não faz mal, fico-lhe a dever.

Mr. Squeers relatou como e de que maneira o apanhara.

- Está claro que houve uma Providência nisto, sir - observou Mr. Snawley baixando os olhos com um ar de humildade e elevando o garfo com um bocado de lagosta na ponta em direcção ao tecto.

- Coração duro e mau procedimento nunca prosperaram sir - sentenciou Mr. Snawley.

- Qual foi o resultado da minha brandura de humana benevolência? Cardos e espinhos.

-Isso é fácil de acontecer, sir - observou Mrs. Snawley.

- Oh, isso é fácil de acontecer.

-Onde esteve ele todo este tempo?

Tem estado a viver com esse demónio do Nickleby, sir. Mas nem ameaças ou socos puderam arrancar uma palavra que compromettesse o seu primeiro e verdadeiro amigo, lembrando-se da sua vida passada em que Nicholas o tirara da quela horrível prisão, julgou que o seu protector cometera com isso um grande crime, pelo qual sofreria um enorme castigo, se fosse detido. Tais eram os pensamentos de Smike que o tornavam mudo à intimidação e à persuasão. Achando os seus esforços inúteis Mr. Squeers conduziu-o para um pequeno quarto das traseiras, no andar de cima, onde, por precaução, o fechou à chave pelo lado de fora, depois de lhe ter tirado os sapatos, o casaco e o colete. E, Smike, deitou-se a mesma criatura apática, desamparada, inconsolável, que Nicholas encontrara na escola de Yorkshire.

## Capítulo XXXIX

Outro velho amigo encontra Smike, no momento oportuno

A noite, cheia de amargura para uma pobre alma, deu lugar a uma manhã de Verão, soalheira e sem



núvens, quando uma mala-posta do norte do país atravessou, com alegre ruído, as ainda silenciosas ruas de Islington e deu sinal da sua aproximação pela corneta do condutor, detendo-se na sua paragem, junto ao correio.

O único passageiro era um corpulento camponês de aparência honesta, que, com os olhos fixos no zimbório de St. Paul's Cathedral parecia tão admirado, que estava completamente insensível à bulha da descarga dos sacos e embrulhos, até que uma janela do coche desceu com ligeireza e ele olhou em redor, encontrando uma bonita cara feminina a espreitar.

- Olha para ali, rapariga - berrou o camponês, apontando para o objecto da sua admiração. - Ali está St. Paul's Church. dum tamanho!

-Bondade divina, John! Nunca poderia pensar que tivesse metade do tamanho. Mas que monstro!

-Monstro! Calculo que estejas dentro da verdade, Mrs. Browdie - disse o camponês bem humorado, caminhando vagarosamente, envolvido no seu enorme sobretudo. - E o que me dizes tu daquele lugar ali? Não... aquele em frente? Nunca chegarias ao pé dele, mesmo que esperasses doze meses. Não é mais do que o correio. Eles precisam de franquear as cartas duplamente. Um correio! O que pensas disto? Se isto é um correio eu gostaria de ver onde vive o Lorde Mayor de Londres.

Dizendo isto, John Browdie - pois era ele! - abriu a porta do coche e dando uma pancadinha nas faces de Mrs. Browdie, ex-Miss Price, teve um ataque de riso ao olhar para dentro.

-Bem! - comentou John. - Aposto as minhas botas em como ela está outra vez a dormir.

- Ela esteve a dormir toda a noite e todo o dia de ontem, excepto um minuto ou dois, de vez em quando - informou a escolhida de John Browdie - e tenho medo quando ela acordar, por ter vindo muito zangada.

O objecto destas observações era uma figura tão envolvida num chale e numa capa, metida a um canto durante duzentas e cinquenta milhas, que era impossível dizer o sexo.

-Olá! - gritou John, puxando-lhe por uma ponta do véu.

- Vamos, acorde!

Depois de várias mexidelas no canto e de muitas exclamações de impaciência e fadiga, a figura sentou-se e, sob um chapéu de castor amarrotado e circundado por um semi-círculo de papalotes azuis, surgiram as delicadas feições de Miss Fanny Squeers.

-Oh, Tilda! - exclamou Miss Squeers - que data de encontrões me deste durante toda a santa noite!

- Tive de o fazer - replicou a sua amiga, rindo - quando tomavas conta de toda a carruagem só para ti.

-Não o negues, Tilda - disse Miss Squeers dum modo eficaz - pois não merece a pena tentar dizer que não. Talvez não desses por isso durante o sono, Tilda, mas é que eu não fechei os olhos um simples instante.

Com esta resposta Miss Squeers ajustou o chapéu e o véu e, querendo parecer invulgar mente asseada, sacudiu as migalhas de sanduiches e pedaços de bolacha que se lhe acumulavam no colo, aproveitando-se depois do braço de John Browdie para descer do carro.

-Agora - disse John, quando chamaram um trem de praça e as senhoras e a bagagem foram içadas - vamos para Sarah's Head, homem!

-Para onde? - perguntou o cocheiro.

- Oh, Mr. Browdie - interrompeu Miss Squeers - Mas que ideia! É Sarah's Head.

- Certamente - concordou John. - Sabia que era uma coisa relacionada com Sarah. para Sarah's Son's Head. Não conhece isso?

-Oh! oh!... Conheço! -replicou o cocheiro grosseiramente atirando com a porta.

- Tilda, querida. realmente - censurou Miss Squeers - seremos tomados não sei por quem.

- Deixe-os tomarem pelo que eles quiserem - disse John Browdie. - Não viemos nós para Londres para nos divertir?

- Espero que não, Mr. Browdie - replicou Miss Squeers, aparentando-se singularmente triste.  
- Bem, não tem importância - retorquiu John. - Só fui um homem casado durante quatro dias por causa da morte do pobre pai. Isto aqui é um casamento. a noiva, a dama de honor e o noivo. se um homem não se diverte agora, quando é que há-de ser? Arranjem lá isso! A fim de começar imediatamente a divertir-se, Mr. Browdie deu um beijo do fundo do coração à sua mulher e outro a Miss Squeers, depois duma virtuosa resistência e de luta de parte da rapariga.

Depois o grupo retirou-se imediatamente para descansar, pedindo ao sono o repouso duma tão longa jornada, e aqui se juntaram de novo, cerca do meio dia, para um reconfortante almoço, encomendado por Mr. John Browdie para ser servido num pequeno quarto privado no andar de cima, onde havia uma visita ininterrupta das cavalariças.

Ao Ver agora Miss Squeers, sem o chapéu castanho e véu verde, bem como dos papelotes azuis, e investida no virginal

esplendor, das suas graças, dos seus adornos, era o mesmo que atear dentro de si o fogo da juventude.

O criado foi atingido. O criado tinha paixões e sentimentos humanos e, por isso, olhou muito firmemente para Miss Squeers quando lhe passou os bolos.

- Sabe se o meu papá está aqui? - perguntou Miss Squeers com dignidade.

- Desculpe-me, miss?

- O meu papá - repetiu Miss Squeers - Está cá?

- Onde, miss?

- Aqui. na casa! - respondeu Miss Squeers. - O meu papá - Mr. Wackford Squeers - que está aqui alojado. Ele está?

- Não sabia que havia um cavalheiro desse nome aqui na casa, Miss - replicou o criado. - Talvez esteja no café!

Talvez. Muito lindo isto, na verdade! Aqui estava Miss Squeers, que durante todo o caminho dissera aos seus amigos que lhes ia mostrar que estava ali como em casa

e como o seu nome e parentesco excitariam respeito, com a informação de que o seu pai talvez estivesse lá!

- Como se fosse um garoto - observou Miss Squeers com enfática indignação.

- É melhor ir investigar, homem - aconselhou John Browdie. - E mande outro pastelão de pombos, sim? Raio do tipo

- murmurou John, olhando para o prato vazio - não chama a isto pastelão?. Três pombitos, uma ridicularia dum picado e uma crosta tão leve que se não sabe quando está na boca, ou quando foi para baixo. Pergunto quantos pastelões são precisos para fazer um almoço.

Depois dum curto intervalo, empregado por John Browdie em comer presunto e um bocado de carne fria o criado voltou com outro pastelão e a informação de que Mr Squeers não estava alojado na casa, mas que ia lá todos os dias, e tão depressa chegasse imediatamente seria mandado lá acima. Com isto retirou-se e não tinham passado ainda dois minutos quando regressou com Mr. Squeers e o seu esperançoso filho.

- Quem havia de pensar nisto? - exclamou Mr. Squeers, quando cumprimentou o grupo e recebeu da filha notícias da família.

- Quem, na verdade, papá! - replicou a jovem, acintosamente. - Mas vê que a Tilda está, por fim, casada.

- E eu aqui estou para ver Londres, mestre-escola - disse John, atacando vigorosamente o pastelão.

-É uma das coisas que os jovens fazem quando se casam

- informou Squeers - e gastam dinheiro como se não fosse nada com eles. Quanto melhor não seria poupá-lo para a educação dos filhos, por exemplo. Eles virão - acrescentou

Mr. Squeers duma forma moralista - antes de se dar conta disso, foi o que sucedeu com os meus.

- Vai um bocado daqui? - perguntou John.

-Eu não quero - respondeu Squeers - mas se permite

que o pequeno Wackford mastigue qualquer coisa, fico-lhe muito obrigado. Dê-lhe na mão para que o criado não ponha na conta, visto eles ganharem sem isso. Se ouvir o criado vir, meta tudo na algibeira e olhe para a janela, sir, está a ouvir?

- Estou acordado; pai - replicou o obediente Wackford.

- Bem - disse Squeers, voltando-se para a filha. - É a tua vez de te casares. Deves fazê-lo rapidamente.

- Oh, não estou apressada! - retorquiu Miss Squeers asperamente.

- Não, Fanny? - perguntou a sua velha amiga com certa ironia.

- Não, Tilda - respondeu Miss Squeers, abanando a cabeça com veemência. - Posso aguardar.

- Assim podem também os jovens, segundo parece, Fanny

- observou Mrs. Browdie.

- Eles não são arrastados a isso por mim, Tilda - replicou Miss Squeers.

- Não - concordou a sua amiga. - Isso é muitíssimo verdadeiro.

O tom sarcástico desta resposta podia provocar bastantes réplicas acrimoniosas de Miss Squeers, que era de temperamento maldoso, agravado pela fadiga e pelas velhas lembranças dos seus projectos sobre Mr. Browdie, se Mr. Squeers não mudasse o sentido da conversa.

- A quem pensam - interrogou este cavalheiro; -, que deitámos as mãos, Wackford e eu?

- Papá! não é... Miss Squeers foi incapaz de terminar a frase, mas Mrs. Browdie acabou-a por ela e acrescentou:

- Nickleby?

- Não - negou Squeers - mas muito ligado a ele.

- Não quer dizer Smike? - exclamou Miss Squeers, batendo as palmas.

- Sim, é isso mesmo - informou o papá. - Apanhei-o por fim!

- O quê! - exclamou John Browdie, empurrando o prato.

- Tem. esse pobre danado velhaco. onde?

- No quarto das traseiras do último andar, nos meus alojamentos - informou Squeers - ele dum lado e a chave do outro!

- No teu alojamento? Puseste-o no teu alojamento? Oh! oh! O mestre- escola irritando toda a Inglaterra. Dá-nos a tua morada, homem - sou um maldizente, mas devo felicitar-te pela tua proeza. Tem-lo nos teus alojamentos?

- Sim - replicou Squeers, cambaleando na cadeira sob a pancada congratulatória que lhe deu no peito o valentão de Yorkshire. - Obrigado! Não faça isso outra vez.

Sei que fez por amabilidade, mas magôa bastante. sim, está lá. Não muito mau, pois não?

- Mau! - repetiu John Browdie. - Ouvi-lo contar não chega para espantar um homem!

- Pensava que isso o surpreendia um bocado - disse

Squeers esfregando as mãos. - Foi feito com muito asseio e muito depressa.

- Como foi? - perguntou John, sentando-se junto dele. Conte-nos tudo, homem; vamos, depressa!

Embora não pudesse falar com a diligência suficiente para satisfazer a impaciência de John Browdie, Mr. Squeers relatou, sem parar, o feliz acaso que lhe pôs nas mãos o Smike, excepto quando foi interrompido pelas observações dos seus auditores.

- Com medo que ele me passasse o pé - observou Squeers quando acabou, aparentando grande astúcia - tomei três lugares cá fora na diligência de amanhã - para Wackford,

para ele e para mim - e deixei as contas e os novos rapazes ao agente. Foi uma felicidade para vocês virem hoje, pois de contrário não nos viam; e é desnecessário

convidá-los para virem tomar chá comigo esta noite, pois não nos tornaremos a ver antes da partida.

- Não diga mais - replicou o homem de Yorkshire apertando-lhe a mão- Iríamos nem que fossem vinte mil tias.

- Vão, na verdade? - perguntou Squeers, que não esperava uma aceitação tão pronta ao seu convite pois de contrário teria pensado duas vezes antes de o ter feito.

A única resposta de John Browdie foi outro aperto de mão e a certeza de que não começariam a ver Londres antes do dia seguinte, para poderem estar em casa de Mr.

Snawley às seis horas em ponto. Depois de mais algumas palavras Mr. Squeers e o filho retiraram-se.

Durante o resto do dia Mr. Browdie esteve num singular estado de excitação, andando dum lado para o outro, desatando a rir, tirando o chapéu, dando estalos com os dedos, dançando, em resumo, conduzindo-se duma maneira tão extraordinária que Miss Squeers foi de opinião que ele estava a endoidecer e pedindo à sua querida Tilda para se não afligir, comunicou-lhe as suas suspeitas em muitas palavras. Contudo Mrs. Browdie, sem mostrar as suas suspeitas em muitas palavras, sem mostrar grande alarme, observou que já o tinha visto assim uma vez e, embora fosse quase certo ele adoecer depois, não era nada de sério e por isso seria melhor deixá-lo só.

O resultado provou que ela tinha inteira razão, pois enquanto estavam sentados na saleta de Mr. Snawley, nessa noite, John Browdie adoeceu e com tantas vertigens, que toda a gente ficou na maior consternação. Só a esposa teve o sangue-frio suficiente para dizer que se pudesse deitá-lo por uma hora ou mais na cama de Mr. Squeers, deixando-o inteiramente só, melhoraria quase tão depressa como adoecera. Ninguém podia recusar-lhe este favor e, deste modo, ajudaram o John a subir as escadas com alguma dificuldade, sendo deitado depois na cama, entregue ao cuidado da sua mulher, que reapareceu na saleta pouco depois, com a notícia de ter adormecido. A verdade, porém, era que John Browdie estava sentado na cama com um canto do travesseiro metido na boca, para evitar de ser ouvido o ruído das suas gargalhadas. Logo que reprimiu esta emoção, calçou os sapatos e, dirigindo-se para o quarto ao lado, onde o prisioneiro estava metido, deu volta à chave, entrou e pôs a mão na boca de Smike antes dele poder emitir qualquer som.

- Ora essa! Tu não me conheces, criatura? - segredou o homem de Yorkshire ao maravilhado rapaz. - Browdie. o tipo que te encontrou depois do mestre-escola ter apanhado a sova.

- Sim, sim! - exclamou Smike. - Oh, ajude-me!

- Ajudar-te! - replicou John, tapando-lhe outra vez a boca quando ele disse isto muito alto. - Tu não precisavas de ajuda se não fosses um jovem palerma como nunca existiu. Então como vieste parar aqui?

- Oh, foi ele que me trouxe! - informou Smike.

- Trouxe-te! - replicou John. - Porque não lhe socaste a cabeça, ou lhe deste pontapés e chamaste a polícia? Eu bati-me com dúzias como ele quando tinha a tua idade.

Mas tu és um pobre diabo e Deus me perdoe se faço pouco dos Seus filhos - concluiu John tristemente.

Smike abriu a boca para falar, mas John Browdie impediu-o.

- Está quieto - aconselhou o homem de Yorkshire --e não digas uma palavra, enquanto eu não te falar!

Com esta prevenção John Browdie abanou a cabeça significativamente e, tirando uma chave de parafusos da algibeira, desapareceu a fechadura com certa habilidade e pô-la, juntamente com a ferramenta, no chão.

- Vês isto? - perguntou John. - Foste tu que o fizeste. Agora, põe-te a andar! - repetiu John apressadamente. - Não sabes onde moras? Sabes? Bem. Estas roupas são tuas, ou do mestre-escola?

Minhas -respondeu Smike quando o homem de Yorkshire o levou num instante ao quarto anexo e lhe apontou um par de sapatos e um casaco, que estavam numa cadeira.

- Veste-os - ordenou John, forçando a entrada dum braço na manga contrária e passando as abas do casaco em volta do fugitivo - Agora segue-me e quando estiveres fora da porta volta à direita para eles te não verem passar.

- Mas. mas. ele ouve-me fechar a porta! - observou Smike tremendo dos pés à cabeça.

- Então não a feches - retorquiu John Browdie. - Espero que não tenhas medo que o mestre-escola se constipe.

- não - replicou Smike, batendo os dentes. - Mas ele apanha-me outra vez e apanha-me sempre!  
Apanha, apanha!

- Apanha! Apanha! - repetiu John impacientemente. Não apanha, não! Olha cá! Eu quero fazer-lhes crer que foste tu que fugiste pelos teus meios e não ajudado por mim, mas se ele vier da saleta enquanto estiveres a preparar-te para te raspar, ele que tenha pena dos seus ossos, porque não lhos poupo. Se ele aparecer cedo demais, garanto-te que o ponho a dormir. Mas se conservares o coração ao alto, estarás em casa antes deles saberem que fugiste. Vamos!

Smike que compreendeu disto o suficiente para saber que era um encorajamento, seguiu-o com passos vacilantes, quando John lhe sussurrou ao ouvido:

-Dize ao teu jovem patrão que eu casei com Tilly Price e posso ser encontrado no Saracen e que não tenho ciumes dele quando me lembro daquela noite! Parece-me que o vejo agora a despachar aquelas fatias finas, de pão com manteiga!

Era uma lembrança bastante jocosa para o momento, pois estava a ponto de soltar uma enorme gargalhada. Mas recobrando-se, deslizou pela escada abaixo com o Smike atrás de si, e pôs-se junto da porta da saleta para enfrentar o primeiro que saísse. Smike não precisou de segundo estímulo. Abrindo a porta com cautela, lançou ao seu protector um olhar de gratidão e desapareceu com a velocidade do vento.

O homem de Yorkshire ficou no seu posto ainda um bocado, mas ouvindo que a conversa na saleta continuava manteve-se agarrado ao corrimão ainda uma hora. Depois foi para a cama de Mr. Squeers, atirando a roupa para a cabeça para poder rir até ficar quase sufocado.

## CAPÍTULO XL

Nicholas apaixonou-se. Emprega um medianeiro com um inesperado sucesso, excepto num caso. De novo, fora das garras do seu velho inimigo, Smike não precisou de novos incentivos para se afastar o mais depressa possível da sua prisão. Perseguido pela ideia de ouvir a voz de Squeers a gritar, apressou cada vez mais o passo, pondo uma grande distância entre ele e o seu perseguidor. Foi só ao escurecer que fatigado, parou para escutar e tomar algum descanso. Tudo estava sossegado e silencioso. Um clarão a distância, indicava a cidade. Era tarde e, devido à escuridão, não podiam seguir-lhe os passos. De início, teve a ideia de fazer um grande circuito para entrar em casa, com medo de encontrar de novo Mr. Squeers nas ruas de Londres, mas achando que isto era uma tolice, dirigiu-se directamente para a cidade, onde a maior parte das lojas estavam fechadas, e finalmente, chegou a casa de Newman Noggs, depois de ter perguntado muitas vezes o caminho.

Nessa noite, Newman estava melancolicamente sentado no quarto, depois de ter feito aturadas pesquisas para o encontrar, assim como Nicholas. Quando ouviu o tímido bater de Smike, correu pela escada abaixo e soltou um grito de alegria ao reconhecê-lo. Fechando a porta, conduziu-o para o sótão e não o deixou até lhe ter preparado uma mistura de aguardente e água recomendando-lhe para a beber até à última gota. Mas ficou muito preocupado quando Smike mal chegou aos lábios a caneca e ia, ele próprio sorver o seu conteúdo, começou a contar a sua aventura.

Eram bastant singulares as várias mudanças por que Newman passava à medida que o conto de Smike prosseguia. A caneca, que ia levar à boca, passou para baixo do braço,

depois foi para cima da mesa, e pôs-se a passear agitadamente no quarto, parando só de vez em quando para escutar com mais atenção. Quando se falou de John Browdie, sentou-se na cadeira, esfregou as mãos nos joelhos e largou uns Ah! ah!, quando a história atingiu o seu ponto culminante. Tendo dado

largas à sua alegria pensou com muita ansiedade, se John Browdie e Squeers chegariam a vias de facto.

- Não! Penso que não! - respondeu Smike. - Não creio que ele desse pela minha falta até eu estar

afastado.

Newman coçou a cabeça com mostras de grande desapontamento e mais uma vez levou a caneca à boca, sorrindo, entretanto, para Smike.

- Você fica aqui - disse Newman. - Está cansado. fatigado. Eu vou preveni-los que voltou. Têm estado meios malucos por sua causa. Mr. Nicholas...

- Deus o abençoe! - interrompeu Smike.

- Amen! - secundou Newman. - Não têm tido um minuto de paz, ou de descanso; nem a senhora nem Miss Nickleby.

- Ela tem pensado em mim? - perguntou Smike. - Tem? Não me diga nada se não tiver!

- Tem sim - afirmou Newman. - Tem tão nobre coração quanto é bonita.

- Bem dito! - exclamou Smike.

- Muito terna e meiga - continuou Newman.

- Sim, sim! - repetiu Smike com dobrada energia.

- E, no entanto, com um espírito tão recto - prosseguiu Newman.

E ia a continuar no seu entusiasmo quando, por acaso, olhou para o companheiro e o viu com a cara coberta pelas mãos e as lágrimas a correrem-lhe pelos dedos. Um momento antes os olhos do rapaz brilhavam com um fogo incontido e todas as paixões estavam iluminadas por uma excitação que o faziam parecer diferente.

- Bem, bem! - murmurou Newman, como se sentisse um pouco intrigado. - Isto tocou-me mais duma vez, pensando como uma natureza pode estar exposta a tais experiências;

este pobre rapaz. sim, sim, também sente, isso intimida-o, fã-lo pensar na sua anterior tristeza. Ah! Sim, isso é... hum!

Estas entrecortadas reflexões explicavam satisfatoriamente as suas emoções. Newman tomou uma atitude meditativa, olhando de vez em quando para Smike duma maneira que mostrava suficientemente não estar muito remotamente ligado aos pensamentos do rapaz.

Como repetisse a proposta para Smike passar ali a noite e ele, Newman, ir imediatamente prevenir a família, o rapaz não concordou, ao o querer ir ver os seus amigos.

Assim, saíram os dois, só chegando ao seu destino com o sol posto havia uma hora, por Smike estar cansado de andar.

Ao primeiro som das suas vozes fora da porta, Nicholas, que passara a noite sem dormir levantou-se imediatamente da

cama e fê-lo entrar com muita alegria. Como todos despertassem, seguiu-se muito barulho, muita conversa, muitas felicitações e indignação quando Smike narrou a sua história, depois do acolhimento dispensado por Kate e pela própria Mrs. Nickleby.

Nicholas, ao princípio, atribuiu ao tio uma grande parte da tentativa, mas, por fim, inclinou-se pensando que o mérito devia ser todo atribuído a Mr. Squeers. Determinado

a saber por intermédio de John Browdie, em que pé ficaram as coisas, foi para as suas ocupações meditando em fazer pagar caro ao mestre- escola o seu ataque, mas teve de pôr todos os seus desígnios de lado, por impraticáveis.

- Uma bela manhã, Mr. Linkinwater! - disse Nicholas, entrando no escritório.

- Ah! - exclamou Tim - falo do campo, na verdade! O que pensa agora dum dia destes. um dia de Londres. hein?

- Fora da cidade está um pouco mais limpido - ripostou Nicholas.

- Mais límpido! - repetiu Linkinwater. - Devia vê-la da janela do meu quarto.

- E o senhor devia vê-la do meu - replicou Nicholas com um sorriso.

- Ora adeus! - exclamou Tim Linkinwater. - Não me fale nisso. Campo! Tolice! O que pode arranjar no Leadenhall Market todas as manhãs antes do pequeno almoço; e quanto a flores, vale a pena ir lá acima cheirar a minha flora, ou ver os goivos amarelos na janela do sótão das traseiras no n.º 6 do pátio.

- Então há goivos amarelos no N.º 6 do pátio? - perguntou Nicholas.

- Sim, há! - respondeu Tim - plantados num jarro partido, sem bico. Na última primavera floriram lá jacintos... Mas você com isso, decerto, vai troçar.

- Porquê?

- Por o terem florido em velhos frascos de graxa - disse Tim.

- Eu troço, com certeza!

Tim olhou atentamente para ele durante um momento como se o todo da resposta a encorajasse a ser mais comunitário; e pondo a pena, que tinha estado a afiar por detrás da orelha e fechando o canivete com um alegre ruído, continuou:

-Pertencem a um rapaz corcovado e doente, que está na cama e isto parece ser o único prazer da sua triste existência, Mr. Nickleby. Há quantos anos - pôs-se Tim a considerar - desde a primeira vez que o notei, era ele uma perfeita criancinha arrastando-se com um par de muletas. Bem, bem não há muitos, mas embora esse tempo não parecesse nada se o atribuísse a qualquer outra coisa quando me lembro dele parece

- me muito. É uma tristeza ver uma criancinha deformada separada das outras crianças, que são activas e alegres, observando os jogos em que lhes é negado o poderem participar. Muitas vezes causam-me profunda impressão.

- Tem um bom coração - comentou Nicholas - todo aquele que sai da rotina de todos os dias para se dedicar a essas coisas. O senhor estava a dizer.

- Que as flores pertenciam a esse pobre rapaz - replicou Tim - e nada mais.

- Quando está bom tempo e ele pode sair da cama, põe uma cadeira perto da janela e senta-se a olhar para as flores e para as arranjar durante todo o dia. Ao princípio costumávamos baixar a cabeça e depois começámos a falar, ele sorria e dizia Melhor, mas agora abana a cabeça e apenas se inclina mais para as suas velhas plantas.

Deve ser muito aborrecido ver durante muitos meses os escuros telhados das casas e as nuvens a correrem; mas ele é muito paciente!

-Não há ninguém em casa para o divertir ou para o ajudar? - inquiriu Nicholas.

- Creio que o pai mora lá - informou Tim - e também mais pessoas, mas parece que ninguém liga muita importância ao pobre aleijadinho. Tenho-lhe perguntado com frequência

se lhe posso ser útil, mas a sua resposta é sempre a mesma, Nada. Ultimamente a sua voz tem-se tornado mais fraca, mas dá sempre a mesma resposta. Agora não pode

abandonar a cama, por isso levam-no para perto da janela e ali fica todo o dia, olhando, ora para o céu, ora para as flores, as quais arranja meio de tratar, regando-as

com as mãos magrinhas. A noite, quando v a minha vela, puxa a cortina e deixa-a assim até eu me meter na cama. Pensa que é uma companhia para ele saber que estou

ali, que com frequência me sento à janela durante uma hora ou mais, e ver que estou ainda

acordado. As vezes levanto-me de noite para olhar para a luz melancólica

e desagradável do seu quatinho e pergunto a mim próprio se está acordado ou a dormir. Não virá longe a noite em que ele dormirá para nunca mais acordar na terra.

Nunca mais apertamos as mãos e, contudo, sentirei a sua falta como se fosse um velho amigo. Julga que haja flores no campo que me possam interessar como estas? Ou

supõe que o emurchecimento de centena de géneros de flores escolhidas, conhecidas por

arrazados nomes latinos como nunca foram inventados, me daria uma fracção

da tristeza que sentirei quando aqueles velhos jarros e frascos forem varridos para o lixo? Campo!

Não sabe que não podia ter um pátio assim sob a janela do meu

quarto a não ser em Londres?

Com esta pergunta, Tim voltou as costas e, pretendendo estar absorvido nas contas, arranjou uma oportunidade para enxugar rapidamente os olhos, quando supôs que

Nicholas estava a olhar para o outro lado.

Se as contas de Tim estavam mais intrincadas nessa manhã do que o costume, ou se a sua habitual serenidade estava um pouco perturbada por estas recordações, o facto

é que

quando Nicholas, regressando da execução de qualquer recado, lhe perguntou se Mr. Charles Cheeryble estava só no escritório, Tim, prontamente e sem

a mais pequena hesitação, respondeu-lhe afirmativamente, embora alguém tivesse entrado no escritório dez minutos antes, e Tim sentisse um particular orgulho em evitar a intromissão de qualquer pessoa mesmo dum dos irmãos, quando o outro estava ocupado com visitas.

- Se é assim, vou-lhe entregar imediatamente esta carta

- disse Nicholas, encaminhando-se para o escritório e batendo à porta.

Não houve resposta. Bateu outra vez com o mesmo resultado.

- Ele não deve estar - pensou Nicholas. - Vou deixá-la sobre a sua mesa.

Nicholas abriu a porta, entrou e voltou-se muito depressa para sair, quando viu com grande espanto e confusão, uma jovem ajoelhada aos pés de Mr. Cheeryble e este, tentando levantá-la e pedindo a uma terceira pessoa, com a aparência de criada, para o ajudar. Nicholas desfez-se em atrapalhadas desculpas e ia a retirar-se quando a jovem voltou um pouco a cabeça, mostrando-lhe as feições da encantadora rapariga vista na agência de colocações a quando da sua primeira visita. Relanceando os olhos para a criada, reconheceu ser a mesma e, entre a sua admiração pela beleza da jovem e a surpresa do inesperado encontro, ficou como uma estátua, incapaz de se mover, ou de falar.

- Minha querida ma'am... minha querida senhora - exclamou o irmão Charles em violenta agitação. - Suplico-lhe

que não... nem mais uma palavra, rogo-lhe, peço-lhe! Imploro-lhe... solicito-lhe... que se levante. Nós... nós... não estamos sós.

Enquanto falava, ergueu a jovem, que vacilou até à cadeira e desmaiou.

- Ela perdeu os sentidos, sir - informou Nicholas, avançando vivamente.

- Pobre querida, pobre querida! - exclamou o irmão Charles. - Onde está o meu irmão Ned? Ned, meu querido irmão, vem cá, suplico-te!

- Irmão Charles, meu querido rapaz! - respondeu o irmão apressando-se a entrar no escritório. - O que é que...

ah! o que? . .

- Silêncio! Silêncio! Nem uma palavra, pela tua vida, meu querido irmão... - retorquiu o outro. - Toca para a governanta e chama o Tim Linkinwater, sir... Mr. Nickleby, meu caro senhor, rogo-lhe para deixar o escritório.

- Parece-me que ela agora está melhor - avisou Nicholas, que tinha estado a observar a doente tão intensamente que não ouvira o pedido.

- Pobre passarinho! - exclamou o irmão Charles, tomando-lhe delicadamente a mão nas suas e encostando-lhe a cabeça ao braço. - Irmão Ned, meu querido rapaz, sei que vais ficar

surpreendido, seres testemunha disso a horas do expediente, mas. - Aqui lembrou-se de novo da presença de Nicholas e pediu-lhe com insistência para deixar o escritório e mandar entrar Tim Linkinwater sem demora.

Nicholas retirou-se imediatamente e no caminho para a contabilidade, encontrou a governanta e Tim Linkinwater, que se dirigiam a toda a pressa para o local da cena.

Sem esperar o recado, Tim Linkinwater entrou como uma seta no escritório e Nicholas ouviu a porta fechar-se e a chave correr pelo lado de dentro. Teve muito tempo para pensar na jovem, na sua excessiva beleza, no que a poderia ter trazido aqum e no mistério que se



fazia, por Tim Linkinwater ter estado ocupado durante uma hora.

Quanto mais pensava mais ansioso se tornava para saber quem ela era. Conhecê-la-ia entre dez mil, pensava Nicholas. E recordando a sua cara e figura, andou dum lado para o outro no aposento, sem fazer caso dos outros assuntos.

Por fim, Tim Linkinwater voltou. provocantemente frio com uns papéis na mão e uma pena na boca, como se nada tivesse acontecido.

-Está completamente restabelecida? - perguntou Nicholas impetuosamente.

- Quem? - inquiriu Tim Linkinwater.

-Quem! - repetiu Nicholas. - A jovem!

-Quantos são, Mr. Nickleby - interrogou Tim, tirando a pena da boca - quatrocentos e vinte e sete por três mil duzentos e trinta e oito?

-Não - replicou Nicholas - o que me diz primeiro da minha pergunta? Eu perguntei-lhe.

-Pela jovem - disse Linkinwater, pondo os óculos. Com certeza. Está muito bem!

-Está muito bem? - inquiriu Nicholas.

-Muito bem - retorquiu Mr. Linkinwater gravemente.

- Será capaz de ir para casa hoje? - quis saber Nicholas.

-Ela foi-se embora.

- Embora?

- Sim.

-Espero que não tenha ido para muito longe - declarou Nicholas com ardor.

- Sim - replicou Tim - espero que não!

Nicholas arriscou mais uma ou duas observações a respeito da bela desconhecida, mas era evidente que Linkinwater tinha as suas razões para evitar o assunto.

No dia seguinte Mr. Linkinwater estava muito conversador e comunicativo e Nicholas aproveitou para fazer algumas perguntas sobre o caso da véspera, mas sobre esse assunto Tim voltou à sua taciturnidade, respondendo por monossílabos, ou não dando resposta, o que serviu para despertar o interesse de Nicholas ao mais alto grau.

Nicholas contentou-se em aguardar a próxima visita da jovem, mas nisto também ficou desapontado. Passaram-se os

dias sem ela voltar e Nicholas começou a verificar as notas e a correspondência, não encontrando, contudo, nada que fosse escrito por ela. Em duas ou três ocasiões mandaram-no sair em serviço, enquanto a jovem era admitida na sua ausência, mas nada transpirou a respeito destas visitas.

Enquanto os assuntos corriam desta forma, a falta de correspondência dos irmãos Cheeryble da Alemanha, impôs a Tim Linkinwater e a Nicholas a necessidade de ficarem no escritório até às dez horas da noite, por uma semana ou mais, e como nada diminuía o zelo de Nicholas pelos seus amáveis patrões, concordou alegremente. Na primeira destas noites, às nove horas precisas, não veio a jovem, mas a criada, que se fechou com o irmão Charles durante algum tempo e se foi embora, voltando na noite seguinte à mesma hora, e na outra e na outra.

Estas repetidas visitas inflamaram a curiosidade de Nicholas ao mais alto ponto e não podendo desvendar o mistério sem prejuízo do serviço, pediu a Newman Noggs para seguir a rapariga e procurar saber, sem suscitar suspeitas, a morada, o nome e a sua história. Orgulhoso da sua missão, Newman Noggs plantou-se no largo ao pé da bomba, aguardando pacientemente a vinda da mensageira, que foi pontual à sua hora e partiu depois duma entrevista um pouco mais longa. Newman tinha marcado dois encontros com Nicholas, numa taberna a cerca de meio caminho entre a City e Golden Square. Na primeira noite não esteve lá, mas na segunda chegou primeiro que Nicholas e recebeu-o de braços abertos.

- Está tudo bem - sussurrou Newman. - Sente-se. sente-se, meu querido amigo, e deixe-me contar-lhe tudo.

Nicholas não precisou de segundo convite e, ansiósamente, perguntou quais eram as novidades.

-Há uma grande quantidade de notícias - respondeu Newman, excitado pelo alvoroço da alegria. - Está tudo bem. Não sei por onde começar. Não faça caso. Alegre-se! Está tudo bem.

-Bem? - perguntou Nicholas vivamente. - Sim?

-Sim - confirmou Newman. - É isso mesmo!

- Mas o que é isso? - inquiriu Nicholas. - O nome. o nome, meu querido amigo.

- O nome é Bobster - informou Newman.

- Bobster! - repetiu Nicholas indignado.

-É o nome - disse Newman. - Lembro-me pela lembrança com lobster. Iagosta!

-Bobster - repetiu Nicholas menos enfaticamente do que antes. - Esse deve ser o nome da criada.

-Não, não é - replicou Newman, abanando a cabeça duma maneira muito positiva. - Miss Cecília Bobster.

-Cecília? - comentou Nicholas, murmurando os dois no mes juntos, muitas vezes e em muitos tons, para experimentar o efeito. - Bem, Cecília é um bonito nome.

-Muito. E também uma linda criatura - disse Newman.

- Quem? - perguntou Nicholas.

- Miss Bobster.

-Onde a viu? - interrogou Nicholas.

-Não se importe, meu querido rapaz - replicou Newman batendo-lhe no ombro. - V-a. E o senhor vê-laá. Eu manobrei tudo.

-Meu querido Newman - exclamou Nicholas, apertando

-Lhe a mão. - Está a falar a sério?

- Estou - afirmou Newman. - Queria dizer tudo. Todas as palavras. Vê-la-á amanhã à noite. Ela consente que o senhor lhe fale. Persuadi-a. É toda afabilidade, bondade, doçura e beleza.

-Sei que é; sei que deve ser, Newman! - disse Nicholas, apertando-lhe a mão.

-Tem razão! - retorquiu Newman.

-Onde mora? - interrogou Nicholas. - Como soube a sua história? Tem pai, mãe, quaisquer irmãos, irmãs? O que disse ela? Como conseguiu vê-la? Ela não ficou muito surpreendida? Disse-lhe como suspirava para lhe falar? Disse-lhe que a vi? Disse como, quando, onde por quanto tempo e quantas vezes tenho pensado nessa adorável face na minha amarga tristeza, como um instantâneo dum mundo melhor? Disse, Newman. disse?

O pobre Noggs perdeu literalmente o fôlego com todas estas perguntas e mexeu-se espasmodicamente na cadeira a cada nova interrogação, olhando, muito atrapalhado para Nicholas, com uma expressão de cómica perplexidade.

-Não - respondeu Newman - não lhe disse!

-Não lhe disse o quê? - perguntou Nicholas.

- Acerca dum instantâneo dum mundo melhor - respondeu Newman. - Não lhe disse quem o senhor era, nem onde a tinha visto? Disse-lhe que o senhor a amava com loucura!

- É verdade Newman - exclamou Nicholas com a sua característica veemência. - Deus sabe que a amo!

-Disse-lhe que o senhor a admirara durante muito tempo, em segredo.

-Sim, sim! O que disse ela a isso? - interrogou Nicholas.

- Corou.

-Decerto. Decerto devia corar - comentou Nicholas aprovadoramente.

Newman, continuando, relatou que a jovem perdera a mãe, vivia com o pai e consentira em dar uma entrevista ao seu admirador, por intercessão da criada, que tinha uma grande influência sobre ela. Quanto às visitas aos irmãos Cheeryble; continuavam misteriosas por Newman não ter tido ocasião de aludir a elas. Mas Newman desconfiava, pelo que a confidente deixara escapar que a jovem levava uma vida triste e infeliz sob a guarda do seu único parente cujo carácter era violento e brutal, por isso

pedira a protecção e a amizade dos dois irmãos. Depois de muitas outras perguntas sobre o assunto, combinaram encontrar-se na noite seguinte, às dez e meia, com o fim de irem à entrevista, que estava marcada para as onze horas.

As coisas acontecem dum modo muito estranho, pensava Nicholas, encaminhando-se para casa, Nunca esperei nada disto; nunca sonhei com semelhante possibilidade. Saber alguma coisa da vida daquela por quem sinto interesse, vê-la na rua, passar pela casa onde habita, encontrá-la algumas vezes nos seus passeios, esperar que viesse um dia em que lhe pudesse confessar o meu amor. Isto era o máximo dos meus pensamentos. Contudo, agora... Mas, na verdade, devo ser maluco para me incomodar com a minha boa sorte!

No entanto, Nicholas não estava satisfeito e havia mais descontentamento do que irritação de sentimentos. Estava zangado com a jovem por ter sido tão facilmente conquistada. Porque - raciocinava ele - não é como se ela me conhecesse, pois podia ser outra pessoa, o que era, na verdade, pouco agradável. A seguir, zangou-se consigo próprio por alimentar tais pensamentos, argumentando que nela só a bondade residia, ou não tivesse a estima dos irmãos. O facto é que ela é um mistério, concluiu Nicholas.

Vestiu-se com grande cuidado e até o próprio Newman Noggs se esmerou. Atravessaram as ruas em profundo silêncio e depois de terem andado um bom bocado, chegaram a um sítio de aparência triste e muito pouco frequentado, perto de Edgware Road.

- Número doze - informou Newman.

-Olá! - exclamou Nicholas, olhando em redor.

- Boa rua? - perguntou Newman.

-Sim, mas bastante melancólica - replicou Nicholas. Newman não deu resposta a este comentário e parando subitamente, plantou Nicholas com as costas para uns terrenos gradeados e deu-lhe a entender que tinha de esperar ali, sem mexer as mãos ou os pés, até ele ter verificado satisfatoriamente se a entrada estava livre. Feito isto,

Noggs afastou-se com grande alegria, olhando a todos os instantes por cima do ombro para ter a certeza se Nicholas estava a obedecer às suas instruções e, subindo os degraus duma casa, umas doze portas adiante, desapareceu. Depois duma curta demora reapareceu e, parando a meio caminho, fez sinal a Nicholas para o seguir.

-Bem! - exclamou Nicholas, avançando para ele na ponta dos pés.

-Muito bem - respondeu Newman muito contente. Muito bem; ninguém em casa. Não podia ser melhor.

Com esta animadora certeza, passou uma porta da rua, na qual Nicholas num relance viu uma chapa de latão com Bobster em caracteres muito grandes e, parando na área da cancela, que estava aberta, fez sinal ao jovem amigo para descer.

-O que diabo temos nós que cheirar na cozinha? - exclamou Nicholas, recuando.

- Silêncio - recomendou Newman. - O velho Bobster. é um turco feroz. Mata-as a todas. esmurra as orelhas da jovem... fá-lo muitas vezes.

-O quê! - gritou Nicholas com uma violenta raiva - quer-me dizer que qualquer homem se atreve a esmurrar as orelhas duma tão.

Não teve tempo de recitar as prendas da sua adorada, por Newman lhe ter dado um ligeiro empurrão, que o ia quase precipitando para o fim dos degraus. Nicholas desceu as escadas seguido de Newman, que lhe agarrou na mão e o guiou por um corredor empedrado, profundamente escuro, para uma cozinha, ou adega, onde pararam.

- Bem - disse Nicholas num sussurro descontente. - Suponho que isto não é tudo, pois não?

-Não! - retorquiu Noggs. - Elas vêm imediatamente. Está tudo bem.

-Satisfaz-me ouvir isso - afirmou Nicholas. - Confesso que não pensava assim.

Não trocaram mais palavras e Nicholas ficou a escutar a respiração de Newman Noggs e a imaginar que o seu nariz parecia brilhar como um carvão ao rubro, mesmo no meio da escuridão que os envolvia. De repente, ouviu passos cautelosos e logo a seguir, uma voz

feminina perguntou se o cavalheiro estava ali.

- Sim - respondeu Nicholas, voltando-se para o sítio donde vinha a voz. - Quem está aí?

- Apenas eu, sir - respondeu a voz. - Agora se faz favor, ma'am.

Uma luz alumiu o lugar e apareceu imediatamente a criada trazendo uma vela, seguida pela sua jovem patroa, que parecia cheia de modéstia e de confusão.

A vista da jovem, Nicholas deu um salto e mudou de cor; o coração bateu com violência e ficou pregado ao chão. No mesmo instante e quase simultaneamente com a chegada de ambas, ouviu-se um bater furioso na porta da rua, fazendo com que Newman Noggs descesse com grande agilidade dum barril de cerveja, onde se sentara, e exclamar com a cara da palidez da cinza:

-Meu Deus, o Bobster!

A jovem tremeu e a criada torceu as mãos. Nicholas olhou duma para a outra com aparente satisfação, e Newman pôs-se a andar muito depressa dum lado para o outro, metendo, sucessivamente, as mãos nas algibeiras e puxando o forro para fora, no excesso da sua irresolução. Foi apenas um momento, mas esse instante foi de tal confusão que se não pode imaginar.

- Por amor de Deus, saiam! Fizemos mal. merecemos tudo - pediu a jovem. - Saiam ou fico para sempre desgraçada e mal vista.

-Quer ouvir só uma palavra? - perguntou Nicholas. Apenas uma. Não a demorarei. Quer ouvir uma palavra para explicar este infortúnio?

Mas Nicholas podia estar a falar da mesma forma para o vento, porque a jovem, com olhares inquietos, correu pela escada acima. Tê-la-ia seguido se Newman não lhe agarrasse a gola do casaco e o arrastasse para o corredor por onde tinham entrado.

-Deixe-me ir, Newman, em nome do diabo! - exclamou Nicholas. - Preciso de lhe falar. Não saio daqui sem isso.

- Reputação. carácter. violência. considere! - disse Newman, puxando-o para sair. - Deixe-as abrirem a porta. Vamos como viemos. Venha! Por aqui!

Vencido pelas exortações de Newman, pelas lágrimas e súplicas da rapariga e pelo tremendo barulho lá em cima, Nicholas deixou-se conduzir e, precisamente quando Mr. Bobster entrava pela porta da rua, ele e Noggs saiam pela cancela.

Andaram apressadamente através de várias ruas, sem falar, ou parar. Por fim, detiveram-se e olharam um para o outro com ar perplexo e lúgubre.

- Não faz mal! - disse Newman, tomando fôlego. - Não se deixe abater. Está tudo bem. Da próxima vez seremos mais felizes. Não havia mais nada a fazer. Eu fiz o meu papel.

-Exactamente - replicou Nicholas, agarrando-lhe na mão.

- Excelentemente e como um amigo zeloso e verdadeiro que é. Apenas. note, não estou desapontado, Newman, e sinto o mesmo reconhecimento por si. Apenas. não era a mesma senhora.

- O quê? - exclamou Newman Noggs. - Apresentada pela criada.

- Newman Noggs - continuou Nicholas, pondo-lhe a mão no ombro - também não era a mesma criada.

O queixo de Newman descaiu e olhou espantado para Nicholas, com o olho bom, imovelmente fixado na cabeça dele.

- Não tome isto a sério - aconselhou Nicholas - não tem importância. Como vê eu não faço caso. seguii uma pessoa errada e nada mais.

E foi tudo. Se Newman Noggs tivesse olhado em volta da bomba numa direcção oblíqua, durante tanto tempo que a vista se tornou fraca, ou se, considerando que havia tempo suficiente, se confortou com umas gotas de alguma coisa mais forte do que a bomba podia fornecer, foi esse o seu engano. E Nicholas foi para casa a pensar no sucedido e meditar no encontro da jovem desconhecida, agora tão longe do seu alcance como nunca.

## Capítulo XLI

Algumas passagens românticas entre Mrs. Nickleby e o vizinho

Desde a sua última conversa importante com o filho, Mrs. Nickleby começou a ter um cuidado invulgar na sua pessoa, ornamentando-se mais e vestindo-se com mais esmero.

Podia

ter sido levada a este procedimento por um alto sentimento de dever e os impulsos de indiscutível distinção. Podia, neste momento, sentir-se impressionada pela necessidade de ser um exemplo de cuidado e decoro para a filha. Postas de parte as considerações de dever e responsabilidade, a mudança podia ter tido a sua origem em sentimentos de caridade, a mais pura e desinteressada. O cavalheiro seu vizinho fora aviltado por Nicholas; rudemente estigmatizado como um velho tonto e um idiota, e estes ataques, de certa maneira, eram causados por ela. Como boa cristã podia querer mostrar que o cavalheiro não era, nem uma, nem outra coisa. E que melhores meios podia adoptar para provar que a paixão dele era a mais racional e razoável do mundo, se não exibir os seus maduros encantos, sem reserva?

Ah!u, exclamou para si, abanando gravemente a cabeça, se Nicholas soubesse como o seu pobre querido papá sofreu antes de estarmos comprometidos, quando eu costumava odiá-lo, teria um pouco mais de sentimentos. Poderei alguma vez esquecer a manhã em que o olhei com desprezo quando ele se ofereceu para me levar a sombrinha? Aquela noite em que lhe franzi as sobrancelhas? Foi um bem que ele não tivesse emigrado. Eu quase o levei a isso.

Se o falecido pudesse ter feito bem em emigrar no seu tempo de solteiro foi uma questão que a viúva não considerou, por Kate ter entrado no aposento com a caixa de costura, nesta altura das suas reflexões, e em qualquer ocasião a mais ligeira interrupção, ou não interrupção, fazia convergir os seus pensamentos para outros caminhos.

- Kate, minha querida - disse ela - não sei como é, mas um dia de Verão, quente e agradável coma este, com os pássaros a cantarem de todos os lados, faz-me sempre lembrar porco com cebolas e molho da carne.

- uma curiosa combinação de ideias, não é, mamã?

-Palavra, minha querida, que não sei - replicou Mrs. Nickleby. - Porco assado. deixa-me ver. No dia em que fez cinco semanas que foste baptizada tivemos um assado.

não, não podia ter sido de porco porque havia duas coisas para trincar e o teu pobre papá e eu nunca podíamos ter pensado em comer dois porcos. devem ter sido perdizes.

Porco assado! Mal penso se alguma vez comi, agora me lembro, pois o teu papá nunca pôde suportar vê-los nos talhos e costumava dizer que lhe recordavam sempre bebês

muito pequenos, apenas por que os porcos tinham uma cor mais clara. Ele também tinha horror aos bebês por não poder permitir-se num aumento de família, o que muito

o desgostava. É esquisito, mas o que poderia ter-me metido isto na cabeça? Recordo-me de ter uma vez jantado em casa de Mr. Bevan, naquela rua larga ao voltar da

esquina, perto do fabricante de carruagens, onde o bêbado caiu pelo alçapão numa adega quase uma semana antes do dia do vencimento e só o acharam quando o novo inquilino

entrou e onde então comemos porco assado! Deve ser isso

que me fez lembrar do porco, especialmente por haver um passarinho a cantar durante todo o jantar... Bem, não era um passarinho, era um papagaio e não cantava mas

falava e praguejava horivelmente. Deve ter sido isso. Não dirias o mesmo, minha querida?

-Diria que não há dúvida - retorquiu Kate com um alegre sorriso.

-Não, mas não pensas assim, Kate? - perguntou Mrs. Nickleby com uma tal gravidade como se fosse um assunto do mais vivo interesse. - Se não dizes isso imediatamente,

é porque precisa de ser corrigido por ser muito curioso e valer a pena pensar no caso.

Kate, a rir, disse que estava completamente convencida e propôs que levassem o trabalho para o

caramanchão para gozarem a beleza da tarde. Mrs. Nickleby prontamente assentiu e lá foram sem mais comentários.

-Direi que nunca houve uma criatura tão boa como Smike - observou Mrs. Nickleby. - Palavra, os trabalhos por que ele passou para pôr o pequeno caramanchão a direito e criar as mais lindas flores em volta dele estão para além de qualquer outra coisa. Só gostava que não tivesse posto todo o cascalho do teu lado, e só me tivesse deixado terra.

- Querida mamã - retorquiu Kate rapidamente. - Sente-se aqui. sente-se.

-Não, minha querida, na verdade fico no meu lado -disse Mrs. Nickleby. - Bem! Eu explico! Kate olhou interrogativamente.

- Se ele não tivesse trazido de qualquer sítio umas poucas de raízes daquelas flores que eu disse na outra noite que era doida por elas, e te perguntou se tu não eras. tu disseste que sim e perguntou-me se eu não era. palavra que tomo isto como uma coisa muito atenciosa! Porém, não vejo nenhuma do meu lado, mas suponho que se dão melhor perto do cascalho. Podes ter a certeza que sim e é essa a razão de estarem todas junto de ti.

-Mamã - disse Kate, inclinando-se para o trabalho, para que a cara ficasse meio escondida - antes de ter casado.

-Meu Deus, Kate, o que te faz fugir para esse tempo, quando te estou a falar do cuidado e atenção de Smike para comigo? Parece não sentires o mais pequeno interesse pelo quintal.

-Oh, mamã - replicou Kate, levantando a cara - bem sabe que sinto.

- Bem, então, minha querida, porque não elogias o primor e a elegância com que ele é conservado?

- inquiriu Mrs. Nickleby.

-Mas eu elogio-o, mamã! - respondeu Kate docemente. Pobre rapaz!

- Mal te tenho ouvido nesses elogios, minha querida - replicou Mrs. Nickleby - é tudo quanto tenho a dizer.

Como a boa senhora estava há muito a tratar do mesmo assunto, por isso caiu imediatamente na pequena ratoeira da filha, se ratoeira era, e inquiriu o que ia ela dizer.

- Sobre o quê, mamã? - interrogou Kate que, aparentemente, já esquecera.

-Meu Deus Kate. Estás a dormir, ou és estúpida! Sobre o tempo antes de me casar!

-Ia perguntar-lhe, mamã: antes de casar tinha muitos apaixonados?

- Apaixonados, minha querida! - respondeu Mrs Nickleby com um sorriso de maravilhosa complacência. - Do primeiro ao último, Kate, deviam ser uma dúzia, pelo menos.

- Mamã! - exclamou Kate num tom de censura.

-Sim, minha querida, não incluindo o teu pobre papá, ou um jovem que costumava ir, nesse tempo, à mesma escola de dança e que queria mandar relógios de ouro e braceletes para a nossa casa em papel dourado nas margens, que foram sempre devolvidos, e que depois foi para Botany Bay num navio de cadetes - quero dizer num navio de condenados

- e escapou-se num matagal, e matou carneiros, não sei como lá foram parar, ia ser enforcado, mas afogou-se, apenas acidentalmente, e o governo perdoou-lhe. Houve

depois o jovem Lukin - continuou Mrs. Nickleby, começando a contar os nomes pelos dedos, a principiar no polegar da mão esquerda - Mogley. Tiplark. Cabbery. Smifser.

Tendo chegado ao dedo mínimo, Mrs. Nickleby ia continuar a contagem na outra mão quando um audível Hum!, que parecia vir da própria fundação do muro do quintal, fez sobressaltar ambas com violência.

- Mamã, o que foi isto? - perguntou Kate em voz baixa.

- Palavra, minha querida - respondeu Mrs. Nickleby, completamente sobressaltada - a menos que não seja o cavalheiro pertencente aqui ao lado, não sei o que possa ser.

A mesma voz gritou um novo Hum!, mas não no tom vulgar de aclarar a garganta, numa espécie de

berro, que des pertou todos os ecos da vizinhança e se prolongou numa extensão que deve ter tornado a cara violácea de quem o soltara.

- Compreendo agora, minha querida - disse Mrs. Nickleby pondo a sua mão na de Kate. - Não te alarmes, meu amor; não te é dirigido e não é para assustar ninguém.

Deixemos os outros terem os seus direitos, é o que me limito a dizer.

Dizendo isto, Mrs. Nickleby acenou com a cabeça e deu pancadinhas nas costas da mão da filha.

- O que quer dizer, mamã? - perguntou Kate com evidente surpresa.

- Não te inquietes minha querida - respondeu Mrs. Nickleby, olhando para o muro do quintal- pois eu não estou assustada como vês, eu não estou, Kate. absolutamente nada.

- Parece ter por objectivo atrair a nossa atenção, mamã -observou Kate.

-É objectivamente para atrair a nossa atenção. Minha

querida. pelo menos - replicou Mrs. Nickleby, levantando-se e dando pancadinhas na mão da filha - é para atrair a atenção duma de nós. Não precisas de estar inquieta, minha querida!

Kate olhou muito perplexa e ia pedir mais explicações, quando se ouviu um berro e o barulho de pés a arrastarem-se com muita violência no cascalho, tudo vindo da mesma direcção dos sons anteriores, e um grande pepino cortou o ar com a velocidade dum foguete, indo cair aos pés de Mrs. Nickleby. Esta notável aparição foi seguida por outra, precisamente igual e depois por uma bela couve de dimensões invulgares, vários pepinos juntos e, finalmente, o ar escureceu com uma névem de cebolas, rábanos e outros vegetais pequenos.

Kate levantou-se do lugar, um pouco assustada, e agarrou na mão da mãe para fugirem ambas para casa mas encontrou-a mais resistente do que concordante e seguindo a direcção dos olhos de Mrs. Nickleby, ficou completamente aterrada vendo aparecer por cima do muro, a pouco e pouco, um velho boné de veludo preto, seguido por uma grande cabeça e uma cara de velho, onde havia um par dos mais extraordinários olhos cinzentos... sorrateiro e desagradável.

- Mamã! - exclamou Kate, realmente aterrada - Por que pára, e perde tempo? Mamã, suplico-lhe, vamos para casa!

- Kate, minha querida - retorquiu a mãe, detendo-a - como podes ser tão pateta? Tenho vergonha de ti. Como podes impor-te, vencer alguma vez na vida, se és assim tão covarde? O que deseja, sir? - perguntou Mrs. Nickleby dirigindo-se ao intruso com uma espécie de afectado sorriso de desgosto. Como se atreve a olhar para este quintal?

- Rainha da minha alma - replicou o estranho, cruzando as mãos. - Sorva esta taça.

- Disparate, sir - disse Mrs. Nickleby. - Kate, meu amor, suplico-te que te cales.

- Não quer sorver a taça? - insistiu o estranho com a cabeça de lado, implorando, e a mão direita no peito. - Oh, sorva a taça!

- Não farei nada desse género, sir - respondeu Mrs. Nickleby. - Peço-lhe, vá-se embora!

- Porquê? - disse o senhor de idade, subindo uns degraus e pondo os cotovelos no muro como se estivesse à janela - porque é que a beleza é sempre pertinaz, mesmo

quando a admiração é tão honrosa e respeitosa como a minha? - Aqui sorriu, beijou a própria mão e fez várias reverências - devido às abelhas que, quando a estação apícula acaba e se supõe que elas tenham morrido com o enxofre, na realidade voam para a Barbaria e embalam os muros cativos no sono, com as suas lânguidas cantigas?

Ou é - acrescentou, baixando a voz até um sussurro - em consequência da estátua de Charing Cross ter sido ultimamente vista à meia noite em Stock Exchange, passeando de braço dado com a bomba de Aldgate, em fato de montar?

- Mamã - murmurou Kate - ouve-o?

- Silêncio, minha querida! - replicou Mrs. Nickleby, no mesmo tom de voz - Ele é muito delicado e creio que isto é uma citação poética. Peço-te, não me maltrates

assim, beliscando-me o braço e deixando-o com nódoas negras. Vá-se embora, sir!

- Completamente embora? - inquiriu o cavalheiro com um olhar terno. - Oh, completamente embora?

- Sim - retorquiu Mrs. Nickleby - certamente. Não tem nada que fazer aqui. Isto é uma propriedade particular, sir; deve saber isso.

- Sei - afirmou o senhor de idade, pondo o dedo no nariz com um ar de familiaridade muitíssimo repreensível- que isto é um lugar sagrado e encantado, onde os mais divinos encantos - aqui beijou a mão e curvou-se de novo - vogam suavemente sobre os quintais da vizinhança, e forçam os frutos e os vegetais a uma existência prematura.

Mas permitir-me-à, lindíssima criatura, que lhe faça uma pergunta na ausência do planeta Vénus, que foi em negócios aos Horse Guards, caso contrário, ciumento dos seus superiores encantos, interpor-se-ia entre nós?

- Kate - observou Mrs. Nickleby, voltando-se para a filha

- isto é positivamente muito absurdo. Realmente não sei o que dizer a este cavalheiro. Uma pessoa deve ser educada, bem sabes.

- Querida mamã - retorquiu Kate - não lhe diga nada e vamos para casa o mais depressa que pudermos, fechando-nos até que venha Nicholas.

A atitude de Mrs. Nickleby foi terrível para não dizer altiva, perante esta humilhante proposta, e, voltando-se para o velho senhor, que as estivera a observar durante estes murmúrios, com absorvente curiosidade, disse:

-Se se conduzir, sir, como cavalheiro, que depreendo ser, pela sua linguagem e e. aparência. é a cópia perfeita do teu avô, Kate, minha querida, nos seus melhores tempos e me fizer a pergunta em palavras claras, responderei.

Se o excelente papá de Mrs. Nickleby tivesse uma semelhança no seu melhor tempo, com o vizinho que espreitava por cima do muro, devia ter sido um velhote muito ridículo na Pri mavera da vida. Talvez Kate pensasse assim, pois aventurou-se a dar uma vista de olhos para o retrato vivo do seu avô com alguma atenção, quando ele tirou o boné de veludo preto, mostrando uma cabeça perfeitamente careca e fez uma longa série de reverências, cada uma delas acompanhada com um novo beijo na mão. Depois de se cansar, segundo toda a aparência, com esta fatigante execução, cobriu a cabeça mais uma vez, puxou o boné muito cuidadosamente para as pontas das orelhas e, readquirindo a sua primitiva atitude, disse:

- A pergunta é.

Aqui parou para olhar para todos os lados, ficando satisfeito por não haver gente a escutar por ali perto. Certo de que não havia, bateu no nariz várias vezes, acompanhando o gesto

com um olhar astuto, como se se congratulasse pela sua precaução e, estendendo o pescoço, perguntou num audível sussurro:

- A senhora é princesa?

- Está a fazer pouco de mim, sir? - replicou Mrs. Nickleby, fazendo uma retirada fingida para casa.

- Não, mas é? - insistiu o velho senhor.

- Sabe que eu não sou, sir - respondeu Mrs. Nickleby.

- Então tem qualquer parentesco com o Arcebispo de Canterbury? - inquiriu o senhor com grande ansiedade. - Ou com o Papa de Roma, ou com o Presidente da Câmara dos

Deputados? Perdoe-me se estou em erro, mas disseram-me que a senhora era sobrinha do Comissário das Obras Públicas e nora do Presidente da Câmara e da Junta Municipal, o que explicaria o seu parentesco com todos três.

-Quem quer que tenha espalhado essas informações, sir

- replicou Mrs. Nickleby com alguma veemência - tomou grande liberdade em servir-se do meu nome e tenha a certeza, se o meu filho Nicholas sabe disso, não o permitirá um instante. Que ideia - continuou Mrs. Nickleby, levantando-se - sobrinha do Comissário das Obras Públicas!



- Suplico-lhe, mamã, retiremo-nos - sussurrou Kate.

- Suplicolhe, mamã! - repetiu Mrs. Nickleby zangada. Tolice, Kate, mas devia ser esse precisamente o procedimento. Se dissessem que eu era sobrinha dum débil pisco, quem se importaria? Mas não tenho simpatias - choramingou Mrs. Nickleby - e não as espero.

- Lágrimas! - exclamou o senhor com um salto tão enérgico, que caiu dois ou três degraus e raspou o queixo no muro

- Apanhem os gladiolos cristalinos. apanhem-nos. rolhem-nos bem. ponham lacre no cimo. selem-nos com um Cupido. rotulem-nos com a melhor qualidade.. e ponham-nos no décimo quarto lote com uma grade de ferro no cimo, para afastar o trovão!

Dando estas ordens como se tivesse uma dúzia de aju dantes, todos activamente empenhados na sua execução, voltou o boné de veludo de dentro para fora, pô-lo com grande dignidade, de forma a tapar o olho direito e três quartas partes do nariz e, fincando as mãos nas ilhargas, olhou ferozmente para um pardal que estava perto, até o pássaro voar, pondo, então, o boné na algibeira com um ar de grande satisfação, dirigiu-se com modos muito respeitosos a Mrs. Nickleby:

- Bela madame, se me enganei com respeito à sua família, ou parentes, humildemente lhe suplico para me perdoar. Se supus que estava aparentada com Potências Estrangeiras e Juntas Nacionais é por a senhora ter umas maneiras, um porte, uma dignidade que, me desculpará dizer-lhe, ninguém, a não ser a senhora, talvez com a única excepção da musa trágica, quando representa extemporaneamente ao som do realejo, em frente da East India Company, a pode igualar. Não sou um jovem, ma'am, como vê, e embora os senhoress como a senhora se possam tornar velhos, aventure-me a presumir quee estamos talhados um para o outro.

- Realmente Kate, meu amor - exclamou Mrs. Nickleby debilmente e olhando para outro lado.

- Tenho propriedades, ma'am - confessou o senhor, floreando o braço direito negligentemente, como se fizesse pouco caso destes assuntos e falando muito depressa

-joias, faróis, viveiros de peixes, uma pescaria de baleias no Mar do Norte e várias ostreiras de grande rendimento no Oceano Pacífico. Se a senhora tiver a gentileza de descer a Royal Exchange e tirar o chapéu erguido da cabeça do possantíssimo bedel, encontrará o meu cartão de visita no forro, envolvido num bocado de papel azul.

A minha bengala também se pode ver a instâncias do capelão da Câmara dos Comuns, a quem é proibido entregar qualquer quantia para a mostrar. Tenho inimigos em volta de

mim, ma'am - olhou para a casa e falou mais baixo - que me atacam em todas as ocasiões e desejam apoderar-se dos meus bens. Se a senhora me fizer feliz com a sua mão e o seu coração, pode apelar para o Ministro da Justiça, ou chamar o da Guerra, se for necessário. Depois disso, amor, delícia, êxtase; êxtase, amor e delícia.

Seja minha, seja minha!

Repetindo estas últimas palavras com grande êxtase e entusiasmo, o senhor de idade pôs de novo o boné de veludo e, olhando para o céu duma maneira precipitada, disse qualquer coisa que não foi completamente inteligível, com respeito a um balão que esperava e que estava bastante atrasado.

- Seja minha, seja minha! - repetiu.

- Kate, minha querida - disse Mrs. Nickleby - Mal posso falar, mas é necessário, para a felicidade de todos, que este assunto seja arrumado para sempre.

- É necessário, com certeza, dizer alguma coisa, mamã?raciocinou Kate.

-Hás-de permitir-me, se fazes favor, minha querida, que eu julgue a minha própria conduta-replicou Mrs. Nickleby.

- Seja minha, seja minha! - gritava o senhor.

- Mal se pode esperar, sir - declarou Mrs. Nickleby, fixando os olhos modestamente no chão - que eu diga a um estranho se me sinto lisonjeada com propostas que, certamente, são feitas em circunstâncias muito singulares; contudo, ao mesmo tempo, tanto quanto

significam e até a um certo limite, decerto são muito de agradecer e agradáveis aos sentimentos duma pessoa.

- Seja minha, seja minha! - gritou o senhor.

- Para mim será suficiente dizer, sir - continuou Mrs. Nickleby com perfeita seriedade - e tenho a certeza que verá a decência de receber a resposta e de se ir embora, por ter posto na ideia conservar-me viúva e dedicar-me aos meus filhos. Na verdade muita gente duvidou disso mas aqui estão os factos, ambos estão criados. Teremos muito prazer em o ter por vizinho, mas com outro aspecto é completamente impossível. Como sou nova bastante para me casar outra vez, não posso, no entanto, pensar nisso por um instante. Disse que nunca casaria e nunca me casarei. É uma coisa muito dolorosa rejeitar propostas e preferia que não fizessem nenhuma, mas ao mesmo tempo devo declarar que é esta a resposta que determinei dar, e que darei sempre.

Estas observações foram, em parte, dirigidas ao senhor de idade, em parte a Kate e em parte feitas em solilóquio. Para o fim do discurso, o apaixonado evidenciou um grau muito censurável de descuido e com grande terror da mãe e da filha, tirou subitamente o casaco e, saltando para cima do muro, pôs-se numa atitude em que exhibia os seus calções e as meias cinzentas, acabando por se segurar num só pé e repetindo o seu favorito berro com crescente veemência.

Enquanto ele estava dando a última nota, embelezando-a com um prolongado floreado, viu-se uma mão suja a deslizar firme e cautelosamente ao longo da parte superior do muro, como se perseguisse uma borboleta e depois agarrar com a máxima destreza um dos tornozelos do velho senhor. Feito isto, apareceu a outra mão e agarrou o outro tornozelo. Assim embaraçado o velho levantou as pernas, uma ou duas vezes, como se fossem grosseiras e imperfeitas peças de maquinaria e olhando para dentro do quintal, deu uma grande gargalhada.

- És tu, não és? - perguntou ele.

- Sim, sou eu - respondeu uma voz grosseira.

- Como está o Imperador da Tartária? - inquiriu o senhor.

- Oh, está absolutamente na mesma, como de costume. Nem melhor, nem pior.

- O Jovem Príncipe da China - disse o senhor com muito interesse - reconciliou-se com o sogro, o grande vendedor de batatas?

- Não - respondeu a voz grosseira - e diz que nunca se reconciliará.

- Se é assim - observou o senhor - é talvez melhor descer.

- Bem - replicou o homem do outro lado - Julgo que seja, talvez, o que tem a fazer.

Tendo uma das mãos libertado cautelosamente o senhor, este sentou-se e ficou a olhar em redor para sorrir para Mrs. Nickleby, quando desapareceu com alguma precipitação, como se lhe tivessem puxado as pernas para baixo.

Muitíssimo aliviada pelo seu desaparecimento, Kate ia-se a voltar para falar à mamã, quando as mãos sujas se tornaram de novo visíveis, sendo imediatamente seguidas pela figura dum homem grosseiro, que subiu pela escada recentemente ocupada pelo singular vizinho.

- Peço desculpa, minhas senhoras - disse o recém- vindo, sorrindo e tocando no chapéu. - Ele estava a fazer declarações de amor para alguma das senhoras?

- Estava - informou Kate.

- Ah! - exclamou o homem, tirando o lenço do chapéu e limpando a cara - fá-lo-á sempre. Não há nada a fazer!

- Não preciso de lhe perguntar se está doido, pobre criatura - disse Kate.

- Isso é perfeitamente claro! - replicou o homem, olhando para dentro do chapéu e atirando lá para dentro com o lenço com uma pancada e pondo-o outra vez na cabeça.

- Ele está assim há muito tempo? - perguntou Kate.

- Há muito.

-E não há esperança? - interrogou Kate compassivamente.

- Nem a mais pequena - sentenciou o homem. - É muito mais simpático sem juízo do que com ele. Foi a criatura mais cruel, perversa e de coração de pedra que jamais existiu.

- Sim? - exclamou Kate.

- By George! - replicou o homem, abanando a cabeça tão enfaticamente que foi obrigado a franzir a testa para segurar o chapéu. - Nunca topei com tal vagabundo e a minha companheira diz o mesmo. Despedaçou o coração da pobre esposa, pôs as filhas fora de casa, atirou com os filhos para a rua. e foi uma benção ter endoidecido por fim, por mau génio, cobiça, egoísmo, comezaina e bebedeira. Esperança ele? Não há muita esperança por aí, mas aposto uma coroa em como a que há, ser para salvar tipos mais merecedores do que ele.

Com esta profissão de fé o homem voltou a abanar a cabeça tocou no chapéu, desceu a escada e foi-se embora. Durante esta conversa Mrs. Nickleby contemplou o homem com um olhar severo e firme. Deu depois um profundo suspiro e, com primindo os lábios, abanou a cabeça vagarosa e dubitativamente.

- Pobre criatura! - comentou Kate.

- Ah, pobre de facto! - replicou Mrs. Nickleby. - É vergonhoso que tais coisas sejam permitidas.

- Como se pode impedir isso, mamã? - perguntou Kate melancolicamente. - As enfermidades da natureza.

- Natureza! - retorquiu Mrs. Nickleby. - O quê! Supões que este pobre senhor está doido?

- Pode alguém que o veja ter outra opinião, mamã?

-Então vou dizer-te uma coisa, Kate. Ele não está nada disso e estou surpreendida como tu te enganaste. É algum estratagema desta gente para se apoderar dos seus bens... não disse ele isso? Pode ser um pouco excêntrico, fantástico, muitos de nós somos assim, mas completamente doido e exprimir-se respeitosamente numa linguagem completamente poética, fazendo propostas com tanto tino, cuidado e prudência? Não, o Kate, há um grandíssimo método na sua maluqueira. Lembra-te disto, minha querida!

## Capítulo XLII

Ilustrando o alegre sentimento que o melhor dos amigos algumas vezes distribui

O pavimento das ruas de Snow Hill estava escaldante com o calor que fazia. Numa das pequenas saletas da estalagem, com a janela aberta, estava uma mesa de chá guarnecida com uma perna de carneiro assada, batatas cozidas, uma língua, um pastelão de pombos, uma galinha fria, um cangirão de cerveja. Mr. John Browdie com as mãos nos bolsos, balançava-se desassossegadamente em volta destes acepipes, parando ocasionalmente para enxutar as moscas do açucareiro com o lenço da esposa, ou para meter uma colher de chá na leiteira e levá-la à boca, ou ainda para cortar alguma protuberância da crosta do pão e um pequeno canto de carne e engoli-los em dois tragos como se fosse um par de pílulas.

Depois de todos estes entretenimentos, puxou do relógio e declarou, com uma veemência quase patética, que não podia comprometer-se a esperar mais dois minutos.

- Tilly! - chamou John à senhora, que estava reclinada num sofá, meio a dormir, meio acordada.

- O que há, John!

- O que há, John! - repetiu o marido com impaciência. Não tens fome, rapariga?

- Não muita.

- Não muita - repetiu John, erguendo os olhos para o tecto. - Ouvi-la dizer não muita, quando nós jantámos às três e almoçámos pastéis, o que agrava a fome dum homem em vez de a acalmar! Não muita!

- Está aqui um cavalheiro para si, sir - disse o criado, entrando.

- O quê, para mim? - exclamou John, como se pensasse que devia ser uma carta ou um embrulho.

- Um cavalheiro, sir.

- Bolinhas e boletas, rapaz! - disse John. - Para que me vens dizer isso?

- Está em casa, sir?

- Em casa! - replicou John. - Gostaria de estar, pois já tinha tomado chá há duas horas. Eu disse ao outro rapaz para ficar de vigilância fora da porta e dizer-lhe imediatamente logo que ele chegasse, que estamos a morrer de fome. Ah! ah! Eis-te, Mister Nickleby! Este é quase o dia mais feliz da minha vida, sir. Então como vais? Estou contente com isto!

Esquecendo completamente a fome na cordialidade dos seus cumprimentos, John Browdie apertou a mão de Nicholas muitas vezes, batendo-lhe com a palma com grande violência, entre cada aperto, para significar o calor da sua recepção.

- Ah! Ei-la - disse John, observando o olhar que Nicholas dirigiu para a esposa. - Ei-la. agora não questionamos por causa dela. hein? Quando penso naquela. Mas tu precisavas de ter alguma coisa para comer! Senta-te, homem, senta-te e come tanto quanto aqueles que temos de receber.

Não havia dúvida que a mercê propriamente acabara, por isso nada mais se ouviu por John já se ter começado a ocupar do garfo e da faca, ficando os seus discursos para depois.

- Vou tomar a habitual licença, Mr. Browdie - declarou Nicholas, colocando uma cadeira para a desposada.

- Toma tudo o que quiseres - respondeu John. Sem parar para explicar, Nicholas beijou a ruborizada Mrs. Browdie e conduziu-a para a sua cadeira.

- Ouve - disse John, bastante espantado - põe-te à vontade!

- Isso depende duma condição - replicou Nicholas.

- E qual é? - perguntou John.

- De eu ser padrinho, da primeira vez que necessitarem um.

- Ouves isto? - exclamou John, depondo o garfo e a faca.

- Um padrinho! Ah! ah! ah! Tilly... ouve-o... um padrinho! Não digas mais uma palavra! Ah! ah! ah! Nunca um homem sentiu tanta vontade de rir com uma respeitável brincadeira, como John Browdie com esta. Riu-se, rugiu, ao mesmo tempo que entravam grandes bocados de carne na traqueia, rugiu de novo, persistiu em comer, tornou-se vermelho, tossiu, gritou, melhorou, voltou a rir e ficou pior de modo a assustar a mulher e, por fim, recobrou-se, ficando num estado de fadiga, com os olhos lacrimosos, mas dizendo ainda:

- Um padrinho, um padrinho, Tilly!

- Lembras-te da noite do nosso primeiro chá? - perguntou Nicholas.

- Posso alguma vez esquecer-la; homem? - replicou John Browdie.

- Estava desesperado naquela noite, não estava, Mrs. Browdie? Era um completo monstro - disse Nicholas.

- E se o ouvisse quando fomos para casa, Mr. Nickleby, tinha razão para dizer isso. Nunca me senti tão assustada em toda a minha vida!

- Vamos, vamos - retorquiu John com um sorriso - tu sabias mais do que isso, Tilly.

- Sabia - replicou Mrs. Browdie. - Quase pus na ideia nunca mais te voltar a falar.

- Quase! - disse John com um sorriso ainda maior. Quase pôs na sua ideia! E ia fazendo carícias e carícias e mais mimos e mimos. Porque deixaste aquele tipo estar a atirar-se a ti?, perguntava eu, Eu não deixei, John, dizia ela apertando-me o braço. Não deixaste?, retorqui eu: Não, respondia ela, apertando-me outra vez o braço.

- Meu Deus, John! - interrompeu a sua linda esposa Como podes estar a dizer essas tolices? Como se eu pensasse nisso!

- Não sei se alguma vez pensaste, embora julgue que isto seja bastante parecido, mas que o fizeste, fizeste. Tu és um

catavento inconstante, rapariga, acusava eu. Não sou inconstante, Johnv, protestava ela. És, persistia eu, inconstante, inconstante como o demónio. Não me digas que não te estivéste a atirar ao tipo do mestre-escola, dizia eu. A ele! gritava ela. Sim, a ele, afirmava eu. Não penses, Johnn, declarava ela chegando-se e apertando mais o braço, agora, que é natural que tenha um homem como tu para fazer companhia, eu nunca podia ligar importância a um garoto como ele! Ah! ah! ah! Ela disse garoto! Muito bem, conclui eu, se é assim, indica o dia e acabemos com isto! Ah! ah! ah! Nicholas riu com muita vontade com esta história por ser contra ele e pelo desejo de evitar os rubores de Mrs. Browdie. O bom humor dele pô-la à vontade e, embora continuasse a negar a acusação, ria tão prazenteiramente que Nicholas teve a certeza de que nos seus aspectos essenciais era verdade.

- Esta é a segunda vez que temos uma refeição em comum

- observou Nicholas - e apenas a terceira que nos vemos e, contudo, parece-me realmente que já somos amigos velhos.

- O mesmo digo eu - replicou o homem de Yorkshire.

- E eu tenho a certeza disso - acrescentou a sua jovem esposa

-E eu tenho a melhor razão para ter esse sentimento recordou Nicholas- pois se não fosse pela grandeza do teu coração, meu bom amigo, não sei o que podia ter sido de mim, ou em que circunstâncias eu ficaria naquela altura.

- Fala de outra coisa - retorquiu John enfadado.

- Será então uma nova cantiga no mesmo diapasão - avisou Nicholas, sorrindo. -Disse-lhe na minha carta que sentia profundamente e admirei a sua simpatia por esse pobre rapaz, a quem livrou com riscos de se envolver em maçadas e dificuldades; mas não lhe posso dizer nunca quão gratos lhes estamos, ele, eu e outros que você não conhece, pela piedade que teve para com ele.

- Muito bem - replicou John Browdie afastando a cadeira

- e eu nunca lhe posso dizer como algumas pessoas que conhecemos ficariam da mesma forma agradecidas se soubessem que tive piedade dele!

- Ah! - exclamou Mrs. Browdie - em que estado eu estava nessa noite!

- Ficaram convencidos que você ajudou a fuga - perguntou Nicholas a John Browdie.

- Nem um pedaço - respondeu este, estendendo a boca de orelha a orelha. - Fiquei a dormir na cama do mestre-escola um grande bocado depois de escurecer e ninguém apareceu por ali. Bem, pensei eu, ele teve uma bela saída e se não estiver agora em casa, nunca mais estará, por isso podes vir logo que queiras e encontras-me preparado, isto é, o mestre-escola podia vir.

- Compreendo - disse Nicholas.

- Ele veio imediatamente - continuou John. - Ouvi fechar-se a porta em baixo e ele a subir às escuras Devagar e firme -

disse eu para comigo não se apresse, sir... não corra. Ele chegou à porta, deu volta à chave... deu volta à chave quando não havia nada para segurar com a fechadura.

Sim, pensei eu podes fazer isso outra vez que não acordas ninguém, sir. Olá aí de dentro, disse ele e depois parou. Será melhor não me irritares, continuou o mestrescola passado pouco tempo. Quebro todos os ossos do teu corpo, Smike, prometeu, depois de outro pouco tempo. A seguir foi a correr buscar uma luz e quando veio... ena, pai! Foi uma gritaria! De que se trata? perguntei eu: Ele fugiu, informou ele, quase maluco, a clamar por vingança. Não ouviu nada?, perguntou-me ele. Ouvi a porta da rua a fechar-se não há muito tempo, respondi eu. Ouvi uma pessoa a correr por ali - aponte para o lado oposto - Socorro!, gritou ele. Eu ajudo-o, prometi eu, e saímos ambos para o lado errado!

- Foram muito longe? - inquiriu Nicholas.

- Longe! - replicou John. - Fi-lo correr durante um quarto de hora. Era de ver o velho mestre-escola sem chapéu, enchendo-se até aos joelhos de lama e água, aos

encontrões às sebes e rolando nas valas, mugindo como um vitelo, com o único olho a procurar o rapaz e as abas do casaco a voarem, todo ele sujo de lama, a cara e o resto... eu pensei que me atirava para o chão morto de riso.

John riu com tão boa vontade à simples recordação, que contagiou os seus ouvintes, e todos três desataram a rir até não poderem mais.

Ele é mau - comentou John, limpando os olhos - é muito mau, o mestre-escola.

- Eu não posso olhar para ele, John - confessou a esposa.

- Vamos - retorquiu John - isso é ideia tua, é o que é. Se não fosse por tua causa nunca conheceríamos nada dele. Não foste tu quem o conheceu primeiro, Tilly?

- Não podia deixar de andar com Fanny Squeers, John - replicou a esposa - é uma antiga companheira de infância, bem sabes.

- Bem - concordou John - não disse isso, rapariga? melhor ser-se bom vizinho e conservar-se velhos conhecidos e o que eu digo é para se não questionar, se se puder evitar isso. Não pensa assim, Mr. Nickleby?

- Certamente - respondeu Nicholas - e você agiu de acordo com esse princípio quando eu o encontrei a cavalo, na estrada, depois da nossa memorável noite.

- Decerto - disse John - o que digo, cumpro

- Isso é uma bela coisa e também varonil - afirmou Nicholas - embora não seja exactamente o que compreendo por vindo de Yorkshire connosco para Londres. Miss Squeers está convosco, como me diz na sua carta?

- Está - respondeu John. - a dama de honor de Tilly e esquisita dama de honor de Tilly e esquisita dama de honor ela. Calculo que não será noiva muito depressa.

- Que vergonha, John! - exclamou Mrs. Browdie com uma subtil percepção da brincadeira, sendo ela uma recém-casada.

- O noivo será um homem feliz - continuou John com os olhos a piscarem com a ideia. - Estará com sorte, estará.

- Bem vê, Mr. Nickleby - disse a esposa - que foi em consequência dela estar aqui, que John lhe escreveu a fixar a noite de hoje, por pensarmos que não seria agradável para si encontrarem-se depois do que se passou.

- Sem dúvida nenhuma. Fizeram muito bem - concordou Nicholas, interrompendo.

- Especialmente - observou Mrs Browdie com uma aparência de ingénua - depois do que sabemos de passados e findos assuntos amorosos.

- Sabemos, de facto! - disse Nicholas, abanando a cabeça

-A senhora comportou-se nisso com bastante maldade.

- Decerto - afirmou John, passando o seu enorme indicador por entre um dos bonitos caracóis da esposa e mostrando-se muito orgulhoso dela. - Ela foi sempre inconstante e cheia de sarilhos como uma.

- Como uma quê? - perguntou-lhe a esposa.

- Como uma mulher - respondeu John. - Mas eu não sabia quem trazia comigo.

- Mas estava a falar de Miss Squeers - lembrou Nicholas com o intento de pôr um ponto final nas ligeiras desavenças matrimoniais que tinham começado a surgir entre Mr. e Mrs. Browdie e tornavam a posição para uma terceira pessoa, embaraçosa.

- Ah, sim - replicou Mrs. Browdie - John fez. John fixou a noite de hoje por ela ter combinado ir tomar chá com o pai. E para se ter a certeza de não haver nada de mal e do senhor estar completamente só connosco, determinou sair para a ir buscar.

- Foi uma combinação muito acertada - concordou Nicholas-embora eu sinta ser o motivo de tanta perturbação.

- De maneira nenhuma - retorquiu Mrs. Browdie - por termos planeado vê-lo - John e eu - no meio do maior prazer possível. Sabe, Mr. Nickleby - acrescentou Mrs. Browdie com o seu sorriso mais malicioso - que penso realmente que Fanny Squers estava presa pelo beicinho por si?

- Estou-lhe muitíssimo agradecido - replicou Nicholas mas palavra, nunca aspirei impressionar o

seu virginal coração.

- De que maneira fala! - exclamou Mrs. Browdie, abafando o riso. - Não, mas fique sabendo que realmente a Fanny deu-me a entender que o senhor lhe pediu namoro e que ambos se iam tornar noivos duma forma muito regular e solene.

- Foi a senhora, ma'an. foi a senhora! - gritou uma chilreante voz fminina-foi a senhora que deu a entender que eu. eu. ia comprometer-me com um ladrão assassino, que derramou o sangue do meu papá! Pensa. pensa, ma'am. que estava pelo beicinho por um sabujo que está abaixo dos meus pés, a quem não podia descer a tocar com as mãos com receio de me sujar e me emporcalhar com o seu contacto? Pensa, ma'ame, pensa? Oh, infame e malvada Tilda!

Com estas censuras Miss Squeers abriu a porta com violência e apareceu aos olhos dos atómitos Browdies e de Nicholas, não somente a sua figura simétrica, arreada com os castos atavios brancos mas a figura do irmão e do pai.

- Isto é o fim, não é? - continuou Miss Squeers, que quando se excitava dizia mais asneiras do que o costume - isto é o fim de todo o meu perdão e amizade por essa coisa de duas caras. essa víbora,. essa. sereia. Isto é o fim, é de todo o meu sofrimento da sua felicidade, da sua baixeza, da sua inclinação para mentir, do seu modo de chamar a admiração dos espíritos wlgares de modo que me faz corar pelo meu. pelo meu.

- Sexo - sugeriu Mr. Squeers, olhando os espectadores com um olhar malévolo. literalmente um olho malévolo.

- Sim - concordou Miss Squeers - mas agradeço às minhas estrelas que a minha mãe.

- Ouçam, ouçam! - observou Mr. Squeers - desejava que ela estivesse aqui para dar uma coça nesta companhia.

- Isto é o fim! - continuou Miss Squeers, inclinando a cabeça e olhando desprezivelmente para o chão - reparem nessa miserável criatura e no meu procedimento em patrociná-la.

- Oh, vamos - replicou Mrs. Browdie, não fazendo caso de todos os esforços do esposo para a fazer calar e indo para a fila da frente - não diga disparates como esse.

- Não a patrocinei, ma'am? - inquiriu Miss Squeers.

- Não - respondeu Mrs. Browdie.

- Não espero ver rubores num lugar destes- observou Miss Squeers- porque essa expressão não pertence às caras avinhadas e atrevidas.

- Olha lá - interpôs John Browdie, irritado por estes sucessivos ataques à mulher - fala mais suave, fala mais suave, sim?

- De si, Mr. Browdie - disse Miss Squeers, dirigindo-se a ele muito depressa - tenho piedade! Não sinto rancor mas um sentimento de piedade.

- Oh! - exclamou John.

- Não - prosseguiu Miss Squeers, olhando de esguelha para o pai - embora eu seja uma ridícula dama de honor e não seja muito depressa noiva e embora o seu marido seja feliz não sinto outros sentimentos por si, sir, a não ser o da piedade.

Aqui Miss Squeers voltou a olhar de esguelha para o pai, o qual olhava de esguelha para ela, como se quisesse dizer: Aí tens.

- Eu sei o que fez levar isto a cabo - declarou Miss Squeers abanando os caracóis com violência. - Eu sei qual a vida que tem pela frente e ainda que seja a minha mais mortal inimiga, não poderia desejar-lhe nada pior.

-Mesmo assim não deseja casar-se com ele? - perguntou Mrs. Browdie com grande suavidade de maneiras.

- Oh, ma'am, como é engraçadinha! - replicou Miss Squeers com uma profunda cortesia. - Quase tão engraçada como esperta. Escolher uma ocasião em que fui tomar chá com o meu papá e ter a certeza de não regressar sem me irem buscar! Que pena nunca pensar que as outras pessoas possam ser tão espertas como a senhora!

-Esses ares, não me irritam, criança! - afirmou a ex- Miss Price, assumindo a atitude duma matrona.

-Não me trate por criança, ma'am, se faz favor - retorquiu Miss Squeers. - Não o permito. Isto é o fim.

-Cala-te lá - exclamou John Browdie impacientemente.

- Digo-te, Fanny, e podes ter a certeza, de que é o fim e escusas de estar a perguntar a toda a gente se é ou não!

-Agradecendo o seu conselho, que não foi pedido, Mr. Browdie - replicou Miss Squeers com exagerada polidez - tenha a bondade de me não tratar pelo meu nome de baptismo.

Apesar da minha piedade nunca me esqueço o que devo a min mesma, Mr. Browdie. Tilda - acrescentou Miss Squeers com um tão súbito acesso de violência que John tremeu

nas botas. - Expulso-a para sempre, miss. Abandono-a. Não quero mais saber de si! Não queria ter uma filha chamada Tilda. nem para a salvar da morte.

-A propósito disso - observou John - é já tempo de pensar no nome quando o bebé chegar!

-Oh, John! - interpôs Mrs. Browdie - não a irrites!

-Oh, irrita decerto! - disse Miss Squeers com rosetas encarnadas na cara. - Irrita de facto! Eh! eh! Irrita demais. Não, não a irrite. Suplico-lhe que tenha em consideração os seus sentimentos.

- bem certo que quem escuta de si ouve - disse Mrs. Browdie. - Não o posso remediar e tenho pena. Mas dir-lheei, Fanny, que inúmeras vezes falei bem de si nas suas costas e que não pode encontrar maldade no que disse.

-Oh, não me atrevo a negar, ma'am! - exclamou Miss Squeers com outra cortezia. - Os meus melhores agradecimentos pela sua bondade, pedindo e suplicando para não ser áspera para mim para a outra vez.

- Não sei - prosseguiu Mrs. Browdie - que tenha dito alguma coisa de mal a seu respeito, mesmo agora. em todo o caso o que disse era completamente verdade. A senhora disse muito pior de mim, vezes sem conto, Fanny, mas eu nunca lhe quis mal e espero que também me não queira.

Miss Squeers não deu resposta directa além de inspeccionar a sua ex-amiga dos pés à cabeça e de erguer o nariz com grande desdém. Mas escaparam-lhe algumas indistintas alusões a uma afectada, a uma descarada e a uma criatura desprezível, e isto juntamente com uma mordidela de lábios e com a respiração alterada.

Enquanto se desenrolava a cena anterior, Mister Wackford

vendo que ninguém fazia caso dele e sentindo em si fortes inclinações de preponderância, aproximou-se a pouco e pouco da mesa e atacou a comida, metendo os dedos

nos pratos, apanhando o pão, arrebanhando grandes bocados de manteiga e metendo na algibeira quadrados de açúcar. Vendo que ninguém intervinha, tornou-se mais ousado

e serviu-se moderada mente duma boa colação fria, estando nesta altura a contas com o pastelão.

Enquanto a atenção dos outros estava absorvida em assuntos muito diferentes, a Mr. Squeers não escaparam as tentativas do filho, entendendo que devia engordar à

custa do inimigo. Mas dando-se uma acalmia na discussão e podendo ser notado o procedimento do pequeno Wackford, fingiu notá-lo pela primeira vez e deu uma bofetada

na cara do jovem cavalheiro que fez ressoar as chávénas de chá.

-A comer - exclamou Mr. Squeers - os restos dos inimigos do seu pai! Era bem feito que ficasses envenenado, filho desnaturado.

- Não o envenena - disse John, aparentemente muito aliviado pela perspectiva de ter um homem na desavença - deixe-o comer. Desejava que estivesse aqui toda a escola.

Dava-lhes com que reconfortarem os seus infelizes estômagos, ainda que tivesse de gastar o meu último péni!

Squeers fez-lhe uma cara com a expressão mais maldosa de que era capaz - e nesse género era uma cara de notável capacidade - e agitou o punho ocultamente.

-Vamos, vamos, mestre-escola - avisou John - não te faças parvo, pois se agito o meu... sais daqui com a velocidade do vento.

-Foi você, não foi - retorquiu Squeers - que ajudou a fuga do meu rapaz?



-Fui eu! - respondeu John em voz alta. - Sim, fui eu. Vamos, o que tem isso? E então, agora?  
-Ouve o que ele diz, minha filha! - exclamou Squeers. Ouve o que ele diz!  
-Fi-lo! - afirmou John - e digo-te mais; ouve isto também. Se apanhares outro rapaz fugitivo, eu auxilio-o de novo. Se apanhares vinte rapazes fugitivos, auxiliá-los-ei  
outras tantas vezes e vinte vezes mais do que isso; e digo-te outra coisa, o meu sangue ferve porque tu és um velho malandro e é isso que te livrou, pois de contrário  
tinhas amachucado o chão com os costados quando sovaste aquele pobre rapaz.  
-Um homem honesto! - exclamou Squeers, arreganhando os dentes.  
-Um homem honesto - replicou John - honesto no dever mas que nunca pôs as pernas debaixo da mesma mesa contigo.  
-Escândalo! - disse Squeers, exultando. - Duas testemunhas. Wackford sabe a responsabilidade dum juramento, ele sabe. apanhámo-lo, sir Malandro, hein? - Mr. Squeers tirou a sua agenda da algibeira e tomou uma nota. - Muito bem. Devo dizer que isto vale vinte libras no próximo tribunal, sem a honestidade, sir.  
-Tribunal! - exclamou John. - É melhor não me falares de tribunal. As escolas de Yorkshire foram chamadas aos tribunais há já tempo, homem, e este assunto faz-me cócegas para o reviver, é o que te digo!  
Mr. Squeers abanou a cabeça duma maneira ameaçadora, com uma cara muito branca de raiva; e, agarrando a filha pelo braço e arrastando o pequeno Wackford pela mão, retirou-se em direcção à porta.  
-E quanto a si - preveniu Squeers, voltando-se e diri gindo-se a Nicholas, que, tendo-lhe chegado feio e forte numa ocasião antes, propositadamente se absteve de tomar parte na discussão - verá que o hei-de fazer passar por um mau bocado dentro de pouco tempo. Vai raptar rapazes, não vai? Tome cuidado que os pais deles se não irrite. fixe isto. se não os virem e mos devolverem para eu fazer o que quiser, apesar da sua intervenção, a coisa sai-lhe cara.  
-Não tenho medo - respondeu Nicholas, encolhendo os ombros desdenhosamente e voltando-lhe as costas.  
-Não tem? - retorquiu Squeers com uma cara diabólica. - Então, agora vamo-nos embora!  
-Abandono tua companhia, com o meu papá, para sempre - anunciou Miss Squeers, olhando para todos com desprezo e soberba. - Estou profanada por respirar o mesmo ar que estas criaturas. Pobre Mr. Browdie! Tenho piedade dele, está iludido! Arteira e insidiosa Tilda! Com esta incidência na raiva, mais desabrida e majestosa, Miss Squeers saiu do aposento, mas, tendo mantido a sua dignidade até ao último momento, ouviu-se no corredor a chorar e a soluçar.  
John Browdie ficou em pé por detrás da mesa, olhando da mulher para Nicholas e vice-versa, com a boca completamente aberta até a mão lhe cair, acidentalmente, sobre o jarro de cerveja, altura em que o agarrou e ocultou a cara por detrás dele durante algum tempo. Depois passou-o a Nicholas e tocou a campainha.  
-Rapaz - disse John, vigorosamente, a um criado. Aqui faz-te esperto. Leva estas coisas e traz-nos um grelhado para a ceia. muito abundante. às dez horas. Traz brande e água e um par de sapatos de quarto dos maiores que houver na casa, e anda ligeiro. Fruto do meu engenho! - continuou John, esfregando as mãos. - Não é preciso sair hoje à noite para ir buscar ninguém para casa e passaremos o serão ami gavelmente.

## cAPÍTULO XLIII

### ENCONTROSINESPERADOS

A tempestade já dera há muito lugar à calma; a noite ia bastante avançada, a ceia acabara e a digestão fazia-se tranquilamente sob a influência duma conversa alegre, acompanhada por brande e água, quando os três amigos ouviram um barulho no fim da escada, um vozear enorme, sanguínio e feroz. O tumulto crescia a cada momento e, embora parecesse feito por um par de

pulmões, havia de se confessar que eram tão fortes que davam a ideia de se tratar duma dúzia.

-O que é isto? - perguntou Nicholas, correndo para a porta.

John Browdie ia a tomar a mesma direcção quando Mrs. Browdie se tornou pálida e lhe prometeu que cairia desmaiada se ele se fosse meter nalgum perigo. John ficou desconcertado com a notícia, mas sendo incapaz de se conservar fora da briga, seguiu Nicholas a toda a velocidade.

A cena do distúrbio era o corredor fora da porta do café, onde estavam congregados os clientes desta parte do estabelecimento, os criados, dois ou três cocheiros e os ajudantes das cavalariças. Esta assembleia rodeava um jovem, que podia ser um ou dois anos mais velho do que Nicholas, o qual tinha os pés apenas calçados com meias, enquanto um par de sapatos de quarto jaziam a pequena distância da cabeça duma figura prostrada no canto oposto, dando a ideia de ter levado um pontapé quando se retirava, sendo depois cumprimentado pelo par de sapatos nas orelhas.

Os espectadores pareciam fortemente dispostos, pelos acenos, murmúrios e exclamações, a tomar parte na contenda contra o jovem de meias. Observando isto, e por o jovem ser mais ou menos da sua idade e não ter a aparência dum desordeiro, Nicholas sentiu disposições para alinhar do lado mais fraco e meteu-se imediatamente no meio do grupo, perguntando num tom mais enfático do que as circunstâncias aconselhavam, o que era aquilo.

-Olá! - disse um dos homens das cavalariças - este é alguém disfarçado!

- Cavalheiros, dêem passagem ao filho mais velho do Imperador da Rússia - exclamou um outro tipo.

Não fazendo caso destes ditinhos, Nicholas olhou em redor dirigindo-se ao jovem, que nesta altura já tinha apanhado os sapatos e metido os pés neles, repetiu a pergunta com um modo cortês.

- Nada de importância - respondeu o outro.

Isto provocou um murmúrio da parte dos espectadores e dois ou três tipos não pertencentes à casa, começaram a empurrar Nicholas e o jovem com os cotovelos. Mas sendo isto um jogo liso e não necessariamente limitado a três ou quatro jogadores, John Browdie, desejando também participar nele, precipitou-se no centro do pequeno ajuntamento, caindo em todas as direcções, rapidamente fazendo mudar o cariz do espectáculo, enquanto mais dum tipo forte era atirado a uma respeitável distância, com lágrimas nos olhos pelas fortes pisadelas dos poderosos pés do imponente homem de Yorkshire.

-Deixem-me fazer o mesmo outra vez - desafiou aquele

que levava o pontapé, levantando-se, enquanto falava, aparentemente mais com medo de que John Browdie inadvertidamente o pisasse do que com o desejo de se colocar em condições iguais ao adversário. - Deixem-no fazer o mesmo outra vez.

- Ouça eu, outra vez, aquelas observações - respondeu o jovem - e atiro-lhe a cabeça contra os copos de vinho que estão por detrás de si.

Um criado, que estivera a esfregar as mãos na excessiva alegria da cena, quando ouviu isto, declarou que era melhor chamar a polícia, pois ia dar-se um assassinato, e ele era o responsável por todos os vidros e porcelanas da casa.

-Ninguém precisa de se mexer - declarou o jovem. Vou ficar toda a noite na casa e posso ser encontrado de manhã se houver que responder por algum delito.

-Porque é que lhe bateu? - perguntou um dos espectadores.

-Ah, porque é que lhe bateu? - repetiram os outros. O impopular jovem olhou friamente em redor e, dirigindo-se a Nicholas, disse:

- O senhor perguntou há pouco o que era isto. O caso é simplesmente este: Além, aquela pessoa, estava a beber com um amigo no café quando me sentei por uma meia hora antes de ir para a cama. Eu acabei de chegar de viagem e preferi vir para aqui hoje à noite em vez de ir para casa a esta hora, onde não sou esperado senão

amanhã. Então, ouvi-o expressar-se em termos muito desrespeitosos e familiarmente insolentes, quanto a uma senhora, que reconheci pela sua descrição e outras circunstâncias, e que eu tenho a honra de conhecer. Como ele falava bastante alto para ser ouvido pelos outros clientes que estavam presentes, informei-o, muito delicadamente, que estava enganado nas suas conjecturas, as quais eram de natureza ofensiva, e pedi-lhe para se retratar. Ele fez isso por pouco tempo, esperando, para renovar a sua conversa, que eu saísse da sala e continuou com insultos maiores do que os anteriores. Eu não resisti e facilitei-lhe a saída com um pontapé, que o reduziu à atitude em que o viu há pouco. Sou o melhor juiz dos meus próprios assuntos, e se alguém pensa em tomar parte nesta questão, posso dar-lhe a certeza de que não faço a mais pequena objecção - acrescentou o jovem que, certamente, ainda não se tinha recuperado do seu recente ardor.

A atitude tomada por Nicholas foi a mais louvável. Tendo no pensamento a sua bela desconhecida, naturalmente ocorreu-lhe que faria o mesmo num caso idêntico, por isso protestou, com grande calor, que o jovem procedera como devia, o que John Browdie aprovou igualmente, e não com menos veemência.

-Ele que tenha cuidado - ameaçou a parte contrária, que estava a ser escovada por um criado depois da sua recente queda no soalho empoeirado - Ele não me bate em vão, posso-lhe dizer. Um lindo estado de coisas, o dum homem levar pancada por não admirar uma linda rapariga.

Esta reflexão pareceu ter um grande peso sobre uma jovem que estava no bar, a qual, ajustando o cabelo ao espelho, declarou que era na verdade um lindo estado de coisas, e que se as pessoas eram punidas por acções tão inocentes e naturais, como esta havia mais gente para apanhar do que para dar, gostando de saber o que é que o cavalheiro queria dizer com isso.

- Minha querida - disse o jovem em voz baixa, avançando para a janela de guilhotina.

- Tolice, sir! replicou a jovem asperamente, embora sorrindo e voltando-se de lado e mordendo os lábios, enquanto Mrs. Browdie que continuava nas escadas, olhava de relance para ela com desdém, chamando pelo marido para se ir embora.

- Não, escute-me - pediu o jovem. - Se fosse um crime admirar uma linda cara, eu seria a pessoa mais criminosa do mundo, por não poder resistir a nenhuma. Exercem o mais extraordinário efeito sobre mim, reprimem-me e guiam-me nos meus actos. Está a ver o efeito que a sua palavra fez sobre mim?

- E muito linda - retorquiu a jovem, baixando a cabeça, mas...

- Sim, sei que é muito linda - afirmou o jovem, olhando com um ar de admiração para a cara do criado do bar. - Assim o disse precisamente neste momento. Mas a beleza deve ser falada com respeito. com respeito e termos próprios, e com conveniente sentido de dignidade e excelência, coisa de que aquele tipo não tem nenhuma noção.

A jovem interrompeu a conversa neste ponto, metendo a cabeça pela vidraça do bar, para perguntar ao criado, numa voz guinchada, se o jovem que levava pancada ficava no corredor toda a noite, ou se deixava a entrada livre para os outros. Os criados, aproveitando a ideia e comunicando-a aos moços das cavalariças, não foram lesto em mudar também de tom, dando como resultado ser a infeliz vítima posta na rua num abrir e fechar de olhos.

- Tenho a certeza de ter visto aquele tipo antes - declarou Nicholas.

- Na verdade? - inquiriu o seu novo conhecimento.

- Estou certo disso! - disse Nicholas, parando para reflectir. - Onde posso ter?. Alto!. sim, tenho a certeza, pertence à agência de colocações que fica na parte ocidental da cidade. Sabia que me recordava da cara.

Era de facto, Tom. o empregado feio e antipático.

- bastante singular - observou Nicholas, ruminando sobre a estranha maneira como o rapaz pareceu levantar-se vivamente e olhar para ele de vez em quando.

- Estou-lhe muito obrigado por ter amavelmente advogado a minha causa, quando ela mais necessitava dum advogado - declarou o jovem, rindo e tirando um bilhete de visita. - Talvez queira fazer o favor de me dizer onde posso agradecer-lhe.

Nicholas agarrou no bilhete e, olhando-o involuntariamente enquanto devolvia o cumprimento, mostrou uma grande surpresa.

- Mr. Frank Cheeryble! - exclamou Nicholas. - Não me diga que é o sobrinho de Cheeryble Brothers, o qual é esperado amanhã.

- Não costumo dizer-me sobrinho da firma - disse Mr. Frank bem humorado - mas, dos dois excelentes indivíduos que a compõem tenho orgulho em declarar que sou sobrinho.

E o senhor é Mr. Nickleby, de quem tenho tanto ouvido falar. Este é um encontro muitíssimo inesperado, e não pouco bem-vindo, asseguro-lhe.

Nicholas respondeu a estes cumprimentos com outros do mesmo género e depois trocaram calorosos apertos de mão. A seguir foi apresentado John Brawdie, que tinha ficado num estado de grande admiração desde que a jovem do bar fora tão habilidosamente passada para o bom partido. Mrs. Browdie foi igualmente apresentada e, finalmente subiram a escada e passaram a seguinte meia hora com grande satisfação e mútuo entretenimento.

Mr. Frank Cheeryble mostrou-se uma pessoa agradável, bem disposta e alegre, quer no porte, quer na disposição, fazendo lembrar muito a Nicholas os dois adoráveis irmãos. E tal favarável impressão produziu em todos, que, quando se despediram por essa noite pareciam ser conhecidos de infância, especialmente Nicholas, que, revolvendo todas estas coisas na cabeça no seu caminho para casa, chegou à conclusão de ter feito o conhecimento mais agradável e desejado.

Mas é uma coisa muitíssimo extraordinária o que se passa com esse empregado da agência de colocações! - pensava Nicholas. - É crível que este sobrinho conheça alguma coisa sobre a linda rapariga? Quando Tim Linkinwater me deu a entender, no outro dia, que ele vinha para participar nos negócios aqui, disse-me que ele tinha estado a superintendê-los há quatro anos na Alemanha e que durante estes últimos seis meses tinha sido encarregado de instalar uma agência no norte de Inglaterra. Isto é, quatro anos e meio... quatro anos e meio. Ela não pode ter mais do que dezassete, digamos, dezoito, pela aparência. Nesse caso era uma perfeita criança quando ele se foi embora. Devo dizer que nada sabe acerca dela e nunca a viu, por isso não me pode dar informações. Em todo o caso - pensou Nicholas, chegando ao verdadeiro ponto - não há perigo dela ter uma afeição anterior por este lado; isto é perfeitamente claro. Se bem que Nicholas tivesse chegado a este resultado animador, não deixou, contudo, de pensar na possibilidade do sobrinho dos irmãos Cheeryble ser seu rival, não só no seu caminho para casa, como ainda durante toda a noite; e admitiu, mais, ele próprio não tornar a ver a misteriosa jovem.

A manhã veio, com as suas horas de trabalho e, com elas, Mr. Frank Cheeryble, que foi recebido com muitos sorrisos e boas-vindas da parte dos dignos irmãos, e uma recepção mais

grave e formal, mas não menos cordial, de Mr. Timothy Linkinwater.

- Mr. Frank Cheeryble e Mr. Nickleby devem ter-se encontrado a noite passada - disse Tim Linkinwater, saindo lentamente do banco e olhando todo o escritório com as costas apoiadas à secretária, como era seu costume quando tinha alguma coisa de muito especial para dizer - esses dois jovens devem ter-se encontrado a noite passada dum maneira que eu classifico de coincidência. uma notável coincidência. Agora não acredito - acrescentou Tim tirando os óculos - que haja um lugar em todo o mundo para coincidências, como Londres.

- Nada sei a tal respeito - replicou Mr. Frank Chryble -mas...

- Não sabe nada a tal respeito, Mr. Francis - exclamou Tim - Então diga-nos: se há um outro lugar melhor para essas coisas, onde é? Na Europa? Na Ásia? Na África.

Na América? O senhor sabe, em todo o caso, mais do que isso. Então onde está ele?

- Não estou para discutir o caso, Tim - afirmou o jovem Cheeryble rindo. - Não sou tão herético como isso. Tudo o que ia a dizer era que estou grato à coincidência e nada mais.

- Se não discute é outro caso - replicou Tim, completamente satisfeito. - Contudo dir-lhe-ei. que desejava que discutisse. Desejava isso para atirar com esse homem a terra com o argumento. - disse Tim, batendo com o indicador da mão esquerda nos óculos. Era completamente impossível encontrar uma linguagem para exprimir o grau de prostração mental a que ficaria reduzido um tal aventureiro no subtil encontro com Tim Linkinwater.

- Podemos considerar-nos, irmão Ned - afirmou Charles

- uns tais jovens, como o nosso sobrinho e Mr. Nickleby. Deve ser uma fonte de grande satisfação e prazer para nós.

-Certamente Charles, certamente!-aprovou o outro-De Tim não digo nada, porque Tim é uma simples criança. um bebé. um ninguém. em que nunca pensamos, ou temos em conta. Tim, seu vilão, o que diz disto, sir?

- Que estou com ciumes de ambos - respondeu Tim - e tenho a ideia de procurar uma outra colocação, por isso, cavalheiros, queiram fazer o favor de providenciar.

Tim pensou que esta brincadeira era muito extraordinária e não tinha outra semelhante, por isso pôs a pena no tinteiro e riu até mais não poder. Os irmãos também se riram com vontade da ideia de uma separação voluntária entre eles e Tim. Nicholas e Mr. Frank riram para esconder, talvez, qualquer emoção, levantada por este pequeno incidente.

- Mr Nickleby - disse o irmão Charles, chamando-o de parte. - Eu. eu estou ansioso, meu caro senhor, por ver se estão devida e confortavelmente instalados na casa.

Não podemos consentir que aqueles que nos servem bem, passem privações ou desconfortos, que estejam em nosso poder remediar. Desejo, também, ver a sua mãe e a sua irmã. conhecê-las, Mr. Nickleby, e ter uma oportunidade para lhes aliviar os espíritos, assegurando-lhes que qualquer pequeno serviço que nós possamos fazer-lhes está bem recompensado pelo zelo e ardor com que o senhor trabalha. Peço-lhe que não diga nada, meu caro senhor. Amanhã é domingo. Atrevo-me a ir à hora do chá e espero ter a sorte de o encontrar em casa. Se não estiver, ou as senhoras se sintam melindradas pela intromissão e prefiram não me conhecer agora, posso ir noutra ocasião. Ficamos assim entendidos. Irmão, Ned, meu querido rapaz, deixa-me dar-te uma palavra de caminho.

Os gémeos saíram do escritório e Nicholas, viu neste ato de amabilidade, e em muitos outros de que tinha sido alvo, motivo para reconhecimento e gratidão por tão extraordinária prova de consideração.

A notícia de que iam ter uma visita no dia seguinte, despertou no peito de Mrs. Nickleby sentimentos misturados de exultação e insegurança, pois se, por um lado estava desejosa de reentrar na boa sociedade, por outro lamentava a falta do seu querido serviço de chá em prata.

- Gostava de saber quem terá a lata das especiarias - disse Mrs. Nickleby, abanando a cabeça - Costumava estar no canto esquerdo, junto das cebolas de conserva.

Lembras-te dessa lata Kate?

- Perfeitamente, mamã.

- Não devia pensar que te lembrasses, Kate - retorquiu Mrs. Nickleby com severas maneiras - por responderes dessa forma fria e descuidada! Se há alguma coisa que me irrite nestas perdas, mais do que elas próprias, é ter gente à volta de mim que encara essas coisas com uma calma irritante.

- Minha querida mamã - replicou Kate, passando o braço em volta do pescoço da mãe - porque diz coisas que não sente ou está zangada comigo quando se sente feliz

e contente? A senhora e Nicholas deixaram-me só, estamos juntos mais uma vez. e que interesse posso ter por ninharias de que nunca sinto a falta? Quando vi toda a desgraça e desolação que a morte trouxe, e conheci o sentimento de ficar solitária e só na multidão, e todo o sofrimento da separação na dor e na pobreza, quando nós mais necessitávamos de conforto e ajuda, considero este sítio de tão deliciosa calma e descanso, que nada mais desejo. nem nada mais me penaliza. Houve um tempo, e não há muito, em que todos os confortos da minha antiga casa me vinham ao pensamento com mais frequência do que pode, talvez, pensar, mas fingia não fazer caso, na esperança de lhe não causar pena. Querida mamã - acrescentou Kate com grande agitação - não sinto diferença entre esta casa e aquela onde fomos tão felizes durante muitos anos, se não o coração amantíssimo que sofreu na terra, estar agora, em paz, no céu!

- Kate, minha querida Kate - exclamou Mrs. Nickleby, abraçando-a.

- Tenho tantas vezes pensado em todas as suas palavras. da última vez que ele entrou no meu quarto, quando se ia deitar no andar de cima, e disse: Deus te abençoe, querida. Tinha a cara pálida, o coração angustiado.

Veio uma torrente de lágrimas aliviá-la e Kate pôs a cabeça no peito da mãe e chorou como uma criança. A pobre Mrs. Nickleby, acostumada a expandir tudo o que tinha na mente, nunca concebera a possibilidade da filha ter pensamentos guardados. Mas agora, com a felicidade de tudo quanto Nicholas lhes dissera e com a sua nova e pacífica vida, estas recordações vieram tão fortemente à memória de Kate que ela não as pôde reprimir. Mrs. Nickleby, que começara a pensar que a filha não sofria, não pôde deixar de se censurar enquanto a abraçava e abandonou-se às emoções que a conversa, naturalmente, despertara.

Nessa noite houve um reboliço e muitas preparações para a esperada visita, tendo Kate guarnecido a pequena sala com muitas flores da maneira a torná-la o mais bonita possível. Se a cottage alguma vez se apresentou linda, foi no dia seguinte, brilhante e soalheiro. Mas o orgulho de Smike no jardim, ou de Mrs. Nickleby nos arranjos interiores, ou ainda os de Kate em tudo, nada era comparado com o de Nicholas, na irmã, e seguramente a casa senhorial mais sumptuosa de Inglaterra não podia escolher melhor ornamento do que a sua linda cara e a sua grácil figura.

Cerca das seis da tarde Mrs. Nickleby encontrava-se num estado de grande inquietação de espírito, por ouvir à porta o tão esperado bater e perceber pelos passos no corredor, serem duas pessoas, os dois Mr. Cheerybleu. Mas não eram os dois irmãos e só Mr. Charles Cherryble com o sobrinho, que pediu desculpas pela sua intromissão, as quais Mrs. Nickleby por ter colheres de chá que chegassem recebeu muito graciosamente. A aparição desta inesperada visita não ocasionou o menor embaraço - salvo em Kate, que corou uma ou duas vezes a princípio pois o cavalheiro era tão amável e cordial e o jovem imitava-o tanto, que a normal formalidade e rigidez dum primeiro encontro, não deu mostras de aparecer e a própria Kate, mais duma vez, se encontrou a perguntar a si mesma quando chegassem.

À mesa da chá conversou-se muito sobre vários assuntos, alguns deles jocosos como este: tendo estado o jovem Mr. Cheeryble recentemente na Alemanha, o velho Cheeryble informou suspeitar que o sobrinho se enamorara da filha dum certo burgomestre alemão. O jovem Mr. Cheeryble repeliu a acusação com grande energia, pedindo, com grande ardor, ao velho Mr Cheeryble que a negasse, o que o tio fez, não sem que o sobrinho deixasse de corar, o que até foi notado por Mrs. Nickleby.

Depois do chá foram passear para o quintal, mas como a noite estava muito agradável, transpuseram a cancela e andaram por azinhagas e estradas, até se fazer escuro.

O tempo

parecia passar rapidamente. Kate, ia à frente pelo braço do irmão, conversando com ele e com Mr. Frank Cheeryble, e Mrs. Nickleby e o cavalheiro mais velho seguiam a certa distância. A amabilidade do senhor, o seu interesse pelo bem estar de Nicholas e a sua

admiração por Kate operaram de tal maneira nos sentidos da boa senhora, que a usual torrente dos seus discursos foi circunscrita a uns limites muito estreitos. SMIKE, que nunca na sua vida tinha sido alvo de interesse, acompanhava-os nesse dia, juntando-se, algumas vezes, a um grupo, outras vezes a outro, pois o irmão Charles, pondo-lhe a mão no ombro, pedia-lhe para ir com eles, enquanto Nicholas, olhando-o sorridente, acenava-lhe para ir ter com ele e conversar com o velho amigo, que o compreendia melhor que ninguém.

O orgulho é um dos sete pecados mortais, mas não pode ser o orgulho duma mãe pelos filhos, pois este é composto de duas virtudes: fé e esperança. Era esse o orgulho que enchia o coração de Mrs. Nickleby nessa noite, brilhando-lhe na cara, quando regressaram a casa e vestígios de lágrimas de muita gratidão brotaram-lhe dos olhos.

Durante a ceia reinou uma alegria calma, que se harmonizava com os sentimentos e, por fim, os dois cavalheiros retiraram-se. Houve uma circunstância na despedida, que ocasionou muita risota e brincadeira: foi quando Mr. Franc Cheeryble ofereceu duas vezes a mão a Kate, completamente esquecido de já lhe ter dito adeus. Isto foi evidenciado pelo mais velho Mr. Cheeryble, como prova convincente de estar a pensar na sua amada alemã, dando a brincadeira motivo a muita gargalhada.

Em resumo, foi um dia de serena e tranquila felicidade, marcando no calendário, um lugar notável, no meio de tantos outros sombrios e tristes.

Houve uma excepção, e essa, o que precisava para ser felicíssimo? Quem é aquele que, no silêncio do seu quarto, ora de joelhos junto do primeiro amigo que lhe fez sentir a amizade e, estendendo as mãos cruzadas desesperadamente para o ar, dobra a cabeça numa paixão de amarga dor?

#### CAPÍTULO XLIV

Mr. Ralph Nickleby corta as relações com um velho conhecimento e uma brincadeira entre marido e mulher, algumas vezes pode levar as coisas longe demais.

Há alguns homens que, vivendo com o único objectivo de enriquecer não importa qual a maneira, e sendo perfeitamente conscientes da baixaza e velhacaria dos meios que usam para atingir este fim, afectam no entanto, mesmo para consigo, um tom de rectidão moral e abanam as cabeças em vista da depravação do mundo. Alguns destes velhos, que andam sempre neste mundo, ou antes - porque o andar implica, uma posição vertical e o porte dum homem - que se rojam pelo chão através

da sua vida pelos processos sujíssimos e misérrimos, assentam gravemente nos seus diários os acontecimentos de todos os dias e mantêm uma conta regular de débito e crédito com o Céu, mostrando sempre um saldo flutuante a seu favor.

Ralph Nickleby não era um homem deste cunho. Áspero, inflexível, de má condição, impenetrável, Ralph de nada se importava na vida, ou para além dela, excepto a satisfação de duas paixões: avareza, o primeiro e predominante apetite da sua natureza o ódio o segundo.

Afectava considerar-se o tipo de toda a humanidade, não se incomodava em esconder o seu verdadeiro carácter e o seu coração exultava e acarinhava todos os maus projectos. A única coisa que preocupava Ralph Nickleby era conhecer-se e ele conhecia-se bem, mas imaginava que todo o género humano era fundido no mesmo molde, por isso odiava-o.

E nesta ocasião, Ralph estava a olhar Newman Noggs com o sobrecenho carregado, enquanto este tirava os mitenes, os estendia cuidadosamente na palma da mão esquerda e os alisava com a direita, para lhes tirar as rugas, continuando depois a enrolá-los com um ar ausente, como se nada mais contasse.

- Saiu da cidade? - disse Ralph lentamente. - É engano seu! Volte lá outra vez.

- Não há engano - replicou Newman. - Nem mesmo está para sair. foi-se embora!

- Ele tornou-se rapariga ou bebé? - murmurou Ralph com um gesto agastado.

- Não sei - respondeu Newman - foi-se embora. A repetição da palavra embora parecia dar a

Newman Noggs um inexprimível deleite na proporção que aborrecia Ralph Nickleby.

Proferiu a palavra batendo muito bem as sílabas e por mais tempo da que devia.

- E para onde foi ele? - perguntou Ralph.

- Para França - retorquiu Newman - Com medo de outro ataque de erisipela - um ataque pior na cabeça. Por isso os médicos mandaram-no sair. E ele foi-se embora.

- E Lorde Frederick. - começou Ralph.

- Também se foi embora - atalhou Newman.

- E leva consigo a sova que apanhou - comentou Ralph, voltando as costas.

- Estava muito doente - observou Newman.

- Muito doente! - repetiu Ralph. - Pobre Sir Mulberry! Muito doente!

Proferindo estas palavras com um supremo desprezo e grande irritação, Ralph fez rapidamente sinal a Newman para abandonar o aposento e, atirando-se para cima numa cadeira, bateu impacientemente com os pés no chão.

- Aquele rapaz está encantado - disse Ralph rangendo os dentes. - As circunstâncias conspiram para o ajudar. Fale-se de favores da fortuna! O que é o dinheiro para uma sorte dos diabos como esta?

Meteu impacientemente as mãos nas algibeiras, mas, apesar da sua anterior reflexão havia alguma consolação porque a cara suavizou-se um pouco e, não obstante as sobrancelhas se manterem profundamente contraídas, era de cálculo e não de desapontamento.

- Este Hawl, no entanto, deve voltar - murmurou Ralph

- e se conheço o homem - e devo conhecê-lo - a sua raiva não deve ter perdido nada de violência neste meio tempo. Obrigado a viver retirado. a monotonia dum quarto de doente... sem jogar... nada do que ele gosta e para o que vive. Ele não é do género de esquecer a sua obrigação ao causador de tudo isto. Poucos homens o fariam, mas ele dentre todos. não, não!

Sorriu, abanou a cabeça e, apoiando o queixo na mão, pareceu satisfeito e voltou a sorrir. Depois levantou-se e tocou a campainha.

- Esse Mr. Squeers está cá? - perguntou Ralph.

- Esteve cá ontem à noite. Deixei-o cá quando fui para casa - informou Newman.

- Sei isso, seu palerma, não sei? - replicou Ralph furioso

- mas esteve cá depois disso? Voltou esta manhã?

- Não! - gritou Newman, em voz muito alta.

- Se ele vier enquanto eu estiver ausente- é quase certo ele estar cá às nove da noite! -deixe-o esperar. E se vier um outro homem com ele, como deve vir. talvez

- disse Ralph, reprimindo-se - deixe-o também esperar.

- Deixo esperar os dois - interrogou Newman.

- Sim - retorquiu Ralph, voltando-se para ele com um olhar zangado. - Ajude-me a vestir esta jaqueta e não repita o que eu digo com grasnidos de pardal.

- Desejava ser pardal - observou Newman, carrancudo.

- E eu desejava que fosse - replicou Ralph, abotoando a jaqueta. - Já lhe tinha torcido o pescoço há muito tempo.

Newman não deu resposta a este cumprimento, mas olhou por um instante sobre o ombro de Ralph como se estivesse imensamente disposto a torcer-lhe o nariz. Mas encontrando os olhos de Ralph, encolheu subitamente os dedos e pôs-se a esfregar o nariz com uma veemência completamente espantosa. Não dando mais atenção ao seu excêntrico empregado do que um olhar ameaçador e um aviso para ter cuidado e não fazer erros, Ralph agarrou no chapéu e nas luvas, e saiu.

Parecia ter conhecimentos muito extraordinários e dum grande miscelânea, mas todos eles só tinham um objectivo: dinheiro. Nas casas ricas era cheio de amabilidade e delicadeza, andando com uns passos muito leves, para mal se ouvirem nos espessos tapetes. Nas casas pobres as suas botas ressoavam no chão e a sua voz era áspera



quando pedia o dinheiro em dívida. Com aqueles que o ajudavam nos negócios, procuradores de reputação mais ou menos duvidosa, Ralph era ainda um outro homem; familiar e brincalhão, humorista a respeito dos acontecimentos do dia, e especialmente agradável quando se tratava de quebras e de dificuldades pecuniárias. Em resumo, teria sido difícil reconhecer o homem sob estes variados aspectos, a não ser pelas letras e recibos que ele extraía da algibeira em cada casa, e pela repetição da queixa constante do mundo - o lugar rico.

Fez-se noite antes duma longa série de visitas - apenas interrompidas por um fraco jantar numa casa de pasto - terminar em Pimlico e, Ralph, dirigir-se ao longo de St. Jame's Park para casa. Na cabeça borbulhavam-lhe profundos projectos, tornando-o indiferente a tudo o que o cercava. Era tão completa a sua abstracção, que ele, que usualmente, notava tudo quanto se passava não deu por ser seguido por uma figura desengonçada a observá-lo com um olhar atento e ardente. O céu anunciava tempestade e Ralph, escondendo-se debaixo duma árvore, ainda entregue aos seus pensamentos, ergueu subitamente os olhos encontrando os do homem que o contemplava com grande atenção. Houve qualquer coisa na expressão do usurário que fez luz na memória do homem, pois decidiu chegar-se mais para perto de Nickleby, pronunciando-lhe o nome.

Atónito de momento, Ralph recuou uns passos e inspeccionou-o dos pés à cabeça. Era um homem magro, tristonho, com cerca da sua idade, de corpo alquebrado e cara sinistra, realçada ainda mais pelas faces encovadas e esfaimadas, profundamente crestadas pelo sol com espessas e negras sobranceiras, em contraste com a perfeita alvura do seu cabelo; vestido de andrajos, tinha umas maneiras indefinidas de depravação e degradação. Mas, voltando a olhá-lo, a cara pareceu-lhe, gradualmente menos estranha, com traços que lhe eram familiares; conheciam-se de há muitos anos, mas tinham-se perdido mutuamente de vista e esquecido. O homem percebeu o mútuo reconhecimento e, pedindo a Ralph para tomar o seu primitivo lugar debaixo da árvore e não estar à chuva, dirigiu-se-lhe numa voz fraca e grosseira.

- O senhor mal me poderia conhecer pela voz, suponho eu, Mr. Nickleby.

- Não - respondeu Ralph, lançando-lhe um olhar penetrante. - Todavia há alguma coisa que me recordo agora.

- Há pouco em mim que faça lembrar o que era há oito anos - observou o outro.

- Bastante - disse Ralph negligentemente e desviando a cara. - Mais do que suficiente.

- Se tivesse ficado em dúvida a seu respeito, Mr. Nickleby

- continuou o outro - esta recepção e a sua maneira, esclarecer-me-iam muito depressa.

- Esperava qualquer outra? - perguntou Ralph vivamente.

- Não - replicou o homem.

- Você teve razão - retorquiu Ralph - e como não senti surpresa, não precisava de exprimir nenhuma.

- Mr. Nickleby - disse o homem grosseiramente depois duma breve pausa. Quer ouvir umas palavras que tenho para lhe dizer?

- Sou obrigado a esperar até que a chuva abrande um

pouco - respondeu Ralph, olhando para longe. - Se falar, sir eu não vou pôr os dedos nos ouvidos, embora a sua conversa tenha o mesmo efeito como se os pusesse.

- Já fui da sua confiança. - começou o homem, enquanto Ralph olhou em redor e sorriu involuntariamente. - Bem, tanto da sua confiança quanto o senhor permite a qualquer pessoa.

- Ah! - replicou Ralph, cruzando os braços - isso é outra coisa. completamente outra coisa.

- Não brinquemos com palavras, Mr. Nickleby, em nome da humanidade.

- Do quê? - inquiriu Ralph.

- Da humanidade. Tenho fome e necessidade. Se a mudança que em mim vê depois duma tão longa ausência o não move à piedade, permita que a consciência desse pão, não

o pão diário da Padre Nosso que, como é oferecido em cidades como esta, compreende-se que inclua metade das luxúrias do mundo para os ricos, do que socorro para a vida dos pobres. Não esse, mas pão, uma crosta de pão seco e mole, que está hoje fora do meu alcance que tenha algum peso em si, se outra coisa não tiver.

- Se é esta a sua forma usual de pedir, sir - observou Ralph - estudou o seu papel bem; mas se quer receber o conselho dum homem que conhece o mundo e os seus processos, tenho a recomendar-lhe um tom mais baixo se não, é capaz de ficar realmente com fome.

Dizendo isto Ralph agarrou firmemente o próprio pulso com a mão esquerda e, inclinando a cabeça de lado e mergulhando o queixo no peito, olhou para o seu interlocutor com uma cara carrancuda e franzida, o verdadeiro retrato do homem a quem nada pode mover ou abrandar.

- Ontem foi o meu primeiro dia em Londres - informou o velho, relanceando para o fato enodado e para os sapatos gastos.

- Creia que seria melhor para si se fosse também o último

- replicou Ralph.

- Nestes dois dias tenho

andado à sua procura, onde pensava que seria mais provável encontrá-lo e, por fim, encontro-o aqui, onde não tinha quase a esperança de o ver, Mr. Nickleby.

Pareceu aguardar uma resposta, mas como Rálf não desse nenhuma continuou:

-Sou um miserável e desgraçado com cerca de sessenta anos e tão desamparado como uma criança de seis.

- Eu também tenho sessenta anos - retorquiu Ralph - e não sou um desamparado. Trabalhe! Não faça finos discursos dramáticos sobre o pão, ganhe-o!

-Como? - perguntou o outro. - Onde? Mostre-me os meios. Dá-mos?

-Já dei uma vez e não precisa de perguntar se os darei de novo.

-Foi há vinte anos, ou mais, que o senhor e eu questionámos. Lembra-se? Eu reclamei uma parte nos lucros de alguns

negócios que lhe trouxe e, como persistisse, o senhor mandou-me prender por causa duma antiga dívida de dez libras e alguns xelins... incluindo juros a cinquenta por cento, ou coisa parecida.

-Lembro-me duma coisa dessas - respondeu Ralph descuidadamente. - E depois?

-Isso não nos dividiu. Eu submeti-me por estar do lado mau dos ferrolhos e das grades, e como o senhor não era então o homem que é agora, ficou satisfeito em receber outra vez um empregado, que se não era muito bom, conhecia pelo menos os negócios que o senhor fazia.

-Você pediu, suplicou e eu consenti - replicou Ralph. Foi amabilidade da minha parte. Talvez precisasse de si. e esqueci. Devo crer que esqueci, ou você teria pedido em vão. Você era útil - não muito honesto, não muito delicado, não muito escrupuloso de mãos e de coração - mas útil.

-De facto útil! Vamos. O senhor oprimiu-me e humilhou-me durante anos antes disso, mas eu servi-o fielmente até essa altura, embora tratado como um cão. não servi?

Ralph não deu resposta.

- Não servi? - insistiu o homem.

-Você teve o seu ordenado - respondeu Ralph - e fez o seu serviço. Ficámos em igual terreno e ambos nos podemos considerar quites.

- Mas não, depois - disse o outro.

- Não depois, certamente, nem mesmo então, você devia-me dinheiro e ainda deve - observou Ralph.

- Isso não é tudo - declarou o homem com ímpeto. Fixe isto. Não esqueci essa velha chaga, pode ter a certeza. Parte em lembrança dela, parte na esperança de arranjar

dinheiro algum dia pelo seu sistema, aproveitei-me da minha posição junto de si e possuir uma influência sobre o senhor a qual lhe daria metade de tudo, o que devia saber e que nunca poderá conhecer a não ser por mim. Deixei-o muito depois disso, e por algumas pequenas trapaças fora da lei, mas que não eram, comparadas com o que os fabricantes de dinheiro praticam diariamente à margem dos seus limites. Fui condenado a sete anos. Voltei da forma que me vê. Agora, Mr. Nickleby - acrescentou o homem com uma estranha mistura de humildade e força - que ajuda e socorro me pode prestar? As minhas expectativas não são monstruosas, mas preciso de viver é, para viver, preciso de comer e de beber. Do seu lado está o dinheiro, do meu a fome e a sede. Pode fazer um negócio fácil.

- É tudo? - perguntou Ralph, olhando ainda o companheiro com o mesmo olhar firme e movendo apenas os lábios.

- Depende de si, Mr. Nickleby - se é tudo, ou não - foi a resposta.

-Então escute, Mr. Brooker - disse Ralph com o seu mais duro tom - e não espere tirar outra resposta de mim. Escute, sir. Conheço-o há muito como um grandíssimo velhaco

mas sem nunca ter tido um coração valente; e trabalho forçado com, talvez, correntes amarradas às suas pernas e menos comida do que quando eu o oprmia e humilhava, deram-lhe cabo do juízo, se não, não teria vindo para mim com uma conta desses. Você tem uma influência sobre mim! Guarde-a ou espalhe-a pelo mundo, se quiser.

- Não posso fazer isso, não me serviria de nada.

-Não serviria? - inquiriu Ralph. - Servirá tanto como sobre mim, prometo-lhe. Para ser franco, declaro-lhe que sou um homem cuidadoso e conheço os meus negócios perfeita mente. Conheço o mundo e o mundo conhece-me. Qualquer coisa que respigou, ouviu, ou viu enquanto me serviu, o mundo sabe e já aumentou. Você nada pode dizer que me surpreenda. a não ser, na verdade, a meu favor, ou honra, e nesse caso você seria tido por mentiroso. Contudo não procuro negócios frouxos, nem clientes escrupulosos.

Bem pelo contrário. Todos os dias sou injuriado ou ameaçado por um ou outro homem mas as coisas correm sempre na mesma e eu não fico mais pobre.

-Eu não injurieei, nem ameacei - retorquiu o homem. Apenas lhe digo o que o senhor perdeu pela nossa acção, o que eu somente possa reviver e o que, se morrer sem a reviver, morre comigo e nunca pode ser recuperado.

- Tenho o meu dinheiro muito em segurança e geralmente guardo-o comigo - informou Ralph. - Olho incisivamente para a maioria dos homens com quem trabalho e mais

do que tudo, olhei incisivamente para si. Você é bem-vindo por tudo quanto afastou de mim.

- Os que usam o seu nome são-lhe queridos? - interrogou o homem enfaticamente. - Se são.

- Não são - interrompeu Nickleby exasperado com esta perseverança e com o pensamento de Nicholas, que a última pergunta despertou. - Não são. Se você viesse como um vulgar pedinte, podia ter dado seis pence em lembrança do esperto velhaco que era, mas desde que pretende enganar com essas caducas tretas uma pessoa que tinha obrigação de conhecer melhor, não lhe dou meio péni... nem para o tirar da podridão. E lembre-se disto, evadido da forca, - avisou Ralph, ameaçando-o com a mão - que se o encontrar de novo e se fizer notar por um simples gesto, verá mais uma vez o interior duma prisão.

Com ar desdenhoso para o objecto do seu ódio, que o olhou nos olhos, mas não proferiu palavra, Ralph foi-se embora no seu passo habitual, sem manifestar a mais leve curiosidade do que faria o seu antigo companheiro. O homem permaneceu no mesmo sítio, com os olhos fixos na figura que se retirava até deixar de a ver e depois, passando os braços em volta do peito, como se a humidade e a falta de comida lhe fizesse frio, arrastou-se com passos pesados e olhos baixos, para a beira do caminho, pedindo àqueles que passavam.

Ralph, de modo nenhum impressionado pelo que se passara,

caminhou deliberadamente e, contornando o parque e deixando Golden Square à sua direita, encaminhou-se por entre as ruas na parte ocidental da cidade, até chegar aquela onde era a residência de Madame Mantalini. O nome desta senhora já não aparecia na flamejante chapa da porta, tendo sido substituído pelo de Miss Knag. Os chapéus e os vestidos eram ainda visíveis nas janelas do primeiro andar à luz poente duma tarde de Verão e excepto na extensiva alteração da propriedade, o estabelecimento mantinha a sua velha aparência.

-Hum! - murmurou Ralph, pondo a mão na boca com o ar dum conhecedor, e inspeccionando a casa de cima a baixo - esta gente tem aparência. Não podem durar muito. Se eu soubesse, em bom tempo, como iam, estava pago e com um bom lucro. Preciso de os ter debaixo de olho. é o que é!

Acenando a cabeça com complacência, Ralph ia para sair donde estava, quando ouviu o som confuso de muitas vozes misturado com o barulho de subir e descer escadas, na casa que estivera a observar. E enquanto estava hesitante, se devia bater à porta, ou escutar mais tempo pelo buraco da fechadura, uma criada de Madame Mantalini abriu-a abruptamente e saiu com precipitação, com as fitas do chapéu a flutuarem no ar.

-Olá, páre! - gritou Ralph. - Do que se trata? Sou eu. Não me ouviu bater?

-Oh, Mr. Nickleby, sir - disse a rapariga. - Suba, por amor de Deus. O patrão fê-la outra vez.

-Fez o quê? - perguntou Ralph asperamente. - O que quer dizer?

- Eu sabia que ele fazia sempre isso - disse a rapariga.

- Venha cá - disse Ralph, puxando-a pelo pulso. - Não ande a espalhar essas coisas, pois dará cabo dos créditos do estabelecimento. Venha cá!

Sem mais discussão ele levou, ou antes, puxou a amedrontada rapariga para dentro de casa e fechou a porta; depois ordenando-lhe para subir a escada à sua frente, seguiu-a sem mais cerimónias. Guiado pelo barulho de muitas vozes, todas a falarem ao mesmo tempo, e ultrapassando a rapariga na sua impaciência, Ralph depressa se encontrou na sala, onde ficou bastante atordoado pela confusa e inexplicável cena, na qual de repente, se encontrou.

Estavam todas as jovens empregadas, algumas de chapéu, outras sem ele, em várias atitudes, expressivas de susto e consternação. Umas rodeavam Madame Mantalini, que

estava numa cadeira lavada em lágrimas; outras Miss Knag sentada noutra cadeira, mas não lacrimajante; e ainda outras Mr. Mantalini, que era a figura mais aparatosa do grupo. As pernas dele estavam todas estendidas no chão, os olhos fechados, os braços e os ombros suportados por um alto lacaio. Tinha a cara pálida, os dentes cerrados, com um pequeno frasco numa das mãos e uma colher de chá na outra. Contudo Madame Manta lini não chorava sobre o corpo, mas ralhava violentamente na cadeira, e tudo isto no meio dum clamor de vozes perfeitamente ensurdecedor.

-O que se passa? - perguntou Ralph, avançando. A esta pergunta o clamor aumentou quarenta vezes e numa atordoadora enfiada de agudas contradições como estas: Ele envenenou-se, Não se envenenou; Chamem um médico, Não chamem, Está a morrer, Não está, está apenas a fingir, com outros gritos vozeados com desconcertante volubilidade, até Madame Mantalini se dirigir a Ralph. Sucedeu-se um silêncio de morte.

-Mr. Nickleby - disse Madame Mantalini - não sei por que felicidade veio cá.

Ouviu-se nesta altura o doente a dizer estas palavras no seu delírio, Diabólica doçura, mas ninguém lhe deu atenção, a não ser o lacaio, que deixou cair a cabeça do patrão no chão com um barulho bastante audível e sem se esforçar para a levantar, ficando pasmado para os circunstantes como se tivesse feito alguma coisa de inteligente.

-Direi, contudo - continuou Madame Mantalini, enxugando os olhos e falando com grande indignação - diante do senhor e de qualquer outra pessoa pela primeira vez e para sempre, que nunca mais voltarei a pagar as extravagâncias e os vícios deste homem. Durante

muito tempo fui uma parva e uma tola. De futuro, que se mantenha a si próprio, se puder, e então pode gastar o dinheiro que quiser, com quem e da forma que lhe agradar, mas não será o meu e, por isso, é melhor o senhor parar antes de confiar mais nele.

Após este intróito, Madame Mantalini, insensível às patéticas lamentações do marido, a quem o farmacêutico não misturara o ácido prússico bastante forte e que para acabar a obra era preciso outro frasco, entrou na descrição das galantarias deste amável cavalheiro, extravagâncias e infidelidades, citando a circunstância de se ter envenenado não menos de seis vezes, na última quinzena, não tendo ela interferido uma só vez, por palavra ou por obra, para lhe salvar a vida.

-E insisto em nos separarmos - prosseguiu Madame Mantalini, soluçando. - Se ele se atreve a recusar-me a separação, terei uma defesa na lei. Posso... e espero que isto seja um aviso para todos quantos têm visto este triste espectáculo.

Miss Knag, que era inquestionavelmente a rapariga mais velha do grupo, disse com grande solenidade que seria um aviso para si, e o mesmo fizeram as outras raparigas em geral, com excepção de uma ou duas, que pareciam alimentar umas certas dúvidas.

-Porque diz isto tudo perante tantos ouvintes? - perguntou Ralph em voz baixa. - Como sabe, não está em apuros.

-Estou - replicou Madame Mantalini em voz alta, retirando-se para junto de Miss Knag.

-Bem, mas considere - raciocinou Ralph, que tinha um grande interesse no assunto. - Seria bom reflectir. Uma mulher casada não tem bens...

-Nem um indivíduo solitário - declarou Mr. Mantalini erguendo-se no cotovelo.

- Estou perfeitamente ao facto disso - respondeu Madame

Mantalini, inclinando a cabeça. - Este negócio, as mercadorias, esta casa e tudo o que está nela, tudo pertence a Miss Knag.

- a verdade, Madame Mantalini - declarou Miss Knag, que chegara a um secreto entendimento com a sua antiga patroa. - Muito verdade. E nunca fui tão feliz na minha vida, se não quando resistia a propostas de casamento, e penso na minha presente situação comparada com a sua, muitíssimo infortunada e muitíssimo injusta, Madame Mantalini.

-Diabo! - exclamou Mr. Mantalini, voltando a cabeça para a esposa. - Não metes na ordem essa invejosa rica, que se atreve a fazer reflexões sobre as delícias da sua riqueza? Mas os dias das carícias de Mr. Mantalini tinham passado.

- Miss Knag, sir - avisou a esposa - é minha amiga particular. Para fazer justiça à excelente Miss Knag devemos dizer ter sido ela a causa deste estado de coisas, por ter investigado a vida privada de Mr. Mantalini, abrindo os olhos de Madame Mantalini que os teve por tantos anos fechados. Para este fim contribuiu a descoberta accidental, por Miss Knag, duma terna correspondência onde Madame Mantalini era descrita como velha e ordinária. Contudo, apesar da sua firmeza, Madame Mantalini chorava e, encostando-se a Miss Knag, indicou-lhe a porta, que ela e todas as jovens, com caras consternadas, transpuseram.

-Nickleby - disse Mr. Mantalini com lágrimas. - Tem sido testemunha desta diabólica crueldade da parte da mais diabólica feiticeira e encantadora como nunca houve! Perdoo a essa mulher!

-Perdoa? - repetiu Madame Mantalini zangada.

-Tenho de lhe perdoar, Nickleby - continuou Mr. Mantalini. - Deve censurar-me, o mundo há-de censurar-me; toda

a gente rirá e dirão: ela tinha uma felicidade e não a conhecia.

Ele era um fraco; era bom demais; amava-a demasiado; não

podia vê-la zangada e chamar-lhe nomes feios. Era um caso como nunca houve! Mas... eu perdoo-lhe.

Com este discurso afectuoso Mr. Mantalini deixou-se cair outra vez e ficou, segundo toda a aparência, sem sentidos até todas as mulheres deixarem o aposento, altura em que se sentou cautelosamente e encarou Ralph com uma cara pálida, ainda com o frasco numa das mãos e a colher de chá na outra.

- Agora pode pôr de parte essas parvoíces e continuar a viver com as suas habilidades - disse Ralph friamente, pondo o chapéu.

-Diabo, Nickleby! Está a falar a sério?

-Raramente brinco. Boa-noite!

- Não, mas, Nickleby. - chamou Mr. Mantalini.

- Talvez esteja enganado - replicou Ralph. - Espero que sim. Deve saber melhor. Boa-noite!

Fingindo não ouvir as súplicas para ficar e aconselhá-lo, Ralph deixou Mr. Mantalini com as suas meditações e saiu tranquilamente de casa.

-Oh, oh! - exclamou ele - o sol pôs-se deste lado tão cedo?. Hum!. Julgo que os seus dias terminaram, sir.

Ao dizer isto tomou uma nota na agenda, onde figurava o nome de Mr. Mantalini, e vendo pelo relógio que eram entre as nove e as dez, encaminhou-se para casa a toda a pressa.

-Está cá? - foi a primeira pergunta feita a Newman.

- Está cá há meia hora - respondeu este.

- Os dois? Um deles gordo e nédio?

- Sim - respondeu Newman. - No escritório.

-Bem - retorquiu Ralph. - Arranjme um trem.

- Um trem! O que. vai. hein? - gaguejou Newman.

Ralph repetiu a ordem, zangado, e Noggs, cujo pasmo tinha desculpa, por nunca ter visto Ralph num trem em toda a sua vida, saiu para executar o recado e voltou a seguir com o carro. Entraram nele Mr. Squers, Ralph e o terceiro homem, que Newman Noggs nunca vira. Newman ficou à entrada da porta para os ver partir, não deixando de se interessar saber a onde iam e para o que iam, quando, por acaso, ouviu Ralph indicar a morada para onde o cocheiro devia seguir. Rápido como o relâmpago, e num estado da mais extrema surpresa, Newman entrou no seu pequeno escritório, foi buscar o chapéu e coxeou atrás do trem, como se tivesse a intenção de se instalar na rectaguarda; porém, não pôde levar-lhe muita vantagem e ficou na rua vazia, de boca aberta.

-Não sei que fazer para ir também - disse Noggs, pa rando para respirar. - Ele devia ver-me se eu fosse! Siga para tal parte! O que pode vir disto? Se ao menos o soubesse ontem, podia ter dito... siga para tal parte! Aqui há velhacaria!

As suas reflexões foram interrompidas por um homem de cabelos brancos de aparência notável, que foi resolutamente direito a ele, pedindo-lhe esmola. Newman, ainda a cogitar, voltou-se, mas o homem seguiu-o com um tal relato de miséria, que Newman, com pouco para dar, olhou para dentro do chapéu a ver se encontrava algum meio péni numa dobra do lenço. Enquanto se afadigava a desfazer o nó com os dentes, o homem disse-lhe qualquer coisa que lhe atraiu a atenção; o que quer que fosse, chamou outra coisa qualquer à sua atenção e, finalmente, ele e Newman foram lado a lado, o estranho falando animadamente e Newman escutando.

Capítulo XLV

ASSUNTOS SURPREENDENTES

Nicholas, Mrs. Nickleby, Mrs. Browdie Kate Nickleby e Smike

encontravam-se nessa noite reunidos na cottage. Era uma alegre reunião. Mrs. Nickleby, sabendo das obrigações do filho para com o honesto homem de Yorkshire consentiu

que Mr. e Mrs. Browdie fossem convidados a tomar chá, depois duma certa irresolução. Para a execução desta iniciativa houve a princípio várias dificuldades e obstáculos, levantados, primeiro, por não haver uma oportunidade para visitar Mrs. Browdie, pois embora Mrs. Nickleby observasse não ter um átomo de orgulho ou de delicadezas era, contudo, grande partidária da dignidade e de cerimónias, e era manifesto que, até não ter sido feita a visita, não podia ser, polidamente falando e de acordo com as leis da sociedade conhecedora da existência de Mrs. Browdie e por isso sentia a sua situação, de por delicadeza e dificuldade.

-A visita deve partir de mim, meu querido, isso é indispensável - disse Mrs. Nickleby. - O facto é, meu querido, tem de haver uma espécie de condescendência da minha parte e mostrar a essa jovem que estou disposta a saber da sua existência. Há um jovem dum aparato respeitável, que é condutor dum dos ónibus - acrescentou Mrs.

Nickleby depois duma curta consideração - e passou por aqui com um chapéu envernizado. A tua irmã e eu têm-lo notado com muita frequência. Tem uma verruga no nariz, Ka, como sabes, é exactamente como o criado dum fidalgo.

- Os criados dos fidalgos têm todos verrugas no nariz, mãe - perguntou Nicholas.

- É absurdo Nicholas, meu querido - replicou a mãequis dizer, decerto, que o seu chapéu envernizado dá-lhe o aspecto dum criado dum fidalgo e não a verruga no nariz.

embora mesmo isso não seja tão ridículo como te parece, pois tivemos um mandarete uma vez, que tinha, não apenas uma verruga, mas também um lobinho muito grande.

O rapaz pediu para Lhe aumentarmos o ordenado e vi que ele se tornava muito dispendioso,

Deixem-me ver o que eu. Oh, sim, já sei. A melhor forma seria mandar-lhe

um cartão com os meus cumprimentos por este tal jovem, não duvido que ele o leve por uma caneca de cerveja para o Saracen. se o criado de lá o tomar por um servo dum fidalgo, tanto melhor. Depois

tudo o que Mrs. Browdie tem a fazer é mandar o seu cartão pelo portador e está tudo acabado.

-Minha querida mãe - observou Nicholas - não creio que gente, livre de etiquetas como esta, tenha cartões seus, ou os venha a ter.

-Oh, na verdade, Nicholas, meu querido, isso é outra coisa - replicou Mrs. Nickleby. - Se pões as coisas nesse pé não tenho mais a dizer se não que não tenho dúvida

em os considerar uma espécie de pobres diabos e não faço qualquer objecção a eles virem cá tomar chá.

Postas as coisas assim e Mrs. Nickleby ficando devidamente colocada numa posição de condescendência, Mr. e Mrs. Browdie foram convidados e vieram; e como foram muito obsequiosos para com Mrs. Nickleby e pareceram ter uma conveniente apreciação da sua grandeza, a boa senhora deu mais uma vez a entender a Kate, em segredo, julgar serem eles as pessoas mais sinceras que conhecia.

Por isso John Browdie declarou na sala, depois da ceia

- isto é vinte minutos antes das oito da noite - nunca se ter sentido tão feliz em toda a vida. Nem Mrs. Browdie ficou atrás do marido a este respeito, porque Kate

teve a arte de levar a conversa para assuntos em que a provinciana, tímida a princípio, por se ver numa companhia diferente, se sentisse à vontade. E se Mrs. Nickleby

não foi completamente feliz, às vezes, na escolha dos tópicos dos seus discursos, não pôde, contudo, ser mais amável.

- O seu marido - disse Kate, dirigindo-se à jovem esposa - é a criatura mais bem disposta, cordial e afável que conheço. Se me visse aflita por qualquer coisa, bastava olhar para ele para me sentir feliz.

-Parece ser, na verdade, uma excelente criatura, Kate

- confirmou Mrs. Nickleby. - E tenho a certeza de que me dará sempre prazer, verdadeiro prazer, que me venha visitar, Mrs. Browdie. Não somos de cerimónia - afirmou

Mrs. Nickleby com um ar parecendo insinuar que podiam fazer muito se estivessem dispostos. - Eu disse a Kate, Kate minha querida, se fizeres com que Mrs. Browdie

não se sintá à vontade, é muito ridículo.

-Estou-Lhe muito grata ma'am, tenha a certeza - retorquiu Mrs Browdie, agradecendo. - São perto das onze horas, John. Tenho receio de a obrigar a estar acordada até tão tarde.

- Tarde - exclamou Mrs. Nickleby com uma gargalhada aguda e fina e uma tossinha no fim, como a exprimir uma nota de admiração. - Para nós é absolutamente cedo. Costumamos estar a pé a estas horas. Meia noite, uma duas, três horas não é nada para nós! Bailes, jantares, partidas de cartas... nunca constituíram extravagâncias para pessoas com quem costumamos conviver. Penso agora muitas vezes, como podemos viver tal vida. mas o mal é ter-se muitos conhecimentos. Havia em especial uma família que vivia a uma milha de nós- não a direito, pela rua fora, mas voltando-se à esquerda da barreira onde o correio de Plymouth passou por cima dum burroque era uma gente completamente extraordinária. Dava as mais extravagantes reuniões, em resumo, todas as guloseimas de comida e de bebida de que alguém se pudesse lembrar. Não creio que houvesse outra gente como os Peltirogues. Lembra-te dos Peltirogues, Kate?

Kate viu ser mais que tempo, para pôr um dique a esta torrente de recordações Por isso respondeu ter dos Peltirogues a mais viva e nítida recordação e depois lembrou ter Mr. Browdie prometido, ao começo da noite, que cantaria uma cantiga de Yorkshire, estando ela muito impaciente por ouvir o cumprimento da promessa, por ter a certeza de ir proporcionar à sua mamã muita alegria e prazer.

Mrs Nickleby confirmou a opinião da filha e John Browdie, depois de se mexer muitas vezes na cadeira e de pôr os olhos no tecto, começou a cantar com suave sentimento numa voz de trovão. No fim do primeiro verso ouviu-se bater tão violentamente à porta da rua, que as senhoras estremeceram ao mesmo tempo e John Browdie parou.

- Deve ser engano - disse Nicholas negligentemente. Não conhecemos ninguém que venha a esta hora.

Contudo Mrs. Nickleby aventou a hipótese do escritório estar a arder, ou talvez nos Misterybles tivessem mandado procurar Nicholas para o meterem na sociedade o que certamente parecia altamente provável áquela hora da noite, ou talvez Mrs. Linkinwater tivesse fugido com o dinheiro, ou Miss La Creevy estivesse doente, ou.

Mas uma brusca exclamação de Kate, deteve-a nas suas conjecturas e Ralph Nickleby entrou no aposento.

- Fique - disse Ralph quando Nicholas se levantou, e Kate dirigindo-se ao irmão, atirou-se ao seu braço. - Antes deste rapaz dizer uma palavra, ouçam-me.

Nicholas mordeu os lábios e abanou a cabeça duma maneira ameaçadora, mas deu a entender não lhe ser possível articular uma palavra neste momento. Kate agarrou-se mais ao seu braço, Smike retirou-se para trás deles e John Browdie, que já tinha ouvido falar em Ralph e pareceu não ter grande dificuldade em o reconhecer meteu-se entre o velho e o seu jovem amigo, como se fosse intenção sua impedir que algum deles desse mais um passo.

- Ouçam-me, repito! - exclamou Ralph. - E não a ele?

- Então dize o que tens para dizer, sir - replicou John - mas toma cuidado, não faças ferver o sangue, porque nesse caso é melhor estares calado.

- Conheço-o a si - informou Ralph - pela sua fala, e a ele - apontando para Smike - pela sua aparência.

- Não fale para ele- disse Nicholas, recuperando a fala. Não quero. Não o escutarei. Não conheço este homem. Não posso respirar o ar que ele corrompe. A sua presença é um insulto para a minha irmã. É uma vergonha olhar para ele. Não suportarei.

- Fique! - exclamou John, pondo-Lhe a pesada mão no peito.

- Então ele que se retire imediatamente - ordenou Nicholas, debatendo-se. - Não lhe ponho as mãos, mas ele que se retire. Não o quero aqui. John. John Browdie. esta casa é minha. sou por ventura uma criança? Se ele fica aqui - gritou Nicholas, ardendo em fúria -



olhando tão calmamente para aqueles que conhecem o seu coração negro e vil, dou em maluco!

A todas estas exclamações John Browdie não respondeu uma palavra, mas reteve Nicholas seguro e quando ele se calou, falou de novo:

- Há mais a dizer e a ouvir do que tu julgas. Digo-te que já me tinha dado o cheiro a isto. O que vem a ser aquela sombra fora da porta? Olha, é o mestre-escola; mostra-te, homem! Não estejas envergonhado. Cavalheiro, deixe entrar o mestre-escola, vamos! Ouvindo o pedido, Mr. Squeers, que ficara no corredor até à altura conveniente da sue entrada, para produzir efeito, foi constrangido a apresentar-se duma maneira um tanto humilhada e ignóbil, com o que John Browdie riu, que mesmo Kate, com toda a sua aflição, ansiedade e surpresa da cena, e apesar das lágrimas nos olhos, sentiu disposição para o imitar.

- Está, então, a divertir-se sir? - perguntou Ralph, por fim.

- Presentemente assim, assim, sir - respondeu John.

- Posso esperar - avisou Ralph. - Não se apresse, suplico-Lhe.

Ralph auZzardou até se fazer um perfeito silêncio e depois, voltando-se para Mrs. Nickleby, mas dirigindo um olhar ardente para Kate, como se estivesse mais ansioso em verificar o seu efeito nela, declarou:

-Agora, ma'am, escute-me. Não imagino que esteja interessada num belo fluxo de palavras dirigidas a mim pelo seu filho e que isso tenha a mais leve importância ou influência, ou seja, por um momento, tomado em conta.

Mrs. Nickleby abanou a cabeça e suspirou como se houvesse nisso um bom bocado de verdade.

-Por essa razão-continuou Ralph-dirijo-me a si, ma'am. Em parte por essa razão e em parte porque não desejo ser desgraçado pelos actos dum depravado adolescente a quem fui obrigado a não reconhecer e que depois, na sua acriançada majestade, finge. ah ah!. não me reconhecer. Apresento-me aqui esta noite. A minha vinda tem outro motivo. um motivo de humanidade. Venho aqui para restituir uma criança ao seu pai. Sim, sir - continuou ele, inclinando-se impetuosamente para a frente e dirigindo-se a Nicholas, como se marcasse a mudança da sua expressão - Para restituir uma criança ao seu pai. o seu filho, sir. enganado, escondido e conservado todas as vezes por si, com o baixo desígnio de lhe roubar algum dia qualquer coisa de que ele venha a ser possuidor.

- Nisso, sabe que mente! - observou Nicholas altivamente.

- Sei que falo verdade. Tenho o pai dele aqui - replicou Ralph.

- Aqui - riu Squeers, escarminho, avançando. - Ouviu isso? Aqui! Não lhe disse para ter cuidado que o pai dele não se ficava e que mo devolveria? O pai dele é meu amigo; veio directamente ter comigo. O que diz agora?. Vamos. o que diz a isto? Não tem pena de ter tido tanta maçada para nada? Não tem?

- Você tem no corpo certas marcas que lhe fiz - recordou Nicholas, olhando tranquilamente para longe - por isso pode falar tanto quanto lhe agrada. Há-de falar durante muito tempo antes de as tirar, Mr. Squeers.

O estimável cavalheiro deu um rápido olhar para a mesa, como se se preparasse para responder a esta pergunta, atirando um jarro, ou uma garrafa, à cabeça de Nicholas, mas foi interrompido no seu intento - se o tinha! - por Ralph, que, tocando-lhe no cotovelo, pediu-lhe para dizer ao pai que podia aparecer e reclamar o filho.

Sendo isto puramente um trabalho de amor, Mr. Squeers gostosamente o cumpriu e, deixando o aposento voltou quase imediatamente, amparando uma nédua personagem de cara oleosa, com as formas de Mr. Snawley, o qual se encaminhou direito a Smike, tomou a cabeça do pobre rapaz debaixo do braço, elevou o chapéu ao ar numa espécie de acção de agradecimento, exclamando entretanto:

-Nunca pensei neste alegre encontro quando o vi pela última vez!

-Tranquilize-se, sir - aconselhou Ralph com uma rude expressão de simpatia. - Agora já o tem!

-Tenho-o de facto? - exclamou Mr. Snawley, mal acreditando nos olhos. - Sim, ei-lo aqui, em carne e osso.

-Muito pouca carne - observou John Browdie. Mr. Snawley estava por demais ocupado com os seus sentimentos paternais para notar esta observação e, para adquirir mais a certeza da recuperação do filho, meteu-lhe outra vez a cabeça debaixo do braço.

-O que me fez tomar tão forte interesse nele quando esse digno instructor da mocidade o trouxe para minha casa? O que me fez sentir o mais ardente desejo de o castigar severamente por ter fugido dos seus melhores amigos. dos seus pastores e mestres?

-Foi o instinto paternal, sir - observou Squeers.

- Foi o elevado sentimento, sir - replicou Snawley -. o sentimento dos antigos romanos e gregos, dos animais do campo e dos pássaros do ar, com excepção dos coelhos e dos gatos, que algumas vezes devoram os seus filhos. O meu coração pulava para ele. Eu podia... Não sei o que podia ter-lhe feito na minha raiva de pai!

- Isso apenas mostra o que é a Natureza, sir - comentou Squeers. - A Natureza é uma coisa forte.

- uma coisa sagrada, sir - retorquiu Snawley.

- Acredito - acrescentou Mr. Squeers com um suspiro. Gostaria de saber como viveríamos sem ela. A Natureza é mais facilmente concebida do que descrita. Oh, que coisa abençoada, sir, é estar-se em harmonia com ela!

Os espectadores tinham ficado estupefactos durante este discurso filosófico, enquanto Nicholas olhava dum modo penetrante de Snawley para Squeers e deste para Ralph, dividido entre os seus sentimentos de desgosto, dúvida e surpresa. Entretanto; Smike escapou-se do pai e correu para Nicholas, implorando-lhe, nos termos mais comoventes, para nunca o entregar, mas sim para o deixar viver e morrer com ele.

-Se é pai deste rapaz - disse Nicholas - olhe para a ruína que ele é e diga-me se é sua intenção mandá-lo outra vez para aquela repugnante caverna donde eu o trouxe!

-Escândalo de novo - gritou Squeers. - Recorde-se de que já não tem setas na sua aljava, mas mesmo assim encontrar-nos-emos duma forme ou doutra.

- Páre - interpôs Ralph quando Snawley ia para falar. Vamos acabar com este assunto e não desperdiçar palavras tolaemente. Este é o seu filho, como pode provar...

e o senhor, Mr. Squeers, conhece este rapaz como sendo o mesmo que lhe foi entregue há muitos anos sob o nome de Smike?

-Conheço? Não conheço? - replicou Squeers.

- Bem - disse Ralph - poucas mais palavras serão sufi cientes aqui. Teve um filho da sua primeira mulher, Mr. Snawley?

-Tive - respondeu o interpelado. - E ele aqui está!

- Mostraremos isso agora - continuou Ralph. - O senhor e a sua esposa estavam separados, e o senhor deixou o rapaz a cargo dela, quando tinha um ano. Recebeu uma comunicação dela, quando viviam separados havia um ou dois anos, dizendo que o rapaz morrera e o senhor acreditou?

-É certo, acreditei! - retorquiu Snawley. - Oh, a alegria de.

-Seja razoável, sir - admoestou Ralph. - Isto é um negócio e os transportes prejudicam-no. Esta sua esposa morreu, pouco mais ou menos, há um ano e meio, num lugar obscuro, onde era governanta duma familia. isso é assim?

- Absolutamente - confirmou Snawley.

-Tendo-lhe escrito no leito da morte uma carta, ou confissão, acerca deste rapaz, a qual estando dirigida só a si, apenas chegou ao seu poder, e isto por via indirecta, há poucos dias?!

-Perfeitamente - ratificou Snawley. - Verdadeiro em todos os pormenores, sir.

-E esta confissão - prosseguiu Ralph - era para dizer que a morte dele fora uma invenção para o ferir a si, fazendo parte dum sistema de aborrecimentos adoptados por ambos, e que o rapaz vivia, mas era fraco e de intellecto imperfeito, por isso ela mandara-o para uma pessoa de confiança para uma escola barata em Yorkshire,

a qual pagara durante alguns

anos, mas que, sendo pobre e estando longe, foi gradualmente desamparando-o, pelo que pedia perdão?

Snawley acenou com a cabeça e limpou os olhos, primeiro levemente, por fim com violência:

-A escola era de Mr. Squeers - continuou Ralph - o rapaz foi deixado com o nome de Smike; todas as descrições foram inteiramente dadas, as datas condizem exactamente

com os livros de Mr. Squeers. Mr. Squeers alojava-se em sua casa

nessa altura. O senhor tem outros dois rapazes na escola dele; o senhor comunicou-lhe toda a descoberta, trouxe-me como a

pessoa que lhe recomendara o ladrão desta criança, e eu trouxe-o aqui. assim?

-O senhor fala como um livro aberto, sár, e dentro dele só há a verdade - confirmou Snawley.

-Estes são os seus documentos - disse Ralph, tirando-os da sua algibeira. - Os certificados do seu primeiro casamento e do nascimento do rapaz, assim como as duas

cartas da sua esposa e todos os outros papéis que podem confirmar estas declarações, directamente ou por tácita interferência, estão aqui. não estão?

- Todos, sir.

-E não se importa que sejam vistos aqui para que esta gente se convença do seu direito em fazer a reclamação imediatamente, à face da lei e da razão, e poder ter

a ingerência sobre o seu filho sem mais demora? Estou dentro do seu pensamento?

- Eu não o diria melhor, sir.

- Então - continuou Ralph, atirando com os documentos para cima da mesa. - Deixe-os examinarem, se quiserem, e como eles são papéis originais, recomendolhe para ficar perto, enquanto os examinam, se não, corre o risco de perder alguns.

Com estas palavras Ralph sentou-se e, comprimindo os lábios, que estavam divididos por um leve sorriso, cruzou os braços e olhou pela primeira vez para o sobrinho.

Nicholas, aguilhoado pelo sarcasmo, dardejou-lhe um olhar indignado, mas reprimindo-se o melhor que pôde, começou a fazer um cuidadoso exame dos documentos, ajudado

por John Browdie. Não havia dúvidas. Os certificados estavam assinados, as cartas pareciam verdadeiras e havia outros papéis corroborativos sobre os quais era igualmente

difícil levantar uma questão.

-Querido Nicholas - sussurrou Kate que tinha estado a olhar ansiosamente por cima do ombro dele - isto é realmente assim: esta declaração é verdadeira?

-Receio que sim - respondeu Nicholas. - O que diz, John?

John coçou a cabeça e abanou-a, mas não disse nada.

-Há-de observar, ma'am - disse Ralph, dirigindo-se a Mrs. Nickleby - que sendo este rapaz menor e duma cabeça não muito forte, podíamos ter vindo esta noite armados

com os poderes da lei e secundados por uma tropa dos seus sequazes.

Mas procedi assim, ma'am, por respeito pelos seus sentimentos. e de sua filha.

-Você mostrou já bem o seu respeito pelos sentimentos dela - comentou Nicholas, puxando a irmã para si.

-Obrigado - replicou Ralph. - A sua observação é na verdade um elogio, sir.

- Bem - disse Squeers. - O que se faz agora? Os cavalos do trem constipam-se se não pensamos em nos ir embora; há um deles que é capaz de abrir a porta com os espirros.

Qual é a ordem do dia... hein? O Mister Snawley vai connosco?

-Não! não! não! - protestou Smike, agarrando-se a Nicholas. - Não! Suplico que não! Não saio daqui! Não! não!

-Isto é uma coisa cruel! - observou Snawley, olhando para os amigos, pedindo ajuda. - Deitam os pais um filho ao mundo para isto?

-Põem os pais um filho no mundo para aquilo? - perguntou John Browdie, apontando para Squeers.

- Não se importe - retorquiu este cavalheiro, batendo no nariz com ar de zombaria.

- Não se importe! - repetiu John. - Não, nem tu te importas com nenhum rapaz, mestre-escola. É por ninguém se importar, que andam por cá homens como tu. Para onde

achas melhor ir? Não venhas atropelar-me!

Juntando a acção à palavra, John Browdiy meteu o cotovelo ao peito de Mr. Squeers, que avançava para Smike com tanta destreza, que o mestre-escola vacilou e caiu sobre Ralph Nickleby e, não podendo suster-se, atirou com este para fora da cadeira e tropeçou nele. Este procedimento foi o sinal para alguns procedimentos muito decisivos. No meio de grande barulho, ocasionado pelas súplicas e rogos de Smike, os gritos e exclamações das mulheres e a veemência dos homens, tentaram levar o filho perdido, pela violência. Squeers começava já a puxá-lo quando Nicholas, que até então estivera evidentemente indeciso sobre a forma de agir, o agarrou pela gola e o abanou de tal forma que os dentes bateram uns nos outros, escoltando-o delicadamente até à porta, que fechou sobre ele, depois de o atirar para o corredor.

- Agora - ordenou Nicholas aos outros dois - tenham a bondade de seguir o vosso amigo.

- Eu quero o meu filho! - disse Snawley.

-O seu filho - replicou Nicholas - escolhe por si. Es colhe ficar aqui e ficará.

- Não mo entrega? - perguntou Snawley.

- Não o entrego contra a sua vontade, para ser vítima da brutalidade a que você o confiou, como se fosse um cão ou um rato - respondeu Nicholas.

Venha com o castiçal Mister Nickleby - gritou Squeers pela fechadura - e tragam o meu chapéu, a não ser que ele queira roubá-lo.

- Na verdade tenho muita pena - declarou Mrs. Nickleby, que antes, enquanto Kate muito pálida, mas perfeitamente

calma, se conservava o mais possível perto do irmão, estivera chorando e mordendo os dedos com Mrs. Browdie. - Tenho na verdade muita pena de tudo isto e não sei

o que há de melhor a fazer. Nicholas deve ser o melhor juiz e espero que seja. Decerto é crueldade reter os filhos dos outros, embora o jovem Mr. Snawley seja uma criatura tão útil e cheio de boa vontade quanto é possível, mas se se pudesse arrumar tudo duma maneira desejável. se Mr. Snawley mais velho, se compromettesse a pagar alguma coisa pela sua pensão, para podermos dar-lhe peixe duas vezes por semana e um pudim outras duas vezes ou uns bolinhos de massa, ou qualquer outra coisa no género, penso que era muito satisfatório e agradável para todas as pártes.

Este compromisso que foi proposto com abundância de lágrimas e de suspiros não fez o efeito desejado por ninguém o ter ouvido e a pobre Mrs. Nickleby começou, por isso; a esclarecer Mrs. Browdie das vantagens deste projecto.

-Smike - disse Snawley, dirigindo-se ao aterrado Smike - és um rapaz desnaturado e ingrato. Não me permites amar-te quando quero. Não queres vir para casa. pois não?

-Não! Não! Não! - gritou Smike, recuando.

- Ele nunca amou pessoa alguma - - mugiu Squeers através do buraco da fechadura. - Ele nunca gostou de mim, nunca amou Wachford, que é um querubim. Como se pode esperar que ame o pá? Ele nunca amará o pai. Não sabe o que é ter pai. Não compreende, não está na sua mão.

Mr. Snawley olhou com frieza para o filho durante um bom minuto e depois, cobrindo os olhos com a mão e, levantando mais uma vez o chapéu ao ar, pareceu profundamente deplorar a sua negra infelicidade, quando tirou a mão dos olhos, agarrou o chapéu de Mr. Squeers e, pondo-o debaixo dum braço e o dele debaixo do outro, saiu triste e vagorosamente.

-O seu romance, sir - disse Ralph, detendo-se um momento - está destruído. Já não é um desconhecido, não é um descendente perseguido dum homem de alta esfera mas o fraco e imbecil filho dum pobre e pequeno comerciante. Veremos como a sua simpatia se funde perante a crua realidade do facto.

- Verá - respondeu Nicholas, apontando-lhe a porta.

-E acredite - acrescentou Ralph - que nunca supus que o entregasse esta noite. Altivez, teimosia,

reputação de belos sentimentos eram todos contra isso. Há-de ser humilhado, abatido, esmagado, sir! A ansiedade e as despesas da justiça na sua forma mais opressiva, e uma tortura de todas as horas, com os seus dias enfadonhos e as noites sem dormir. pôlo-ão à prova e quebrarei o seu altivo espírito. E quando fizer desta casa um inferno e sentir estas provas por causa desse miserável objecto como sei que sentirá, e aquelas que fazem agora de si um jóvem herói, ajustaremos velhas contas para ver quem é o devedor e aparecer o melhor perante o mundo. Ralph Nickleby desapareceu, mas Mr. Squeers, que ouvira um bocado deste discurso de encerramento e estava impotente para desferir a sua maldade, não pôde deixar de voltar à porta da sala e de fazer uma dúzia de cabriolas com vários esgares e horríveis caretas, expressivas da sua triunfante confiança na queda e derrota de Nicholas. Tendo concluído esta dança de guerra, Mr. Squeers seguiu os amigos e a família ficou a meditar nas recentes ocorrências.

## Capítulo XLVI

Esclarece-se o amor de Nicholas, mas se é para bem ou para mal, não se sabe

Depois da consideração da posição triste e embaraçosa em que ficou colocado, Nicholas decidiu não haver tempo a perder para a relatar francamente aos dois amáveis irmãos. Aproveitando a primeira ocasião de estar só, no dia seguinte, com Mr. Charles Cheeryble, contou-lhe a pequena história de Smike e modesta, mas firmemente, exprimiu-lhe a esperança de que ele o defenderia por ter interferido entre o filho e o pai.

-Tão profundamente parecia ser o horror do homem - continuou Nicholas - que me custa a crer que ele fosse realmente seu filho. A Natureza não parece ter-lhe posto no peito sentimento de afeição por ele.

-Meu caro senhor - respondeu o irmão Charles - cai no engano muito vulgar de imputar à Natureza tais assuntos, com os quais ela não tem a mais pequena ligação. Os homens falam da natureza como uma coisa abstracta e perdem de vista o que é natural. Aqui está um pobre rapaz, que nunca sentiu a carícia dum pai e mal conheceu em toda a sua vida outra coisa além de sofrimento e tristeza, apresentado a um homem que lhe declara ser seu pai e cujo primeiro acto é significar-lhe a sua intenção de pôr fim ao seu curto termo de felicidade, afastando-o do único amigo que teve: o senhor. Se a Natureza, num tal caso pusesse no peito do rapaz um secreto incitamento que o atirasse para o pai e o afastasse de si, seria mentirosa e idiota.

Nicholas escutava, por ver que o velho senhor falava tão calorosamente e, com a esperança dele dizer alguma coisa mais sobre este mesmo propósito.

-O mesmo engano apresenta-se-me duma forma ou doutra, a cada passo - prosseguiu o irmão Charles. - Pais que nunca mostraram o seu amor, queixando-se da falta da natural afeição dos filhos, filhos que nunca manifestaram os seus deveres, queixam-se da falta do sentimento natural dos pais, os legisladores, que acham ambos tão miseráveis pelas suas afeições por nunca terem tido o suficiente sol da vida para se desenvolverem, berram as suas moralidades para os pais e para os filhos, e gritam que os verdadeiros laços da Natureza foram desprezados. As afeições naturais e instintos, meu caro senhor, são as obras mais belas do Todo Poderoso, mas como outras belas obras suas, devem ser cultivadas e exaltadas. Desejava que pudéssemos considerar isto e lembrar as obrigações naturais um pouco mais na ocasião precisa, e falar delas um pouco menos na ocasião indevida.

Depois disto, o irmão Charles, que falara com grande calor, parou para arrefecer um pouco e continuou então:

-Parece-me que está surpreendido, meu caro senhor, por ter escutado a sua história com tão pouco espanto. Isto explica-se facilmente. o seu tio esteve aqui esta manhã.

Nicholas corou e recuou um passo ou dois.

- Sim - continuou o velho senhor, batendo enfaticamente na secretária - aqui. neste aposento. Não quis escutar, nem a razão, nem os sentimentos ou justiça. O irmão Ned foi duro para com ele. o irmão Ned, sir, da maneira como estava era capaz de estilhaçar uma pedra da rua.

- Ele veio para. - começou Nicholas.

- Para se queixar de si - interrompeu o irmão Charles - envenenar-nos os ouvidos com calúnias e falsidades, mas veio infrutiferamente e foi-se embora com algumas verdades salutares. O irmão Ned, meu caro Mr. Nickleby, é um perfeito leão. Assim como Tim Linkinwater. Tim é um leão. Tim foi o primeiro a fazer-lhe face.

-Como posso alguma vez agradecer-lhe todas as finezas com que me obriga todos os dias? - perguntou Nicholas.

-Guardando silêncio sobre o assunto, meu caro senhor

- replicou o irmão Charles. - Far-se-á justiça, ou, pelo menos, não será lesado. Ninguém que lhe pertença, será prejudicado. Não tocarão num cabelo da sua cabeça, na do rapaz, na da sua mãe, nem da sua irmã. Eu disse isto, o irmão Ned disse isto a Tim Linkinwater disse isto! Todos nós o dissemos e todos nós cumpriremos. Vi o pai - se ele é o pai! - e suponho que seja É um bárbaro e um hipócrita, Mr. Nickleby. Disse-lhe, O senhor é um bárbaro, e estou contente por lhe ter dito que é um bárbaro... Na verdade muito contente!

Nesta altura o irmão Charles estava num tal estado de veemente indignação que Nicholas pensou poder aventurar-se em dar uma palavra, mas na ocasião em que se preparava para o fazer, Mr. Cheeryble pôs-lhe suavemente a mão no ombro e apontou para uma cadeira.

-O assunto acabou por agora - declarou, limpando a cara. - Não se revive nem por uma simples palavra. Vou falar dum outro caso. um caso confidencial, Mr. Nickleby.

Temos de ser frios outra vez, temos de ser frios.

Depois de duas ou três voltas em roda do aposento, recuperou o lugar e, puxando a cadeira para mais perto daquela onde Nicholas estava sentado, disse:

-Vou empregá-lo, meu caro senhor, numa missão confidencial e delicada.

-O senhor podia empregar um mensageiro muito mais competente, sir - declarou Nicholas - mas mais fiel e zeloso, posso confiadamente dizê-lo, não podia encontrar.

- Disso tenho eu a certeza - replicou o irmão Charles. Tenho a consciência de que assim é, por isso vou-lhe dizer que o objecto da sua missão é uma jovem senhora.

- Uma jovem senhora, sir! - exclamou Nicholas, a tremer no seu ardor de ouvir mais.

-Uma jovem senhora muito linda - disse Mr. Cheeryble gravemente.

-Suplico-lhe que continue, sir - pediu Nicholas.

-Estou a pensar como fazê-lo - disse o irmão Charles tristemente, como pareceu ao seu jovem amigo. - O senhor, acidentalmente, viu a jovem senhora, numa manhã, neste aposento, num estado de desmaio. Lembra-se? Talvez se tenha esquecido.

-Oh, não! - respondeu Nicholas rapidamente. - Lembro-me muito bem.

-Ela é a senhora de quem falo - declarou o irmão Charles.

Como o famoso papagaio, Nicholas pensou um bom bocado, mas foi incapaz de proferir uma palavra.

- Ela é filha duma senhora - continuou Mr. Cheeryble - que, quando era também uma linda rapariga e eu muitos anos mais novo. - parece uma palavra estranha para se proferir agora - a amava ternamente. Talvez se ria de ver um homem de cabelos brancos falar em coisas destas; não me ofende, pois quando era jovem como o senhor, ter-me-ia atrevido a fazer o mesmo.

-Na verdade não penso nisso - protestou Nicholas.

-O meu querido irmão Ned - prosseguiu Mr. Cheeryble

- estava para casar com a irmã dela, mas morreu. Ela também morreu e há muitos anos. Casou à sua escolha; e desejava poder acrescentar que o resto da sua vida foi

tão feliz como, Deus sabe, eu sempre orei para que fosse!

Fez-se um curto silêncio, que Nicholas não se esforçou por quebrar.

-Se as piores calamidades caíssem tão levemente sobre a cabeça dele como na profundíssima verdade do meu coração, como sempre esperei que acontecesse, por amor dela, a sua vida teria sido de paz e felicidade - continuou o senhor calmamente. - Bastará dizer que não foi este o caso, pois ela não foi feliz por terem caído em complicadas aflições e dificuldades, até ela vir, doze meses antes de morrer apelar para a minha velha amizade tristemente mudada, abatida pelo sofrimento e maus tratos, e doente do coração. O marido logo se aproveitou do dinheiro que, para lhe dar a ela uma hora de paz de espírito, eu faria correr tão livremente como a água, mas, pelo contrário, frequentemente mandava buscar mais e contudo, mesmo quando o prodigalizava, fez dos pedidos da esposa a base de insultos e escárnios, protestando saber que ela pensava com amargo remorso na escolha que tinha feito, tendo casado com ele por interesse e vaidade, por ser um jovem alegre, com grandes amigos à sua volta quando ela o escolheu para marido, e descarregando sobre a infeliz, pelos meios mais injustos e cruéis, a amargura desse desapontamento. Nesse tempo esta jovem era uma criança. Nunca a tornei a ver se não naquela manhã em que o senhor a viu também, mas o meu sobrinho Frank.

Nicholas deu um pulo e, pedindo desculpa pela interrupção, pediu ao seu protector para continuar.

-O meu sobrinho Frank, dizia eu, encontrou-a por acaso e perdeu-a de vista quase um minuto depois, nos dois dias seguintes ao seu regresso a Inglaterra. O pai está num lugar secreto, para evitar os credores, reduzido entre a pobreza e a doença, a morrer dum momento para o outro, e ela, uma criança - podíamos quase pensar, se não conhecêssemos a sabedoria de todos os decretos do Céu - que teria feito a felicidade dum homem melhor, afronta firmemente as privações, degradações e tudo muito mais terrível para uma criatura de coração jovem e delicado, com o fito de o amparar. Ela é ajudada, sir - disse o irmão Charles - nestes revezes por uma criatura fiel que foi em velhos tempos uma pobre cozinheira da família, sendo depois a sua única criada, mas que podia ter sido, pela verdade e fidelidade do seu coração, que podia ter sido, a esposa de Tim Linkinwater, sir!

Prosseguindo nos seus elogios sobre a pobre criada com tal energia e prazer que as palavras não podem descrever, o irmão Charles encostou-se à cadeira e fez o resto da sua narração com grande tranquilidade. Em resumo: resistindo orgulhosamente a todas as ofertas de ajuda e socorro permanentes dos amigos da falecida mãe, por serem condicio nadas ao abandono do seu miserável pai, que não tinha amigos e a odiava, a jovem mantinha-o com o trabalho das suas mãos.

-Se fui pobre - disse o irmão Charles com os olhos a cintilarem - se fui pobre, Mr. Nickleby, meu caro senhor; o que graças a Deus já não sou, teria recusado a mim próprio

- decerto qualquer pessoa o faria em tais circunstâncias - as mais comuns necessidades da vida para a ajudar. Mas assim a tarefa é difícil. Se o pai morresse nada seria mais fácil, porque então compartilharia e alegraria a casa que o irmão Ned e eu pudéssemos ter, como se fosse nossa filha, ou irmã. Mas ele ainda vive. Ninguém lhe pode valer, o que tem sido tentado milhares de vezes; ele não foi abandonado de todos sem uma boa causa, eu sei.

- Ela não pode ser persuadida a. - Nicholas hesitou depois de ter ido longe demais.

- A deixá-lo? - perguntou o irmão Charles. - Quem pode solicitar a um filho abandonar o pai?

Foram feitas instâncias

junto dela para aceitar esta condição, limitada a vê-lo ocasionalmente, não por mim, mas sempre com o mesmo resultado.

-Ele é bom para ela? - interrogou Nicholas. - Retribui a sua afeição?

-Verdadeira amabilidade, considerando que não está na sua natureza - respondeu Mr. Cheeryble. -

Creio que ele a trata com a amabilidade que sabe. A mãe era uma criatura delicada, amorosa, confiante, e embora ele a magoasse desde o casamento até à morte, tão cruel e maldosamente como nenhum homem ainda fez, ela nunca deixou de o amar. Recomendou-o no leito de morte ao cuidado da filha, e a filha nunca o esqueceu, nem o esquecerá.

-O senhor tem alguma influência sobre ele? - inquiriu Nicholas.

-Eu, meu caro senhor! Sou o último homem da terra a tê-la. Tal é o ciúme e o ódio que me tem, que se soubesse a filha ter-me aberto o coração, tornar-lhe-ia a vida miserável com censuras. Contudo - esta é a inconstância e o egoísmo do seu carácter - se soubesse que todo o dinheiro procedia de mim, não renunciaria a um dos seus desejos.

-Um autêntico malandro! - comentou Nicholas, indignado.

-Não devemos usar termos feios - observou o irmão Charles numa voz doce - mas acomodar-nos às circunstâncias em que a jovem senhora está colocada. Tal ajuda, como a persuadi a aceitar, fui obrigado a dividi-la a seu veemente pedido, em pequeníssimas porções para ele não achar que o dinheiro era facilmente adquirido e se não acostumar a desperdiçá-lo mais. Ela veio cá várias vezes, secretamente e à noite, para receber este pouco e não posso suportar que as coisas caminhem assim, Mr. Nickleby. realmente não posso.

A pouco e pouco Nicholas soube então como os dois gémeos, depois de terem feito vários planos, chegaram à conclusão de que o melhor seria fingir haver um comprador para os trabalhos da jovem, pagando-os por alto preço e mantendo constantes pedidos. Para isso, era necessário aparecer alguém e eles lembraram-se de Nicholas, como representante do comprador.

-Ele conhece-me - disse o irmão Charles - e conhece o meu irmão Ned. Nenhum de nós poderia desempenhar o papel. Frank é um belo rapaz, mas receamos que ele possa ser um pouco volúvel e inconsiderado neste caso. em resumo, que possa ser susceptível demais, por ela ser uma linda criatura, sir, tal como a sua pobre mãe foi, e enamorar-se dela antes de conhecer bem as suas inclinações, e dar-lhe pesar e tristeza quando a queremos tornar gradualmente feliz. Ele tomou um interesse extraordinário pela felicidade dela quando a encontrou pela primeira vez e colhemos, pelas informações tiradas dele, que foi ela quem concorreu para aquela zaragata em que o senhor e ele se encontraram pela primeira vez.

Nicholas tartamudeou que já suspeitava ser assim, explicando-lhe a razão de lhe ter isto ocorrido e descreveu onde e quando vira a jovem senhora pela primeira vez.

-Bem, então vê que ele não poderia fazê-lo. Tim Linkinwater está fora da questão; é um rapaz tremendo, que nunca poderia conter-se e altercaria com o pai antes de estar cinco minutos com ele. Não sabe quem é Tim, sir, quando os seus sentimentos são fortemente excitados. é terrível, sir. Em si podemos depositar a mais estrita confiança. Em si vimos - ou, pelo menos, eu vi, e é o mesmo, pois não há diferença entre mim e o meu irmão, excepto ser ele a mais bela criatura que há no mundo - em si, vimos virtudes e afeições e delicadeza de sentimentos, que o designam exactamente para uma tal missão.

-A jovem, sir - perguntou Nicholas, tão embaraçado que sentia a maior dificuldade em dizer alguma coisa - é participante do inocente engano?

- Sim, sim - retorquiu Mr. Cheeryble - pelo menos sabe que o senhor vai da nossa parte, mas não sabe, que não ven demos estas pequenas produções compradas de vez em quando e talvez se o senhor manobrar isto muito bem, é possível que ela venha a acreditar que nós. que nós temos lucro com elas. Hein?. hein?

Nesta sincera e afabilíssima felicidade, o irmão Charles era tão feliz com a possibilidade da jovem crer que não lhe devia nenhuma obrigação, que Nicholas não emitiu



qualquer dúvida a tal respeito.

Durante todo este tempo Nicholas teve na ponta da língua uma confissão que impedira o emprego do sobrinho nesta missão e o livraria, também, dela. Mas depois de lutar contra este impulso pensou em guardar o segredo no seu peito. Por que vou criar dificuldades na execução deste projecto caridoso e bem intencionado? Não tem este excelente homem direito aos meus melhores e mais cordiais serviços e de haver qualquer consideração para me deter no cumprimento deles? Fazendo a si próprio estas perguntas mentalmente, Nicholas respondeu com grande energia, Não!, e persuadindo-se ser o mártir mais consciencioso e nobre, resolveu fazer o que, se tivesse examinado o seu coração um pouco mais cuidadosa mente, saberia que não poderia fazer.

Mr. Cheeryble não suspeitando, decerto, que estas reflexões passassem pela cabeça do seu jovem amigo, continuou a dar instruções para a sua primeira visita na manhã seguinte e ficando tudo combinado, Nicholas foi à noite para casa, muito pensativo.

O lugar para onde Mr. Cheeryble o mandara era uma fila de casas pobres e não muito asseadas, situadas dentro das Rules da King's Bench Prison e não muito longe do

obelisco de St. George's Fields. Rules é um lugar junto à prisão, onde se goza uma certa liberdade, e compreendendo uma dúzia de ruas, nas quais os devedores podem levantar dinheiro, pagando grandes juros, dos quais os credores não logram qualquer lucro, permitindo-se-lhes residir, pelas sábias provisões das mesmas leis que deixam no cárcere o devedor que não pode levantar dinheiro, sem alimento, alojamento, ou aquecimento. Nicholas dirigiu os passos - sem se deixar perturbar com assuntos destes - para a fila de casas indicada por Mr. Cheeryble. Depois de atravessar uns arredores muito porcos e poeirentos chegou, com o coração a palpitar, a outras com uns pequenos jardins à frente, a maior parte descuidados, servindo apenas para recolher a poeira até que o vento, vindo da esquina, varresse de novo a rua. Abrindo a desconjuntada cancela, Nicholas bateu à porta da rua com mão hesitante.

Por fora era, na verdade, uma casa miserável, com as janelas da sala muito pequenas, uma fila de pequenas gelosias e cortinas muito sujas, nada fazendo prever o seu interior, onde havia uma gasta tapete na escada e um tapete gasto no corredor; um cavalheiro fumava na sala, enquanto a dona da casa estava atarefada a colar os fragmentos desconjuntados duma mesa de cabeceira. Nicholas teve muito tempo para fazer estas observações enquanto o rapaz, que fazia os recados, foi chamar a criada de Miss Bray, que apareceu, por fim, mandando-o subir, o que ele fez com grande nervosismo.

Subidas as escadas, entrou num aposento da frente, onde, sentada a uma pequena mesa da janela, sobre a qual se viam diversos materiais de desenho, estava a linda rapariga que tanto lhe ocupava os pensamentos, parecendo mais bonita do que nunca. Mas como as graças e elegâncias dispersas neste aposento pobremente mobilado tocaram no coração de Nicholas! Flores, plantas, pássaros, a harpa, o velho piano, cujas notas tinham soado em tempos passados! Sentiu como se o sorriso do bem estivesse naquela pequena câmara.

Não se suponha que ele tenha visto tudo num relance, pois só depois de lhe ter atraído a atenção pela impaciência com que se mexeu na cadeira, é que ele notou um homem doente, encostado a umas almofadas. Teria cinquenta anos, mas tão emaciado que parecia mais velho. As feições apresentavam uns restos de beleza, onde as paixões deixaram vincos. Os seus olhares indicavam mau génio, os seus membros e o tronco eram literalmente a pele e o osso, mas havia nos seus olhos a antiga viveza e, parecendo animar-se de novo, bateu, impacientemente, no chão com uma delgada bengala por duas ou três vezes, chamando a filha pelo nome.

- Madeline, quem é este? O que querem os outros daqui? Quem disse a um estranho que queríamos ser vistos? O que é isto?.

- Creio. - começou a jovem, inclinando a cabeça com uma certa confusão, em resposta ao cumprimento de Nicholas.

-Tu estás sempre a crer - retorquiu o pai. - O que é isto?

Nesta ocasião Nicholas já recuperara a presença de espírito suficiente para falar, por isso disse ter ido buscar um

par de biombos feitos à mão e de veludo pintado, os quais era preciso serem do gosto mais apurado possível, não contando, para isso, nem o tempo, nem a despesa.

Vinha também pagar dois desenhos, com muitos agradecimentos e, avançando para a mesa, pôs em cima dela uma nota, metida num sobrescrito selado.

-Vê se o dinheiro está certo, Madeline! - recomendou o pai.

- Tenha a certeza que está, papá.

- Deixa-me ver - ordenou Mr. Bray, pondo a mão de fora e abrindo e fechando os ósseos dedos com impaciência. Como podes dizer isso Madeline. ter a certeza. Como se pode ter a certeza. cinco libras. bem, isto está certo?

Absolutamente - respondeu Madeline, inclinando-se para ele. Estava tão atarefada a arranjar as almofadas, que Nicholas não lhe pôde ver a cara, mas quando ela se inclinou teve a impressão de lhe ver uma lágrima a cair.

-Toca, toca a campainha - disse o doente com a mesma nervosa veemência, apontando para ela com a mão trémula. - Dize- lhe para trocar isto. para me comprar o jornal.

trazer-me uvas. outra garrafa de vinho como a da semana passada. e. e. esqueci-me metade do que preciso, mas ela pode sair outra vez. Deixa-a ir buscar isso primeiro.

Depressa, depressa, Madeline, meu amor! Bom Deus, como és vagarosa!

Ele não se lembra nada do que ela precisa!, pensou Nicholas.

Talvez alguma coisa do que pensava se traduzia nas feições por que viu o doente se voltar para ele com grande aspereza, perguntando-lhe se esperava pelo recibo.

- Não é importante - respondeu Nicholas.

-Não é importante! O que quer dizer, sir? - foi a ácida réplica. - Não é importante! Traz o seu miserável dinheiro como um favor ou uma prenda ou como um meio de negócio e recompensa por um valor recebido, não apreciando o tempo e o gosto com que se trabalha e pensa desperdiçar o seu dinheiro. Sabe que está a falar com um cavalheiro. sir, que podia comprar duma só vez cinquenta homens como você e tudo quanto tem? O que quer dizer? .

-Quis simplesmente dizer que, como hei-de ter transacções com esta senhora, se ela mo permitir, não quero maçá-la com tais formalidades - respondeu Nicholas.

-Então eu quero dizer, se dá licença, que teremos tantas formalidades quantas quisermos! - replicou o pai. - A minha filha, sir, não precisa das suas gentilezas,

ou seja de quem for. Tenha a bondade de limitar as suas acções estritamente aos negócios e não ir mais além. Todos os comerciantes miseráveis começam agora a apiedar-se

dela? Muito lindo! Madeline, minha querida, dá-lhe um recibo e lembra-te de fazer sempre isso!

Enquanto ela fingia escrevê-lo e Nicholas ruminava sobre o

extraordinário carácter, que assim se apresentava à sua observação, o inválido, que parecia às vezes sofrer grandes dores no corpo, caiu para trás na cadeira e deixou

escapar uma fraca queixa por a rapariga ter saído havia uma hora e toda a gente conspirar para o irritar.

- Quando - perguntou Nicholas, agarrando no bocado de papel - quando. posso voltar?

Isto foi dirigido à filha, mas o pai respondeu imediatamente:

-Quando lhe for pedido, sir, e não antes. Não se apresse, nem se incomode. Madeline, minha querida, quando pode voltar esta pessoa?

- Oh, não daqui a muito tempo. daqui a três ou quatro semanas. não é necessário. Posso governar-me sem ele - retorquiu a jovem com grande veemência.

- O que vamos fazer sem ele? - instou o pai, não falando em voz alta. - Três ou quatro semanas, Madeline! Três ou quatro semanas!

- Então mais cedo. mais cedo, se faz favor - disse a jovem, voltando-se para Nicholas.

- Três ou quatro semanas! - murmurou o pai. - Made line, o que diabo. chega para três ou quatro semanas!

- É muito tempo, ma'am! - lembrou Nicholas.

- Acha? - replicou o pai, zangado. - Se escolher o peditório, sir, e me baixar a pedir a ajuda de gente que desprezo, três ou quatro semanas não seriam muito tempo...

Compreenda sir, que isso é se eu escolhesse a dependência, mas como não escolho, pode vir daqui a uma semana!

Nicholas curvou-se reverentemente perante a jovem e retirou-se, ponderando na ideia da independência de Mr. Bray e esperando que houvesse poucos espíritos com tal independência, amassados à argila mais baixa da humanidade. Quando descia as escadas ouviu uns passos ligeiros e voltando-se viu a jovem olhá-lo timidamente, parecendo hesitar se o devia chamar, ou não. A melhor forma de arrumar a questão era voltar imediatamente e foi o que Nicholas fez.

- Não sei se faço bem em lhe pedir, sir - disse Madeline apressadamente - mas suplico. para não contar aos queridos amigos da minha pobre mãe o que se passou aqui hoje. Ele tem sofrido muito e está pior esta manhã. Peça-lhe, sir, é um favor para mim!

- A senhora só tem que manifestar o seu desejo - replicou Nicholas com fervor- e eu exponho a minha vida para o cumprir.

- Fala precipitadamente, sir.

- Verdadeira e sinceramente! - confessou Nicholas com os lábios a tremerem ao formar as palavras.

- Como nenhum homem falou ainda. Não tenho habilidade para mascarar os meus sentimentos e, se tivesse, não podia esconder o meu coração. Querida ma'am, como conheço a sua história e sinto como os anjos que devem ouvir e ver tais coisas, peça-lhe para crer que morreria para a servir! A jovem voltou a cabeça e desfez-se em lágrimas.

- Perdoe-me - pediu Nicholas com respeitoso ardor -se por ter falado demasiado, ou se ultrapassei a confiança que em mim depositaram. Mas não posso deixá-la como se o meu interesse e simpatia expirassem com a comissão. Sou seu fiel servidor, humildemente devotado a si, desde esta hora. Se quis dizer mais ou menos do que isto seria indigno da estima de quem me enviou e falso à natureza que sugerem as honestas palavras que profiro.

Ela fez um gesto com a mão, pedindo-lhe para se ir embora, mas não respondeu uma palavra. Nicholas não pôde dizer mais, retirou-se silenciosamente e assim terminou a sua primeira entrevista com Madeline Bray.

## CAPITULO XLVII

Mr. Ralp Nickleby tem confiança com um outro velho amigo; fazendo um projecto que promete ser bom para ambos.

- Passam três quartos - resmungou Newman Noggs, escutando os sinos de uma igreja vizinha - e o meu jantar é às duas. Ele não faz de propósito. Tem isso como regra.

É tal qual ele!

Era no seu pequeno escritório, parecido com uma caverna, e no alto do banco que Newman tinha este solilóquio, o qual se referia a Ralph Nickleby.

Ele nunca tem fome, a não ser de dinheiro. Adoçando um tanto um tanto o seu bom humor pela visão de Rálp Nickleby a engolir à força uma moeda de cinco xelins, Newman tirou sossegadamente da secretária uma daquelas garrafas portáteis, correntemente designadas por pocket-pistols, e chocalhando-a junto do ouvido, de modo a produzir

um som agitado, muito fresco e agradável de escutar, suavizou as feições e tomou um golo.

Colocando a rolha, lambeu os beiços duas ou três vezes com um ar de grande prazer, mas tend-os evaporado nesta altura o gosto do líquido, repetiu a operação.

- Cinco para as três - rosnou Newman - não se pode exigir mais; tive o meu pequeno almoço às oito,

e que pequeno almoço! e a minha verdadeira hora de jantar é às duas. E se tivesse em casa, a perder-se durante todo este tempo, um lindo bocado de carne assada quente. como sabia ele que eu não tinha? Não saia enquanto eu não vier, não saia enquanto eu não vier, todos os dias por que se vai embora à minha hora de jantar para depois. hein? Não sabe que isso não passa dum. agravo. hein?

Estas palavras, embora proferidas em voz alta, eram apenas, dirigidas ao ar. O relato dos seus males pareceu, contudo ter tido o efeito de tornar Newman Noggs desesperado, pois achatou o velho chapéu na cabeça e, calçando as luvas, declarou com grande veemência, que sucedesse o que sucedesse, ia jantar e ia levar esta resolução a efeito e já. avançara até ao corredor, quando o som da chave do trinco da porta da rua o obrigou a uma retirada precipitada para o seu escritório.

- Cá está ele - rosou - e alguém com ele! Agora vai dizer: Fique até este cavalheiro se ir embora. Mas não ficarei...

Dizendo isto, Newman meteu-se num alto esconso vazio que se abria com duas meias portas e fechou-se por dentro, pretendendo deslizar para fora logo que Ralph estivesse metido no escritório dele.

- Noggs! - chamou Ralph. - Onde está esse tipo?... Noggs.

Mas Newman não disse uma palavra.

- O cão foi jantar, embora lhe dissesse para não ir - murmurou Ralph, olhando para dentro do escritório e tirando o relógio. - Hum! É melhor entrar para aqui, Gride. O meu empregado saiu e o sol aquece o meu escritório. Este é mais fresco e está à sombra, se não se importa de se arrastar até aqui.

- Absolutamente nada, Mr. Nickleby, oh, absolutamente nada. Todos os sítios são iguais para mim, sir. Ah! muito lindo, na verdade!

A pessoa que dera esta resposta era um homenzinho com cerca de setenta, ou setenta e cinco anos, muito magro e muito

curvado. Usava um casaco cinzento com gola estreita, um colete fora de moda agalocado a seda preta e umas calças muito

pequenas. Os seus únicos ornamentos eram uma corrente de relógio em aço, a que estavam ligados alguns grandes penduricalhos em ouro e uma fita preta que lhe segurava atrás o cabelo grisalho. O nariz e o queixo eram muito afilados e proeminentes; tinha falta de dentes e as faces murchas e amarelas.

Todo o seu ar e atitude tinham a aparência dum gato e a enrugada expressão de patife, um composto de velhacaria, luxúria, astúcia e avareza. Tal era Arthur Gride, em cuja cara e vestimenta denotava a mais sórdida mesquinhez, indicando suficientemente pertencer à classe de que Ralph Nickleby era membro. Assim era o velho Arthur Gride, que se sentou numa cadeira baixa, olhando para a cara de Ralph Nickleby, o qual, instalado no banco da carteira, com as mãos nos joelhos, olhava para ele.

- E como tem passado? - perguntou Gride, fingindo grande interesse pelo estado de saúde de Ralph.

- Não o tenho visto

há... oh, não, há...

- Não há muito tempo - interrompeu Ralph com um sorriso peculiar, significando saber muito bem que o amigo não

viera por uma visita de cumprimentos. - Foi apenas uma casualidade ver-me agora, quando eu vinha para a porta e o senhor voltava a esquina.

- Estou com muita sorte! - observou Gride.

- Assim dizem os homens - replicou Ralph secamente. O velho usurário moveu o queixo e sorria, mas não fez observação e ficou calado durante algum tempo. Cada um deles observava o outro para o apanhar em desvantagem.

- Vamos, Gride - disse Ralph por fim. - O que anda hoje no ar?

- Ah! o senhor é um homem valente, Mr. Nickleby - exclamou o outro, aparentemente satisfeito por o companheiro ter aberto o caminho para o negócio. - Que homem valente o senhor é!

- O senhor usa uns métodos tão suaves que me bolem com os nervos - retorquiu Ralph. - Não sei se o seu corresponde melhor do que o meu, mas tenho falta de paciência para ele.

- O senhor é um génio nato, Mr. Nickleby - disse o velho Arthur. - Profundo!

- Bastante profundo - respondeu Ralph - para saber que não preciso de toda a profundidade quando homens como o senhor começam por cumprimentar. Sabe que eu estava perto quando bajulou e lisonjeou os outros e lembro-me muito bem ao que isso sempre levou.

- Ah! ah! ah! - riu-se Arthur, esfregando as mãos. - Assim foi, não há dúvida. Ninguém sabe isso melhor. Bem, é uma coisa agradável vel pensar que o senhor se recorda dos tempos antigos.

- Vamos lá, então - convidou Ralph tranquilamente. - O que anda no ar, pergunto-lhe de novo. o que é?

- Vejam lá isto! - exclamou o outro. - Não pode deixar de pensar em negócios enquanto estamos a conversar sobre os velhos tempos! Oh, meu Deus, que homem!

- Qual passado quer o senhor reviver? - perguntou Ralph

- Um deles. Eu sei, ou o senhor não falaria deles.

- Ele até de mim suspeita! - replicou o outro, levantando as mãos. - Até de mim! Que homem é! Mr. Nickleby contra toda a gente. não há ninguém como ele. Um gigante contra pigmeus... um gigante!

Ralph olhava para o velho sabujo com um sorriso tranquilo, como se risse por dentro, e Newman Noggs, no seu esconso, sentia o coração a bater dentro de si pela perspectiva do jantar ser cada vez mais fraco.

- Tenho de lhe fazer a vontade - disse o velho Arthur. Ele deve ter a sua fígada. um homem teimoso, como dizem os escoceses. são um povo esperto, os escoceses. tem que falar de negócios e não perde tempo. Tem muita razão. O tempo é dinheiro.

- Foi um de nós que arranjou esse dito, penso eu - replicou Ralph. - O tempo é dinheiro e também bom dinheiro, para aqueles que calculam os juros! O tempo é dinheiro!

Sim, e o tempo custa dinheiro. É um artigo bastante caro para algumas pessoas que podíamos nomear.

Em réplica a esta saída o velho Arthur levantou de novo as mãos riu-se para dentro novamente e novamente, declarou:

- Que homem ele é! - arrastando depois a cadeira para um pouco mais perto do banco de Ralph e, olhando-o, disse:

- O que diria se eu o informasse que estava... para me casar?

- Dir-lhe-ia - respondeu Ralph, olhando-o friamente - que mente, o que já não é a primeira vez e não será a última. Não fiquei surpreendido e não era caso para isso.

- Mas falo-lhe seriamente - insistiu o velho Arthur.

- E eu digo-lhe seriamente - retorquiu Ralph - o que lhe declarei há momentos. Espere. Deixe-me olhar para si. A sua cara regista uma fluente malandrice... o que é isso?

- Eu não posso enganá-lo - choramingou Arthur Gride.

- Não podia fazê-lo; seria loucura tentar. Eu... eu... a enganar Mr. Nickleby! O pigmeu a impor-se ao gigante. Pergunto novamente o que diria se o informasse de que estava para casar?

- Com alguma velha bruxa? - inquiriu Ralph.

- Não, não - protestou Arthur, interrompendo-o e esfregando as mãos em êxtase. - Enganado, de novo. Mr. Nickleby...

errado, completamente errado! Com uma linda rapariga: fresca, adorável, feiticeira e com menos de dezanove anos. Olhos negros... pestanas compridas, lábios perfeitos e vermelhos, que de longe pedem beijos... lindo cabelo anelado, onde os dedos sentem desejos de brincar... cintura que a um homem apetece involuntariamente, abraçar o ar,... pés pequenos, pisando tão levemente que mal se sentem a andar no chão... casar com tudo isto, sir... hein!

- Isso é alguma coisa mais do que uma vulgar baboseira  
- comentou Ralph depois de escutar, os entusiasmos do velho pecador. - O nome da rapariga?

- Oh, profundo, que profundo isso é! - exclamou o velho Arthur. - Ele sabe que preciso da sua ajuda, sabe que ma pode dar, sabe que tudo isto deve tornar-se em sua vantagem, já vê a coisa. O seu nome... Não há ninguém aqui dentro que nos ouça?

- Quem diabo pode haver? - respondeu Ralph de mau modo.

- Não sabia, mas podia ser que alguém subisse a escada, ou a descesse - observou Arthur Gride depois de olhar para fora da porta e fechá-la cuidadosamente de novo - ou que o seu empregado tivesse regressado e pudesse estar a escutar lá

fora... empregados e criados têm uma astúcia para escutarem e eu ficava muito desconsolado se Mr. Noggs...

- Maldito Mr. Noggs - disse Ralph asperamente. - Continue com o que tem a dizer.

- Maldito Mr. Noggs, sem dúvida - replicou o velho Arthur. - Tenho a certeza de não ter que fazer a mínima objecção a isso. O nome dela é...

- Bem, qual é? - perguntou Ralph, tornando-se muito irritado por o velho Arthur ter parado de novo.

- Madeline Bray.

Fossem quais fossem as razões que pudesse ter havido e Arthur Gride parecia ter previsto algumas - para a menção deste nome produzir efeito em Ralph ou fossem quais fossem os efeitos produzidos, realmente, nele, o homem não se permitiu manifestá-los, antes calmamente repetiu o nome várias vezes, como se estivesse a reflectir quando e onde o ouvira antes.

- Bray - repetiu Ralph. - Bray. houve um jovem Bray de. Não, ele nunca teve uma filha.

- Lembra-se de Bray? - interrogou Arthur Gride.

- Não - respondeu Ralph, olhando vagamente para ele.

- Nem de Walter Bray? Aquele toleirão que tratou a linda mulher tão mal?

- Se procurar recordar-se de qualquer toleirão em especial por esses traços - observou Ralph, encolhendo os ombros

- confundi-lo-ei com nove décimos de todos que tñho conhecido.

- Este Bray é o que está agora nas Rules da Bench - esclareceu o velho Arthur. - Não pode ter esquecido o Bray. Ambos tivemos negócios com ele. Ele deve-lhe dinheiro.

- Oh, ele! - exclamou Ralph. - Sim, sim, agora que fala disso. É então a filha dele?

Evidentemente isto não foi dito tão naturalmente, mas um espírito como o do velho Arthur Gride devia ter discernido um desígnio da parte de Ralph para o levar a

ser muito mais explícito nas declarações do que fizera voluntariamente, ou do que Ralph podia, com toda a probabilidade, obter por outros meios. Contudo o velho

Arthur estava tão aferrado ao seu próprio projecto que se deixou enganar, não suspeitando que o seu bom amigo estava sobre brasas.

- Eu sabia que não podia esquecer-se dele.

- Tinha razão - respondeu Ralph. - Mas o velho Arthur Gride e o matrimónio é uma conjunção

muitíssimo anómala de palavras. O velho Arthur Gride e olhos pretos, pestanas compridas, lábios que de longe pedem beijos, cabelo anelado com que se sente desejos de brincar, cintura de vespa e pézinhos que não pisam coisa alguma. o velho Arthur Gride e tais perfeições é ainda mais monstruoso; mas o velho Arthur Gride casando com a filha dum arruinado toleirão das Rules da Bench é o mais monstruoso e incrível. Francamente, amigo Arthur Gride, se precisa de qualquer ajuda minha neste negócio, fale e exponha o seu propósito. E, acima de tudo, não me diga que isto é para minha vantagem, pois não sei se é também para sua e uma boa cantiga, de contrário não teria metido os dedos num prato como este.

Havia bastante acrimónia e sarcasmo, não apenas no assunto da réplica de Ralph, mas no tom da voz e nos olhares que dardejou, que inflamou, mesmo, o sangue-frio do velho usurário e corou as suas emurhecidas faces. Mas ele não demonstrou ódio, contentando-se em exclamar como antes:

- Que homem! - e rolando a cabeça dum lado para o outro, com uma alegria incontida da sua liberdade e gracejo.

Observando claramente pela expressão de Ralph que era melhor chegar ao ponto crucial o mais depressa possível, entrou no âmago do negócio.

Primeiro, demorou-se no facto de Madeline Bray estar sacrificada ao amparo e manutenção do pai, escrava de todos os seus desejos, tendo Ralph já ouvido antes alguma coisa no género. Segundo, alargou-se sobre o carácter do pai, o qual, embora tivesse pela filha uma grande afeição, gostava mais de si. E em terceiro lugar, o velho Arthur declarou que a rapariga era uma criatura linda e delicada e que ele sentia, realmente, um desejo ardente de a ter por mulher. A isto Ralph não se dignou replicar se não por um sorriso desdenhoso e uma vista de olhos suficientemente expressiva.

- Agora - disse Gride - para pôr em execução o meu plano porque nem sequer falei ainda com o pai, preciso de falar consigo. Mas o senhor já apanhou tudo! Meu Deus, que finório o senhor é!

- Então não brinque comigo - preveniu Ralph impacientemente. - Sabe o provérbio.

- A resposta sempre na ponta da língua! - exclamou o velho Arthur, erguendo as mãos e os olhos, de admiração. Oh, meu Deus, que felicidade ter uma inteligência tão pronta e muito mais dinheiro pronto para a ajudar - e mudando subitamente de tom, continuou. - Nestes últimos seis meses tenho frequentado regularmente a casa de Bray e foi justamente há meio ano que eu vi este delicado acepipe. Mas o caso não é só esse. Eu sou seu credor por mil e setecentas libras.

- Você fala como se fosse o único credor - disse Ralph, tirando a agenda. - Eu também o sou por novecentos e setenta e cinco libras, quatro xelins e seis pence.

- O outro único credor, Mr. Nickleby! - replicou o velho Arthur com ímpeto. - O outro único credor. Ninguém mais entrou nas despesas de alojar um detido, confiando demais na sua influência, garanto-lhe. Ambos caímos na mesma armadilha. Oh, meu Deus, e que armadilha me arruinou! Emprestei-lhe dinheiro sobre letras, apenas com um nome além do dele, o qual, decerto, toda a gente supunha ser bom e negociável como o próprio dinheiro, mas que acabou. e o senhor sabe como! Justamente quando iam sobre ele, morreu insolvente. Ah! esta perda esteve quase a arruinar-me.

- Continue com o seu plano - convidou Ralph. - Não vale a pena fazer agora exclamações sobre o negócio! Não há ninguém para nos ouvir!

- É sempre bom falar desta maneira - quer haja alguém ou não para nos ouvir. A prática aperfeiçoa, como sabe. Se me ofereço ao Bray como seu genro, é com a simples condição, que desde o momento em que me casar, ele ficará completamente livre e terá permissão para viver do outro lado do fosso, como um cavalheiro. Ele não pode durar muito, pois eu perguntei ao seu médico e este declarou que o mal é do coração e é impossível curar-se. Assim, se todas as vantagens desta condição foram declaradas e vistas com atenção, julga que ele pode resistir-me? E se ele não me

puder resistir, julga que a filha me resistia? Não a terei como Mrs.

Arthur Gride, não a terei como Mrs. Arthur Gride numa semana, num mês, num dia. em qualquer altura que eu escolha?

- Continue - replicou Ralph, acenando com a cabeça. Continue. Não veio aqui para me perguntar isso.

- Oh meu Deus, de que maneira fala! - exclamou o velho Arthur, chegando-se ainda mais para Ralph. - Decerto não vim. Vim para lhe perguntar quanto me levará, se for bem sucedido com o pai, por este seu crédito. cinco xelins por libra. seis e oito pence. dez xelins? Podia ir até aos dez xelins como seu amigo; têm-nos dado sempre bem, mas não deve ser tão duro para mim. Quer?

- Há alguma coisa mais a dizer. - declarou Ralph, tão insensível e imóvel como sempre.

- Sim, há, mas como não me deu tempo - retorquiu Arthur Gride. - Preciso dum ajudante neste assunto. uma pessoa que saiba falar, insista e force um ponto, o que o senhor pode fazer como ninguém. Eu não posso - por ser uma criatura, tímida e nervosa. Se tiver agora uma boa solução para este débito, que há muito deu como perdido, ajudar-me-á? Quer?

- Há mais alguma coisa. - afirmou Ralph.

- Não, não na verdade - defendeu-se Arthur Gride.

- Sim, há. Digo-lhe que sim.

- Oh! - replicou o velho Arthur, fingindo-se subitamente lembrado. - Quer dizer mais alguma coisa quanto à sua intervenção? Sim, certamente. Quer que eu mencione isso?

- Julgo ser o melhor a fazer - replicou Ralph secamente.

- Não queria maçá-lo com isso, porque suponha que o seu interesse cessaria com a sua própria ligação no caso. É amabilidade sua perguntar. Oh, meu Deus, que amabilidade! Suponhamos que eu tinha conhecimento duma pequena propriedade. alguma pequena propriedade. muito pequena. destinada a esta linda menina, a qual ninguém conhece, mas a qual o marido podia meter na algibeira se souber tanto como eu, teria isso como justificação de...

- De todo o procedimento - concluiu Ralph abruptamente

- Agora deixe-me acabar este assunto e considerar o que devo ter, se eu o ajudar a triunfar.

- Não seja duro - pediu o velho Arthur, erguendo as mãos num gesto implorativo - uma propriedade muito pequena. Diga dez xelins e fechamos o negócio. É mais do que devo dar, mas o senhor é tão amável... ficamos nos dez? Diga que sim!

Ralph não notou estas súplicas e ficou durante três ou quatro minutos a estudar o caso. Depois duma cogitação suficiente quebrou o silêncio e decerto não teve necessidade de usar de circunlóquios, ou deixar de falar directamente no assunto.

- Se casar com esta rapariga sem a minha intervenção

- disse Ralph - tem de me pagar o crédito por inteiro, pois de outro modo não pode libertar o pai. portanto, claro que eu devo receber toda a importância, livre

de qualquer dedução ou encargo, ou perderia por ter sido honrado com a sua confiança, em vez de ganhar com ela. Este é o primeiro artigo do tratado. Quanto ao segundo, estipularei pela minha maçada na negociação e na persuasão e ajudá-lo nesta felicidade, quinhentas libras. o que é muito pouco por você ficar com os tais lábios

perfeitos e o cabelo anelado, tudo para si. Sobre o terceiro e último artigo, quero que me dê hoje uma promessa escrita, comprometendo-se ao pagamento destas duas

quantias antes do meio-dia do dia do seu casamento com Madeline Bray. Você disse-me para insistir e forçar um ponto. Forço este e não aceitarei menos do que estas condições. Aceite-as se quiser. E se não, case-se com ela sem a minha interferência, se puder. Eu continuarei a reclamar o meu crédito.

A todas as súplicas, protestos e ofertas, Ralph, foi surdo como uma porta. O velho Arthur fez uma quantidade de pedidos para modificação das condições, mas vendo



que o amigo estava irredutível, a pouco e pouco, aproximou-se do que ele queria, até concordar, com os termos do contrato, para o que, de resto estava preparado antes de vir. Entregue a promessa escrita passou-se às condições exactas em que Mr. Nickleby o devia acompanhar a casa de Bray, nessa mesma hora, e encetar as negociações imediatamente, se as circunstâncias parecessem auspiciosas e favoráveis.

Para a execução deste último entendimento os dignos cavalheiros saíram juntos pouco depois e Newman Noggs emergiu, do armário de garrafa em punho.

- Agora não tenho apetite - declarou Newman, metendo a garrafa na algibeira. - Já tenho o meu jantar.

Fazendo esta observação num tom muito lastimoso, Newman chegou até à porta num grande passo e voltou para trás noutro.

- Não sei quem possa ser, ou o que ela possa ser, mas compadeço-me dela de todo o meu coração e não posso ajudá-la, como não posso ajudar qualquer das pessoas contra

quem, centenas de patifarias, mas nenhuma tão vil como esta, se projectam todos os dias. Isto aumenta a minha dor. A coisa não é pior por eu a conhecer e torturar-me

assim por causa deles. Gride e Nickleby! Boa parelha para um carro... Oh! Velhacaria!

Com estas reflexões e um soco bem dado na copa do infeliz chapéu, Newman Noggs, cuja inteligência estava um pouco toldada pelo conteúdo da garrafa, saiu à procura

duma consolação advinda da carne com ervas de alguma casa de pasto barata. Entretanto, os dois conjurados dirigiam-se para a mesma casa onde Nicholas aparecera pela

primeira vez umas manhãs antes, obtiveram permissão para ver Mr. Bray e, encontrando a filha fora de casa, chegaram ao verdadeiro objectivo

da sua visita por uma sequência de assuntos habilmente dirigidos por Ralph.

- É isto o que ele propõe, Mr. Bray - disse Ralph ao inválido que, reclinado na cadeira e ainda não recuperado da sua surpresa, olhava alternadamente para ele e para Arthur Gride.

- Ponhamos o caso dele ter tido a má sorte de ser uma causa da sua detenção neste lugar. eu tinha sido a outra; os homens precisam de viver e o senhor foi demasiado

homem do mundo para não ver isto à verdadeira luz. Oferecemos a melhor reparação que podemos. Reparação! Isto é uma proposta de casamento que muitos com este nome

desejariam para as filhas. Mr. Arthur Gride com a fortuna dum príncipe. Pense no bem que isto é!

- A minha filha, sir - replicou Bray altivamente - como a eduquei, seria uma rica recompensa pela maior fortuna que um homem pudesse trazer em troca da sua mão.

- precisamente o que lhe disse - comentou o astuto Ralph voltando-se para o seu amigo, o velho Arthur. - Precisa mente, o que me fez considerar a coisa tão boa e

fácil. Não há obrigação de qualquer dos lados. Você tem o dinheiro e Miss Bray tem a beleza. Ela é nova, você tem dinheiro. Ela não tem dinheiro, você não tem juventude.

Ela por ela. quites. um casamento feito de encomenda.

- Dizem que o casamento é talhado no céu - acrescentou Arthur Gride olhando dum modo sorrateiro o pretendido sogro.

- Se nos casássemos seria o destino que o escrevera lá.

- Pense, então, Mr. Bray - insistiu Ralph, substituindo rapidamente por este argumento, considerações mais ligadas à terra. - Pense na risco que envolve a aceitação ou rejeição das propostas do meu amigo.

- Como posso aceitar ou rejeitar? - interrompeu Mr. Bray com a consciência de tocar realmente a ele decidir. - É a minha filha que tem de aceitar ou rejeitar. O senhor sabe disso.

- É verdade - respondeu Ralph enfaticamente - mas o senhor tem o poder de aconselhàr; indicar as razões pró e contra; insinuar um desejo.

- Insinuar um desejo sir! - replicou o devedor, orgulhoso, mas sempre egoísta. - Sóu seu pai, não sou? Porque deveria sugerir e falar com rodeios? Supõe, como os amigos da mãe e meus inimigos que há alguma coisa no que ela faz por mim, além do dever? Ou

julga, por ter sido infeliz, ser razão suficiente para as nossas posições terem de mudar, ordenando ela e obedecendo eu? Sugerir um desejo também! Talvez pense, por me ver neste lugar, que eu sou uma criatura dependente, de ânimo quebrado, sem a coragem ou a força para fazer o que penso ser melhor para a minha filha! Ainda mesmo o poder sugerir um desejo! Espero que sim.

- Desculpe-me - pediu Ralph, que conhecia muito bem o homem e agiu de acordo - mas não me ouviu. Eu ia a dizer que a sua sugestão dum desejo seria, certamente, equivalente a uma ordem.

- Aceito - retorquiu Mr. Bray num tom exasperado. - Se parece que não o ouviu outrora, sir, dir-lhe-ei que houve um tempo em que levei de vencida toda a família da mãe embora do seu lado tivessem poder e riqueza.

- Contudo - continuou Ralph - não ouviu tudo. O senhor é um homem ainda digno de brilhar na sociedade, com muitos anos de vida à sua frente... isto é, se viver ao ar livre, e escolhendo as suas companhias. A alegria é o seu elemento, como mostrou antes. Uma sociedade escolhida e liberdade para si. França e uma anuidade que lhe mantivesse o luxo, dava-lhe uma nova vida. transferia-o para uma nova residência. A cidade ainda palpita com os seus antigos prazeres e o senhor podia brilhar em novas cenas, aproveitando a experiência e vivendo um pouco à custa dos outros, em lugar dos outros viverem à sua. O que há por trás do quadro? Não sei qual é o adro da igreja mais próximo, mas uma pedra tumular, seja onde for, e uma data. Talvez daqui a dois anos, talvez vinte.

Mr. Bray descansou o cotovelo no braço da cadeira e cobriu a cara com a mão.

- Falo assim - prosseguiu Ralph, sentando-se-lhe ao lado

-por pensar com impetuosidade. O meu interesse em que o meu amigo Gríde case com a sua filha é por ele me prometer pagar. em parte. Não o escondo. Confesso-o abertamente.

Mas que interesse tem o senhor em ordenar-lhe um tal passo? Ela pode pôr objecções, suplicar, chorar, falar dele ser demasiado velho e queixar-se de que a sua vida se tornará infeliz. Mas o que é isso agora?

Vários pequenos gestos da parte do inválido mostravam que estes argumentos tinham tanta influência como a mais insignificante parcela da sua conduta sobre Ralph.

- O que é isto agora, pergunto? - continuou o manhoso usurário. - Se o senhor morre, de facto, a gente a quem odeia fã-la-ia feliz. Mas pode suportar este pensamento?

- Não! - respondeu Bray, incitado por um irreprimível impulso vingativo.

- Na verdade imagino que não. Se ela aproveitar da morte de alguém - isto foi dito num tam mais baixo - que seja a do marido... não lhe permita que veja a sua como um acontecimento do qual parta uma vida mais feliz. Onde está a objecção? É ser o pretendente dela, um velho? Quantas vezes homens de família e de fortuna, que não têm a sua desculpa, possuindo todos os meios e superfluidade da vida ao seu alcance. quantas vezes casam as filhas com velhos, ou ainda pior, com jovens sem cabeça e coração, para lisonjear qualquer vaidade, estreitar interesse de família, ou segurar um lugar no Parlamento? Julgue por ela, sir. O senhor deve saber melhor e ela viverá para lhe agradecer.

- Silêncio! Silêncio! -exclamou Mr. Bray, sobressaltando-se subitamente e tapando a boca de Ralph com a mão trémula.

- Ouço-a à porta!

Houve um raio de consciência na vergonha e no terror deste rápido gesto, que num curto momento cobriu o plano cruel. O pai caiu na cadeira, pálido e a tremer; Arthur Gríde puxou o chapéu com o qual começou a brincar e não levantou os olhos do chão; o próprio Ralph, por um momento, humilhou-se como um sabujo espancado, curvado pela presença duma jovem rapariga inocente! O efeito foi quase tão breve como súbito. Ralph foi o primeiro a recompor-se e, observando os olhares alarmados de Madleline, pediu à pobre rapariga para sossegar, afirmand-lhe

não haver causa para susto.

- Um súbito espasmo - informou Ralph, dando uma vista de olhos para Mr. Bray. - Agora está completamente bem!

Teria comovido um coração muito empedernido e descuidado ver a jovem e linda criatura, cuja desgraça certa tinham estado tramando um minuto antes, envolver o pescoço do pai com os braços e proferir palavras de terna simpatia e amor, as mais suaves que ao ouvido dum pai podem soar, ou os lábios duma filha podem formar. Mas Ralph olhava friamente e Arthur Gride, cujos olhos remelosos só se arregalavam para as belezas exteriores, evidenciou uma fantástica espécie de entusiasmo, de sentimento que a contemplação da virtude geralmente inspira.

- Madeline - disse o pai, desprendendo-se suavemente - não foi nada!

- Mas teve esse espasmo ontem e é terrível vê-lo com tal aflição. Não posso fazer nada a seu favor?

- Nada por agora! Estão aqui dois cavalheiros, Madeline, um dos quais já tens visto. Ela costumava dizer - acrescentou Mr. Bray, dirigindo-se a Arthur Gride - que a sua presença me punha pior. Isso era natural, sabendo o que ela disse e apenas o que ela disse da nossa união e dos seus resultados. Bem, bem! Talvez ela possa mudar de parecer nesse ponto; as raparigas têm hábito de mudar de ideias, como sabe. Tu estás muito misteriosa, querida!

- Na verdade não estou.

- Na verdade estás. Trabalhaste muito!

- Desejava poder trabalhar mais.

- Sei que sim mas ultrapassas as tuas forças. Esta vida desgraçada, meu amor, com trabalho e fadiga diários, é mais do que podes suportar. Pobre Madeline!

Com estas e outras palavras mais amáveis, Mr. Bray puxou a filha para si e beijou-lhe as faces afectuosamente. Ralph, observando-o com um olhar penetrante e atento, encaminhou-se para a porta e fez sinal a Gride para o seguir.

- Comunicará connosco outra vez? - perguntou Ralph.

- Sim, sim - respondeu Mr. Bray apressadamente, afastando a filha. - Dentro duma semana. Dêem-me uma semana.

- Uma semana - informou Ralph, voltando-se para o companheiro-a partir de hoje. Bom dia, Miss Madeline! Beijo-lhe as mãos!

- Apertemos as mãos, Gride - disse Mr. Bray, estendendo a sua, enquanto o velho Arthur se curvava.

- Você pensa bem,

não há dúvida. Sou obrigado a dizê-lo agora. Se lhe devo dinheiro não foi por culpa sua. Madeline, meu amor. põe a tua mão aqui.

- Oh, meu Deus! Se a jovem senhora quiser condescender. apenas as pontas dos dedos - replicou Arthur, hesitante e recuando um pouco.

Madeline encolheu-se em frente daquela figura de diabo, mas colocou as pontas dos dedos na mão dele, retirando-os imediatamente. Depois duma inútil tentativa para os agarrar e os levar aos lábios, o velho Arthur deu aos próprios dedos um beijo resmungado e, com muitas contracções da cara, foi em seguimento do amigo, que já estava na rua.

- O que diz ele. o que diz o gigante ao pigmeu? - inquiriu Arthur Gride, manquejando direito a Ralph.

- O que diz o pigmeu ao gigante? - interrogou Ralph, levantando as sobrancelhas e olhando para o seu interlocutor.

- Ele não sabe o que há-de dizer - replicou Arthur Gride.

- Espera e receia. Mas ela não é um bocado apetitoso?.

- Não tenho grande queda para a beleza - rosnou Ralph.

- Mas tenho eu - afirmou Arthur, esfregando as mãos. Oh, meu Deus! Como os seus olhos eram lindos quando ela se inclinou sobre ele. Ela. ela. olhou para mim tão suavemente.

-Não supõe amorosamente, creio eu - comentou Ralph.

- Ou olhou?

-Julga que não? - interrogou o velho Arthur. - Mas não pensa. não pensa que possa?

Ralph olhou para ele com um desdenhoso franzir de sobranceiras e replicou com desdém, entre dentes:

-Notou o pai ter-lhe dito que ela estava cansada, tra balhava demasiado e ultrapassava as suas forças?

- Sim, sim. O que tem isso?

-Quando pensa que ele lhe tivesse dito isso antes? A vida é mais do que ela pode suportar.

-Pensa que é coisa feita? - inquiriu o velho Arthur, perscrutando a cara do companheiro com os olhos meio fechados.

- Tenho a certeza que é coisa feita! - respondeu Ralph. Tentava enganar-se mesmo perante os nossos olhos - fazendo crer que pensa no bem dela e não no seu - fazendo o papel de virtuoso e tão atencioso e afectuoso, sir, que a filha mal o conhecia. Vi uma lágrima de surpresa nos olhos dela. E haverá mais algumas lágrimas de surpresa antes de pouco tempo, embora de natureza diferente. Bem, podemos esperar, com confiança, para daqui a uma semana.

### CAPÍTULO XLVIII

Acerca do benefício de Mr. Vincent Crummles sobre o seu último aparecimento no palco

Foi com o coração triste e angustiado, oprimido por muitas ideias aflitivas que Nicholas se dirigiu para o escritório de Cheeryble Brothers. Era um pobre cumprimento para a boa natureza de Nicholas - e que lhe não merecia - insinuar que a solução do mistério que envolvia Madeline Bray havia esfriado, ou arrefecido o fervor da sua admiração. Mas a reverência pela verdade e pureza da seu coração, respeito pelo seu desamparo e a solidão da sua situação, simpatia para com as privações duma pessoa tão nova e tão bela, e admiração pelo seu grande e nobre espírito, tudo parecia pô-lo fora do seu alcance e, embora dessem nova e profunda dignidad ao seu amor, suspirava sem esperança.

-Manterei a minha palavra como se lha tivesse empenhado - disse Nicholas resolutamente. - Isto não é uma con fiança vulgar de que me tenha de descartar, por isso executarei o duplo dever que me foi imposto, o mais escrupulosa e estritamente possível. Os meus sentimentos secretos não merecem consideração num caso como este.

Havia contudo a existência de sentimentos secretos que ele jurou conservar para si e encorajá-los como uma recompensa pelo seu heroísmo. Todos estes pensamentos

adicionados ao que vira nessa manhã, tornavam-no um compa nheiro distraído e abstracto, de tal modo que se enganou num algarismo, fazendo com que Tim Linkinwater

lhe pedisse para o raspar, ou teria toda a sua vida amargurada pela tortura do remorso. Mas apesar destas distrações e doutras, da parte de Tim e de Mr. Frank,

Nicholas continuou assim todo o dia e toda a noite, pensando sempre no caso, mas chegando sempre à mesma conclusão. Neste estado de espírito, as pessoas costumam

ler os cartazes sem saber o que estão fazendo. Foi o que aconteceu a Nicholas, dando de cara com um deles, muito grande, num pequeno teatro. Depois de ler os nomes

dos actores e actrizes olhou para o alto do cartaz e preparava-se para continuar a andar, quando viu anunciado em grandes caracteres, com um largo espaço entre cada

um deles, Positivamente a última representação de Mr. Vincent Crummles, Célebre na Província!!.

-Patetice! - disse Nicholas, voltando atrás. - Não pode ser!

Mas era. Depois de anunciar em várias linhas de que se compunha o espectáculo e com quem, na sexta, lá vinha positivamente a última representação de Mr. Vincent Crummles, Célebre na Província!

Certamente deve tratar-se do mesmo homem - pensou Nicholas. - Não pode haver dois Vincent Crummles.

O melhor, para o tirar de dúvidas, estava no próprio cartaz, onde se referia a um Mister Crummles e a um Mister Percy Crummles, suas últimas representações, e a danças a executar pela criança fenómeno, também em última representação.

Não tendo mais dúvidas, foi à porta do palco e pediu para entregarem a Mr. Crummles um bocado de papel escrito com as palavras Mr. Johnson; imediatamente foi conduzido à presença daquele cavalheiro.

Mr. Crumles ficou muito satisfeito por o ver e abraçou-o cordialmente, tendo Nicholas mostrado o desejo de dizer adeus a Mrs. Crummles antes deles se irem embora.

- Continua a ser sempre o favorito dela, Johnson - disse Crummles - sempre como no princípio.

Ainda tenho vivo, no pensamento, aquele primeiro jantar que teve connosco.

Um em que Mrs. Ces teve a fantasia de se despedir. Ah! Johnson, que mulher aquela!

-Estou-lhe sinceramente grato por todas as suas amabilidades a este e outros respeitos - replicou Nicholas. - Mas para onde vão, uma vez que falam de despedida?

-Não viu nos jornais? - perguntou Crummles com dignidade.

- Não - respondeu Nicholas.

- Admir-me. - retorquiu o empresário. - Estava entre as variedades. Tinha a notícia aqui, em qualquer parte. mas não sei... ah! sim está aqui!

Dizendo isto Mr. Crummles tirou um quadrado de papel da algibeira das calças que usava na vida privada e deu-o a Nicholas para ler.

O talentoso Vincent Crummles, há muito conhecido pela sua fama de empresário regional e actor de invulgares qualidades, vai proximamente atravessar o Atlântico numa

expedição histriónica. Ouvimos que Crummles é acompanhado pela senhora e prendada família.

Não conhecemos ninguém superior a Crummles nesta sua linha especial de

actor, ou quem, como particular, se deva ao público, que pudesse atrair as saudações cordiais dum grande número de amigos. Tem a certeza de vencer.

-Está aqui um outro bocado - disse Crummles, entregando um fragmento ainda mais pequeno. - Este é das notícias dos correspondentes.

Nicholas leu alto, Crummles, o empresário e actor regional, não pode ter mais de quarenta e dois anos, ou quarenta e três anos. Crummles não é prussiano, tendo nascido em Chelsea.

-Hum! - exclamou Nicholas. - É um comunicado singular.

- Muito - retorquiu Crummles, coçando o nariz e olhando para Nicholas, presumindo uma grande indiferença. - Não penso quem publique essas coisas. Eu não.

Conservando os olhos em Nicholas, Mr. Crummles abanou a cabeça gravemente duas ou três vezes e, observando que não

podia imaginar, pela sua vida, como os jornais descobriam essas coisas, dobrou os artigos e pô-los outra vez na algibeira.

-Estou atónito - disse Nicholas. - Ir para a América! O senhor não tinha isso no pensamento quando eu estava consigo.

- Não - respondeu Mr. Crummles. - Não tinha. O facto é que Mrs. Crummles - a mulher mais extraordinária, Johnson

- aqui interrompeu-se e segredou-lhe qualquer coisa ao ouvido. Oh! - exclamou Nicholas, sorrindo.

- O projecto dum aumento de família!

-O sétimo aumento, Johnson - replicou Mr. Crummles solenemente. - Pensava, quando foi do fenómeno, que este devia ser o ponto final, mas parece que vamos ter um outro. uma mulher muito notável.

-Dou-lhe os parabéns! - disse Nicholas - e espero que este seja também um fenómeno.

- É quase certo ser qualquer coisa de invulgar - declarou Mr. Crummles - O talento dos outros três está principalmente no combate e em pantomina. Preferia que este tivesse uma inclinação para a tragédia. Sei que eles a apreciam muito na América. Contudo devemos recebê-lo tal como ele vier. Talvez seja um génio para a encenação.

Em resumo, deve ter qualquer espécie de génio se sair à mãe, Johnson, que é um génio universal.

Exprimindo-se nestes termos, Mr. Crummles começou a vestir-se e, entretanto, informava Nicholas que devia ser uma bela partida para a América sob os auspícios dum contrato toleravelmente bom, tendo a intenção de adquirir lá terras para o ajudar no fim da vida. Depois passou a dar notícias dos amigos comuns, informando que Miss Snevellicci se casara com um cereeiro, que fornecera o teatro com velas, e que Mr. Lillyvick não se atrevia a dizer que a alma lhe pertencia, tal era o tirânico império de Mrs. Lillyvick, que reinava com supremo e absoluto poder. Nicholas correspondeu às confidências, confiando-lhe o nome, situação e projectos, e informando-o em poucas palavras da razão do seu primeiro encontro. Como na manhã seguinte tinham de partir para Liverpool, Mr. Crummles preveniu Nicholas que, se quisesse despedir-se de Mrs. Crummles, teria de o fazer nessa noite, na ceia de despedida a realizar numa casa de pasto da vizinhança, prometendo voltar depois de acabar a representação. Aproveitou este intervalo para comprar uma caixa de rapé em prata, como lembrança para Mr. Crummles, um par de brincos para Mrs. Crummles, um colar para o fenómeno e uns flamantes alfinetes de gravata para cada um dos jovens. Regressando um pouco depois da hora marcada encontrou as luzes apagadas, o teatro vazio, o pano corrido e Mr. Crummles passeando no palco, dum lado para o outro, à sua espera.

-Timberly não se deve demorar - preveniu Mr. Crummles. - Representou esta noite, fazendo de preto fiel na última peça e, por isso, leva um pouco mais tempo a lavar-se.

-Um papel muito desagradável, não é? - perguntou Ni cholas.

-Não, não sei - replicou Mr. Crummles - sai muito facilmente, pois é só a cara e o pescoço. Tivemos uma vez na companhia um primeiro trágico que, quando representava o Otelo, costumava enegrecer-se todo.

Por fim Mr. Snittle Timberly apareceu, de braço dado com o africano que engolia facas e, sendo apresentado a Nicholas, ergueu o chapéu e declarou ter muito orgulho em conhecê-lo. O africano disse o mesmo e com linguagem de irlandês.

-Vi pelos cartazes que tem estado doente, sir - disse Nicholas a Mr. Timberly. - Espero que não tenha nada que impeça os seus esforços desta noite.

Mr Timberly, em resposta, abanou a cabeça, bateu no peito várias vezes dum modo muito significativo e, envolvendo-se melhor na capa, disse:

- Mas isso não tem importância. Vamos!

Há-de observar que quando a gente do palco está fraca, ou exausta, invariavelmente desempenha papéis de força, requerendo grande ingenuidade ou músculos. Era natural que igual sorte saísse a Mr. Snittle Timberly, o qual, no caminho para a casa de pasto, atestou a gravidade da sua recente indisposição e os seus efeitos destruidores no sistema nervoso por uma série de execuções de ginástica, que foram a admiração de todos os presentes.

-Isto é, na verdade, um prazer que eu não esperava

- confessou Mrs. Crummles quando Nicholas se apresentou.

- Nem eu - respondeu Nicholas. - É por um mero acaso que tenho esta oportunidade de a ver, embora fizesse todo o possível para tal.

-Aqui está uma pessoa que conhece - disse Mr. Crum mles, empurrando o fenómeno para a frente - e aqui está outra... e outra - apresentando os Mistery Crummles. -

E como está o seu amigo, o fiel Digby?

-Digby! - exclamou Nicholas, esquecendo-se de ter sido o nome teatral de Smike. - Oh, sim. Está absolutamente. o que estou a dizer? Está muito longe de estar bom.

-Como! - disse Mrs. Crummles com um trágico recuo.

-Temo - explicou Nicholas, abanando a cabeça e tentando sorrir - que a sua esposa se espantasse agora dele como nunca.

-O que quer dizer? - perguntou Mrs. Crummles no seu modo muito popular. - Desde quando veio essa alteração?

-Quero dizer que um covarde inimigo meu me feriu através dele e que enquanto pensa torturar-me, inflige nele tais sofrimentos de terror e de incerteza como. Tenho a certeza de que me desculparão - disse Nicholas, reprimindo-se mas eu nunca falo disto e nunca falarei a não ser aqueles que conhecem os factos, mas agora esqueci-me.

Com esta rápida desculpa, Nicholas curvou-se para cumprimentar o fenómeno e mudou de assunto, maldizendo intimamente a sua precipitação e perguntando a si próprio o que Mrs. Crummles devia pensar duma tão súbita explosão. A senhora pareceu dar muito pouca importância a isto, pois estando nesta altura a ceia na mesa, deu a mão a Nicholas e dirigiu-se num passo firme para a esquerda de Mr. Snittle Timberry. Nicholas teve a honra de a servir e Mr. Crummles foi colocado à direita do presidente; o fenómeno e os Mistery Crumles espalharam-se pela mesa. A reunião aumentou com vinte e cinco ou trinta pessoas pertencentes ao teatro e consideradas os amigos mais íntimos de Mr. e Mrs. Crummles. A despesa sendo feita pelos cavalheiros, eles tinham por isso o direito a uma senhora como convidada. A direita de Nicholas sentava-se um cavalheiro, que tinha dramatizado, em tempos, duzentas e quarenta e sete novelas, sendo apresentado a Nicholas como amigo do africano.

-Tenho a felicidade de conhecer um cavalheiro de tão grande distinção - cumprimentou Nicholas delicadamente.

- Sir - replicou o intelectual - tenho a certeza de que é muito bem-vindo. A honra é recíproca, sir, como digo geralmente quando dramatizo um livro. Já alguma vez ouviu a definição da fama, sir?

-Tenho ouvido várias - respondeu Nicholas com um sorriso. - Qual é a sua?

-Quando dramatizo um livro, sir - disse o cavalheiro literato - a fama é para o seu autor.

-Oh, de facto! - retorquiu Nicholas.

- a fama, sir - replicou o literato.

-Assim Richard Turpin, Tom King e Jeny Abersaw entregaram à fama aos nomes daqueles sobre quem cometeram os mais impudentes roubos? - perguntou Nicholas.

- Não sei nada a esse respeito, sir - respondeu o literato.

-Shakespeare dramatizou histórias que previamente tinham aparecido impressas, é verdade? - observou Nicholas.

- Quer dizer Bill sir? - inquiriu o literato. - Ele assim o fez Bill foi um adaptador, certamente, foi isso. e também adaptou muito bem. considerando.

- Ia quase a dizer - retorquiu Nicholas - que Shakespeare tirou os seus enredos de contos antigos e lendas de conhecimento de todos, mas parece-me que alguns cavalheiros da sua profissão, ultrapassaram-no hoje em dia.

-Tem muita razão, sir - interrompeu o literato, encostando-se na cadeira e palitando os dentes. - O intelecto humano, sir, tem progredido desde o seu tempo. está progredindo. progredirá.

-Ultrapassam-no, quero dizer - continuou Nicholas em outro aspecto, completamente diferente, pois enquanto ele

trouxe ao mágico círculo do seu génio, tradições peculiarmente adaptadas e tornou coisas familiares em constelações que iluminarão o mundo por séculos, vocês arrastam para dentro do círculo mágico da vossa sonolência, assuntos não adaptados perfeitamente para fins cénicos. Por exemplo, tomam livros incompletos de autores vivos, frescos das suas mãos, e burilam-nos para as forças e capacidades dos vossos actores, remendando à pressa, e cruamente, ideias ainda não rabiscadas pelos autores originais, mas que lhes custaram muitos dias a pensar e muitas noites sem dormir. Sem a sua permissão e vontade, fazem o mais possível por antecipar o enredo sobre uma coisa que eles escreveram uma quinzena antes, e depois coroam o procedimento, publicando em qualquer desprezível panfleto uma mistura sem pés nem cabeça, de

extractos escolhidos da sua obra, na qual põem o vosso nome como autores, com a honrosa distinção anexa de terem perpetrado um cento de outros ultrajes do mesmo género. Agora mostre-me a diferença entre um tal roubo e o de tirar a carteira dum homem na rua.

- Os homens precisam de viver, sir - comentou o literato, encolhendo os ombros.

- Isso devia ser igualmente jogo limpo para ambos os casos - respondeu Nicholas - mas se põe a coisa nesse campo, nada tenho mais a dizer de que se fosse um escritor e o senhor um sedento dramaturgo, preferia pagar na taberna uma sua dívida de seis meses do que ter um nicho no Templo da Fama durante seiscentas gerações.

A conversa começava a tornar-se um tanto azeda, mas Mrs. Crummles interpôs-se oportunamente, fazendo várias perguntas ao literato sobre os enredos de seis novas peças escritas por contrato para apresentar o africano engolidor de facas nos seus desempenhos. Isto rapidamente o atirou para uma conversa com a senhora, evaporando-se prontamente toda a lembrança da sua recente discussão com Nicholas.

Tendo sido levantados da mesa os mais substanciais artigos de comida, e começando a circular o ponche, o vinho e os licores, os convidados, pouco a pouco, caíram num silêncio de morte, embora a maioria relanceasse, de vez em quando, para Mr. Snittle Timberry, não hesitando mesmo, os espíritos mais atrevidos, em bater na mesa com os nós dos dedos e raramente intimarem os outros com encorajamentos como estes, agora, Timi, Acorde, Mr. Presidente, Está tudo pronto, sir, aguardamos o seu brinde.

A estas censuras Mr. Timberry não se dignou replicar se não dando indicações de ser ainda vítima da indisposição, enquanto Mr. Crummles estava muito graciosamente na cadeira bebendo um pouco de ponche com o mesmo ar com que costumava tomar longos tragos de coisa alguma nos banquetes do palco. Por fim, Mr. Snittle Timberry levantou-se com uma mão no colete e outra na caixa do rapé, e fez um grande discurso com abundância de citações ao seu amigo Mr. Crummles e terminou estendendo a mão direita para um lado e a esquerda para o outro. Depois foram feitos vários brindes a alguns dos presentes. O literato emborrachara-se, dormindo na cadeira e, finalmente, depois de estar muito tempo sentado, Mr. Snittle Timberry vagou o assento e o grupo dispersou depois de muitos adeuses e abraços.

Nicholas ficou para o fim para dar os presentes e quando disse adeus a todos e chegou a vez de Mr. Crummles, notou a diferença entre a presente separação e a sua partida de Portsmouth.

- Éramos uma pequena companhia muito feliz, Johnson

- disse o pobre Crummles. - Você e eu nunca tivemos uma palavra. Amanhã de manhã ficarei contente por pensar que o vejo novamente, mas agora quase desejava que não tivesse vindo.

Nicholas ia para dar uma alegre resposta quando ficou desconcertado pela súbita aparição de Mrs. Grudden, que lhe deitou os braços ao pescoço com grande afeição.

- O quê! Também vai? - perguntou Nicholas com uma graça como se ela fosse a mais bela jovem do mundo.

- Ir? - replicou Mrs. Grudden. - Deus seja conosco! O que pensa que eles fariam sem mim?

Nicholas deu um outro abraço apertado com uma graça maior do que antes e acenando o chapéu tão alegremente quanto lhe foi possível, despediu-se de Vincent Crummles.

## CAPÍTULO XLIX

Os progressos da família Nickleby e a continuação da aventura do vizinho

Enquanto Nicholas ocupava nas horas vagas os pensamentos em Madeline Bray, que via de vez em quando, executando as missões que o irmão Charles lhe confiava, Mrs.

Nickleby e Kate viviam em perfeita paz, apenas quebrada pelos processos adoptados por Mr. Snawley para reaver o filho, tornando-lhe com isso a saúde bastante precária



pelos constantes sustos e sobressaltos que lhe dava. Da parte do pobre rapaz não havia queixa alguma e esforçava-se sempre por executar alegremente os pequenos serviços de que o incumbiam, embora em muitas ocasiões se visse que estava realmente doente. Um médico de grande reputação, consultado por Nicholas, afirmou não haver causa para alarme, apesar de não encontrar sintomas para um diagnóstico definitivo. Nicholas confortava-se com a esperança compartilhada pela mãe e irmã, e o objecto da sua solicitude respondia, sempre que o interrogavam, sentir-se melhor. Muitas vezes, anos depois, recordava-se Nicholas daquele pequeno aposento ao luscofusco das tardes de Verão, onde ele e Kate se sentavam, e do canto escuro onde Smike costumava estar, ficando os três em silêncio apenas interrompido pela voz musical e alegres gargalhadas de Kate. Se o irmão Charles, por ter achado Nicholas digno da sua confiança, lhe dava provas todos os dias da sua amabilidade, não se esquecia, daqueles que dele dependiam, enviando a Mrs. Nickleby pequenos presentes, tendentes a embelezar a cottage. Se, por acaso, o irmão Charles e o irmão Ned falhavam as suas visitas ao domingo, ou à noite durante a semana, lá estava Tim Linkinwater para compensar essas faltas, e ficando, muitas vezes, para descansar. Mr. Frank Cheeryble, da sua parte, por um estranho conjunto de circunstâncias, passava pela porta três noites por semana, a caminho dos seus negócios.

- o jovem mais atencioso que ainda vi, Kate - afirmou Mrs. Nickleby à filha uma noite, quando este último cavalheiro tinha sido o assunto do merecido elogio da senhora durante algum tempo, enquanto Kate ficava silenciosa.

- É atencioso, mamã - confirmou Kate.

-Meu Deus, Kate! - exclamou Mrs. Nickleby com o seu velho costume de fazer observações repentinas. - Que cor tu tens! Estás vermelha.

-Oh, mamã! Que estranhas coisas fantasia!

-Não é fantasia, Kate, minha querida, tenho a certeza disso - retorquiu a mãe. - Mas agora desapareceu, por isso não é caso para discutir se estavas ou não.

De que estávamos a falar? Oh! De Mr. Frank. Nunca vi uma tal atenção na minha vida, nunca.

-Certamente não está a falar a sério! - replicou Kate, corando de novo e desta vez sem discussão.

- Não falo a sério! - estranhou Mrs. Nickleby. - Tenho a certeza de nunca ter falado tão seriamente. Direi que a sua delicadeza e atenção para comigo é uma das coisas mais agradáveis que tenho visto em toda a minha longa vida. Não se encontra com frequência um tal procedimento nos jovens, por isso espanta mais quando deparamos com ele.

-Oh! atenção, mamã - retorquiu Kate apressadamente.

-Meu Deus, Kate - replicou Mrs. Nickleby. - Que rapariga extraordinária tu és. Por acaso falei da sua atenção para qualquer outra pessoa? Declaro ter pena dele estar ena morado duma senhora alemã.

-Ele negou, mamã - lembrou Kate. - Recorda-se dele o dizer na primeira noite que veio cá? Além disso - acrescentou num tom mais delicado - porque devíamos ter pena se assim fosse? Que nos interessa?

-Nada a nós, Kate - respondeu Mrs. Nickleby - mas alguma coisa a mim, confesso. Gosto que os ingleses se liguem às inglesas e não meio inglês e mais não sei o quê. Dir-lhe-ei francamente da primeira vez que ele venha, que desejo vê-lo casado com uma patriota, e veremos o que ele diz a isso.

-Suplico-lhe que não pense numa tal coisa, mamã!pediu Kate. - De forma nenhuma. Considere. . . como. . .

-Bem minha querida, como o quê? - perguntou Mrs. Nickleby, abrindo os olhos com assombro. Antes de Kate poder responder, um duplo bater especial à porta, anunciou que Miss La Creevy as vinha visitar e quando Miss La Creevy se apresentou, Mrs. Nickleby,

embora absolutamente disposta a argumentar o assunto anterior, esqueceu tudo na torrente de suposições sobre o carro em que ela viera, supondo que o cocheiro devia ter sido o homem em mangas de camisa, ou o dos olhos pretos, mas qualquer que fosse não tinha encontrado a sombrinha que ela deixara na semana passada; não havia dúvida de terem parado muito tempo a meio caminho de casa, no regresso, ou talvez por vir cheio, seguissem directamente; e, finalmente, deviam ter passado por Nicholas na rua.

- Não o vi - afirmou Miss La Creevy. - Mas vi aquela boa alma, Mr. Linkinwater.

- Dando o seu passeio nocturno e vindo descansar aqui antes de regressar à City, tenho a certeza - disse Mrs. Nickleby.

- Não me parece - retorquiu Miss La Creevy - especialmente por o jovem Mr. Cheeryble estar com ele.

- Decerto não é uma razão para Mr. Linkinwater não vir cá - observou Kate.

- Penso que é, minha querida - replicou Miss La Creevy.

- Para um jovem Mr. Frank não é um grande passeante, e observo que se cansa e precisa de repousar muito quando vem cá. Mas onde está o meu amigo? - perguntou olhando em redor, depois de ter dado uma dissimulada vista de olhos a Kate. - Ele não foi outra vez raptado, pois não?

- Ah! Onde está Mr. Smike? - interrogou Mrs. Nickleby

- estava agora mesmo aqui.

Depois de feito um inquérito, verificou-se, com grande espanto da boa senhora, que Smike tinha subido nesse momento a escada e tinha ido para a cama.

- uma criatura muito estranha - observou Mrs. Nickleby. - Na passada terça-feira. foi terça-feira?

Sim, tenho a certeza que foi. Recordas-te, Kate, da última vez

que o jovem Mr. Cheeryble esteve cá. na última terça-feira à noite ele fugiu da mesma maneira, no momento de baterem à porta. Não é por ele não gostar de companhia,

pois é muito dedicado às pessoas que são dedicadas a Nicholas e tenho a certeza que o jovem Mr. Cheeryble o é. E o mais estranho é ele não ir para a cama, por isso

não pode ser por estar cansado. Sei que não vai para a cama por que o meu quarto é pegado ao seu, e quando subi a escada na última terça-feira, muitas horas depois

dele, percebi que nem sequer tinha tirado os sapatos e não tinha a vela acesa, por isso devia ter estado a pensar às escuras, durante todo aquele tempo. Palavra, quando penso nisso acho muito extraordinário!

Como os ouvintes não fizeram eco deste sentimento, antes ficaram silenciosos por não saberem o que dizer, ou por não quererem interromper, Mrs. Nickleby reatou o fio do discurso conforme o seu feitio.

Espero que esta inexplicável conduta não seja o começo da sua ida para a cama e viver lá toda a vida, como a Thirsty Woman of Tutbury, ou o Cock Lane Ghost, ou quaisquer

outras criaturas extraordinárias. Uma delas teve ligação com a nossa família. Sem ver algumas velhas cartas que tenho lá em cima não posso dizer se era o meu avô

que ia para a escola com a Cock Lane Ghost, ou se era a Thirsty Woman of Tutbury que ia para a escola com a minha avó, Miss La Creevy, decerto. Qual foi o que o

padre disse que me não importasse? O Cork Lane Ghost, ou a Thirsty Woman or Tutbury?

- O Cork Lane Ghost, creio eu.

- Então não tenho dúvida - disse Mrs. Nickleby - que foi com ele que o meu avô ia para a escola, porque sei que o professor dele era um não conformista e por isso

deve ter influído muito na maneira como Cork Lane Ghost procedeu para com o clérigo quando cresceu. Ah! Eduquem um fantasma. uma criança, quero dizer.

Algumas reflexões mais sobre este frutuoso tema foram subitamente interrompidas pela chegada de Tim Linkinwater e de Mr. Frank Cheeryble. Na pressa de os receber,

Mrs. Nickleby rapidamente perdeu de vista tudo o resto.

- Tenho pena que o Nicholas não esteja em casa - disse Mrs. Nickleby. - Kate, minha querida, deves fazer as vezes de Nicholas e as tuas.

-Basta que Miss Nickleby faça a sua vez - aventurou Mr. Frank. - Eu, se posso permitir-me dizer isto, oponho-me a qualquer mudança sua.

-Por isso, de qualquer modo, ela insistirá para que fiquem - replicou Mrs. Nickleby. - Mr.

Linkinwater falou em dez minutos, mas eu não os posso deixar sair tão

depressa; Nicholas ficaria muito magoado, tenho a certeza. Kate, minha querida.

Em obediência a um grande número de acenos, sinais e franzimentos de sobrolho, de significação extra, Kate juntou os seus rogos para as visitas ficarem, mas era

de observar serem exclusivamente dirigidos a Tim Linkinwater e haver, além disso, um certo embaraço da sua parte, que se comunicava às faces, tornando-a mais graciosa,

visível mesmo para Mrs. Nickleby. A boa senhora, porém, atribuiu o facto da filha não estar com o seu melhor vestido, embora, na sua opinião, ela nunca ter tido aparência tão boa.

Nicholas não veio para casa, nem Smike reapareceu, mas estas circunstâncias não tiveram grande influência sobre a pequena reunião, a dizer a verdade, a qual estava

na melhor disposição possível. Miss La Creevy e Tim Linkinwater começaram por dizer um ao outro várias graças, que pouco a pouco degeneraram em ternura. A miniaturista

acusava-o dele se

conservar ainda solteiro e como Tim afirmasse ainda poder casar se encontrasse uma mulher que lhe agradasse, Miss La Creevy informou-o que conhecia uma senhora nas

condições, tendo, tanto mais, uma boa propriedade. A isto redarguiu Tim que não procurava fortuna, pois ganhava suficiente para o viver moderado de duas pessoas,

mas sim uma mulher de disposição alegre e digna, o que foi considerado pelas senhoras como ideias muito honrosas. Tim explanou-se noutras manifestações de desinteresse

e numa grande devoção pelo belo sexo, o que foi recebido com não menos aprovação. Tudo isto com uma cómica mistura de ironia e de ardor, que despertou muitas gargalhadas

e os tornou muito alegres.

Kate, que geralmente era a vida e a alma da conversa, estava mais calada do que o costume e olhava, pensativa, as sombras da noite, sem dar muita atenção a Frank,

sentado perto dela. Quando vieram as velas, Kate não pôde suportar o brilho da luz, com grande surpresa de Mrs. Nickleby, tendo de sair do aposento. A surpresa da

boa senhora não ficou por aqui. Aumentou quando descobriu a falta de apetite de Kate para a ceia e ia a expandir-se num grande discurso se não fosse interrompida

pela criada, afirmando ter ouvido alguém no aposento ao lado da cozinha.

O barulho continuou, procedente da chaminé, pelo que Frank Cheeryble agarrou numa vela e Tim Linkinwater nas tenazes do fogão e iam averiguar o seu motivo, se Mrs.

Nickleby não desmaiasse na cadeira, Isto produziu uma curta pausa, mas por fim foram todos, exceptuando Miss La Creevy e a criada, que ficaram para pedir socorro,

em caso de necessidade. Avançando para a porta do misterioso aposento, ouviram uma voz de homem a cantar uma ária popular, mas o assombro foi maior ao verem umas

pernas dançar por dentro da chaminé. À vista deste caso pouco usual, Tim Linkinwater bateu levemente nos tornozelos do desconhecido, sem produzir efeito algum.

-Isto deve ser algum ébrio - disse Frank. - Nenhum ladrão anunciaria a sua presença assim.

Ao dizer isto com grande indignação, -acendeu a vela para ver melhor as pernas, quando Mrs. Nickleby se lhe agarrou às mãos, proferindo um som agudo, entre exclamação

e guincho, e perguntou se as misteriosas pernas não estavam com calções e meias cinzentas.

-Estão - respondeu Frank, olhando mais de perto. - São calções e meias grossas de lã cinzenta também. Conhece-o, ma'am?

-Kate, minha querida - disse Mrs. Nickleby, sentando-se numa cadeira com uma espécie de desesperada resignação, parecendo indicar que o caso tinha chegado à sua

crise e não valia a pena subterfúgios. - Terás a bondade, minha querida, de explicar o assunto. Não o encorajei, de forma alguma, absolutamente nada. Tu sabes isso

perfeitamente. Ele foi respeitoso, excessivamente respeitoso, quando se declarou, como tu foste

testemunha. Contudo, ao mesmo tempo, se sou perseguida desta forma por este senhor, se todos os produtos hortícolas juncam o meu caminho fora de casa e os seus desvarios vêm obstruir as chaminés das nossas casas, realmente não sei o que vai ser de mim. É um caso difícil, tão difícil como antes de casar com o teu pobre e querido papá!

Quando era quase da tua idade, minha querida, havia um jovem que se sentava junto de nós na igreja, o qual costumava, quase todos os domingos, entalhar o seu nome em grandes letras na frente do assento, enquanto se dizia o sermão. Era agradável, decerto, mas era, contudo, um aborrecimento porque o assento estava num lugar muito conspícuo e ele foi várias vezes apanhado pelo sacristão a fazer isso. Porém, não é nada comparado com o presente caso. Este é muito pior e muitíssimo mais embaraçoso. Preferia, Kate, minha querida, ter uma cara horrorosa a estar exposta a uma vida assim.

Frank Cheeryble e Tim Linkinwater olharam com assombro, primeiro entre si e depois para Kate, a qual sentindo ser necessário uma explicação, mas que ansiosa por tornar o assunto o menos ridículo possível, era incapaz de pronunciar uma palavra.

-Ele causou-me muita pena - continuou Mrs. Nickleby, secando os olhos - muita pena, mas peço para não lhe molestarem um cabelo. Nem um só cabelo.

Na presente circunstância não seria muito fácil molestar um cabelo da cabeça do cavalheiro, como Mrs. Nickleby parecia imaginar, visto o corpo estar acima da chaminé.

Durante todo este tempo ele não tinha deixado de cantar sobre o amor e a quebra de palavra da linda rapariga, e agora começava, não só a grasnar mais fortemente, mas a agitar as pernas com mais violência, como se a respiração se lhe tornasse difícil. Frank Cheeryble, sem mais hesitações, puxou pelos calções e pelas meias com tão boa vontade que o homem caiu dentro do aposento com maior precipitação do que fora calculado.

-Oh, sim, sim! - disse Kate assim que todo o corpo do singular visitante apareceu. - Sei quem é! Suplico que não sejam rudes para com ele. Está ferido? Espero que não... Vejam, sim?

-Não está, asseguro-lhe - respondeu Frank, tratando o objecto da sua surpresa com ternura e respeito em vista deste apelo. - Não tem o mínimo ferimento.

- Não o deixe aproximar-se - pediu Kate, afastando-se o mais que pôde.

-Não, não se aproximará - replicou Frank. - Bem vê que o tenho seguro. Mas posso perguntar-lhe o que significa isto e se esperava este cavalheiro de idade?

- Oh, não! - retorquiu Kate - decerto não; mas ele, a mamã não pensa assim, é um maluco que se escapou da casa vizinha e deve ter aproveitado uma oportunidade para se esconder aqui.

- Kate - censurou Mrs. Nickleby com grande dignidade - estou completamente espantada de que te ponhas ao lado dos perseguidores deste infeliz cavalheiro quando sabes muito dos seus baixíssimos projectos sobre os bens dele, sendo esse o segredo do caso. Seria muito mais gentil da tua parte, Kate, pedires a Mr. Linkinwater, ou a Mr. Cheeryble, para intervir a seu favor, fazendo-lhe justiça. Não deves permitir que os teus sentimentos te influenciem! Supões quais deveriam ser os meus sentimentos? Quem é que se devia sentir indignada? Eu, decerto, e muito justamente. Contudo, ao mesmo tempo, não cometeria essa injustiça. Não - continuou Mrs. Nickleby, levantando-se e olhando para outro lado com uma espécie de acanhamento. - Este cavalheiro compreender-me-á quando lhe repetir a resposta que dei outro dia, a qual lhe repetirei sempre, embora o creia sincero quando o encontrei em tão terrível situação por minha causa. e quando lhe pedi para ter a bondade de se ir embora, ou ser-me impossível esconder o seu procedimento do meu filho Nicholas. Estou-lhe obrigada, muito obrigada, mas não posso escutar as suas súplicas. É completamente impossível.

Enquanto era feito este discurso o velho senhor, com o nariz e a cara empastados de fuligem, sentou-se no chão com os braços cruzados, olhando para os espectadores em profundo silêncio e numa atitude verdadeiramente majestática. Parecia não ter ouvido nada de

que Mrs. Nickleby dissera, mas quando ela acabou de falar honrou-a com um longo olhar fixo e perguntou-lhe se tinha terminado.

- Nada mais tenho a dizer - respondeu a senhora modestamente.

- Muito bem - disse o velho senhor, levantando a voz - então traga o raio engarrafado, um copo limpo e um saca-rolhas.

Como ninguém cumprisse a ordem, o senhor, depois duma curta pausa, levantou a voz e pediu uma sanduiche de trovão. Como nem este artigo fosse servido, encomendou um fricassé de canhões de botas de molho de carpa dourada e depois, rindo alegremente, recompensou os ouvintes com um berro muito prolongado, e muitíssimo melodioso.

Mas Mrs. Nickleby, em resposta aos olhares significativos que lhe dirigiam, abanou a cabeça para lhes indicar que tudo isto era uma pequena excentricidade. Parece que Miss La Creevy sentindo a paciência esgotada e desejosa de ver o que se passava, entrou no aposento quando o senhor berrava. Parece, que quando o senhor a viu parou de berrar e começou a beijar a sua própria mão, fazendo com que a miniaturista se refugiasse atrás de Tim Linkinwater quase aterrada.

-Ah! ah! -exclamou o velhote, cruzando as mãos e apertando-as com força. - Vi-a agora; vi-a agora! Meu amor, minha esposa, minha pérola. Ela veio por fim. por fim. e tudo é gás e polainas!

Mrs. Nickleby pareceu ficar desconcertada por um momento, mas, recobrando-se imediatamente, fez sinal com a cabeça várias vezes para Miss La Creevy e para os outros espectadores contraiu as sobrancelhas e sorriu gravemente, dando-lhes a entender que via onde estava o engano e ir pôr as coisas no seu lugar.

- Ela veio! - repetiu o velho senhor, pondo a mão no coração. - Cormoran e Blunderbore! Toda a fortuna que tenho é para ela, se me tomar por escravo. Onde há graça, beleza e carinhos como os seus? Na Imperatriz de Madagascar? Não. Na Rainha dos Diazzantes? Não. Na Mrs. Rowland, que todas as manhãs se banha em Kalydor para nada?

Não. Misturem-se todas estas numa, com as três Graças, as nove Musas e catorze filhas dos fabricantes de bolos de Oxford Street e façam uma mulher com metade da sua amabilidade. Desafio-os.

Depois de proferir esta miscelânea, o velho deu estalos com os dedos e depois cessou as suas extáticas contemplações dos encantos de Miss La Creevy. Isto deu a Mrs.

Nickleby uma favorável oportunidade de se explicar, e foi directamente a ela.

- Tenho a certeza - disse a estimável senhora com uma tosse a servir de prelúdio - de haver um grande alívio em tão crueis circunstâncias, para ninguém se enganar comigo. um grande alívio; e é uma circunstância que nunca aconteceu antes, embora eu me enganasse várias vezes com a minha filha Kate. Não tenho dúvida de que as pessoas estavam patetas e deviam, talvez, saber mais, mas ainda que me tomasse por ela seria, com certeza, muito duro se me tornasse responsável por isso. Contudo, neste caso, teria procedido excessivamente mal se fizesse sofrer alguém por se sentir incomodado por minha causa, por isso creio ser do meu dever dizer a este cavalheiro que está enganado. que sou eu a senhora por ele tomada como sobrinha do Comissário das Obras Públicas e que lhe peço e rogo para se retirar sossegadamente, quanto mais não seja por - aqui Mrs. Nickleby sorriu-se afectadamente e hesitou -. por minha causa! Podia esperar-se que o velhote se deixaria penetrar pela delicadeza e afabilidade deste apelo e replicaria, cortês e agradavelmente, mas qual não foi o choque de Mrs. Nickleby quando, encostando-se a ela duma maneira clara, gritou em voz sonora:

- Sai daqui. Gata!

- Sir! - exclamou Mrs. Nickleby numa voz fraca.

- Gata! Gatinha, gatita, Tit Grimalkin, Tabby, Brindle - dizia o velhote em voz sibilante, por entre os dentes, agitando os braços e avançando e recuando para Mrs.

Nickleby, à maneira duma dança selvagem, como nos dias de mercado os rapazes executam para meter medo aos porcos, carneirus e outros animais, quando eles se mostram

teimosos para seguir o seu caminho. Mrs. Nickleby não perdeu palavras; soltou uma exclamação de horror e de surpresa, caindo imediatamente desmaiada.

- Eu socorro a mamã - disse Kate rapidamente. - Não estou muito assustada. Mas suplico-lhes que o levem daqui!

Frank não estava muito confiado no seu poder de cumprir este pedido até pôr em prática o estratagema de mandar Miss La Creevy dar alguns passos e insistir para o senhor a seguir. Foi quase um milagre: ele continuou num entusiasmo de admiração, guardado por Tim Linkinwater dum lado e Frank do outro.

- Kate - murmurou Mrs. Nickleby, voltando a si quando o caminho estava livre. - Ele foi-se embora?

A filha assegurou-lhe que sim.

- Nunca me perdoarei, Kate. Nunca! Este cavalheiro perdeu o juízo e eu sou a infeliz causa!

- A mamã a causa? - exclamou Kate, atónita.

- Eu, meu amor! - respondeu Mrs. Nickleby com desesperada calma. - Viste o que ele foi outro dia; vê o que é hoje. Disse ao teu irmão, há muitas semanas, Kate, que esperava que um desapontamento não fosse grande coisa para ele. Vês a ruína que ele é. Tendo-se permitido ser um pouco distraído, sabes como falou com juízo, e polidez no jardim. Ouviste a quantidade de disparates que disse esta noite e a maneira como se comportou com essa infeliz solteirona. Pode alguém duvidar de como tudo isto nasceu?

- Custa-me a pensar como se pode - disse Kate suavemente.

Eu também me custa - retorquiu a mãe. - Se eu fosse a infeliz causa disto tinha a satisfação de saber não ter de que me queixar. Disse a Nicholas. Nicholas, meu querido, devemos ter muita cautela na maneira de proceder. Ele mal me ouviu e se o assunto tivesse sido devidamente tratado ao princípio, como desejei. Mas ambos são tal qual como o vosso pobre papá. Contudo tenho a minha consolação e ela é suficiente para mim.

Lavando, assim, as mãos de toda a responsabilidade deste caso, passado, presente ou futuro, Mrs. Nickleby amavelmente, acrescentou poder esperar que os seus filhos nunca fossem causa de censura como ela e preparou-se para receber a escolta que voltou a seguir, com a notícia do senhor ter chegado a casa e ter sido entregue nas mãos dos seus guardas, que estavam em alegre convívio com alguns amigos, ignorantes da sua ausência.

Restaurado o sossego passou-se uma deliciosa meia hora, assim o confessou Frank quando foi para casa com Tim Linkinwater - em conversa, notando Tim, por fim, ser mais do que tempo de regressar a penates; deixaram as senhoras, não sem Frank se oferecer muitas vezes para ficar até chegar Nicholas, até qualquer hora da noite, visto que depois da última erupção do vizinho elas podiam ter medo. Mas não manifestaram essa apreensão, não havia razão para insistir; portanto, teve de abandonar a cidadela e retirar-se com Tim.

Passaram-se perto de três horas em silêncio e Kate envergonhou-se por acabar de estar tanto tempo só, ocupada nos seus pensamentos, quando regressou Nicholas.

- Pensava, realmente, não ter sido mais de meia hora - confessou ela.

- Então devem ter sido alegres os pensamentos, Kate - observou Nicholas com satisfação - Que fizeram para passar o tempo dessa maneira. foram?

Kate ficou confusa; brincou com qualquer coisa na mesa, olhou para cima e sorriu; olhou para baixo e caiu uma lágrima.

- O que é isso, Kate? - perguntou Nicholas, puxando a irmã para si e beijando-a. - Deixa-me ver a tua cara. Não? Ah! foi apenas súbito lampejo. Uma cara melhor do que essa, Kate! vamos... vou ler os teus pensamentos!

Houve qualquer coisa nesta proposta, apesar da maneira como foi dita, sem a mais leve consciência ou intenção, que alarmou tanto a irmã, que Nicholas, rindo, mudou

de assunto para factos internos e assim, soube pouco a pouco, quando abandonaram o aposento e subiram as escadas juntos como Smike estivera só toda a noite, e foi muito a pouco e pouco, pois Kate parecia ter relutância em falar nisto.

-Pobre rapaz!-comentou Nicholas, batendo-lhe mansamente à porta. - Qual poderá ser a causa de tudo isto?

Kate pendurava-se no braço do irmão e abrindo-se a porta rapidamente, ela não teve tempo de se libertar antes de Smike, muito pálido e completamente vestido, os encarar.

- Não estavas na cama? - perguntou Nicholas.

- N. n. não - foi a resposta.

Nicholas suavemente manteve a irmã, que se esforçava por se retirar, e perguntou:

-Por que não?

- Não podia dormir - respondeu Smike, apertando a mão que o amigo lhe estendia.

- Não estás bem? - interrogou Nicholas.

- Na verdade estou melhor. muito melhor - replicou Smike rapidamente.

- Então por que são esses ataques de melancolia - inquiriu Nicholas à sua maneira mas amável - ou porque não nos dizes a causa? Estás a tornar-te diferente, Smike.

- Estou, sei que estou - concordou ele. - Um dia dir-lhe-ei a razão, mas não agora. Odeio-me por isso; são todos tão bons e amáveis. Mas não posso ter mão nisto.

O meu coração está muito cheio. não sabe como ele está cheio!

Apertou com força a mão de Nicholas antes de a largar e, dando uma rápida vista de olhos pelo irmão e pela irmã, como se houvesse alguma coisa na forte afeição de ambos que o tocasse muito profundamente, desapareceu e, em breve, era a única pessoa acordada sob aqueles tectos sossegados.

## CAPÍTULO L

Uma séria catástrofe

A corrida de cavalos em Hampton estava no seu máximo de formação com um dia cheio de sol num céu sem nuvens. Tudo brilhava, desde o esplendor das carruagens até às bandeiras, que pareciam novas. A grande corrida terminou e os grandes aglomerados de pessoas desfizeram-se, emprestando uma nova animação à cena. Uns foram espreitar o cavalo vencedor, outros tomavam providências para regressar a suas casas. As ten das de jogos apresentavam uma cessão mais, apenas. Havia o clube dos Estrangeiros, o Athenaeum, o Hampton, o St. James e uma meia milha com clubes, onde se jogavam as cartas e a roleta. É numa destas tendas que a história se desenrola.

Mobilada com três mesas para o jogo, a casa estava coalhada de jogadores e curiosos. Exceptuando dois homens, o resto parecia não estar interessado em perder ou ganhar. Contudo, havia duas pessoas presentes que, como espécimes peculiares da classe merecem uma passageira descrição. Um deles era um homem de cinquenta e oito ou sessenta anos, sentado numa cadeira perto duma das entradas da tenda, com as mãos cruzadas no castão da bengala e o queixo apoiado neles. Era gordo, de tronco comprido, com um casaco verde abotoado até ao pescoço, calções de pano grosso de lã e polainas; um lenço branco de pescoço e um chapéu de abas largas. No meio do barulho dos jogos parecia propriamente calmo e abstracto, sem a mais ligeira partícula de excitação. As vezes, mas muito raramente, cumprimentava com a cabeça alguém que passava, ou fazia sinal a um parceiro de uma chamada duma das mesas. Parecia estar ali para descansar. No entanto, era o proprietário da tenda.

O outro presidia à mesa do rouge-et-noir. Era provavelmente alguns dez anos mais novo; uma pessoa pançuda, forte com o lábio inferior um pouco saliente pelo hábito de contar dinheiro. Não usava casaca por a atmosfera estar quente e tinha à sua frente umas pilhas de coroas e meias coroas e uma caixa de ferro com notas. Este homem rolava a bola, observava Pazadas quando eram feitas, para apanhar aquelas que perdiam, ou pagar as que ganhavam, fazendo tudo isto com o máximo expediente,

conservando o jogo, perpetuamente, em movimento. Fazia isto com uma rapidez maravilhosa, nunca hesitando, nunca se enganando, nunca parando e nunca cessando de repetir as mesmas frases sem ligação, com o mesmo tom monótono e aproximadamente na mesma ordem, durante todo o dia:

-Rouge-et-noir de Paris! Cavalheiros, façam o vosso jogo e apostem conforme os vossos palpites. enquanto a bola gira. rouge-et-noir de Paris, cavalheiros, é um jogo francês, cavalheiros,

trouxe-o comigo! Rouge-et-noir de Paris. preto ganha. pára um minuto, sir, vou-lhe pagar imediatamente. duas ali. meia coroa acolá, três mais além. e uma ali. cavalheiros, a bola está a girar. Enquanto quiserem, sir, enquanto a bola gira! A excelência deste jogo é de se poder dobrar as paradas, ou deixar o dinheiro, cavalheiros, sempre que queiram, enquanto a bola gira. o preto outra vez. o preto ganha. nunca vi uma tal coisa. nunca vi em toda a minha vida, palavra! Se qualquer cavalheiro tivesse apostado no preto nos últimos cinco minutos, devia ter ganho quarenta e cinco libras em quatro rotações da bola. Cavalheiros, temos vinho do Porto, Xerez, charutos e excelente champanhe. Criado, traga uma garrafa de champanhe e uma dúzia ou quinze de charutos para aqui. e ponham-se à vontade, cavalheiros. e traga copos limpos.

sempre que queiram, enquanto a bola gira! Perdi ontem cento e trinta e sete libras, cavalheiros, num giro da bola perdi, de facto. como está, sir? Bebe um cálice de Xerez, sir? Criado, traga um cálice limpo e leve o Xerez àquele senhor e passe-o depois em roda, se faz favor. Este é o rouge-et-noir de Paris, cavalheiros.

sempre que queiram, enquanto a bola gira!. cavalheiros. Façam o vosso jogo.

Estava o homem nesta cegarrega quando entrou uma meia dúzia de pessoas, a quem se inclinou respeitosamente sem deixar de falar, e ao mesmo tempo fazia um sinal ao homem por detrás dele para a figura mais alta do grupo, a quem o proprietário tirou o chapéu. Era Sir Mulberry Hawk com o seu amigo e pupilo, e um pequeno séquito de homens bem trajados, mas de modos mais duvidosos do que obscuros. O proprietário, em voz alta, deu os bons-dias a Sir Mulberry, o qual, no mesmo tom, mandou o proprietário ao diabo e voltou-se para falar com os amigos.

Era evidente que estava irritado por ser objectivo de curiosidade depois do incidente que tivera, e era fácil perceber que aparecera na corrida de cavalos nesse dia, mais na esperança de se encontrar com muita gente sua conhecida para saber a sua opinião, da que para se divertir. Tinha ainda uma ligeira cicatriz na cara e sempre que se encontrava com um conhecido, esforçava-se para a esconder com a luva.

- Ah! Hawk! - disse um.

- Como vai, querido amigo?

Era um educador de jovens nobres e cavalheiros, pessoa a quem, sobre todas as outras, Sir Mulberry mais odiava e temia encontrar. Apertaram as mãos cordialmente.

- E como está agora, querido amigo?

- Perfeitamente bem! - respondeu Sir Mulberry.

- Muito estimo - replicou o outro. - Como vai, Verisopht? Aqui o seu amigo, está um pouco abatido. bastante fora do seu estado normal, hein?

Deve-se observar que o cavalheiro tinha dentes muito brancos, havendo desculpa para o riso com que geralmente acabava as frases.

-Ele está em muito bom estado; nada há que o incomode! -disse o jovem, negligentemente.

- Palavra! Sinto-me satisfeito em ouvir isso - retorqui o outro. - Acabaram de regressar de Bruxelas?

- Apenas chegamos à cidade ontem à noite - informou Lorde Verisopht. Sir Mulberry voltou-se para falar com um dos doseu séquito e fingiu não ouvir.

- Pela minha vida - disse o amigo, fingindo falar em segredo - é uma ousadia invulgar o Hawk mostrar-se tão depressa. Digo isto como conselho; é preciso muita coragem.

Bem vê ele esteve muito tempo desterrado para não excitar a curiosidade, mas não bastante para as



pessoas terem esquecido aquele desagradável e endiabrado assunto.

A propósito, conhece, decerto, o assunto? Porque nunca o desmentiram esses malditos jornais? Raras vezes leio os jornais, mas olhei para eles por causa disso e possa ser...

- Olhe para os jornais - interrompeu Sir Mulberry, voltando-se subitamente - amanhã. não, no dia seguinte, quer?

-Pela minha vida, meu querido amigo, eu raramente, ou nunca, os leio - afirmou o outro, encolhendo os ombros - mas lêlos-ei por recomendação sua. O que encontrarei lá?

- Bom-dia - despediu-se Sir Mulberry, girando sobre os calcanhares e levando o pupilo consigo; caindo outra vez na paz descuidada e vadia, saíram de braço dado.

- Hei-de-lhe dar a ler o caso de assassinato - murmurou Sir Mulberry com úma praga - mas será uma coisa muito próxima se o chicote corta e o cacete moi.

O companheiro nada disse, mas houve qualquer coisa nas suas maneiras que levou Sir Mulberry a acrescentar irritadamente, muito próximo da ferocidade, como se visse o próprio Nicholas:

-Mande o Jenkins ao velho Niekleby esta manhã, antes das oito horas. Ele é fiel. Chegou antes do mensageiro. Em cinco minutos recebi todas as informações. Sei onde esse sabujo se pode encontrar com tempo e também o lugar. Mas não é preciso falar; amanhã estaremos aqui cedo.

- E o que. se vai fazer amanhã? - inquiriu Lorde Verisopht.

Sir Mulberry Hawk honrou-o com um olhar zangado, mas condescendeu em não dar resposta verbal a esta pergunta, e ambos caminharam enfadados como se os seus pensamentos estivessem muito ocupados, até se verem livres da multidão e quase sós, quando Sir Mulberry se voltou, para regressar.

Pára - disse ao companheiro. - Quero falar contigo. seriamente. Não regresse. Passemos aqui alguns minutos.

-O que tens para me dizer, que o não possas fazer tão bem ali adiante, como aqui? - perguntou-lhe o mentor, desembaraçando o braço.

- Hawk - replicou o outro - diz-me. quero saber.

- Queres saber! - interrompeu o outro desdenhosamente.

- Continua. Se queres saber, decerto não há escapatória para mim.

- Quero perguntar, então -retorquiu Lorde Fredericke - devo insistir para que me dê uma resposta clara e fiel. O que disseste foi apenas uma bravata de momento, ocasionada pelo teu mau humor e irritação, ou é uma intenção séria em que tens estado a meditar?

-O quê! Então não te lembras que tratámos o assunto uma noite, quando eu estava na cama com uma perna partida?

- perguntou Sir Mulberry com um riso escarninho.

- Perfeitamente.

-Então toma isso como resposta, em nome do diabo!disse Sir Mulberry - e não me peças outra! Tál era a ascendência que ele adquirira sobre o seu crédulo amigo e o costumado hábito de submissão deste, que o jovem pareceu mais receoso em continuar com o assunto.

Porém depressa venceu este sentimento, como se o desoprimisse completamente, e retorquiu zangado:

- Se me lembro do que se passou na ocasião em que falas, exprimi vincadamente a minha opinião sobre o assunto e disse que, com a minha aquiescência ou consentimento, nunca farias o que planeias agora.

-Impedes-me? - perguntou Sir Mulberry com uma fria gargalhada.

- Sim, se puder - respondeu o outro prontamente.

- Uma decisão de socorro muito própria - comentou Sir Mulberry - de que uma pessoa deve precisar. Trata dos teus negócios e deixa-me cá com os meus.

- Este assunto é meu - replicou Lorde Frederick. - Faço-o meu; fá-loei meu. Já é meu. Estou mais

comprometido do que devia.

- Faze o que quiseres e como quiseres - disse Sir Mulberry, aparentando um fácil bom humor. - Certamente isso deve contentar-te. Nada faças por mim. Não aconselho ninguém em intervir nas atitudes que eu entendo tomar. Tenho a certeza de saber bem o que tenho a fazer. Vejo que me ofereces o teu conselho. E bem intencionado, não há dúvida, mas eu rejeito-o. Agora, se dás licença, voltamos para a carruagem. Não encontro divertimento aqui; pelo contrário, e se prolongamos esta conversa podemos ter uma questão, o que não seria prova de siso de qualquer de nós. Com esta réplica e sem esperar resposta, Sir Mulberry Hawk bocejou e muito vagarosamente, voltou-se.

O domínio de Sir Mulberry sobre o jovem lorde tinha perdido muito da sua influência e quando o primeiro se tornava violento, o pupilo respondia da mesma maneira. Quando podia prendê-lo, adoptara um estilo frio e lacónico, e agora tinha muito pouca esperança de o conseguir. Enquanto foi um instrumento passivo nas suas mãos, Sir Mulberry desprezava-o, mas agora que emitia opiniões contrárias às suas e assumia um ar superior, odiava-o quando o jovem tomava uma atitude honesta e varonil com respeito ao assunto Nicholas.

Foi neste estado de espírito que regressaram à cidade: Lorde Frederick pensando na forma de evitar a vingança e Sir Mulberry tomando o silêncio como um sinal de o ter dominado e aproveitando esta circunstância para mostrar aos outros amigos da mesma casta, que não tinha perdido a sua influência. Jantaram juntos. O vinho correu livremente, como corraera todo o dia. Sir Mulberry bebeu para se recompensar da sua recente abstinência, o jovem lorde para afogar a sua indignação, e o resto do séquito por o vinho ser do melhor e eles não terem de o pagar. Era cerca da meianoite quando saíram, desenfreados, com o álcool a ferver, o sangue a escaldar e os miolos em fogo, indo para a mesa do jogo. Aqui encontraram outro grupo de doidos como eles. A excitação do jogo, o aquecimento dos aposentos e o brilho das luzes, foram os aliados para a febre do momento. Foi bebido mais vinho, cruzaram-se pragas, alguns subiram para a mesa, agitando garrafas por cima das cabeças; outros dançavam e outros ainda cantavam. O tumulto e a loucura estavam no auge quando se levantou um barulho e, dois homens, agarrando-se pelo pescoço, lutavam no meio do aposento. Uma dúzia de vozes gritou para os apartarem. Os que conservavam o sangue-frio atiraram-se para o meio dos antagonistas e arrastaram-nos, cada um para o seu lado.

- Deixem-me - gritou Sir Mulberry numa voz rouca. Ele bateu-me. Ouvem-me? Digo que ele me bateu. Tenho aqui algum amigo? Quem é este? Westwood. Ouves-me dizer que ele me bateu?

- Ouço, ouço! - respondeu um dos que o segurava. - Vamos, por hoje!

- Não vou, por Deus! - retorquiu ele ferozmente. - Uma dúzia de pessoas aqui, viu que ele me bateu.

- Amanhã há muito tempo - disse o amigo.

- Não é amanhã! - exclamou Sir Mulberry. - esta noite. imediatamente. aqui.

A ira era tão grande que ele não podia articular, limitando -se a agarrar o pulso, arrancar os cabelos e bater com os pés no chão.

- O que é isto, meu lorde? - perguntou um dos que o rodeava. - Houve tarefa?

- Houve - foi a resposta, dada a arquejar. - Bati-lhe. proclamo-o a todos aqui! Bati-lhe e ele sabe porquê. Deixem agora ajustar esta questão com ele. Capitão Adams

- chamou o jovem lorde dirigindo-se a um dos que se tinha interposto. Peço-lhe para ter uma conversa comigo.

A pessoa a quem este pedido foi dirigido avançou e, agarrando o braço do jovem, retirou-se com ele, seguido de perto por Sir Mulberry e o amigo. E os espectadores desta cena dividiram-se em dois partidos: um que ficou a discutir o caso e outro que se deitou nos sofás e adormeceu. Entretanto, as duas testemunhas encontraram-se

num outro aposento. Estes cavalheiros estavam desusadamente contentes por o assunto causar algum barulho e decerto lhes aumentar os créditos.

- É um negócio levado do diabo, Adams! - disse Westwood, levantando-se.

- Muito - concordou o capitão. - Foi dada uma bofetada e não houve réplica.

- Nem desculpa? - inquiriu Westwood.

- Nem uma sílaba, sir, do meu constituinte, mesmo que conversemos até ao dia da juízo. A causa da questão, segundo percebi, foi qualquer rapariga, a quem o seu constituinte aplicava certos termos, o que Lorde Frederick, defendendo-a, repelia. Mas isto levou a uma série de recriminações sobre assuntos porcos, acusações e contra acusações.

Sir Mulberry foi sarcástico; Lorde Frederick estava exaltado e bateu-lhe no calor da provocação e em circunstâncias para o agravar. Essa bofetada, desde que haja

uma completa retratação da parte de Sir Mulberry, Lorde Frederick está pronto a justificar-se.

- Nada há mais a dizer se não combinar a hora e o local do encontro - replicou o outro. - É uma responsabilidade, mas é uma honra acabar com isto. Opõe-se a que seja ao nascer do sol?

- Belo trabalho - disse o capitão, referindo-se ao relógio

- No entanto, como isto parece levar muito tempo a considerar e a negociar e foi apenas uma troca de palavras. não.

- Possivelmente pode dizer-se alguma coisa fora daqui, depois de termos passado para o outro aposento, pois é de desejar sairmos sem demora para fora da cidade -

sugeriu Westwood. - O que diz a um dos prados em frente de Itrickenham, ao lado do rio?

O capitão não viu inconveniente.

- Encontrar-nos-emos na avenida das árvores que vai de Petersham para Ham House e ajustaremos o local exacto quando lá chegarmos - disse Mr. Westwood.

A isto também assentiu o capitão e depois de outros poucos preliminares igualmente breves, separaram-se.

- Teremos muito tempo, meu lorde - disse o capitão, quando lhe comunicou o combinado - para passar pelo meu quarto para ir buscar a caixa das pistolas e depois abalarmos.

Se me permite que dispense o seu criado, irá no meu carro, pois o seu, pode ser talvez reconhecido. Quando chegaram à rua era quase o despontar do dia, tendo a luz amarela da casa sido substituída por uma manhã clara, luminosa, linda.

- Está a tremer? - perguntou o capitão. - Está com frio.

- Bastante.

- Sent-se frio quando se vem daqueles aposentos quentes. Embrulhe-se nesta capa. Assim, assim; agora vamo-nos embora!

Pararam na cancela da avenida e deixaram o carro ao cuidado do criado, acostumado a estes procedimentos do patrão. Sir Mulberry e o amigo já lá estavam. Todos os quatro se encaminharam em profundo silêncio para o lado dos enormes olmos.

Depois duma curta pausa e duma breve conferência entre as testemunhas, voltaram todos à direita, passaram Ham House e chegaram a uns campos, num dos quais pararam.

O terreno foi medido e depois de cumpridas algumas fórmulas usuais, os antagonistas foram colocados frente a frente. Os dois tiros foram dados no mesmo instante.

E, nesse instante, o jovem lorde voltou vivamente a cabeça, fixou no adversário um olhar horroroso e, sem um gemido, caiu redondamente no chão, morto.

- Morreu! - exclamou Westwood, que com a outra testemunha, correu para o corpo e ajoelhou ao lado.

- O sangue dele que caia sobre a sua cabeça - disse Sir Mulberry. - Concebeu isto e forçou-me a participar!

- Capitão Adams - gritou Westwood apressadamente. Tomo-o como testemunha em como isto foi feito com correcção. Hawk, não temos um minuto a perder. Temos de deixar imediatamente este lugar, correr para Brighthon e atravessar para a França a toda a velocidade. Isto

foi um mau negócio e pode ser pior se nos demorarmos um momento. Adams, trate da sua segurança e não fique aqui; a vida primeiro do que a morte. Adeus! Com estas palavras agarrou no braço de Sir Mulberry e levou-o consigo. O capitão Adams depois de se convencer do resultado fatal, fugiu na mesma direcção para combinar com o criado a remoção do corpo e tratar da sua segurança. Assim morreu Lorde Frederick Verisopht pela mão que apertou muitas vezes e que cumulava de presentes, podendo ter vivido como um homem feliz, expirando com os filhos a rodearem-lhe o leito.

## CAPITULO LI

O projecto de Mr. Ralph Nickleby e do amigo, aproximando-se do final, torna-se inesperadamente conhecido noutro grupo, não sendo admitido

Arthur Gride vivia numa velha casa, triste, sombria e suja, parecendo tão murcha como ele e ter amontoado as rugas como ele amontoara o dinheiro. A mobília era a mais precária, e estragada. Não havia lume para convidar ao descanso e ao conforto. Do mais mesquinho e miserável aposento de todos os desta miserável casa, saía o som trémulo da voz do velho Gride, trinando o final de alguma esquecida canção.

Ta... ram... tam... tu

Atira o sapato velho E possa a boda ser feliz!

que repetiu várias vezes as mesmas notas trémulas e ásperas até um violento ataque de tosse o obrigar a desistir e a

continuar, em silêncio, o trabalho em que estava ocupado. Esta ocupação consistia em tirar das prateleiras dum guarda-roupa carunchoso uma quantidade de fatos fedorentos, um a um, examiná-los cuidadosamente à luz e dobrá-los para os pôr em dois montes ao lado dele. Nunca tirava mais de um fato e não se esquecia de dar volta à chave da porta do guardafato entre cada visita às prateleiras.

O fato cor de tabaco - disse Arthur Gride, inspeccionando um casaco no fio. - Ficar-me-à bem a cor de tabaco? Deixa-me pensar!

O resultado da cogitação pareceu ser desfavorável, pois tornou a dobrar o fato, pô-lo de lado e subiu para uma cadeira a fim de agarrar noutro, chilreando, enquanto fazia isto:

Jovem, e linda, quanta beldade e amor A boda vai ser feliz!

- Eles dizem sempre jovem - comentou o velho Arthur mas as canções são apenas escritas por causa da música e esta é uma cantiga tola que a gente do campo cantava quando eu era rapazinho. Mas espera. jovem também está muito bem. quer dizer a noiva... sim. Quer dizer a noiva). Oh, meu Deus, está muito bem. Está muito bem. Além disso, é verdadeiro. absolutamente verdadeiro!

Com a satisfação desta descoberta continuou a cantar os versos com maior expressão, imprimindo-lhe um garganteio de vez em quando. Depois voltou ao trabalho.

- O verde garrafa - disse o velho Arthur - o verde garrafa foi um famoso fato quando se usou e comprei-o muito barato numa casa de penhores, e havia um xelim na algibeira do colete. Pensar que o penhorista não sabia que havia lá um xelim! Eu sabia: Senti-o quando examinava a qualidade. Oh, que estúpido! Foi também um fato feliz, este verde garrafa. No mesmo dia em que o vesti pela primeira vez, o velho Lorde Mallowford morreu na cama e terminaram todos os inquéritos depois da morte.

Casar-me-ei com o verde garrafa. Peg. Peg Sliderskew. Usarei o verde garrafa!

A este chamamento, repetido duas ou três vezes em voz alta à porta do aposento, apareceu uma velha, baixa, magra, remelosa, atacada de paralisia e horrivelmente feia, que, limpando a cara engelhada ao avental sujo, perguntou, naquele tom mortificado em que vulgarmente os surdos falam:

- Foi o senhor a chamar, ou o relógio a dar horas? O meu ouvido está tão mau que nunca sei o que é,

mas quando ouço um barulho, sei que deve ser o senhor porque nada mais se mexe nesta casa.

- Eu, Peg. eu - disse Arthur Gride, batendo no peito para tornar a resposta mais inteligível.

- O senhor. hein? - replicou Peg. - E o que quer?

-Casar-me-ei de verde garrafa - gritou Arthur Gride.

-E é muito bom para se casar, patrão - retorquiu Peg depois duma curta inspecção ao fato. - Não tem outro pior do que este?

- Não falei isso - respondeu o velho Arthur.

- Porque não? - perguntou Peg. - Porque não usa os fatos de todos os dias como um homem. hein?

-Não são suficientes, Peg - retorquiu o patrão.

- Não são suficientes o quê? - inquiriu Peg.

- São.

-São o quê? - imterrogou Peg vivamente. - Não são velhos demais para usar?

Arthur Gride murmurou uma imprecisão á surdez da governanta e rugiu-lhe ao ouvido:

-Não são suficientemente elegantes. Quero parecer o melhor que puder.

-Parecer? - exclamou Peg. - Se ela é tão bonita como o senhor diz não olhará muito para si, patrão, acredite, e quanto à sua própria aparência. sal e pimenta, verde garrafa, azul celeste ou mistura de cores, não fazem diferença.

Com esta consoladora certeza Peg Siderskew agarrou no fato escolhido, meteu-o debaixo do braço descarnado e ficou de boca aberta a sorrir, piscando os olhos como a horrorosa figura duma monstruosa peça de talha.

- Você está bem disposta, não está, Peg? - interrogou Arthur com uma nota de humor.

- Então não basta fazer a sua vontade? - replicou ela. - Bem depressa serei posta fora se alguém tentar dominar-me, e já o previno, patrão: ninguém põe o pé no pescoço de Peg Sliderskew, o senhor sabe isso e é escusado dizê-lo. Isso não! Não! Nem a si. Experimente uma vez e deita-se a perder.

- Oh, meu Deus, nunca o tentarei - afirmou Arthur Gride aterrorizado pela menção da palavra. - Nunca na vida! Seria muito fácil perder-me; devemos ter muita cautela;

agora mais do que nunca com uma outra boca a alimentar. Apenas... não devemos deixá-la perder a sua boa aparência, Peg, porque gosto de olhar para ela.

- Tome cuidado em não achar a boa aparência muito dispendiosa - avisou Peg, agitando o polegar.

- Mas ela sabe ganhar dinheiro Peg - disse Arthur Gride, observando ardentemente o efeito produzido pela sua comunicação na expressão da velhe. - Ela sabe desenhar, pintar, fazer coisas lindas de todas as maneiras para ornamentar tamboretos e cadeiras, sapatos de quarto, porta-relógios, e mil pequenas ninharias a que não poderia dar metade dos nomes. Além disso sabe tocar piano, tem um e canta como um passarinho. Ficaré muito barata em vestuário e manutenção, Peg.

- Se não deixar que ela faça pouco de si, talvez.

- Pouco de mim! - exclamou Arthur. - Confie no seu velho patrão, para se não deixar enganar por caras lindas, Peg. Não, não, não, nem tão pouco por feias, Mrs. Sliderskew

- acrescentou baixinho a modo de solilóquio.

-Estava a dizer alguma coisa que não queria que eu ouvisse. Sei que estava - observou Peg.

- Oh, meu Deus esta mulher tem o diabo - murmurou Arthur, acrescentando ainda com um feio olhar sorrateiro. Disse que confiava tudo em si, Peg.

- Faça isso, patrão, e todos os cuidados acabam - aprovou Peg.

- Quando fizer isso, Peg Sliderskew - pensou Arthur Gride- eles acabarão!

Embora pensasse isto muito distintamente não se atreveu a mexer os lábios, pelo menos para que a velha pudesse percebê-lo. Pareceu mésmo meio medroso de que ela tivesse lido os seus pensamentos, por isso foi a coxear e disse em voz alta:

- Cosa tudo o que estiver descosido no fato verde garrafa com a melhor linha de seda preta. Arranje um novelo da melhor e alguns botões novos para o casaco. - esta é uma boa ideia, Peg, e uma que sei de que gosta - como nunca lhe dei nada e as raparigas gostam

de atenções, há-de polir um colar brilhante que tenho lá em cima,  
para lhe pôr na manhã do casamento - sou eu quem lho porá à roda do lindo pescocinho  
- e no dia seguinte tiro-lho. Eh! eh! eh!. feche-o para ela, Peg, extravie-o. Para começar, quem será  
o escarnecido, pergunto eu. hein, Peg!

Mrs. Sliderskew pareceu aprovar altamente este engenhoso plano, exprimindo a sua satisfação por  
vários movimentos do corpo e da cabeça, que não lhe aumentavam os  
encantos. Estes prolongaram-se até ela ter chegado à porta, mudando então para um olhar mau e  
azedo e, torcendo o queixo, murmurou maldições sobre o futuro de Mr.

Gríde enquanto descia vagarosamente as escadas, parando em cada degrau para respirar.

- Creio que ela é meio bruxa! - comentou Arthur Gríde, quando se viu de novo só. - Mas é muito  
frugal e muito surda. A sua alimentação não me custa quase nada e  
de nada lhe serve escutar pelos buracos das fechaduras porque não pode ouvir. É uma mulher  
encantadora. para o efeito; a governanta discreta e valendo o seu peso  
em. cobre!

Tendo exaltado os méritos da sua criada nestes elevados termos, o velho Arthur voltou à sua canção  
e, tendo já escolhido o fato destinado a brilhar nas suas próximas  
núpcias, tornou a colocar os outros com não menos cuidado que tivera em tirá-los dos cantos  
bolorentos onde repousavam, em silêncio, há tantos anos.

Sobressaltado por uma campainhada na porta, concluiu rapidamente o trabalho e fechou à chave o  
guarda-roupa, mas não havia necessidade para uma tal pressa, por a  
discreta Peg só saber quando a campainha tocava quando olhava para o tecto da cozinha com os  
olhos turvados e o via abanar. Depois duma curta demora, Peg entrou,  
seguida por Newman Noggs.

- Ah! Mr. Noggs! - exclamou Arthur Gríde, esfregando as mãos. - Meu bom amigo, Mr. Noggs, que  
notícias me traz?

Newman com um aspecto firme, e um olhar fixo, respondeu, seguindo a acção às palavras:

-Uma carta. De Mr. Nickleby. O portador espera.

- Não quer tomar um. um.

Newman olhou e lambeu os beiços.

- Uma cadeira?

- Não - replicou Newman. - Obrigado.

Arthur abriu a carta com as mãos a tremerem e devorou o seu conteúdo com muitíssima  
sofreguidão, rindo-se para den tro com enlevo, relendo-a várias vezes antes de  
a poder apartar dos olhos. Tantas vezes a examinou e a tornou a examinar, que Newman achou por  
bem lembrar-lhe a sua presença.

- É verdade - replicou o velho Arthur - Sim. sim. Quase me esqueci, devo declarar.

- Pensei que se esquecia - retorquiu Newman.

-Fez muito bem em lembrar-me, Mr. Noggs. Muito bem, na verdade - disse Arthur. - Sim. Vou  
escrever uma linha. Estou. estou. bastante comovido, Mr. Noggs. A noticia  
é.

- Má? - interrompeu Newman.

-Não, Mr. Noggs, obrigada; boa, boa! A melhor das notícias. Sente-se. Vou buscar a pena e o tinteiro  
e escrevo uma linha em resposta. Não o reterei muito tempo.

Sei que é um tesouro para o seu patrão. Ele fala algumas vezes de si em tais termos que o senhor  
ficava admirado. Posso dizer que também o faço e sempre o fiz. Digo  
sempre o mesmo de si.

Esse maldito Mr Noggs com todo o meu coração! é o que tu dizes, pensou Newman quando Gríde  
saiu.

A carta caiu no chão. Olhando cuidadosamente em volta, Newman, impelido pela curiosidade de  
saber o resultado do plano que ouvira no esconso do seu escritório, apanhou-a  
e leu rapidamente o seguinte:

GrídeTornei a ver o Bray esta manhã e propus-lhe para depois de amanhã como você sugeriu,

o dia do casamento. Não há objecção de parte dele e todos os dias são iguais para a filha. Iremos juntos e você deve estar comigo às sete da manhã. Não preciso de lhe recomendar para ser pontual. Entretanto, não faça mais visitas à rapariga. Ultimamente apareceu lá mais do que devia. Ela não está presa pelo beijo por si e isso podia ter sido perigoso. Reprima o seu juvenil ardor por quarenta e oito horas e deixe-a com o pai. Você apenas desfaz o que ele faz e o que ele faz é bem feito. Seu Ralph Nickleby

Ouviram-se passos fora. Newman deitou a carta para o mesmo sítio, pôs-lhe o pé em cima para impedir que ela voasse, voltou para a sua cadeira e olhou tão vaga e inconscientemente como nunca um mortal olhou. Gride, depois de examinar nervosamente à sua roda, viu a carta no chão, levantou-a e sentou-se para escrever relanceando para Newman Noggs, que olhava fixamente para a parede com uma intensidade tão notável, que Arthur ficou alarmado.

- Vê alguma coisa de especial, Mr. Noggs? - perguntou, tentando seguir a direcção dos olhos de Newman, o que era uma impossibilidade e uma coisa que homem algum ainda fizera.

- Apenas uma teia de aranha - respondeu Newman.

- Oh, é tudo?

- Não - disse Newman. - Há lá uma mosca.

- Há aqui muitas teias de aranha - observou Arthur Gride.

- Também na nossa casa - replicou Newman - e moscas também.

Newman pareceu muito divertido com a resposta que dera e, com grande perturbação dos nervos de Arthur Gride, produziu uma série de estalos nas articulações dos dedos, fazendo lembrar o barulho distante duma descarga de artilharia. Arthur, no entanto, conseguiu acabar a resposta à mensagem de Ralph e, por fim, entregou-a ao excêntrico portador.

- Aqui está, Mr. Noggs - anunciou Gride.

Newman fez um sinal com a cabeça, pôs o chapéu e estava para se ir embora quando Gride, cujo êxtase não conhecia limites, lhe pediu para voltar atrás e lhe perguntou, num sussurro chiado e com um sorriso que lhe tomou a cara toda, a encobrir-lhe os olhos:

- Quer. quer tomar uma gota de qualquer coisa. apenas uma prova?

Em boa camaradagem, se Arthur Gride fosse capaz dela, Newman nunca beberia com ele uma lágrima do melhor vinho do mundo, mas para ver como ele se comportava e para o punir o mais possível, aceitou imediatamente a oferta. Arthur Gride abriu outra vez o guarda-roupa e duma prateleira cheia de copos em vidro de Flandres e bonitas garrafas, algumas com gargalos com o pescoço das cegonhas, outras quadradas, bojudas como holandesas, curtas, com gargalos apopléticos, tirou uma garrafa empoeirada de prometedoraparência e dois copos dum tamanho curiosamente pequeno.

- O senhor nunca provou isto - afirmou Arthur. - É eau d'or. água de ouro. Gosto dele por causa do nome. um nome delicioso. Água de ouro, água dourada! Oh, meu Deus, é quase um crime bebê-lo!

Como a coragem parecia faltar-lhe e brincava com a rolha duma maneira que ameaçava colocar a garrafa no seu lugar, Newman agarrou num dos copinhos e bateu com ele duas ou três vezes contra a garrafa, como a lembrar-lhe delicadamente não ter ainda sido servido. Com um profundo suspiro, Arthur Gride encheu-lhe o copo vagarosamente, mas não até acima, e depois encheu o dele.

- Pare, pare; não beba ainda - advertiu ele, pondo a mão sobre a de Newman. - Foi-me dado há vinte anos e quando tomo um golinho, o que é muito raro, gosto de pensar nisto antes. Vamos fazer um brinde.

- Ah! exclamou Newman, olhando impacientemente para o copinho. - O portador espera.

- Então vou-lhe dizer por quem - titubeou Gride - Va mos beber. por uma senhora.

- Pelas senhoras? - inquiriu Newman.

- Não, não, Mr. Noggs - respondeu Gríde, suspendendo-lhe a mão - por uma senhora. Espanta-se por me ouvir dizer uma senhora... vejo que sim. O brinde é pela Madelinezinha, Mr. Noggs.

- Madeline! - confirmou Newman, juntando interiormente: -e Deus a ampare!

A rapidez e facilidade com que Newman engoliu a sua parte da água de ouro, fez um grande efeito no velho, que deu um pulo na cadeira e olhou espantado para ele, de boca aberta, como se isto lhe tivesse tirado a respiração. Newman, contudo, sem se comover, deixou-o sorver o conteúdo à vontade ou deitá-lo outra vez na garrafa, e partiu, depois de ultrapassar grandemente a dignidade de Peg Sliderskew por roçar por ela no corredor sem uma palavra de desculpa, ou de reconhecimento.

Mr. Gríde e a governanta reuniram-se em sessão para discutirem a forma de receber a jovem noiva, mas como a sessão devia ser aborrecida e prolixa, como tantas outras, vamos seguir os passos de Newman Noggs.

- Você demorou-se muito - censurou Ralph quando Newman voltou.

- Ele demorou-se - replicou Newman.

- Bah - exclamou Ralph impaciente. - Dê-me a sua carta, se ele lhe deu alguma, ou o seu recado, se não escreveu. E não se retire. Quero dizer-lhe uma coisa, sir.

Newman entregou-lhe a carta e tomou uma atitude muito inocente, enquanto o patrão quebrava o selo e lhe dava uma vista de olhos.

- Será certo ele vir - murmurou Ralph, rasgando-a em bocados - sei que virá. Que precisão em dizer isso? Noggs. Suplico-lhe, sir, para me informar quem era o homem que eu vi na rua a noite passada?

- Não sei - respondeu Newman.

- Será melhor refrescar a sua memória, sir - disse Ralph com um olhar ameaçador.

- Digo-lhe que não sei quem ele é - repetiu Newman descaradamente. - Ele voltou. O senhor despediu-o. Deu o nome de Brooker.

- Sei que deu - disse Ralph. - E depois?

-E depois? Depois escondeu-se e perseguiu-me na rua. Segue-me noite após noite e insiste para que o ponha cara a cara consigo, como disse que esteve uma vez e não há muito tempo. Deseja vê-lo frente a frente e garante que em breve o senhor ouvirá falar dele.

- E o que disse você a isso? - perguntou Ralph.

- Que não era negócio meu. Disse que o podia apanhar na rua, se era isso tudo o que ele queria, mas não, isso não faria.

Disse que lá fora o senhor não ouviria uma palavra Precisa estar só consigo, num aposento com a porta fechada, onde possa falar sem medo, e que o senhor depressa mudaria de atitude e escutá-lo-ia com paciência.

- Um audacioso malandro! - murmurou Ralph.

- tudo o que sei - continuou Newman. - Digo de novo que não sei que homem é. Não acredito que ele o conheça. O senhor talvez o visse.

- Penso que sim! - replicou Ralph.

- Bem - retorquiu Newman, enfadado - não espere que eu também o conheça. Vai a seguir perguntar-me porque não disse isto antes. O que lhe diria se lhe fosse contar tudo quanto as pessoas me dizem a seu respeito? O que é que me chama, quando eu algumas vezes o faço? Bruto, burro! e arreganha-me os dentes como um dragão.

Isto era bastante verdadeiro, no entanto, a pergunta antecipada por Newman estava já nos lábios de Ralph.

- um célebre mandrião disse Ralph - um vagabundo que veio das colónias, para onde foi pelos seus crimes; um malvado que escapou à força por uma unha negra; um patife que tem a ousadia de tentar envolver-me nos seus planos, a mim, que o conheço bem! A próxima vez que se meter consigo, entregue-o à polícia por tentativa de extorquir dinheiro por meio de mentiras e ameaças. Ouviu? E deixe o resto comigo. Hão-de-lhe arrefecer os pés na cadeira durante algum tempo e obrigá-lo-ei a dirigir as vistas



para outras pessoas, para as tosquiarem quando sair. Ouviu bem?

- Ouvi - respondeu Newman.

- Faça isso, então, e recompensá-lo-ei - prometeu Ralph.

- Agora pode ir-se embora.

Newman aproveitou prontamente a permissão e, fechando-se no seu pequeno escritório, lá ficou todo o dia em séria cogitação. Quando à noite se libertou, dirigiu-se à City com a maior velocidade que pôde e colocou-se no velho posto por detrás da bomba, à espera de Nicholas, pois Newman Noggs era orgulhoso no seu comportamento e não queria aparecer ao seu amigo perante os irmãos Cheeryble naquele estado miserável. Não ocupava o posto havia muitos minutos quando se regozijou ao ver Nicholas, que pelo seu lado, não estava menos contente por ver o amigo, a quem não via há algum tempo, por isso o seu cumprimento foi caloroso.

- Estava neste momento a pensar em si - retorquiu Newman. - Não pude deixar de vir esta noite. Creio que vou descobrir alguma coisa.

- E o que poderá ser? - perguntou Nicholas, sorrindo a esta singular comunicação.

- Não sei o que possa ser, nem o que não possa - respondeu Newman. - um segredo em que o seu tio está metido, mas o qual ainda não fui capaz de descobrir, embora tenha uma forte suspeita. Não lhe faço insinuações para não ficar desapontado.

- Desapontado, eu! - exclamou Nicholas. - Estou interessado?

- Creio que está - replicou Newman. - Tenho cá uma ideia que sim. Descobri um homem que, com certeza, sabe mais do que diz e já fez tais confidências, que me intrigaram

- disse Newman, coçando o nariz vermelho num estado de violenta exaltação e fixando Nicholas com toda a veemência.

Admirado do que poderia ter excitado o amigo, Nicholas fez os possíveis, por uma série de perguntas, mas em vão. Newman não deu mais explicações do que a repetição das perplexidades em que estava, mostrando ser necessário usar da máxima cautela, visto o olho de lince de Ralph o já ter visto em companhia do desconhecido informador e como deitara poeira nos olhos do dito Ralph pela sua reserva de maneiras para o que se preparara desde o princípio, na previsão de tal contingência.

Lembrando-se da propensão do companheiro - da qual o seu nariz, de facto, perpetuamente dava aviso como um farol, Nicholas levou-o para uma taberna retirada. Aqui lembraram a origem e o progresso do seu conhecimento, como os homens muitas vezes fazem, notando os pequenos acontecimentos que reputavam mais notáveis e chegando, por fim a Miss Cecília Bobster.

- E isso recorda-me que nunca me disse o nome da senhora - lembrou Newman.

- Madeline - informou Nicholas.

- Madeline! - exclamou Newman. - Que Madeline? Qual é o seu outro nome? Diga-me depressa!

- Bray - disse Nicholas, com grande assombro.

- É a mesma! - gritou Newman - Triste história! Pode ficar de braços cruzados e permitir que esse casamento desigual se realize, sem uma tentativa para a salvar?

- O que quer dizer? - perguntou Nicholas, levantando-se.

- Casamento! Está maluco?

- O senhor está. ela está. o senhor está cego, surdo, insensível, morto? - inquiriu Newman. - Não sabe que dentro dum dia, por artificios do seu tio Ralph, ela casará com um homem tão mau como ele, mesmo pior, se é possível ser-se pior? Não sabe que dentro dum dia ela será sacrificada, tão certo como o senhor estar vivo, a um miserável bolorento. um diabo vestido e calçado, e encanecido nas artimanhas do diabo?

- Tenha cuidado no que diz - avisou Nicholas. - Por amor do Céu tenha cuidado! Estou aqui só e aqueles que podiam estender um braço para a livrar, estão longe. O que quer isso dizer?

- Nunca ouvi o seu nome! - disse Newman. - Por que não mo disse? Como podia eu saber? Podíamos, pelo menos, ter tempo para pensar.

- O que quer isso dizer? - repetiu Nicholas.

Não era fácil chegar a esta informação, mas depois duma extraordinária pantomima, que nada ajudou, Nicholas, que

estava quase tão agreste como o próprio Newman Noggs, forçou este a sentar-se e prendeu-o até começar a sua história.

Raiva, assombro, indignação e um tumulto de paixões, acometeram o coração do ouvinte quando o enredo foi posto a nu. Mal ouviu tudo, com uma cara duma palidez de cinza e todos os membros a tremerem, saíu como uma seta.

- Agarrem-no! - gritou Newman, arrancando em sua perseguição. - Vai fazer alguma coisa desesperada. vai matar alguém... Agarrem-no! Agarrem o ladrão! Agarrem o ladrão!

## CAPÍTULO LII

Nicholas desespera de salvar Madeleine Bray, mas cobra ânimo e determina tentá-lo. Entendimento doméstico dos Kenwigses e Lillyvicks.

Achando que Newman estava na intenção de deter o seu avanço de qualquer forma, e apreensivo por qualquer transeunte bem intencionado, atraído pelo grito, Agarrem o ladrão! poder, realmente, deitar-lhe a mão e colocá-lo numa situação desagradável, da qual se visse embaraçado para se tirar, Nicholas depressa abrandou o passo e aguardou que Newman Noggs fosse ter consigo, o que este fez exausto de tal maneira que parecia impossível aguentar mais um minuto.

- Vou direito a casa de Bray - informou Nicholas. - Vou ver esse homem, e se restar um sentimento de humanidade no seu coração pela filha, sem mãe e sem amigos, despertá-lo- ei.

- Não despertará - replicou Newman. - Não despertará nada!

- Então sigo o meu primeiro impulso e vou direito a Ralph Nickleby - replicou Nicholas, apressando-se a andar.

- Quando chegar a casa dele estará na cama - informou Newman.

- Arranco-o de lá - prometeu Nicholas ferozmente.

- Devagar, devagar - aconsellhou Newman. - Proceda com dignidade.

- Você é o melhor dos meus amigos, Newman - disse Ni cholas depois duma pausa e agarrando-lhe na mão. - Assisti a muitas tentativas, mas esta desgraça, declaro-lhe que me tornou desesperado e não sei como proceder.

Na verdade parecia um caso sem esperança. Era impossível vel fazer qualquer uso da informação apanhada por Newman, escondido no esconso. A circunstância da união entre Ralph Nickleby e Gride não invalidaria o casamento, ou tornaria Bray adverso a ele, o qual, se não sabia presentemente da existência dum tal entendimento, sem dúvida, suspeitava. O que tinha sido ideado com referência a alguma traição a Madeline, fora feito com suficiente obscuridade por Artur Gride, mas vindo de Newman Noggs e obscurecido ainda mais pelos vapores da sua garrafa portátil tornava-se inteiramente ininteligível e envolto em profunda escuridão.

- Parece não haver um raio de esperança! - comentou Nicholas.

-A maior necessidade é de sangue-frio para raciocinar considerar, para pensar - observou Newman, parando em todas as palavras, para olhar ansiosamente para a cara do amigo. Onde estão os irmãos?

- Estão ambos ausentes em negócios de urgência e levaria uma semana a regressarem.

- Não há meio de comunicação com eles. nenhum meio de ter um deles aqui amanhã à noite?

- Impossível - replicou Nicholas. - O mar está. entre nós e eles. Com os ventos mais prósperos, como nunca sopraram, seriam precisos três dias e três noites.

- O sobrinho? O velho empregado? - lembrou Newman.

- O que podem eles fazer que eu não possa? - objectou Nicholas. - Com referência a eles, especialmente, impõe-se o silêncio. Que direito tenho eu a trair a sua confiança

quando nada, a não ser um milagre, pode evitar este sacrifício?

- Pense - insistiu Newman. - Não há maneira?

- Não há nenhuma - respondeu Nicholas, com profundo abatimento. - Nenhuma. O pai insiste. a filha consente. Estes demónios têm-na nas suas malhas; direito legal, poder, força, dinheiro e toda a influência estão do seu lado. Como posso ter esperança em salvá-la?

- Esperança até ao fim - aconselhou Newman, batendo-lhe nas costas. - Sempre esperança, meu querido rapaz. En tende-me, Nick? Isso não satisfaz. Ainda que tenha feito o máximo, há sempre alguma coisa por fazer. Mas não perca a esperança. Esperança, esperança até ao fim!

Nicholas precisava de encorajamento. O repente com que lhe chegara ao conhecimento os planos dos dois usurários, e o pouco tempo para exercer a sua acção, a probabilidade de que em poucas horas Madeline Bray ficaria fora do seu alcance para sempre, tudo isto o oprimia e atordoava. Todas as esperanças postas nela pareciam cair-lhe aos pés. Todos os encantos em que a envolvera serviam para aumentar a sua angústia e juntar nova amargura ao seu desespero. Todos os sentimentos de simpatia pela sua condição infeliz e de admiração pelo seu heroísmo, agravavam a indignação que lhe sacudia os membros e enchia o coração quase a rebentar. Mas se o coração de Nicholas o embaraçava, o de Newman vinha em seu socorro. Havia tanto fervor nas suas exortações e tal sinceridade e calor nas suas maneiras singulares e ridículas que inculcaram em Nicholas nova firmeza e permitiu-lhe dizer, depois de ter andado um bocado em silêncio:

- Você deu-me uma boa lição, Newman, e eu aproveitá-la-ei. Um passo, pelo menos, posso dar - na verdade sou obrigado a dar - e aplicar-me-ei a ele amanhã.

- O que vem a ser? - perguntou Newman. - Não é ameaçar Ralph? Nem ver o pai?

- Ver a filha, Newman - respondeu Nicholas. - No fim

de contas era o máximo que os irmãos podiam fazer se cá estivessem. Conversar com ela sobre esta odiosa união, fazendo-lhe ver todos os horrores para os quais está a preparar-se, precipitadamente. Suplicar-lhe, pelo menos, para parar. Ela pode não ter tido um conselheiro. Talvez mesmo possa ainda movê-la, embora à última hora e mesmo à beira do precipício.

- Muito bem dito! - comentou Newman. - Bem falado, bem falado. Muito bem!

- E devo declarar - exclamou Nicholas com entusiasmo

-que neste esforço não sou influenciado por consideração egoísta ou pessoal, mas por piedade por ela e por abominação e horror por este cruel plano e que faria o mesmo se houvesse vinte rivais em campo e eu o último e o menos favorecido de todos.

- Creio que o faria - disse Newman. - Mas para onde vai agora?

- Para casa - respondeu Nicholas. - Vem comigo, ou des peço-me de si?

-Vou um pouco mais adiante, mas se for a passo e não a correr - replicou Newman.

- Esta noite não posso andar a passo, Newman - retorquiu Nicholas. - Tenho de me mover rapidamente. Contar-lhe-ei o que se disser e fizer.

Sem esperar pela resposta, mergulhou como uma seta no meio da multidão que se comprimia na rua e depressa se perdeu de vista.

- As vezes é um jovem violento! - comentou Newman, vendo-o desaparecer. - No entanto gosto dele por isso. Há bastante motivo agora, ou o diabo está metido nisto.

Esperança! Disse esperança, julgo eu! Ralph Nickleby e Gride com as cabeças juntas... a esperança do lado oposto! ah! ah!

Foi com esta gargalhada melancólica que Newman concluiu, o solilóquio e foi com uma melancólica abanadela de cabeça e uma expressão muito lúgubre que seguiu o caminho.

Em circunstâncias ordinárias este teria sido para qualquer taberna, mas Newman estava demasiado interessado para recorrer a esta fonte, e por isso foi direito a casa.

Quando Newman entrou, havia nos apartamentos dos Ken wigses um aturado trabalho por Miss

Morleena ter recebido um convite para no dia seguinte participar numa competição de dança ao ar livre, com outras raparigas. O ponto de reunião era o cais de Westminster Bridge, onde tomavam o barco para Eel-pie Island, em Twickenham, sendo-lhes servido uma colação fria, com cereja, camarões e sumo de laranjas azedas com aguardente. No meio dos seus imensos preparativos para a filha não fazer má figura, Mrs. Kenwigs descobriu que o cais dela precisava das mãos hábeis dum cabeleireiro, o qual morava três ruas adiante com oito perigosas passagens. Morleena não se atrevia a ir sózinha e Mr. Kenwigs ainda não viera, não havendo, portanto, ninguém para a acompanhar. Mrs. Kenwigs muito irritada, bateu na filha, mas depois chorou.

- És uma filha ingrata - acusou Mrs. Kenwigs - depois do que estive a fazer durante a noite para teu bem.

- Não tenho culpa, mãe - replicou Morleena, também a chorar - o meu cabelo cresceu.

- Não me fale, sua impertinente! - disse Mrs. Kenwigs. Mesmo se tivesse confiado em ti e te deixasse ir, sei que correrias para casa de Laura Chopkins, a filha do vizinho ambicioso, para lhe dizer o que vais usar amanhã. Não tens orgulho e não se pode confiar em ti.

Estavam ambas a lamentar-se quando Newman Nogs passou pela porta a caminho do seu quarto, fazendo ganhar novas esperanças a Mrs. Kenwigs, que rapidamente fez desaparecer do rosto os vestígios da sua emoção e se apresentou à frente dele pedindo-lhe para acompanhar Morleena ao cabeleireiro depois de lhe apresentar o problema.

- Não lhe pediria, Mr. Nogs - disse Mrs. Kenwigs - se não soubesse como o senhor é bom e amável. Sou de fraca constituição Mr. Nogs, mas o meu espírito deixa-me tanto pedir um favor onde há a probabilidade de ser recusado como ver a minha filha desprezada por inveja e baixeza.

Newman era por demais uma boa pessoa para não consentir mesmo sem esta prova de confiança, portanto, muito poucos minutos depois, ele e Miss Merleena, estavam a caminho do cabeleireiro.

O estabelecimento era de primeira classe, e foi para lá que Newman Nogs levou Miss Kenwigs a salvamento. O proprietário, sabendo que Miss Kenwigs tinha três irmãs, cada uma com duas tranças escorridas, podendo ir lá uma vez por mês, entregou um cavalheiro a quem ia fazer a barba, a um empregado e foi atender a rapariga. Quando esta mudança se efectuou apresentou-se para fazer a barba, um descarregador de carvão, forte, corpulento, bem humorado, de cachimbo na boca que, passando a mão pelo queixo, perguntou quando lhe podiam rapar a barba. O empregado, a quem foi feita esta pergunta olhou duvidosamente para o jovem proprietário e este olhou desdenhosamente para o descarregador de carvão, observando ao mesmo tempo:

- Não pode ser barbeado aqui!

- Porque não? - perguntou o descarregador.

- Não fazemos a barba a pessoas da sua classe - respondeu o jovem proprietário.

- Mas eu vi estarem a fazer a barba a um padeiro, quando olhei pela montra a semana passada - observou o descarregador de carvão.

- É necessário traçar um ponto final em qualquer parte, meu rapaz - replicou o dono da casa - e nós traçámos o nosso ali. Não podíamos ir além dos padeiros. Se fôssemos mais para baixo, os fregueses desertavam e tínhamos de fechar a casa. Experimente qualquer outro estabelecimento. Aqui não o podemos atender.

O homem ficou pasmado, sorriu para Newman Nogs, que

parecia altamente divertido, olhou rapidamente em volta da loja, tirou o cachimbo da boca, deu um assobio estridente, tornou a meter o cachimbo na boca e saiu.

O cavalheiro que estava para se barbear pareceu não dar por este incidente, com a cara voltada para a parede, mergulhado num sonho melancólico. O proprietário começou a tosquiar Miss Kenwigs, o empregado a barbear o cavalheiro e Newman Nogs a ler o jornal do

último domingo, todos três em silêncio, quando Miss Kenwigs soltou um pequeno grito. Newman levantou os olhos e viu que o cavalheiro, quando voltou a cabeça, era Mr. Lillyvick, o cobrador.

Eram as feições de Mr. Lillyvick mas estranhamente alteradas. Ele que fazia gala em andar sempre bem barbeado e apumado, tinha a barba duma semana, estava abatido, com uma camisa suja, com uma atitude tão envergonhada e triste, que as almas de quarenta governantas a quem ele cortara a água por falta de pagamento, reunidas num só corpo, mal poderiam exprimir a mortificação agora impressa na pessoa de Mr. Lillyvick, o cobrador.

Newman Noggs proferiu-lhe o nome e Mr. Lillyvick gemeu, depois tossiu para esconder esta fraqueza, mas o gemido foi de grande tamanho e a tosse não passou dum assobio.

- Tem alguma coisa? - perguntou Newman Noggs.

- Alguma coisa, sir! - exclamou Mr. Lillyvick. - O prazer da vida secou e só ficou a lama.

Esta frase, cujo estilo Newman atribuiu à recente ligação de Mr. Lillyvick com a cena, não era completamente explicativa. Newman olhou como se fosse fazer outra

pergunta, quando Mr. Lillyvick o impediu, agitando a mão melancolicamente e dizendo:

-Deixe-me fazer a barba! Estarei pronto antes de Morleena. É Morleena, não é?

- É - respondeu Newman.

- Os Kenwigses tiveram um rapaz, não tiveram? - perguntou de novo o cobrador.

- Tiveram - respondeu outra vez Newman.

- É um belo rapaz? - inquiriu o cobrador.

- Não é muito mau - replicou Newman, embaraçado com a pergunta.

- Susan Kenwigs costumava dizer - observou o cobrador

- que se alguma vez tivesse um rapaz esperava que ele se parecesse comigo. Ele parece-se comigo, Mr. Noggs?

Era uma pergunta de deixar uma pessoa perplexa, mas Newman iludiu-a, respondendo a Mr. Lillyvick julgar que o bebé podia vir possivelmente a parecer-se com ele em devido tempo.

- Gostaria de ter alguém parecido comigo antes de morrer

- confessou Mr. Lillyvick.

-Não quer, por um instante, dizer que ainda arranja isso? - inquiriu Newman.

A isto Mr. Lillyvick replicou numa voz solene:

- Deixe-me fazer a barba! - e de novo se entregou nas mãos do empregado, não dizendo mais nada.

Este procedimento era notável. Tão notável pareceu a Miss Morleena que a rapariga, no perigo eminente de ficar com a orelha em fatias não pôde furtar-se a olhar

em redor, durante o colóquio precedente. Dela, contudo, Mr. Lillyvick não fez caso, antes se encolheu sempre que atraía os seus olhares. Newman estava altamente

intrigado com o que poderia ter ocasionado esta atitude do cobrador, mas reflectindo filosoficamente que mais cedo ou mais tarde, o saberia, ficou muito pouco perturbado pela singularidade do procedimento do velho senhor.

A cabeça de Miss Kenwigs tendo, por fim, ficado pronta, o cobrador que tinha estado à espera, levantou-se para sair e, tomando o braço de Newman, andou um bocado

sem fazer qualquer observação. Newman, cujo poder de taciturnidade era excedido por pouca gente não tentou quebrar o silêncio, e assim foram até chegar próximo da casa dos Kenwigses, quando Mr. Lillyvick disse:

-Os Kenwigses ficaram muito zangados com essas notícias, Mr. Noggs?

- Quais notícias? - perguntou Newman.

- Essas acerca do meu.

- Casamento? - concluiu Newman.

-Ah! - replicou Mr. Lillyvick com um outro gemido, desta vez nem mesmo disfarçado com um assobio.

- Fez a mamã chorar quando soube - interrompeu Miss Morleena - mas nós ocultámo-lho durante

muito tempo, e o papá estava de espírito muito abatido, mas agora está melhor; e eu estive muito doente, mas também estou melhor.

-Darías um beijo ao teu tio avô Lillyvick se ele to pedisse Morleena -perguntou o cobrador com certa hesitação.

- Sim. tio Lillyvick, darie - respondeu Miss Morleena com a energia combinada dos seus pais - mas não à tia Lillyvick. Ela não é minha tia e nunca a tratarei assim.

Após proferidas estas palavras, Mr. Lillyvick abraçou Miss Morleena e beijou-a. Estando, nesta ocasião, à porta de casa onde Mr. Kenwigs morava, entrou direito à sala de estar de Mrs. Kenwigs, pondo Miss Morleena no meio. Mr. e Mrs. Kenwigs estavam a cear. À vista do seu perjuro parente, Mrs. Kenwigs perdeu as forças e empalideceu, e Mr. Kenwigs levantou-se majestosamente.

- Kenwigs - disse o cobrador - apertemos as mãos.

- Sir - respondeu Mr. Kenwigs - houve um tempo em que sentia orgulho em apertar a mão dum homem que me aparece agora. Houve um tempo, sir, em que uma visita desse homem excitava em mim e na minha família sensações naturais e amistosas. Mas agora, olho para esse homem com emoção, ultrapassando totalmente tudo e pergunto a mim próprio onde está a sua honra, a sua rectidão e a sua natureza humana?

- Susan Kenwigs, - perguntou Mr. Lillyvick voltando-se humildemente para a sobrinha - não me dizes nada?

- Ela não é capaz, sir - replicou Mr. Kenwigs, batendo na mesa com ênfase. - Com a alimentação dum bebé saudável e as reflexões sobre a sua conduta cruel, foi preciso licor de malte, para a suster.

- Estou satisfeito - confessou o pobre cobrador com sua vidade - que o bebé seja saudável. Estou muito contente com isso.

Isto tocou no ponto sensível dos Kenwigses. Mrs. Kenwigs desfez-se em lágrimas e Mr. Kenwigs mostrou grande emoção.

- O meu sentimento mais agradável durante todo o tempo em que se esperou esta criança - confessou Mr. Kenwigs melancolicamente - era um pensamento. Se for um rapaz,

como espero - pois tenho ouvido o tio Lillyvick dizer sempre que preferia que o nosso próximo filho fosse um rapaz - se for

um rapaz, o que dirá o tio Lillyvick? Como gostará ele que se chame? Será Peter, ou Alexander, ou Pompey, ou Diorgeenes, ou como será? E agora quando olho para ele, uma criança preciosa, inconsciente, inocente, quando o vejo deitado no colo da mãe sempre a arrulhar e quando vejo a criança que ele é e penso que o tio Lillyvick antigamente estava disposto a adorá-lo e se afastou, chega-me um sentimento de vingança como não há palavras para o descrever, e parece-me mesmo que esse bebé me está a dizer para o odiar.

Este quadro afectuoso comoveu profundamente Mrs. Kenwigs. Depois de algumas palavras inarticuladas, que em vão se

esforçou por proferir, mas que foram sempre afogadas pelas lágrimas, falou:

-Tio, pensar que havia de voltar as costas, aos meus queridos filhos e ao Kenwigs. o senhor, que era tão amável e afectuoso; se alguém nos tivesse dito uma tal coisa de si, tê-lo-íamos votado a um profundo desprezo. O senhor, que deu ao pequeno Lillyvick, o nosso primeiro rapaz, o seu nome em frente do altar. Oh, misericórdia!

- Era o dinheiro que nos importava? era nos bens que pensávamos? - perguntou Mr. Kenwigs.

- Não - exclamou Mrs. Kenwigs - abomino isso.

- Assim como eu - concordou Mr. Kenwigs - e sempre abominei!

- Os meus sentimentos de angústia, o meu inofensivo filho tornou-se inconsolável e impertinente, Morleena tem-se consumido para nada. Tudo isto esqueço e perdoo

e consigo, tio, nunca me posso zangar. Mas nunca me peça para a receber. nunca faça isso, tio, pois não a receberei, não a receberei!

- Susan, minha querida - admoestou Mr. Kenwigs - tem cuidado com o teu filho.

- Sim - guinchou Mrs. Kenwigs - tomo cuidado com o meu filho! Tomo cuidado com o meu filho! O meu filho, de que nenhum tio me pode privar; o meu odiado, desprezado, abandonado e esquecido filhinho.

Aqui as emoções de Mrs. Kenwigs tornaram-se tão violentas que Mr Kenwigs foi obrigado a administrar-lhe todos os cuidados possíveis.

Newman tinha sido um espectador silencioso desta cena por Mr. Lillyvick lhe ter feito sinal para não sair e Mr. Kenwigs lhe ter depois solicitado a presença com um aceno de cabeça, quando Mrs. Kenwigs já estava um tanto recomposta e Newman, como uma pessoa possuindo alguma influência nela, a admoestou e pediu para se tranquilizar, Mr. Lillyvick disse numa voz hesitante:

- Nunca pedirei a ninguém daqui para receber a minha. não preciso de mencionar a palavra; sabem o que quero dizer. Kenwigs e Susan, ontem fez uma semana que ela fugiu com um capitão!

Mr. e Mrs. Kenwigs estremeceram ao mesmo tempo.

- Fugiu com um capitão - repetiu Mr. Lillyvick - fugiu baixa e falsamente com um capitão. com um capitão. com o bacio dum capitão, de quem qualquer homem se podia ter servido. Foi neste aposento - acrescentou Mr Lillyvick, olhando duramente em redor - que vi Henrietta Petowker pela primeira vez. É neste aposento que a renego para sempre!

Esta declaração mudou completamente a posição do assunto. Mrs. Kenwigs atirou-se ao pescoço do velho senhor, censurando-se amargamente pela sua dureza e exclamando que se ela sofrera, quanto não devia ele ter sofrido! Mr. Kenwigs apertou-lhe a mão e jurou eterna amizade e remorso. Mrs. Kenwigs sentiu remorsos de ter alimentado no seio uma tal víbora, como era Henrietta Petowker, e lembrou que Mr. Kenwigs dissera muitas vezes não estar perfeitamente satisfeito com a conduta de Miss Petowker.

Mr. Kenwigs argumentou que ela devia ser muito má porque não seguia os exemplos virtuosos de Mrs. Kenwigs, tanto tempo por ela contemplados, e lembrou ter dito as suas suspeitas sobre a baixeza e falsidade de Henrietta. E ambos disseram, em conjunto, ao cobrador para se não deixar tomar pela tristeza e a procurar consolação junto dos afeiçoados parentes, cujos braços e corações estavam abertos para ele.

- prova da afeição e estima por vocês, Susan e Kenwigs declarou Mr. Lillyvick, e não por vingança nem despeito, amanhã de manhã instituirei os vossos filhos como herdeiros do dinheiro que em tempos pensei deixar-lhes em testamento e farei com que seja transmitido aos seus sobreviventes quando atingirem a maioridade, ou casarem.

A escritura será lavrada amanhã e Mr. Noggs será uma das testemunhas. Ele ouviu-me prometer isto e verá o seu cumprimento!

Acalentadas por esta nobre e generosa oferta, Mr. Kenwigs e Mrs. Kenwigs e Miss Morleena Kenwigs começaram a soluçar e o barulho, tendo-se comunicado ao quarto vizinho, as outras crianças começaram também a chorar. Mrs. Kenwigs foi buscá-las e pô-las sobre os joelhos de Mr. Lillyvick, para lhe agradecerem e o abençoarem.

- E agora - disse Mr. Lillyvick, quando acabou esta cena de cortar o coração e as crianças foram levadas de novo. Dêem-me de comer. Isto teve lugar a vinte milhas da cidade. Vim para cá esta manhã e tenho andado todo o dia a vadiar, sem saber como havia de vos ver. Fiz-lhe todas as vontades, tinha a sua carreira, fazia o que queria e agora isto! Havia doze colheres de chá e vinte e quatro libras em soberanos. primeiro vi que faltavam. era uma experiência. Sinto não ser já capaz de bater de novo duas vezes a uma porta quando for para o meu giro. por favor não digam nada a este respeito. as colheres eram valiosas. não importa. não importa!

O velho senhor deitou algumas lágrimas depois desta explosão, mas a família rodeou-o, fê-lo sentar na cadeira de braços e preparou-lhe a ceia, finda a qual e depois de meia dúzia de copos e duma tijela de ponche, encomendado por Mr. Kenwigs para celebrar o seu regresso ao seio da família, pareceu completamente resignado.

-Quando vejo este homem - disse Mr. Kenwigs, com uma das mãos em volta da cintura de Mrs. Kenwigs e outra segurando o cachimbo (que o fazia pestanejar e tossir muito por não ser fumador), e os olhos em Morleena, sentada nos joelhos do tio - empunhando mais uma vez a lança e vejo as suas afeições desenvolverem-se em legítimas situações, sinto que a sua natureza é tão elevada e expansiva como a sua posição na sociedade, é impecável, e parece-me ouvir as vozes dos meus inocentes filhos sussurrarem-me brandamente, isto é um acontecimento que até o próprio Céu abençoa!.

### Capítulo LIII

O desenvolvimento da conjura de Mr. Ralph Nickleby e Mr. Arthur Gride

Nicholas levantou-se ao amanhecer do dia seguinte, tendo passado a noite sem descansar, e preparou-se para entrar em acção. Ao sair de casa sabia que não poderia falar com Madeline por aquelas horas mais chegadas e nada mais podia desejar senão que o tempo passasse. Depois dum rápido pequeno almoço e de pôr em ordem alguns negócios que requeriam uma pronta atenção, dirigiu os passos para a residência de Madeline Bray. Subiu as escadas suavemente e bateu à porta do aposento para onde costumava entrar. Recebendo a devida permissão, abriu a porta e entrou. Bray e a filha estavam sós. Já não a via há três semanas, mas a mudança operada na encantadora rapariga, dizia a Nicholas o sofrimento moral por que ela tinha passado neste curto tempo. Não há palavras que possam exprimir, nada com que se possa comparar, a completa palidez, a transparência da face, que se voltou para ele quando entrou. Era ainda, o mesmo olhar paciente, a mesma expressão de suave melancolia, sem o vestígio duma lágrima. Não estava apenas calma e sossegada, mas firme e rígida como se fizesse um grande esforço para conter os seus sentimentos perante o olhar do pai. Estavam em frente um do outro, mas o pai não olhava directamente para a cara, antes a relanceava, enquanto conversava com um ar alegre que mal escondia a ansiedade dos seus pensamentos. Os materiais de desenho não estavam na mesa costumada; os vasinhos que Nicholas via sempre cheios de frescas flores, estavam vazios, ou apenas com folhas murchas. O pássaro estava calado. A capa que cobria a gaiola de noite não tinha sido tirada. A dona esquecera-o.

Há ocasiões em que o espírito estando tristemente desperto para receber impressões, muitas são notadas num relance. Era este o caso e quando Nicholas deu uma rápida vista de olhos, foi reconhecido por Mr. Bray, que disse impaciente:

-O que quer, sir? Diga o seu recado depressa, se faz favor. A minha filha e eu estamos muito ocupados com outros assuntos mais importantes. Vamos, sir, diga qual é o seu caso.

Nicholas percebeu muito bem que a irritabilidade e impaciência deste discurso eram presumidas e Bray, no íntimo estava regozijado por ter uma interrupção que promettesse prender a atenção da filha. Baixou involuntariamente os olhos sobre o pai e notou a sua inquietação. O estratagema contudo se de facto foi um estratagema para Madeline intervir deu bom resultado. Levantou-se e, avançando para Nicholas, parou a meio caminho e estendeu a mão como se esperasse uma carícia.

- Madeline, meu amor - disse o pai impacientemente - o que estás a fazer?

-Miss Bray espera talvez uma carta - disse Nicholas falando muito distintamente e com uma ênfase que ela não podia deixar de compreender. - O meu patrão está fora de Inglaterra, de contrário teria trazido uma carta comigo. Espero apenas dela que me dê tempo - pouco tempo - peço muito pouco.

- Se é tudo isso o que o traz cá, sir - replicou Mr. Bray - pode pôr-se à vontade. Madeline, minha querida, não sei se este senhor está em débito.

- Uma ninharia, creio eu - retorquiu Madeline.

- Suponho que pensa - disse Bray fazendo girar a cadeira e enfrentando Nicholas - que morriamos



de fome se não fossem essas miseráveis quantias trazidas por si para pagar o trabalho de minha filha!

-Não pensei nada disso - disse Nicholas.

-Não pensou! - troçou o inválido. - Sabe que não pensou mas pensou e pensa assim todas as vezes que vem cá. Supõe, que eu não sei o que são os pequenos comerciantes soberbos por dinheiro quando, através de algumas felizes circunstâncias, podem cantar de galo por um dia. ou pensam que podem cantar de galo?

-O meu negócio - disse Nicholas respeitosamente - é com uma senhora!

- Com a filha dum cavalheiro, sir - replicou o doente mas o espírito é o mesmo. Mas talvez traga encomendas, hein? Tem novas encomendas para a minha filha, sir?

Nicholas compreendeu o tom de triunfo em que este interrogatório era feito, mas lembrando-se da necessidade de sustentar a sua aparência, tirou um papel, fingindo conter uma lista de alguns assuntos de desenhos que o patrão desejava fossem executados, e com que se preparara prevendo o caso de qualquer contingência.

- Oh! - exclamou Mr. Bray. - Estas são encomendas, não são?

- Desde que insiste no termo, sir, são - respondeu Nicholas.

- Então pode dizer ao seu patrão - informou Bray, de volvendo o papel com um sorriso exultante - que a minha filha, Miss Madeline Bray, já não condescende em empregar-se em trabalhos como estes; não está à sua disposição, como ele julga; não vivemos do seu dinheiro, como tolamente imagina que pode dar aquilo que nos deve ao primeiro pedinte que lhe passe pela porta, ou juntar aos seus lucros na primeira vez que o for calcular; e que pode ir para o diabo, mandado por mim! Este é o aviso de recepção das suas encomendas, sir!

E é esta a independência dum homem que vende a filha, como ele vendeu esta pobre rapariga, pensou Nicholas.

O pai estava por demais absorvido com a própria exultação para notar o olhar de desprezo que, por um momento, Nicholas não pôde reprimir.

-Deu o seu recado e pode retirar-se - continuou ele depois dum curto silêncio - a não ser que tenha quaisquer outras ordens.

-Não tenho nenhuma - respondeu Nicholas desabridamente - nem por consideração da situação que já tive diria qualquer palavra, por qualquer que fosse, implicando autoridade da minha parte. Não tenho ordens, mas tenho receios que exprimir, por muito que isso o enfade, receios de que possa entregar esta jovem a alguma coisa pior do que sustentá-lo pelo trabalho das suas mãos, mesmo morrendo ela de trabalho. São estes os meus receios e vejo-os no seu próprio procedimento. A sua consciência dir-lhe-á, sir, quer eu exponha bem, ou não!

-Pelo amor do Céu! - exclamou Madeline, alarmada interpondo-se entre eles. - Lembre-se, sir, de que meu pai é um doente.

-Doente! - gritou o inválido ofegante. - Doente! Sou afrontado e ameaçado com fanfarranices por um marçano e ela suplica piedade, lembrando-lhe que sou doente!

O homem caiu num ataque tão violento que Nicholas receou, por minutos, pela sua vida; mas vendo que ele começava a recompor-se saiu, depois de, por um gesto significativo à jovem, lhe dizer que tinha alguma coisa importante para lhe comunicar e que a esperava fora do aposento. Ouviu que o doente vinha gradual, - vagorosamente, a si e que, sem qualquer referência à cena acabada de passar, como se não tivesse recordação dela, pediu para ficar só.

Oh!, pensou Nicholas, que esta insignificante oportunidade se não perca e que eu possa influenciar como se houvesse uma semana para reconsiderar.

-Está encarregado de alguma comissão para mim, sir?

- perguntou Madeline, apresentando-se com grande agitação. Não a apresse agora, peço-lhe, suplico-lhe. Depois de amanhã venha cá.

- Será tarde. para o que tenho a dizer - replicou Nicholas - e a senhora já não estará aqui. Se não

tivesse só no pensamento aquele que me enviou, mas um derradeiro e pequeno cuidado pela sua paz de espírito e de coração, insisto pelo amor de Deus, para me ouvir. Ela tentou deixá-lo, mas Nicholas, delicadamente, deteve-a.

- Por favor- - pediu Nicholas. - Rogo-lhe para me ouvir. não eu só, mas aquele em nome de quem falo, que está longe e ignora o seu perigo. Em nome do Céu escute-me!

A pobre criada com os olhos pisados e vermelhos de chorar apareceu e Nicholas apelou para ela, em termos tão calorosos que ela abriu uma porta lateral e, amparando a sua senhóra, entrou no aposento anexo, fazendo sinal a Nicholas para as seguir.

- Deix-me, sir, suplico-lhe - disse a jovem.

- Não posso, não quero deixá-la assim - replicou Nicholas. - Tenho um dever a cumprir e aqui, ou no aposento donde acabamos de vir, com qualquer risco ou perigo para Mr. Bray, suplico-lhe para meditar de novo sobre o tremendo abismo para onde foi impelida.

- Qual é o abismo de que fala e impelida por quem, sir?

- perguntou a jovem, esforçando-se para falar altivamente.

-Falo do casamento - retorquiu Nicholas - fixado para amanhã, por uma pessoa que nunca fez nada de bom, ou emprestou o seu concurso a qualquer bom projecto; deste casamento cuja história é minha conhecida, sei a teia que se anda a tecer à sua roda. Sei quem são os homens donde nasceram estes planos. A senhora foi traída e vendida por dinheiro. por ouro, cujas moedas estão corroídas por lágrimas, se não poluídas com sangue de homens arruinados, tombados desesperadamente pelas suas próprias mãos.

-O senhor disse ter um dever a cumprir e eu também tenho - informou Madeline firmemente. - E com a ajuda do Céu cumpri-lo-ei.

-Diga antes com a ajuda dos diabos - replicou Nicholas.

- com a ajuda de homens, um dos quais é o seu destinado marido que são.

-Não devo ouvir isso - preveniu a jovem, procurando reprimir uma tremura ocasionada, como parecia, por esta alusão a Arthur Gride. - Esse mal, se mal é, foi da minha es colha. Não fui impelida por ninguém. Vê que não sou constrangida ou forçada por ameaças e intimidações. Relate isto ao meu querido amigo e benfeitor, e com as minhas súplicas e agradecimentos para ele e para si, deixe-me para sempre!

-Não sem lhe suplicar com toda a veemência e fervor de que estou animado, para transferir este casamento para daqui a uma semana. Não sem lhe suplicar para pensar mais maduramente no que pode ter feito, influenciada como está sobre o passo que vai dar. Embora não esteja perfeitamente consciente da vilania do homem a quem está prestes a dar a sua mão. Tem-no ouvido falar e tem-lhe olhado para a cara. Reflecta, reflecta antes de ser demasiado tarde, do escárnio de lhe jurar fidelidade perante o altar, compromisso que o seu coração não pode partilhar, de proferir palavras solenes contra as quais a natureza e a razão se devem rebelar, da degradação na sua própria estima. Trema de horror da abominável companhia desse miserável, como faria da peste e da corrupção. Sofra fadigas e trabalhos, se quiser, mas fuja dele, e seja feliz. Acredite que lhe falo a verdade, a pobreza mais objecta, a mais desgraçada condição de vida humana, com uma consciência pura seria felicidade em comparação da que vai suportar como esposa dum homem como aquele!

Muito antes de Nicholas acabar de falar a jovem tinha ocultado a cara nas mãos e dado livre curso às lágrimas. Numa voz, a princípio inarticulada, mas que foi a pouco e pouco firmando-se, respondeu-lhe:

- Não lhe encubro, sir, embora talvez o devesse, que tenho padecido uma grande aflição e tenho estado quase doente do coração desde a última vez que o vi. Eu não amo esse cavalheiro. A diferença entre as nossas idades, gostos e hábitos, proibe-o. Isto sabe ele, mas, sabendo-o, oferece-me contudo a sua mão. Aceitando-a, e só por este passo, posso livrar o meu pai de morrer neste sítio; prolongar a sua vida, restituir-lhe o conforto - quase lhe posso chamar abundância - e aliviar um

homem generoso do fardo de socorrer uma pessoa, cujo nobre coração, aflige-me dizer, é pouco compreendido. Não pense tão mal de mim para acreditar que finjo um amor que não sinto. Se não posso, por razão ou natureza, amar o homem que paga este preço pela minha pobre mão, posso desempenhar os deveres duma esposa; posso ser tudo o que ele procura em mim e serei. Ele contenta-se em tomar-me tal qual sou. Dei a minha palavra. Pelo interesse que o senhor toma por uma abandonada e desprotegida como eu, pela delicadeza com que executou a missão, pela fé que depositou em mim, receba os meus mais calorosos agradecimentos e, enquanto rendo esta última e fraca gratidão, choro, como vê. Mas não me arrependo, nem sou infeliz. Sou feliz na perspectiva de tudo poder acabar, tão facilmente e serei mais, quando olhar para trás e para tudo o que está feito.

-As suas lágrimas correm mais ainda quando fala da felicidade! - observou Nicholas - e foge de contemplar esse escuro futuro que deve ser carregado com muita desgraça para si. Adie o casamento por uma semana. apenas por uma semana.

-Quando o senhor chegou há pouco estava ele conversando com tais sorrisos, como há muito tempo me não lembra de ver devido à liberdade que chega amanhã, da abençoada mudança, do ar livre. todas as novas cenas e objectos que trariam vida nova ao seu corpo esgotado. O seu olhar tornou-se brilhante e a sua cara iluminou-se com este pensamento. Não o adiarei nem uma hora.

- Isso são artifícios e enganos para a incitar - disse Nicholas.

-Não ouvirei mais! - exclamou Madeline precipitadamente. - Já ouvi demais. mais do que devia. O que lhe disse, sir, confio que honradamente repetirá a esse querido amigo. Daqui a algum tempo, quando estiver mais conformada e reconciliada com o meu novo modo de vida, se viver tanto tempo, escrever-lhe-ei. Entretanto, que todos os anjos chovam de bênçãos sobre a sua cabeça, o preservem e o façam prosperar. Ela apressou-se a deixar Nicholas, mas ele pôs-se-lhe na frente, implorando de novo para apenas pensar mais uma vez no seu destino.

-Não há refúgio - disse Nicholas no sofrimento da sua súplica - não há retirada! Todo o pesar será inútil e deverá ser profundo e amargo. O que posso dizer para a induzir a parar no último momento? O que posso fazer para a salvar?

-Nada! Esta é a provação mais árdua que tenho tido. Tenha piedade de mim, sir, suplico-lhe, e não me despedace o coração com tais apelos. Eu. eu ouço-o chamar! Eu. eu. não devo, não permanecerei aqui por mais tempo.

- Se isto fosse uma armadilha - disse Nicholas com a mesma violenta rapidez com que falara - numa armadilha ainda não posta a descoberto por mim mas que, com o tempo se pudesse desenrolar se tivesse direito a uma fortuna sua que, sendo recuperada, tornaria desnecessário este casamento, não se retrataria?

-Não, não, não! É impossível; é um conto de fadas; o tempo traria a sua morte. Ele está outra vez a chamar!

-Pode ser que seja a última vez que nos encontremos na terra - disse Nicholas - e talvez seja melhor para mim que não mais nos tornemos a ver.

- Para ambos. para ambos - replicou Madeline, não atentando no que dizia. - É possível que, com o tempo, a lembrança desta entrevista possa dar comigo em doida.

Pode-lhes assegurar que me deixou calma e feliz. Deus seja consigo, sir, com toda a gratidão do meu coração e os meus louvores.

Foi-se embora e Nicholas, saindo de casa pensava na rápida cena que acabava de terminar, como se fosse a recordação dum sonho fantástico.

Essa noite, sendo a última de solteiro de Arthur Gride, encontrou-o de espírito elevado e grande alegria. O fato verde garrafa tinha sido escovado, para o dia seguinte.

Peg Sliderskew prestara as contas da sua passada gerência; os oito pence tinham sido rigidamente contabilizados (nunca lhe fora confiada uma quantia maior duma vez só e as contas não eram geralmente saldadas mais do que duas vezes por dia), tinham sido feitos

todos os preparativos para a sua festa. Arthur podia sentar-se e contemplar a felicidade, que se aproximava, mas preferiu sentar-se e contemplar os lançamentos dum livro em pergaminho, velho e sujo, com fechos enferrujados.

- Olá! - cacarejou, caindo de joelhos em frente dum cofre forte, aparafusado ao chão; depois, escolheu este gorduroso livro e lentamente tirou-o para fora. - Olá! temos aqui toda a minha livraria, mas este é um dos livros mais interessantes que jamais foram escritos. É um livro delicioso, cheio de verdade e de realidades, tão verdadeiro como o Bank of England, real como o ouro e a prata. Escrito por Arthur Gride... eh! eh! eh! Nenhum escritor escreveu alguma vez um tão bom nem tão interessante como este. Garanto! É composto para circulação privada. para minha leitura particular e para mais ninguém.

Murmurando este solilóquio, Arthur levou o seu precioso volume para a mesa e acomodando-o numa empoeirada secretária, pôs os óculos e começou a olhar com atenção as páginas.

- É uma grande quantia para ler. Nickleby - comentou ele nuxna voz dolorosa. - Débito a pagar por inteiro, novecentas e setenta e cinco libras, quatro xelins e três pence. Importância adicional pela garantia, quinhentas libras. Mil quatrocentas e setenta e cinco libras, quatro xelins e três pence, amanhã, às doze horas. Embora por outro lado haja o contra por meio deste lindo ovo que está no choco. Mas põe-se de novo a pergunta, se eu não podia ter feito tudo por mim próprio. Um tímido nunca conquista uma bonita mulher. Por que é o meu coração tão tímido? Porque não o abri eu ousadamente a Bray e poupei mil e quatrocentas e setenta e cinco libras, quatro e três?

Estas reflexões deprimiram tanto o velho usurário que se torceu com um ou dois roncos vindos do peito, obrigando-o a declarar com as mãos levantadas que devia morrer numa casa de pobres. lembrando-se, contudo, depois de cogitar, que em quaisquer circunstâncias devia pagar o débito lindamente composto por Ralph, e não confiando, de forma alguma, no bom sucesso da empresa se a tivesse empreendido só, ganhou de novo a sua tranquilidade, até à entrada de Peg Sliderskew.

- Ah! ah! Peg! - exclamou Arthur. - O que é isso agora, Peg?

- a ave - respondeu Peg, trazendo um prato com uma pequena, uma muito pequena - um perfeito fenómeno duma ave - tão pequena.

- Uma linda ave - comentou Arthur depois de inquirir o preço e achando proporcionado ao tamanho.

- Com uma delgada talhada de toucinho, um ovo desfeito no molho, batatas, ervas e um pudim de maçãs, Peg, e um bocadinho de queijo, temos um jantar digno dum imperador. Haverá apenas ela, eue você, Peg. e mais ninguém.

- Não venha depois queixar-se da despesa - avisou Mrs. Sliderskew de mau humor.

-Receio termos de viver dispendiosamente na primeira semana - replicou Arthur com um gemido - e devemos preparar-nos para isso. Não devo comer mais do que aquilo que posso e sei que você gosta demasiado do seu velho patrão para comer mais do que pode, não é assim, Peg?

- Não é assim o quê? - perguntou Peg.

- Gosta demasiado do seu velho patrão.

- Não, nem um bocado demasiado - afirmou Peg.

-Oh, meu Dleus! Gostava que o diabo levasse esta mulher!

-exclamou Arthur. Gosta dele demasiado para comer mais do que você pode a expensas dele?

- A dele o quê? - inquiriu Peg.

-Oh, meu Deus! Ela nunca ouve a palavra mais importante e ouve todas as outras! - lamentou-se Gride. - A expensas de. sua resmungona!

Contente com o atributo aos seus encantos dito em murmúrio, ouviu-se um toque na porta da rua.

- É a Campainha - informou Arthur.

- Sim, sim, sei isso! - replicou Peg.

- Então por que não vai? - berrou Arthur.

- Ir onde? - perguntou Peg. - Não faço nenhum mal aqui. Arthur Gride, em resposta, repetiu a palavra campainha com um rugido tão alto quanto pôde, acompanhado de expressiva pantomima para Mrs. Sliderskew compreender que tinham batido à porta. Peg saiu, a resmungar.

- Há uma mudança em si, Mrs. Peg - disse Arthur, seguindo-a com os olhos. - O que significa isto não sei, mas se continuar, estou a ver que não poderemos viver em harmonia por muito tempo. Está-se tornando parva, e se está, tem de se pôr a andar, Mrs. Peg. ou ponho-a eu. Para mim é o mesmo.

Voltando as folhas do livro enquanto falava, depressa encontrou qualquer coisa que lhe atraiu a atenção, esquecendo Peg Sliderskew e tudo o mais, no interesse despertado pelas páginas.

O aposento era alumado por um sujo candeeiro que o usurário puxara para junto de si, de modo que o resto do quarto ficava na escuridão. Levantando os olhos e olhando vagamente para esta obscuridade, a fazer algum calculo mental, Arthur Gride fixou subitamente os olhos espantados num homem.

- Ladrões, ladrões! - guinchou o usurário, levantando-se abraçado ao livro. - Gatunos! Assassino!

- O que se passa? - perguntou o homem, avançando.

- Esteja quieto! - pediu o miserável a tremer. - É um homem, ou um. um.

- Por quem me toma, senão por um homem?

- Sim, sim - exclamou Arthur Gride, pondo a mão em pala nos olhos. - um homem e não um espírito. um homem. Ladrões, ladrões!

- Para que são esses gritos?. A não ser, na verdade, que me conheça e tenha algum propósito na cabeça- disse o estranho, aproximando-se. - Não sou ladrão, homem.

- O que é então, e como veio parar aqui? - perguntou Gride, um tanto mais sossegado, mas ainda receoso. - Como se chama e o que quer?

- O meu nome não interessa - foi a resposta. - Vim até aqui porque a sua criada me indicou o caminho. Já me dirigi a si duas ou três vezes, mas o senhor estava profundamente entretido com o livro para me ouvir e, então, esperei silenciosamente até estar menos abstracto. O que quero, dir-lhe-ei quando arranjar coragem para me ouvir e me compreender.

Arthur Gride, aventurando-se a olhar o visitante com mais atenção, viu que era um jovem de bom aspecto. Voltou para o seu lugar e, murmurando acerca de más pessoas que andavam por ai e sobre vários atentados feitos à sua casa, o que o tornara nervoso, pediu à visita para se sentar. Esta, no entanto, não aceitou.

- Bom, bom, não fico em pé para ter uma vantagem - disse Nicholas, pois era Nicholas, observando um gesto de inquietação da parte de Gride. - Escute-me. O senhor está para casar amanhã.

- N. n. não - respondeu Gride. Quem disse que estava? Como sabe isso?

- Não importa como - replicou Nicholas. - Sei-o. A jovem que está para lhe conceder a mão, odeia-o e despreza-o. O sangue dela gela ao ouvir o seu nome. O abutre e o cordeiro, o rato e a pomba não podem casar pior do que o senhor e ela. Como vê, eu conheço-a! Gride olhou para ele, petrificado pela surpresa, mas não falou, talvez por falta de possibilidade.

-O senhor e um outro homem de nome Ralph Nickleby cozinham entre os dois. O senhor pagalhe a participação na venda de Madeline Bray. Estou a ver uma mentira a tremer- lhe na boca. - e como Arthur Gride não deu resposta, continuou. - O senhor paga para a defraudar. Como e por que meios - pois envergonho-me de sujar o nome dela com falsidade ou engano - não sei. Não sei, mas neste assunto não estou só. Se a energia dum homem pode conseguir a descoberta da sua fraude e traição antes da sua morte, se o dinheiro, vingança e justa ira, pode persegui-lo e farejar-lhe os passos através dos seus rodeios, o senhor ainda será chamado a prestar contas. Já estamos na pista. julgue agora, o senhor que sabe o que nós não sabemos, quando

estivermos na mó de baixo.

Tornou a parar e Arthur Gride continuou silencioso, pasmado para ele.

-Se o senhor fosse um homem para quem eu pudesse apelar com qualquer esperança de tocar a sua compostura ou a sua humanidade, insistiria consigo, lembrando-lhe o desamparo a inocência e a juventude desta senhora, a sua digmidade, e beleza, e por último e mais da que tudo, respeitante mais intimamente a si, o apelo que ela fez à sua compaixão e aos seus sentimentos varonis. Mas eu tomo o único caminho que posso tomar com homens como o senhor e pergunto-lhe qual a quantia com que se pode comprá-lo para desistir. Lembre-se do perigo a que está exposto. Vê como sei bastante para conhecer muito mais com uma ajuda muito pequena. Diminua algum esperado lucro pelo risco que deixa de correr e diga o seu preço.

O velho Arthur Gride moveu os lábios, mas apenas conseguiu um feio sorriso, continuando silencioso.

- Pensa que o preço não seria pago-prosseguiu Nicholas. - Miss Bray tem amigos ricos, capazes de transformar os corações em dinheiro para a salvar dum aperto como este. Indique o seu preço, adie o casamento para daqui a alguns dias e verá se aqueles de quem falo fogem ao pagamento. Ouve-me?

Quando Nicholas começou, a impressão de Arthur Gride foi de que Ralph Nickleby o tinha traído, mas à medida que ele foi seguindo, convenceu-se ter vindo pelo conhecimento que possuía. O papel desempenhado era genuíno e não dizia respeito a Ralph Nickleby. Além o que ele parecia conhecer como certo era dele Gride ter de pagar o débito a Ralph, mas para aqueles que conheciám as circunstâncias da detenção de Bray, mesmo para o próprio Bray a respeito do extracto de conta de Ralph devia ser perfeitamente notório. Quanto à fraude sobre Madeline, a sua visita sabia tão pouco sobre a sua natureza ou valor que podia ser uma tentativa para adivinhar, ou uma acusação, feita ao acaso. Se era ou não, ele não tinha modo de descobrir o mistério e não podia prejudicar o que guardava fechado no peito. A alusão aos amigos e à oferta de dinheiro Gride achava que eram meras nuvens de fumo, com o propósito de retardar. E mesma se houvesse dinheiro, pensou Arthur Gride, relanceando para Nicholas e tremendo de medo pela sua audácia e atrevimento, preferia ter por mulher essa delicada pombinha e afastá-la de ti, meu cara de alfenimn.

O longo hábito de pesar e notar o que os clientes diziam de computar as probabilidades e de calcular as vantagens pelas caras tornou Gride rápido em tirar conclusões e em chegar, muitas vezes a ideias contraditórias, a deduções muito ousadas. Aqui, enquanto Nicholas falava, seguia-o estreitamente com as suas próprias interpretações de modo que, quando ele acabou de falar, estava tão bem preparado como se tivesse deliberado há quinze dias.

- Ouviu? - gritou, erguendo-se da cadeira, abrindo os ferrolhos da janela e levantando a vidraça. - Socorro! Socorro! Socorro!

- O que está a fazer? - perguntou Nicholas, agarrando-lhe o braço. - Grita por socorro contra os ladrões, os gatunos os assassinos. Alarmo a vizinhança, luto consigo, deixo perder algum sangue e juro que veio para me roubar se não sair daqui - respondeu Gride, voltando a cabeça para dentro, com um sorriso medonho.

- Miserável! - exclamou Nicholas.

- Veio ameaçar-me, não veio? - Continuou Gride, cujo ciúme de Nicholas e a percepção do seu triunfo o converteu num demónio. - Você é o namorado desapontado. Oh, meu Deus! Mas não a terá, a minha esposa, a minha amada. Não julga que ela o esqueça? Julga que ela chorará. Hei- de gostar de a ver chorar. Não me importarei com isso. Ela é mais bonita quando chora!

- Vilão! - disse Nicholas, tremendo de raiva.

- Mais um movimento - avisou Arthur Gride - e levantarei a rua com tais gritos que me fariam mesmo acordar nos braços de Madeline se fossem lançados por qualquer

outra pessoa.

- Você é um sabujo! - retorquiu Nicholas. - Se fosse um homem mais novo.

- Oh, sim - escarneceu Arthur Gride. - Se fosse um homem mais novo não seria tão mau, mas para mim, tão velho e feio. lograr a pequena Madeline.

- Ouça-me - disse Nicholas - e agradeça-me ter a suficiente força em mim para o não atirar para a rua, que nenhuma ajuda podia evitar uma vez que o agarrasse bem.

Não fui o namorado dessa senhora. Entre nós não se trocou qualquer palavra de amor. Ela nem sequer sabe o meu nome.

- Perguntarei tudo isso. Pedirei para mo dizer com beijos - disse Arthur Gride. - Sim e ela dir-me-à e devolver-me-à os beijos, e riremos juntos muito agarradinhos...

e tornar-nos-emos muito alegres quando pensarmos no pobre jovem que a queria.

Este sarcasmo fez transparecer na cara de Nicholas uma expressão tal que Arthur Gride compreendeu claramente que a ameaça de o atirar à rua era de imediata execução.

Assim, tratou de tirar a cabeça da janela e agarrar-se firmemente com as duas mãos, lançando um vigoroso grito de alarme.

Não julgando necessário aguardar a consequência do grito, Nicholas, saiu do aposento e da casa.

Arthur Gride observou-o a atravessar a rua e depois, retirando a cabeça, fechou a janela e sentou-se para respirar.

- Se alguma vez ela se tornar impertinente ou mal humorada, insulto-a com esse palerma! - disse ele quando recuperou a calma. Ela mal pensa que o conheço e se conduzir

as coisas bem, quebro-lhe a vontade por este meio e tenho-a na mão. Estou satisfeito por não ter aparecido ninguém. Não chamei

alto demais. A audácia de entrar em minha casa e de me invectivar! Mas amanhã terei um bom triunfo e ele roerá as unhas ou cortará as goelas! Não me admiraria. Isso

completaria perfeitamente o caso.

Quando voltou à sua condição normal com estes e outros comentários sobre o seu próximo triunfo, Arthur Gride pôs o livro de lado e, tendo fechado o cofre à chave

com grande cuidado, desceu à cozinha a fim de avisar Peg Sliderskew para se ir deitar e censurá-la por ter permitido a entrada a um estranho. Como, porém, a inconsciente

Peg não foi capaz de compreender o crime de que era acusada mandou-lhe segurar na luz enquanto ia dar uma volta para verificar os fechos e tornar mais firme a porta

da rua com as suas próprias mãos.

- Ferro acima - murmurou Arthur enquanto fechava o de baixo. corrente. tranca. duas voltas à chave e esta debaixo do meu travesseiro. E agora vou dormir até às cinco

e meia, hora a que tenho de me levantar para ir casar, Peg!

Com isto bateu no queixo de Mrs. Sliderskew e pareceu, por um instante, tentado a celebrar o seu último dia de solteiro imprimindo um beijo nos engelhados lábios

dela. No entanto, pensando melhor, bateu-lhe outra vez no queixo e foi para a cama.

## CAPÍTULO LIV

A crise do projecto e o seu resultado.

Não há muitos homens que fiquem muito tempo na cama na manhã do casamento. Arthur Gride tendo-se enfarpelado com o fato verde garrafa uma hora antes de Mrs. Sliderskew,

lhe bater à porta do quarto, desceu as escadas de grande uniforme e mergulhou os lábios numa pequena gota do seu cordial favorito, quando aquela delicada peça de antiguidade iluminou a cozinha com a sua presença.

- Fora! - exclamou Peg, cavando, em cumprimento dos seus deveres domésticos, num pequeno monte de cinzas na grelha ferrugenta do fogão. - Casamento! Um precioso

casamento! Precisa de alguém melhor que a velha Peg para cuidar dele? E o que me disse ele, muitas vezes, para me ter contente com pouca comida e fraco ordenado?

O meu testamento, Peg! O meu testamento! Sou solteiro. não tenho amigos. não tenho parentes,

Peg. Mentiras! E agora vem trazer para casa uma patroa nova, uma rapariga com cara de bebé. Se precisa duma esposa, porque não arranjou uma a condizer com a sua idade? Ela não vem meter-se no meu serviço, diz ele. Não, isso não fará, mas tu mal pensas porquê, Arthur, meu menino!

Enquanto Mrs. Sliderskew, possivelmente influenciada por alguns sentimentos de desapontamento e de agravo pessoal, resmungava, Arthur Gride cogitava na saleta acerca do que se passara na noite anterior.

- Não sei como ele apanhou o que sabe a não ser que eu tivesse cometido. deixado perceber alguma coisa a Bray, por exemplo. Talvez tivesse. Não me surpreenderia se fosse isso. Mr. Nickleby estava muitas vezes zangado pela minha conversa com ele antes de sairmos a porta. Não podia dizer-lhe essa parte do negócio, ou ele irritava-me por todo o dia.

Ralph era universalmente tido e reconhecido entre os colegas como um génio superior, mas para Arthur Gride o seu carácter firme e inflexível - causava-lhe funda impressão, mostrando ter medo dele. Intimamente mesureiro e cobarde por natureza, Arthur Gride humilhava-se servilmente perante Ralph Nickleby, e mesmo que não tivesse este interesse em comum, era mais capaz de lhe lambear as botas do que atrever-se a replicar-lhe, ou de lhe retorquir com um espírito diferente da mais vil e abjecta lisonja.

Arthur Gride dirigiu-se para Ralph Nickleby conforme o encontro marcado e relatou como um jovem marau, desconhece cido se introduzira em casa e tentara assustá-lo sobre o pro posto casamento. Contou-lhe, em resumo, o que Nicholas dissera e fizera, com a ligeira reserva do que ele determinara fazer.

- Bem, e depois? - perguntou Ralph.

- Nada mais - respondeu Gride.

- Ele tentou assustá-lo - disse Ralph - e você assustou-se, suponho. Não é assim?

- Eu assustei-o, gritando por socorro - replicou Gride. Estive atrapalhado a princípio, confesso, pois estava à espera que proferisse ameaças e pedisse a minha vida, ou o meu dinheiro.

- Oh! Oh! - exclamou o outro, olhando-o de soslaio. Também ciumento.

- Meu Deus, pondere o caso - retorquiu o velho, esfregando as mãos e fingindo rir.

- Porque faz essas caretas, homem? - perguntou Ralph, duramente. - Você tem ciúmes. e com boa razão, penso eu.

- Não, não, não. não com boa razão. O senhor não pensa que seja com boa razão, pois não? - inquiriu Arthur, hesitando. Pensa. hein?

- Como se apresenta o facto? - retorquiu Ralph. - Temos um velho quase forçado a casar-se com uma rapariga e um rapaz bonito. vai ter com o velho. Você disse que ele era bonito, não disse?

- Não - grunhiu Arthur Gride.

- Oh! pensava que sim! Bem, bonito ou não bonito, foi ter com o velho, um jovem que tem na boca toda a casta de ferozes desafios - preferia dizer na ponta da língua

- e lhe diz em singelas palavras que a sua amada o detesta. Porque fez ele isto? Por filantropia?

- Mas não por amor - respondeu Gride - pois ele disse que nenhuma palavra de amor - são as suas palavras textuais

- se trocou entre eles.

- Disse ele. - continuou Ralph com desprezo. - Mas gosto dele por uma coisa, é de lhe ter dado um belo aviso para conservar a sua. o quê? - Gulodice ou franguinha?

. . fechada à chave. Tenha cautela, Gride! um triunfo afastá-la dum rival; um grande triunfo para um velho. Basta conservá-la segura quando a tiver. nada mais.

- Que homem! - exclamou Arthur Gride, fingindo-se altamente divertido e acrescentando depois ansiosamente: - Sim, conservá-la segura, é tudo. E isso não é muito?



- Muito! - escarneceu Ralph. - Toda a gente sabe como são fáceis de compreender as coisas e de governar as mulheres. Mas vamos, é quase chegada a ocasião de você ser feliz. Liquide agora a promessa escrita para evitar maçadas depois.

- Que homem o senhor é! - grasnou Arthur.

- Porque não? - perguntou Ralph. - Ninguém lhe vai pagar juros, suponho eu, entre agora e o meio-dia, pois não?

- Ninguém lho pagará também a si - retorquiu Arthur, olhando velhacamente para Ralph com toda a astúcia e malícia que pôde.

- Mas se não tem o dinheiro consigo - disse Ralph, forçando um sorriso - ou se não estava preparado para isto, ou se o não trouxe, não há ninguém tão acomodaticio como eu. Confiamos um no outro de igual maneira. Está pronto?

Gríde que não fizera mais do que arreganhar os dentes, acenar com a cabeça e bater o queixo durante este último discurso de Ralph, respondeu afirmativamente, tirando do chapéu um par de compridas fitas brancas, as quais pregou, uma no peito, conseguindo com grande dificuldade levar o seu amigo a fazer o mesmo. Assim ornamentados, entraram no carro alu gado por Ràlph e rodaram para a residência da linda e muito desgraçada noiva.

Gríde, cujo ânimo e coragem vinham a decair cada vez mais à medida que se aproximavam da casa, estava inteiramente acobardado, tendo-se remetido num fúnebre silêncio.

A cara da criada, a única pessoa que viram, estava desfigurada pelas lágrimas e pela insónia. Não havia ninguém a recebê-los, ou a desejar-lhes as boasvindas, e eles viram-se na contingência de subir as escadas, mais como dois ladrões do que como noivo com o seu amigo.

-Alguém pensaria - comentou Ralph, falando a pesar seu em voz baixa e reprimida - que há aqui um funeral e não um casamento.

- Eh! he! - riu silenciosamente o amigo. - O senhor é tão. tão. engraçado!

- Preciso ser, pois isto está bastante frio e desagradável. Ponha-se mais alegre, homem, e não como uma pessoa que vai para a forca.

- Sim, sim, vou pôr-me - prometeu Gríde. - Mas. mas. não pensa que ela venha já?

- Suponho que ela não virá antes de ser obrigada - respondeu

Ralph, olhando para o relógio - e ainda tem uma boa meia-hora à sua frente. Modere a sua impaciência.

- Eu. eu. não estou impaciente - gaguejou Arthur. Não serei duro com ela. Oh, meu Deus, meu Deus de forma nenhuma. Deixêmo-la levar o tempo que quiser. O tempo dela será absolutamente o meu.

Quando Ralph deitou ao seu trémulo amigo um olhar vivo, mostrando ter compreendido perfeitamente a razão desta grande consideração e respeito, ouviram-se uns passos na escada e Bray entrou no aposento nas pontas dos pés, levantando uma das mãos num gesto de cautela, como se houvesse uma doente perto que não devesse ser perturbada.

- Silêncio! - recomendou ele. - Ela esteve a noite passada muito doente. Pensei que estivesse aflita do coração. Está vestida e a chorar amargamente, no quarto, mas está melhor e completamente sossegada. É tudo.

- Mas está pronta, não está? - perguntou Ralph.

- Completamente - respondeu o pai.

- E não é provável que qualquer fraqueza. desmaio. ou coisa parecida, nos demore? - inquiriu Ralph.

- Agora pode-se confiar nela - retorquiu Bray. - Esta ma nhã estive a falar com ela. Vamos um pouco para ali.

Levou Ralph Nickleby para o sítio mais afastado do aposento e apontou para Gríde, que estava sentado como um saco a um canto, brincando nervosamente com os botões do casaco e mostrando uma cara, cuja expressão matreira era acentuada e agravada ao máximo pela ansiedade e agitação.

- Olhe para aquele homem! - segredou Bray. - No fim de contas isto parece uma coisa cruel!  
- O que parece uma coisa cruel? - interrogou Ralph, com uma cara tão ingênua como se realmente estivesse na completa ignorância do sentido do outro.

- Este casamento - esclareceu Bray. - Não me pergunte o quê. Você sabe tão bem como eu. Ralph encolheu os ombros em silenciosa depreciação do comentário de Bray, mas esperou uma oportunidade mais favorável para dizer alguma coisa, ou achou não valer a pena responder.

- Olhe para ele! Isto não parece cruel? - repetiu Bray.

- Não - respondeu Ralph descaradamente.

- Eu digo que sim - retorquiu Bray, com uma amostra de muita irritação. - É uma coisa cruel por tudo isto ser mau e traiçoeiro!

Quando Bray se calou, finalmente, depois de ter afirmado, com grande veemência, que estavam em comum cometendo

uma coisa muito cruel, Ralph falou então:

-O senhor vê o cavaco velho e enrugado, e mudo que ele é. Se fosse mais novo seria cruel, mas assim. escute, Mr. Bray, ele morre cedo e deixa-a uma jovem viúva e rica. Miss Madeline agora, segue o gosto do pai. para a próxima segue o dela.

- É verdade, é verdade! concordou Bray, mordendo as unhas e muito pouco à vontade. - Não podia fazer nada melhor por ela do que aconselhá-la a aceitar esta proposta, não é verdade? Agora pergunto-lhe, Nickleby, como um homem do mundo. podia?

- Evidentemente que não - respondeu Ralph. - Digo-lhe, sir, que há centenas de pais dentro dum circuito de cinco milhas daqui, homens de bem, bons, ricos, com boas situações, que dariam contentes as filhas, e as suas orelhas com elas, àquele homem, que parece um macaco embalsamado.

- Pois há - concordou Bray, agarrando-se com força a tudo o que parecesse justificá-lo. - E isso lhe disse eu, ontem à noite e hoje.

- Disse-lhe a verdade - continuou Ralph - e fez bem em lho dizer. Ao mesmo tempo devo-lhe confessar que se tivesse uma filha e a minha liberdade, e os meus prazeres, não, mas se a minha verdadeira riqueza dependesse dela casar com um homem indicado por mim, esperaria não ser necessário apresentar outros argumentos para obedecer aos meus desejos.

Bray olhou para Ralph a ver se ele estava a falar com sinceridade e, tendo acenado duas ou três vezes, num assentimento neutro, replicou:

- Tenho de ir lá acima por alguns minutos para acabar de me vestir. Quando vier para baixo trago a Madeline comigo. A noite passada tive um sonho estranho, de que só agora me lembro. Sonhei que estava já nesta manhã e o senhor falava como fez agora; que eu fui para cima para o mesmo fim que vou agora e quando estendia a mão para a Madeline, a fim de a trazer para baixo, o chão abateu comigo e depois de cair dum altura indescritível e tremenda, como a imaginação mal pode conceber, excepto nos sonhos, achei-me num túmulo.

-Acordou e viu-se deitado de costas, com a cabeça pendurada fora da cama, ou sofrendo de má digestão? - perguntou Ralph. - Mr. Bray, faça como eu. Terá agora oportunidade para ter à sua frente um círculo de prazeres e de divertimentos, e ocupe-se um pouco mais de dia para não ter tempo de pensar com o que sonha de noite.

Ralph seguiu-o com um olhar firme até à porta e, voltando-se para o noivo, disse, quando ficaram de novo sós:

-Fixe as minhas palavras, Gride, não terá que pagar a anuidade dele por muito tempo. Você sempre teve sorte nos seus negócios. Macacos me mordam se ele não reservar lugar para a grande viagem antes de poucos meses.

A esta profecia, tão agradável aos seus ouvidos, Arthur não respondeu senão com um carcarejo de prazer. Ralph sentou-se numa cadeira, pensando na mudança de Bray,

como baixara o orgulho, quando o seu ouvido atento apanhou o rugido dum vestido de senhora a subir as escadas e os passos dum homem.

- Acorde - disse ele, batendo impacientemente o pé no chão - e dê uma aparência de vida, homem! Eles vêm aí. Desperte esses velhos ossos por aqui. depressa, homem, depressa!

Gríde avançou e olhou, curvando-se ao lado de Ralph quando a porta se abriu e entraram de corrida... não Bray e a filha, mas Nicholas e sua irmã Kate. Se se tivesse apresentado subitamente a Ralph uma tremenda aparição do mundo das sombras não o teria fulminado

tanto como esta surpresa. As mãos descaíram-lhe, ficou de boca aberta e a cara cor de cinza, fixando-os numa raiva muda; os olhos estavam tão saídos e a cara tão convulsa e mudada pelos sentimentos que o arrebatavam, que teria dificuldade em reconhecer-se como o mesmo homem dum minuto antes.

- O homem que foi ter comigo a noite passada - segredou Gríde, puxando-o pelo cotovelo. - O homem que foi ter comigo a noite passada!

- Bem vejo - murmurou Ralph. - Bem sei. Devia tê-lo já adivinhado. Aparece sempre a atravessar-se no meu caminho em todas as ocasiões, vá para onde for, faça o que fizer.

Nicholas, dominando as suas emoções e apertando suavemente o braço de Kate para lhe incutir confiança, ficou erecto

frente a frente do seu indigno parente. A semelhança dos irmãos, agora que estavam lado a lado, era notória mesmo para quem a não tivesse já observado. Nunca eles pareceram tão belos e tão altivos, nem Ralph tão feio e tão baixo.

- Fora daqui - foram as primeiras palavras que ele pôde proferir, arreganhando, literalmente, os dentes. - Fora daqui! O que o trás cá... mentiroso... velhaco, cobarde... ladrão?

- Venho aqui - respondeu Nicholas numa voz baixa e profunda - para salvar a sua vítima, se puder. Mentiroso e

velhaco é você, em todas as acções da sua vida. Roubo é o seu comércio e duplo cobarde deve ser você, ou não estivesse aqui hoje. Os insultos não me movem, nem mesmo grande pancadaria. Aqui fico e ficarei até cumprir a minha missão.

- Rapariga, retire-se! - exclamou Ralph. - Podemos ter de empregar a força, mas não quero magoá-la. Retire-se, sua parva e deixe este cão para ser tratado como merece.

- Não me retiro - gritou Kate com os olhos chamejantes e o sangue a corar-lhe as faces. - Não lhe fará mal algum que não receba dele o troco. Pode usar a força comigo por eu ser uma rapariga, e isso é próprio de si, mas se tenho a fraqueza duma rapariga possuo um coração de mulher e não será o senhor, numa ocasião como esta, quem poderá mudar o meu propósito.

- E qual é o seu propósito, soberaníssima senhora? - perguntou Ralph.

- Oferecer neste último minuto um refúgio e uma casa ao infeliz objecto da sua perfidia - replicou Nicholas. - Se a próxima perspectiva dum tal marido fornecido por si a não influenciar, espero que ceda às súplicas e rogos duma pessoa do seu sexo. De todas as maneiras tentaremos. Direi ao pai, a quem venho dar um recado, que será da sua parte um acto de grande baixeza e crueldade atrever-se a forçar este casamento.

Aqui a aguardo. Por esta razão vim e trouxe a minha irmã mesmo à sua vil presença. O nosso fim não é v-lo ou falar consigo, por isso a si, não diremos mais palavra.

- Na verdade! - exclamou Ralph. - Persiste em ficar aqui, ma'am?

O peito da sobrinha alteou-se com a excitação da indignação, mas não lhe deu resposta.

- Agora, Gride, veja isto - disse Ralph. - Este tipo, aflige-me dizer. o filho do meu irmão, um malandro, manchado com todos os crimes, este tipo, vindo aqui hoje para perturbar uma solene cerimónia e sabendo qual a consequência da sua presença nesta casa numa ocasião destas, e persistindo em ficar, deve ser levado a pontapés para a rua e arrastado por ela como um vagabundo que é. Este tipo, fixe bem, traz com ele a irmã como protecção e mesmo depois de a ter avisado do que pode suceder, continua a tê-la ao lado como vê, e agarra-se a ela como um covarde se agarra às saias da mãe. É um belo tipo para falar de poleiro como você o ouviu agora.

- E como o ouvi a noite passada - observou Arthur Gride

- quando se me introduziu em casa e. eh. . e depressa se raspou quando o assustei de morte. E queria também casar com Miss Madeline! Oh, meu Deus! Há alguma coisa que ele queira. alguma coisa que lhe possamos fazer, além de lhe dar a rapariga? Quererá ele os seus débitos pagos, a casa mobilada e algumas notas para comprar uma navalha de barba, caso já se barbeie?

- Fica, então, aqui rapariga? - perguntou Ralph, voltando-se outra vez para Kate. - Para ser arrastada pela escada abaixo como qualquer mulher, se ficar aqui? Não responda. Agradeça ao seu irmão as consequências. Gride, chame o Braymas não a filha. Deixê-mola lá em cima.

- Se tem amor à cabeça, fique onde está - preveniu Nicholas, tomando posição em frente da porta e falando na mesma voz baixa como falara antes.

- Atenda-me e não a ele, e chame o Bray - ordenou Ralph.

- Tome atenção consigo e fique onde está - aconselhou Nicholas.

- Não chama o Bray? - inquiriu Ralph.

- Lembre-se que se aproxima de mim por sua conta e risco - advertiu Nicholas.

Gride hesitou. Ralph, estando nesta altura tão furioso como um tigre, encaminhou-se para a porta e, tentando Kate, agarrou-lhe rudemente no braço com a mão. Nicholas, com os olhos a dardejarem fogo agarrou-o pelo colarinho. Nesse momento um corpo pesado caiu com grande violência no andar superior e, no instante a seguir, ouviu-se um grito espavorido e aterrado. Ficaram todos quietos, olhando uns para os outros. Os gritos sucederam-se; seguiu-se um pesado arrastar de pés e muitas vozes agudas gritando juntas: Ele está morto!

- Afastem-se! - ordenou Nicholas, deixando sair todos os sentimentos reprimidos até ali. - Se isto é o que mal me atrevo

a esperar, vocês, vilões, foram apanhados nas vossas próprias malhas.

Saiu do aposento como um furacão e subindo as escadas como uma seta para o alojamento donde procedia o barulho, afastou uma quantidade de pessoas que enchia completamente um pequeno quarto, e encontrou Bray no chão, morto, com a filha agarrada ao corpo.

- Como aconteceu isto? - inquiriu, olhando rudemente em volta.

Várias pessoas responderam em conjunto terem-no observado, por uma meia porta aberta, reclinado na cadeira numa posição estranha e incómoda que lhe falaram várias vezes, mas não obtendo resposta, julgaram-no a dormir, até que alguém lhe sacudiu o braço, depois de ter entrado, caindo ele, então, pesadamente no chão e descobrindo-se que estava morto.

- Quem é o dono desta casa? - perguntou Nicholas apressadamente.

Foi-lhe apontada uma velhota, a quem ele disse, enquanto se ajoelhava e desunia suavemente os braços de Madeline do corpo morto, a que estavam agarrados:

- Represento os amigos mais chegados desta senhora e a criada sabe. Tenho de a tirar desta cena

dolorosa. Esta é a minha irmã a cujo cargo a senhora a confia. O meu nome e a minha morada estão nesse bilhete e receberá as indicações necessárias para todas as disposições que seja preciso tomar. Por amor de Deus, ponham-se de lado e dêem-me lugar para respirar.

As pessoas recuaram, mais intrigadas pela excitação e impetuosidade daquele que falava, do que pelo facto ocorrido. Nicholas, tomando a insensível rapariga nos braços, saiu do quarto e entrou no que tinha deixado, seguido pela irmã e pela fiel criada, a quem encarregou de arranjar um trem imediatamente, enquanto ele e Kate se inclinavam sobre o seu lindo fardo e faziam o possível, mas em vão, para a chamar a si. A criada executou o recado com tal brevidade que o trem estava à porta em poucos minutos.

Ralph Nickleby e Gride ficaram paralizados pelo acontecimento e pela extraordinária energia e precipitação de Nicholas. Foi só quando tudo estava preparado para levarem Madeline que Ralph quebrou o silêncio, declarando que ela não sairia dali.

- Quem diz isso? - perguntou Nicholas, levantando-se e encarando-os, mas segurando nas suas as mãos inertes de Madeline.

- Eu - respondeu Ralph grosseiramente.

- Silêncio - exclamou o aterrado Gride, agarrando-o, outra vez, pelo braço. - Ouça o que ele diz!

- Sim - disse Nicholas, estendendo a mão livre no ar. Ouça o que ele diz. Os débitos de ambos estão pagos num grande débito da natureza. o compromisso escrito vencido hoje ao meio-dia é agora papel para o lixo. a vossa fraude será

descoberta... os vossos planos são desconhecidos dos homens e desfeitos pelo Céu. Seus miseráveis.

- Este homem - advertiu Ralph numa voz apenas inteligível - reclama a esposa e há-de tê-la.

- Este homem reclama o que não é seu e nunca será, mesmo que cinquenta homens o apoiem - afirmou Nicholas.

- Quem impedirá?

- Eu!

- Com que direito? - disse Ralph. - Pergunto, com que direito?

- Com este direito: sabendo o que faço e não se atreva a tentar-me mais. Com o direito daqueles a quem sirvo, com quem você tentou intrigar-me miseravelmente, e são os seus melhores amigos. Em nome deles levo-a daqui! Abram caminho.

- Uma palavra! - gritou Ralph, espumando pela boca.

- Nem uma - retorquiu Nicholas. - Não ouvirei mais nada. . excepto isto: olhe por si e meta na cabeça o aviso que lhe dou. O seu dia passou e a noite está a chegar!

- A minha maldição, mais profunda chova sobre ti, rapaz.

- Quando é que as maldições andam às suas ordens? Ou quem aproveita das maldições, ou das bençãos dadas por um homem como você? Aviso-o que o infortúnio e a catástrofe lhe pairam sobre a cabeça. Os alicerces por si levantados através da sua vida miserável, estão a desfazer-se em pó; os seus passos são seguidos por espias e neste mesmo dia, dez mil libras da sua amontoada riqueza, voaram numa grande quebra.

- falso - exclamou Ralph, recuando.

- É verdade, verá! Não tenho mais palavras a perder. Retire-se da porta. Kate, sai primeiro: Não ponha a mão nela, nem em ninguém, nem lhe toque nos vestidos quando passarem. Deixe-as sair!

Aconteceu estar Gride entre portas, intencionalmente ou por confusão. Nicholas empurrou-o com tal violência que ele deu a volta à casa até bater numa parede e cair.

Então, tomando o seu lindo fardo nos braços, saiu apressadamente. Ninguém cuidou em detê-lo.

Passando por uma multidão, atraída pelo acontecimento e carregando com

Madeline, chegou ao trem, onde Kate e a rapariga estava já à espera, confiou-lhes a carga, saltou para o lado do cocheiro e mandou seguir.

## Capítulo LV

Assuntos familiares, cuidados, esperanças, desapontamentos Embora Mrs. Nickleby tivesse sido

posta ao facto da história de Madeline e prevenida da contingência de

a receber, ficou num estado em que nem argumentos, nem explicações podiam levantar-lhe ânimo.

- Jesus meu Deus, Kate - exclamou - Mist'ers Cheeryble não querem que esta jovem se case, porque não fazem um

requerimento ao Ministro da Justiça para a meterem na prisão de Fleet, como salvaguarda? Tenho lido coisas destas nos jornais centos de vezes; ou se eles lhe querem

tanto, como Nicholas diz, porque se não casam com ela. um deles, quero dizer? E supondo mesmo

que não queiram que ela case nem queiram casar com ela, porque há-de

o Nicholas, em nome de não sei o quê, andar por ai a proibir que se proclamem os banhos?

- Não julgo que a mamã compreenda muito bem - disse Kate suavemente.

- Tenho a certeza, Kate, de que és muito delicada - replicou Mrs. Nickleby. - Fui casada e vi outras pessoas casarem-se, na verdade porque não hei-de compreender?

- Sei que tem uma grande experiência, querida mamã, mas quero dizer que talvez neste caso não compreenda muito bem as circunstâncias. Indicámo-las muito por alto, devo dizer.

- Isso devo eu dizer. Isso é muito provável. Não sou responsável por isso, embora, ao mesmo tempo, como as circunstâncias falam por si, tomo a liberdade, meu amor,

de dizer que as compreendo perfeitamente, ainda que tu e o Nicholas possam pensar o contrário.

Porque é tanto barulho por essa Miss Madeline ir casar com alguém

mais velho do que ela? O ceu pobre papá era mais velho do que eu... quatro anos e meio. Jane

Dibabs- os Dibabses viviam numa linda casa branca, com um andar, coberta

todo o ano com hera e plantas trepadeiras, com um delicioso alpendrezinho e madressilvas iguais e

todas as espécies de coisas. Jane Dibabs casou-se com um homem

muito mais velho do que ela, e casar-se-ia apesar de tudo quanto se dissesse em contrário. Eu era

muito amiga dela. Não houve barulho por causa de Jane Dibabs e,

o marido, era um homem muito digno e toda a gente falava bem dele. Então porque havia de haver qualquer barulho por causa desta Madeline?

- O marido dela era muito mais velho e não era da sua escolha. Além disso, o carácter dele é o reverso desse que acaba de descrever. Não vê uma grande distância entre os dois casos?

- perguntou Kate.

A isto Mrs. Nickleby apenas replicou que era muito estúpida, e não devia ter razão e na hora seguinte a boa senhora limitou as suas respostas a Oh, certamente.

Porque lhe perguntou. A sua opinião não tinha consequência. Não tinha importância o que ela dizia e muitas outras coisas do mesmo género.

Neste estado de espírito permaneceu até ao regresso de Nicholas e de Kate com o objecto da sua solicitude, quando, enchendo-se de importância, dispensou uma grande

actividade e interesse pela jovem, recomendando a continuação do procedimento adoptado pelo

filho. Sem precisamente se explicar, considerou feita a fortuna da família

e teve tais visões de riqueza em perspectiva, que era quase tão feliz como se já tivesse tudo isso na mão.

O súbito e terrível choque sofrido com a grande aflicção e ansiedade suportadas por muito tempo, tirou as forças a

Madeline. Saindo do estado de estupefacção, caiu numa grande e perigosa doença, de que se

libertou, contudo, concorrendo para isso as virtudes de Kate, sua enfermeira,

com a sua delicadeza, o seu sorriso meigo, o seu passo leve, a sua mão suave a sua quietude e

alegria. E de tal forma as faces dela lhe faziam lembrar as de Nicholas,

que os não podia separar da mente, encontrando algumas vezes dificuldades em dedicar a um os

sentimentos que lhe tinham inspirado e misturando, imperceptivelmente

na sua gratidão para com o irmão alguns sentimentos dedicados a Kate.

- Minha querida - disse Mrs. Nickleby, entrando no quarto com tal cautela que era mais para abalar os nervos dum doente do que um soldado de cavalaria a todo o galope.

Como se encontra esta noite? Espero que esteja melhor.

- Quase boa mamã - respondeu Kate, pondo o trabalho de lado e tomando a mão de Madeline na sua.

- Kate - advertiu Mrs. Nickleby com reprovação - não fales tão alto.

A digna senhora falara num sussurro que faria gelar nas veias o sangue do homem mais valente.

Kate recebeu esta censura com muito sossego e Mrs. Nickleby, fazendo estalar todas as tábuas do soalho com o seu andar pesado, acrescentou:

- O meu filho Nicholas acaba de chegar e eu vim, conforme o costume, saber da sua boca exactamente como está, pois ele não se fia em mim.

- Ele hoje demorou-se mais do que o habitual - observou Madeline. - Cerca de meia hora.

- Nunca vi ninguém na minha vida para horas, como a menina! - exclamou Mrs. Nickleby com grande assombro. Declaro que nunca fui assim. Nunca faço a mais pequena ideia

de que Nicholas esteja fora de horas... não! Mr. Nickleby costumava dizer - é do teu pobre papá de quem estou a falar, Kate - que o apetite é o melhor relógio do mundo, minha querida Miss Bray. Desejava que tivesse e, palavra, creio que lhe daria aquilo que lhe apetecesse. Não sei de certeza, mas tenho ouvido que duas ou três dúzias de lagosta abrem o apetite, embora isso venha a dar na mesma, pois suponho que se deve ter apetite antes de as comer. Disse lagostas quando queria dizer

ostras, mas decerto é o mesmo, embora realmente queira saber sobre Nicholas.

-Acabamos justamente de falar nele mamã!

-Tu nunca me pareces falar acerca de qualquer coisa, Kate e, palavra, estou absolutamente surpreendida de seres tão desmemoriada. Às vezes arranjas assuntos bastantes para conversares e quando sabes como é importante levantar o espírito de Miss Bray e interessá-la, é-me absolutamente estranho o que te pode levar a falar, sobre

o mesmo tema. És uma enfermeira muito amável, Kate, e muito boa, e creio que compreendes muito bem, mas direi isto. se não foss eu, não sei o que seria do espírito

de Miss Bray, e o mesmo diz o médico todos os dias, não saber como sustento os meus. Tenho a certeza de me maravilhar com frequência

como consigo mantê-los. E um esforço, mas quando vejo como tudo depende de mim nesta casa, sou obrigada a isso. É necessário, faço-o.

Com isto Mrs. Nickleby sentou-se numa cadeira e, durante três quartos de hora falou dos mais variados assuntos, acabando por fim, por ir divertir Nicholas durante

a ceia. A este queixou-se de que Kate não sabia levantar o espírito de Miss Bray, limitando-se a falar dele e dos assuntos da casa, e quando distraiu Nicholas com

estas e outras inspiradas observações, acabou por discorrer sobre os árduos deveres por ela desempenhados durante o dia.

Outras vezes quando Nicholas vinha à noite para casa era acompanhado por Mr. Frank Cheeryble, encarregado pelos irmãos de saber como estava Madeline nessa noite.

Em tais ocasiões, que eram muito frequentes, Mrs. Nickleby suspeitava que Mr. Frank vinha tanto para saber da doente como para ver Kate. De resto os próprios irmãos

vinham também com frequência e recebiam informações todas as manhãs por Nicholas. Nestas ocasiões Mrs. Nickleby, para saber se as suas suspeitas eram infundadas

ou não, desenvolvia uma artilharia de todos os calibres, mostrando-se umas vezes cordial e amiga, outras vezes fria e distante. Noutras ocasiões, quando Nicholas

não estava e Kate se encontrava ocupada junto da amiga doente, a digna senhora insinuava que ia mandar a filha para França, por três ou quatro anos, ou para a Escócia,

para recobrar a saúde abalada pelas últimas fadigas, ou ainda para a América, de visita. Foi mesmo ao ponto de falar numa ligação com um Horatio Peltirogus - um

jovem cavalheiro que devia ter nessa ocasião quatro anos - apenas esperando a decisão da filha.

Uma noite, estando só com Nicholas, sondou-o sobre o assunto que lhe ocupava o espírito, não duvidando não serem da mesma opinião a respeito dele. Com este fim encaminhou

a conversa com observações apropriadas e laudatórias da amabilidade geral de Mr. Frank

Cheeryble.

-Tem razão, mãe - disse Nicholas. - Toda a razão. É um belo rapaz.

-Uma bela aparência também - acrescentou Mrs. Nickleby.

-Uma indiscutível boa aparência - concordou Nicholas.

-Como se pode classificar o seu nariz, meu querido? continuou Mrs. Nickleby, desejando interessar o filho ao máximo, no assunto.

- Classificá-lo? - repetiu Nicholas.

- Sim, que estilo de nariz. qual a ordem de arquitectura, se assim se pode dizer. Não sou muito versada em narizes. Classificá-lo de romano ou grego.

- Palavra, mãe - disse Nicholas rindo - tanto quanto me lembro diria um género composto, um nariz mixto. Mas não tenho uma forte lembrança do assunto e se isso lhe interessa muito, observá-lo-ei mais de perto e dir-lhe-ei.

-Desejava-o - afirmou Mrs. Nickleby com um olhar ardente.

- Muito bem - replicou Nicholas - fá-lo-ei.

Nicholas voltou a atenção para o livro que estava a ler, quando o diálogo acabou. Mrs. Nickleby, depois de parar um bocado, por consideração, voltou a falar:

-Ele é muito teu amigo, Nicholas!

Rindo, Nicholas afirmou ao fechar o livro, ter muito prazer em ouvir isso e observou que a mãe parecia já profunda mente metida nas confidências do seu novo amigo.

- Hein! - exclamou Mrs. Nickleby - Não sei nada disso mas julgo que seja necessário estar alguém nas suas confidências. altamente necessário.

Inchada por um olhar de curiosidade do filho e consciente de estar de posse dum segredo, Mrs. Nickleby continuou com grande animação:

- Tenho a certeza, querido Nicholas, que me parece muito extraordinário como deixaste de o notar, embora não saiba como o deva dizer por causa da forma como as coisas caminham, especialmente de princípio e que sendo claras para as mulheres, passam despercebidas aos homens. Não digo que tenha ideias especiais em tais casos. Posso ter mas não exprimo opinião - não me ficaria bem fazê-lo - e está absolutamente fora da questão. absolutamente.

Nicholas espevitou as velas, pôs as mãos nas algibeiras e, encostando-se na cadeira, deitou um olhar de paciente sofrimento e de melancólica resignação.

- Creio ser o nosso dever, Nicholas, meu querido, dizer-te o que sei, não só por teres direito a saber e conhecer tudo quanto acontece na família, mas porque te compete promover e ajudar muitíssimo o caso. Há muitas coisas que podias fazer, tal como dar um passeio pelo quintal, ou sentar-te um bocado no teu quarto, ou fazeres acreditar que estás a dormir, ou pretender que te esqueceste de alguma coisa e saíres do aposento por uma hora ou mais, levando Mr. Smike contigo. Estas coisas parecem muito simples e estou certa de que te divertes ao dar-lhes tanta importância. Ao mesmo tempo asseguro-te, e acharás por ti quando um dia te enamorares, que muitas coisas dependem destas ninharias. Se o teu pobre papá fosse vivo ele to diria. Decerto não vais sair do aposento dando-lhes á entender, mas sim como se fosse por acaso. Se tossires no corredor antes de abrires a porta, ou assobiasses descuidadamente, ou trauteares uma canção, ou qualquer coisa da género para lhes dares a perceber que vais entrar, é sempre bom.

O profundo assombro com que o filho a contemplou durante este longo discurso serviu para elevar a opinião de Mrs. Nickleby da sua própria esperteza, por isso entrou numa grande quantidade de evidências circunstanciais, o final das quais serviu para demonstrar que Mr. Frank Cheeryble se enamorara desesperadamente de Kate.

-De quem? - exclamou Nicholas.

Mrs. Nickleby repetiu, de Kate.

- O quê! Da nossa Kate. minha irmã!

Jesus, Nicholas - replicou Mrs. Nickleby - que Kate devia ser, se não a nossa. Ou importar-me-ia



com isso, ou tomaria qualquer interesse se fosse outra pessoa sem ser a tua irmã?

-Querida mãe - disse Nicholas - com certeza não pode ser!

- Muito bem, meu querido - retorquiu Mrs. Nickleby com grande confiança - espera e vê!

A Nicholas nunca lhe passara pela cabeça semelhante coisa, se bem que ultimamente estivesse mais tempo fora de casa, mas, ligando pequenos factos que a mãe lhe indicou, era possível acreditar-se no que tão triunfantemente a mãe lhe expunha.

-Estou muitíssimo perturbado pelo que me diz - observou Nicholas depois duma pequena reflexão - embora ainda espere que esteja enganada.

-Não compreendo porque esperas isso, confesso; mas se estás fiado nisso, eu não estou.

- E quanto a Kate? - perguntou Nicholas.

- Isso, meu querido - replicou Mrs. Nickleby - é justamente o ponto com que não estou satisfeita.

Durante esta doença tem estado constantemente à cabeceira de Madeline

- nunca houve duas pessoas tão profundamente amigas uma da outra como elas se tornaram - e para te dizer a verdade, Nicholas, eu tenho-a conservado afastada de vez

em quando, porque julgo ser um bom plano para excitar um jovem. Bèm sabes, assim ele não tem a absoluta certeza.

E disse isto com uma mistura de grande delícia e própria congratulação. Nicholas não quis cortar-lhe as esperanças; mas sentiu que havia à sua frente apenas um caminho honroso e que estava resolvido a seguir.

-Querida mãe - disse ele gentilmente - não vê que se houvesse realmente qualquer inclinação séria da parte de Mr. Frank para com Kate e nos permitissemos, encorajá-la, desempenháramos um papel desonroso e ingrato? Pergunto-lhe se não vê isto; mas não precisa dizê-lo pois sei que não teria sido mais cuidadosa na sua vigilância.

Deixe-me explicar-lhe o meu pensamento. lembre-se como somos pobres. Mrs. Nickleby abanou a cabeça e disse, através de lágrimas, que a pobreza não era um crime.

- Não - retorquiu Nicholas - e por essa razão a po breza deve manter uma honesta altivez que não leve a tentar acções indignas. Lembre-se do que devemos a esses

dois irmãos; lembre-se do que eles têm feito e fazem por nós, com grande generosidade e uma delicadeza, pelas quais a devoção de todas as nossas vidas seria uma

paga imperfeita e inadequada. Que espécie de paga seria essa, permitindo que o sobrinho, o seu único parente, que eles olham como filho e para quem formam planos

adaptados à educação por ele recebida e à fortuna que

tem a herdar, casasse com uma rapariga sem vintém, tão ligada a nós que a irresistível interferência devia ser tomada como uma armadilha; uma especulação concebida

entre os três? Veja o assunto com clareza, mãe. Agora como se sentiria se eles se apaixonassem e os irmãos, vindo aqui num dos seus amáveis propósitos, como cá

os trazem com frequência, lhes tivesse de dizer a verdade? Julgaria ter feito um acto honesto e leal? A pobre Mrs. Nickleby, chorando cada vez mais, murmurou que decerto Mr. Frank pediria primeiro o consentimento dos tios.

- Com certeza que o colocaria numa melhor situação para com eles - argumentou Nicholas - mas ainda assim ficáva mos sujeitos a suspeitas; a distância entre nós continuaria a ser muito grande. Tenho a confiança em Kate para saber que ela pensa como eu, e em si, querida mãe, para ter a certeza que após uma pequena reflexão, fará o mesmo.

Depois de muitos pedidos, Nicholas obteve a promessa de Mrs. Nickleby fazer como ele desejava, e se Mr. Frank con tinuasse com as suas atenções, procuraria desencorajá-lo, ou, pelo menos, não ajudar. Ele determinou nada dizer a Kate enquanto não visse a necessidade de o fazer e resolveu, na medida do possível, observar pessoalmente a exacta posição do caso. mas foi impedido de a pôr em prática devido a nova fonte de ansiedade e inquietação.

Smike tornou-se assustadoramente doente, tão consumido e exausto que mal podia ir dum aposento para outro sem ajuda, e tão fraco e emaciado que era um dó vê-lo.

Nicholas foi avisado pelo mesmo médico a quem a principio recorrera, que a última probabilidade e esperança da sua vida dependia de ser tirado imediatamente de Londres.

Aquela parte do De vonshire onde Nicholas tinha sido criado foi indicada como o lugar mais favorável, mas este conselho foi cautelosamente acompanhado com a informação de estarem preparados para o pior.

Os amáveis irmãos, que estavam a par da história triste da pobre criatura, despacharam o velho Tim para assistir à consulta. Nessa mesma manhã Nicholas foi convidado pelo irmão Charles para ir ao seu escritório particular, dirigindo-se-lhe assim:

-Meu caro senhor, não há tempo a perder. Esse garoto não morrerá se os meios humanos que podemos usar lhe salvarem a vida. Nem morrerá abandonado num lugar estranho.

Leve-o amanhã de manhã; veja se ele tem todo o conforto e não o deixe. não o deixe, meu caro senhor, até ver que já não há um perigo imediato. Seria duro, na verdade, separá-lo agora... visitá-lo esta noite, sir; Tim visitá-lo-á esta noite com uma ou duas palavras de despedida. Irmão Ned, meu querido rapaz, Mr. Nickleby espera para te apertar a mão e dizer-te adeus! Mr. Nickleby não se ausentará por muito tempo; esse pobre rapaz estará melhor dentro em pouco... e procurará alguns bons camponeses onde o deixar, indo lá algumas vezes vê-lo, Ned, bem sabes - e não há motivo para desfalecimentos, pois ele em breve estará melhor. não estará, Ned?

O que Tim Linkinwater disse, ou levou consigo nessa noite, não há necessidade de contar. Na manhã seguinte Nicholas e o seu companheiro iniciaram a viagem. Só aqueles que nunca encontraram um olhar amável, ou ouviram uma palavra de simpatia, podiam dizer quanto sofrimento moral, quantos pensamentos, quanta tristeza estavam envolvidos naquela pesada separação.

-Vê - gritou Nicholas com veemência, olhando pela janela do carro - estão ainda à esquina da azinhaga. Agora é Kate - pobre Kate, de quem disseste que te não podias despedir - acenando com o lenço. Não deixes de fazer um gesto de adeus a Kate!

-Não posso fazê-lo - exclamou o seu trémulo companheiro, encostando-se ao assento e cobrindo os olhos. - Vê-a agora? Ela ainda lá está?

-Sim - respondeu Nicholas. - Está outra vez a acenar com a mão respondi-lhe por ti... e agora estão fora de vista. Não dês curso a tanta amargura. Hás-de encontrá-los de novo.

O encorajado levantou as descarnadas mãos e juntou-as.

-No Céu, como humildemente peço a Deus, no Céu! Soou como uma prece dum coração dilacerado.

## CAPÍTULO LVI

Ralph Nickleby, derrotado pelo sobrinho no seu último projecto, inventa um plano de retaliação que o acidente lhe sugere

e consegue um experimentado auxiliar

Voltamos ao momento em que Ralph Nickleby e Arthur Grime ficaram juntos na casa onde a morte tão subitamente frustrou os seus escuros projectos.

Com as mãos enclavinadas e os queixos comprimidos, Ralph permaneceu por alguns minutos na atitude ordenada pelo sobrinho, respirando com força, imóvel, como uma estátua de bronze. Depois de algum tempo começou a acalmar-se e, agitando os punhos para a porta por onde o sobrinho desaparecera, voltou-se e encarou o outro menos valente usurário, ainda estendido no chão. O miserável cobarde, cujos membros se agitavam ainda e cujos raros cabelos brancos tremiam na cabeça, levantou-se quando encontrou o olhar de Ralph e, escondendo a cara nas mãos, protestou, enquanto coxeava para a porta, que a culpa não era dele.

- Quem disse isso, homem? - perguntou Ralph numa voz reprimida. - Quem disse isso?

-O senhor olhou como se me fosse culpar - respondeu Grime timidamente.

-Pataratas! - murmurou Ralph, forçando uma gargalhada.

- Culpo-o a ele, desejando que não viva mais duma hora. mas não culpo mais ninguém.

- Mais nin. nin. guém? - inquiriu Gride.

- Não por este infortúnio - respondeu Ralph. - Tenho uma conta a ajustar com esse... esse jovem que lhe levou a noiva, mas agora não há nada a fazer com esse valentão, porque em breve havemos de nos livrar dele sem ser por este maldito acidente.

A calma apresentada por Ralph Nickleby era tão pouco natural e sua expressão tão medonha, que o cobarde Gride teve mais medo dele do que teria se visse à frente o corpo morto.

-A carruagem - disse Ralph depois dum tempo, durante o qual esteve a lutar, como um homem forte, contra um acesso. - Viemos de carruagem. Ela está. à espera?

Gride aproveitou, contente, o pretexto para ir ver à janela e Ralph, conservando a cara firmemente voltada para o outro lado, rasgou a camisa com a mão que metera no peito, murmurando num sussurrar medonho:

-Dez mil libras. A soma exacta paga apenas ontem por duas hipotecas e que teriam sido outra vez amanhã emprestadas com um bom juro. Se essa casa faliu e ele foi o primeiro a trazer a notícia!. A carruagem está aí?

- Sim - respondeu Gride, assustado pelo tom feroz da pergunta. - Está ali, meu Deus, que homem colérico o senhor é!

-Venha cá - disse Ralph, acenando-lhe. - Não devemos mostrar que estamos perturbados. Vamos descer de braço dado.

- Mas o senhor faz-me nódoas negras - queixou-se Gride, torcendo-se com dores.

Ralph puxou-o com impaciência e desceu as escadas com passo firme e pesado, e entrou na carruagem. Arthur Gride seguiu-o. Depois de olhar duvidosamente para Ralph, quando o cocheiro perguntou para onde devia seguir, e vendo que ele ficava silencioso, Arthur indicou a sua casa e foi para lá que seguiram.

Durante o caminho, Ralph, de braços cruzados, com o queixo metido no peito e os olhos completamente ocultos pelas sobranceiras, não disse uma palavra, parecendo dormir. Só quando a carruagem parou é que levantou os olhos e perguntou onde estavam.

- Na minha casa - informou o desconsolado Gride, talvez impressionado pela solidão. - Oh, meu Deus, é a minha casa!

- É verdade, confirmou Ralph. - Não tinha observado o caminho por onde viemos. Gostava dum copo de água. Suponho que a tenha em casa!

- Terá um copo de. qualquer coisa que queira - respondeu Gride com um gemido. - Não serve de nada bater, cocheiro. Toque a campainha.

O homem tocou, tocou, tocou e fartou-se de tocar; depois bateu até fazer eco na rua; em seguida escutou pelo buraco da fechadura. Não veio ninguém. A casa estava silenciosa como um túmulo.

- O que é isto? - perguntou Ralph com impaciência.

- A Peg é muito surda - informou Gride com um olhar de ansiedade e aflição. - Oh, meu Deus! Torne a tocar, cocheiro. Ela v a campainha.

O homem tornou a tocar e a bater por diversas vezes. Alguns vizinhos abriram as janelas e disseram uns para os outros que a governanta do velho Gride devia ter morrido.

Outros emitiram a opinião dela estar a dormir; outros de se ter embriagado, e um homem gordo afirmou que ela vira tanto para comer, que tivera um colapso. Esta última sugestão foi particularmente acolhida com prazer pelos circunstantes, que a aprovaram com gritos e houve dificuldades em afastá-los para deixarem o campo livre a fim de arrombarem a porta da cozinha e verificar o que havia. Isto não foi tudo. Tendo-se espalhado que Arthur ia casar nessa manhã, fizeram-lhe perguntas sobre a noiva, o que a maioria julgava estar disfarçada na pessoa de Mr. Nickleby e levantou muita indignação jocosa no público a aparição duma noiva de botas e calças.

Por fim os dois usurários obtiveram abrigo numa casa a seguir e tendo-se-lhe fornecido uma escada de mão, treparam para o muro do pátio, e desceram a salvo para

o outro lado.

- Declaro que tenho medo de entrar - confessou Arthur, voltando-se para Ralph, quando ficaram sós.  
- Supunhamos que foi assassinada. e está com os miolos à vista.

hein?

- Supunhamos que estava. Digolhe que desejava que essas coisas fossem mais comuns do que são, e feitas mais facilmente. Você pode abrir os olhos e tremer. Eu vou!

Depois de beber água tirada da bomba do pátio e de refrescar a cara e a cabeça, adquiriu a sua costumada maneira, entrando em casa seguido de Gride.

Os dois usuários percorreram a casa desde a cave até ao sótão, mas Peg não estava lá. Por fim, sentaram-se no aposento onde Arthur Gride usualmente estava, para descansar depois desta busca.

- A bruxa saiu para preparar alguma coisa para a festa do casamento, disse Ralph, dispondo-se a partir. - Veja aqui. Destruo o compromisso. Não temos necessidade dele agora.

Gride, que tinha andado a perscrutar todos os cantos do aposento, caiu de joelhos diante dum grande cofre e soltou um terrível grito.

- O que temos agora? - perguntou Ralph, olhando em redor.

- Roubado! roubado! - guinchou Arthur Gride.

- Roubado! Em dinheiro?

- Não, não, não. Pior! Muito pior!

- Então de quê? - inquiriu Ralph.

- Pior do que dinheiro! - gritou o velho, tirando os papéis do cofre. - Era melhor que tivesse roubado dinheiro. não

tenho muito! Era melhor, ter-me reduzido a estender a mão à caridade do que ter feito isto!

- Feito o quê? - inquiriu Ralph. - Velho tonto? Gride não deu resposta, mas esgaravatou e arrebatou os papeis com violência e uivou como um demónio posto a tormentos.

- Falta qualquer coisa. O que é? - interrogou Ralph, abanando-o furiosamente pelo colarinho.

- Papeis. escrituras. Sou um homem arruinado. perdido. Estou roubado, estou arruinado. Ela viu-me a lê-lo. ultimamente. fazia-o frequentemente. Espreitou-me, viu-me metê-lo na caixa. a caixa foi-se. ela roubou-a. Maldição!

- Mas o quê? - gritou Ralph, em quem parecia ter-se feito uma súbita luz, pois os olhos dardejaram e o corpo tremeu de agitação ao ver o braço ossudo de Gride. -

Mas o quê?

- Ela não sabe o que é, não sabe ler - gemeu Gride, não prestando atenção às perguntas. - Era o único canal por onde o dinheiro podia vir e este foi roubado por

ela. Alguém lhe lerá e lhe dirá o que tem a fazer. Ela e o seu cúmplice podem arranjar dinheiro e, além disso, perderem-me. Farão disso um mérito. dizem que o encontraram.

conheciam-no. e a evidência é contra mim. A única pessoa sobre quem isto recairá sou eu. eu... .

- Paciência - aconselhou Ralph, apertando cada vez mais o braço e olhando-o de esguelha, tão fixo e ardente que indicava ter algum propósito escondido. - Ouça a

razão. Ela não pode ter ido longe. Chamemos a polícia. Você dá informações do que ela lhe roubou e eles deitam-lhe a mão; confie em mim. Aqui. socorro!

- Não! não não! - gritou o velho, pondo a mão na boca de Ralph. - Não posso, não me atrevo.

- Socorro! Socorro! - continuou Ralph.

- Não! não! não! - ganiu o outro. - Digo-lhe que não! Não me atrevo!

- Não se atreve a tornar público este roubo? - perguntou Ralph com ímpeto.

- Não - respondeu Gride, torcendo as mãos. - Silêncio! Nem uma palavra sobre isto. Estou perdido.

Para qualquer lado que me volte estou perdido. Fui traído. Estou

desamparado. Morrerei em Newgate!

Com frenéticas exclamações como estas e muitas outras, o miserável foi diminuindo a sua primitiva veemência até che gar a um gemido, quando descobria alguma nova perda entre os papeis que estavam no cofre. Pedindo muito pouca desculpa por partir tão

subitamente, Ralph deixou-o, desapontando os curiosos, dizendo-lhes que não havia nada e meteu-se no carro para casa.

Na mesa estava uma carta. Deixou-a lá durante algum tempo como se não tivesse coragem de a abrir, mas por fim abriu-a e tornou-se pálido de morte.

- Aconteceu o pior - disse ele. - Faliu a casa. Estou a ver. o rumor andava pela City a noite passada e chegou aos ouvidos destes comerciantes. Bem. bem. Pôs-se a andar com violência dum lado para o outro e parou de novo.

- Dez mil libras! E apenas estavam lá por um dia. por um dia! Quantos anos de ansiedade, quantos dias de aflição, quantas noites sem dormir, antes de juntar essas dez mil libras. Quantas dames orgulhosas teriam sorrido e adulado e quantos gastadores me lisonjeariam pela frente, amaldiçoando-me pelas costas, enquanto essas dez mil libras me rendiam vinte! Que discursos suaves e olhares corteses e cartas delicadas! A giria do falso mundo é que os homens como eu abarcam com as riquezas por dissimulação e deslealdade. Quantas mentiras, quantos vis e abjectos subterfúgios, quanto humilde procedimento dos filhos da fortuna que, se não fosse o meu dinheiro, me escorraçariam, como fazem aos seus superiores todos os dias, me teriam dado estas dez mil libras! Concedo que a tenha duplicado - feito cem por cento, pois cada soberano chama outro; não haveria uma moeda nesse monte que não representasse dez mil mentiras vis e desprezíveis, ditas, não pelo emprestador, mas pelos que pedem dinheiro emprestado.

Esforçando-se, como parecia, em perder parte da amargura das suas tristezas na amargura destes e outros pensamentos, Ralþh continuou a passear no aposento. Por fim sentou-se na cadeira e passando-lhe as mãos pelos braços com tanta força, que rangeram, disse entre dentes:

- Houve um tempo em que nada me teria irritado como a perda desta grande quantia... nada, como nascimentos, mortes, casamentos e qualquer acontecimento de interesse para a maioria dos homens, tinha interesse para mim. Mas agora, juro, junto à perda o triunfo de a anunciar. Se ele alcançou o seu intento - quase sinto que sim

- não o posso odiar mais. Deixem-me pagar-lhe na mesma moeda, deixem-me começar a levar a melhor sobre ele, deixem-me voltar os pratos da balança e posso então medrar.

A sua meditação foi longa e profunda. Terminou mandando uma carta por Newman, dirigida a Mr. Squeers, em Saracen's Head, com instruções para ele perguntar se o senhor já tinha chegado à cidade e, no caso afirmativo, para esperar pela resposta. Newman trouxe a informação de que Mr. Squeers viera essa manhã na diligência e recebera a carta na cama, mas mandava os seus cumprimentos, informando que se ia levantar para ir ter imediatamente com Mr. Nickleby.

O intervalo entre a entrega deste recado e a chegada de Mr. Squeers foi muito curto, mas antes dele chegar, Ralph tinha feito desaparecer qualquer sinal de emoção e mais uma vez readquiriu a maneira dura, e inflexível que lhe era habitual.

- Então, Mr. Squeers - disse ele dando as boas-vindas a este benemérito com o seu costumado sorriso, de que um vivo olhar e um pensativo franzir de sobrancelhas eram parte integrante. - Como está?

- Lindamente bem, sir - respondeu Mr. Squeers. - Assim como a família e os rapazes, excepto uma espécie de brotoeja que deu na escola e tirou o apetite a bastantes deles. Mas o mau vento que sopra não é bom para ninguém, é o que digo sempre quando os rapazes têm visitas. Uma visita, sir, é uma data de mortandades. A própria mortandade, sir, é uma visita. O mundo está completamente cheio de visitas e se um rapaz se comove com a visita e se se mostra inconsolável com o barulho, deve ter a cabeça furada. Isto está nas Escrituras.

- Mr. Squeers - disse Ralph secamente.

- Sir.

- Pomos de parte esses preciosos trechos de moralidade, e conversemos de negócios.

- Com todo o meu coração, sir - replicou Squeers - mas primeiro deixe-me dizer.
- Primeiro deixe-me dizer, se me dá licença. Noggs! Newman apresentou-se quando o chamamento foi duas ou três vezes repetido, perguntando se o patrão chamava.
- Chamei. Vá ao seu jantar. imediatamente. Ouviu?
- Não são horas - lembrou Newman, aborrecido.
- na altura em que eu quiser e sei que são horas - retorquiu Ralph.
- O senhor altera isto todos os dias - resmungou Newman. - Não é bonito!
- Você não ocupa muitos cozinheiros e pode facilmente desculpar-se para com eles pelo transtorno. - Vá-se embora!

Ralph não só deu esta ordem da maneira mais terminante, mas, com o pretexto de ir procurar alguns papeis ao escritório, viu se ele obedecia, e quando Newman abandonou a casa, trancou a porta para evitar o seu possível regresso, secretamente, por meio da chave do trinco.

- Tenho razões para suspeitar deste tipo - confessou Ralph quando voltou ao seu escritório. - Por isso, até ter pensado na forma mais expedita e de menor trabalho para o perder, acho melhor conservá-lo a distância.

- Não deve ter muito trabalho para o perder, penso eu - disse Squeers com um sorriso.
- Talvez não - concordou Ralph. - Nem para perder um grande número de pessoas do meu conhecimento. Você ia a dizer.

A forma sumária e natural de Ralph mostrar este exemplo e de emitir a insinuação que se lhe seguiu, teve, evidentemente, efeito em Mr Squeers o qual disse, depois duma pequena hesitação e num tom mais reprimido:

-O que ia a dizer, sir, é que este negócio referente a esse ingrato e endurecido rapaz, Snawley, senior, põe-me fora de mim e além disse ocasiona uma inconveniência completamente sem igual, fazendo de Mrs. Squeers uma perfeita viúva durante toda a semana. É um prazer para mim trabalhar consigo, decerto.

- Decerto - repetiu Ralph, secamente.
- Sim continuou Mr. Squeers, esfregando os joelhos, mas ao mesmo tempo quando uma pessoa vem, como eu agora com mais de duzentas e cinquenta milhas para fazer um depoimento, isso põe um homem fora de si deixando só o risco.
- E onde pode estar o risco, Mr. Squeers? - perguntou Ralph.
- Eu disse, deixando só o risco - replicou Squeers evasivamente.
- E eu disse, onde estava o risco?
- Não me estava a queixar, Mr. Nickleby - desculpou-se Squeers. - Palavra, nunca uma tal.
- Eu pergunto-lhe, onde está o risco? - repetiu Ralph, enfaticamente.
- Onde está o risco? - retorquiu Squeers, esfregando os joelhos ainda com mais força. - Não é necessário mencionar. certos assuntos é melhor evitá-los. O senhor sabe o risco de que falo.

-Quantas vezes já lhe tenho dito e quantas terei ainda que lhe dizer, que você não correu risco? O que você jurou, ou o que lhe foi pedido para jurar, foi apenas que, em tal tempo lhe foi entregue um rapaz com o nome de Smike; que ele esteve na sua escola por um certo número de anos, que desapareceu em tais circunstâncias e foi agora encontrado e identificado por si, em tal e tal guarda. Tudo isto é verdade. não é?

- Sim - respondeu Squeers-tudo isso é verdade.
- Então bem - disse Ralph. - Que risco correu? Quem jurou uma mentira se não Snawley. um homem a quem paguei muito menos do que a si?
- Ele certamente fez isso barato, o Snawley - observou Squeers.
- Ele fê-lo barato! - replicou Ralph de mau humor. - Sim, e fê-lo bem, representando com uma cara hipócrita e um ar de santarrão, mas você... risco! O que entendz por risco? Os certificados são todos genuínos; Snawley tinha outro filho, foi casado duas vezes, a sua primeira mulher está morta, ninguém, a não ser o seu fantasma,

podia dizer que ela não tinha escrito a carta, nem mesmo o próprio Snawley pode dizer que ele não é seu filho e que o seu verdadeiro filho foi comido pelos vermes!

O único perjúrio é de Snawley e imagino que está bem acostumado a ele. Onde está o seu risco?

- Ora, o senhor sabe - respondeu Squeers mexendo-se desassossegadamente na cadeira - e se vamos a isso pergunto, onde está o seu?

- Podia dizer onde está o meu - retorquiu Ralph - pode dizer onde está o meu. Eu não apareço no negócio. nem você. Todo o interesse de Snawley é fazer finca pé na história que ele contou, e todo o risco está no mais pequeno desvio. Fale do seu risco na conspiração!

- Escute - advertiu Squeers, olhando em volta, pouco à vontade - não chamo a isso. um favor, não!

- Chame-o como quiser - disse Ralph irritado - mas atenda-me. Esta história foi originalmente fabricada como um meio de aborrecer aquele que feriu o seu comércio e quase o pôs às portas da morte, e permitir a si reapossar-se dum escravo meio pateta que você desejava reaver, porque embora lhe satisfizesse vingar-se nele pela parte que tomou no caso, você sabia que o melhor castigo que podia infligir ao seu inimigo era ele saber que o rapaz estava de novo em seu poder. Não é assim, Mr. Squeers?

- Ora, sir - replicou Squeers, quase vencido pela determinação de Ralph em voltar o assunto contra si - dum maneira foi.

- O que quer isso dizer? - perguntou Ralph sossegadamente.

- Ora, numa maneira de meios - explicou Squeers - pode ser assim, mas não foi tudo por minha causa, porque o senhor tinha também uma velha conta a ajustar.

- Se não tivesse imagina que o ajudaria?

- Não, não supunha que o fizesse - respondeu Squeers. Apenas queria esse ponto muito bem regulado e ajustado entre nós.

- Como podia ser de outra forma? Com exceção do caso ser contra mim por ter dispendido dinheiro para satisfazer o meu ódio e você embolsá-lo para satisfazer o seu.

Você é, pelo menos, tão avarento quanto vingativo. e eu também. Qual é o melhor dos dois? Você, que ganhou dinheiro e se vingou ao mesmo tempo e que está, certo do dinheiro, se não da vingança, ou eu, que tenho a certeza de ter gasto dinheiro em qualquer caso e não posso vingar-me?

Como Mr. Squeers apenas pôde responder a este interrogatório por encolhidelas de ombros e sorrisos, Ralph pediu- lhe, desabridamente, para estar calado, agradecendo que se fosse embora se não estivesse; e depois, fixando os olhos duramente nele, continuou a explicar.

Primeiro, que Nicholas se atravessara num plano por ele formado para casamento de certa jovem e, na confusão da morte súbita do pai, se apossara da jovem e a levava

em triunfo. Segundo, que por qualquer testamento ou contrato, certa mente qualquer documento escrito que devia conter o nome da jovem e podia, por isso, ser facilmente seleccionado de entre outros, se o acesso ao sítio onde foi depositado fosse conseguido, herdando- lhe bens - e se a existência deste documento fosse conhecida dela

- faria o marido, e Ralph fez ver que Nicholas tinha a certeza de casar com ela) um homem rico e próspero, e um inimigo formidável. Terceiro, que este documento tinha sido roubado com outros, de quem o tinha obtido ou ocultado fraudulentamente e receava dar quaisquer passos para o recuperar, e que ele, Ralph, conhecia o ladrão. Tudo isto Mr. Squeers escutou com ouvidos atentos, devorando todas as sílabas e o seu único olho e a boca, abertos, maravilhado

por que especial razão era honrado com esta tão grande confiança de Ralph.

- Agora - continuou Ralph, inclinando-se para a frente e pondo a mão no braço de Squeers-ouça o plano que concebi e que devo, ouça, devo, se puder amadurecê-lo, pô-lo em execução. Não há nenhuma vantagem em tornar conhecida essa escritura, seja qual for, a não ser pela própria rapariga, ou pelo marido, e a posse deste documento,

por um ou outro é indispensável para conseguirem o respectivo proveito. Quero que essa escritura seja trazida para aqui e dou ao homem que a trouxe cinquenta libras em ouro e reduzo-a a cinzas em frente dele.

Mr. Squeers, depois de seguir com o único olho o gesto da mão de Ralph para o fogão, como se estivesse nesse momento a queimar o papel, deu um grande suspiro e disse:

- Sim, mas quem a trará?

- Talvez ninguém por haver muito que fazer antes de o apanhar - respondeu Ralph. - Mas se for alguém. é você!

Os primeiros sinais de consternação de Mr. Squeers e a sua pura renúncia da tarefa teriam abalado muitos homens, se não ocasionasse até um completo abandono do projecto.

Em Ralph, não produziram o menor efeito. Depois do mestre-escola ter feito um discurso de perder o fôlego, Ralph continuou a apresentar as características do caso, como achou mais aconselhável para conseguir o ponto principal.

Estas eram a idade e a fraqueza de Mrs. Sliderskew e a improbabilidade de ter um cúmplice; a dificuldade dela fazer uso de documentos cuja natureza ignorava; a comparativa facilidade de alguém, que fosse ter com ela, em meter-lhe medo, no caso de ser necessário, insinuar-se na sua confiança e obter a posse da escritura. A isto havia a acrescentar o facto de residir Mr. Squeers muito distante de Londres, ninguém o poder reconhecer agora, nem depois; a impossibilidade de Ralph se ocupar do trabalho por ela o conhecer de vista. Em aditamento, Ralph pintou com muita habilidade o desapontamento de Nicholas casando com uma pedinte, julgando fazê-lo com uma herdeira e, finalmente, deu a entender que as cinquenta libras podiam ser aumentadas para setenta e cinco, ou, no caso dum sucesso muito grande mesmo para cem.

Concluidos, por fim, estes argumentos, Mr. Squeers cruzou as pernas, coçou a cabeça esfregou o olho, examinou as palmas das mãos, mordeu as unhas e depois de exhibir muitos outros sinais de desassossego e indecisão, perguntou se cem libras era o máximo até onde Mr. Nickleby poderia ir. Tendo-lhe sido respondido afirmativamente, tornou-se de novo inquieto e depois de pensar outra vez e de receber uma negativa à resposta, se não podia ir até mais cinquenta, disse supor poder tentar fazer o impossível por um amigo, o que tinha sido sempre a sua máxima, portanto, tomava conta do caso.

- Mas como alcança o senhor, a mulher? - perguntou ele.

- Isso é o que me intriga.

- Posso não a alcançar - respondeu Ralph - mas tentarei. Tenho há muito tempo na cidade gente perseguida, que devia mais esconder-se do que ela, e conheço sítios onde um guinéu ou dois, bem gastos, resolvem muitas vezes casos mais complicados do que este. e também os conservam fechados, se for necessário! Ouço o meu empregado a tocar à campainha. Temos de nos separar. É melhor você não andar para cá e para lá, e aguardar até receber notícias minhas.

- Bem - retorquiu Squeers - Ouça. Se o senhor a não encontrar paga as despesas em Saracen e alguma coisa pela perda de tempo.

- Bem, sim - concordou Ralph com modo rabugento. Não tem mais nada a dizer?

Squeers abanou a cabeça e Ralph, acompanhando-o à porta da rua, surpreendeu-se, para conhecimento de Newman, de estar a porta trancada como se fosse noite; deixou entrar este e sair Squeers, voltando depois para o seu escritório.

- Agora - murmurou aborrecido - venha o que vier, estou firme e inabalável. Que consiga ao menos recuperar uma pequena porção da minha perda e da minha desgraça; que consiga ao menos desfeiteá-lo nesta sua única esperança, querida para o seu coração, como sei que deve ser; que ao menos consiga isto e será o primeiro elo duma cadeia tal que eu passarei em volta dele e tão forte como nenhum homem ainda forjou.

## Capítulo LVII

Como o ajudante de Ralph Nickleby empreendeu a sua missão



e a levou a cabo.

Numa noite escura, húmida e carregada de Outono, estava num quarto das águas-furtadas duma casa miserável, situada numa rua obscura, ou antes num pátio junto de Lambeth, um homem, cego dum olho, sentado só e grotescamente vestido, por falta de melhores roupas ou por disfarce. Neste sítio tão fora das suas ocupações habituais e tão pobre e miseravelmente, vestido, Mrs. Squeers não obstante a sua sagacidade e ternura de esposa, teria dificuldade em reconhecer o seu senhor. Mas era o esposo de Mrs. Squeers, com ar bastante desconsolado, apesar da companhia duma garrafa preta, que se encontrava na mesa em frente dele. Não se notavam, certamente, atracções especiais no quarto miserável e nu onde se encontrava, nem na rua porca, lamacenta e deserta. Mr. Squeers continuava a olhar desconsoladamente em redor, a escutar os barulhos lá de fora e a levar o copo à boca de vez em quando, até que o aumento da escuridão o aconselhou a espreitar a vela. Erguendo os olhos para o tecto, proferiu o seguinte solilóquio:

- Bem, é uma linda animação!. Uma invulgar e linda animação! Aqui tenho estado, há tantas semanas, quase seis, seguindo essa bendita viúva, uma pobre ladra. - Mr.

Squeers

saiu-se deste epíteto com grande esforço e dificuldade - e Dotheboys Hall desgovernado. Isto é o pior que me podia acontecer, com um tipo audacioso como esse velho Nickleby. Nunca se sabe o que ele faz com as pessoas e se se está a trabalhar por um péni, ou por uma libra.

Esta observação recordou, talvez, a Mr. Squeers que estava ali por cem libras; de qualquer forma a expressão suavizou-se e levou o copo à boca com um ar de maior satisfação do que evidenciara antes.

- Nunca vi - continuou Mr. Squeers no seu solilóquio para seguir o fio duma coisa como esse velho Nickleby. nunca. Está fora da compreensão de toda a gente. É o que se pode chamar um furão, este Nickleby. É ver como o velhaco finoriamente remexe tudo, dias após dias, dirigindo, furando e agitandw-se até descobrir onde essa preciosa Mrs. Sliderskew se escondeu e desbravou o chão para eu trabalhar... arrastando-se, deslizando, insinuando-se como uma nojenta cobra. Ah! teria feito um bom lugar na nossa especialidade, mas seria limitado demais para ele; o seu génio teria ultrapassado todos os limites, derrubado todos os obstáculos, quebrado tudo à sua frente até se erguer num munumento de. Bem, pensarei no resto e digo-o quando for conveniente!

Pon do um ponto final nesta altura às suas reflexões, Mr. Squeers levou de novo o copo à boca e tirando uma carta suja da algibeira, começou a estudar o seu conteúdo com o ar dum homem que a lia com frequência e refrescava agora a memória mais por falta de melhor divertimento do que por qualquer específica informação.

- Os porcos estão bons- disse Mr Squeers- as vacas estão boas e os rapazes são uns parvos. O jovem rebento tem estado com os olhos fechados, não tem? Eu fecho-lhos de todo quando voltar. O Cobbey persiste em torcer o nariz quando está a jantar e disse que a carne era tão dura como quem a fez. Muito bem, Cobbey, veremos se torces o nariz um pouco, sem carne. O Pitcher apanhou outra febre, decerto apanhou e sendo procurado pelos amigos, morreu no dia seguinte ao de chegar a casa, decerto morreu e agora é enterrá-lo. Não havia outro rapaz na escola, a não ser esse, para morrer exactamente no fim do trimestre, vivendo à minha custa até ao último dia e levando o seu rancor até à máxima extremidade O mais novo dos Palmers disse que desejava estar no céu. Realmente não sei o que se há-de fazer com esse rapazinho; tem sempre o desejo de qualquer coisa horrível. Uma vez disse que desejava ser burro porque não teria um pai que não gostasse dele! Lindo, para uma criança de seis anos!

Mr. Squeers ficou tão comovido pela meditação sobre esta difícil natureza numa criança tão nova que, zangado, pôs a carta de lado e procurou num novo curso de ideias

um assunto de consolação.

- Há muito tempo que estou detido em Londres - comentou ele - e este buraco é precioso para se vir viver, seja apenas

por uma semana, ou mais. Contudo, cem libras são cinco rapazes, e cinco rapazes levam um ano inteiro para pagar cem libras e, além disso tem de se subtrair a sua manutenção. Por estar uma pessoa aqui nada se perde, porque os dinheiros dos rapazes vêm na mesma como se eu estivesse em casa, e Mrs. Squeers mantém-nos na ordem.

Há-de haver, decerto, algum tempo perdido para recuperar. haverá uns castigos em atraso que se têm de pôr em dia; contudo, uns dois dias põem isso certo e uma pessoa não faz questão por um pequeno trabalho extraordinário, por cem libras. já uma bela ocasião de aguardar a velha. Pelo que ela me disse ontem à noite, suspeito ser completamente bem sucedido e será esta noite. Portanto, vamos a mais meio copo para desejar o meu sucesso e dar-me inspiração. Mrs. Squeers, minha querida, à tua saúde.

Olhando sorrateiramente com o único olho, como se a senhora por quem bebera estivesse presente, Mr. Squeers, sem dúvida no seu entusiasmo encheu o copo até acima; e como o líquido não tinha misturas e recorrera já à mesma garrafa mais duma vez, não é de surpreender que se encontrasse, nesta altura, num estado de extrema alegria e bastante excitado para o seu propósito. Qual fosse esse propósito depressa apareceu, por que depois dumas voltas em redor do quarto para se manter firme, meteu a garrafa debaixo do braço, com o copo na mão e, soprando a vela como se tencionasse estar ausente durante algum tempo saiu subitamente e dirigiu-se devagar para uma porta em frente da sua, à qual bateu de mansinho.

- Mas para que serve estar a bater? - observou ele. - Ela nunca ouve. Suponho que não esteja a fazer nada de especial, mas se estiver não tem importância que eu veja.

Com este breve prefácio, Mr. Squeers deu a volta ao trinco da porta e, metendo a cabeça para dentro dum quarto de sótão muito mais deplorável do que aquele que acabara de deixar e vendo que não havia mais ninguém no quarto, além duma velha curvada sobre um miserável lume, pois embora o tempo estivesse ainda quente, as noites eram frias, entrou e bateu- lhe no ombro.

- Então, minha Slider - disse Squeers jocosamente.

- você?- perguntou Peg.

- Sou eu, e eu é a primeira pessoa do singular, caso nominativo, concordando com o verbo ser - respondeu Mr. Squeers. - Pelo menos se não é, você não fica a saber mais, e se é, disse isto acidentalmente.

Dando esta resposta no seu costumado tom de voz, o qual, decerto, era inaudível para Peg, Mr. Squeers puxou um banco para o pé do lume e, colocando-se em frente dela com a garrafa e o copo no chão entre eles, rugiu em voz muito alta:

-Então, minha Slider!

- Eu ouço-o - disse Peg, recebendo-o muito graciosamente.

- Vim de acordo com a sua promessa.

-Assim costumam eles dizer nessa parte do país donde venho - observou Peg complacentemente - mas julgo que o óleo é melhor.

- Melhor do que quê? - rugiu de novo Squeers, acrescen tando uma palavra bastante forte, a meia voz.

- Não - disse Peg - decerto não.

- Nunca vi um monstro como este! - murmurou Squeers, olhando tão amigavelmente quanto pôde, porque os olhos de Peg estavam cravados nele e gargalhava terrivelmente como se estivesse deliciada por ter dado uma resposta arguta. - Vê isto? É uma garrafa!

- Vejo - respondeu Peg.

- Bem, e vê isto? - berrou Squeers. - Isto é um copo. -Peg também o via.

- Veja isto, então - disse Squeers, acompanhando a palavra com a acção. - Encho o copo com a garrafa e digo, à sua saúde, Slider, e esvaziou-o. Depois lavo-o delicadamente com uma pequena gota que sou forçado a deitar no lume. olá, temos o fogo de novo avivado... encho-o outra vez e entrego-lho.

- A sua saúde! - replicou Peg.

- Ela compreend isto - murmurou Squeers; observando Mrs. Sliderskew a despachar o líquido, sufocada e procurando respirar depois de beber - Agora vamos conversar.

Como vai o reumatismo?

Mrs. Sliderskew, com muitas pestanejadelas, gargalhadas e olhares expressivos da sua grande admiração por Mr. Squeers, da sua pessoa, das suas maneiras e da sua conversa, respondeu que o reumatismo estava melhor.

- Qual a razão do reumatismo? - perguntou Mr. Squeers, buscando esta nova facécia na garrafa. - Qual é a sua ideia? Para que é que as pessoas o têm?

Mrs. Sliderskew não sabia, mas sugeriu que talvez fosse por não poderem deixar de o ter.

- Sarampo, reumatismo, tosse convulsa, febres e lumbago

- disse Mr. Squeers - é tudo filosofia, é o que é. Os corpos celestes são filosofia e os corpos terrestres são filosofia; e se houver um parafuso solto num corpo

celeste, é filosofia também; ou pode ser que às vezes haja nisso alguma metafísica, mas não é com frequência. A filosofia é a minha companheira. Se um pai faz qualquer

pergunta sobre matérias clássicas, comerciais ou matemáticas, digo gravemente, Ora, sir, em primeiro lugar, o senhor é filósofo?. Não, Mr. Squeers, responde ele,

não sou. Então, sir, digo eu, sinto muito, mas não sou capaz de lhe explicar. Naturalmente o pai vai-se embora, desejando ser filósofo e, da mesma maneira natural,

pensa que eu sou.

Dizendo isto e bastante mais, com ébria profundidade e um ar sério-cómico, conservando os olhos constantemente em Mrs. Sliderskew, incapaz de ouvir uma palavra, Mr.

Squeers concluiu por se servir e passar a garrafa, à qual Peg olhava com respeito.

- Isto é da hora do dia, mas a sua aparência é vinte libras e dez melhor do que era - afirmou Mr. Squeers.

Mrs. Sliderskew gargalhou de novo, mas a modéstia não lhe permitia concordar verbalmente com o cumprimento.

-Vinte libras e dez - repetiu Mr. Squeers - melhor do que no dia em que pela primeira vez me apresentei. lembra-se?

-Mas nesse dia assustou-me - retorquiu Peg, abanando a cabeça.

- Assustei? - perguntou Mr. Squeers. - Bem, era uma coisa bastante assustadora vir um estranho dizendo que sabia tudo a seu respeito, o seu nome e por que estava vivendo tão tranquila aqui, o que tinha furtado e de quem, foi?

Peg asenou com a cabeça em perfeito assentimento.

-Mas eu sei tudo o que aconteceu nesse Capítulo, como vê -continuou Squeers. - Não se passa nada de que eu não seja informado. Sou uma espécie de advogado, Slider, de primeira categoria e compreensão também. Sou amigo íntimo e conselheiro confidencial de quase todos os homens, mulheres e crianças que se metem em dificuldades por terem os dedos muito ágeis.

O catálogo dos méritos e dotes de Mr Squeers, em parte resultado dum plano entre ele e Ralph Nickleby, e noutra parte escorrido da garrafa preta, foi aqui interrompido por Mrs. Sliderskew.

- E apesar de tudo, ele não se casou, pois não?. Não se casou apesar de tudo - exclamou ela, cruzando os braços e sacudindo a cabeça.

- Não - respondeu Squeers - não se casou.

- E veio um jovem namorado e levou a noiva - continuou Peg.

- Debaixo do próprio nariz - respondeu Squeers - e disseram-me que o jovem, além disso, lhe cantou grosso, quebrou as vidraças e forçou-o a engolir a licença de

casamento, o que quase o sufocou.

- Torne-me a contar isso - pediu Peg com um delicioso deleite pela derrota do seu velho patrão, o que fez da sua natural fealdade alguma coisa de verdadeiramente medonha. Vamos ouvir isso de novo, começando agora pelo princípio, como se nunca mo tivesse contado. Diga-me todas as palavras. começando pelo início, quando ele foi para casa nessa manhã.

Mr. Squeers, enchendo Mrs. Sliderskew de bebida e fazendo o mesmo, acedeu ao pedido da velha, descrevendo o revés de Arthur Gride com os muitos aumentos à verdade que lhe ocorreram. Mrs. Sliderskew estava extasiada abanando a cabeça dum lado para o outro, erguendo os ossudos ombros e enrugando a cadavérica cara em tantas e tão complicadas formas de fealdade que despertou um espanto sem limites e desgosto, mesmo a Mr. Squeers.

- Ele é um velho bode traidor - disse Peg - que me enganou com tretas e mentirosas promessas, mas não faz mal. estou quite com ele... estou quite com ele!

- Mais do que quite, Slider - retorquiu Squeers. - Teria ficado quite mesmo se ele se tivesse casado, mas além do desapontamento tem um longo caminho à sua frente.

fora da vista, Slider, completamente fora da vista. E isso lembra-me - acrescentou, entregando-lhe o copo - se quer que lhe dê a minha opinião sobre os documentos

para lhe dizer quais são os melhores para guardar e aqueles que são para queimar, é agora a altura.

- Para isso não há pressa - respondeu Peg, com vários olhares e piscadelas.

- Muito bem - concordou Squeers - Isso não me importa; mas perguntou-me, bem sabe. Como amigo não lhe levo nada. Decerto o melhor juiz é você e você é uma pessoa resoluta.

- O que quer dizer por resoluta?

-Apenas quero significar que se fosse eu não guardaria papéis que me podiam enforçar, espalhando-os quando eles podem render dinheiro. pondo de lado os que não fossem úteis, e os que fossem, escondia-os em qualquer parte no seguro. Mas as pessoas sabem o que lhes convém. Só lhe digo que eu não faria isso.

- Vamos. então vai vê-los - disse Peg.

- Não quero vê-los - retorquiu Squeers, fingindo-se zangado. - Não fale como se fosse um festim. Mostre-os a outro e siga o conselho dele.

Mr. Squeers continuaria com a farsa de se sentir ofendido, se Mrs. Sliderskew, desejosa de restaurar as boas graças, não se tornasse extremamente afectuosa. Reprimindo estas pequenas familiaridades, ele declarou tratar-se duma brincadeira e, para prova, estava disposto a examinar imediatamente a papelada.

- E agora que está em pé minha Slider - berrou Squeers, quando ela se levantou - corra os fechos da porta!

Peg trotou para a porta e depois de ter corrido mal os fechos, dirigiu-se para a outra extremidade do quarto, tirando do meio do carvão, que enchia a parte inferior

do armário, uma pequena caixa. Tendo-a colocado no chão, aos pés de Squeers, foi buscar de baixo do travesseiro uma pequena chave indicando depois a Mr. Squeers,

para abrir. Este, que seguira avidamente todos os seus movimentos, não perdeu tempo em obedecer ao convite e, pondo a tampa para trás, ficou enlevado com os documentos que havia dentro.

- Agora veja - disse Peg, ajoelhando no chão ao lado dele e detendo-lhe a mão impaciente. - O que não prestar, queima-se, aqueles de que se possa obter dinheiro,

guardam-se e se houver algum com que a gente o possa meter em trabalhos, consumindo-lhe e corroendo-lhe o coração, com esse, devemos ter particular cuidado, pois

é isso o que quero fazer e o que esperava, quando o deixei.

- Pensei - replicou Squeers - sempre que não sentia por ele nenhuma simpatia, mas, ouça, porque não trouxe também algum dinheiro?

- Algum quê? - perguntou Peg.

- Algum dinheiro - gritou Squeers - Estou a ver que é preciso quebrar a louça para ela me ouvir!  
Algum dinheiro, Slider. dinheiro!

- Ora, que homem é você para fazer essa pergunta? - exclamou Peg com um certo desprezo. - Se tirasse dinheiro ao Arthur Gride, ele tinha alvorotado toda a gente para me encontrar. Assim tinha-lhe dado o faro, e apanhava-o, mesmo estando escondido no fundo do poço mais alto de Inglaterra. Não, não! Eu sabia haver melhor do que isso. Tirei o que pensei serem os seus segredos e ele não se atreve a torná-los públicos, embora valham muito bom dinheiro. É um velho cão, um cão desprezível, miserável, ingrato! Primeiro matou-me à fome e depois mentiu-me; se pudesse matava-o!  
- Muito bem e muito louvável - apoiou Squeers. - Mas primeiro e acima de tudo, Slider, queime a caixa. Nunca deve conservar coisas que levem a uma descoberta. lembre-se disto. Enquanto a reduz a cinzas, o que pode facilmente fazer por ser já muito velha, e a queima em pequenos pedaços, eu dou uma vista de olhos aos papéis e digo-lhe o que são.

Concordando Peg com esta disposição, Mr. Squeers voltou a caixa com o fundo para cima e, espalhando o conteúdo no chão, entregou-lha, sendo a destruição da caixa uma diversão extemporânea para lhe atrair a atenção, no caso de ser necessário distraí-la do que ia fazer.

-Meta os pedaços entre as barras e faça um bom lume e eu lerei, entretanto. deixa-me ver. deixa-me ver.

E pondo a vela ao seu lado, Mr. Squeers começou o seu trabalho de descoberta com grande ansiedade e um sorriso velhaco na cara.

Se a velha não fosse muito surda teria notado a respiração das pessoas junto da porta, quando a tinha ido fechar. E essas pessoas, como decerto descobriram a sua surdez, ficaram quietas em vez de fugirem, e empurraram a porta, que estava apenas encostada por o fecho não ter o anel onde encaixar. Depois sem ruído, entraram no quarto. Como a velha estava com a cara junto da grelha do fogão, entretida a meter pedaços da caixa, e Squeers, absorvido no exame dos papéis, eles puderam introduzir-se cada vez mais, a pouco e pouco, sem serem pressentidos. Dos audaciosos recém-vindos, Frank Cheeryble era um e Newman Noggs outro. Newman apanhara um par de tenazes que se preparava para descarregar na cabeça de Mrs. Squeers, quando Frank, com um gesto vivo, lhe susteve o braço e, dando um outro passo em frente, ficou junto às costas do mestre-escola, de modo que, inclinando-se levemente para diante, podia distinguir o que ele estava a ler.

Mr. Squeers, não sendo notavelmente erudito, parecia muito intrigado pelo primeiro prémio que lhe caíra em sorte, escrito numa graciosa caligrafia, não muito legível mesmo para uma pessoa prática. Tendo tentado lê-lo da esquerda para a direita e da direita para a esquerda, e achando igualmente claros ambos os métodos, voltou-o de pernas para o ar, sem melhor resultado.

-Ah! ah! ah! O que diz esse papel? - gargalhou Peg, de joelhos em frente do lume, que estava alimentando com fragmentos da caixa, e mostrando os dentes no mais diabólico júbilo.

-Nada de especial - respondeu Squeers, entregando-lho.

- É apenas um velho arrendamento, tanto quanto eu entendo. Deite-o fora!

Mrs. Sliderskew assim fez, perguntando o que era o seguinte.

-Isto é um conjunto de aceites vencidos e de letras renovadas de seis ou oito jovens cavalheiros, mas todos eles são deputados, portanto, não servem para ninguém.

Atire-os para o lume.

Peg fez o que lhe foi pedido e aguardou o seguinte.

-Este - informou Squeers - parece ser uma escritura de venda do direito de apresentação à reitoria de Purechureh, no vale de Cashup. Tome cuidado com ele, Slider. por amor de Deus! Vale dinheiro em leilão!

- Qual é que se segue? - inquiriu Peg.

- Ora, este parece - respondeu Squeers - por duas cartas anexas, ser um contrato dum cura da província, para pagar um meio ano de vencimentos de quarenta libras por ter recebido emprestadas vinte. Tome cuidado com ele, pois se ele não pagar, o bispo vai-lhe para cima. Sabemos o que significa o camelo e o buraco da agulha: nenhum homem pode viver dos seus rendimentos, quaisquer que sejam, como não deve esperar ir para o Céu por qualquer preço... é muito esquisito; ainda não vi nada comparado com isto.

- De que se trata? - interrogou Peg.

- Nada - retorquiu Squeers - estava apenas à procura... Newman levantou de novo as tenazes. Uma vez mais, Frank, com um rápido movimento do braço, sem o mais leve ruído, deteve-o.

- Aqui tem você - anunciou Squeers - obrigações. tome cuidado com elas. Uma procuração. tome cuidado com ela. Duas confissões de açções feitas pelos réus... tome cuidado com elas. Arrendamento e quitação... queime isso. Ah! Madeline Bray. maior idade ou casada. a dita Madelineu. Queime isto!

Atirou vivamente para a velha um pergaminho que ela apanhou para este fim e ao mesmo tempo meteu no interior do casaco quando ela voltou a cabeça a escritura onde ele apanhara aquelas palavras, com uma exclamação de triunfo.

-Tenho-o! - disse Squeers. - Tenho-o na mão! O plano era bom, embora a probabilidade fosse pouca. O dia é nosso!

Peg perguntou porque estava ele a rir, mas não recebeu resposta. O braço de Newman já não pôde ser sustido; as tenazes desceram com toda a força e boa vontade sobre a cabeça de Mr. Squeers, que caiu no chão ao comprimido e sem sentidos.

#### Capítulo LVIII

Onde se encerra uma cena desta história

Dividindo a distância da sua jornada por dois dias, a fim de não fatigar o doente, Nicholas, ao fim do segundo, encontrou-se a muito poucas milhas do lugar onde passara o tempo mais feliz da sua vida. Procuraram um alojamento humilde numa pequena casa de herdade, cercada por prados, onde Nicholas muitas vezes brincara, quando criança e aqui se instalaram. Ao princípio Smike tinha forças para dar pequenos passeios de cada vez e nada lhe parecia interessá-lo tanto como visitar os sítios mais familiares ao seu amigo, em tempos passados. Nicholas, por sua parte, não deixava de o ajudar e de lhe contar as cenas decorridas nos vários lugares para onde o conduzia num pequeno carrinho puxado por um cavalo.

Havia a velha árvore onde ele trepara para espreitar os passarinhos no ninho e que aterrara a pequena Kate, em baixo, pela altura a que se encontrava. A velha casa por onde passavam todos os dias, onde o sol o vinha acordar nas manhãs de Verão e onde se encontrava a moita de roseiras plantadas pela mão de Kate. As sebes de arbustos onde o irmão e a irmã iam com frequência colher flores silvestres. Não havia uma azinhaga, um riacho, uma mata ou uma herdade próximos, que não recordasse todos os acontecimentos da infância. Talvez uma palavra, uma gargalhada, um olhar, algum ligeiro perigo, um passageiro pensamento de medo.

Numa destas expedições foram ao cemitério onde se encontrava a campa do pai.

- É Mesmo por aqui - disse Nicholas docemente - costumávamos passear antes de sabermos o que era a morte e de mal pensarmos nas cinzas que descansam em baixo e, espantando-nos do silêncio, sentávamo-nos para repousar e falarmos baixinho. Uma vez, Kate perdeu-se e depois duma hora de buscas infrutíferas, encontraram-na a dormir profundamente sob aquela árvore que sombreia a cova do pai. Ele era doido por ela e disse, quando a tomou nos braços, ainda a dormir, que quando morresse desejava ser enterrado onde a sua querida filhinha pousara a cabeça. Tu vêes que o seu desejo não foi

esquecido!

Nessa ocasião nada mais se passou, mas de noite, quando Nicholas se sentou ao lado da cama dele, Smike acordou do que parecia ter sido um sono leve e, pondo a mão na dele, suplicou, com lágrimas a correrem-lhe pela cara, para lhe fazer uma solene promessa.

-Qual é ela - perguntou Nicholas afectuosamente. - Se puder cumpri-la, ou esperar cumpri-la, sabes que o farei.

-Tenho a certeza que fará - foi a resposta. - Prometa

-me que quando morrer me hão-de enterrar perto, tão perto quanto possam abrir a cova, da árvore que hoje vimos!

Nicholas prometeu em poucas palavras, mas estas foram

solenes e veementes. O seu pobre amigo conservou-lhe a mão na dele e voltou-se como se fosse dormir. Porém, foi sacudido por soluços e a mão foi apertada mais duma

vez antes dele

mergulhar no sono e a pouco e pouco lha largar.

Numa quinzena, tornou-se doente demais para se poder mexer. Uma ou duas vezes Nicholas trouxe-o para fora, recostado em almofadas, mas o movimento da cadeira era-lhe

doloroso. Na casa havia um velho sofá que era o seu favorito

lugar de repouso durante o dia. Quando o sol brilhava e o tempo estava quente, Nicholas levava-o para um pequeno po mar e nele se sentavam juntos durante horas.

Foi numa destas ocasiões que se deu uma circunstância que Nicholas, nesse

momento, julgou firmemente ser uma ilusão mas mais tarde teve boas razões para saber que a ocorrência fora verdadeira. Trouxera Smike nos braços para ver o pôr do

sol e, tendo-lhe arranjado o sofá, sentou-se ao lado dele. Estivera toda a noite anterior de vela e, fatigado de corpo e de espírito, adormeceu.

Não podia ter fechado os olhos há mais de cinco minutos quando foi despertado por um grito

estridente; levantando-se numa espécie de terror, viu, com grande assombro

o seu protegido a esforçar-se por se sentar, com os olhos saídos das órbitas, a testa orvalhada de suor frio e sacudido por um ataque de tremura, que lhe convulsionava

o corpo, pedindo-lhe socorro.

-Justos Céus, o que é isso? - perguntou Nicholas, inclinando-se para ele. - Acalma-te! Estiveste a sonhar!

- Não, não não! - exclamou Smike, agarrando-se a ele. Aperte-me muito. Não me deixe ir. Ali. ali. por detrás da árvore!

Nicholas seguiu-lhe o olhar, que era dirigido para uma certa distância nas traseiras da cadeira donde ele se acabava de levantar. Mas não havia lá nada.

-Foi apenas uma fantasia tua! - exclamou ele, esforçando-se por o acalmar. - Nada mais, acredita.

-Eu bem sei. Vi tão bem como vejo agora - foi a res posta. - Diga-me que me conserva consigo.

jure-me que me não deixa nem um instante!

-Já te deixei alguma vez? - retorquiu Nicholas. - Deita

-te de novo. Bem vês que estou aqui. Agora diz-me... o que foi?

-Lembra-se de lhe falar do homem que me levou a primeira vez para a escola? - perguntou Smike em voz baixa e olhando, horrorizado, em volta.

- Sim, com certeza.

-Levantei os olhos agora mesmo para aquela árvore, aquela com o tronco grosso, e ali, com os olhos fixos em múnla estava ele!

-Reflecte apenas um momento - convidou Nicholas. Concedo, por um instante, ser possível que ele ainda viva e andasse a vadiar num lugar solitário como este, tão

longe da estrada pública, mas pensas que depois de tanto tempo decorrido, pudesses conhecer ainda esse homem?

- Em qualquer parte. com qualquer fato - replicou Smike - mas agora estava inclinado sobre a sua bengala, olhando para mim exactamente como lhe disse que me lembrava

dele. Estava sujo da poeira do caminho e pobremente vestido, pareceu-me que o fato estava

esfarrapado, mas logo que o vi, tive a impressão de voltar à noite húmida, à sua cara quando me deixou, à saleta onde me entregou e às pessoas que lá estavam. Quando ele percebeu que eu o vi, pareceu assustado pois levantou-se e partiu.

Tenho pensado nele de dia e sonho com ele à noite. Ele velava-me o sono quando eu era criancinha e tem-me aparecido sempre em sonhos, desde então, como acaba de fazer.

Nicholas, com todas as persuasões e argumentos, procurou convencê-lo de que a terrível criatura era pura imaginação e quando conseguiu que ele ficasse sob a vigilância da gente da casa foi fazer um cerrado inquérito pelo lugar, sobre qualquer possível estranho que tivesse por ali andado, e procurou por todos os sítios possíveis de esconderijo, próximos do pomar, onde alguém se tivesse podido acoitar. Satisfeito por nada encontrar, tratou de acalmar os receios de Smike, o que conseguiu parcialmente, depois de algum tempo.

Nicholas começou a ver que a esperança estava perdida para o companheiro da sua pobreza e da sua situação mais desafogada, para quem o mundo se ia cerrando depressa.

Estava gasto e consumido no último grau; a voz baixara tanto que mal se ouvia falar. A natureza estava completamente esgotada e deitava-se para morrer.

Num belo dia de suave Outono, quando tudo estava tranquilo e calmo, quando o ar doce entrava pela janela aberta do quarto e só se ouvia o leve crepitar das folhas das árvores, Nicholas estava sentado no seu costumado lugar ao lado da cama e viu que a hora estava próxima. Tão quieto estava que ele, de vez em quando, se inclinava sobre o corpo para escutar a respiração, a fim de saber se estava a dormir, ou se caíra naquele sono donde se não acorda mais.

Enquanto estava assim ocupado, os olhos dele abriram-se e a cara descerrou-se num plácido sorriso.

- Isso vai melhor! - disse Nicholas. - O sono fez-te bem.

- Tive sonhos tão agradáveis. Sonhos tão agradáveis e tão felizes!

- De quê? - perguntou Nicholas.

O moribundo voltou-se para ele e, pondo-lhe a mão em volta do pescoço, respondeu:

- Em breve estarei lá!

Depois dum curto silêncio falou de novo:

- Não tenho medo de morrer. Estou contente. Quase penso que não queria levantar-me desta cama curado, se pudesse. O senhor tem-me dito com frequência que nos encontraremos de novo, tantas vezes, ultimamente, que sinto agora, a força dessa verdade, de que nunca posso separar-me de si!

O tremor da voz, os olhos lacrimosos, o aperto maior do braço, que acompanhavam estas últimas palavras, mostravam como ele era sincero, não havendo também falta de demonstração de como elas tinham calado fundo no coração daquele a quem eram dirigidas.

- Dizes bem - replicou Nicholas, por fim - e confortam-me muito, meu querido rapaz. Deixa-me ouvir-te dizer, se podes, que és feliz!.

- Tenho primeiro a dizer-lhe uma coisa. Não devo ter segredos para si. Sei que não me vai censurar numa ocasião destas.

- Censurar-te? - exclamou Nicholas.

- Tenho a certeza de que me não censuraria. Perguntou-me uma vez porque estava tão mudado e... me sentava muitas vezes só. Quer que diga porquê?

- Não, se isso te magoa - respondeu Nicholas. - Perguntei apenas, para te tornar mais feliz, se pudesse.

- Eu sei... senti isso, nessa ocasião. - Puxou o amigo

para mais junto de si. - Vai-me perdoar; não estava na minha

mão, mas pensava que devia morrer para a fazer feliz; partiu-se-me o coração... eu sei que ele a ama



ternamente... Oh! quem o descobriu primeiro do que eu!

As palavras seguintes foram proferidas francamente e interrompidas por longas pausas; mas por elas Nicholas soube pela primeira vez que o moribundo com todo o ardor da sua

natureza, concentrada numa paixão absorvente, sem esperança e secretamente amara a sua irmã Kate.

Arranjara um anel do seu cabelo, que lhe pendia do peito envolto numa ou duas fitas usadas por ela.

Suplicou que, quando morresse, Nicholas lho tirasse e, para que ninguém

mais o pudesse ver, lho pusesse em volta do pescoço, quando ele estivesse próximo a ir para debaixo da terra, para ficar com ele no caixão.

De joelhos, Nicholas prometeu-lhe satisfazer o pedido e prometeu-lhe também que seria enterrado no lugar por ele indicado. Abraçaram-se e beijaram-se nas faces.

- Agora - murmurou Smike. - Sou feliz!

Caíu num leve dormitar e, acordando, sorriu como antes;

depois falou dos lindos jardins que via à sua frente, cheios de figuras de homens, mulheres e muitas crianças, todos com

as caras felizes; a seguir sussurrou que estava no Eden... e assim morreu!

## Capítulo LIX

Os planos começam a falhar; dúvidas e perigos perturbam os autores

Ralph estava só no solitário aposento onde costumava tomar as refeições e sentar-se à noite quando não saía. Tinha diante de si o pequeno almoço por comer e na mesa estava

o relógio. As suas feições e os seus modos indicavam que o usurário não estava bem. O seu ar abstracto indicava qualquer indisposição mental e, quando saíu dela, foi para olhar em volta de si, como alguém que acorda dum longo sono.

- O que é isto que me pesa e não posso tirar? Nunca comi muito e não devo estar doente. Nunca me entreguei, nem me rendi, a fantasias, mas como pode um homem estar sem repouso?

Apertou a testa com a mão.

- Noite após noite a andar dum lado para o outro sem descanso. Se durmo, que repouso é esse, perturbado por sonhos constantes das mesmas caras detestadas, arrastando-se em volta de mim, das mesmas detestadas pessoas em toda a variedade de acções, intrometendo-se em tudo quanto faço e digo, e sempre para meu prejuízo? Acordado, que descanso tenho eu, constantemente perseguido por esta negra sombra de... não sei o quê, o que é a sua pior característica! Preciso de descansar. Uma noite bem dormida e serei de novo um homem!

Empurrando a mesa enquanto falava, como se lhe aborrecesse a vista da comida, encontrou o relógio, cujos ponteiros quase marcavam o meio-dia.

- Isto é estranho! - comentou ele. - Meio-dia e Noggs não está cá! Que contenda de bêbados o teria afastado? Daria agora alguma coisa - alguma coisa em dinheiro, mesmo depois daquela terrível perda - se ele tivesse apunhalado um homem numa disputa de taberna, ou arrombado uma casa ou metido a mão na algibeira de alguém, ter feito qualquer coisa que o levasse daqui para fora com um anel de ferro na perna e me livrasse dele! Ainda melhor se pudesse pôr-lhe a tentação à frente e o induzisse a roubar-me. Seria abençoado aquilo que ele levasse para eu poder atirar com a lei por cima dele, pois juro que é um traidor! Como ou quando, ou em quê, não sei, embora suspeite!.

Depois de aguardar mais meia hora mandou a mulher que trabalhava lá, ao alojamento de Newman, perguntar se ele estava doente, e por que não viera, ou mandara aviso.

Ela voltou com a resposta dele ter ficado fora de casa toda a noite e de não haver ninguém capaz de lhe dizer alguma coisa a seu respeito.

-Mas está um cavalheiro em baixo, sir - acrescentou ela

- que estava à porta quando entrei e diz.

-Diz o quê? - perguntou Ralph, voltando-se, zangado. Eu disse-lhe que não queria ver ninguém.

- Ele diz - replicou a mulher, envergonhada pela sua rudeza - que está a trabalhar num assunto especial que não admite desculpa, e eu pensei que podia ser acerca.

-Acerca do quê, em nome do diabo? - perguntou Ralph apressadamente. - Você espia e especula comigo?

-Meu Deus, não sir! Vi que estava ansioso e pensei que podia ser acerca de Mr. Noggs, e mais nada.

-Viu que estava ansioso! - murmurou Ralph. - Agora todos me espreitam. Onde está essa pessoa?

Não disse que estava ainda deitado, suponho eu?

A mulher replicou que ele estava no pequeno escritório e o informara que o patrão estava ocupado, mas ela levaria o recado.

-Bem - disse Ralph. - Vou vê-lo. Vá para a cozinha e conserve-se lá. entende-me?

Contente por se ver livre, a mulher desapareceu rapidamente. Tornando a si e assumindo a sua costumada maneira quanto pôde, Ralph desceu as escadas. Depois de parar

por uns momentos, com a mão no fecho, entrou no aposento de Newman e encontrou-se com Mr. Charles Cheeryble.

De todos os homens, era este o último que ele desejava encontrar em qualquer ocasião, mas agora que reconhecia nele o patrono e protector de Nicholas, preferiu antes

ver um espectro. Este encontro, no entanto, foi-lhe benéfico. Instantaneamente todas as suas energias adormecidas despertaram, reanimaram no seu peito as paixões

que, por muitos anos, encontraram ali um terreno propício, chamou a sua raiva, ódio e maldade, restituiu-lhe aos lábios o sorriso de escárnio, franziu-lhe as sobrancelhas

de mau humor, restituiu-lhe a aparência exterior, era o mesmo Ralph Nickleby, de quem tanta gente tinha motivos amargos a recordar.

-Hum! - exclamou Ralph, parando à porta. - Isto é um inesperado favor, sir.

-Desagradável, sir - respondeu o irmão Charles - desagradável, eu sei.

-Os homens dizem que o senhor é a própria verdade, sir

- replicou Ralph. - De todos os modos fala agora verdade e não o contradirei. O favor é, pelo menos, tão desagradável como inesperado. Não posso dizer mais.

- Sinceramente, sir. - começou o irmão Charles.

-Sinceramente, sir - interrompeu Ralph. - Desejo que esta conferência seja curta e acabe onde começou. Adivinho o assunto sobre o qual ia a falar e não o ouvirei.

O senhor gosta de franqueza, creio eu. pois aqui a tem. Aqui tem a porta. Os nossos caminhos seguem direcções muito diferentes. Peço-lhe para seguir o seu e deixe-me prosseguir no meu, descansado.

-Descansado - repetiu o irmão Charles com suavidade e olhando para ele com mais piedade do que censura. Prosseguir o seu caminho descansado?

-Presumo, sir, que não pode ficar na minha casa contra a minha vontade - observou Ralph - ou mal pode esperar impressionar um homem que fecha os ouvidos a tudo quanto possa dizer e, firme e resolutamente, está decidido a não o ouvir.

-Mr. Nickleby, sir - replicou o irmão Charles, não menos suavemente do que antes, mas também com firmeza. - venho aqui contra a minha vontade. com dor e mágoa, contra

a minha vontade. Nunca estive antes nesta casa e, para falar

a verdade, sir, não me sinto bem, nem à vontade, nem desejo

cá voltar outra vez. Não adivinha o assunto de que lhe venho falar. decerto não adivinha. Tenho a certeza disso, ou a sua atitude seria diferente.

Ralph olhou vivamente para ele, mas os olhos francos e a

expressão leal do velho e honesto comerciante não mudaram de expressão e suportaram-lhe o olhar sem reserva.

- Posso continuar? - perguntou Mr. Cheeryble.

- Sem dúvida nenhuma, se faz favor - respondeu Ralph

secamente. - Aqui estão as paredes para onde pode falar, sir, dois bancos e uma secretária. auditores muito atentos, que decerto o não interrompem. Peço-lhe

para continuar; esteja

na minha casa como na sua e, talvez quando eu tiver voltado

do meu passeio, já tenha acabado o que tem a dizer e me

conceda de novo a posse da casa.

Dizendo isto abotoou o casaco e, voltando-se para o corredor, pôs o chapéu. O velho senhor seguiu-o e ia a falar, quando Ralph lhe fez um sinal de impaciência e disse:

- Nem mais uma palavra. Digo-lhe, sir, nem mais uma

palavra. Virtuoso como é, não é, contudo, um anjo para aparecer na casa das pessoas, quer elas queiram, ou não, e fazer

os seus discursos para ouvidos surdos. Digo-lhe para pregar

às paredes... não para mim!

- Não sou anjo, Deus o sabe - retorquiu o irmão Charles, abanando a cabeça - mas um homem imperfeito e que erra; no entanto, há uma qualidade que todos

os homens possuem em comum com os anjos, abençoadas oportunidades para

exercerem, se quiserem... a misericórdia. uma mensagem de

misericórdia que me traz aqui. Suplico-lhe que me deixe desencarregar-me dela.

- Não mostro misericórdia, nem peço nenhuma - replicou

Ralph com um sorriso de triunfo. - Não procure misericórdia em mim, sir, em favor do rapaz

que se impôs à sua infantil credulidade, mas antes espere o pior

que eu lhe possa fazer.

- Ele pede misericórdia para o seu procedimento, sir! exclamou o velho negociante com ardor. -

Pede-a para o dele;

pede-a para o dele. Se não quer ouvir-me agora, quando pôde ouvir-me-á quando dever, ou previna o que tenho a dizer e

tome medidas para evitar o nosso novo encontro. O seu sobrinho é um nobre rapaz, sir, um rapaz honesto e nobre. O

que o senhor é, Mr. Nickleby não o direi, mas sei o que tem

feito. Agora, sir, quando tratar dos negócios, nos quais tem

estado recentemente ocupado e ache dificuldade em prosseguir venha ter comigo, e eu, o meu irmão

Ned e Tim Linkinwater, sir, lhe explicaremos tudo... e venha depressa, ou

será tarde demais, e essa explicação, nessa altura, far-se-á um pouco mais grosseiramente e com um

pouco menos de delicadeza... e nunca se esqueça, sir, de que vim aqui

esta manhã em misericórdia para si e estou ainda pronto a conversar consigo no mesmo espírito.

Com estas palavras, proferidas com grande ênfase e emoção, o irmão Charles pôs o chapéu de abas largas e, passando por Ralph Nickleby, saiu com ligeireza para a

rua sem qualquer outra explicação. Ralph ficou a olhar para ele, mas não se mexeu, nem falou

durante algum tempo, e quando quebrou o silêncio que parecia quase de

estupefacção, foi com uma gargalhada de desprezo.

- Isto pelo fantástico que é, devia ser um daqueles sonhos que ultimamente têm quebrado o meu repouso! Misericórdia para mim! O velho simplório está doido!

Embora se exprimisse numa maneira tão decisiva, Ralph, ponderando mais, sentiu uma vaga ansiedade, aumentada com o passar das horas por não ter notícias de Newman

Noggs. Depois de aguardar até tarde, torturado por várias apreensões e lembrando-se do aviso do

sobrinho, saiu de casa e, sem saber como, dirigiu-se para casa de

Snawley. Apresentou-se a esposa, a quem Ralph perguntou se o marido estava em casa.

-Não - respondeu ela asperamente - não está e não penso que esteja em casa tão depressa, o que é mais.

- Sabe quem sou? - perguntou Ralph.

- Sim, sei muito bem. bem demais, talvez, e ele igualmente, e sinto ter que dizer isto.

- Diga-lhe que o vi através da gelosia lá de cima, quando agora atravessei a rua, e que quero falar-lhe de negócios - disse Ralph. - Ouve?.

-Ouço - retorquiu Mrs. Snawley, não dando importância ao pedido.

-Sabia que a mulher era uma hipócrita com respeito a salmos e frases da Escritura - comentou Ralph, sossegadamente, sem fazer caso dela - mas nunca soube antes que bebesse.

-Páre! Não entre! - ordenou a esposa de Mr. Snawley, interpondo a sua pessoa, que era robusta, no limiar da porta. Já lhe disse antes, muito mais do que o necessário sobre negócios. Disse-lhe sempre o que daria trabalhar consigo e entrar nos seus projectos. Foi o senhor, ou o mestre-escola... um dos dois, ou entre os dois...

que se forjou aquela carta. Lembra-se disso? Como não foi obra dele, não fique aqui à sua porta...

- Reprima a língua, sua Jezabel - advertiu Ralph, olhando em redor, assustado.

- Ah, eu sei quando devo reprimir a língua e quando devo soltá-la, Mr. Nickleby - retorquiu ela. - Tome cuidado para que as outras pessoas saibam quando devem reprimir as suas.

- Sua marafona - insultou Ralph, arreganhando os dentes de raiva - se o seu marido foi bastante idiota para lhe confiar os seus segredos, guarde-os... guarde-os, seu diabo!

- Não tanto os segredos dele como talvez os das outras pessoas - replicou a mulher. - Não me deite os seus olhares carrancudos. Há-de precisar deles para outra ocasião.

É melhor guardá-los!

-Vai ou não vai dizer ao seu marido que eu sei que ele

está em casa e preciso vê-lo? - perguntou Ralph, reprimindo

os sentimentos o melhor que pôde e agarrando-lhe o pulso. - Desejo saber o significado deste novo modo de

comportamento!

-Não - disse a mulher, desprendendo-se violentamente.

-Não farei isso.

- Lança-me um desafio? - riu Ralph.

- Sim, lanço! - foi a resposta.

Em um minuto Ralph teve a mão levantada como se

estivesse quase a bater-lhe mas reprimindo-se e acenando com a mão murmurou que nunca se esqueceria disto e afastou, saiu e foi direito à estalagem que Mr. Squeers

frequentava, onde perguntou se ele lá tinha estado ultimamente, com a vaga esperança de que bem ou mal sucedido, pudesse nessa altura ter voltado da sua missão e

dar-lhe a certeza de tudo estar arranjado. Mas Mr. Squeers já não ia ali há dez dias e tudo o que lhe

podiam dizer é que tinha deixado a bagagem e a conta.

Assaltado por milhares de receios e querendo certificar-se se Squeers tinha alguma suspeita de Snawley ou de qualquer modo fazia parte deste alterado procedimento

decidiu ir a Lambéth. Conhecendo por descrição, a situação do quarto, subiu as escadas e bateu suavemente à porta.

Nem uma, nem duas, nem três, nem mesmo uma dúzia de pancadas serviram para convencer Ralph de que não estava ninguém lá dentro. Raciocinou que ele podia estar a

dormir e quase o ouvia respirar. Mas admirado dele não estar, sentou-se pacientemente.

Muitas pessoas entraram, mas nenhuma delas era a esperada e a cada desapontamento sentia-se mais abatido e só.

Por fim, desanimado começou a inquirir na vizinhança se sabiam alguma coisa dos movimentos de Mr. Squeers. Numa porta soube que na noite anterior saíra apressadamente

com dois homens, os quais voltaram para levar a velha que vivia no mesmo andar. m a lhe tivesse atraído a atenção, Como nada mais lhe tivesse atraído a atenção, o informador não fizera perguntas.

Isto sugeriu a Ralph que talvez Peg Sliderskew, tendo sido presa por roubo e Mr. Squeers estando com ela nessa ocasião fosse também preso sob a suspeita de cumplicidade.

Se isto fosse assim, o facto devia ser do conhecimento de Gride, e foi para casa de Gride que se encaminhou, profundamente alarmado.

Chegado à casa do usurário encontrou as janelas fechad as gelosias corridas e tudo silencioso e deserto. Mas isto era o aspecto usual. Bateu, primeiro devagar depois vigorosamente, mas ninguém apareceu. Escreveu umas palavras num cartão que meteu debaixo da porta, e preparava-se para se ir

embora, quando ouviu o barulho duma pessoa a espreitar. olhando para cima viu a cara de Gride no parapeito da janela do sótão. Percebendo quem estava em baixo retirou-se, mas não tão dpressa que Ralph não lhe dissesse para descer.

Sendo repetido o convite, Gride olhou outra vez para fora, mas tão cautelosamente que não se via o corpo.

- Silêncio! - recomendou ele. - Vá-se embora. vá-se embora!

-Desça - disse Ralph, fazendo-lhe sinal.

- Vá-se embora! - repetiu Gride, abanando a cabeça com impaciência. - Não me fale, não bata à porta, não chame a atenção para a casa e vá-se embora.

-Juro que bato até ter toda a vizinhança alarmada se me não disser o que significa estar aí escondido, seu choramingas!

- Não posso ouvir o que diz. não me fale. não é seguro. vá-se embora. vá-se embora! - replicou Gride.

-Digo-lhe para descer. Tem que vir cá abaixo! - ordenou Ralph ferozmente.

- N. n. não - rosnou Gride.

Meteu a cabeça para dentro e fechou a janela tão devagarinho e cuidadosamente como a abriira, enquanto Ralph ficava na rua sem saber o que fazer.

-O que é isto, que todos fogem de mim e se afastam como da praga. estes homens que me limpavam o pó às botas! - Passou, na verdade, o meu dia e vem agora a noite?

Saberei a significação disto! Saberei, custe o que custar. Estou mais firme e sou agora mais eu do que fui estes últimos dias.

Voltando as costas à porta dirigiu-se para a City, abrindo caminho por entre a multidão, e foi direito à casa de comércio dos irmãos Cheeryble. Pondo a cabeça dentro da gaiola de vidro, encontrou Tim Linkinwater só.

- O meu nome é Nickleby - anunciou Ralph.

- Sei isso - respondeu Tim, inspeccionando-o através dos óculos.

-Quem foi da vossa firma que esta manhã me visitou?

- perguntou Ralph.

- Mr. Charles.

- Então diga a Mr. Charles que quero vê-lo.

-Há-de ver - informou Tim, descendo do banco com grande agilidade. - Há-de ver, não apenas Mr. Charles, mas igualmente Mr. Ned.

Tim parou, olhou firme e severamente para Ralph, baixou a cabeça uma vez, duma maneira concisa, parecendo dizer que havia qualquer coisa mais e desapareceu. Depois dum curto intervalo regressou e, levando Ralph à presença dos dois irmãos, ficou também no aposento.

-Quero falar consigo, que me procurou esta manhãdiss Ralph, apontando com o dedo para o homem a quem se dirigia.

-Não tenho segredos para o meu irmão Ned nem para Tim Linkinwater - observou o irmão Charles tranquilamente.

-Eu tenho - replicou Ralph.

-Mr. Nickleby, sir - advertiu o irmão Ned - o assunto que levou o meu irmão Charles a visitá-lo esta manhã é perfeitamente conhecido de nós três, e de outros. Além disso, e infelizmente, deve tornar-se conhecido depressa de muitos mais. Ele esperou esta manhã por si, sir só por uma questão de delicadeza e de consideração. Sentimos agora que mais delicadeza e consideração sejam úteis e se conferenciamos juntos deve ser tal como estamos, ou então, coisa alguma será dita.

Falar por enigmas parece ser o forte dos dois e suponho que o vosso empregado, como homem prudente, tenha estudado também a arte, com vista às vossas boas graças.

Falem em conjunto, cavalheiros, em nome de Deus! Consentir-vosei...

-Consentir! - exclamou Tim Linkinwater, tornando-se subitamente vermelho. - Ele consente-nos! Ele consente aos Cheeryble Brothers! Ouvem isto! Ouvem-no? dizer que consente, Cheeryble Brothers?

-Tim - disseram Charles e Ned ao mesmo tempopeço Tim. suplico agora, cale-se, sim?

Tim, acedendo à observação sufocou a indignação o melhor que pode e dirigiu-a através dos óculos, com a válvula de segurança adicional duma gargalhada histérica, que parecia aliviá-lo com eficácia.

-Como ninguém me convida a sentar-me - disse Ralph, olhando em volta - sento-me eu, por estar fatigado de caminhar. E agora, se os cavalheiros querem fazer o favor, desejo saber - pago para saber; tenho o direito - o que têm para me dizer, justificando o tom assumido e que indirectamente possa interferir nos meus negócios, os quais, tenho razão para supôr, têm vindo a observar. Digo-lhes sinceramente, cavalheiros, por pouco que entenda a opinião do mundo como se costuma dizer, que não estou disposto a submeter-me pacificamente à calúnia e à maldade. Quer se tivessem deixado enganar muito facilmente, ou deliberadamente tivessem tomado parte nisso, o resultado para mim, é o mesmo. Em qualquer caso não podem esperar dum homem sincero, como eu, muita consideração nem perdão.

Tão frio e deliberado fora este discurso que, nove de dez homens, ignorantes das circunstâncias suporiam ser realmente Ralph um homem caluniado. Estava sentado de braços cruzados, mais pálido do que o usual, certa e suficientemente desengraçado mas à vontade - bastante mais do que os irmãos ou o exasperado Tim - e pronto para encarar o pior.

-Muito bem, sir - disse o irmão Charles. - Muito bem, irmão Ned. Quer tocar a campanha?

-Charles, meu querido rapaz, espera um instante - replicou o outro. - Será melhor para Mr. Nickleby e para o nosso objectivo que ele se conserve calado, se puder, até nós acabarmos de falar. Desejo que ele compreenda isto;

- Perfeitamente, perfeitamente - aquiesceu o irmão Charles.

Ralph sorriu, mas não deu resposta. Tocaram à campanha; abriu-se a porta do aposento; entrou um homem que parou subitamente. Olhando em volta, Ralph encontrou os olhos de Newman Noggs. A partir desse momento o ânimo começou-lhe a desfalecer.

-Este é um bom princípio - disse ele amargamente. Oh, este é um bom princípio. Os senhores são uns homens ingénuos, honestos, leais e francos! Conheci sempre o valor real dos caracteres como os vossos. Para se misturarem com um tipo como este, que venderia a alma, se a tivesse, por bebida e cujas palavras são mentiras... que homens se salvam sendo as coisas assim? Oh, este é um bom princípio!

-Quero falar - exclamou Newman, pondo-se nos bicos dos pés para olhar por cima da cabeça de Tim, que se interpusera, para evitar que ele avançasse. - Olá sir. velho

Nickleby!. O que quer dizer com um tipo como este? Quem me fez um tipo como este? Se eu vendesse a minha alma por bebida é por que não era um gatuno, ladrão, homem

vil, arrombador de casas, um ratoneiro de pence dos cegos que andam com cães, em vez do seu servente e burro de carga. Se todas as minhas palavras fossem mentiras,

por que era então um favorito e um ai Jesus seu? Mentiras! Quando é que me humilhei e o bajulei? Diga-me lá! Servi-o fielmente. Fiz mais trabalho por ser pobre e

fui insultado por si por que o desprezo e aos seus insultos, mais do que qualquer coisa que pudesse arranjar numa casa de pobres da paróquia. Servi-o por ser orgulhoso, por ser um homem só e não haver outros escravos que vissem a minha degradação; e por ninguém melhor do que você saber quem eu era: um homem arruinado, não tendo sido sempre o que sou e que talvez pudesse estar melhor se não fosse parvo e não caísse nas suas mãos e de outros velhacos como você. Nega isto. hein?

- Brandamente. Disse o que não devia. - observou Tim.

- Disse o que não devia! - exclamou Newman, empurrando-o e seguindo Tim com a mão para o conservar à distância do braço. - Não me diga isso! E você, Nickleby, não pretenda

não fazer caso de mim. Eu sei muito. Acabou há pouco de falar de mistura. Quem se misturou com o mestreescola de Yorkshire e, enquanto punha o escravo fora, para ele não poder escutar, esquecendo-se de que esta grande precaução o tornava suspeito e podia vigiar o patrão de noite e pôr outros olhos sobre o mestre-escola? Quem se misturou com o pai egoísta, insistindo com ele para vender a filha ao velho Arthur Gride, e se misturou também com o Gride, fazendo tudo isto no escritório mais pequeno, com um esconso no aposento? Ralph fez um grande esforço sobre si, mas não pôde reprimir um pequeno sobressalto, como se tivesse a certeza de ser decapitado no momento a seguir.

-Ah! ah! - riu Newman. - Importa-se agora comigo? O que determinou primeiro este servo a reear as acções clo

patrão e sentir que se se conformasse com elas teria sido tão mau como ele, ou pior? Que o cruel tratamento do patrão ao seu próprio sangue e carne e os vis desígnios

para com uma jovem rapariga, que interessou mesmo, o seu sendeiro bêbado e miserável, e o fez deter-se mais tempo ao serviço, com a esperança de lhe ser útil a ela

- como, graças a Deus, foi duas ou três vezes antes! - quando, pelo contrário, devia dar pasto aos seus sentimentos, esmurrando bem o patrão e mandá-lo depois ao

diabo? Ele devia, fixe isso; e fixe isto... estou aqui agora porque estes cavalheiros pensaram ser melhor. Quando me avistei com eles lá fora - como fiz. não houve

mistura comigo - disse-lhes ajudá-los a encontrá-lo a si, seguir-lhe as pisadas, levar a cabo o que tinha principiado, auxiliar o direito; e quando fiz isto era para

entrar violentamente no seu quarto e dizer-lhe tudo, cara a cara, de homem para homem e como um homem. Disse agora as minhas razões e deixo qualquer outra pessoa

dizer as suas. Comecem!

Com este final, Newman Noggs, que se tinha sentado e levantado continuamente durante o discurso, proferido aos empurrões, tornou-se, sem passar por um estado intermediário, da excitação e ardor feroz em que estava, para firme, rí gido, imóvel, ficando assim a fixar Ralph Nickleby com todaâ as forças.

Ralph olhou um instante para ele e apenas por um instante; depois agitou a mão e, batendo com o pé no chão, disse numa voz abafada:

-Continuem, senhores, continuem! Sou paciente, como vêem. Há a lei para regular, há a lei. Chamá-lo-ei a contas por causa disto. Tenham cuidado com o que disserem:

fã-los-ei apresentar provas.

-A prova está feita - respondeu o irmão Charles - e completamente pronta nas nossas mãos. O homem chamado Snawley fez uma confissão a noite passada.

-Quem pode ser o homem chamado Snawley? - interrogou Ralph. - E o que pode a sua confissão ter com os meus negócios?

A esta pergunta impertinente o velho cavalheiro não deu resposta, mas continuou a dizer-lhe que, além das acusações feitas contra ele tinham as respectivas provas,

informando-o como estas tinham sido adquiridas. Pondo isto em aberto toda a questão, o irmão Ned, Tim Linkinwater e Newman Noggs, todos três imediatamente, e depois

de conversarem muito, apresentaram a Ralph o seguinte libelo acusatório em termos claros

Que alguém jurara solenemente a Newman, Smike não ser filho de Snawley e estava pronto a repetir o juramento, se fosse necessário. Que suspeitando da existência duma conspiração, não teve dificuldade em descobrir a maldade de Ralph e a avareza de Squeers. Que a suspeita e a prova sendo duas coisas muito diferentes, foi aconselhado por um eminente advogado para obter de Snawley, por qualquer meio possível, uma confissão completa do plano. Snawley, como prático na baixa intriga, fugiu sempre a todas as tentativas, até que, inesperadamente, a noite passada lhes caíra de joelhos. Quando Newman Noggs informou que Squeers estava de novo na cidade e tivera uma entrevista secreta com Ralph para o que ele fora mandado sair de casa - foi posto um vigia na peugada do mestre-escola, na esperança de se descobrir alguma coisa sobre o suspeitado plano. Vendo que Squeers vivia só, sem comunicação com Ralph, nem com Snawley, o vigia foi retirado e teria desistido de observar os seus movimentos se Newman não o visse uma noite com Ralph a visitarem várias pensões e tabernas, e visto, pelas perguntas que faziam, andarem à procura duma velha, cujas descrições correspondiam exactamente à surda Mrs. Sliderskew. Como o assunto parecia ser seriamente mais complexo, foi de novo postado o vigia com redobrada vigilância. Ele e Frank Cheeryble, seguindo as pisadas do inconsciente mestre-escola, souberam que vivia num quarto em Lambeth, habitando na porta oposta Mrs. Sliderskew, com quem ele estava em constante comunicação.

Neste estado de coisas apelou-se para Arthur Gride, que se recusou positivamente para ser parte na captura da mulher e, tomado de pânico com a ideia de ter de ir depor contra ela, fechou-se em casa sem querer comunicar com pessoa alguma. Os perseguidores, reunidos em conselho, chegaram à conclusão de que Gride e Ralph, com Squeers por instrumento, estavam negociando a recuperação dos papéis roubados, os quais, se não fizessem inteira luz, podiam explicar alguma coisa sobre as insinuações a respeito de Madeline, como Newman escutara, e resolveram ter Mrs. Sliderskew e Squeers em custódia, se alguma coisa de suspeito os incriminasse. De acordo com isto, a janela de Mr. Squeers foi vigiada até se apagar a luz, notando-se depois que ele visitava assiduamente Mrs. Sliderskew. Frank Cheeryble e Newman, por isso, subiram a escada e começaram a escutar as conversas de ambos. Como eles chegaram no momento oportuno, Mr. Squeers, meio atordoado, foi preso com um documento roubado em seu poder e Mrs. Sliderskew foi igualmente detida. Tendo sido dada prontamente a informação a Snawley de que Squeers estava na prisão, sem lhe dizer porquê, ele informou ser toda a história referente a Smike, uma ficção e trapaça implicando completamente Ralph Nickleby. Quanto a Mr. Squeers, não podendo nessa manhã explicar satisfatoriamente, perante um magistrado, a razão de se encontrar a escritura em seu poder e a sua camaradagem com Mrs. Sliderskew, foi mandado para a prisão por mais uma semana.

Todas estas descobertas foram relatadas a Ralph circunstancialmente e em pormenor. Fossem quais fossem as impressões anteriormente sentidas, ele não deu sinal de emoção, e continuou sentado, sem tirar os olhos do chão e cobrindo a boca com a mão. Quando a narrativa acabou, levantou a cabeça

de repente como se fosse falar, mas como o irmão Charles continuou, caiu na atitude anterior.

- Disse-lhe esta manhã - prosseguiu o velho senhor, pondo a mão no braço do irmão - que ia numa missão de misericórdia. Tanto esteja implicado neste último negócio e tanto quanto a pessoa, agora na prisão, o possa incriminar, sabe o senhor melhor. Mas a justiça deve seguir o seu caminho contra as partes implicadas no plano contra esse pobre, inofensivo e prejudicado rapaz. Não está no meu poder, ou no poder do meu irmão Ned, salvá-lo das consequências. O máximo que podemos fazer é avisá-lo a tempo e dar-lhe uma oportunidade de escapar. Não queremos ver um velho, como o senhor, desgraçado e punido pelo seu próximo parente, nem queremos esquecer, como o senhor, todos os laços de sangue e da natureza. Suplicamos-lhe - o irmão Ned acompanhme,



embora pretenda ser cabeçudo como um burro, sir, e esteja ali a franzir a testa, como tem feito - suplicamos-lhe para se retirar de Londres, para se esconder em qualquer parte onde esteja a salvo das consequências destes infames projectos, e onde possa ter tempo, sir, para os espiar e se tornar um homem melhor.

- E o senhor pensa - replicou Ralph, levantando-se com um riso diabólico - que me esmagam tão facilmente? Pensa que um cento de planos bem concertados, ou um cento de tes temunhas subornadas, ou um cento de falsos mastins na minha peugada, ou um cento de discursos hipócritas cheios de palavras mansas, me comoverão? Agradeço-lhes terem-me des coberto os vossos projectos, para os quais estou agora preparado. Experimentem! E lembrem-se que cuspo nas vossas lindas palavras e no vosso procedimento falso, e desafios. provo-co-os. incitwos. a fazerem o pior que puderem! Assim se separaram naquela ocasião, mas o pior ainda não chegara.

## CAPÍTULO LIX

Os perigos aumentam e narra-se o pior

Em vez de ir para casa, Ralph meteu-se no primeiro trem, que mandou seguir para a esquadra onde se encontrava Squeers. Uma vez lá chegado, perguntou pelo objecto da sua solicitude, sendo informado que podia receber visitas, pois acabava de mandar chamar uma carruagem, onde se propunha ir para o seu retiro de uma semana como um cavalheiro.

Pedindo para falar com o prisioneiro, foi metido numa espécie de sala de espera, onde Mr. Squeers passava os dias devido à sua profissão escolar e à sua superior respeitabilidade. Aqui, à luz dum candeeiro enegrecido, mal pôde distinguir o mestre-escola profundamente adormecido num banco postado num canto afastado. Na mesa, em frente dele, estava um copo vazio, cujo cheiro a brande e água deu a perceber que Mr. Squeers procurava esquecer temporariamente a sua desagradável situação.

Não era coisa fácil levantá-lo, tão letárgico e pesado era o seu corpo, mas recuperando as suas faculdades vagarosamente, ergueu-se por fim, exibindo uma cara muito amarela, um nariz muito vermelho e uma barba como as cerdas dos porcos, cujo conjunto era consideravelmente avivado por um sujo lenço branco, manchado de sangue, posto no alto da cabeça e amarrado por baixo do queixo. Fixou tristemente Ralph em silêncio até dar saída aos seus sentimentos nesta frase enérgica:

- Ouça, meu rapaz, esteve a tramá-la agora, não?

- O que lhe passa pela cabeça?- perguntou Ralph.

-Ora o seu homem, o seu informador, o seu raptador de crianças, confessou - replicou Squeers de mau humor - É o que se passa! Você por fim, sempre apareceu!

- Por que não me mandou chamar? - interrogou Ralph. Como podia vir, sem saber o que lhe acontecera?

- A minha família! - soluçou Mr. Squeers, erguendo o olho para o tecto. - Para a minha filha, que está naquela idade em que todas as sensibilidades se sentem como uma bofetada; o meu filho, o jovem Norval com uma vida privada, o orgulho e o ornamento duma terna aldeia; isto foi um choque! O braço de armas dos Squeers está manchado e o seu sol mergulhou nas ondas do oceano!

- Você esteve a beber! - disse Ralph. - E não dormiu o suficiente para ficar bom.

- Não estive a beber à sua saúde, seu avaro!- retorquiu Squeers. - Portanto, não tem nada com isso. Ralph reprimiu a indignação despertada pela maneira insolente do mestre-escola e perguntou-lhe de novo por que o não mandara chamar.

- O que me fazia mandá-lo chamar? - inquiriu Squeers.

-Para saber que estar metido consigo não me traria nada de bom e que eles não admitiam fiança até conhecerem alguma

coisa mais do caso? Por isso aqui estou eu preso e incomodado, e você à solta e muito satisfeito.

- E assim deve estar por uns poucos de dias - declarou Ralph fingindo bom humor. - Eles não

podem fazer-lhe mal, homem.

-Ora, suponha que me não podem fazer muito se explicarem como entrei em relações com essa cadavérica velha Slider

- replicou Squeers maldosamente - que eu desejava fosse morta e enterrada, ressuscitada e dissecada, e espetada em arames num museu de anatomia antes de ter tido qualquer contacto com ela. Isto foi o que aquela cabeça empoada me disse esta manhã, por estas palavras: Preso! Por ter sido encontrado com aquela mulher; por ter sido detido na posse deste documento; por estar ocupado com ela na destruição de outros e não dar uma explicação satisfatória de si próprio, mando-o para a cadeia por mais uma semana, a fim de se fazerem investigações e se estabelecer a evidência. e, entretanto, não posso admitir fiança. Bem, então, o que diz agora é que posso dar uma explicação satisfatória de mim próprio; posso entregar um cartão do meu estabelecimento e declarar, Sou Wackford Squeers, como está aí escrito, sir. Sou um homem garantido por impecáveis referências como sendo um seguidor da moral e um partidário de bons princípios. Tudo o que houver de mau neste assunto não é culpa minha. Não tinha maus desígnios como ele, sir. Não sabia que houvesse alguma coisa de mau. Apenas fui empregado por um amigo. o meu amigo Ralph Nickleby, de Golden Square. mande-o chamar, sir, e pergunte-lhe o que tem a dizer. é ele o homem e não eu!

- Qual era o documento que você tinha? - perguntou Ralph, pondo de parte, momentaneamente, o ponto levantado.

- Qual? Ora, o documento - respondeu Squeers. - O que tinha o nome de Madeline. Era um testamento; é o o que era.

- De que natureza, as suas disposições, datado de quando, como a beneficiava e até onde? - inquiriu Ralph precipitadamente.

- Um testamento a favor dela, é tudo o que sei - respondeu Squeers - e isso é mais do que você saberia se tivesse apanhado com as tenazes na cabeça. Isto tudo devido à sua preciosa precaução para que eles se não apoderassem dele. Se mo tivesse deixado queimar e confiar na minha palavra de que desaparecera, haveria um monte de cinzas por detrás do fogão em vez de estar inteiro e salvo dentro do meu sobretudo!

- Batido em todos os campos! - murmurou Ralph.

- Ah! - suspirou Squeers, hesitando estranhamente entre o brande e água e a sua cabeça partida. - Na deliciosa vila de Dotheboys, perto de Greta Bridge, no Yorkshire, a mocidade é alimentada, vestida, fornecida de livros, lavada, provida de dinheiro para pequenas despesas e de tudo o necessário, instruída em ortografia, geometria, astronomia, trigonometria. isto é um estado dum trigonometrista, isso é! Um duplo, é tudo. uma arma dum sapateiro remendão. A. ci. ma, advérbio, quer dizer não em baixo. S... q... u. . duplo e-r-s, Squeers, substantivo, um educador da juventude. Total; tudo para cima do Squeers!

Esta declamação permitiu a Ralph recuperar a sua presença de espírito, que lhe sugeriu a necessidade de remover o mais possível os receios do mestre-escola e levá-lo a acreditar que a sua salvação e o melhor procedimento consistiam na continuação dum rígido silêncio.

- Digo-lhe mais uma vez - advertiu ele - de que lhe não podem fazer mal. Terá uma acção por prisão sem culpa e ainda tira proveito disso. Inventa uma história que repete vinte vezes com uma dificuldade tão trivial como esta; e se eles quiserem uma caução de mil libras pela sua reaparição no caso, será chamado e tê-las-á. Tudo o que tem a fazer é ocultar a verdade. Você está um pouco embriagado esta noite e não é capaz de ver isto claramente como faria noutra ocasião, mas isto é o que deve fazer e precisa estar com todos os seus sentidos, pois um deslize pode ser fatal.

- Oh! - exclamou Squeers, olhando com desprezo para

ele com a cabeça pendida para um lado, como um velho corvo. É isso tudo o que tenho a fazer, não é? Então ouça agora uma palavra ou duas minhas. Não vou dizer histórias inventadas por mim, nem por ninguém! Se vir que os ventos me são contrários, espero que apanhe a sua parte e terei cuidado nisso. Você nunca me falou de perigo. Nunca transaccionaria para ser metido numa embrulhada como esta e não tenciono aceitá-la tão tranquilamente como pensa. Deixei-me guiar por si, numa coisa ou outra, por termos estado juntos em certo sentido, e se não estivesse para amar podia talvez ter prejudicado o negócio, mas se estivesse podia dar-me um bom bocado. Bem se tudo caminhar agora direito, está muito bem e não me rálo; mas se der para o torto, então as coisas alteram-se e direi e farei aquilo que melhor pensar como sendo mais conveniente, e não receberei conselho de ninguém. A minha influência moral sobre os rapazes - acrescentou Mr. Squeers com profunda gravidade ameaça ruína nas suas bases. As imagens de Mrs. Squeers, de minha filha e do meu filho Wackford, e de toda a espécie de comida, estão perpetuamente diante de mim; toda e qualquer outra consideração funde-se e desaparece diante desta. O único número que conheço em toda a aritmética, como marido e paié o número um, e sob este, aqui passam-se as coisas mais funestas.

Quanto tempo mais podia ter Mr. Squeers declamado e a que tempestuosa discussão a sua declamação podia ter levado, ninguém sabe. Sendo interrompido neste ponto pela chegada da carruagem e dum polícia para o acompanhar, pôs o chapéu com grande dignidade por cima do lenço que lhe ligava a cabeça e, metendo uma das mãos na algibeira com a outra agarrando o braço do seu companheiro, foi conduzido para fora.

- Como eu supunha por não me ter mandado chamar pensou Ralph. - Este tipo, como claramente vi através de toda

a sua parvoíce de bêbado, resolveu atirar as culpas para cima

de mim. Estou tão sitiado e apertado, que eles não me escoicinham só por medo, mas, como os ani nais da fábula, atiram-se agora todos a mim, embora houvesse tempo em que eram todos

delicadezas e cumprimentos. Mas não me moverão. Não fugirei! Não me afastarei um centímetro!

Foi para casa e ficou contente em achar a governanta a queixar-se de dores, pois desejava ficar só. Mandou-a para casa e sentou-se à luz duma única vela e começou a pensar, pela primeira vez, em tudo quanto sucedera nesse dia.

Não tinha comido, nem bebido, desde a noite passada e, a acrescentar à ansiedade de espírito, tinha andado, incessantemente, durante horas dum lado para o outro. Sentia-se doente e

exausto, mas só pôde beber um copo de água e continuou sentado com a cabeça apoiada à mão, sem pensar, nem repousar

mas trabalhosamente tentando fazer ambas as coisas, não encontrando, contudo, senão desolação e vácuo.

Eram perto das dez horas quando ouviu bater à porta, mas continuou sentado como antes, como se nem mesmo os pensamentos apreendessem isso. O bater foi repetido com frequência e ouviu, lá fora, uma voz a dizer que havia luz na janela significando, como ele sabia, a sua vela - antes de poder levantar-se e de subir as escadas.

-Mr. Nickleby, há terríveis novidades para si e mandaram-me para lhe pedir que fosse comigo imediatamente - dizia a voz que ele pareceu reconhecer. Levou a mão em

pala acima dos olhos e, espreitando para fora, viu Tim Linkinwater nos degraus.

- Ir aonde? - perguntou Ralph.

- A nossa casa. onde foi esta manhã. Tenho aqui uma carruagem!

- Porque devo eu ir lá? - inquiriu Ralph.

- Não me pergunte porquê, mas suplico-lhe para ir comigo.

- Uma outra edição desta manhã - comentou Ralph, fazendo como se fosse fechar a porta.

- Não, não! - exclamou Tim, agarrando-o pelo braço e falando com o máximo ardor. - apenas para ouvir uma coisa que se passou. uma coisa terrível, Mr. Nickleby, e lhe diz respeito muito de perto. Pensa que se não fosse assim lhe falaria, ou viria, desta maneira? Ralph olhou-o mais intensamente e vendo que ele, de facto, estava muito excitado, hesitou, sem saber o que dizer, ou pensar.

- É melhor ouvir isto agora do que noutra ocasião - disse Tim. - Pode ter alguma influência em si. Pelo amor de Deus, vamos!

Talvez noutro momento Ralph não desse ouvidos a este pedido, mas agora, depois dum momento de hesitação, entrou no vestíbulo para ir buscar o chapéu e meteu-se na carruagem sem uma palavra.

Tim lembrou-se muitas vezes mais tarde de que Ralph lhe parecera embriagado quando tinha ido buscar o chapéu. Também se lembrou, quando ele entrara na carruagem, do olhar vago, com uma cara cor de cinza muito transtornada.

Houve um profundo silêncio durante o caminho. Chegados ao destino, Ralph seguiu o seu guia até ao aposento onde estavam os dois irmãos. Ficou tão aturdido, para não dizer intimidado, pela muda compaixão que mostravam por ele, visível nas suas maneiras e nas do velho empregado, que mal pô-de falar.

Sentando-se, contudo, esforçou-se por dizer, embora em palavras trémulas:

- O que. o que me têm a dizer. mais do que já me disseram?

O aposento era velho e comprido, muito mal iluminado, e terminando por uma varanda, na qual pendiam roupas

exteriores. Pondo os olhos naquela direcção pensou ver a figura dum homem, impressão esta confirmada ao notar que o objecto se movia, como se estivesse pouco à vontade sob o seu olhar.

- Quem está ali? - perguntou ele.

- Uma pessoa que se nos dirigiu nestas duas horas passadas e cujas notícias foram a causa de o mandarmos chamar - respondeu o irmão Charles. - Deixe-o, sir, deixe-o por agora!

- Mais enigmas! - disse Ralph esmorecidamente. - Então sir?

Voltando a cara para os irmãos foi obrigado a desviá-la da janela, mas, como se uma força estranha o impelisse, voltou continuamente para lá os olhos, sentindo-se desassossegado com a presença do desconhecido, de tal forma que teve de mudar de posição, desculpando-se com o incómodo da luz.

Os irmãos conferenciaram durante pouco tempo, mostrando nas suas maneiras estarem muito agitados. Ralph relanceou duas ou três vezes e, por fim, disse com um grande esforço para se dominar:

- O que é isso? Se me trouxeram aqui a esta hora da noite deve ter sido por alguma coisa. O que têm a dizer-me? - Depois duma curta pausa, acrescentou - Morreu a minha so brinha?

Bateu numa tecla que tornaria mais fácil o começo da conversa. O irmão Charles voltou-se e declarou que era duma morte, de facto, que tinham de lhe falar, mas a sobrinha estava bem.

- Não me querem dizer - replicou Ralph com os olhos a brilharem - que o irmão dela morreu. Não, isso seria bom demais. Não acreditaria ainda que mo dissessem. Era uma notícia agradável demais para ser verdade!

-Que vergonha para si, homem endurecido e desnaturado! - exclamou o outro irmão com calor. -

Prepare-se para notícia, a qual se tiver um resto de sentimento humano no peito, fa-lo-á sucumbir e tremer. O que diria se declarássemos que um pobre rapaz infortunado, uma criança em tudo, mas sem nunca ter conhecido uma daquelas ternas meiguices, ou uma daquelas alegres horas que lembram as crianças, pela vida fora, como um sonho feliz; uma criatura de bom coração, inocente, afectuosa, que nunca o ofendeu, ou lhe fez mal, mas sobre o qual desafogou a sua maldade e o ódio que concebeu pelo seu sobrinho, do qual fez um instrumento para saciar as suas más paixões. O que diria, se lhe declarássemos que, consumindo-se sob a sua perseguição, sir, e a miséria e o mau trato numa vida de curtos anos, mas longa no sofrimento, essa criatura partiu para contar a sua história onde, pela sua parte nela, não tem necessidade de resposta?!

- Se me disser que ele morreu - replicou Ralph impetuosamente - perdô-lhe tudo. Se me disser que ele morreu, ficar-lhe-ei devedor e grato por toda a vida. Ele morreu?

Vejo nas suas caras. Quem triunfa agora? São éssas as notícias horríveis? É essa a terrível comunicação? Vêem como ela me comove:

Fizeram bem em me mandar chamar. Teria andado cem milhas a pé, através de lama, atoleiros e escuridão, para ouvir esta notícia justamente nesta altura.

Mesmo então, movido pela sua selvática alegria, Ralph viu nas caras dos dois irmãos, misturada com o olhar de desgosto e de horror alguma coisa de indefinível compaixão por ele, como já notara antes.

- E ele deu-lhes a notícia, não é verdade? - perguntou Ralph, apontando com o dedo para o recanto já mencionado - e está além, sem dúvida, para me ver prostrado e vencido por ela. Ah! ah! ah! Mas eu serei um espinho no seu corpo por muitos dias futuros, e digo a ambos os senhores que o não conheço, e que se arrependerão do dia em que tiverem compaixão do vagabundo.

- O senhor toma-me pelo seu sobrinho! - disse uma voz surda e triste. - Seria melhor para si e para mim, se eu fosse, de facto.

A figura que ele via tão confusamente levantou-se e avançou vagarosamente. Ralph acabou por ver que enfrentava. não Nicholas, como supunha, mas Brooker. Ralph não encontrava motivo para rezear este homem. Antes nunca o temera, mas a palidez que se lhe observava na cara quando se encaminhou para diante, fê-lo tremer e alterar-lhe a voz, quando disse, conservando os olhos nele:

-O que faz aqui este tipo? Sabem que ele é um condenado. um criminoso. um vulgar ladrão?

-Ouça o que ele tem para lhe dizer, Mr. Nickleby, ouça o que ele tem para lhe dizer, seja ele o que for! - ponderaram os irmãos com tão enérgico ardor, que Ralph voltou-se para eles com sobressalto, enquanto lhe apontavam Brooker; Ralph voltou a olhá-lo espantado, como parecia.

- Esse rapaz - declarou o homem - de que estes senhores têm estado a falar.

- Esse rapaz - repetiu Ralph, olhando vagamente para ele.

- Que eu vi morto e frio na cama e está agora na cova.

- Que está agora na cova?. - ecoou Ralph, como uma pessoa que fala a sonhar.

O homem levantou os olhos e juntou as mãos solenemente.

-Era o seu único filho, assim Deus me salve!

No meio dum silêncio de morte, Ralph apertou as duas mãos na cabeça. Tirou-as depois dum minuto e nunca se viu

- um homem vivo, desfigurado por qualquer mágoa - com uma cara tão horrorosa coma a dele.

Olhou para Brooker, que estava nessa altura a pouca distância, mas não disse uma palavra, ou emitiu qualquer som, ou fez o mais ligeiro gesto.

-Senhores - disse o homem - não apresento desculpas para mim. Tenho um longo passado. Se, ao dizer-lhes como isto sucedeu, lhes declaro que fui asperamente tratado e talvez desviado da minha verdadeira natureza, faço-o com uma parte necessária da minha história e não para me desculpar. Sou um delinquente!

Parou, como para se recordar e, desviando os olhos de Ralph, dirigiu-se aos irmãos para continuar num tom humilde e mortificado:

-Entre aqueles que tiveram negócios com este homem, meus senhores- há vinte ou vinte e cinco anos atrás- havia um cavalheiro, áspero, caçador de raposas, bom bebedor, que dera cabo da sua fortuna e queria fazer o mesmo à da irmã. Eram ambos órfãos; ela vivia com ele e tratava da casa. Não sei, originariamente, se foi para defender a sua influência ou para tentar persuadir a jovem, ele - apontando para Ralph - costumava ir lá a casa, em Leicestershire, muito frequentemente e ficar lá muitos dias. Tiveram negócios juntos e ele fez alguns talvez para remendar a situação da cliente, que estava num estado ruinoso... decerto para seu interesse. A senhora não era já uma rapariga, mas era, ouvi dizer, bonita e com direito a uma boa fortuna. Com o decorrer do tempo casou com ela. O mesmo amor que o levou a cantrair este casamento, levou-o a ordenar-lhe que o conservasse estritamente secreto. Por uma cláusula no testamento do pai dela, declarava-se que se ela casasse sem o consentimento do irmão, a fortuna, da qual ela apenas tinha o usufruto enquanto solteira, passaria para outro ramo da família. O irmão não daria consentimento para quaisquer despesas.

Mr. Nickleby não consentiria num tal sacrifício, e assim continuaram, conservando o casamento secreto e esperando que o irmão partisse a espinha, ou morresse duma febre. Não aconteceu nem uma coisa nem outra e, entretanto, o resultado deste casamento oculto foi um filho. A criança foi posta na ama, a grande distância; a mãe só o viu uma vez, ou duas, e, então, às escondidas. O pai - tão ansiosa era a sua sede por dinheiro, que parecia agora vir-lhe a cada respiração, pois o cunhado estava muito doente e decaindo cada vez mais - nunca foi junto dele, para evitar que se levantassem suspeitas. O irmão ia-se mantendo; o esposo de Mrs. Nickleby insistia para ele confessar o casamento, ao que ele se recusava peremptoriamente. Ela permanecia só, numa sombria casa de campo, vendo nenhuma, ou pouca gente, a não ser caçadores bêbados e brigões. Ele vivia em Londres, agarrado aos seus negócios. Houve várias questões e recriminações e quando já estavam casados há cerca de sete anos e a poucas semanas da ocasião em que tudo se ajustaria pela morte do irmão, ela foi raptada por um homem mais novo e deixou-o.

Aqui parou, mas como Ralph não se moveu, os irmãos fizeram-lhe sinal para continuar:

-Foi então que eu me tornei conhecedor destas circuns tâncias pela boca dele. Nessa ocasião não havia segredos, pois o irmão e outros sabiam-no, mas foram-me comunicadas, não por este motivo, mas porque precisou de mim. Ele seguiu os fugitivos - disseram alguns, para fazer dinheiro com o opróbrio da mulher, mas eu creio que foi para se vingar com violência, pois lhe estava no carácter tanto uma coisa como a outra. Não os encontrou e ela morreu pouco depois. Não sei se ele começou a pensar que podia gostar da criança, ou se desejava ter a certeza de que ela nunca cairia nas mãos da mãe antes de partir, encarregou-me de a levar para casa. Assim fiz.

Desde este ponto continuou num tom mais humilde e, falando numa voz muito mais baixa, apontou para Ralph prosseguindo:

- Ele tratava-me mal. cruelmente. Lembrei-lho não há muito tempo, quando o encontrei na rua, e odiava-o. Levava a criança para casa dele e alojei-a no sótão da frente.

O descuido tornara-o muito doente e fui abrigado a chamar um médico, que disse ser necessário fazer a criança mudar de ares, pois de contrário morreria. Foi a primeira coisa que meti na cabeça. Ele saíra, por seis semanas e quando voltou, com tudo bem planeado e provado e de que ninguém podia suspeitar - disse-lhe que a criança morrera e fora enterrada. Ele ficou desapontado ou por qualquer intenção formada, ou por ter alguma natural afeição, mas ficou pesaroso com aquilo e eu confirmei o meu desígnio de descobrir o segredo, um dia, tornando-o um meio de lhe apanhar dinheiro. Ouvira falar, como a maioria dos outros homens das escolas de Yorkshire.

Levei a criança para uma dirigida por um homem chamado Squeers e deixei-a lá. Dei-lhe o nome de Smeke. Durante seis anos paguei vinte libras por ano, por ele, nunca descobrindo o segredo durante este tempo, por já ter deixado o serviço do pai por causa de maus tratos e de ter questionado de novo com ele. Fui mandado para fora do país. Estive ausente perto de oito anos. Imediatamente ao meu regresso à pátria dirigi-me a Yorkshire e emboscando-me uma noite na aldeia, fiz perguntas sobre os rapazes da escola e soube que aquele, colocado lá por mim, fugira com um jovem, usando o mesmo nome do pai. Avistei o pai em Londres e dando-lhe a entender o que lhe queria dizer, tentei sacar-lhe algum dinheiro para poder viver, mas ele repudiou-me com ameaças. Descobri depois o empregado e, indo a pouco e pouco mostrando-lhe haver boas razões para comunicar comigo, ele soube o que se passava, tendo sido eu quem lhe disse não ser ele o filho do homem que o reclamava como pai. Durante todo este tempo nunca vi o rapaz. Por fim soube pela mesma fonte que ele estava muito doente e onde se encontrava. Fui lá e podia se fosse necessário, fazer-me reconhecer e confirmar a minha história. Apareci-lhe inesperadamente, mas antes de lhe poder falar ele reconheceu-me - tinha boas razões para se lembrar de mim, o desgraçado! - e teria jurado que era ele, mesmo se o encontrasse nas Índias. Reconheci aquela cara digna de lástima que vira em criança. Depois de uns poucos de dias de indecisão, fui ter com o jovem, a cujo cuidado ele estava, e soube então que tinha morrido. Ele sabe como o rapaz me reconheceu rapidamente, como frequentemente me descrevia, como o deixei na escola e como falava dum sócio de que se recordava, aquele que lhes indiquei há pouco, e nesse tempo em casa do pai. Esta é a minha curta história. Peço para ser posto frente a frente com o mestre-escola e dar qualquer possível prova do que contei, mostrando que isto é verdade e tenho esta culpa na minha alma!

- Homem infeliz! - exclamaram os irmãos. - Que reparação quer por isto?

- Nenhuma, meus senhores, nenhuma! Não tenho nenhuma a fazer, nem nada a esperar agora. Sou velho na idade e mais velho na miséria e na carência. Esta confissão só pode trazer-me novas punições e sofrimento, mas faço-a e suportarei tudo o que vier. Fui o instrumento que, fazendo recair esta terrível retribuição sobre a cabeça dum homem, na sua ardente prossecução dos maus fins, levou o próprio filho a morrer. Deve descer também sobre mim - sei que deve cair - a reparação, que vem demasiado tarde e, nem neste mundo, nem no outro, posso ter de novo esperança. Mal acabou de falar o candeeiro, que estava em cima da mesa, junto ao sítio onde Ralph se sentava, e era o único no aposento, foi arremessado ao chão e tudo caiu nas trevas. Estabeleceu-se uma pequena confusão para se obter outra luz; o intervalo foi, quase nulo, mas quando a luz apareceu, Ralph Nickleby desaparecera. Os bons irmãos e Tim Linkinwater ocuparam-se durante algum tempo a discutir a probabilidade dele regressar, e quando foi notório que não voltaria, hesitaram se deviam, ou não, mandá-lo chamar. Por fim, lembraram-se da maneira estranha e silenciosa como ele se conservara sentado, imóvel, durante a entrevista e, admitindo a hipótese de estar doente, decidiram, embora fosse muito tarde, mandar alguém a sua casa sob qualquer pretexto. Achando uma desculpa na presença de Brooker, de quem não sabiam se podiam dispor sem o consultar, concluíram em proceder de conformidade com esta resolução, antes de ir para a cama.

## CAPÍTULO LXI

Nicholas e a irmã não perdem o direito à boa opinião das pessoas sagazes e prudentes

Na manhã seguinte à exposição de Brooker regressou Nicholas. O encontro entre ele e as pessoas que deixara, não foi feito sem forte emoção para ambos os lados, pois tinham sido informadas, por cartas, das ocorrências.

- Tenho a certeza - disse Mrs. Nickleby, enxugando os olhos e soluçando amargamente - de ter

perdido a melhor criatura, a mais zelosa e atenciosa que ainda tive por companhia em toda a minha vida, pondo de parte, decerto, a ti, meu querido Nicholas, e Kate, o vosso querido papá e essa bem educada ama que fugiu com a roupa branca e doze garfos pequenos. De todos os seres tratáveis, de temperamento igual, afectuosos e fieis com quem tenho vivido, creio ter sido ele o melhor. Não tenho coragem para olhar agora para o jardim, em que tinha tanto orgulho, ou ir ao seu quarto e vê-lo cheio dessas pequenas invenções feitas para o nosso conforto e em que tinha tanto prazer e fazia tão bem! Não posso, realmente! Isto é uma grande provação para mim, uma grande provação. Será um conforto para ti, meu querido Nicholas, até ao fim da tua vida lembrares-te como foste bom e amável para ele, assim como para mim, pensar nos excelentes termos em que vivemos e como ele era doido por mim, pobre rapaz! Era muito natural que te tivesses afeiçoado a ele, meu querido, muito, e decerto estavas e estás muitíssimo pesaroso por isto. Basta olhar para ti para se ver como estás mudado mas ninguém sabe quais são os meus sentimentos, ninguém, é absolutamente impossível. Enquanto Mrs. Nickleby, com a máxima sinceridade, expandia as suas tristezas na forma peculiar de se considerar acima de todos, Kate, embora muito acostumada a esquecer-se de si para pôr os outros em primeiro lugar, não pôde conter a sua dor. Madeline também ficou muito comovida e a pobre Miss La Creevy tão cordial e honesta, tendo chegado na altura de se receber a triste nova, sentou-se nas escadas, desfeita em lágrimas e recusando-se durante muito tempo a ser consolada.

- Isto aflige-me tanto! - declarou a pobre mulher - Vê-lo regressar só. Não posso deixar de pensar quanto deve ter sofrido. Não me incomodava tanto se se expandisse um pouco mais, mas suporta isto tão valentemente!

- Devia fazê-lo, não devia? - perguntou Nicholas.

- Sim sim - respondeu ela - e abençoado seja pela boa criatura que é! Mas isto parece, para uma alma simples como a minha - sei que é imodéstia dizer isto e peço desculpa, uma fraca recompensa por tudo o que fez.

- Não - refutou Nicholas delicadamente. - Que melhor recompensa podia eu ter de que saber terem os seus últimos dias sido tranquilos e felizes, e a lembrança de ter sido o seu constante companheiro e de não ter abandonado a sua cabeceira, como o podia ter feito sob centenas de pretextos?

- Com certeza! - soluçou Miss La Creevy. - E muito verdade e eu sou uma grande palerma e ingrata. A boa alma tornou a chorar e, esforçando-se por se recompor tentou rir. A gargalhada e o gemido encontraram-se abruptamente e lutaram para ver qual seria o vencedor, resultando desta batalha um ataque histérico de Miss La Creevy.

Esperando até todos estarem mais sossegados e tranquilos Nicholas, que tinha precisão de descansar depois da sua longa viagem, retirou-se para o quarto e atirou-se, vestido como estava para cima da cama, caindo num sono profundo. Quando acórdou, encontrou Kate sentada ao lado da cama; quando o viu de olhos abertos, curvou-se para o beijar.

- Vim para te dizer como me sinto contente por te ver de novo em casa.

-E eu não posso dizer-te a minha satisfação por te ver Kate.

- Estávamos tão fatigadas de esperar pelo teu regresso - disse Kate - a mamã, eu e a Madeline.

-Tu disseste na tua última carta que ela está completamente bem - recordou Nicholas, bastante apressadamente e corando. - Nunca se falou, enquanto estive ausente, sobre quaisquer disposições que os irmãos tenham tentado fazer a respeito dela?

- Nem uma palavra - respondeu Kate. - Não posso pensar em separar-me dela sem tristeza e, seguramente, Nicholas tu não o desejas.

Nicholas tornou a corar e, sentando-se ao lado da irmã, perto da janela, disse:

-Não, Kate, não, não desejo! Posso procurar esconder os meus verdadeiros sentimentos de todos,



excepto de ti. Quero dizer-te que, em resumo e sinceramente, que a amo, Kate!

Os olhos da irmã brilharam e ia dar uma resposta, quando Nicholas lhe pôs a mão no braço e continuou:

- Ninguém deve saber isto a não seres tu. Ela, menos de todos!

- Querido Nicholas!

- Menos de todos. nunca, embora nunca seja um tempo muito longo. As vezes ponho-me a pensar na possibilidade de vir alguma ocasião em que lho possa dizer. Mas isso está tão longe, numa perspectiva tão distante, que se devem passar muitos anos antes de chegar e quando chegar, se for algum dia, serei tão diferente do que sou agora e terei ultrapassado tanto a minha juventude e o meu romantismo, embora não o meu amor por ela, que sinto quão visionárias devem ser todas estas esperanças e procuro esmagá-las rudemente e acabar com o sofrimento e desapontamento. Não, Kate! Enquanto ausente, tive naquele pobre rapaz que morreu, perpetuamente diante dos olhos, um outro exemplo da bondade daqueles pobres irmãos. E tanto quanto estiver em meu poder hei-de merecê-la e se vacilei na obrigação contraída para com eles, estou determinando a cumpri-la rigidamente e pôr prorrogações e tentativas futuras fora do meu alcance.

-Antes de dizeres mais qualquer palavra querido Nicholas - replicou Kate, fazendo-se pálida - tens de ouvir o que tenho para te dizer. Vim de propósito, mas não tive

coragem. O que me disseste agora, deu-me uma alma nova.

Kate, hesitou e rompeu em choro. Havia qualquer coisa na sua maneira que preparou Nicholas para a notícia. Ela tentava falar, mas as lágrimas impediram-na.

- Vamos, minha pateta - animou Nicholas. - Então, Kate sê mulher! Parece-me saber o que me queres dizer. Diz respeito a Mr Frank, não é verdade?

Kate mergulhou a cabeça no ombro do irmão e murmurou:

- Sim.

- Ofereceu-te talvez, a sua mão, enquanto estive ausente - continuou Nicholas - É isso? Sim. Bem, afinal não é difícil contares-me. Ele ofereceu-te a sua mão?

- Que eu recusei - declarou Kate.

- Sim, e porquê?

-Disse-lhe - respondeu ela numa voz trémula - tudo quanto soube teres observado à mamã, e embora não pudesse esconder-lhe, como não posso esconder de ti, que foi

uma excessiva dor e uma grande provação, disse-lho firmemente, pedi-lhe para nunca mais me ver.

- És a minha valente Kate! - exclamou Nicholas, apertando-a ao peito. - Sei que o farias!

- Ele tentou modificar a minha resolução - prosseguiu Kate - e declarou que, fosse a minha decisão qual fosse, não só informaria os tios do passo dado, como te comunicaria imediatamente após o teu regresso. Receio - acrescentou ela, animada momentaneamente pela sua tranquilidade - receio não ter falado com bastante firmeza, tão profundo achei um tão desinteressado amor, que me levou a orar fervorosamente pela sua felicidade. Se falarem, gostava. gostava que ele soubesse isto.

- E supuseste, Kate, quando fizeste este sacrifício, que sabes ser justo e honesto, quanto o meu me faria perder o ânimo? - perguntou ternamente.

- Oh, não! A tua posição não é a mesma, mas.

- Mas é a mesma - interrompeu Nicholas - Madeline não é uma próxima parenta dos meus benfeitores, mas está ligada a eles por laços mais queridos, e fui o primeiro a quem confiaram a sua história, especialmente por terem uma ilimitada confiança em mim e acreditarem que sou tão forte como o aço. Qual seria a minha baixaza se me aproveitasse das circunstâncias que a puseram aqui, ou do pequeno serviço que lhe prestei para procurar captar-lhe a afeição, quando o resultado devia ser, se fosse bem sucedida, o desapontamento dos irmãos no seu desejo de a considerarem como sua

própria filha e de parecer que eu esperava fazer a minha fortuna pela sua afeição pela jovem, a quem tão vil e desprezivelmente apanhara no laço, aplicando a sua muita gratidão e caloroso reconhecimento em proveito próprio e jogando com a sua desgraça! Eu, cujo dever, orgulho e prazer, Kate, é de ter também outras pretensões e que possuo já os meios numa vida confortável e feliz, não tenho o direito de olhar para mais alto. Determinara tirar este peso do coração. Mesmo agora, duvido se não fiz mal, mas ainda hoje, sem reserva ou ambiguidade, irei relatar as minhas verdadeiras razões a Mr. Cheeryble, implorando-lhe para tomar imediatas providências a fim de mudar esta jovem para o abrigo de qualquer outro tecto.

-Hoje? Tão cedo!

- Penso nisto há semanas e por que devo adiar? Se a cena pela qual acabei de passar me ensinou a reflectir e me despertou para um sentimento do dever, por que devo esperar até à impressão ter esfriado? Não deves dissuadir-me, Kate, não é verdade?

- Hás-de ser rico - profetizou Kate.

- Hei-de ser rico - repetiu Nicholas com um sorriso melancólico - e hei-de envelhecer. Mas, rico ou pobre, novo ou velho, havemos de ser o mesmo um para o outro e nisto reside a minha consolação. O que seria se não tivéssemos um lar? Ele nunca pode ser solitário para ti nem para mim. O que seria se permanecêssemos tão verdadeiros a estas primeiras impressões que nos fosse impossível formarmos outras? Isto não passa dum elo a mais, na forte cadeia que nos liga. Parece ter sido ontem quando, éramos companheiros de brincadeiras, Kate e parecer-nos-á ser amanhã que havemos de ser velhos, olhando retrospectivamente para estas tristezas, como olhamos agora para os nossos dias de infância, e recordando, com melancólico prazer, esse tempo em que elas nos inquietavam. Talvez então, quando formos velhos e conversarmos dos tempos em que os nossos passos eram mais leves e o nosso cabelo sendo branco, estejamos agradecidos pelas provações que mutuamente transformaram as nossas vidas na corrente onde deslizaremos tão tranquila e sossegadamente. E tendo ouvido uns rumores da nossa história, os jovens que nos cercarem - tão jovens como tu e eu somos agora, Kate - podem vir ter connosco por simpatia e contar aos ouvidos compadecidos do irmão solteirão e da irmã solteirona, aflições que a esperança e a inexperiência não podiam deixar sentir.

Kate sorriu por entre as lágrimas quando Nicholas pintou este quadro, mas não eram lágrimas de tristeza, embora continuassem a cair, quando ele acabou de falar.

- Não tenho razão, Kate? - interrogou Nicholas, depois dum certo silêncio.

- Absoluta, querido irmão, e não te posso dizer quanto sou feliz por ter procedido como tu.

- Não sentes tristeza?

- N. n. não - respondeu Kate timidamente, traçando qualquer desenho no chão com a ponta do sapato. - Não me sinto triste por ter feito o que era justo e honesto, mas sinto tristeza por isto ter acontecido. pelo menos algumas vezes entristece-me e outras eu... não sei o que digo. Não passo numa rapariga, Nicholas, e isto fez-me sofrer muito!

Se Nicholas tivesse dez mil libras nesse minuto, teria assegurado a felicidade da irmã, mas não as tendo, limitou-se a consolá-la e confortá-la com palavras ternas; e as palavras encerraram tanto amor e cuidado, e tão alegre estímulo, que a pobre Kate lhe cingiu os braços em volta do pescoço e prometeu não chorar mais.

- Que homem - pensou Nicholas orgulhosamente, pouco depois, a caminho de casa dos irmãos - não se daria por suficientemente recompensado com qualquer sacrifício de fortuna, possuindo um coração como aquele, que vale quanto pesa em ouro e prata e está além de todo o louvor! Frank, tem dinheiro e não precisa de mais. Onde iria ele comprar um tesouro como Kate? E no entanto, em casamentos desiguais, o cônjuge rico supõe fazer um grande sacrifício e o outro realizar um bon negócio! Mas estou a pensar como um namorado, ou como um burro, o que suponho seja quase a

mesma coisa?!

Reprimindo pensamentos tão pouco adaptados aos assuntos a que estava ligado com repreensões como esta e outras não menos enérgicas, continuou o caminho e apresentou-se a Tim Linkinwater.

- Ah! Mr. Nickleby! - exclamou Tim. - Deus o abençoe! Como está? Bem? Diga que está completamente bem e nunca esteve melhor!

- Completamente - respondeu Nicholas, apertando-lhe ambas as mãos.

- Ah! parece bem fatigado, agora que olho bem para si - disse Tim - Escute, aí o tem. Ouve-o? É Dick, o melro. Não tornou a ser o mesmo desde que o senhor se foi embora. Nunca se conformou com a sua partida. Aceita-o tão naturalmente, a si como a mim.

- Dick é um tipo menos sagaz do que supunha, se pensa que sou digno de metade da sua atenção, como o senhor! respondeu Nicholas.

- Digo-lhe, sir - retorquiu Tim na sua atitude favorita e apontando para a gaiola com a pena - que se dá uma coisa muito extraordinária com este pássaro; as únicas pessoas a quem ele presta toda a atenção são Mr. Charles e Nlr. Ned, o senhor e eu!

Aqui, Tim parou e relanceou ansiosamente para Nicholas; depois, inesperadamente, baixando os olhos, repetiu:

- O senhor e eu! - A seguir relanceou de novo para Nicholas e, comprimindo as mãos, disse: - Não sou capaz de adiar uma coisa em que esteja interessado. Não fazia ideia de lhe pedir, mas gostava de ouvir alguns pormenores sobre esse pobre rapaz. Ele falou alguma vez de Cheeryble Brothers?

- Sim - disse Nicholas - muitas e muitas vezes.

- Foi justo da sua parte - retorquiu Tim, limpando os olhos. - Foi muito justo.

- E falou no seu nome dezenas de vezes- acrescentou Nicholas - e com frequência pedia-me para fazer presente a sua amizade por Mr. Linkinwater.

- Ele disse isso? - perguntou Tim, soluçando - Pobre rapaz! Desejava que pudéssemos tê-lo enterrado em Londres. Não há um cemitério em toda Londres como aquele do outro lado do largo, cercado por casas comerciais, e indo-se num dia bonito vêem-se livros e cofres através das janelas abertas. Então ele mandou-me os seus protestos de amizade, não mandou? Não esperava que se lembrasse de mim! Pobre rapaz, pobre rapaz! Tim ficou tão completamente conquistado com esta prova de lembrança que se sentiu impossibilitado de prosseguir a conversa. Nicholas, por isso, deslizou para fora do gabinete e foi para o escritório do irmão Charles.

Se antes mantivera a sua firmeza e ânimo, com esforço que Lhe custara bastante dor, o caloroso acolhimento, a maneira cordial, a simples e desafectada comiseração do bondoso velho, entrou-lhe no coração e não conseguiu reprimir-se.

- Vamos, vamos, meu caro senhor! - exclamou o irmão Charles - Não nos devemos deixar abater! Devemos aprender a suportar os desgostos e devêmo-nos lembrar que há muitas fontes de consolação, mesmo na morte. Cada dia que esse pobre rapaz vivesse, menos habilitado estava para o mundo e mais infeliz nas suas próprias deficiências. Foi melhor assim, meu caro senhor! Foi melhor assim.

- Penso em tudo isso, sir - respondeu Nicholas, aclarando a garganta. - Sinto-o, asseguro-lhe!

- Sim, assim está bem - replicou Mr. Charles, que no meio de todos os seus modos de consolação estava tão abalado como o honesto Tim - assim está bem. Onde está o meu irmão Ned? Tim Linkinwater, sir, onde está o meu irmão Ned?

- Saiu com Mr. Trimmers para internar aquele infeliz no hospital e mandarem uma ama para os filhos - respondeu Tim.

- O meu irmão Ned é um belo rapaz. um bellissimo ra paz! - exclamou Mr. Charles quando fechou a porta e se voltou para Nicholas. - Terá grande prazer em o ver, meu caro senhor. Falávamos de si todos os dias.

- Para lhe dizer a verdade, sir, estou satisfeito por o encontrar só - - confessou Nicholas com uma

natural hesitação por estar ansioso por dizer uma coisa. Pode dispensar-me muito poucos minutos?

- Certamente - retorquiu o irmão Charles, olhando para ele com uma expressão ansiosa. - Fale, meu caro senhor, fale.

- Mal sei como ou por onde principiar - começou Nicholas. - Se alguma vez houve um mortal para ter razão em estar cheio de afeição e reverência por outro, com um tal afecto que o mais duro serviço em favor dele lhe pareça um prazer e uma delícia, com tais lembranças de gratidão que devem despertar o maior zelo e fidelidade da sua natureza, são esses os sentimentos que nutro por si, e peço, com o coração e a alma, para me acreditar.

- Acredito-o - respondeu o velho senhor - e sou feliz em acreditá-lo. Nunca duvidei; nunca duvidarei. Tenho a certeza de nunca poder duvidar.

-O dizer-me isso tão amavelmente dá-me coragem para continuar - prosseguiu Nicholas. - Da primeira vez que me honrou com a sua confiança e me enviou a executar aquelas missões junto de Miss Bray, devia ter-lhe dito que já a vira há muito tempo, que a sua beleza me impressionara de modo a não poder apagá-la, e que procurei infrutiferamente descobri-la e ficar ao corrente da sua história. Não lho disse por ter pensado em vão, em vencer os meus mais fracos sentimentos e considerar um

dever, o concurso de todo o meu préstimo no desempenho da minha obrigação para com o senhor.

- Mr. Nickleby - disse o irmão Charles - o senhor não violou a confiança depositada em si, nem tomou qualquer vantagem dela. Tenho a certeza que não fez isso.

- Não fiz - assegurou Nicholas com firmeza. - Embora achasse que a necessidade de domínio próprio e restrição, se tornava cada dia mais imperiosa e a dificuldade era maior, nunca, por um só instante, falei ou olhei como se o senhor estivesse afastado. Nunca, em qualquer momento, traí a sua confiança. Porém, achei que a convivência constante e a com panhia dessa adorável rapariga, é fatal para a minha paz de espírito e pode destruir as resoluções por mim tomadas de princípio, e mantidas até agora fielmente. Em resumo, sir, não posso confiar em mim e imploro e suplico para tirar, sem demora, essa jovem do encargo da minha mãe e da minha irmã. Sei que para qualquer pessoa como o senhor, que sabe a grande distância que me separa dessa jovem, que é agora a sua tutelada e o objecto do seu peculiar cuidado, o amá-la eu, mesmo em pensamento, deve parecer o cúmulo da audácia e da presunção. Sei que é assim, mas quem a vê como eu a tenho visto, mas quem conhece o que tem sido a sua vida, quem pode deixar de a amar? Não tenho outra desculpa se não essa, e como não posso fugir a essa tentação e não posso reprimir esta paixão, peço-lhe e suplico-lhe para a tirar de lá e deixar-me esquecê-la.

- Mr Nickleby - disse o velho depois dum curto silêncio

-não pode fazer mais. Tive culpa em êxpor um jovem como o senhor a esta prova. Devia ter previsto o que aconteceria. Agradeço-lhe, sir, agradeço-lhe! Maúeline mudará de residência!

- Se me quer conceder um favor, diga-lhe para me recordar com estima, sem nunca lhe revelar esta confissão.

- Fique sossegado - respondeu Mr. Cheeryble - E agora, pergunta: era tudo o que tinha para me dizer?

- Não - retorquiu Nicholas, encontrando-lhe o olhar. Não é.

- Conheço o resto - confessou Mr. Cheeryble, aparentemente muito aliviado por esta pronta resposta. - Quando teve conhecimento?

- Quando cheguei a casa, esta manhã.

-Achou ser seu dever vir imediatamente ter comigo e dizer-me o que a sua irmã, sem dúvida, lhe participou?

- Achei - replicou Nicholas - embora desejasse ter falado primeiro com Mr. Frank.

-Frank esteve comigo a noite passada. Procedeu bem, Sr. Nickleby. muito bem, sir. e mais uma vez

obrigada.

Sobre este assunto, Nicholas pediu licença para juntar algumas palavras. Esperava que a sua confiança não conduzisse ao afastamento de Kate e Madeline, cuja mútua afeição era tal, que isso lhes causaria muita mágoa. Quando tudo estivesse esquecido tinha a esperança dele e Frank poderem continuar a ser grandes amigos. Contou, o mais pormenorizado possível, o que se passara nessa manhã entre ele e Kate, falando dela com muito orgulho e calorosa afeição, e acabou com expressivas palavras da sua devoção pelos dois irmãos e com a esperança de poder viver e morrer ao serviço deles. Tudo isto o irmão Charles ouviu em profundo silêncio com a cadeira voltada de modo que Nicholas não lhe podia ver a cara. Não falou na sua maneira habitual, mas antes com uma certa regidez e embaraço, muito estranhos nele. Nicholas receou tê-lo ofendido, mas ele respondeu:

- N. não. procedeu muito bem! - E foi tudo. - Frank é um pateta inconsiderado - acrescentou depois de Nicholas se ter calado - muito inconsiderado. Farei o necessário para isto terminar sem demora. Não falemos mais no assunto, é muito doloroso para mim. Venha falar-me daqui a meia-hora. Tenho coisas estranhas para lhe dizer, meu caro senhor; o seu tio foi convidado para esta noite esperar pela sua visita na minha companhia.  
- Visitá-lo! Consigo, sir! - exclamou Nicholas.  
- Sim, comigo - respondeu o velho senhor. - Volte daqui a meia hora e dir-lhe-ei mais coisas. Nicholas foi ter com ele na ocasião indicada e então soube tudo o que se passara no dia anterior. Por isso, descansado pela restabelecida amabilidade dos dois irmãos para consigo, mas contudo, sensível à diferença, embora mal pudesse saber a causa.

## CAPÍTULO LXII

Ralph marca um último encontro e mantém-no.

Saindo como um gatuno e estendendo as mãos, quando chegou à rua, como um cego, Ralph dirigiu-se para a sua casa, olhando por cima do ombro, com receio de ser seguido.

A noite estava escura e soprava um vento frio, que empurrava furiosamente as nuvens. Ele olhava para trás com frequência na impressão de haver alguma coisa a persegui-lo, uma massa escura como um cortejo fúnebre.

Quando passou por um pequeno e miserável cemitério lembrou-se de ter feito parte, havia muito tempo, do júri dum homem que cortara o pescoço e fora enterrado ali, achando estranho recordar-se disto naquela ocasião, quando com frequência passava por lá sem nunca tal lhe ter vindo isso à memória. Lembrou-se, também, de ter sido ele a última pessoa a ver o suicida com vida e de o ter deixado com alegria. Mas quanto mais se aproximava de casa, mais esquecia estas coisas para começar a pensar como solitário e triste devia estar lá dentro.

Este sentimento fez-se sentir tão violentamente que quando chegou à porta mal pôde dar a volta à chave. Não havia luz e tudo estava deserto, frio e sossegado.

Tremendo dos pés à cabeça subiu para o aposento onde ultimamente fora perturbado. Fizera um ajuste consigo para não pensar no sucedido até chegar a casa. Estava agora em casa e consentia em considerá-lo.

O seu próprio filho... o seu próprio filho! Nunca duvidou do relato; sentia que era verdade; sabia-o tão bem agora, como se fosse sempre do seu conhecimento. O seu próprio filho! E morto também! A morrer junto de Nicholas... considerando-o qualquer coisa como um anjo! Isso era o pior.

Todos lhe tinham faltado na sua primeira necessidade. Nem mesmo o dinheiro os podia fazer regressar. Aqui estava o jovem lorde morto, o seu companheiro no estrangeiro dez mil libras desaparecidas e o seu plano com Gride derrubado no preciso momento do triunfo, os seus projectos descobertos, ele em perigo, objecto de perseguição, o amor de Nicholas e o seu infeliz filho: tudo se juntava e lhe caía em cima, e ele debatia-se sob as ruínas, arrastando-se no pó.

possível que se o filho fosse vivo, lhe pudesse servir de conforto e serem ambos felizes. Sentia que a sua suposta morte e a fuga da mulher tinham sido cúmplices para o tornar o homem intratável e duro que era. Lembrou-se do tempo em que não era assim e quase pensou ter principiado a odiar Nicholas por ser jovem e valente.

Mas um pensamento terno, ou um natural pesar naquele redemoinho de paixões e remorso, era uma gota de água tranquila num mar revoltado e enlouquecido. O ódio por Nicholas fora alimentado pelas suas derrotas, pela sua intervenção nos seus projectos, nutrido com o seu velho desafio e sucesso. O amor do filho morto, por Nicholas, era uma agonia insuportável. O quadro do leito mortuário com Nicholas ao lado, amparando-o, recebendo os seus agradecimentos e, nos braços, o corpo a expirar, fê-lo ranger os dentes e agitar as mãos, gritando com os olhos a brilharem na escuridão:

- Calquei-o e arruinei-o. O miserável disse-me a verdade! A noite veio. Não há meio de lhes roubar o seu futuro triunfo e espezinhar a misericórdia e compaixão? Não há um diabo para me ajudar?

Na sua imaginação deslizou de novo a figura que lhe aparecera na noite anterior. Lembrava-se bem dos pés rígidos, marmóreos, voltados para cima. Depois apareceram os pálidos e trémulos parentes. Não falou mais, mas subiu ao sótão da frente, cuja porta fechou atrás de si. Continha uma velha cama onde o filho dormira e algumas malas velhas. Evitou-a e sen tou-se o mais longe possível. O fraco reflexo das luzes da rua passando pelas janelas, sem cortinas nem gelosias, era o suficiente para mostrar o carácter do quarto. Tinha o tecto formado de traves e foi para estas que Ralph dirigiu os olhos, conservando-os fixos durante alguns minutos. Quando se levantou, arrastando uma velha caixa onde estivera sentado subiu para ela e apalpu com ambas as mãos a parede a todo o comprimento por cima da cabeça. Por fim, tocou num grande gancho de ferro, firmemente enterrado numa das traves.

Nesse momento foi interrompido por uma forte pancada na porta da rua. Depois duma pequena hesitação abriu a janela e perguntou quem era.

- Quero Mr. Nickleby - respondeu a voz.

- E o que lhe quer?

- Não é a voz de Mr. Nickleby, pois não? - foi a réplica. Não parecia a dele, mas era Ralph quem falava e assim o disse.

A voz informou que os gémeos desejavam saber se o homem que fora visto nessa noite devia ser detido e que, embora fosse agora meia-noite, tinham-no enviado no desejo de proceder bem.

- Sim - replicou Ralph - detenham-no até amanhã. Depois tragam-no aqui. a ele e ao meu sobrinho. e venham eles próprios. Podem ter a certeza de que estarei preparado para os receber.

- A que horas? - inquiriu a voz.

- A qualquer hora - replicou Ralph ferozmente. - De tarde. A qualquer hora. em qualquer minuto. todas as ocasiões são iguais para mim.

Escutou os passos a retirarem-se até o som acabar e depois, pondo os olhos no céu, viu, ou pensou ver, a mesma nuvem escura que parecia tê-lo seguido a casa dando agora a impressão de planar directamente sobre o telhado.

- Sei agora a sua significação - murmurou - e as noites sem descanso, os sonhos e o desânimo sentido ultimamente. tudo apontava para isto. Oh! se os homens ao venderem as suas almas podem ser libertados num limite, por que curto limite devo negociar a minha, esta noite?

O vento trouxe o som dum sino de som profundo. Uma.

- Cala essa língua de ferro! - exclamou o usurário. - Toca alegremente pelos baptizados concebidos pelas dores das mães, pelos casamentos realizados no inferno, e tange tristemente pelos mortos cujos sapatos já estão gastos! Chama os homens à oração, que são devotos, e repica pela entrada no novo ano para que traga o fim

a este mundo execrável. Para mim, não quero sino, nem orações! Atirem-me para uma esterqueira e deixem-me lá apodrecer para empestar o ar!

Passando em volta os olhos espantados, onde se misturava horrivelmente o ódio, a loucura e o desespero, agitou a mão voltada para o céu, que continuava escuro e ameaçador, e fechou a janela.

A chuva e o granizo tamborilavam no vidro; as chaminés tremiam e abalavam; o velho batente da janela matraqueava com o vento, como se mão impaciente estivesse de dentro a esforçar-se para abrir com violência. Porém, não estava lá mão alguma e ela nunca mais se abriu.

- Como é isto? - exclamou um. - Os senhores dizem que ninguém responde e já estão a insistir há duas horas!

- No entanto, ele veio para casa a noite passada - disse outro - pois falou a alguém da janela lá de cima.

Era um pequeno conjunto de homens que, da rua, olhava para a mencionada janela. Isto ocasionou ter-se verificado que a casa estava ainda fechada, levando a um grande número de

sugestões, a governanta ter dito que fora despedida na noite anterior. Dois ou três dos mais audaciosos deram volta à casa e entraram por uma janela das traseiras, enquanto os outros permaneciam cá fora em impaciente expectativa.

Espreitaram para todos os aposentos em baixo, abrindo as portas das janelas à medida que prosseguiam, para deixar entrar uma luz desmaiada. Não encontrando ninguém e vendo tudo arrumado nos seus lugares, hesitaram se deviam continuar. Contudo, depois de um dos homens, observar não terem ainda ido ao sótão, onde ele fora visto pela última vez, concordaram ir espreitar e subiram devagarinho, por que o mistério e o silêncio os tornara tímidos.

Depois de pararem por um instante no patamar, entreolhando-se. Aquele que propusera levar a busca tão longe deu volta ao puxador da porta e, abrindo-a, olhou pela abertura, recuando imediatamente.

- muito esquisito - sussurrou ele. - Está escondido atrás da porta. Olhem!

Comprimiram-se para a frente, para ver, mas um, de entre eles, empurrou os outros para o lado com uma exclamação de pavor, tirou uma navalha da algibeira e, entrando no quarto, cortou a corda.

Ralph tirara uma corda duma das velhas malas e enforcara-se num gancho de ferro, exactamente por baixo do alçapão do tecto, no preciso lugar para onde os olhos do filho, uma criaturinha desolada e só, se tinham voltado tantas vezes com infantil terror, catorze anos antes.

### Capítulo LXIII

Os irmãos Cheeryble fazem várias declarações e Tim Linkinwater faz uma declaração a si próprio. Haviam passado algumas semanas e o primeiro choque destes acontecimentos estava diluído.

Madeline mudara de casa. Frank estivera ausente, Nicholas e Kate começaram a tentar desabafar, com muita vontade, as suas tristezas e a viver um para o outro e para a mãe - que, pobre senhora, não podia de forma alguma reconciliar-se com este estado alterado dos seus sonhos - quando chegou uma noite, por obséquio de Mr. Linkinwater - um convite dos irmãos para jantarem no dia seguinte compreendendo não somente Mrs. Nickleby, Kate e Nicholas, mas Miss La Creevy, que era particularmente mencionada.

- Agora, meus queridos - perguntou Mrs. Nickleby, quando prestaram a conveniente homenagem ao convite, depois da partida de Tim. - O que significará isto?

- O que quer dizer, mãe? - inquiriu Nicholas, sorrindo.

- Escuta, meu querido - replicou ela com uma cara de impenetrável mistério - o que significa este convite para o jantar... qual será a intenção ou objectivo?

- Concluo que significa comer e beber na casa deles, nesse dia, e que o seu intuito e objectivo é darem-nos prazer - respondeu Nicholas.

-E o que conclus de tudo isto, meu querido?

-Não cheguei ainda a uma coisa mais profunda, mãe.

- Então vou dizer-te uma coisa - retorquiu Mrs. Nickleby

-vais encontrar uma pequena surpresa. Podes confiar que significa alguma coisa além do jantar.

- Chá e ceia, talvez - sugeriu Nicholas.

-Se fosse a tí não era tão pateta, meu querido - respondeu Mrs. Nickleby com maneiras arrogantes - porque isso não é de forma alguma conveniente, nem te fica bem.

O que quero dizer é que Mistery Cheeryble não nos pedem para jantar com toda esta cerimónia, para nada. Não importa, espera e verás. Decerto não acreditas em coisa alguma. É muito melhor aguardar: muitíssimo melhor; é satisfatório para todos os lados e não pode haver questões. O o que digo é, lembra-te do que digo agora e quando digo que disse isto, não me digas que não disse!

Com este aviso Mrs. Nickleby, que estava perturbada noite e dia pela visão dum impetuoso mensageiro a bater com violência à porta a anunciar que Nicholas entrara para a sociedade, deixou o assunto e entrou num novo:

-É uma coisa muito extraordinária, uma coisa muitíssimo extraordinária o terem convidado Miss La Creevy. Espanta-me completamente. Palavra que me espanta! Decerto é muito agradável que ela seja convidada, muito agradável e não tenho dúvida de que se portará extremamente bem; procede sempre assim. É muito simpático pensar que somos nós quem a apresentou numa tal sociedade e estou completamente satisfeita com isso, completamente regozijada, por ter a certeza dela ser uma pessoa extremamente bem comportada e de boa condição. Gostava que algum amigo lhe dissesse como lhe fica mal aquele toucado enfeitado e como são absurdas as suas reverências; mas decerto isso é impossível, e se ela gosta de parecer um espantalho, não há dúvida que tem direito a isso. Nunca reparamos em nós próprios. e suponho que nunca repararemos.

Esta reflexão moral lembrou-lhe a necessidade de se apresentar elegantemente, para contrabalançar Miss La Creevy, levando-a a consultar a filha sobre certas fitas, luvas e enfeites.

Com a chegada do grande dia, a boa senhora entregou-se nas mãos de Kate uma hora ou mais, depois do pequeno almoço. Miss La Creevy também chegou com duas chapeleiras e um embrulho, cujo conteúdo teve de ser passado a ferro por ter caído na rua. Por fim, estando toda a gente preparada, incluindo Nicholas, que viera buscá-las, meteram-se numa carruagem mandada pelos irmãos. Mrs. Nickleby, querendo adivinhar o que teriam para o jantar e perguntando a Nicholas se lhe tinha cheirado a alguma coisa, falou sobre jantares vinte anos antes, mencionando, não só os nomes dos pratos, como dos convidados.

O velho mordomo recebeu-os com profundo respeito e muitos sorrisos, e introduziu-os na sala, onde foram acolhidos pelos dois irmãos com tanta cordialidade e gentileza que Mrs. Nickleby ficou tão entusiasmada, que mal teve a presença de espírito para proteger Miss La Creevy. Kate estava, contudo, mais impressionada pela recepção, por saber que os irmãos estavam ao facto do que se tinha passado entre ela e Frank, achando a sua posição delicadíssima e de grande provação; tremia pelo braço de Nicholas quando Mr. Charles lhe deu o seu e a levou para um outro lado da sala.

-Tem visto Madeline, minha querida, desde que ela saiu da sua casa?- perguntou ele.

- Não, sir - respondeu Kate. - Nem uma só vez.

-E não tem tido notícias dela? Não tem notícias dela?

- Tive apenas uma carta - replicou Kate delicadamente. Pensava que ela não me esquecesse tão depressa.

- Ah! - exclamou o senhor, afagando-lhe a cabeça e falando tão afectuosamente como se fosse sua filha favorita. - Pobre querida! O que pensa disto, irmão Ned? Madeline



apenas lhe escreveu uma vez. apenas uma vez, Ned, e ela não pensava ter sido esquecida tão depressa.

-Oh! é triste, triste... muito triste! - comentou Ned.

Os irmãos cruzaram a vista e, olhando para Kate durante pouco tempo, sem falarem, apertaram as mãos e baixaram as cabeças como se se congratulassem mutuamente por alguma coisa muito deliciosa.

- Bem, bem - disse o irmão Charles - Entre naquele aposento, minha querida, aquela porta além, e veja se não há lá uma carta dela para si. Parece-me haver uma sobre a mesa. Não precisa de se apressar a voltar, meu amor, se encontrar a carta, porque ainda não vamos jantar e há muito tempo. muito tempo.

Kate retirou-se como lhe foi indicado. O irmão Charles seguindo com os olhos a sua grácil figura, voltou-se para Mrs. Nickleby e declarou:

-Tomámos a liberdade de os convidar para uma hora antes do jantar, ma'am, porque temos de falar sobre um pequeno negócio, que deve ocupar o intervalo. Ned, meu querido rapaz, quer informar do que acordámos? Mr. Nickleby, sir, tenha a bondade de me seguir.

Sem mais explicações, Mrs. Nickleby, Miss La Creevy e o irmão Ned, foram deixados sós e Nicholas seguiu o irmão Charles para o seu escritório particular, onde, com grande assombro encontrou Frank, que supunha no estrangeiro.

- Jovens - disse Mr. Cheeryble - apertem as mãos.

- Não preciso que me peçam para o fazer! - exclamou Nicholas, estendendo a sua.

- Nem eu! - replicou Frank, apertando-lha cordialmente. O velho senhor pensou ser difícil haver dois jovens mais belos e gentis do que aqueles, lado a lado, para quem olhava

com grande prazer. Contemplando-os afectuosamente durante algum tempo, em silêncio, sentou-se à secretária e disse:

- Quero que sejam amigos. amigos firmes e unidos. e se pensasse de outro modo hesitaria em dar a conhecer o que tenho para lhes dizer. Frank, vem para aqui; Mr.

Nickleby, quer vir para este lado?

Os jovens puseram-se um de cada lado do irmão Charles, que tirou um papel da secretária e o desdobrou.

- Isto - anunciou ele - é a cópia do testamento do avô materno de Madeline, legando-lhe a quantia de doze mil libras, pagáveis, quer na sua maioridade, ou após o seu casamento. Parece que este senhor, zangado com ela, a sua única parente, por se não pôr debaixo da sua protecção e afastar-se da companhia do pai - conforme as suas repetidas propostas - fez um testamento deixando estes bens, que era tudo quanto possuía, a uma instituição de caridade. No entanto, talvez arrependido desta determinação, três semanas mais tarde, pois foi ainda dentro do mesmo mês, fez este, o qual, por qualquer fraude foi imediatamente subtraído depois da sua morte e o outro - o único achado - entrou em execução. Negociações amigáveis, terminadas justamente agora, foram efectuadas desde que este instrumento nos veio às mãos e, como não há dúvidas da sua autenticidade depois de algum trabalho e foram descobertas as testemunhas, o dinheiro foi entregue. Madeline entrou, por isso, na posse dos seus direitos e é, ou será, quando se der qualquer das contingências mencionadas, senhora desta fortuna. Compreendem-me?

Frank respondeu afirmativamente. Nicholas, que não teve confiança que a voz fosse ouvida a gaguejar, baixou a cabeça.

- Agora, Frank - continuou o velho senhor - tu tiveste os meios imediatos para recuperar este testamento. A fortuna é pequena mas só nós amamos Madeline e, tal como é, preferíamos vêr-te unido a ela do que a qualquer outra rapariga que soubéssemos ter três vezes este dinheiro. És um pretendente à sua mão?

-Não, sir. Interessei-me em recuperar este instrumento, acreditando que a mão dela já estava destinada a alguém que tem mil vezes mais direito à sua gratidão e,

se me não engano o seu coração, nem eu nem qualquer outro homem, poderá despertar. Nisto parece que julguei precipitadamente.

- Como sempre faz, sir - exclamou o irmão Charles, esquecendo-se, inteiramente da sua presumida dignidade - como sempre faz! Como se atreveu a pensar, Frank, que nós quiséssemos casá-lo por dinheiro, quando juventude, beleza e todas as virtudes agradáveis e nobres, estavam a pedir amor? Como se atreveu, Frank, a ir declarar o seu amor à irmã de Mr. Nickleby sem nos dizer primeiro o que tencionava fazer, deixando-nos o encargo de falar por si?

- Mal me atrevia a esperar.

-Mal se atrevia a esperar! Então, tanto mais razão para ter a nossa ajuda! Mr. Nickleby, sir, embora Frank julgasse

precipitadamente, pela primeira vez julgou bem. O coração de Madeline está ocupado. dê-me a sua mão, sir; está ocupado por si digna e naturalmente. Esta fortuna

está destinada a ser sua, mas o senhor tem uma maior fortuna nela, sir, do que tem nesse dinheiro multiplicado quarenta vezes. Ela escolheu-o, Mr. Nickleby. Ela

escolheu-o como nós, os seus mais queridos amigos teríamos escolhido Frank escolhe como nós teríamos escolhido. Ele teria a mão da sua irmã, sir, ainda que ela recusasse

uma dezena de vezes. Ah! teria e terá! o senhor procedeu nobremente desconhecendo os nossos sentimentos; mas agora conhecendo-os deve proceder como lhe pedimos.

O quê! Vós sois os filhos dum digno cavalheiro! Houve um tempo, sir, em que o meu querido irmão Ned e eu éramos pobres, rapazes de coração simples, vagueando quase

de pé descalço, à procura de fortuna. Mudámos alguma coisa desde esse tempo, a não ser nos anos e nas circunstâncias mundanas? Não. Deus me perdoe! Oh Ned, Ned,

que dia feliz para si e para mim. Se ao menos a nossa pobre mãe vivesse para nos ver agora, Ned, como orgulhoso se devia sentir, o seu querido coração?

Apostrofado desta maneira, o irmão Ned que entrara com Mrs. Nickleby e tinha passado antes despercebido dos jovens, avançou e acolheu o irmão Charles, afectuosamente, nos seus braços.

- Tragam a minha pequena Kate - pediu este último depois dum curto silêncio. - Traga-a cá, Ned. Deixem-me ver a Kate, deixem-me beijá-la. Agora tenho direito a fazê-lo.

Estava muito próximo disso quando ela entrou; tenho estado, com frequência para o fazer. Ah! Encontrou a carta, meu passarinho? Encontrou a Madeline, aguardando

e esperando por si? Viu que ela não esqueceu completamente a sua amiga, enfermeira e doce companheira? Ora, isto é quase o melhor de tudo.

- Vamos, vamos - disse Ned. - O Frank está com ciúmes e teremos alguma cena de sangue antes do jantar!

-Então deixa-o levá-la daqui, Ned, deixa-o levá-la daqui. A Madeline está no aposento ao lado. Deixemos os namorados saírem daqui para fora e conversarem entre si,

se têm alguma coisa para dizer. Expulsêmo-los, Ned, a todos eles!

O irmão Charles começou por desembaraçar a casa, conduzindo a ruborizada rapariga para a porta e despedindo-a com um beijo. Frank não foi muito vagaroso a segui-la,

e Nicholas foi o primeiro a desaparecer. Assim ficaram sós Mrs. Nickleby e Miss La Creevy, soluçando ambas de alegria, os dois irmãos e Tim Linkinwater, que entrou

e apertou as mãos a todos, com a cara redonda radiante e resplandecente de sorrisos.

- Bem Tim Linkinwater sir - disse o irmão Charles, que era sempre o orador - a rapariga está agora feliz, sir.

-O senhor não os teve tanto tempo em suspenso como dizia - replicou Tim jocosamente. - Mr. Nickleby e Mr. Frank estiveram no seu escritório por não sei quanto tempo

e também não sei o que lhes esteve a dizer antes de atirar cá para fora com a verdade.

- Já viu um vilão como este, Ned? - perguntou o velho senhor. - Já viu um vilão como Tim Linkinwater? Acusa-me de ser impaciente, quando foi ele o homem que nos

cansou e nos torturou noite e dia para que lhes disséssemos tudo quanto havia, antes dos nossos

planos estarem meio completos, ou termos uma simples coisa. É um malvado traidor!

- Assim o considero, irmão Charles - retorquiu Ned. Tim é um malvado traidor. Não se pode confiar em Tim. Tim é um rapazinho selvagem. precisa de gravidade e de firmeza, deve abandonar os desvarios da mocidade e depois com tempo, talvez possa tornar-se um respeitável membro da sociedade.

Os três riram de boa vontade com estas brincadeiras dos velhos e teriam rido por mais tempo se não notassem Mrs. Nickleby, muito atrapalhada em exprimir os seus sentimentos sobrepujada pela felicidade de momento. Os dois cavalheiros levaram-na para fora do aposento, pretendendo consultá-la sobre disposições muitíssimo importantes.

Tim e Miss La Creevy ficaram sós. Tendo-se encontrado com frequência e tornado grandes amigos era natural que ele procurasse consolá-la, vendo-a a soluçar. Também era natural que ele se sentasse ao lado dela, visto haver espaço suficiente para dois. Tim, portanto sentou-se a seu lado e, cruzando as pernas para mostrar os sapatos bem engraxados e as peúgas de seda, disse duma maneira carinhosa:

- Não chore!

-Preciso - replicou Máss La Creevy.

- Não, não chore. Por favor não chore; suplico-lhe que não chore! - rogou Tim.

- Sou tão feliz! - soluçou ela.

- Então ria; ria - disse Tim.

O que diabo Tim tencionava fazer com o braço, é impossível de conjecturar, mas encostou o cotovelo na parte da janela que estava do outro lado de Miss La Creevy e, está claro, não tinha nada ali que fazer.

- Ria ou eu choro! - sugeriu Tim.

- Porque há de chorar? - perguntou Miss La Creevy, sorrindo.

- Porque também estau feliz - respondeu Tim. - Estamos ambos felizes e devo fazer o que a senhora fizer.

Certamente nunca houve um homem tão agitado como Tim nessa ocasião. Fincou de novo o cotovelo na janela, quase no mesmo sítio, e Miss La Creevy advertiu-o que quebrava o vidro, com certeza.

- Sabia que lhe agradaria esta cena - disse Tim.

-Foi muita amabilidade e gentileza lembrarem- se de mim

- retorquiu Miss La Creevy. - Nada me podia deliciar desta forma!

Porque diabo deviam Miss La Creevy e Tim Linkinwater dizer isto em segredo? Não era segredo. E porque olharia Tim Linkinwater com tanta fixidez para Miss Creevy e esta para o chão?

- É uma coisa agradável - comentou Tim - para pessoas como nós, que passaram toda a vida sós no mundo, ver a juventude que amamos sinceramente, ter à sua frente tantos anos de felicidade.

- Ah! - exclamou ela, sinceramente - Isso é verdade!

- Embora - continuou Tim - faça uma pessoa sentir-se solitária e posta de lado. não é assim?

Miss La Creevy respondeu não saber. E por que disse ela não saber? Pois devia saber se sim, ou não.

- É quase bastante para nos induzir a casar, não é? - inquiriu Tim.

- Oh, tolice! - replicou Miss La Creevy a rir. - Somos velhos demais.

- Nada disso - retorquiu Tim. - Somos velhos de mais para estarmos solteiros. Porque não havemos de casar em vez de estar solitariamente ao pé do lume durante as longas noites de inverno? Porque não arranjamos uma só lareira e casamos um com o outro?

- Oh, Mr. Linkinwater, está a brincar!

- Não, não, não estou! Na verdade não estou! - confessou Tim. - Quero se quiser. Diga que sim, minha querida.

- Isso faria rir toda a gente.

- Deixe-os rir - disse Tim energicamente. - Temos bons temperamentos, e riremos também. Ora, que cordiais gargalhadas não temos dado desde que nos conhecemos!

- Isso é verdade - respondeu Miss La Creevy, correspondendo um pouco ao pensamento de Tim.

- Tem sido o tempo mais feliz da minha vida. pelo menos fora do escritório de Chryble Brothers - confessou Tim.

-Diga que sim, minha querida! Diga agora que sim!

- Não, não, temos de pensar nisso - retorquiu Miss La Creevy - O que diriam os irmãos?

- Ora, Deus abençoe a sua alma! - exclamou Tim inocentemente. - Não vai supor que eu pensei numa coisa destas sem saber a opinião deles! Eles deixaram-nos aqui de propósito.

- Nunca mais os posso encarar - afirmou Miss La Creevy debilmente.

- Vamos - convidou Tim - sejamos um par invejável. Viveremos aqui na velha casa, onde estou há quarenta e quatro anos iremos à velha igreja, onde fui todos os domingos de manhã durante todo este tempo; teremos todos os nossos velhos amigos em redor de nós. Dick, a arcada, a bomba os vasos de flores, os filhos de Mr. Frank e de Mr. Nickleby e havemos de parecer o avô e a avó. Sejamos um par invejável e cuidemos um do outro. E se nos tornarmos surdos, coxos, cegos ou paráliticos, como nos sentiremos contentes em termos as pessoas a quem amamos, para falar connosco e se sentarem junto de nós! Sejamos um par invejável! Agora diga que sim, minha querida!

Cinco minutos depois deste honesto colóquio, conversavam ambos como se estivessem casados há muito sem nunca se terem zangado: e cinco minutos depois disso Miss La Creevy

levantou-se para ver se tinha os olhos vermelhos e o penteado em ordem, e Tim Linkinwater, com um passo firme, para se dirigir à sala e exclamar:

- Não há outra mulher em toda a Londres. sei que não há!

Por esta altura, o apoplético mordomo estava sobre brasas por causa da hora do jantar. Nicholas, que descia a escada apressadamente em obediência aos avisos do estômago, encontrou uma nova surpresa. No caminho viu, num dos corredores, uma pessoa bem vestida de preto, dirigindo-se também para a casa de jantar. Como coxeava um pouco e andava devagar, Nicholas foi atrás dele, seguindo-o passo a passo, perguntando quem poderia ser, quando ele se voltou de repente e lhe agarrou em ambas as mãos.

- Newman Noggs! - exclamou Nicholas radiante.

-Sim, Newman! O seu Newman, o seu velho e fiel Newman. Meu querido rapaz, meu querido Nick, desejo-lhe alegria, saúde, felicidade, todas as bençãos! Não aguento isto. é demais para mim, meu querido rapaz. faz de mim uma criança!

- Onde tem estado? - perguntou Nicholas. - O que tem feito? Quantas vezes tenho perguntado por si e me têm dito que saberia de si dentro de pouco tempo!

- Eu sei, eu sei! - replicou Newman. - Eles quiseram que toda a felicidade viesse junta. Tenho estado a ajudá-los. Eu. eu. olhe para mim, Nick, olhe para mim.

- Você nunca me deixou fazer isso - disse Nicholas numa censura amigável.

-Não me importava com o que era então. Não teria coragem de vestir um fato decente. Lembrar-me-ia do tempo antigo e tornar-me-ia mais triste. Agora sou um outro homem, Nick. Meu querido rapaz, não posso falar. não me diga nada, não julgue mal de mim por estas lágrimas. não sabe o que sinto hoje, não pode saber, nem nunca poderá!

Entraram na casa de jantar de braço dado e sentaram-se ao lado um do outro.

Nunca houve um tal jantar desde o nascimento do mundo. Estava o empregado bancário, amigo de Tim, e a irmã de Tim, que estava muito atenciosa para com Miss La Creevy.

Houve muitas piadas do empregado bancário, Tim Linkinwater estava muito espirituoso e a pequena Miss La Creevy num estado muito cómico. Mrs. Nickleby foi, como sempre, grande e complacente; Madeline e Kate muito coradas e lindas; Nicholas e Frank muito orgulhosos e atenciosos; Newman oprimido com a alegria, e os dois gémeos tão

encantados e trocando olhares que espantavam o velho criado.

Quando passou a primeira novidade da reunião, a conversa tornou-se geral, aumentando a harmonia e o prazer. Os irmãos estavam num perfeito êxtase e a sua insistência em saudarem as senhoras antes de lhes permitir que se retirassem, deu ocasião a que o empregado bancário dissesse muitas coisas bonitas, que foram tomadas como um prodígio de bom humor.

- Kate minha querida - disse Mrs. Nickleby levando a filha para um lado - não queres realmente dizer que é absolutamente verdade isso de Miss La Creevy e Tim Linkinwater.

- verdade, mamã!

-Ora, nunca ouvi uma tal coisa em toda a minha vida!exclamou Mrs. Nickleby.

-Mr Linkinwater é uma excelente criatura e para a sua idade, ainda está muito bem conservado - raciocinou Kate.

- Para a sua idade, minha querida - replicou Mrs. Nickleby - sim, ninguém fala contra ele, com a exceção de eu o julgar o homem mais fraco e mais parvo que tenho conhecido. É da idade dela que falo. Ele devia ter escolhido uma mulher que tivesse metade da dele, como eu. que talvez se atrevesse a aceitá-lo! Isto não significa nada, Kate; estou desgostosa com ela.

Abanando a cabeça muito energicamente, Mrs. Nickleby foi-se embora e toda a noite, no meio da alegria e da felicidade, conduziu-se para com Miss La Creevy de maneira a fazer-lhe ver o seu desagrado e desaprovação pela decisão tomada.

#### CAPÍTULO LXIV

Um velho conhecimento reconhecido em circunstâncias melancólicas e Dotheboys Hall fechado para sempre.

Nicholas era uma daquelas pessoas cuja alegria é incompleta se a não compartilha com os amigos dos dias adversos e menos felizes. Foi assim que se lembrou de John Browdie com um sorriso e das suas palavras de coragem, quando o deixou na estrada para Londres, com Smike. Resolveu, portanto, escrever-lhe, mas os dias foram-se passando e, por uma razão ou outra, a carta nunca chegava a ser começada. Madeline, que estava ao corrente das suas intenções e tomara conhecimento com o simpático casal através das conversas tidas com ele, insistia para ele fazer uma rápida viagem a Yorkshire e se apresentar a Mr. e Mrs. Browdie sem uma palavra de aviso.

Assim, numa noite, entre as sete e as oito horas, encontrava-se ele com Kate em Saracen's Head, onde reservara lugar na diligência da manhã seguinte, para Greta Bridge. Tinham ido para a parte ocidental da cidade para ele comprar algumas pequenas coisas para a viagem.

O sítio trouxe-lhe muitas recordações e tinham tanto que conversar, sentindo-se ambos felizes e confiantes, que dentro em pouco achavam-se no labirinto de ruas entre Seven Dials e Soho, apercebendo-se então, Nicholas, da possibilidade de terem perdido o caminho. Esta possibilidade converteu-se em certeza e não vendo outra saída para este contratempo, entenderam voltar para trás, à procura dum lugar que os pudesse orientar. Era uma rua lateral, onde não havia ninguém e as lojas estavam fechadas. Vendo uma luz vinda dum cave Nicholas ia quase descer uns degraus para colher informações, quando foi detido pelo barulho dum mulher a ralar em voz alta.

- Oh, vamo-nos embora! - pediu Kate. - Estão a questionar e podem fazer-te mal.

-Espera um instante, Kate. Vamos ouvir do que se trata

- replicou o irmão. - Silêncio!

- Seu sórdido, mandrião, vicioso, seu bruto! - gritava a voz da mulher, batendo com o pé no chão. - Por que não faz girar a calandra?

- o que faço, minha vida e minha alma! - respondeu a voz do homem. - Estou a girar perpetuamente como o diabo dum cavalo velho num diabólico moinho. A minha vida

é uma horrível moedura!

- Então por que não te vais alistar para soldado? - retorquiu a mulher. - Serás bem acolhido.

- Para soldado! - exclamou o homem. - Para soldado! A minha alegria e o meu bem, queria ver-me com um grosseiro casaco encarnado e com um rabicho? Queria ver-me marchar ao som dos tambores? Queria que eu atirasse com canhões verdadeiros, cortasse o cabelo, rapasse a barba, tivesse os olhos voltados para a esquerda e para a direita e calças como o gesso dos cachimbos?

- Querido Nicholas - sussurrou Kate - não sabes quem é? É Mr. Mantalini, tenho a certeza!

- Adquire essa certeza! Espreita-o enquanto indago o caminho - disse Nicholas. - Desce um ou dois degraus. vamos!

Arrastando-a, Nicholas desceu os degraus e olhou para dentro duma pequena cave. Entre cestos de roupa e vestidos, estava o gracioso, elegante fascinante e outrora irresistível Mantalini.

- És um falso traidor! - exclamou ela, ameaçando com violência a cara de Mantalini.

- Falso! Oh, diabo! Agora, minha alma, minha gentil, cativante, feiticeira e muitíssimo escravizadora franguinha, acalma-te - pediu humildemente Mr. Mantalini.

- Nunca se pode confiar em ti - continuou a mulher. Estiveste fora todo o dia de ontem, a galantear em qualquer parte. sabes onde estiveste. Não é bastante que eu te pague duas libras e catorze por dia e te tirasse da prisão, deixando-te viver como um cavalheiro, para tu, além disso, fazeres coisas como esta e me dares conta do coração?

- Nunca te dei conta do coração! Serei um bom rapaz e nunca mais farei nada disso. Não tornarei a ser mau e peço-te um pequeno perdão - prometeu Mr. Mantalini, largando o braço da calandra e pondo as mãos. - Acabou tudo com o teu lindo amigo. Eu fui atrás do demónio dos latidos dos cães. Tem piedade; não me arranhes, dá-me mimos e conforto! Oh, diabo!

Muito pouco sensibilizada por este terno apelo, a senhora

ia dar uma resposta azeda quando Nicholas, levantando a voz, perguntou o caminho para Piccadilly. Mr. Mantalini voltou-se, avistou Kate e, sem uma palavra, deu um pulo para uma cama que estava atrás da porta e puxou a colcha para a cara, escouceando convulsivamente.

- Diabo! - disse ele numa voz sufocada. - E a pequena Nickleby! Fecha a porta! Apaga a luz, cobre-me com a armação do leito! Oh, demónio, demónio, demónio!

A mulher olhou, primeiro para Nicholas, e depois para Mr. Mantalini, incerta a quem se dirigia este extraordinário comportamento. Mas Mr. Mantalini, na ansiedade de se esconder, atirou para cima de si um pesado cesto de roupa e começou a escoucear mais violentamente. Achando uma bela oportunidade para sair, antes de outra manifestação de raiva cair sobre ele, Nicholas fugiu com Kate e deixou o infortunado objecto deste inesperado reconhecimento, explicar a sua conduta o melhor que pudesse.

Na manhã seguinte começou a viagem. Era um inverno frio recordando-lhe forçosamente a sua primeira viagem e as vicissitudes suportadas. Esteve só na maior parte do caminho, dando-lhe oportunidade para espreitar pela janela a paisagem, reconhecendo alguns lugares por onde passara, não só na ida, como na volta com o pobre Smike, direitos a Londres, pensando terem o mundo à sua frente.

Para tornar as recordações mais vividas, aconteceu nevar da noite, e passando por Stamford e Grantham, e pela pequena cervejaria onde ouviu a história do valente Barão de Grogzwig, tudo lhe parecia ter acontecido na véspera. Teve mesmo a ideia de estar sentado na parte de fora com Squeers e os rapazes, e ouvir as vozes destes.

Enquanto se entregava a estas fantasias, adormeceu, sonhando com Madeline e esquecendo-os por completo.

Na noite da chegada, alojou-se na estalagem de Greta Bridge e, levantando-se de manhã muito cedo, encaminhou-se para o mercado e inquiriu a morada de John Browdie.

John vivia nos arredores, agora que era chefe de família, e como toda a gente o conhecia, Nicholas não teve dificuldade em encontrar um guia para o levar à sua residência.

Despedindo o guia à cancela e sem admirar, na sua impaciência, o próspero aspecto da casa ou do jardim, Nicholas dirigiu-se para a porta da cozinha onde bateu vigorosamente com a bengala.

- Olá! - gritou uma voz de dentro. - O que temos agora? Há fogo na cidade? Fazes bastante barulho! Com estas palavras John Browdie abriu a porta, escançou os olhos ao máximo, bateu as palmas e soltou um rugido cordial:

- o padrinho, é o padrinho! Tilly, aqui está Mr. Nickleby. Entra, entra! Entra e senta-te ao lume. Toma uma gota disto. Não digas nada até teres bebido. Abaixo com ele, homem. Estou muito contente em te ver.

Juntando a acção à palavra, John arrastou Nicholas para a cozinha, forçou-o a sentar-se num enorme banco ao lado dum bom lume, deitou-lhe duma enorme garrafa cerca dum quarto de cálice de aguardente, meteu-lha na mão, abriu a boca, atirou a cabeça para trás para lhe indicar que bebesse imediatamente, e ali ficou com um largo sorriso de boas-vindas, espelhado na grande cara vermelha, como um alegre gigante.

- Devia saber- disse John - que ninguém, a não seres tu, vinha bater assim à porta. Foi assim que bateste à porta do mestre-escola? Ah! ah! ah! Mas, escuta... o que foi isso do mestre-escola?

- Então sabes? - perguntou Nicholas.

- Falavam nisso na cidade a noite passada - respondeu John - mas ninguém parecia compreender completamente.

- Depois de várias alterações e demoras - explicou Nicholas - foi sentenciado a desterro por sete anos, por estar na posse ilegal dum testamento roubado e, depois disso, tem de sofrer as consequências duma conjura.

- Hui! - exclamou John. - Uma conjura. Alguma coisa no género de Guy Faurx?

- Não, não, não, uma conjura ligada à escola; explico imediatamente.

- Está muito bem - concordou John. - Explica depois do pequeno almoço, agora não, pois deves estar com fome, assim como eu, e a Tilly está danada pelas explicações, pois diz que a confiança é mútua. Ah! ah! ah! um aposento em sobressalto, é a confiança mútua. Nicholas contou-lhe tudo e nunca houve uma história que despertasse tantas emoções no peito dos dois ouvintes. As vezes, o honrado John grunhia de simpatia e noutras rugia de prazer. Queria ir a Londres para ver os irmãos Cheeryble e Tim Linkinwater. Quando Nicholas começou a descrever Madeline ficou de boca aberta e quando ouviu, por fim, que o seu jovem amigo tinha ido de propósito para lhes comunicar a sua boa fortuna e lhes assegurar a sua amizade, sendo o único fim da sua jornada partilhar com eles a sua felicidade e dizer- lhes que, quando casasse, deviam ir vê-lo, pois tanto Madeline como ele insistiam nisso, John não se conteve e depois de olhar indignado para a mulher e de lhe perguntar por que estava a choramingar, passou as mangas do casaco pelos próprios olhos e corou deveras.

- Diz-lhe o que vai acontecer ao mestre-escola - disse John seriamente, depois de conversarem muito. - Se esta novidade chega hoje à escola, a velha fica sem um osso no corpo, assim como a Fanny.

- Oh, John! - censurou Mrs. Browdie.

- Ah! e Oh John outra vez! - replicou o marido. - Não sei o que os rapazes podem fazer. Quando se soube que o mestre-escola estava metido em sarilhos, vieram alguns pais e mães e levaram os filhos. Se os que ficaram sabem o acontecido, revoltam-se e dá-se uma revolução. Mas eu creio que se vão es pantar e derramar sangue como água.

De facto, as apreensões de John eram tão grandes que determinou cavalgar para a escola sem demora e convidou Nicholas a acompanhá-lo, o qual declinou o convite com o fundamento da sua presença poder, talvez, agravar a amargura deles.

- É verdade - aprovou John. - Não tinha pensado nisso.

- Devo regressar amanhã - informou Nicholas - mas tenciono jantar hoje convosco e se Mrs. Browdie me puder dar uma cama.

- Uma cama! - exclamou John. - Desejava que pudesses dormir em quatro camas ao mesmo tempo. Tem paciência até eu voltar. Aguarda apenas o meu regresso e vamos festejar o dia.

Dando à mulher um beijo cordial e a Nicholas um não menos cordial aperto de mão, John montou a cavalo, deixando Mrs. Browdie nos preparativos de hospitalidade e o seu jovem amigo a vadiar pela vizinhança a visitar os sítios que se lhe tinham tornado familiares por muitas tristes recordações.

John, ao chegar a Dotheboys Halls, atou o cavalo à cancela, e encaminhou-se para a porta da aula, que encontrou fechada pelo lado de dentro. Ouvia-se um tremendo barulho e tumulto em casa e, aplicando o olho a uma abertura suficiente da parede, não ficou muito tempo na ignorância da sua significação.

Era absolutamente claro terem as notícias sobre a queda de Mr. Squeers chegado a Dotheboys Hall e com toda a aparência, deviam ser conhecidas dos jovens muito recentemente, pois a rebelião acabara de estalar.

Era uma das manhãs de enxofre e melaço, e Mrs. Squeers entrou na escola com a colher e a grande tijela, seguida de Miss Squeers e do amável Wacford, que, na ausência do pai, estava pior para os companheiros. A sua entrada provocou, ou por premeditação, ou por simultâneo impulso, o fulgor da ro volta. Quando um destacamento correu para a porta e a fechou, o mais forte dos rapazes tirou a colher a Mrs. Squeers e obrigou-a, de joelhos, a tomar imediatamente uma dose. Antes da simpática senhora poder recobrar-se do espanto, ou opor a mais leve resistência, foi forçada a ajoelhar e a tomar uma colherada cheia da odiosa mistela, tornada mais saborosa pela imersão da cabeça de Wacford dentro da tijela. O sucesso desta primeira façanha incitou a multidão a mais actos de malvadez. O caudilho estava a insistir com Mrs.

Squeers para repetir a dose, Mister Squeers estava executando um outro mergulho no melaço e tinha-se esboçado um violento assalto contra Miss Squeers, quando John Browdie abriu a porta com um vigoroso pontapé e correu a salvá-los. Os gritos, guinchos, rugidos, alaridos e bater de mãos cessaram subitamente, seguindo-se um silêncio de morte.

- Sejam rapazes decentes! - disse John, olhando em redor com firmeza. - O que estão aqui a fazer, jovens marotos?

- Squeers está na prisão e nós vamo-nos embora! - gritou uma dezena de vozes agudas. - Não queremos ficar, não queremos!

- Bem, então não fiquem - replicou John. - Quem quer que vocês fiquem? Vão-se embora como homens, mas não façam mal às mulheres.

- Hurra! - repetiu John. - Bem, hurra também como homens. Então agora, atenção. Hip. hip. hip. urra!

- Hurra! - gritaram as vozes.

- Outra vez hurra - disse John. - Mais alto ainda! Os rapazes obedeceram.

- Outro - comandou John. - Não tenham medo. Vamos dar um grande grito.

- Hurra!

- Então, agora - disse John - vamos dar mais um para acabar e depois raspem-se com a pressa que quiserem. Tomem agora um bom fôlego. Squeers está na cadeia. a escola faliu. acabou. foi-se. pensem nisto e dêem um grito cordial. Hurra!

Um grito tal ergueu-se entre as paredes de Dotheboys Hall como nunca soara antes e como nunca foi correspondido. Quando o eco morreu, a escola estava vazia, e da multidão barulhenta, inquieta que a povoara cinco minutos antes, nem um ficou.

- Muito bem, Mr. Browdie - comentou Miss Squeers, impetuosa e ruborizada do primeiro assalto, e irritada pelo último



- esteve a incitar os nossos rapazes a fugir. Veja agora se não lhe pagamos por esse trabalho, sir! Se o meu papá foi desgraçado e calcado por inimizades. Nós não nos deixamos espezinhar e conquistar vilmente por si e pela Tilda!

- Não - replicou John com modo grosseiro. - Pois não! Tens o meu juramento. Pensa melhor de nós, Fanny. Digo a ambos que estou contente por o velho ter sido, por fim, apanhado. Bem contente. Mas vocês não têm de sofrer bastante sem qualquer espezinhadela minha e eu não sou homem para espezinhar, nem a Tilly, digo-te sinceramente.

Mais do que isso, digo-te agora que se precisares de amigos para te ajudarem a sair daqui - não ponhas o nariz no ar, Fanny - encontras Tilly e eu, como recordação dos velhos tempos, prontos para te darem a mão. E quando digo isto não penses que é por ter vergonha do que fiz, pois digo de novo Hurra! por o diabo do mestreescola estar. lá!

Com estas palavras de despedida, John Browdie montou a cavalo e, cantarolando alguns fragmentos duma velha canção, a que as patas do cavalo faziam um alegre acompanhamento, depressa regressou para junto da sua linda mulher e de Nicholas.

Durante alguns dias depois, os arredores estavam inundados de rapazes, a quem Mr. e Mrs. Browdie forneceram, não só uma refeição de pão e carne, como alguns xelins e pence para poderem ir para casa. John negou isto sempre, com vigor, mas o seu sorriso deixava ver que era verdade.

Houve algumas tímidas criancinhas que não conheciam outro lar além da escola; algumas foram encontradas a chorar debaixo das sebes e noutros lugares, assustadas com a solidão. Uma tinha um pássaro morto numa pequena gaiola; andara ao acaso, perto de vinte milhas e quando o seu pobre favorito morreu, perdeu a coragem e deitou-se ao lado dele. Uma outra foi descoberta num pátio junto da escola, dormindo com um cão, que mordeu aqueles que a queriam tirar dali e lambeu a face pálida da criança.

Eram reconduzidas para trás e alguns outros desgarrados foram descobertos, mas a pouco e pouco eram reclamados, ou perdiam-se de novo. Com o andar dos tempos Dotheboys Hall e a sua dissolução começaram a ser esquecidos pelos vizinhos, ou apenas para ser recordados dentre as coisas acontecidas.

## Capítulo LXV

### Conclusão

Quando expirou o fim do luto, Madeline entregou a mão e a fortuna a Nicholas e, no mesmo dia e na mesma ocasião, Kate tornou-se Mrs. Frank Cheeryble. Esperava-se que Tim Linkinwater e Miss La Creevy fizessem o terceiro par ao mesmo tempo, mas só duas ou três semanas depois é que foram casar-se, sossegadamente, uma manhã antes do pequeno almoço, e regressaram de caras radiantes.

O dinheiro que Nicholas adquiriu por parte da esposa, foi investido na firma de Cheeryble Brothers, da qual Frank se tornou sócio. Antes de terem decorrido muitos anos, os negócios começaram a ser feitos em nome de Cheeryble e Nickleby, realizando-se, por fim, os proféticos sonhos de Mrs. Nickleby.

Os gémeos retiraram-se. Há necessidade de dizer que eram felizes? Estavam rodeados pela felicidade criada por si e viviam para a aumentar.

Tim Linkinwater condescendeu, depois de muitos rogos, em aceitar uma quota na casa, mas nunca consentiu que o seu nome figurasse como sócio e persistiu sempre no pontual e regular desempenho dos seus deveres de empregado.

Ele e a mulher viviam na velha casa e ocupavam o quarto de cama onde ele dormira durante quarenta e quatro anos. A medida que a esposa envelhecia tornava-se, mais alegre e carinhosa e os amigos consideravam impossível ser-se mais feliz.

Dick, o melro, foi tirado do escritório e posto num canto quente de saleta comum. Por baixo da gaiola estão suspensas duas miniaturas executadas por Mrs. Linkinwater: uma, representava-a a ela e a outra Tim, ambas sorrindo.

Ralph, tendo morrido sem testamento e só tendo como parentes aqueles com quem vivera em inimizade, deveriam eles, por lei, ser os seus herdeiros. Porém como não reclamaram a fortuna, esta foi enriquecer os cofres do Estado.

Arthur Gride foi processado por posse ilegal do testamento, que se procurou saber se tinha roubado, ou desonestamente adquirido por outros meios tão maus. Por força duma engenhosa decisão e dum defeito legal, escapou apenas para sofrer uma punição pior, pois alguns anos passados, a casa foi assaltada de noite por ladrões, tentados pelos rumores da sua grande fortuna, e foi encontrado assassinado, na cama.

Mrs. Sliderskew transpôs os mares quase ao mesmo tempo que Mrs. Squeers e nunca mais voltou. Brooker, morreu arrependido. Sir Mulberry Hawk viveu no estrangeiro durante alguns anos, curtejado e acariciado com a alta reputação dum belo rapaz elegante. Ultimamente, voltando à pátria, foi atirado para a cadeia, por dívidas e lá morreu miseravelmente, como estes homens corajosos, geralmente morrem.

O primeiro acto de Nicholas, quando se tornou um negociante rico e próspero, foi comprar a velha casa de seu pai, que alargou e alterou por causa dos filhos que o rodeavam; porém, nenhum dos aposentos foi deitado abaixo, nenhuma árvore abatida, nada tirado ou mudado que lembrasse os velhos tempos.

Muito próximo, ficava um outro retiro também animado por vozes agradáveis de crianças, e aqui, era Kate a guardiã, com muitos cuidados e ocupações, e muitas caras novas enlevadas no seu sorriso doce - tão seu, que para a mãe parecia de novo uma criança - a mesma criatura leal e gentil, a mesma irmã amorosa, a mesma no amor por todos que a rodeavam, tal como nos seus primeiros dias de infância.

Mrs. Nickleby vivia algumas vezes com a filha e outras com o filho acompanhando um ou outro a Londres naqueles períodos em que os cuidados dos negócios obrigavam ambas às famílias a residirem ali, e sempre conservando uma grande aparência de dignidade, relatando as suas experiências - especialmente em pontos ligados com o trato e educação das crianças - com muita solenidade e importância. Passou-se muito tempo antes de se conseguir que fizesse as pazes com Mrs. Linkinwater e nem se sabe bem se lhe perdoou completamente.

Numa pequena cottage ao lado da casa de Nicholas vivia, de Inverno e de Verão, um cavalheiro de cabelo grisalho, sossegado e tranquilo, que assumia a superintendência dos seus negócios quando ele estava ausente. O seu principal prazer e deleite eram as crianças, com as quais era uma criança e mestre de brincadeira. A gente miuda não podia fazer nada sem o querido Newman Noggs.

A relva estava verde sobre a campa de Smike e pisada por pés tão pequenos e leves, que nem um malmequer curvava a corola sob a sua pressão. Durante toda a Primavera e Verão, grinaldas de frescas flores, colhidas por mãos de criança, cobriam a sepultura e quando os pequeninos iam mudá-las, com receio que murchassem e ele não gostasse e ficasse triste, os olhos enchiam-se-lhes de lágrimas e falavam baixinho e ternamente, do seu pobre primo morto.

Fim